

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
DOUTORADO EM HISTÓRIA DAS SOCIEDADES ÍBERO AMERICANAS

EVERTON FERNANDO PIMENTA

**OSCAR MACHADO: UMA TRAJETÓRIA EM MEIO AO METODISMO, INTEGRALISMO E MAÇONARIA (1930-1965)**

Porto Alegre  
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

EVERTON FERNANDO PIMENTA

**OSCAR MACHADO: UMA TRAJETÓRIA EM MEIO AO METODISMO, INTEGRALISMO E MAÇONARIA (1930-1965)**

Tese apresentada como pré-requisito para a obtenção do grau de Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

**Orientador:** Prof. Dr. Luís Carlos dos Passos Martins.

Porto Alegre  
2019

EVERTON FERNANDO PIMENTA

**OSCAR MACHADO: UMA TRAJETÓRIA EM MEIO AO METODISMO, INTEGRALISMO E MAÇONARIA (1930-1965)**

Tese apresentada como pré-requisito para a obtenção do grau de Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA:

---

Orientador: Prof. Dr. Luís Carlos dos Passos Martins

---

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt

---

Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves

---

Prof. Dr. Peri Mesquida

---

Prof. Dr. René Gertz

Porto Alegre  
2019

## Ficha Catalográfica

P644o Pimenta, Everton Fernando

Oscar Machado : uma trajetória em meio ao metodismo,  
integralismo e maçonaria (1930-1965) / Everton Fernando Pimenta  
. – 2019.

423 p.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História,  
PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Luís Carlos dos Passos Martins.

1. Oscar Machado. 2. Integralismo. 3. Metodismo. 4. Maçonaria. 5.  
Intelectual. I. Martins, Luís Carlos dos Passos. II. Título.

*Com amor, dedico essa tese  
para Pauline, Maria Emilia e Miguel!*

## Agradecimentos

Vencidos os quatro anos para a realização deste trabalho de doutoramento, aos quais se somam outros tantos vivenciados na realização de minha graduação e mestrado, torna-se difícil expressar os devidos agradecimentos a todas as pessoas que direta e indiretamente contribuíram para que este estudo fosse finalizado.

Indubitavelmente, tudo devo à minha família, sobretudo a meus pais, Ivone e Vanderley, que tornaram possível a concretização de meu sonho de estudar História, me incentivaram a continuar no mestrado e no doutorado, dando-me todo o suporte e carinho necessários.

Além deles, meus irmãos, sobrinhas, cunhados, cunhadas, sogros e demais membr@s da família também foram importantes para que os quatro anos se passassem mais leves e agradáveis.

Entre a graduação e o mestrado, pessoas que sempre se fizeram presentes em minha trajetória merecem ser lembradas. Agradeço muito a tod@s das Repúblicas Cangos, Ploc, XI, Divina, Cangaço, Pelezada e demais parceiras, por me proporcionar um substancial número de amigas, coisa difícil de se encontrar hoje em dia. Seria impossível lembrar de tod@s, por isso, meu muito obrigado à galera de Mariana, São João e Lavras.

Ao longo de minha trajetória tive como “casas” três instituições de ensino de excelência, UFOP, UFSJ e PUC-RS, locais muito diferentes entre si que me propiciaram uma pluralidade de experiências e vivências. Sem sombra de dúvidas, o percurso por entre essas casas concorreu para que eu pudesse perceber o quão grande, rico e plural é o universo acadêmico, cujas dificuldades sempre foram superadas com muito trabalho, mas também com as pequenas e boas coisas da vida como um bom papo regado a um café com pão de queijo ou a uma cerveja gelada ao lado d@s amig@s!

Especificamente sobre esta última “casa”, além da trajetória acadêmica, na qual tive contato com professores (as) fantásticos (as), com quem apreendi ainda mais sobre o ofício de historiador e toda a sorte de possibilidades que este enseja, é preciso também destacar que tive o privilégio de conhecer pessoas fantásticas que tiveram um papel importantíssimo para que eu conseguisse levar a cabo meu sonho de terminar esta etapa em minha formação.

Sob o risco de esquecer muitos nomes, agradeço imensamente o carinho e a amizade de Rafael Botton, Caio Proença, Milene Figueiredo, Henrique Perin, Gabriel Predebon, Andrelise Santorum, Guilherme Franco de Andrade (valeu, Bixôooo!), Alexandre Oliveira, Rafael e Paula Lapuente, Vitória Machado, Dom Carolino, Luciana Oliveira, Eduardo Hass, Raphael M. de Mello, Camila Ruskowski, Rafael Ganster, Tiago Orben, Lucio Lemes, Helen Rotta, Aline Porto, etc.

Em Porto Alegre/Viamão, foi imprescindível todo apoio e carinho recebido pela família da “Tia Lizete” que, seja durante o processo de seleção, de minha estada em Porto Alegre ou em meus tantos retornos à cidade, sempre me receberam muito bem com muito carinho e amizade. Obrigado de coração, Lizete, João Horácio, Maiquinho, Mateus, Bianca, Lucas e Juju!

Ao Dr. Vinícius Libel, intelectual fantástico e uma daquelas raras amizades que o mundo acadêmico nos dá!

É necessário prestar um agradecimento especial aos professores que, gentilmente, aceitaram fazer parte de minhas bancas de qualificação e defesa, referências importantíssimas para que o estudo pudesse se concretizar.

Ao professor Dr. René Gertz, um dos maiores pesquisadores que tive o prazer de conhecer e ser aluno. Além de uma das mais importantes referências para os estudos sobre o integralismo no país, suas preciosas dicas durante o início de minha pesquisa foram essenciais para que eu pudesse compreender a profundidade do estudo que eu propunha fazer, sendo importantes balizas para sua continuação.

Ao professor Dr. Peri Mesquida, referência obrigatória para quem se dedica ao estudo do metodismo e suas instituições de ensino, que mostrou-me de modo muito preciso por onde a pesquisa deveria caminhar, apontando também para alguns problemas que precisavam ser corrigidos.

Ao professor Dr. Benito Bisso Schmidt, intelectual genial que, curiosamente, fez com que fosse em mim despertado o interesse pelas biografias e trajetórias ainda durante minha graduação quando li um artigo de sua autoria que me impactou sobremaneira. Por uma dessas desventuras da vida tive o privilégio de poder conhecê-lo e de ter sua presença nas minhas bancas de qualificação e defesa. Obrigado, de coração, professor!

Por sorte, nesses quatro anos, tive o privilégio de poder contar com a presença de dois orientadores para a efetivação deste trabalho. Assim, agradeço imensamente aos professores Dr. Leandro Pereira Gonçalves e Dr. Luís Carlos dos Passos Martins. Os

poucos méritos que o estudo merece, em boa medida, são devido à orientação de vocês, cabendo exclusivamente a mim a responsabilidade por eventuais problemas.

Inegavelmente, para além de quaisquer intervenções (e não foram poucas!!!!) que eles se viram obrigados a fazer no trabalho, sempre com o intuito de demonstrar que era preciso ter o equilíbrio entre teoria, pesquisa e forma, o modo como ambos me acolheram, dando-me a liberdade de escolha para o andamento da pesquisa foi essencial para que ela pudesse ser concretizada.

O Professor Dr. Leandro Pereira Gonçalves, amigo de longa data, grande torcedor do Fluminense, foi extremamente importante para minha trajetória acadêmica, posto que, além de ter feito parte de minha banca de mestrado e de ser uma das minhas grandes referências acadêmicas, ter me incentivado a continuar nos estudos, sempre me estimulou a alçar voos mais altos, muitas vezes, acreditando mais em meu potencial do que eu mesmo o faria. Obrigado, Leandro!!!

O professor Dr. Luís Carlos dos Passos Martins, que muito gentilmente me acolheu no meio de meu doutorado, foi de vital importância para a concretização deste, pois, além de pacientemente demonstrar a inviabilidade de algumas propostas levantadas pelo estudo, desde a disciplina que ofertou e de nossas conversas, contribuiu sobremaneira para que eu pudesse compreender um pouco mais sobre o modo como deveria fazer o cotejamento entre teoria e fontes, enriquecendo a análise proposta. Obrigado, Luís!!!

Não poderia deixar de agradecer aqui a duas pessoas muito especiais, Dona Beatriz Helena Machado Medeiros de Albuquerque e Cláudia Thimmig, respectivamente, filha e neta de Oscar Machado, que muito gentilmente aceitaram colaborar com a pesquisa. Durante as conversas que tivemos ao longo desses quatro anos, que foram vitais para que eu pudesse me atentar para a riqueza e profundidade do personagem abordado, pude conhecer duas pessoas admiráveis que tiveram uma grande importância para que o estudo fosse concretizado. Deixo aqui meu muito obrigado!

Gostaria de agradecer imensamente à secretária do PPGHIS, Henriette I. Shinohara, por toda solicitude e apoio que são sempre dados a nós estudantes do programa e que são importantes para nossa trajetória na instituição.

Quase concluindo, é necessário, em meio a um período tão nefasto para a educação brasileira, no qual se observa em curso um desmonte de todos os avanços conquistados a duras penas desde 2002, agradecer ao CNPQ, pela bolsa de pesquisa ofertada, sem a qual seria impossível a realização deste estudo de doutoramento, desejando tam-



bém que esse fundamental órgão de fomento possa sobreviver aos cotidianos ataques desferidos nos últimos anos à educação e ciência brasileiras de modo a continuar a cumprir seu histórico papel de impulsionador da ciência e educação.

Por fim, porém mais importante, gostaria de agradecer às três pessoas mais importantes de minha vida, minha esposa Pauline e meus filhos Maria Emília e Miguel. É assustador olhar pelo retrovisor da vida e perceber que quando comecei esta etapa, éramos apenas Pauline e eu, dois doutorandos que toparam o desafio de cumprir mais essa etapa de nossa trajetória acadêmica. Não foi fácil conciliar todas nossas tarefas com a chegada dessas duas bênçãos que a vida nos deu, mas temos a certeza de que, sem elas, dificilmente chegaríamos até o fim com a alegria e determinação com as quais chegamos. Amo vocês mais do que tudo no mundo!

A biografia é o meio pelo qual os últimos segredos dos mortos famosos lhes são tomados e expostos à vista de todo mundo. Em seu trabalho, de fato, o biógrafo se assemelha a um arrombador profissional que invade uma casa, revira as gavetas que possam conter jóias ou dinheiro e finalmente foge, exibindo em triunfo o produto de sua pilhagem. O voyeurismo e a bisbilhotice que motivam tanto os autores quanto os leitores das biografias são encobertos por um aparato acadêmico destinado a dar ao empreendimento uma aparência de amenidade e solidez semelhantes às de um banco. O biógrafo é apresentado quase como uma espécie de benfeitor. Sacrifica anos de sua vida no trabalho, passa horas intermináveis consultando arquivos e bibliotecas, entrevistando pacientemente cada testemunha. Não há nada que não se disponha a fazer, e quanto mais o livro refletir sua opacidade, mais o leitor acreditará estar vivenciando uma elevada experiência literária e não simplesmente ouvindo mexericos de bastidores e lendo a correspondência alheia. Raramente se leva em conta a natureza transgressiva da biografia, mas ela é a única explicação possível para a popularidade do gênero. (Janet Malcom)

## Resumo

A presente tese tem como objetivo analisar a biografia de Oscar Machado da Silva (1903-1984), maçom e importante intelectual metodista, que, além de atuar como professor e administrador em educandários dessa denominação religiosa, teve uma destacada atuação no universo político configurando-se como uma importante liderança do integralismo brasileiro em seus dois momentos de existência, enquanto Ação Integralista Brasileira (1932-1937) e enquanto Partido de Representação Popular (1945-1965). Sendo uma liderança política e um destacado intelectual metodista que circulou entre os estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul, no período compreendido entre 1930 e 1965, pretende-se, com este estudo, trazer à baila importantes questões relativas à presença de protestantes e maçons no interior do integralismo, elementos que, à primeira vista, eram tidos como irreconciliáveis. Observando de perto essas intersecções por meio da biografia de Oscar Machado, que não foi o único exemplo de líderes que articularam tais elementos, se pretende lançar novas luzes sobre os estudos referentes ao integralismo, abordando a existência de uma certa autonomia em sua alta hierarquia, demonstrando também que houve espaços para que dirigentes e militantes comuns mantivessem práticas religiosas e participassem de doutrinas que eram combatidas pelo movimento, a despeito destes posicionamentos terem sido combatidos à luz da doutrina integralista, sem que isso representasse seu enfraquecimento. Nesse sentido, com vistas a essas questões mencionadas, ao se detectar um hiato entre aquilo que era preconizado e as efetivas práticas de seus militantes mais bem hierarquicamente situados, se lançarão novos olhares e questionamentos sobre tal espectro político, ajudando na desconstrução de posições até então consolidadas pela historiografia referente ao tema. Por fim, vencidas as adversidades encontradas durante a fase em que atuou na Ação Integralista Brasileira, malgrado tenha passado por situações conflituosas no Partido de Representação Popular, ao se cotejar a atuação de Oscar Machado nesse partido e sua ascensão a alguns postos importantes na administração pública estadual e federal, se poderá exemplificar também aquilo que se pode considerar como a “vitória política” do integralismo.

**Palavras chave:** Oscar Machado, Integralismo, Metodismo, Maçonaria, Intelectual, Projeto.

## **Abstract**

The following thesis aims to analyze the biography of Oscar Machado da Silva (1903-1984), Freemason and important Methodist intellectual, who, besides acting as a teacher and administrator in boarding houses of the same religious denomination, had a prominent role in the political universe, becoming an meaningful leadership of Brazil's integralism in its two moments of existence; as Brazilian Integralist Action (1932-1937) and as Popular Representation Party (1945-1965). Considering this political leadership and outstanding Methodist intellectual who circulated between the states of Minas Gerais and Rio Grande do Sul, in the period between 1930 and 1965, the aim of this study is to bring up important questions concerning the presence of Protestants and Freemasons within integralism, elements that at first sight were regarded as irreconcilable. Looking closely at these intersections through the biography of Oscar Machado, who was not the only example of leaders who articulated such elements, it is intended to shed new light on studies concerning integralism, addressing the existence of certain autonomy in their high hierarchy, also demonstrating that there was room for common leaders and militants to maintain religious practices and to participate in doctrines that were opposed by the movement, despite these positions being opposed to by the integralist doctrine, without it meaning the weakening of the doctrine. In this sense, with these mentioned issues in mind, once a gap between what was advocated and the effective practices of its best hierarchically situated militants is noticed, new glances and questions about this political spectrum will be launched, helping to deconstruct former positions consolidated by the historiography on the subject. Finally, overcoming the adversities encountered during the phase in which he acted in the Brazilian Integralist Action, despite having faced conflicting situations in the Popular Representation Party, by comparing Oscar Machado's performance in that party and his rise to some important positions in the public administration, on state and federal levels, one can also exemplify what can be considered as the "political victory" of integralism.

**Key-words:** Oscar Machado, Integralism, Methodism, Masonry, Intellectual, Project.

## **Lista de Siglas**

- ABL** – Academia Brasileira de Letras
- ADP** – Ação Democrática Popular
- AIB** – Ação Integralista Brasileira
- AIPB** – Ação Imperial Patrionovista Brasileira
- ARENA** – Aliança Renovadora Nacional
- BID** – Banco Interamericano de Desenvolvimento
- BIRD** – Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento
- BSC** – Birmingham- Southern College
- BGS** – Brazil Southern Railway Company
- CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CESA** – Companhia Estadual de Silos e Armazéns do Rio Grande do Sul
- CIME** – Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias
- CORSAN** – Companhia Riograndense de Saneamento
- CUEPS** – Centro Universitário de Estudos Políticos e Sociais
- DEOPS** – Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo
- DOPS** – Departamento de Ordem Política e Social
- EUA** – Estados Unidos da América
- FAO** – Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
- FEB** – Força Expedicionária Brasileira
- FTS** – Faculdade de Teologia do Sul
- FUG** – Frente Única Gaúcha
- INEP** – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- INIC** – Instituto Nacional de Imigração e Colonização
- IPA** – Instituto Porto Alegre
- IPE** – Instituto de Previdência do Estado
- LEC** – Liga Eleitoral Católica
- MEC** – Ministério da Educação e Cultura
- OEA** – Organização dos Estados Americanos
- ONU** – Organização das Nações Unidas
- PAC** – Porto Alegre College
- PCB** – Partido Comunista Brasileiro

**PDC** – Partido Democrata Cristão  
**PL** – Partido Libertador  
**PRL** – Partido Republicano Liberal  
**PRP** – Partido de Representação Popular  
**PRP** – Partido de Representação Profissional  
**PRR** – Partido Republicano Riograndense  
**PSD** – Partido Social Democrático  
**PSP** – Partido Social Progressista  
**PTB** – Partido Trabalhista Brasileiro  
**PUCRS** – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
**SEP** – Sociedade de Estudos Políticos  
**SMJ** – Sociedade Metodista Jovem  
**SMU** – Southern Methodist University  
**SUDESUL** – Superintendência do Plano de Valorização da Região Fronteira Sudoeste  
**SUPRA** – Superintendência de Política Agrária  
**TRE** – Tribunal Regional Eleitoral  
**UDN** – União Democrática Nacional  
**UFC** – Universidade Federal do Ceará  
**UFPEI** – Universidade Federal de Pelotas  
**UFRGS** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
**UFSM** – Universidade Federal de Santa Maria  
**UPA** – Universidade de Porto Alegre  
**URGS** – Universidade do Rio Grande do Sul  
**VFRGS** – Viação Férrea do Rio Grande do Sul  
**WASP** – White, anglo-saxon, protestant

## Lista de Imagens

- Imagem 1:** Recorte do mapa da malha ferroviária gaúcha na região de Uruguaiana.
- Imagem 2:** Escolas metodistas do Rio Grande do Sul em 1915
- Imagem 3:** Fall Squad Cooper Team, 1925.
- Imagem 4:** Fall Squad Cooper Team, 1925.
- Imagem 5:** *La Revue*, 1924, p. 23.
- Imagem 6:** Oscar Machado em Birmingham-Alabama-EUA, 29/04/1923.
- Imagem 7:** Diploma de Bacharel em Divindade pela SMU expedido em 01/09/1927.
- Imagem 8:** Gustavo Barroso e outro integralista em meio aos professores do Instituto Granbery na ocasião da realização de uma das conferências de outubro de 1933.
- Imagem 9:** Gustavo Barroso no Instituto Granbery para uma das conferências de outubro de 1933
- Imagem 10:** Charge de Oscar Machado.
- Imagem 11:** Efetivo Real dos integralistas núcleos da 17ª região de Minas Gerais.
- Imagem 12:** Boletim estatístico do núcleo integralista municipal de Juiz de Fora do mês de novembro de 1937.
- Imagem 13:** Fotografia tirada no Granbery por ocasião da transferência de Oscar Machado para o Porto Alegre College em 11/09/1934.
- Imagem 14:** Dallas Hall da SMU.
- Imagem 15:** Fachada do prédio principal do IPA.
- Imagem 16:** Vista aérea do câmpus da SMU.
- Imagem 17:** Vista aérea do câmpus do IPA.
- Imagem 18:** Oscar Machado em frente ao prédio principal do PAC/IPA.
- Imagem 19:** Intercambistas brasileiras na SMU nos anos de 1952-1953.
- Imagem 20:** Oscar Machado recebe a doação de US\$ 2.000 em um cheque entregue pelo reitor da SMU Albert C. Zumbunnem, 1947.
- Imagem 21:** Oscar Machado, sua esposa Dilza Machado e seus filhos Beatriz Helena Machado e Oscar Machado Filho, 1938.

**Imagem 22:** Comparativo entre as Capas dos anuários La Revue, Birmingham (esquerda), Rotunda, SMU, (centro) e do anuário Colunas, IPA (direita).

**Imagem 23:** Comparativo das sessões dos periódicos Colunas (IPA), La Revue (BSC) e Rotunda (SMU).

**Imagem 24:** Comparativo entre as flâmulas esportivas da SMU e IPA (*Colunas*).

**Imagem 25:** Capa do Anuário *Rotunda* da SMU do ano de 1947, página do anuário *Colunas* do ano de 1951 e capa do Anuário *Rotunda* da SMU do ano de 1939.

**Imagem 26:** Fachada contemporânea do prédio onde funcionou o Departamento de Jaguarão do Instituto Porto Alegre (Ipinha-Jaguarão).

**Imagem 27:** Plínio Salgado falando em comício, na sacada da Casa Victor, em Porto Alegre.

**Imagem 28:** Miguel Reale em comício, na sacada da Casa Victor, em Porto Alegre.

**Imagem 29:** Mensagem aos operários, por Oscar Machado, Secretário Provincial de Estudos/RS.

**Imagem 30:** Visita a Porto Alegre do Sr. Everaldo Leite a Porto Alegre.

**Imagem 31:** *Boletim do PRP*, 31/08/1947, p. 4.

**Imagem 32:** Reunião do PRP em Porto Alegre, realizada na Sogipa – Porto Alegre.

**Imagem 33:** Santinho da candidatura de Oscar Machado para deputado estadual pelo PRP nas eleições de 1950

**Imagem 34:** Fundo: Documento endereçado a Oscar Machado em 28/03/1950.

**Imagem 35:** Foto com Juracy Assis Machado, Oscar Machado e Wolfran Metzler.

**Imagem 36:** Santinho da candidatura de Oscar Machado para vereador de Porto Alegre pelo PRP nas eleições de 1963.



## **Lista de Tabelas**

**Tabela 1:** Distrito do Rio Grande do Sul Estatística para o 1º semestre do ano de 1905-1906.

**Tabela 2:** Número de alunos dos colégios metodistas entre 1910 e 1920.

**Tabela 3:** Dados das Escolas Dominicais de Juiz de Fora até abril de 1934.

**Tabela 4:** Resumo estatístico das escolas dominicais metodistas no quadriênio 1930-1933.

## **Gráfico**

**Gráfico 1:** Matrículas de alunos do Granbery entre 1889 e 1929.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	20
<b>1. OSCAR MACHADO: ORIGENS DE UM INTELLECTUAL MULTIFACETADO</b> .....	41
1.1 O METODISMO WESLYANO: UMA RELIGIÃO TRANSNACIONAL PAUTADA PELO BINÔMIO EDUCAÇÃO E FÉ .....	41
1.2 A PRESENÇA PROTESTANTE NO BRASIL E AS PRIMEIRAS AÇÕES DO METODISMO.....	44
1.3 A INSTALAÇÃO DO METODISMO NO RIO GRANDE DO SUL: FÉ E ENSINO .....	48
1.4 A CONSOLIDAÇÃO DAS ESCOLAS E DO METODISMO NA REGIÃO DA FRONTEIRA COM O URUGUAI E A ARGENTINA: UMA PORTA ABERTA A OSCAR MACHADO .....	51
1.5 OSCAR MACHADO: UM INÍCIO IMPRECISO .....	56
1.6 DA FAMÍLIA MACHADO AO <i>COLÉGIO METODISTA UNIÃO</i> .....	60
1.7 OSCAR MACHADO E O <i>COLÉGIO UNIÃO</i> : O INÍCIO DE SUA TRAJETÓRIA NO METODISMO .....	65
1.8 OS ESTADOS UNIDOS E A CONFIGURAÇÃO DE UM INTELLECTUAL METODISTA .....	76
<b>2. OSCAR MACHADO: UM INTELLECTUAL A SERVIÇO DO METODISMO EM JUIZ DE FORA</b> .....	92
2.1 JUIZ DE FORA NA VIRADA DO SÉCULO XIX PARA O XX E O INÍCIO DA MISSÃO METODISTA .....	92
2.2 APONTAMENTOS SOBRE A ARTICULAÇÃO DA LÓGICA DA MISSÃO COM A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO <i>GRANBERY</i> .....	97
2.3 <i>GRANBERY</i> : A CONSTITUIÇÃO DO MAIOR EDUCANDÁRIO METODISTA DO BRASIL NAS DÉCADAS INICIAIS DO SÉCULO XX .....	102
2.4 O <i>GRANBERY</i> COMO DESTINO DE MUITOS GAÚCHOS E A CHEGADA DE OSCAR MACHADO .....	105
2.5 NO <i>GRANBERY</i> : OSCAR MACHADO, UM INTELLECTUAL METODISTA .....	110
2.6 OSCAR MACHADO: UM INTELLECTUAL CONSOLIDADO .....	114
2.7 A IGREJA METODISTA CENTRAL DE JUIZ DE FORA E SUAS DIFICULDADES FINANCEIRAS .....	118
2.7.1 A atuação de Oscar Machado na Igreja Metodista Central de Juiz de Fora .....	121
2.7.2 Dilza Machado e suas atividades na Sociedade de Mulheres Metodistas .....	128
<b>3. MAÇONARIA, METODISMO E INTEGRALISMO: OSCAR MACHADO E O INÍCIO DO EXERCÍCIO DE SUAS “ATIVIDADES INCOMPATÍVEIS”</b> .....	130
3.1 A MAÇONARIA NO SEIO DO METODISMO E A PLURALIDADE DE PENSAMENTO NO <i>GRANBERY</i> .....	130
3.2 A AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA: UMA EXPERIÊNCIA POLÍTICA FASCISTA .....	139
3.2.1 A historicidade da Ação Integralista Brasileira .....	140
3.3 A LITERATURA INTEGRALISTA E O ESTUDO SOBRE OSCAR MACHADO .....	143
3.3.1 Dos elementos aparentemente irreconciliáveis perante a historiografia: o integralismo e a maçonaria .....	149
3.4 ENTRE A CRUZ, O COMPASSO, O SIGMA E A FOICE E O MARTELO: AS DIVERGENTES MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS NO <i>GRANBERY</i> .....	154
3.5 AS DISPUTAS PELO PODER NO <i>GRANBERY</i> , SUAS POSSÍVEIS RELAÇÕES COM A POLÍTICA E A ASCENSÃO DE OSCAR MACHADO E IRINEU GUIMARÃES .....	183
<b>4. OSCAR MACHADO: UM INTELLECTUAL METODISTA NO CONTURBADO CONTEXTO POLÍTICO NO RIO GRANDE DO SUL DOS ANOS 1930</b> .....	194
4.1 PRELÚDIO: A DÉCADA DE 1920 E O OTIMISMO METODISTA .....	194
4.2 O PORTO ALEGRE COLLEGE (PAC) E SUA CONCEPÇÃO ORIGINAL: A “LITTLE SMU” ..	195
4.2.1 O processo de implementação do modelo educacional da SMU no PAC .....	198
4.3 A EMANCIPAÇÃO DA IGREJA METODISTA E A OPÇÃO POR BRASILEIROS NA CHEFIA DE SEUS EDUCANDÁRIOS .....	203
4.3.1 Oscar Machado: o primeiro reitor brasileiro do Porto Alegre College .....	205
4.3.2 Oscar Machado e o projeto da “Little SMU” .....	207

4.4 SOB A BATUTA DE OSCAR MACHADO, DÁ-SE A VERTICALIZAÇÃO DO PROJETO DA “LITTLE SMU” .....	213
4.4.1 Em meio ao processo de nacionalização do ensino no Rio Grande do Sul surge o <i>Instituto Porto Alegre</i> .....	215
4.4.2 Frente ao acirramento do processo de nacionalização do ensino: resistência e/ou adesão no IPA .....	220
4.5 O IPINHA DE JAGUARÃO: AS BOAS RELAÇÕES DOS METODISTAS COM O GOVERNO FEDERAL, ESTADUAL E A INTERIORIZAÇÃO DE UM MODELO .....	228
4.6 OSCAR MACHADO E SUAS ATIVIDADES NA IGREJA METODISTA NO RIO GRANDE DO SUL: UM LÍDER LEIGO .....	240
<b>5. ENTRE O PRECONIZADO E O REAL: METODISMO, MAÇONARIA E INTEGRALISMO NO RIO GRANDE DO SUL DO INÍCIO DOS ANOS 1930 .....</b>	<b>244</b>
5.1 O INTEGRALISMO CHEGA AO RIO GRANDE DO SUL .....	244
5.2 OSCAR MACHADO E O INTEGRALISMO EM PORTO ALEGRE .....	248
5.3 A PARTICIPAÇÃO DOS INTEGRALISTAS GAÚCHOS NAS ELEIÇÕES DE 1934 .....	253
5.4 OSCAR MACHADO: UM LÍDER ATUANTE NO INTEGRALISMO NO RIO GRANDE DO SUL .....	257
5.5 AS POLÊMICAS ENVOLVENDO OS CAMISAS VERDES GAÚCHOS: HÁ INTEGRALISTAS NO IPA! .....	264
5.6 AS POLÊMICAS ENVOLVENDO A PRESENÇA INTEGRALISTA NO IPA: O CASO JOÃO HENRIQUE E SIGFRIEDO BETHIOL .....	267
5.7 AS POLÊMICAS ENVOLVENDO A PRESENÇA INTEGRALISTA NO IPA: O CASO OSCAR CAMILLIS E TAUFIK CHEMALE .....	277
5.8 O ECUMENISMO DO INTEGRALISMO GAÚCHO E AS POLÊMICAS ENVOLVENDO O PROTESTANTISMO, A MAÇONARIA E CATOLICISMO .....	280
<b>6. A DERROCADA DO INTEGRALISMO E O FIM DAS INCOMPATIBILIDADES DOUTRINÁRIAS DA ATUAÇÃO DE OSCAR MACHADO NA POLÍTICA .....</b>	<b>294</b>
6.1 O ÁPICE E O INÍCIO DO DESMANTELAMENTO DA AIB NO RIO GRANDE DO SUL .....	294
6.2 AS TENTATIVAS DE LEVANTE INTEGRALISTA E O FIM DA AIB NO RIO GRANDE DO SUL .....	313
6.3 OSCAR MACHADO EM MEIO ÀS DISPUTAS NA UFRGS .....	325
6.4 O INTEGRALISMO NO ENTREGUERRAS: A ESPERANÇA DE MANTER VIVAS AS CHAMAS VERDES .....	333
6.5 OSCAR MACHADO E A POLÍTICA NO PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: DO PSD AO INTEGRALISMO .....	336
6.6 DE VOLTA ÀS HOSTES INTEGRALISTAS: SURGE O MAIS LONGEVO LÍDER DO PRP NO RIO GRANDE DO SUL .....	341
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>363</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>371</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>422</b>

## INTRODUÇÃO

*Todas essas mudanças têm origem, não na natureza dos indivíduos isolados, mas na estrutura da vida conjunta de muitos. A história é sempre história de uma sociedade, mas sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos.* (ELIAS, 1994, p. 45)

No dia 19/01/1984, o jornal porto alegreense *Correio do Povo* publicou uma pequena nota sobre o falecimento do professor Oscar Machado da Silva, intitulada “Uma vida dedicada à Educação – Prof. Oscar Machado faleceu aos 80 anos”. Como se pode perceber no trecho abaixo, além da causa de sua morte, ela apresentou um breve panorama das atividades por ele desenvolvidas no setor educacional e, também, no exercício de cargos públicos:

Faleceu ontem o professor Oscar Machado, ex-reitor do Instituto Porto Alegre e ex-secretário da Administração do Estado, entre inúmeros cargos que ocupou como educador, político e administrador. Aos 80 anos, foi acometido de uma broncopneumonia e insuficiência cardíaca. (...) Entre as inúmeras atividades internacionais, foi membro da delegação do Brasil na sessão da FAO em 1953, trabalhou no Serviço Brasileiro de Seleção de Emigrantes na Europa e participou de várias reuniões de órgãos internacionais para a Educação. Na função pública, Oscar Machado foi diretor da Companhia Estadual de Silos e Armazéns, membro do conselho universitário da UFRGS, presidente do Instituto de Previdência do Estado, diretor-superintendente da Corsan, chefe da Assessoria de Assuntos Internacionais, Secretaria Geral do Ministério da Educação e Cultura e Secretário de Estado da Administração no Governo Synval Guazzelli. Também foi presidente do Esporte Clube Cruzeiro. Publicou 11 livros sobre Educação e Desenvolvimento. (*Correio do Povo*, 19/01/1984, p. 10)

A leitura da nota, se realizada de forma isolada, equivocadamente, poderia ensejar a compreensão de que, dada sua atuação no setor educacional – seja na esfera privada ou público-federal – ou ainda a ocupação de cargos na administração pública, aos poucos, Oscar Machado da Silva foi se consolidando como político e intelectual, cujo sucesso o teria acompanhado ao longo de toda sua trajetória nesses domínios.

Todavia, quando observam-se, em retrospectiva, as circunstâncias e a cronologia como o exercício de tais postos se deram, entende-se que, embora ele tenha se estabelecido enquanto um importante intelectual, assim como também militava há muitas décadas no universo da política, nem sempre as coisas ocorreram em sua vida de maneira linear, rumo a esse destino final de grande prestígio.

Isto é posto pois, inicialmente, apesar de sua carreira de educador ter se mostrado ascendente no interior das instituições de ensino metodistas, e posteriormente, na

ocupação do posto de professor da educação superior federal e também de cargos de gestor nestas, as coisas não fluíram tão serenamente em suas atividades políticas.

Na contramão desta leitura, Oscar Machado notabilizou-se por ter sido um dos fundadores do núcleo integralista de Juiz de Fora-MG e uma importante liderança da Ação Integralista Brasileira (AIB) no Rio Grande do Sul. Salienta-se ainda que ele sofreu reveses nas acirradas disputas de poder ocorridas no interior das fileiras dos camisas verdes e também quando se submeteu ao pleito eleitoral<sup>1</sup>.

Em tal cenário, Oscar Machado não converteu toda sua notoriedade e popularidade em influência nessas esferas para efetivar o projeto político que defendia no pleito. Ainda assim galgou espaços de destaque, o que corrobora a proposição de que o panorama apresentado pelo resumo de sua trajetória na pequena nota antes mencionada foi composto de inúmeros sucessos e malogros.<sup>2</sup>

A interpretação de que foram notórias as idas e vindas neste percurso se coloca, pois, além das funções ligadas ao magistério, apesar de anteriormente ter atuado no primeiro escalão da administração do estado do Rio Grande do Sul, o ápice atingido nesta esfera se deu na gestão de Synval Guazelli (1975-1979) quando ele foi Secretário do Estado da Administração.

Ademais, sem se desprezar que ele consolidou sua condição de intelectual ligado ao metodismo e de líder do integralismo gaúcho, o que se assistiu em seus anos de militância em tal movimento foi uma situação um pouco controversa. Em alguns momentos, o exercício de funções diretivas que lhe trouxeram projeção no âmbito da educação pública federal e em órgãos diretivos a ela ligados se deu mais por seu afastamento das atividades políticas ou em decorrência das relações que mantinha com autoridades que contribuíram para que viesse a alcançar postos no Ministério da Educação, do que por uma relação direta com sua atuação naquela esfera.

Neste sentido, se propõe que a leitura da matéria publicada no jornal *Correio do Povo* poderia levar a uma interpretação equivocada de sua trajetória, pois sua atuação no integralismo não resultou na conquista dos postos mais importantes da administração pública. Tal conquista só se daria à época em que o integralismo já não mais existia,

---

<sup>1</sup> Devido ao uniforme integralista que era confeccionado na cor verde oliva, seus militantes eram conhecidos como camisas verdes e suas militantes como blusas verdes.

<sup>2</sup> Aqui, à luz das proposições de Pierre Bourdieu, se compreende esta “notoriedade” e “popularidade” como uma espécie de capital que Oscar Machado possuía. Sobre a noção de capitais ver: (BOURDIEU, 1989, p. 134). Sobre o modo como se dá a conversão de capitais ver: (BOURDIEU, 1989, p. 190-191)

quando o Rio Grande do Sul era governado pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA).

Tal afirmativa se coloca pois, caso o itinerário de sua vida fosse apreendido sob uma perspectiva evolutiva, no qual se ordenariam ações subjetivas e objetivas de maneira lógica, a fim de que essas adquiram uma orientação que no final dê coerência à história, resultaria naquilo que Pierre Bourdieu designou como *ilusão biográfica*. (BOURDIEU, 2005)

Por esse prisma, constata-se que, ao invés de se tentar elaborar um relato ordenado, isento de tensão, incertezas e contradições, que refaz um caminho retilíneo com os pontos de partida e chegada bem definidos, a função do biógrafo é entender, à luz do que é conhecido sobre o personagem, que ele não caminha rumo a um destino, ele “*constrói a si próprio e constrói sua época, tanto quanto é construído por ela. E essa construção é feita de acasos, hesitações e escolhas*”. (LE GOFF, 2002, p. 23)

Diferentemente da interpretação coerente que a leitura da matéria jornalística poderia ensejar, aceitando que a trajetória de Oscar Machado foi repleta de acasos, hesitações, vitórias e derrotas, pelo fato de que, nem sempre, as ações e decisões do personagem poderão ser compreendidas como frutos de uma deliberação racional ou de um projeto levado a cabo pelo mesmo conscientemente, se recorrerá a algumas proposições de Pierre Bourdieu.

À sombra destas, para se narrar sua trajetória se levará em conta o contexto no qual ela se desenvolveu, ou seja, a superfície social na qual ele ocupou uma diversidade de *campos* a todo instante, sem deixar de lado que seus êxitos e reveses possam derivar das diferentes espécies de *capitais valorativos* que se colocam nestes, das quantidades de tais *capitais* das quais ele era portador e da forma como ele lançou mão de tais recursos. (BOURDIEU, 2005, p. 185-190)<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Na teoria praxiológica de Bourdieu, a realidade social é desenhada como um ambiente construído com base em princípios de diferenciação ou distribuição, que são constituídos por um conjunto de propriedades que sobre ela atuam. Em outras palavras, o indivíduo se define pela posição relativa em cada um dos inúmeros campos que podem ser ocupados por ele simultaneamente, sendo que, seguindo as regras próprias inerentes a estes espaços, ele interagirá com os demais integrantes de forma objetiva, conforme o volume de capitais específicos que contribuem para que ele possa ter um menor ou maior êxito. (BOURDIEU, 1989, p. 133-136) Relativamente autônomos, os *campos* possuiriam regras e desafios específicos que, embora pudessem sofrer influência de fatores econômicos, não se reduziria a interesses dessa ordem. (LAHIRE, 2017, p. 65) Para usar uma analogia explicativa, semelhantemente a um campo de futebol, se poderia dizer que Bourdieu entendia o *campo* como um local delimitado no qual cada jogador teria sua posição definida, seguiria suas regras específicas, sendo que os jogadores novatos, para poder se colocar em disputa, precisariam tomar conhecimento destas regras e aceitá-las como legítimas. (THOMSON, 2018, p. 97) Desta forma, além das próprias condições do campo, seriam as condições físicas e técnicas dos jogadores, ou seja, suas aptidões (*capital* específico ao campo, que não necessariamente teria o mes-

Nesta direção, quando se recuperam as proposições do autor acima mencionadas e estas são agregadas ao seu postulado da existência de uma *ilusão biográfica*, ou seja, a construção de narrativas que, coerentemente, resgatariam uma trajetória sob a perspectiva cronológica, como se os indivíduos fossem dotados de uma estabilidade imanente ao longo do tempo, se pode propor uma interessante forma de se construir a biografia de Oscar Machado, justamente por privilegiar as interações entre o meio e o personagem.

Para Renato Ortiz, o foco das reflexões de Pierre Bourdieu, que trouxe importantes elementos para os debates acerca das biografias, remetia-se justamente à análise da relação existente entre a sociedade e as coerções que esta impõe aos sujeitos:

A problemática teórica dos escritos de Bourdieu repousa essencialmente sobre a questão da mediação entre o agente social e a sociedade. Por isso Bourdieu considera o problema dos métodos epistemológicos como uma discussão que oscila entre dois tipos de conhecimentos polares e antagônicos: o objetivismo e a fenomenologia. Enquanto a perspectiva fenomenológica parte da experiência primeira do indivíduo, o objetivismo constrói as relações objetivas que estruturam as práticas individuais. A antiga polêmica entre subjetivismo e objetivismo emerge, portanto, como ponto central para a reflexão de Bourdieu; para resolvê-la, explicita-se um outro gênero de conhecimento, distinto dos anteriores, que pretende articular dialeticamente o ator social e a estrutura social. (ORTIZ, 1983, p. 8)

Distintamente de uma possível leitura que encetaria uma visão evolutiva da trajetória de Oscar Machado, culminando nas conquistas que obteve, pautando-nos também por algumas das proposições elaboradas por Giovani Levi (LEVI, 2005), o caminho a ser aqui percorrido para a análise visará a não perder de vista a excepcionalidade de tal personagem, fato que justificaria a realização de sua biografia sem, tampouco, deixar de pontuar que ele se deparou com elementos que impactaram diretamente seus planos de ação, o que implica no abandono de uma interpretação linear, isenta de grande complexidade, imprevisibilidade, contingência e contradição.

---

mo valor em um outro campo), que fariam com que ele pudesse se colocar com chance de êxito no mesmo. (THOMSON, 2018, p. 97) Em conjunto, os *campos* formariam aquilo que Bourdieu chamou de *espaço social* onde cada um destes possuiria suas regras, léxico, capital, indivíduos dominantes e dominados. Contudo, como não são espaços hermeticamente fechados, existiria certa interdependência entre eles, uma vez que, se um indivíduo ocupa uma posição de dominante no *campo econômico*, reunindo uma alta concentração de seu *capital específico*, haveria um certa propensão a ele também se colocar numa posição homóloga em outros campos, como o cultural, por exemplo. Portanto, o volume e a legitimidade do *capital*, que nos termos de Bourdieu seriam espécies de trunfos, ou seja, poderes que definem as possibilidades de vitória num dado campo, podendo este se apresentar na forma objetivada (propriedades materiais) ou na forma subjetivada inerente ao campo (por exemplo, uma titulação acadêmica que é incorporado sob a forma de capital cultural acumulado juridicamente garantido e avalizado pelas instâncias legítimas consagradoras) é que possibilitariam aos membros que se colocam em disputa chegar à condição de dominante ou dominado em seu interior. (BOURDIEU, 1989)

Para que tal empresa seja levada a cabo, importantes se tornam as proposições advindas do estudo de Gilberto Velho que, pautado pelo trabalho de Alfred Schutz, lançou mão dos conceitos de *projeto* e *campo de possibilidade*, por meio dos quais se poderia mensurar melhor a correlação existente entre objetividade e subjetividade, ação e coerção, na realização de uma abordagem biográfica:

*Projeto*, nos termos deste autor, é a conduta organizada para atingir finalidades específicas. Para lidar com o possível viés racionalista, com ênfase na consciência individual, auxilia-nos a noção de *campo de possibilidades* como a dimensão sociocultural, espaço para a formação e implementação de *projetos*. Assim, evitando um voluntarismo individualista agonístico ou um determinismo sociocultural rígido, as noções de *projeto* e *campo de possibilidades* podem ajudar a análise de trajetórias e biografias enquanto expressão de um quadro sócio-histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades. (VELHO, 1994, p. 40)<sup>4</sup>

Portanto, na reconstituição da biografia de Oscar Machado, num sentido inverso da construção de um relato coerente, pautado pela noção de destino, com o intuito de se apresentar um relato verossímil, por meio do qual se pretende responder a amplas questões que se encontram imbrincadas às suas atividades desenvolvidas nas esferas política e educacional, deve-se caminhar por esse lugar de incertezas e, sempre que possível, minimizar as imprecisões analíticas que se originam de enfoques que se voltam para um dos opostos subjetividade e objetividade, estruturas e liberdade, sujeito e contexto.

A importância da biografia é permitir uma descrição das normas e de seu funcionamento efetivo, sendo este considerado não mais o resultado exclusivo de um desacordo entre regras e práticas, mas também de incoerências estruturais e inevitáveis entre as próprias normas, incoerências

---

<sup>4</sup> Uma abordagem semelhante poderia ser elaborada pela perspectiva dos conceitos de *experiência* e *horizonte de expectativa*, elaborados por Reinhart Koselleck. Em que pese estes se ligarem a uma perspectiva teórica que suscita que esta díade, sem se apresentar como antagônica, se remeteria mais ao debate relativo ao tempo histórico, uma vez que entrelaçam presente e futuro, ao ser utilizada para se abordar uma dada biografia trariam importantes contribuições para se encontrar um equilíbrio entre subjetividade e objetividade, na investigação daquilo que se abria como possibilidade frente ao resultado final das ações dos sujeitos em exame. Em suas palavras: “A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias. Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem.” (KOSELLECK, 2006, p. 309-310)



que autorizam a multiplicação e a diversificação das práticas. Parece-me que assim evitamos abordar a realidade histórica a partir de um esquema único de ações e reações, mostrando, ao contrário, que a representação desigual do poder, por maior e mais coercitiva que seja, sempre deixa alguma margem de manobra para os dominados; estes podem então impor aos dominantes mudanças nada desprezíveis. Talvez seja apenas uma nuance, mas me parece que não se pode analisar a mudança social sem que se reconheça previamente a existência irredutível de uma certa liberdade vis-à-vis as formas rígidas e as origens da reprodução das estruturas de dominação. (LEVI, 2005, p. 182)

Giovanni Levi, ao considerar que o gênero biográfico seria o palco ideal para se colocar em perspectiva a relação entre sujeito e os elementos de determinação, atestou que, mesmo que se pudesse pensar em termos de *habitus* de uma época, seria preciso não perder de vista que o problema da relação entre indivíduo e grupo, coerção e agência, não se resolveria por meio desta conceituação, pois ela minimizaria a margem de liberdade da qual os indivíduos são dotados assim como obscureceria a origem desta. (LEVI, 2005, p. 182)<sup>5</sup>

Sob tal perspectiva, sem que se ignorem os resultados finais das ações, na reconstrução da trajetória de Oscar Machado, cumprindo-se com as exigências que se impõe à função do biógrafo, para que se crie um mínimo efeito de realidade, sempre que possível, será dada tanto atenção às inconstâncias e incertezas com as quais ele se deparou, quanto às regularidades.

Deste modo, a narrativa biográfica no campo da historiografia deve obedecer algumas regras que a diferem de suas congêneres quando estas são elaboradas por profissionais de outras áreas de conhecimento. Nessa seara, ao abordar as diferenças entre os trabalhos de tal gênero produzidos por jornalistas, romancistas e historiadores, Benito Bisso Schmidt, além de destacar a crítica das fontes e o rigor metodológico, apontou para os possíveis limites impostos à inventividade do biógrafo, destacando que o mesmo precisa deixar claro em sua narrativa quais os limites com os quais muitas vezes se depara.

A historiografia, apesar de suas significativas transformações teórico-metodológicas recentes, manteve-se fiel à tradição da crítica (interna e externa) das fontes: quem produziu determinado documento? em que situação? com quais interesses? Afinal, parodiando Thompson, as interpretações realizadas pelos historiadores devem ser sempre julgadas pelo “tribunal de apelação da história”: o passado e seus vestígios. Além disso, nos trabalhos históricos, os momentos de invenção precisam ser sempre sinalizados para o leitor através da utilização de expressões como “provavelmente”, “talvez”, “pode-se presumir”. (SCHMIDT, 2000, p. 15)

<sup>5</sup> Sobre a noção de *habitus* ver: (BOURDIEU, 2011, p. 191; ELIAS, 1994, p. 171-190 e ORTIZ, 1983, p. 17-18).

Por conseguinte, em consonância com aquilo que foi proposto por Jacques Le Goff, compreende-se que a construção desses efeitos de realidade, uma das peculiaridades do método biográfico, não revela apenas o estilo de escrever do historiador, mas até mesmo uma convicção razoável de verdade histórica. (LE GOFF, 2002, p. 22)

Essa seria conseguida através de uma familiaridade com as fontes e o contexto no qual viveu seu personagem, sendo que, em última instância, seria o sujeitar-se ou não de sua ambição a essa pressão imposta pelas fontes que diferenciaria as biografias dos historiadores da dos romancistas e demais propositores do gênero, mesmo quando estes últimos se preocupam em informar a verdade sobre o que desejam escrever. (LE GOFF, 2002, p. 22)

Com esses elementos em vista, no estudo da trajetória de Oscar Machado, buscar-se-á contribuir para com a reabilitação historiográfica da biografia que, seguindo a categorização proposta por Giovanni Levi, se enquadraria no gênero deste trabalho que salienta a importância do contexto no qual o personagem se insere.

Em tais tipos de produções, a biografia conservaria sua especificidade, sendo que a valorização do meio e da ambiência na qual o sujeito analisado atua teria uma significativa importância ao compor a atmosfera que concorreria na explicação das singularidades de suas ações e decisões. (LEVI, 2005, p. 175)

No entanto, embora se conceba que o contexto teria uma dupla funcionalidade – ajudar a minimizar as lacunas documentais referentes ao personagem por meio da comparação com outros sujeitos que mantinham similaridade em suas trajetórias e contribuir para a interpretação das incertezas que se fizeram presentes num ambiente no qual estas pudessem se desenvolver –, sempre que possível, ele será apresentado em virtude das ações do personagem e não como um pano de fundo estático, como um cenário que delimitaria o campo de possibilidades para suas ações, estruturando-as e conferindo-lhes inteligibilidade.

Consoante, pelo fato de uma vida ser inapreensível em sua totalidade, apresentando o contexto sob a perspectiva acima mencionada, é que se verticalizará no exame de parte das atividades desempenhadas por Oscar Machado no meio religioso, educacional, social e político, destacando as possíveis congruências e descompassos de suas ações nas instituições das quais veio a fazer parte nestas esferas do *campo social*.

Para tanto, será respeitada a ordem cronológica destas atividades, sem que elas sejam apresentadas sob um viés linear, dotado de uma lógica organizativa que lhe confira coerência, conduzindo-o ao seu ponto final. Assim, sem se desconsiderarem o início e os resultados finais das atividades de Oscar Machado nos múltiplos campos onde atuou, o trabalho terá como recorte temporal o período compreendido entre 1930 e 1965, não cobrindo, portanto, toda a existência biológica de Oscar Machado.<sup>6</sup>

Por meio da análise de sua trajetória política nas hostes integralistas nos estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul, de sua atuação intelectual no metodismo e em sua rede de educação, enquanto professor universitário da rede federal de ensino e também na maçonaria, se compreenderá como tais elementos, que poderiam ser tipificados como irreconciliáveis por aquilo que preconizava seu partido político, igreja e também a instituição secreta da qual fazia parte, conseguiram se misturar e se harmonizar.

Especificamente sobre o integralismo, sobreleva-se que, ao fazerem parte do núcleo duro de movimento, ele e outros líderes que pertenciam às correntes protestantes do cristianismo e à maçonaria, a despeito da instituição secreta ser combatida pelo corpo doutrinário da AIB, e desta ter buscado um apoio oficial da Igreja Católica, preservaram a autonomia de suas ações, ainda que, por ventura, em algum momento, possam ter se deparado com alguns conflitos por conta de tais questões.<sup>7</sup>

Cotejando o contexto compreendido entre 1932 e 1937, no qual se apresentou sob a forma da AIB, e a conjuntura posterior a 1945, na qual voltaria ao cenário político sob nova roupagem, como Partido de Representação Popular (PRP), analisar-se-á a existência de uma autonomia em seus quadros dirigentes com a finalidade de aprofundar o debate historiográfico. Esse debate, em linhas gerais, ainda não se debruçou a contento sobre a recorrência de espaços para que dirigentes importantes mantivessem práticas religiosas e participassem de doutrinas que eram combatidas pelo movimento.

De acordo com Marco Aurélio Garcia, por mais abrangente que possa ser o estudo de um partido político, ele não pode se dar sem que sejam analisados sua militância, grupos dirigentes e também seus procedimentos e até seus rituais internos (GARCIA, 1997).

Desta feita, ao considerar que estes espaços eram ocupados por algumas lideranças como Oscar Machado, buscar-se-á entender de que forma aquilo que fazia

---

<sup>6</sup> Se avançará temporalmente até após o ano de 1965, porém, isso se dará mais com a intenção de demonstrar que suas conquistas políticas, que serviriam para coroar seu “projeto individual”, se deu após o fim do integralismo, portanto, não à luz do partido no qual ele militou por quase toda sua vida.

<sup>7</sup> Caso da expulsão de João Cominese da maçonaria em Paranaguá. (ALVES; CAVANNA, 2015)

parte de sua formação se amalgamou o modelo definido como ideal para a atuação no partido político, gerando uma prática nem sempre acessível a seus integrantes situados nos estratos mais baixos da hierarquia interna integralista.

Essa militância, por mais disciplinada que fosse – e sabe-se como esse aspecto teve importância –, não é o resultado da ação de autômatos, de indivíduos abstratos que atuam mecanicamente em função de sua “consciência de classe”, ou das diretrizes políticas que emanam do partido, tudo isso dentro de um determinado contexto político nacional e internacional. Os militantes são pessoas concretas e homens e... mulheres, portadoras de valores éticos, de convicções políticas, de influências religiosas e refletem, no seu cotidiano, sua formação cultural, seus antecedentes familiares e um conjunto de “determinações” que incidem na forma pela qual “aplicarão” a “linha” do partido na sociedade, seja através de um discurso, de um panfleto, de outras formas de *agit-prop* ou de uma ação violenta, armada. (GARCIA, 1997, p. 322)

Logo, no que concerne a tais questões, na prospecção da trajetória de uma liderança de notável importância para o integralismo, ao se identificar um hiato entre aquilo que era preconizado por suas lideranças como uma atuação desejada e as efetivas práticas de seus militantes mais bem hierarquicamente situados, serão propostos questionamentos sobre tal espectro da política.

Nestes, com a apreciação de elementos como o protestantismo e a maçonaria, almeja-se lançar mais luzes sobre algumas posições verificadas na historiografia referente ao tema, demonstrando que a hegemonia de seu poder central não era tão patente quanto se acreditava, fato que o aproximava dos demais partidos políticos dos quais visava a se diferenciar.

Outrossim, acredita-se que a atuação de lideranças como o metodista Oscar Machado, ao aproximar da alta hierarquia integralista do movimento político atores que, singularmente, congregavam elementos até então vistos como irreconciliáveis por seu corpo doutrinário/ideológico, ao invés de causar o enfraquecimento do movimento, posto que estaria fazendo concessões a elementos contrários a seu ideário, de modo diametralmente oposto, teria apontado para o fato de que estes elementos combatidos parecem ter contribuído para que o integralismo se fortalecesse ainda mais.<sup>8</sup>

Um penúltimo aspecto referente à figura de Oscar Machado se remete à condição de *intelectual* que ele ocupou em diferentes *campos* como o religioso, político e

---

<sup>8</sup> Acerca da presença do metodismo em cidades como Juiz de Fora e Porto Alegre, por apresentar em seu interior uma perspectiva educativa que visava a criar quadros dirigentes, bem como a presença de outras correntes protestantes, como o luteranismo, entende-se que ela fomentou uma composição atípica dos quadros diretivos em relação ao que se observava no movimento integralista nas várias regiões do país, fato que fez com que esse ecumenismo religioso trouxesse ao movimento especificidades.

educacional. Portanto, para que se possa compreender o modo como se apreende essa posição por ele ocupada, torna-se necessário apresentar a concepção de *intelectual* que será utilizada para a análise da biografia de Oscar Machado.

Nesse sentido, além das concepções iniciais que dariam origem às modernas noções de intelectuais e do grande crescimento do número destes, tem-se que, para se avançar no debate sobre o tema, amiúde, é preciso discorrer a respeito de três das mais caras questões referentes à sua análise, quais sejam: quem seriam os intelectuais, quais seriam suas características principais e qual seria a sua função precípua?

Começando por suas possíveis definições e características principais, ao se tomar como parâmetro o conceito de *inteligencia*, utilizado inicialmente na Rússia de finais do século XIX para delimitar o que se poderia entender como intelectuais, estes poderiam ser circunscritos a um diminuto grupo que englobaria apenas aqueles que poderiam ser tomados como livre pensadores (BOBBIO, 1997, p. 121-122).<sup>9</sup>

Alargando um pouco essa interpretação, se poderia propor que os intelectuais integrariam um pequeno grupo que, por apresentar contornos difusos, traria consigo certa imprecisão em sua delimitação. Isto teria feito com que, em meados do século passado, ele se tornasse um território quase interdito à pesquisa historiográfica, por impossibilitar uma análise quantitativa sobre ele.

Contudo, mesmo que se considerassem como intelectuais apenas os literatos que criticaram a opressão e a miséria vivida pela maioria da população russa sob o julgo do regime czarista até as décadas iniciais do XX, ainda assim, tal grupo traria consigo uma das características que notabilizaram o conjunto de pessoas designadas pelo substantivo *intelectuells* à época do caso Dreyfus na França, seu *engajamento político*.

Nessa direção, Jean-Paul Sartre definiu os intelectuais como o conjunto de pessoas que, valendo-se de sua notoriedade, oriunda da realização de algum trabalho cuja ferramenta principal é a inteligência, fariam uso de sua reputação para intervir na sociedade de modo a tentar escapar a seus domínios e criticar o *status quo*, todos seus poderes estabelecidos e sua formulação dogmática de homem.

---

<sup>9</sup> Na Rússia czarista do final do século XIX, estes se notabilizavam por criticar o regime e o atraso social vivido, concorrendo para que, num futuro próximo, eclodisse o processo revolucionário que marcou a história deste povo. Para Marletti, de certo modo, este sentido ainda era recorrentemente encontrado na União Soviética, definindo como intelectuais aqueles que não se dedicavam a tarefas manuais, embora dependessem do sistema de produção: “A este respeito, é típica a definição de Intelectuais que é dada na União Soviética, pela qual estes constituem uma camada intermediária composta de “trabalhadores não manuais”, tais como os engenheiros, os médicos, os advogados, etc, os quais, apesar de se distinguirem do proletariado pelo conteúdo da atividade do trabalho, não têm, todavia, uma posição independente no sistema de produção.” (MARLETTI, 1999, p. 637)

(...) o intelectual é alguém que se mete no que não é de sua conta e que pretende contestar o conjunto das verdades recebidas, e das condutas que nelas se inspiram, em nome de uma concepção global do homem e da sociedade (...) originalmente, o conjunto dos intelectuais aparece como uma variedade de homens que, tendo adquirido alguma notoriedade por trabalhos que dependem da inteligência (ciência exata, ciência aplicada, medicina, literatura etc.), *abusam* dessa notoriedade para sair de seu domínio e criticar a sociedade e os poderes estabelecidos em nome de uma concepção global e dogmática (vaga ou precisa, moralista ou marxista) do homem (SARTRE, 1994, p. 14-15).<sup>10</sup>

Em consonância com o que foi elaborado por Sartre, Carlo Marletti destacou que, desde a ocasião do *caso Dreyfus*, o termo *intellectuels* teria ficado marcado por uma conotação negativa. Isso se deu, pois, se, inicialmente, se associava a disputas políticas que contrapunham os dreyfusards (apoiadores de Alfred Dreyfus) e os anti-dreyfusards (inimigos de Alfred Dreyfus), ao longo do tempo, passaria também a designar aqueles que optaram por uma determinada posição ideológica que se digladiava com a realidade na qual se inserem (MARLETTI, 1999, p. 637).

Entretanto, se esse tipo de posicionamento apresentado pelos autores que subcreveram o *Manifesto des Intellectuels* foi responsável pelo sentido negativo que, a princípio, o termo teve, numa direção oposta, para Jean-Paul Sartre, o comportamento crítico adotado, ao ensejar, obrigatoriamente, o *engajamento político*, constituiria a principal característica e qualidade dos intelectuais (SARTRE, 1994).

Em sua teoria da práxis, os intelectuais se atentariam para a existência de um despedaçamento existente em nossa sociedade e, em suas atividades diárias, acabariam por interiorizá-lo passando a viver uma contradição que precisaria ser resolvida a fim de se construir um mundo novo.

Dito de outra forma, o intelectual se tornaria um indivíduo que carregaria consigo os paradoxos da realidade na qual se insere e, numa luta contínua, passaria a tentar resolvê-los no plano mental. Feito isso, exercendo aquela que seria sua função fundamental, depois transporia esta luta para sua realidade contestando a ideologia dominante e seus valores com o fito de substituí-la por uma ideologia alternativa, capaz de sustentar uma sociedade mais justa e fraterna (SARTRE, 1994, p. 30-31).<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Sobre as discussões de Jean-Paul Sartre relativas aos intelectuais, além da obra supracitada que traz o conteúdo de três conferências realizadas pelo mesmo no Japão sobre o tema, ver também o trabalho de Paola Gentile Jacobelis. (JACOBELIS, 2011)

<sup>11</sup> Em sua trajetória, junto de sua teoria do existencialismo, Sartre tentou conciliar a teoria marxista. Nesta operação, quando propunha que a atividade dos intelectuais deveria ser uma ação guiada pelo

Assim, o intelectual é o homem que toma consciência da oposição, nele e na sociedade, entre a pesquisa da verdade prática (com todas as normas que ele implica) e a ideologia dominante (com seu sistema de valores tradicionais). Essa tomada de consciência – ainda que, para ser real, deva se fazer, no intelectual, desde o início, no próprio nível de suas atividades profissionais e de sua função – nada mais é que o desvelamento das condições fundamentais da sociedade, quer dizer, dos conflitos de classe e, no seio da própria classe dominante, de um conflito orgânico entre a verdade que ela reivindica para seu empreendimento e os mitos, valores e tradições que ela mantém e que quer transmitir às outras classes para garantir sua hegemonia. Produto de sociedades despedaçadas, o intelectual é sua testemunha porque interiorizou seu despedaçamento. É, portanto, um produto histórico. Nesse sentido, nenhuma sociedade pode se queixar de seus intelectuais sem acusar a si mesma, pois ela só tem os que faz (SARTRE, 1994, p. 30-31).

À luz das proposições do autor, percebe-se que, após definir e atribuir qual seria a principal característica dos intelectuais, ao apresentar sua função, ele os situa como produtos das contradições inerentes à sociedade na qual se inserem. Porém, para que uma pessoa pudesse adquirir o designativo de intelectual, necessariamente precisaria tomar consciência destas contradições e, em sua atividade cotidiana, passar a se valer de sua notabilidade para contribuir com a superação destas antinomias, aspecto que, grosso modo, poderia ser entendido como o tido *engajamento*.

Desta forma, o intelectual nada mais seria do que o fruto de uma dada situação histórica, na qual a função por ele exercida está também ligada a esta época. Na condição de pensador historicamente situado, ele buscaria superar os paradoxos de sua existência e, ao tentar comunicar ao mundo suas descobertas, visaria a fazer com que seu público também pudesse compartilhar destas (JACOBELIS, 2011, p. 14).

Ao fim e ao cabo, esse processo iria possibilitar à coletividade a superação das imposições que lhes são colocadas pela ideologia e pelos valores então hegemônicos, elementos que seriam os responsáveis pela manutenção das incongruências vividas (JACOBELIS, 2011, p. 14).

Por fim, em que pese certa dose de maniqueísmo nas proposições de Sartre, que dividiria os intelectuais em dois grupos, os *verdadeiros* e os *falsos intelectuais*, concorda-se com o autor quando ele afirmou que a condição precípua para que uma pessoa se configurasse como um intelectual passasse por conduzir suas ações a partir de seu *engajamento*.<sup>12</sup>

---

engajamento, trazia à tona a defesa da substituição do capitalismo e de sua ideologia pelo ideário marxista, que carregaria consigo valores mais próximos daquele que preconizava em sua teoria filosófica.

<sup>12</sup> Este *engajamento* não necessariamente teria que se pautar pelo jogo político partidário, embora em muitos casos isto também ocorra. De um modo mais amplo, nos termos de Pierre Bourdieu, ele se

Numa interpretação que mantém pontos de aproximação com a proposta de Jean-Paul Sartre, Norberto Bobbio pontua que existiriam dois tipos principais de intelectuais, cujas denominações adviriam das funções que exercem no meio social: os *ideólogos* e os *expertos* (BOBBIO, 1997).

Por natureza, o intelectual possui uma função política e, sem se menosprezar que, na prática, a realidade social se mostra mais complexa e tende a confundir as duas acepções, Norberto Bobbio definiu aquilo que iria diferenciar as noções que elaborou. Para ele, grosso modo, os *ideólogos* trabalhariam na condição de criadores ou transmissores de ideias, ao passo que os *expertos* seriam aqueles que se pautariam pelas proposições que se voltariam para as ações que deveriam ser tomadas para se poder chegar ao fim proposto:

Por “ideólogos” entendo os que fornecem princípios-guia, por “expertos”, aqueles que fornecem conhecimentos-meio. (...) Os ideólogos são aqueles que elaboram os princípios com base nos quais uma ação diz-se racional por estar em conforme a certos valores propostos com fins a perseguir; os expertos são aqueles que, sugerindo os conhecimentos mais adequados para o alcance de um determinado fim, fazem que a ação que a isso se conforma possa apresentar-se como uma ação racional segundo os fins (...) Como sempre, também nesse caso a realidade social é mais complicada do que as categorias que empregamos para dominá-la mentalmente: não há ideólogo que não peça socorro a conhecimentos técnicos para elaborar seus princípios, não há experto que não deva ter alguma ideia dos fins para dar sentido às suas análises (BOBBIO, 1997, p. 118-119).

Para o autor, quando se analisam os intelectuais, uma das mais graves confusões ocorridas se remete à mistura que se realiza entre a reflexão relativa ao que se poderia enquadrar em tal definição e aquilo que se poderia prescrever como a função que estes deveriam realizar na sociedade (BOBBIO, 1997, p. 13).

Acerca de tais questões, ele contestou, em parte, as proposições de Jean Paul-Sartre ao afirmar que sua distinção entre *verdadeiros* e falsos *intelectuais* seria decorrente, justamente, deste equívoco que se comete ao confundir a definição e o hiato existente entre a função de fato exercida e aquela que se preconiza para eles.

A melhor prova dessa confusão é a distinção que Sartre (cito propositalmente um autor ao qual é impossível não se referir quando se discute o tema) introduz entre “verdadeiros” e “falsos” intelectuais. Falsos são os que desempenham uma função que para Sartre é negativa, e é negativa unicamente porque não desempenham a função que segundo ele deveriam desempenhar. Assim, será verdadeiro intelectual o revolucionário; falso o reacionário, verdadeiro

---

marcaria mais pela ação de disputa num dado campo, na qual os sujeitos ocupariam posições e disporiam de capitais diferenciados sempre visando a conquista da hegemonia deste.



será aquele que se engaja; falso, todo aquele que não se engaja e permanece fechado na torre de Marfim (BOBBIO, 1997, p. 13-14).

Na citação acima, além de se poder constatar as diferenças no posicionamento em relação àquilo que Sartre postulou como os *verdadeiros* e os *falsos intelectuais*, evidencia-se uma última diferença significativa entre as posições tomadas pelos autores a respeito dos intelectuais que precisa ser mencionada.

Essa se originaria do fato de que, se para Sartre o *verdadeiro intelectual* jamais poderia se colocar em defesa da ordem burguesa, em sua definição, Bobbio matizou o entendimento relativo aos intelectuais. Para ele, por não constituírem um grupo homogêneo e não serem representados por um partido político, salvo em sociedades teocráticas, eles jamais seriam portadores de uma única doutrina ou ideologia (BOBBIO, 1997).

Essa formulação abarcaria tanto a existência de intelectuais que atuariam em defesa de valores tradicionais e da manutenção do *status quo*, quanto a luta de representação na qual estes e aqueles, que seriam seus opostos, tentariam se colocar como o arquétipo ideal de intelectual, ao passo que, concomitantemente, ao atacarem seus inimigos, buscariam deslegitimar a condição destes enquanto tal:

(...) segundo as ideias que sustentam e pelas que se batem, são progressistas ou conservadores, radicais ou reacionários; segundo as ideologias que defendem, são libertários ou autoritários, liberais ou socialistas; segundo a atitude diante das próprias ideias que sustentam, são céticos ou dogmáticos, laicos ou clericais. Dos dois lados da barricada, uns e outros lançam-se acusações ferozes e, naturalmente entre essas acusações está também a de não pertencer à categoria (BOBBIO, 1997, p. 116-117).

Evidencia-se que Bobbio postulou uma versão menos restritiva de intelectual, dentro da qual além daqueles que atuariam em defesa do *status quo*, se situaria também um grupo que, nos termos propostos por Sartre, teriam como função desvelar as contradições com o fito de se construir uma nova realidade embasada não mais pela ideologia e valores capitalistas, mas por uma posição mais equânime.

Levando em consideração também as proposições de François Dosse, para quem a biografia, além dos “homens de ação”, também abarcaria cada vez mais os escritores, filósofos e homens de letras e que a narrativa destes últimos deveria valorizar, concomitantemente o “existir” e o “pensar”, ou seja, cotejar a produção e o mundo real no qual o autor se inseria (DOSSE, 2009, p. 361)<sup>13</sup>, será sob esta perspectiva apresentada que se

<sup>13</sup> “O existir e o pensar devem ser retomados juntos em seus respectivos recortes, numa abordagem que não dependa nem do internalismo nem do externalismo, mas enfatize, a fim de funcionar como ponte

aprenderá o papel intelectual exercido por Oscar Machado neste trabalho recorrendo ao gênero da biografia histórica para se poder matizar melhor como, em um mesmo instante, ele circulou por diversos domínios da realidade na qual se inseria mesmo que, a princípio, algumas combinações das posições por ele ocupadas se mostrassem, aparentemente, irreconciliáveis, não se mostrando, portanto, passível de ser analisado apenas por seus escritos e posições políticas.

Desta forma, ao associar suas atividades enquanto educador metodista às suas ações no campo político e sua atuação na maçonaria, as possíveis incongruências e descompassos verificados serão abordados para se demonstrar que elas se tornam mais relevantes e reveladoras do que uma análise desenvolvida sob um ponto de vista teleológico, com um narrativa linear e organizada em razão de seus resultados finais.

Feita a apresentação acerca do que se entende pela categoria de *intelectual*, que será vital para a análise da biografia de Oscar Machado, para concluir, antes de apresentar a divisão do trabalho, é preciso sublinhar que, ao lado de uma copiosa e diversificada tipologia de fontes primárias a ser aqui utilizada<sup>14</sup>, um último conjunto documental sobre o qual é preciso discorrer um pouco são as entrevistas concedidas por pessoas ligadas a essas instituições metodistas e à maçonaria, cujas informações se tornaram bastante importantes para a reconstituição de sua biografia.

Assumindo, à luz das proposições de Verena Alberti, que a História Oral é um método qualitativo e produtor de fontes de consulta que possui ligação estreita com a biografia, entende-se que ela exige certos cuidados adicionais do historiador dada sua subjetividade, fato que, não obstante, não desabona em nada sua validade científica (ABERTI, 2000).

A esse respeito, configurando-se como muito mais do que um amontoado de dados factuais, concorda-se com a afirmação de Paul Thompson, que asseverou ser um dos grandes perigos ao se trabalhar com História Oral a necessidade de, junto da coleta dos depoimentos, debruçar-se sobre os mesmos para refletir acerca do que os entrevistados realmente dizem, sem perder de vista que, muitas vezes, nesses relatos há uma reconstrução do passado vivido com o fito de atribuir-lhe um sentido, suprimindo aspec-

---

entre esses dois polos, aquilo que os psicanalistas chamam de atenção flutuante ao sujeito biográfico.” (DOSSE, 2009, p. 369)

<sup>14</sup> Esta é composta do acervo pessoal da família, da documentação e dos periódicos pertencentes dos institutos metodistas nos quais ele atuou, *Granbery*, de Juiz de Fora, e *Instituto Porto Alegre*, das instituições onde ele estudou no EUA, dos documentos produzidos pela Ação Integralista Brasileira e pelo Partido de Representação Popular destas localidades, diversos periódicos de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul bem como da documentação elaborada no exercício das atividades da polícia de Minas Gerais e de Porto Alegre.

tos indesejáveis ou acrescentando elementos antes ausentes para tornar a memória mais desejável, respeitável.

Muitos historiadores orais ficaram tão absorvidos em ler o que coletam acima de tudo como narrativas, enfocando como eles dizem o que eles dizem, que não têm tempo para refletir sobre o que os entrevistados realmente dizem. Então, sim, há que se tornar sensível à narrativa, sem contudo ir longe demais! Pois, se assim o fizer, perderá todas aquelas potencialidades e propósitos originais da história oral. (THOMPSON, 2002, p. 24)

Nessa direção, tendo em conta as armadilhas que são escamoteadas em tal metodologia, nos termos da proposta deste trabalho, sem se hierarquizar no conjunto documental as entrevistas, depoimentos e as demais tipologias, a história oral será tomada como uma produtora de fontes que irão ajudar a entender melhor aquilo que se desconhece em relação a certos aspectos da trajetória de Oscar Machado.

Marco Aurélio Garcia, quando trabalhou com os depoimentos de mulheres militantes das organizações clandestinas que lutaram contra as ditaduras no Brasil e na Argentina nas décadas de 1960 e 1970, ao discorrer sobre a utilização da metodologia da história oral e asseverar que ela devolve a esfera privada para o tabuleiro social, atestou que:

A iluminação desse lado até então escondido do passado deu historicidade à trajetória de sujeitos supostamente sem história. Mas essa perspectiva que o/a militante hoje possui para reapropriar-se de sua trajetória pretérita só pôde constituir-se na medida em que a experiência vivida permitiu ir reconstruindo uma outra história. (...) O uso de depoimentos é mais do que um recurso técnico do qual lança mão o pesquisador à falta de outras fontes. Há uma relação de funcionalidade entre eles e o objeto pesquisado na medida em que os depoimentos são capazes de restituir, por sua forma e pelos conteúdos que trazem à tona, aspectos da ação humana desconsiderados porque até então tidos como carentes de historicidade e de significação política. (GARCIA, 1997, p. 337-338)

No tratamento destes materiais para a possível incorporação de seus trechos no texto final desta tese, tirante as dúvidas colocadas em relação ao uso desse tipo de metodologia, – principalmente sobre o caráter de verdade do relato e sobre a confiabilidade da memória do entrevistado – através do cruzamento das informações obtidas nos demais conjuntos documentais coligidos e na própria bibliografia proposta, será possível extrair o máximo de contribuições que a história oral oferece ao trabalho do historiador.

Desta forma, em acordo com a metodologia utilizada na Fundação Getúlio Vargas, buscou-se alterar o menos possível seu conteúdo, pois acredita-se que assim se con-

ferirá mais fidedignidade àquilo que foi apresentado pelas pessoas com quem se conversou. (ALBERTI, 2004)<sup>15</sup>

A ideia aqui é a de que, com amparo nas proposições de Jean-François Sirinelli acerca das redes de sociabilidades se possa, confrontando-se a documentação coligida e o material resultante das entrevistas e depoimentos, traçar um panorama destes espaços nas quais Oscar Machado se inseriu, sobretudo no que concerne a suas ações no campo intelectual e político. (SIRINELLI, 2003)

Tal estratégia permitirá que se conheça um pouco melhor sobre a cartografia dos *campos* nos quais se deram suas principais atividades, sem se esquecer que as relações entre os *projetos individuais e coletivos* no seio de estruturas maiores como um partido, um departamento ou colegiado universitário, dentre outras, nem sempre são correspondentes, sofrendo alterações em decorrência do fato destes locais serem dotados de tensões e intensas disputas por espaços de poder que, nos termos de Gilberto Velho, se encontram imersos num *campo de possibilidades*.

As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de *projetos* com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e da interação com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do *campo de possibilidades*. Os *projetos*, como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam através de seus *projetos*. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente. (VELHO, 1997, p. 47-48)

Um último elemento a respeito do modo como serão lançadas as informações relativas às fontes pesquisadas se referem aos jornais e demais tipos de documentos escritos. Na citação de tais materiais optou-se, tanto por manter suas grafias originais, quanto por não se fazerem quaisquer tipos de correções em erros de ortografia, faltas ou excesso de caracteres com o objetivo de, ao preservar sua originalidade, também conferir mais verossimilhança ao relato proposto.

Por fim, para tratar das questões propostas neste trabalho, no primeiro capítulo, serão expressos aspectos referentes aos momentos iniciais da trajetória de Oscar Machado, cuja finalidade é discorrer sobre a forma como ele se tornou metodista e como a

---

<sup>15</sup> Um aspecto importante a ser destacado aqui é que, diferentemente dos demais relatos feitos em forma de entrevistas, quando se conversou com Beatriz Machado Medeiros de Albuquerque e Cláudia Thimming, respectivamente filha e neta de Oscar Machado, por conta de todos os aspectos relacionados à forte carga emocional que versar sobre sua trajetória trouxe, em acordo firmado com as mesmas, não se realizou uma entrevista propriamente dita, mas sim duas conversas não gravadas. Embora estas não possam ser citadas como fontes aqui no trabalho final, foram de grande valia pois aventaram possibilidades de descobertas de fontes das quais se extraíram informações importantes.

concepção pedagógica e a estrutura do sistema de ensino da denominação religiosa colaboraram para que ele se forjasse enquanto um de seus importantes intelectuais.

Para se levar a cabo tais intentos, além de assuntos pertencentes às esferas pessoal e familiar, que tiveram impacto direto em sua relação com o metodismo, será preciso abordar, tanto questões referentes à história da designação, quanto a seu envolvimento com a educação ao longo dos séculos, para que se possa compreender seus principais pilares e sua estruturação no Brasil, em especial nas regiões sul e sudeste, locais nos quais Oscar Machado atuou na condição de professor e gestor de instituições metodistas de ensino.

No segundo capítulo, no período compreendido entre 1930 e meados de 1934, se realizará a definição de Oscar Machado na condição de um intelectual para, depois, se mensurar a importância que o metodismo teve em sua formação. Serão abordadas também questões relativas à trajetória do metodismo em Juiz de Fora e a configuração de seu educandário, o *Instituto Granbery*, como um centro formador da *intelligentsia* metodista no Brasil. Num terceiro momento, serão avaliadas também a chegada de Oscar Machado à cidade, sua consolidação enquanto intelectual metodista e as atividades que ele e sua esposa desempenharam na Igreja Metodista local e em algumas de suas áreas de atuação como os serviços voluntários e educacionais.

No capítulo seguinte, com Oscar Machado já estabelecido como um intelectual metodista em Juiz de Fora, enveredando-se pelo histórico de sua presença na cidade e pela historiografia sobre o integralismo, pretende-se perceber como se deu a chegada deste movimento político à cidade e de que modo Oscar Machado participou de seu estabelecimento e organização, sem ignorar que aspectos advindos de sua formação intelectual e de sua trajetória como um todo tiveram implicações nisso.

Em paralelo, junto das disputas políticas e por espaços ocorridas no interior do Instituto Granbery, que terminaram com a ascensão de Oscar Machado, serão debatidas as supostas incongruências de suas atuações no metodismo, integralismo e maçonaria sendo que, pela perspectiva destes, se tentará avaliar de que forma alguns elementos aparentemente díspares se amalgamaram até o momento de sua transferência para o Rio Grande do Sul.

No quarto capítulo será contemplado o desempenho das atividades de Oscar Machado no setor educacional metodista, relativamente ao cargo e às ações tomadas à frente do *Instituto Porto Alegre* (IPA), em meio a um conturbado período no qual esteve

em curso a nacionalização do ensino no estado do Rio Grande do Sul de modo bem mais incisivo do que o verificado em outras regiões do país.

Nesse sentido, no tocante ao trabalho desempenhado por Oscar Machado à frente do IPA, se buscará entender os motivos pelos quais ele foi escolhido para ser o primeiro reitor brasileiro da instituição e qual foi o caminho trilhado na condução de seu processo de nacionalização.

Tal qual o ocorrido no capítulo anterior, perante a teoria de Pierre Bourdieu, se investigará como as estruturas arraigadas no mesmo foram importantes para que se processasse a nacionalização do instituto e o surgimento de novos elementos que congregavam a bagagem que Oscar trazia de sua infância, com aquilo que ele incorporou em sua passagem pelos EUA e Juiz de Fora, criando algo novo como o “espírito ipaense” e toda a simbologia da instituição que, em linhas gerais, refletia as transformações que o próprio Oscar atravessou.

No final do capítulo será ainda abordada a sua atuação na condição de líder leigo do metodismo, seja em face de suas participações em eventos e reuniões religiosas e ligadas à presença de lideranças importantes de sua igreja em Porto Alegre, seja por conta de sua atuação em concílios regionais, nos quais participou com significativo destaque.

No quinto e penúltimo capítulo, ao se remeter à análise da esfera política, se esquadrinhará a chegada e a consolidação do integralismo no Rio Grande do Sul, situando a presença de Oscar Machado na condição de um importante e atuante líder deste movimento político em sua organização, bem como de que modo se deu sua participação na disputa eleitoral, quando concorreu ao posto de deputado estadual no ano de 1934.

Na sequência, abordar-se-ão algumas das polêmicas nas quais Oscar Machado se viu envolvido, que mantinham vinculações com sua atuação à frente do IPA e a acusação feita por pais de ex-alunos e ex-professores do educandário que rotularam o reitor como um radical integralista.

No trecho final do capítulo, se analisará uma das principais marcas da presença do integralismo no Rio Grande do Sul, a participação de protestantes e católicos em seu interior, sobretudo em suas lideranças, ainda que não só nestas, de modo a diferenciá-lo das experiências existentes ao longo do resto do país, sem perder de vista também que, em suas hostes, se fizeram presentes maçons, elementos que ocasionaram certas polêmicas que precisaram ser contornadas por suas lideranças.

Com tal composição, se pretende apreender melhor as cisões existentes no movimento político, decorrentes da presença de protestantes e maçons em suas hostes, pelo fato deste, em diferentes momentos, ter tentado se aproximar Igreja Católica, inclusive reivindicando o apoio oficial desta a suas ações.

Além disso, considerando a perseguição aos imigrantes italianos e alemães e aos partidários dos diversos tipos de fascismos em Porto Alegre, situando nestes últimos Oscar Machado e sua família, se abordarão alguns aspectos referentes ao monitoramento por parte da polícia política, ainda que não tenham, de fato, sido devassados por esta e às ameaças que eles sofreram no período.

No sexto e último capítulo, serão analisados os momentos de ápice e de desmantelamento da AIB no Rio Grande do Sul, com ênfase na intensa atividade de Oscar Machado no ano de 1937, no contexto eminentemente anterior ao golpe de estado que originou a ditadura varguista e decretou o fechamento de todos os partidos políticos, dentre eles o integralismo.

Posteriormente, serão analisadas as tentativas de golpe integralista em março e maio de 1938, as prisões de lideranças integralistas gaúchas neste contexto, dentre as quais a de Oscar Machado, situação que pode ser tomada como o fim das atividades da AIB no estado.

Na sequência, com a diminuição das atividades políticas desempenhadas por Oscar Machado, o foco da investigação se voltará para suas ações no setor educacional, sobretudo naquilo que pode ser considerado o ápice de sua carreira intelectual, sua atuação enquanto professor na Universidade do Rio Grande do Sul (URGS), que teve início no contexto do processo de reformulação da universidade, quando, em 1943, ele foi admitido como docente para a cadeira de Psicologia.

Nessa conjuntura, na condição de professor da instituição, ele participou de uma disputa que, além de intelectual, se fazia também religiosa e política, uma vez que, junto das cisões entre católicos e protestantes, ele fez parte de um grupo de professores que ao adentrar na universidade se contrapunham àqueles defensores da corrente positivista.

Por fim, retomadas as atividades políticas dos integralistas no contexto posterior à Segunda Guerra Mundial, quando estes constituíram o PRP, serão examinadas também a breve atuação de Oscar Machado no Partido Social Democrático (PSD), sua chegada e ascensão nas hostes do PRP.

Num segundo momento, serão abordadas as disputas internas ocorridas no partido, a saída de Oscar Machado, seu ingresso no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)

e seu posterior retorno ao PRP, sendo que entre estes movimentos ele oscilou de liderança importante em todo o estado para uma liderança que, nos anos finais de existência do partido, viria a atuar em seu núcleo municipal de Porto Alegre no início da década de 1960, chegando a se lançar como candidato ao posto de vereador no ano de 1962.

Para concluir, com a ditadura civil militar, ao abordar o fechamento dos partidos políticos, com a atuação de Oscar Machado em cargos de livre nomeação, apontar-se-á para aquilo que se entende como auge de suas atividades políticas, que não se deu sob a roupagem integralista, mas sim pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA), assunto que por si só renderia um outro objeto de pesquisa.



## 1. OSCAR MACHADO: ORIGENS DE UM INTELLECTUAL MULTIFACETADO

### 1.1 O METODISMO WESLYANO: UMA RELIGIÃO TRANSNACIONAL PAUTADA PELO BINÔMIO EDUCAÇÃO E FÉ

Com origem na Inglaterra em 1739, encerrando um processo histórico que durou mais de dois séculos, o metodismo, movimento religioso cristão ocorrido no seio da Igreja Anglicana, que foi liderado por John Wesley e seus seguidores, é considerado como a última etapa do que se convencionou chamar de *Protestantismo Histórico*.<sup>16</sup>

Em resumo, poderia-se afirmar que, em decorrência das acusações de degradação moral de parte do corpo eclesiástico da Igreja Católica e também em virtude das práticas ilegítimas que exploravam a credulidade dos fiéis, tais quais a venda de indulgências e de falsas relíquias, desde seu surgimento, o metodismo defendeu a realização de uma ação voltada para a salvação do próximo, realizada sem a mediação de santos ou sacerdotes, cujo objetivo último seria a reforma da Igreja e da Nação.<sup>17</sup>

Nos momentos iniciais, John Wesley, ao viajar por cinquenta anos, pregando por todo o Reino Unido, tinha como meta destacar os problemas sociais da época oriundos da Revolução Industrial, apontada como responsável pela transformação da estrutura social inglesa sendo que suas ideias pautaram a organização de uma educação destinada especificamente aos adultos. O ensino ocupou um lugar privilegiado na ação social, servindo para construir escolas destinadas à instrução de todos. (SALVADOR, 1979)

Após ter sido levado para os Estados Unidos da América (EUA) por imigrantes de origem irlandesa que haviam sido convertidos em seu país pelas pregações de John Wesley, ao passar por um processo de expansão transnacional e transcultural, na América, o metodismo manteve, junto de suas ações voltadas para a atração de novos adeptos, uma de suas principais marcas que é o trabalho voltado para a educação. (MESQUIDA, 1994, p. 107)

Assim, pouco tempo após o processo de Independência das Treze Colônias e a formação dos EUA, os metodistas iniciaram um movimento de expansão religiosa com

---

<sup>16</sup> Por *Protestantismo Histórico* entende-se o cristianismo praticado pelas Igrejas Presbiteriana, Luterana, Metodista, Anglicana e Congregacional. Este se constituiu como um movimento reformador e de ruptura com a Igreja Católica, mas, manteve elementos oriundos do cristianismo ortodoxo, a exemplo da crença na Trindade, pai, filho e espírito santo, da bíblia como o único livro sagrado entre outros.

<sup>17</sup> Além destas, o metodismo mantinha outras divergências relativas às práticas e princípios da Igreja Católica como, por exemplo, a condenação do culto às imagens, da instituição do celibato, da realização de missas em latim e também acerca da autoridade papal. Sob perspectivas diferentes, sobre o protestantismo ver: (CHAUNU, 1993; HILL, 1987 e MCGRATH, 2012).

um sucesso nunca visto antes. Ao realizar seus trabalhos sob a égide do binômio educação e fé, os números por eles alcançados nos EUA são bastante expressivos pois, somente no período compreendido entre os anos de 1831 e 1870, tem-se que seus praticantes construíram mais de 200 escolas e fundaram 34 instituições universitárias. Ao fim e ao cabo, isso fez com que a denominação religiosa acabasse por se transformar na mais poderosa agência educacional protestante do país. (MESQUIDA, 1994, p. 108)

Como o maior movimento protestante dos EUA, adotando uma estrutura diferente da verificada na Inglaterra, caracterizava-se, dentre outros aspectos, pela defesa de vários princípios como o individualismo, marca do Iluminismo liberal presente no século XVIII. (GONÇALVES, 2007)

A autonomia que João Wesley havia cedido aos metodistas possibilitou um desenvolvimento autêntico do metodismo nas Treze Colônias. A primeira grande diferença reside no fato de que o metodismo norte americano se transformou em Igreja, coisa que Wesley nunca consentiu ao metodismo inglês. Além disso, a Igreja Metodista da América do Norte tomou a forma episcopal, tida como a mais adequada para superintender uma Igreja em expansão no novo continente. Finalmente, a pregação ao ar livre, método evangelístico principal dos metodistas ingleses, foi, em alguma medida, substituída pelos acampamentos (*camp meetings*), ou seja, reuniões de reavivamento realizadas em regiões rurais durante dias consecutivos. (CORDEIRO, 2003, p. 38)

No decurso do trajeto percorrido desde sua chegada ao território americano no início da década de 1760 sob a forma de Igreja Metodista Episcopal, ele teve uma intensa atividade e crescimento em razão da eclosão do movimento de Independência dos EUA e seu processo de expansão territorial para o oeste, que ampliou bastante sua formação original. (CORDEIRO, 2008, p. 31)

No interior deste processo, no qual a população branca avançou sobre as terras indígenas dizimando centenas de denominações ameríndias, é digno de nota a importância do *mito da fronteira* que serviu de justificativa, tanto para este episódio, quanto para eventos posteriores da história americana.<sup>18</sup>

Extrapolando os aspectos relativos ao *mito da fronteira*, dada a estrutura adotada nos EUA, o metodismo se adaptou muito bem às condições do país e se expandiu

---

<sup>18</sup> Sobre as características assumidas pelo metodismo após sua chegada à América, via EUA, e a importância do *mito da fronteira* ver: (MESQUIDA, 1994). Junto deste, Jackson Luiz de Oliveira Pires, ao abordar o papel dos metodistas nas ações missionárias, adota também com a noção de *zonas de contato*, que seriam os locais sociais nos quais diferentes culturas se entrelaçariam numa vinculação assimétrica de dominação e subordinação, podendo também explicar o processo de transculturação como um produto resultante destas “zonas de contato” através de um processo de tensões e trocas referentes às interações destas culturas. (PIRES, 2013, p. 24-25)

respondendo às suas necessidades. Isto é posto, pois, dotado de pregadores leigos itinerantes, solteiros, com baixo grau de escolaridade, linguagem acessível e habituados a uma prática religiosa informal, ao pregar que a condenação era universal, sendo possível escapar dela ao pautar sua vida por valores morais e boas obras, conseguia contribuir, inclusive, para a manutenção da ordem na região da fronteira, antes da criação das instituições governamentais, funcionando como uma das fontes de autoridades locais. (PIRES, 2013, p. 32)

Concomitantemente a seu crescimento, não é de todo descabido propor que isto ajudou a difundir alguns dos elementos que eram partilhados pelos cidadãos americanos como, por exemplo, o individualismo e o voluntarismo, que se pautavam pela liberdade de cada pessoa, uma das bases da democracia criada no país. (PIRES, 2013)

Destarte, se o *mito da fronteira*, associado à organização da denominação religiosa, pode ser considerado como uma das principais molas propulsoras do metodismo nos EUA, de modo quase indissociável, por ter se apropriado da religião civil norte americana<sup>19</sup> e do discurso legitimador de suas ações imperialistas, também ajuda a explicar seu fortalecimento e expansão.

A conversão de agrupamentos diferentes ao metodismo, que era colocado como uma expressão mais pura do cristianismo, acabou por se amalgamar de tal forma na cultura do país que se constituiria em um dos argumentos centrais da expansão do modelo ideal da sociedade e civilização norte americanas, na condição de povo escolhido, seja para o oeste ou para outras regiões do globo. (PIRES, 2013, p. 30-32)

Esta influência norte-americana incita o pesquisador a aprofundar o tema sobre o papel que a Igreja Metodista teria representado na expansão transcontinental. Se o metodismo era uma religião de “fronteira”, ele podia transpô-la acompanhando e até precedendo a expansão imperialista americana. (MESQUIDA, 1994, p. 101)

Destacando-se por sua atuação educacional e evangelizadora e também por seu poderio econômico mas, principalmente, pelo fato de que seus princípios básicos iam ao

---

<sup>19</sup> Por religião civil norte americana nos valem da proposição de Robert Bellah que assim foi apresentada por Jackson Liz de Oliveira Pires: “Definida como a dimensão religiosa do mundo público, ela é “expressa num conjunto de crenças, símbolos e rituais”. Para o autor, os “símbolos sagrados desempenharam um papel crucial no desenvolvimento das instituições americanas e ainda conferem uma dimensão religiosa a toda a textura da vida americana, incluindo a esfera política”. Para Bellah, existem certos elementos comuns de orientação religiosa que são compartilhados pela grande maioria dos norte-americanos, como, por exemplo, a ideia da Providência Divina, ou seja, a crença que Deus havia dado uma missão especial para aquela nação. Temos ainda, nessa linha, o mito da América como a terra prometida, o qual se relaciona com a ideia de sacrifício, devido às várias guerras enfrentadas pelo país. (PIRES, 2013, p. 16)

encontro dos ideais nacionais e nacionalistas americanos, o metodismo se tornou a Igreja mais influente dos EUA no século XIX.

Guiada pelas concepções acima abordadas, ela passou a utilizar sua influência e poder alcançados e a direcionar suas atividades para as ações missionárias na América do Sul, o que ampliou, consideravelmente, seu raio de atuação no continente. (MESQUIDA, 1994, p. 101)

Sob tal ótica, sem que se despreze o fato de que os EUA e a Igreja Metodista sofreram os impactos da guerra civil americana, é patente que, no século XIX, a designação religiosa se consolidou institucional e financeiramente e se valeu de um posicionamento religioso que instrumentalizava a lógica da excepcionalidade dos EUA como povo escolhido para levar a salvação ao resto do mundo. Por meio de uma adaptação de tais formulações foi que, a partir da década de 1870, os metodistas se lançaram em missões estrangeiras no sul do continente onde o Brasil seria um alvo importante.<sup>20</sup>

## 1.2 A PRESENÇA PROTESTANTE NO BRASIL E AS PRIMEIRAS AÇÕES DO METODISMO

Compreendendo a conformação do metodismo nos EUA no século XIX e o modo como suas proposições se amalgamaram a aspectos constituintes da cultura verificada no país, o que se verificou em relação ao Brasil foi que, após uma primeira breve incursão realizada entre os anos de 1836 e 1841, na qual foram lançadas as primeiras sementes das ações metodistas, seria somente após o término da Guerra de Secessão (1861-1865) que o país passaria a ser alvo das atividades da denominação religiosa.<sup>21</sup>

Terminado o conflito, entre 1865 e 1868, fugindo do governo e da presença de ex-cativos que foram libertados com a abolição da escravidão, algo em torno de 3000 confederados, que haviam perdido suas posses nos EUA e/ou que não aceitavam bem a

---

<sup>20</sup> Esta discussão se encontra ampliada em: (PIMENTA, 2017).

<sup>21</sup> A chegada dos metodistas, os motivos que facilitaram sua aceitação, as adversidades enfrentadas bem como as ações desenvolvidas por eles se encontram abordadas na bibliografia produzida, seja por parte de memorialistas metodistas, ou pelos pesquisadores que analisaram as atividades da denominação religiosa. Por hora, salienta-se que, já nesta primeira incursão, interrompida por conta de infortúnios ocorridos com alguns dos missionários que para cá se dirigiram, foram desempenhadas ações na esfera educacional com a abertura de uma escola que foi a única em toda a América a aceitar a presença de filhos de escravos, situação que lhe rendeu críticas por parte do clero católico. Sobre estas questões, ver: (SANTOS, 1837; 1838; 1839). Para detalhes das ações metodistas no período, entre outros, ver: (KENNEDY, 1928; LONG, 1968, p. 27; SALVADOR, 1979; 1982; PIRES, 2013; CORDEIRO, 2003; 2008 e MESQUIDA, 1994).

derrota das tropas sulistas, recusando-se a empenhar seu juramento aos que assumiram o poder, emigraram para o Brasil. (BANDEIRA, 2007)

Estabelecendo-se no centro sul do país, em especial no estado de São Paulo, concentrou-se o maior contingente desses imigrantes numa região que cobria as localidades de Saltinho, Limeira, Santa Bárbara do Oeste e a Vila de Americana, que futuramente originaria a cidade de Americana. (LONG, 1968 p. 52)

A estratégia utilizada pela Igreja Metodista para a disseminação de seus valores, no Brasil, seguia uma lógica muito bem definida erigida sobre quatro pilares fundamentais que acabavam se complementando e atingindo desde os grupos sociais mais abastados, até as populações mais pobres, a saber: a distribuição de bíblias, a pregação da palavra, a abertura de escolas dominicais e de educação formal. (MESQUIDA, 1994, p. 114)

Neste ínterim, dentre os milhares de norte-americanos do sul que para cá vieram, Junius E. Newman merece destaque. Depois de chegar sozinho ao país e conseguir prosperar na região do Rio de Janeiro como obreiro da Igreja Metodista Episcopal do Sul, ele retornou aos EUA para buscar o restante de sua família. (LONG, 1968, p. 54)<sup>22</sup> Dois anos após iniciar a pregação entre os colonos americanos, em 1871, Newman organizou a primeira Igreja Metodista em Saltinho-SP. Após a morte de sua esposa e de seu segundo casamento, ele se mudou para Piracicaba, onde, em 1879, suas filhas, Annie A. Newman e Mary A. Newman, abriram o colégio que pode ser considerado a pedra fundamental daquilo que, no futuro, viria a originar o *Colégio Piracicabano*, primeira escola metodista do país. (KENNEDY, 1928, p. 16-19; SALVADOR, 1979, p. 54-55)

Apesar de um início auspicioso, por conta do casamento de Miss Annie com o Reverendo John James Ransom, do precoce falecimento dela, associado às complicações de saúde pelas quais sua irmã passou, bem como pela crise financeira que a escola começou a enfrentar, a continuidade do funcionamento do colégio foi inviabilizada no ano de 1880, fazendo com que fechasse suas portas. (KENNEDY, 1928, p. 18-20)<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> Evidencia-se que, próximo a meados do século XIX, as divergências entre o norte e o sul dos EUA atinentes à questão escravista, que culminou na Guerra de Secessão (1861-1865), tiveram reflexos diretos na organização do metodismo no país, bem como nas outras denominações protestantes. Acompanhando as questões candentes, os metodistas acabaram por passar por um processo de cisão em 1846 quando foi criada a Igreja Metodista Episcopal do Sul, sendo que a reunificação das duas igrejas metodistas existentes desde então só ocorreu em 1968. (CORDEIRO, 2003, p. 41-42, PIRES, 2013, p. 31)

<sup>23</sup> Malgrado esse infortúnio, é importante mencionar que, em 1876, o envio do Reverendo John J. Ransom para o Brasil na condição de primeiro missionário oficialmente a trabalho da Igreja Episcopal do Sul significou o reconhecimento das atividades desempenhadas por Junius E. Newman. (CORDEIRO, 2003, p. 52) John J. Ransom teve uma grande importância para as atividades metodistas na região sudeste e também para o desenvolvimento destas na região sul, aspectos que serão abordados adiante.

Desta feita, se os esforços empreendidos pelas filhas de Junius Newman significaram os primeiros passos para a edificação das atividades educacionais em Piracicaba, pautando-nos pelo relatório anual da *Board of Missions of Methodist Episcopal Church*<sup>24</sup> do ano de 1911, teria sido a partir de 1881 que essas atividades efetivamente se consolidariam.

Neste ano, com o intuito de desenvolver atividades evangelizadoras, o Reverendo Ransom enviou para Piracicaba os missionários J. W. Konger e J. L. Kennedy, sendo, junto a esses, também enviada a Srta. Martha Watts, cuja tarefa seria a de dar início ao trabalho educacional. (PIRES, 2013, p. 40)<sup>25</sup>

Martha Watts iniciou suas atividades no setor educacional em junho de 1881 quando abriu uma escola dominical atendendo antes do culto da manhã aos filhos e netos dos imigrantes americanos. Aprendendo, rapidamente, a falar a língua portuguesa, ampliou suas atividades em 15/09/1881 ao abrir o *Colégio Piracicabano* que, até o mês de dezembro, contou com apenas uma aluna. (SALVADOR, 1982, p. 69)<sup>26</sup>

Uma vez consolidado e procedido pela instalação de outras unidades escolares metodistas, em 1901, no aniversário de vinte anos do *Colégio Piracicabano*, num discurso no qual minimizou as atividades de proselitismo religioso<sup>27</sup> praticados na instituição, Prudente José de Moraes Barros assim discorreu sobre o metodismo e suas ações educacionais:

Dizem alguns que não se conformam com o systema americano que o móvel que traz às nossas plagas o educador americano, é o interesse da propaganda religiosa. Mas, embora isto seja verdade, não vejo o mal que dali possa resultar. De facto qual é a religião que propagam os americanos? (...) É a religião de Christo é a religião da paz, do amor e da confraternidade humana. Pois não é o evangelho de Jesus a pedra angular sobre que se assenta a sociedade moderna? (...) e não é esta doutrina que tem contribuído nos tempos modernos para os progressos da civilização de que hoje, gozamos? Longe de ser um mal, é um beneficio a propaganda de doutrinas christãs, que regenerando poderão influir para que cessem as facções anarquistas,

<sup>24</sup> Junta das Missões era um órgão da Igreja Metodista responsável por encaminhar, subsidiar e dirigir o trabalho de missionários em todo o mundo.

<sup>25</sup> Em 1876, no relatório que Junius E. Newman enviou para a Junta das Missões dos Estados Unidos, o Reverendo Ransom mencionou que um importante advogado local, Manoel Moraes Barros – irmão de Prudente de Moraes, presidente do Brasil entre 1894 e 1898 – estaria insistindo com Newman para que ele criasse uma escola na cidade, empenhando seu apoio e influência para que o empreendimento fosse exitoso. (MESQUITA, 1995, p. 94-95)

<sup>26</sup> Martha Watts assumiu um papel de proa nas atividades educacionais metodistas no Brasil. Atuou não só em Piracicaba mas em outras regiões como no Rio de Janeiro onde participou da fundação do *Colégio Americano* de Petrópolis em 1895, sob patrocínio dos irmãos Moraes Barros e em Belo Horizonte, onde participou da fundação do colégio *Isabela Hendrix* em 1904. (MESQUITA, 1994, p. 150-154)

<sup>27</sup> A realização do proselitismo religioso é uma das questões abordadas pela maioria dos estudos que se dedicam à análise do metodismo. Ver: (MESQUITA, 1994, p. 107 e MESQUITA, 1995, p. 105-113).

mancomunadas no extermínio dos supremos depositários do poder público. (MESQUITA, 1995, p. 94)<sup>28</sup>

Ainda sobre o *Colégio Piracicabano*, a opção pelo interior de São Paulo, além de ter se dado por esta região ser um polo de imigração norte americana, também ocorreu devido ao seu desenvolvimento econômico e à presença de intelectuais, líderes republicanos e maçons.<sup>29</sup> Em linhas gerais, pode-se afirmar que o oeste paulista se mostrava bastante receptivo aos ideais de modernidade e cultura enraizados e exportados pelos americanos e metodistas.<sup>30</sup>

Neste final do século XIX, quando surgia o anseio por alternativas à política escravocrata e tradicional existente no Brasil, os ideais do liberalismo trazidos pelos metodistas exerciam um atrativo sobre populações do meio urbano, como os setores burgueses em ascensão, que enxergavam nos missionários americanos e em seu sistema de ensino um modo de acessar os conteúdos que alicerçavam os EUA, modelo que passava a ser invejado.<sup>31</sup>

Todos falavam a mesma “linguagem” e possuíam, portanto, os mesmos símbolos de expressão. Sua vinculação à organização maçônica estimulava ideais comuns. Ao lado do ideal republicano fomentado pelas lojas maçônicas e difundido pela imprensa posta à serviço da Fraternidade, havia também o fato de que a educação ocupava um lugar importante no movimento maçônico. Um novo contexto exigia uma maneira diferente de formar as novas gerações, seja a nível de conteúdo, seja com relação aos métodos didático-pedagógicos. As escolas protestantes nos Estados Unidos contribuíram eficazmente para a formação das elites liberais do país. Os intelectuais brasileiros vinculados aos fazendeiros do Oeste de São Paulo e da Zona da Mata, em Minas, estavam convencidos de que a educação norte-americana transferida para o Brasil poderia ser um instrumento de fundamental importância para inculcar no espírito dos filhos dos fazendeiros da Região Sudeste a confiança em si e o apego à liberdade individual e de empresa que, na sua opinião, haviam promovido a força da Grande Nação Americana. (MESQUITA, 1994, p. 48)

Prudente José de Moraes Barros fez parte de um grupo de políticos, fazendeiros, comerciantes e intelectuais do interior de São Paulo que, além de simpatizar com os

<sup>28</sup> Este discurso de Prudente de Moraes Barros, citado por Zuleica de C. C. Mesquita (MESQUITA, 1995) encontra-se no jornal metodista, *Expositor Cristão* de 26/09/1901, v. XVI, n. 38, p. 1.

<sup>29</sup> Entre esses maçons republicanos, sem a ajuda dos quais o metodismo teria muita dificuldade para se instalar enquanto Igreja e instituição educativa no Brasil, entre tantos outros, além dos irmãos Prudente de Moraes Barros e Manoel Moraes Barros podemos citar Quintino Bocaiúva e Rangel Pestana.

<sup>30</sup> Neste período havia uma ampla presença da maçonaria no interior do metodismo, assim como entre estas lideranças políticas e econômicas da região sudeste. (MESQUITA, 1994)

<sup>31</sup> Vale a pena lembrar que, embora associado aos ideais republicanos e maçônicos, diferentemente do que se possa pensar à primeira vista, o liberalismo aludido se tratava de um modelo conservador que, de modo harmônico, entrelaçava esses valores. Sobre isso ver: (MESQUITA, 1994, p. 70-72; NOGUEIRA, 1984; VIEIRA, 1980, p. 38-46).

valores acima, se não tinham se convertido ao metodismo, ao menos o viam com bons olhos, sobretudo suas atividades educacionais, ao ponto de suas próprias filhas terem se tornado alunas do colégio, fato que teria feito com que sua família nutrisse estima pela educadora Martha Watts.

Entre as alunas contariam depois as filhas do Dr. Prudente de Moraes Barros, origem da amizade e da estima dessa família para com a educadora, e daí, outrossim, a influência que a escola veio a exercer no sistema de ensino, pois o ilustre advogado tornou-se governador do Estado de São Paulo e se utilizou dos conhecimentos de Miss Watts. (SALVADOR, 1982, p. 71)

Terminado o momento inicial das atividades educacionais metodistas em Piracicaba, depois da criação do *Colégio Piracicabano*, pedra fundamental da atuação metodista na educação no país, o que se assistiu foi o acontecimento daquilo que se poderia chamar de a “*Era Granbery*”.

Isso se coloca uma vez que, dado seu enorme crescimento e ganho de importância dentro do conjunto das instituições educacionais metodistas e da igreja de um modo geral, o *Instituto Granbery* de Juiz de Fora-MG passou a simbolizar a concretização de seus ideais no país. (BOAVENTURA, 1994, p. 98)<sup>32</sup>

Simultaneamente a esse contexto de expansão das instituições de ensino metodistas no sudeste, a região sul também contou com importantes educandários da denominação religiosa, aspectos que serão abordados nos próximos tópicos.

### 1.3 A INSTALAÇÃO DO METODISMO NO RIO GRANDE DO SUL: FÉ E ENSINO

A chegada do metodismo ao Rio Grande do Sul ocorreu de maneira diferente do verificado na região sudeste, pois as primeiras ações missionárias empreendidas pelo ministro Dr. João da Costa Corrêa foram organizadas pela Igreja Metodista de Montevideu que se encontrava vinculada à Igreja Metodista do Norte dos Estados Unidos. (BETTS, 2007, p. 5-6; JAIME, 1963, p. 16)<sup>33</sup>

<sup>32</sup> Aqui são abordados apenas os colégios e não as escolas dominicais e paroquiais. Sobre estas últimas ver: (BOAVENTURA; MALUSÁ, 1996, BOAVENTURA, 1994).

<sup>33</sup> Tal iniciativa foi idealizada pelo Reverendo Thomaz B. Wood que, no último quarto do século XIX, exercia o posto de Superintendente da obra metodista no Prata. Radicado em Montevideu e consagrado como o tribuno das causas do Evangelho na América Latina, ele é visto como o responsável pelo envio de João Corrêa ao Rio Grande do Sul, com o designio de checar quais eram as condições de se estabelecer o metodismo na região sul do país, partindo da cidade de Porto Alegre. (AÇO, s/d p. 4)



Entre abril e dezembro de 1875, na condição de vendedor de bíblia, o médico, natural de Jaguarão-RS, à época residente em Montevidéu, cruzou a fronteira vindo do Uruguai e, acompanhando o traçado das linhas de trem que cortavam o Rio Grande do Sul, visitou uma considerável extensão territorial da província e um significativo número de seus municípios chegando até a capital Porto Alegre. (JAIME, 1963, p. 16)

Durante dez meses trabalhou em Rio Grande, Pelotas, São Lourenço, Jaguarão, Bagé, Porto Alegre, São Jerônimo, Triunfo, Taquari, Rio Pardo, Cachoeira, Encruzilhada, Santa Cruz, Santa Maria, etc., onde deixou abundantíssimo terreno preparado e semeado, esperando em tempo oportuno a colheita que há de vir, retirando-se com grande satisfação como os discípulos da Missão dos Setenta, levando gratas recordações do que viu na seara do Senhor. (CORRÊA, 1905, p. 9)<sup>34</sup>

Desde essa peregrinação inicial, na qual esteve a serviço da Sociedade Bíblica, sua obra teria sido bem sucedida a ponto de ser notada pelo missionário John James Ransom, da Igreja Metodista Episcopal do Sul, que havia visitado o Rio Grande do Sul em 1877, procurando saber os melhores locais para o estabelecimento de seu trabalho.<sup>35</sup>

Impressionado com os resultados alcançados no sul do país, Ransom se dirigiu ao Uruguai onde conversou com Thomaz B. Wood e com o próprio Dr. Correa, sendo que, na companhia do último, voltou ao Rio Grande do Sul onde realizou trabalhos missionários por algum tempo antes de voltar ao sudeste. (KENNEDY, 1928, p. 20; LONG, 1968, p. 59)

Esse acontecimento causou uma situação curiosa, pois, efetivada pelos dois missionários, a segunda investida metodista na província sulista foi realizada por uma iniciativa que congregou esforços da Igreja Metodista Episcopal do Norte e do Sul. Tal circunstância, se por um lado, demonstraria que, no Brasil, as diferenças entre os membros das duas Igrejas talvez não se mantivessem tão intensas, por outro, permite propor que Ransom planejava aproximar as ações praticadas no Rio Grande do Sul dos

---

<sup>34</sup> Esta e as demais citações de Corrêa foram extraídas de uma série de textos que ele publicou no jornal *O Testemunho*. Esses foram compilados no trabalho “*História documental do metodismo no Rio Grande do Sul: Textos originais de João da Costa Corrêa e John William Price*” que se encontra nas referências. Originais em: *O Testemunho*. Ano II. 15 de fevereiro de 1905. Porto Alegre: Livraria do Globo, p.14

<sup>35</sup> Os motivos para a escolha desta região por parte de Ransom não estão completamente esclarecidos, porém uma explicação crível se remeteria ao fato de que, diferentemente do trabalho de Newman que se voltava para os imigrantes americanos, ele desejava uma atuação direcionada para os brasileiros ou ainda para que as ações lá desenvolvidas se mantivessem mais ligadas ao trabalho missionário que se desenvolvia no restante do Brasil. (LONG, 1968, p. 59)

missionários radicados no Brasil, submetidos à Igreja Metodista do Sul. (LONG, 1968)<sup>36</sup>

Como fruto deste esforço comum, Dr. Corrêa enviou um relatório ao Reverendo Thomaz B. Wood, destacando a urgência de se estabelecer uma obra no Rio Grande do Sul, posto que sua população, distinguindo-se da de outras regiões do país, seria dotada de um espírito liberal<sup>37</sup> e estaria cansada dos embustes da Igreja Católica encontrando-se à espera daquilo que chamou de “verdades de Cristo”. (CORRÊA, 1905)<sup>38</sup>

Pouco tempo depois, refletindo o crescente ganho de interesse do qual o Rio Grande do Sul passava a ser dotado, Dr. Corrêa foi enviado para uma terceira viagem que teria desdobramentos importantes para a presença metodista na região.

Pregamos durante dois meses em Uruguaiana (...). Visitamos as cidades de Itaqui e São Borja, distribuimos o Pão suave e celestial profusamente durante um mês, nessas duas localidades, levando dali nossos corações cheios de gozo pelo que o Senhor fazia diariamente. De São Borja nos trasladamos a São Francisco; logo depois de curta permanência, fomos a São Vicente e, no seguinte dia, continuamos viagem até Santa Maria, onde ficamos uma semana. Quando falamos de Uruguaiana, passou-nos por alto dizer que era a segunda vez que visitávamos aquela cidade; dali tomamos rumo ao Alegrete, Santana do Livramento, D. Pedrito e Bagé, pregando em todos esses lugares sempre com bons auditórios. Nesta última cidade, onde permanecemos duas semanas, fomos a Cerro Largo, cidade da República do Uruguai, já terminando nossa excursão, seguindo direção a Montevidéu. (CORREA, 1905)

Ao retornar desta viagem, em 21/03/1885, finalmente, ele recebeu do superintendente Geral da Missão de La Plata, Dr. Thomaz Wood, a nomeação para poder coordenar a nova missão metodista que se estabeleceria em Porto Alegre. De um modo geral, ao se tomar o sucesso das três viagens que realizou pelo Rio Grande do Sul de forma agregada, é que se pode entender o motivo pelo qual ele obteve a autorização para dirigir a obra missionária da Igreja Metodista Episcopal do Norte na província.<sup>39</sup>

<sup>36</sup> As atividades que Dr. Correa desenvolveu junto a John James Ranson o teriam impactado sobremaneira, ao ponto de fazer com que ele se transferisse para a Igreja Metodista Episcopal do Sul, sendo incentivado por Ransom a ingressar no pastorado e, assim, no futuro, se encarregar da obra missionária no Rio Grande do Sul. (SALVADOR, 1979, p. 78)

<sup>37</sup> Semelhantemente ao ocorrido no sudeste, no Rio Grande do Sul o argumento liberal seria uma das justificativas para a intensificação das atividades missionárias, com a ressalva de que, desta vez, foi encontrada em um documento oficial da Igreja Metodista.

<sup>38</sup> “*História documental do metodismo no Rio Grande do Sul: Textos originais de João da Costa Corrêa e John William Price*” que se encontra nas referências. Originais em: *O Testemunho*. Ano II. 1º de março de 1905. Porto Alegre: Livraria do Globo, p.18.

<sup>39</sup> Em Porto Alegre, no dia 27 de setembro de 1885, foi fundada a primeira Igreja Metodista gaúcha. Além do Dr. Corrêa, foi composta de seis membros fundadores: sua filha Ponciana R. Corrêa, sua esposa Maria Rejos Corrêa, Carmem Chaccon, Francisco Veloso Machado, Rita Pereira Veloso e Samuel Elliot. Neste ano, por falta de um local adequado, não foi possível realizar pregações ao público, fato que fez com que

Mantendo desde o início as atividades voltadas para a educação como uma de suas principais marcas, junto das atividades religiosas, o metodismo fundou uma escola com o nome de *Colégio Evangélico Misto*, atual *Colégio Americano* e, como era esperado pelos missionários, tal iniciativa foi exitosa uma vez que, se em 1885 a escola possuía apenas 8 alunos, passados dois anos, ela já contava com três unidades e um número superior a 400 alunos. (JAIME: 1963, p. 23-25)

Por fim, no ano de 1899, um fato que teria significativa importância ocorreu fazendo com que as atividades missionárias metodistas desenvolvidas no Rio Grande do Sul passassem a se vincular à Conferência Annual Brasileira: o acordo firmado para a transferência da missão gaúcha das mãos da Missão do Rio da Prata para a Igreja Episcopal do Sul que até então concentrava suas ações na região sudeste do país.

Nesse anno, 1899, já se tratava de transferir a missão gaúcha para a Igreja Methodista Episcopal do Sul, dadas as dificuldades para a Missão Platina, da diferença de idioma, da grande separação litorânea e da grande falta de obreiros e ainda mais dos poucos meios de transporte e condução. (...) Foi assim, que em 1899, chegaram á Capital o rev. A. W. Greneman, legitimo representante da Igreja Methodista Episcopal, o Rev. H. C. Tucker, representante da Sociedade Biblica Americana, com o fim de ultimar a transferência desta obra. Este facto realizou-se sob as mais fraternas e favoráveis condições, podendo unir-se á Conferência Annual Brasileira os ministros que assim desejassem e podendo voltar para a Missão Platina os obreiros que não quisessem continuar no Rio Grande. O rev. Price, que era da Igreja Methodista Episcopal permaneceu conosco. (KENNEDY, 1928, p. 175-177)

Não se sabe ao certo até que ponto essa transferência ocorreu de forma harmônica ou não. O fato é que, se John James Ransom se sentiu atraído pelo trabalho desenvolvido por Dr. Córrea no Rio Grande do Sul, a partir do ano de 1899 as ações metodistas ficariam a cargo da Igreja Episcopal do Sul e seu alcance se mostraria mais expressivo desde então.

#### 1.4 A CONSOLIDAÇÃO DAS ESCOLAS E DO METODISMO NA REGIÃO DA FRONTEIRA COM O URUGUAI E A ARGENTINA: UMA PORTA ABERTA A OSCAR MACHADO

Como se pôde perceber, no interstício entre a chegada do Dr. João Correa, vendedor de bíblias, e as décadas iniciais do trabalho metodista já institucionalizado na

---

os cultos fossem realizados na sala de sua casa com a presença de sua família e alguns convidados. Desta forma, a primeira Igreja Metodista tinha como endereço um pequeno espaço do imóvel situado à Rua Dr. Flores 91, local considerado o berço do metodismo no Rio Grande do Sul. (BETTS: 2007, p. 7; JAIME: 1963, p. 22-23)

condição de igreja permanente, a região das cidades de Uruguaiana e Alegrete se transformou num local importante para a expansão e consolidação do trabalho metodista, assim como a cidade de Porto Alegre foi o polo irradiador de onde a obra missionária desta denominação religiosa se estenderia pelo Rio Grande do Sul.

Os indícios de que as ações desenvolvidas pela obra missionária da designação religiosa em Uruguaiana, iniciadas de modo definitivo em 1903, passaria a dar seus primeiros frutos, não tardaram. Em 1905, a igreja recebia as primeiras pessoas a serem batizadas, sendo que seu crescimento se comprovaria no início do ano de 1907, quando foi lançada a pedra fundamental do templo local que seria o segundo a ser construído no interior do Rio Grande do Sul. (BETTS, 2007, p. 19, KENNEDY, 1928, p. 231-214)<sup>40</sup>

O nascimento de Oscar Machado, nesta região, no ano de 1903, ocorreu em paralelo ao surgimento do metodismo, no início do século XX, na condição de obra permanente com o envio de dois missionários.

A cidade fronteira de Uruguayana era ocupada pelo rev. E. E. Joiner e o rev. Leonel, como segundo pastor, tomou conta da Igreja de Santa Maria, onde, fiel servo do Senhor que era, tanto soube ser abnegado. Grandes foram as dificuldades com que teve que lutar. Em Uruguayana o rev. Joiner foi um heroe. Começou os cultos, numa casa á rua Duque de Caxias e mais tarde mudou-se para a rua Santanna. Elle era ahi chamado de “Dom” Eduardo. (KENNEDY, 1928, p.198)

Quando o Reverendo Eduardo Everett Joiner já se encontrava estabelecido em Uruguaiana há alguns anos se deu o lançamento da pedra fundamental da igreja da cidade que, dentro de sete anos, ficaria pronta. (JAIME. 1963, p. 83; BETTS, 2007; STABILE; TIMM, 2007)

Sob um ângulo macroscópico, se já era notória a constatação do crescimento da designação religiosa em Uruguaiana e, tomando o cenário gaúcho como um todo, consegue-se mensurar um pouco melhor a dimensão deste. De acordo com o Reverendo

---

<sup>40</sup> Uma vez fundada a primeira Igreja Metodista em Porto Alegre, dois anos depois, em 1887, Dr. João Côrrea contribuiu para que, em Bento Gonçalves, fosse organizada a segunda Igreja Metodista gaúcha, empresa na qual teve auxílio dos irmãos valdenses que, vindos da Itália, em 1889, ergueram o primeiro templo Metodista no interior do estado. (BETTS, 2007, p. 16)

John W. Price, em 1900, o metodismo do estado contava com 228 membros<sup>41</sup>, sendo que para o ano seguinte este número teria aumentado para 401 fiéis.<sup>42</sup>

Decorridos cinco anos, no primeiro semestre de 1905, se notava a continuidade da expansão do metodismo no Rio Grande do Sul e se percebia que, em Uruguaiana, o Reverendo Eduardo Everett Joiner passava a contar com um número significativo de membros em comparação com as outras regiões do estado, aspecto que evidencia ainda mais sua força na cidade.<sup>43</sup>

**Tabela 1: Distrito do Rio Grande do Sul Estatística para o 1º semestre do ano de 1905-1906**

Circuito	Pastor	Orçamento	Todos os fins	Membros
Porto Alegre (estação)	Terrell	74\$	1:850\$	18
Colonial	Donati	-----	195\$ (?)	5
Cruz Alta	Ruiz	25\$	329\$	31
Santa Maria (circuito)	Lopes	24\$	227\$	8
Uruguaiana	Joiner	116\$	524\$	59
Porto Alegre (circuito)	Vollmer	96\$	1:108\$	22
Santa Maria (estação)	Price	-----	64\$	-----
Total		335\$	4:297\$	143

Fonte: PRICE, J. W. Price. O Testemunho. Ano III. 1º de março de 1906. Porto Alegre: Livraria do Globo, p.18.

Como consequência de seu estabelecimento em Uruguaiana, em sua cidade vizinha, Alegrete, a obra metodista teria sua fundação em 21 de agosto de 1904, quando o Reverendo Eduardo Everett Joiner realizou um culto numa sala que foi cedida pelo Sr.

<sup>41</sup> Esta e as demais citações de John W. Price foram extraídas de uma série de textos que ele publicou no jornal *O Testemunho*. Esses foram compilados na trabalho “*História documental do metodismo no Rio Grande do Sul: Textos originais de João da Costa Corrêa e John William Price*” que se encontra nas referências. Originais em: O Testemunho. Ano III. 1 de fevereiro de 1906. Porto Alegre: Livraria do Globo, p.10

<sup>42</sup> “*História documental do metodismo no Rio Grande do Sul: Textos originais de João da Costa Corrêa e John William Price*” que se encontra nas referências. Originais em: O Testemunho. Ano III. 1 de março de 1906. Porto Alegre: Livraria do Globo, p.18.

<sup>43</sup> Reconhece-se aqui que faltam dados referentes ao número de membros, fato que, provavelmente, possa apresentar um total maior que os 401 contabilizados em 1901.

José Lang. A partir desta primeira celebração, uma série de cerimônias domésticas foi realizada, recebendo periódicas visitas do Reverendo Joiner.<sup>44</sup>

Refletindo essas atividades, em 1908, a cidade recebeu um pastor residente, o missionário Reverendo Walter Borchers que, dois anos depois, foi substituído pelo Reverendo José Kokot. Sob a tutela deste último, num contexto de crescimento das atividades metodistas na região, o padrão de atuação que consagrou a igreja, a atuação pautada pelo binômio fé e educação, também seria detectado em Alegrete. (KENNEDY, 1928, p. 215; 220)

Esta situação se verificou pois, antes mesmo de ter iniciado a construção da casa paroquial num terreno doado pela intendência municipal, em 1912, ele criou o *Colégio Alfômega*, cujas atividades, desde os momentos iniciais, que contavam com um total de 58 alunos, se mostraram promissoras. (KENNEDY, 1928, p. 230-231)

Aparte a notória importância do *Alfômega*, sem dúvida as ações metodistas voltadas para a educação na região se notabilizaram pelas atividades do *Colégio União* da cidade de Uruguaiana, cuja origem se mostrou um pouco diversa das verificadas nas outras instituições de ensino metodistas do Rio Grande do Sul.

Embora seja o educandário metodista mais antigo do interior gaúcho, originalmente, o *Colégio União* não foi criado pela denominação religiosa, mas sim pelo mestre-escola Alexis Vicente Vulrod, francês, calvinista, natural de Lyon na década de 1870.

Sua chegada à cidade estava ligada ao fato de que, juntamente de outros franceses, ele foi convidado pelo Barão de Mauá para trabalhar em seu banco na cidade de Montevidéu. Porém, por conta do encerramento das atividades desta instituição na capital uruguaia, ele se encontrou desempregado e, sendo visto como uma pessoa culta, com conhecimentos de outros idiomas e de ciências e matemática, aceitou o convite feito por alguns de seus conterrâneos residentes em Uruguaiana para ensinar a seus filhos.

Já instalado em Uruguaiana, Vulrod começou a lecionar em domicílio no ano de 1865, mas, por conta dos desdobramentos da Guerra do Paraguai, teve suas atividades

---

<sup>44</sup> São esparsas as inferências referentes a essas iniciativas metodistas iniciais na região. Geralmente, frutos de relatos produzidos por pastores metodistas ou ainda por memorialistas locais, situação que exige cuidado do pesquisador, não desqualifica o valor documental das mesmas, posto que seus autores foram participes ou vivenciaram a chegada dos primeiros metodistas e as ações que desenvolveram. Sobre o histórico da chegada na cidade e o trabalho dos primeiros missionários ver: Histórico da Igreja Metodista de Alegrete. Disponível em: <[http://www.ruiramos.com.br/v1/index.php?option=com\\_content&view=article&id=156:-igreja-metodista-de-alegrete-1904-2004-&catid=24:outros-documentos](http://www.ruiramos.com.br/v1/index.php?option=com_content&view=article&id=156:-igreja-metodista-de-alegrete-1904-2004-&catid=24:outros-documentos)>. Acesso em: 01 set. 2016.

temporariamente suspensas. Com o término do conflito, ele instalou o colégio que teria recebido o nome de *União* em decorrência da aliança travada entre Brasil, Uruguai e Argentina no certame. (STABILE; TIMM, 2007, p. 38)

O mestre-escola francês começou então a lecionar em domicílio, até que, em 5 de agosto de 1865, Uruguai é invadida pelas forças paraguaias sob o comando do coronel Antonio de la Cruz Estigarribia e suporta a invasão, os danos, as mortes e as destruições até 18 de setembro de 1865, quando se dá a rendição local dos paraguaios e a retomada da praça. Vurlod, segundo se conta, hasteava em sua morada a bandeira francesa e, nesse território neutro, prestava socorro e assistência a quem deles necessitasse. Os invasores foram expulsos, a guerra prosseguiu em território paraguaio e Vurlod retomou suas aulas, lecionando até mesmo para os filhos dos militares que aqui permaneceram. Quando essa guerra teve fim, ele instalou sua escola, denominando-a de Colégio União, em homenagem, se diz, à união da Tríplice Aliança: Brasil, Argentina e Uruguai. (TIMM, 1989, p. 9)

É patente que as atividades iniciadas em 1865 se fortaleceram e o *Colégio União*, inaugurado em 1870, se manteve em atividade por mais de três décadas até que, em 1908, passou por uma modificação que faria com que, aos poucos, viesse a se transformar em uma das mais importantes instituições de ensino da cidade e da região.

Essa transformação ocorreu pois, junto de suas filhas, Vulrod veio a se converter ao metodismo, sendo que, após isso, costurou-se um acordo para que a administração do educandário, que até então não se mantinha como uma instituição confessional, passasse para o controle da Igreja Metodista. (STABILE; TIMM, 2007, p. 41)

Em 1908, foi efetuada essa transferência sendo que Vulrod, à época com 71 anos de idade, continuaria a fazer parte de sua administração até a data de seu falecimento, ocorrido dois anos depois, quando o *União* já se encontrava num processo de expansão.

Por aí já se vê que o União difere em tudo de suas escolas irmãs, no começo de sua história. Não foi instituído pelos americanos do Norte; não se formou por iniciativa da Igreja Metodista. Seu fundador foi um francês que o criou por uma necessidade local. Mas, ao passá-lo para os missionários, Vurlod não se afastou dele. Compôs sua direção com Price, que se tornou diretor-presidente, ficando ele como diretor-tesoureiro até seu falecimento em 21 de setembro de 1910, tendo a participação na administração uma junta administrativa formada por Theodoro Pont, Sabino Baillet e Symphonio Roballo. Atas do ano 1909 dizem da atuação de Vurlod que, por ser o diretor-tesoureiro, apresentava a cada mês seu relatório financeiro, consignando também o número de alunos do educandário. (TIMM, 1989, p. 15)

Cotejando as ações do *Alfômega*, União e das Igrejas que estavam sendo construídas em Alegrete e Uruguai, tem-se que elas concorreram para que às duas

idades fosse conferida uma posição de relevo dentro do metodismo gaúcho, contribuindo para que região se configurasse como um polo difusor deste. (BETTS, 2007, p. 19)

Esse contexto do início do século XX foi decisivo para a ampliação do metodismo no estado, pois em conformidade com os dados apresentados por João Nelson Betts, após vinte e cinco anos de trabalho, em 1910, os esforços da igreja no Rio Grande do Sul mostravam que, pouco a pouco, ela se fortalecia, sendo que a partir de agora se verificarão de que modo as ações no setor educacional impactaram na formação de Oscar Machado. (BETTS, 2007, p. 20)

### 1.5 OSCAR MACHADO: UM INÍCIO IMPRECISO

No ano de 1903, próximo à região da tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai, teve início a trajetória de Oscar Machado da Silva. Intelectual, cujas atividades no setor educacional se deram ligadas ao metodismo, teve também uma significativa atuação política no seio do integralismo brasileiro perpassando seus dois períodos de existência.

Grosso modo, este trabalho objetiva analisar as atividades de tal personagem nessas esferas e, com seu entrelaçamento, entender questões que em muito ultrapassaram os limites de suas ações. Recorrendo-se a esta estratégia compreende-se que, sem que se desconsiderem os resultados finais das ações e decisões tomadas por Oscar Machado, com o propósito de se criar um mínimo efeito de realidade, na medida em que for possível, serão enfatizadas suas incertezas, dilemas, acasos e hesitações, sem deixar de se lançar mão de algumas conjecturas quando estas forem admissíveis.<sup>45</sup>

Referente ao último aspecto, sobreleva-se que, quando um historiador realiza uma análise centrada em um indivíduo, contemplando sua inserção em diversos *campos*, concebe-se que as possíveis falhas ou lacunas documentais, se sob certa ótica impossibilitariam a reconstituição de silêncios e descontinuidades do itinerário percorrido, em contrapartida, contribuiriam para que se possa tecer interpretações, estando essas, obrigatoriamente, ancoradas em fragmentos que sustentem de maneira verossímil a narrativa proposta, sem incorrer na ficção ou fantasia.

---

<sup>45</sup> Posições semelhantes se encontram nos estudos de Jacques Le Goff sobre São Luís, rei da França (LE GOFF, 2002), e Gilberto Freyre sobre Dom Luís d'Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, governador da Capitania de Mato Grosso por dezessete anos no século XVIII. (FREYRE, 1978)



Sob tal prisma, não se tentará traçar uma coleção de tudo que envolva sua trajetória, tampouco se buscará abordar todas as questões que surgirem. De igual maneira como se respeitarão os limites documentais, também se questionarão elementos que, se, num primeiro momento, possam aparentar serem óbvios, ainda assim podem e precisam ser colocados em xeque.

É por essa trilha que, a princípio, ao debruçar-nos sobre o local no qual teve início a trajetória de Oscar Machado, algumas questões foram suscitadas, situação que colocou sob suspeição inclusive a narrativa que ele mesmo fez sobre onde teria se dado o seu nascimento.

Pautando-nos por um documento elaborado por Oscar Machado, quando ele já possuía 71 anos, a saber, um *mini curriculum*<sup>46</sup>, apesar de se chegar à informação de que ele teria nascido numa localidade chamada Pai Passo, – provavelmente um arraial ou vilarejo, situado na Estância do Coqueiro ao sul da sede da cidade de Alegrete, nas imediações entre Santana do Livramento e Quaraí – se coloca tal informação sob suspeição sendo esta questão relevante para que se possa compreender como se desenvolveu sua vida em seus primeiros anos.<sup>47</sup>

Esse questionamento é posto pois, durante seus estudos no Birmingham-Southern College (BSC), Alabama-EUA, Oscar Machado informou em seu anuário de 1924 que nascera em Uruguaiana.<sup>48</sup> Salienta-se que, mesmo com o surgimento de mais indícios apontando para tal lugar<sup>49</sup>, de modo distinto, em outros registros, também se

---

<sup>46</sup> Levando-se em conta as proposições de Pierre Bourdieu, este documento poderia ser apreendido como uma espécie de atestado de identidade social sendo que seu nome próprio, Oscar Machado – sobre o qual uma série de qualificações, sancionada por esferas de consagração, como o Estado se incorporariam – se constituiria como uma designação rígida, cuja função seria a de tornar possível que o indivíduo transitasse por todos os campos de forma constante, unificando e totalizando todas as facetas do seu “eu”: “(...) essas certidões (em geral públicas e solenes) de atribuição, produzidas sob o controle e com a garantia do Estado, também são designações rígidas, isto é, válidas para todos os mundos possíveis, que desenvolvem uma verdadeira descrição oficial dessa espécie de essência social, transcendente às flutuações históricas, que a ordem social institui através do nome próprio; de fato, todas repousam sobre o postulado da constância do nominal que pressupõem todos os atestados de nomeação, bem como, mais genericamente, todos os atestados jurídicos que envolvem um futuro a longo prazo, quer se trate de certificados que garantem de forma irreversível uma capacidade (ou uma incapacidade), de contratos que envolvem um futuro longínquo, como os contratos de crédito ou de seguro, quer de sanções penais, toda condenação pressupondo a afirmação da identidade para além do tempo daquele que cometeu o crime e daquele que sofre o castigo.” (BOURDIEU, 2005, p.188)

<sup>47</sup> MACHADO, Oscar. *Mini curriculum*. Gráfica Universitária: Uruguaiana, 1974.

<sup>48</sup> AL, Birmingham, Birmingham-Southern College, La Revue: Yearbook, 1924, p. 24. Disponível em: <<https://www.myheritage.com.br/research/collection-90100/al-birmingham-birmingham-southern-college-la-revue-yearbook-1924?itemId=10329070&action=showRecord>>. Acesso em: 02 julho 2016.

<sup>49</sup> Histórico da Escola Municipal Oscar Machado da Silva, situada na cidade de Santa Vitória do Palmar-RS. Disponível em: <<http://emefoscarmachado.blogspot.com.br/p/historico.html>> Acesso em: 02 julho 2016. Ver também o artigo de Homero Suaya Vasquez Rodrigues: “Dois grandes educadores que dignificaram esta terra Oscar Machado e Elmo de Farias de Albernaz.” Disponível em: <

afirmou que seu nascimento teria ocorrido em Alegrete, sem se especificar se ele se deu em Pai Passo.

Para propor, com um mínimo grau de confiabilidade, qual teria sido o local do nascimento de Oscar Machado, bem como os possíveis motivos que ensejaram a imprecisão quanto a isto, lançar-se-á mão de diversificadas informações atinentes a sua família e à geografia da região.

Consoante, é preciso voltar o olhar para algumas questões alusivas aos municípios de Alegrete e Uruguaiana e retroceder um pouco no tempo em relação ao ano de seu nascimento. Dessa maneira, no século XIX, as cidades vizinhas, que não possuíam fronteiras muito bem definidas, foram interligadas pelo entroncamento da malha ferroviária da Viação férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS), circunstância que ajudou na circulação de pessoas e mercadorias.<sup>50</sup>

Com tal situação em vista, ponderando as informações conflitantes sobre sua terra natal, quando se observa que o próprio Oscar Machado, inicialmente, afirmou que nasceu em Uruguaiana em seu anuário de 1924 e, quase cinquenta anos depois, retificou este dado ao atestar ter nascido em Alegrete<sup>51</sup>, pode se propor que tal engano tenha ocorrido por conta da íntima ligação que os territórios dos municípios possuem desde suas origens que foram aproximadas cada vez mais ao longo do tempo.<sup>52</sup>

Nesta seara, balizando-nos pelas informações de que Oscar Machado teria nascido na zona rural de Alegrete, ao invés de ter ocorrido na localidade de Pai Passo, isso teria se dado num local chamado Plano Alto, próximo a uma estação de trem.<sup>53</sup> A despeito desta questão, para se minimizar a dúvida quanto ao local exato, parece ser im-

<http://www.planetsul.com.br/htm/colunistas/colaboradores/homero/anteriores/120620081.htm>> Acesso em 02 julho 2016.

<sup>50</sup> A linha chegou a Uruguaiana no ano de 1897. Para detalhes sobre a ligação ferroviária entre Uruguaiana e Alegrete ver: <[http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs\\_uruguaiana/uruguaiana.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_uruguaiana/uruguaiana.htm)> e <[http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs\\_uruguaiana/rs\\_poa-uruguaiana.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_uruguaiana/rs_poa-uruguaiana.htm)> Acesso em: 02 julho 2016.

<sup>51</sup> MACHADO, Oscar. *Mini curriculum*. Gráfica Universitária: Uruguaiana, 1974.

<sup>52</sup> Para informações sobre a história da conformação dos municípios de Alegrete e Uruguaiana, além de (COLVERO, 2004; CORRÊA, 2009 e SÔNIGO, 2009) ver também, o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o histórico dos municípios que se encontram nos portais de suas respectivas prefeituras municipais. Tais materiais estão disponíveis em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/alegrete.pdf>>; <<http://cidades.ibge.gov.br/comparamun/compara.php?lang=&coduf=43&idtema=16&codv=v01&search=rio-grande-do-sul|alegrete|sintese-das-informacoes>> e <<http://www.alegrete.rs.gov.br/site/?bW9kdWxvPTEmYXJxdWl2bz1jaWRhZGUucGhw&pagina=ondefi>>. Acesso: 02 julho 2016.

<sup>53</sup> As informações sobre isto trazem consigo, novamente, o problema antes aventado, a imprecisa delimitação dos municípios, uma vez que o distrito de Plano Alto, na condição de região limítrofe entre as cidades, sempre pertenceu a Uruguaiana e não a Alegrete.

prescindível o dado mencionado concernente à estação de trem, que também manteve relevante implicação para os acontecimentos ocorridos na infância de Oscar Machado.

Entrementes, em 1888, quinze anos antes do nascimento de Oscar, foi inaugurada, em Uruguaiana, na linha ferroviária de Barra do Quaraí – São Borja, pertencente à Brazil Southern Railway Company (BGS), a estação de Touro Passo, cuja posição estratégica era importante, pois corria junto à fronteira do Brasil com a Argentina, próxima ao rio Uruguai.<sup>54</sup>

Anos depois de sua criação, também em Uruguaiana, contudo, no centro do distrito chamado Plano Alto, – que, dada sua grande extensão, além de quase chegar às imediações da linha da BGS e da supracitada estação de Touro Passo, era uma região limítrofe entre as cidades de Uruguaiana e Alegrete – em 1907, foi inaugurada uma estação nas proximidades do arroio Touro Passo.

Foi justamente a proximidade a este arroio – que nasce no interior da cidade de Uruguaiana e desemboca no rio Uruguai – que motivou a designação da nova estação, fato que, em decorrência da existência da outra estação mais antiga que lhe era homônima, viesse a tornar necessária uma alteração em seu nome, passando a nova estação a se chamar estação Plano Alto.

A troca do nome da estação foi informada pelo escritório da empresa responsável pela linha em diversas ocasiões no ano de 1921, a exemplo da nota publicada em 11/10/1921:

Faço publico que a partir do dia 20 do corrente mez de Outubro, fica mudado o nome da estação de **Touro Passo**, da linha Santa Maria a Uruguayana, para o de **Plano Alto**, denominação por que é mais conhecido o local onde se acha situada a referida estação. (A Federação, 11/10/1921, p. 4)

Embora a escala do mapa abaixo possa causar a falsa impressão de que as estações que tiveram o mesmo nome de Touro Passo ficassem próximas – na verdade, pela linha do trem elas estavam a uma distância considerável – é possível visualizar de modo satisfatório a geografia da região, bem como a localização do 5º distrito de Plano Alto, que aparece destacado com uma estrela na cor amarela.

---

<sup>54</sup> A estação funcionou por quase cem anos até ser desativada em 1974. Disponível em: <[http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs\\_sborja/touro.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_sborja/touro.htm)>. Acesso em 02 julho 2016.



Imagem 1: Recorte do mapa da malha ferroviária gaúcha na região de Uruguaiiana. Disponível em: <<http://miltonribeiro.sul21.com.br/2016/02/page/2/>>. Acesso em: 02 jul. 2016.

Os históricos destas estações se tornam relevantes pois, mesmo que, no período, a primeira delas tenha pertencido à BGS ao invés de integrar a Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRS), – cuja linha Porto Alegre-Uruguaiiana cobria o trecho ferroviário que interligava Uruguaiiana a Alegrete – por ter permanecido como homônima à outra estação até o ano de 1921, o fato de Touro Passo ser algo próximo de Pai Passo pode ter levado ao provável engano por parte de Oscar Machado.

Em consonância com o que foi antes mencionado, a localidade de Pai Passo realmente existiu. Nada obstante, não foram encontradas informações que efetivamente a liguem à chamada Estância do Coqueiro como consta no *mini curriculum* de Oscar Machado.

Por se saber que Oscar Machado nasceu próximo a uma estação de trem e que não existiu nenhuma delas em Pai Passo, quando são contrastadas as informações levantadas com os dados da malha ferroviária que cobria a região no período próximo ao ano de seu nascimento, por ter existido uma certa semelhança entre Touro Passo (nome como a estação de Plano Alto era chamada até 1921) e pelo fato de Plano Alto ser uma região contígua entre as cidades, infere-se que o local correto de seu nascimento, com efeito, seja a cidade de Uruguaiiana e não Alegrete.

## 1.6 DA FAMÍLIA MACHADO AO COLÉGIO METODISTA UNIÃO

O ramo da família Machado no seio do qual Oscar Machado nasceu começou a se constituir na data de 19/09/1896, quando seus pais, Antônio Machado da Silva Filho, nascido em 05/01/1868, e Flora da Rosa Silveira, nascida em 16/10/1873, se casaram. Transcorrido o matrimônio, passando sua mãe a se chamar Flora Silveira da Silva, nos anos seguintes, o casal começou a constituir sua prole.<sup>55</sup>

Entretanto, nesta virada do século XIX para o século XX, para o infortúnio de muitas famílias, em várias regiões do país, observou-se a existência de altas taxas de mortalidade infantil, sendo que no Rio Grande do Sul – e, especificamente, na região do estado na qual eles se encontravam – essas também se faziam presentes. Para se ter uma ideia, os dados disponibilizados sobre a cidade de Uruguaiana, para o ano de 1908, apontam um total de 41 natimortos num universo de 907 nascimentos, ao passo que, no ano de 1909, tais dados tiveram um crescimento, pois se constatou 63 natimortos para um total de 895 nascimentos.<sup>56</sup>

Inseridos nesse ambiente, e concorrendo para tais estatísticas, no total, o casal gerou onze herdeiros, dos quais três faleceram precocemente. Tratam-se de Francisco de Assis M. da Silva, Appolinario M. da Silva, os primeiros filhos do casal, sob os quais não se tem informação da data de nascimento, motivo e data de falecimento, e Africo Machado da Silva, nascido em 27/11/1912 e falecido em 30/06/1913.<sup>57</sup>

Dentre aqueles que conseguiram sobreviver ao nascimento e aos primeiros anos de vida, Oscar foi o terceiro filho de um total de oito descendentes, a saber: Maria Floriana da Silva (04/11/1900), Florentina Silveira da Silva (17/07/1902), Oscar Machado da Silva (11/12/1903), Philomena Silveira da Silva (02/10/1905), Helena Silveira da Silva (13/08/1908), Júlio Machado da Silva (11/01/1910), Olga Silveira da Silva (04/06/1911) e Sady Machado da Silva (30/08/1914).

---

<sup>55</sup> MACHADO, Oscar. *Mini curriculum*. Gráfica Universitária: Uruguaiana, 1974.

<sup>56</sup> Quando colocados em perspectiva com as demais cidades do Rio Grande do Sul, estes números se mostram bastante discrepantes, mas são entendidos como normais uma vez que a cidade de Uruguaiana apresentava a maior extensão territorial entre os municípios gaúchos. Destaca-se ainda que, nos números apresentados, foram computados apenas os natimortos não sendo disponibilizados dados sobre a mortalidade ocorrida ao longo do primeiro ano de vida. Ver: “Nascimentos, casamentos e óbitos registrados em diversos municípios do Brasil (1908 — 1912)”. Disponível em: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/populacao>>. Acesso em 03 agosto 2016.

<sup>57</sup> Estas e as demais informações mencionadas sobre os nomes e datas de nascimento dos membros da família Machado nos próximos parágrafos foram extraídas de um documento redigido pelo próprio Oscar Machado, no qual além dos nomes, datas de nascimento e falecimento, constava também o nome dos cônjuges e a data do enlace matrimonial. Este é um material integrante do acervo pessoal de sua neta Claudia Thimmig que gentilmente nos franqueou o acesso.

No que tange a seus primeiros anos de vida, não existem informações abundantes, da mesma forma como escassos são os indícios que mencionam seus pais. O pouco que se sabe é que eles residiam em uma pequena propriedade rural situada no distrito de Plano Alto, em Uruguaiana, e que, supostamente, seriam pessoas analfabetas.<sup>58</sup>

Acompanhando a informação sobre sua escolaridade e sua propriedade rural, local onde, possivelmente, exerciam uma das duas principais vocações econômicas da região para aqueles que não viviam do comércio, a agricultura ou a criação de animais, sobre seu pai foram encontrados três indícios datados dos anos de 1912, 1917 e 1918.<sup>59</sup>

No dia 23 de março de 1912, no jornal *A Federação*, – periódico porto alegreense que circulou entre 1884 e 1930 como um órgão oficial do Partido Republicano Rio-grandense (PRR) – numa listagem dos correligionários que compuseram a junta apoiadora à candidatura de Borges de Medeiros para a sucessão do governo do estado, sobre o distrito de Plano Alto, subscreveram o documento as seguintes pessoas:

5º districto – Presidente, coronel Affonso Fabricio; vice presidente; major Jeronymo Lopes Rodrigues; secretario, Franklin Fabricio; membros, major Antonio Machado da Silva; tenente-coronel João Jeronymo Jardim; capitão Antonio Machado da Silva Filho. (*A Federação*, 23/03/1912, p. 1)<sup>60</sup>

O excerto acima é bastante significativo, pois revela dois aspectos ligados à família. O primeiro se remete ao fato de que, além de trazer à tona a posição política de seu pai, Antônio Machado da Silva Filho, denota também que ele era uma pessoa engajada nas disputas locais em tal campo, ocupando um posto de destaque no município.

O outro, ainda que não possa ter sido comprovado por quaisquer eventuais indícios, se refere à suspeita de que um dos nomes que subscreveu a lista de apoio a Borges de Medeiros, cujo sobrenome também era Machado, Antônio Machado da Silva, tratava-se de seu avô.

<sup>58</sup> Informações encontradas no texto de Homero Suaya Vasquez Rodrigues. “Dois grandes educadores que dignificaram esta terra Oscar Machado e Elmo de Farias Albernaz”. Disponível em: <<http://www.planetsul.com.br/htm/colunistas/colaboradores/homero/anteriores/120620081.htm>>. Acesso em: 02 julho 2016.

<sup>59</sup> Foi encontrada outra matéria do jornal *A Federação*, na qual, sem ser especificado o assunto, Antônio Machado da Silva teve um requerimento junto ao município de Uruguaiana indeferido. Como não se tem a confirmação daquilo que ele pleiteava, não se abordou tal evento em profundidade no corpo do texto. Sobre isso ver: (*A Federação* 09/07/1920, p. 4).

<sup>60</sup> Sob a oposição do Partido Federalista (PF), como um dos tantos Partidos Republicanos, o Partido Republicano Rio-grandense (PRR) esteve à frente do governo do estado do Rio Grande do Sul por quase todo o período da República Velha, exceção feita ao período de 1908-1913. Foi, justamente, neste intervalo, no qual, por conta de Borges de Medeiros ter ficado impedido de se reeleger, encontrava-se o governo estadual ocupado por Carlos Barbosa Gonçalves, – indicado por Medeiros – que se deu a formação das ligas Pró-Borges, dentre as quais foi extraído o supracitado trecho da citação que versava sobre Uruguaiana.

Durante o período em que esteve no governo, Borges de Medeiros se valeu do poder político dos coronéis locais a fim de combater a oposição. Por conseguinte, esta lista na qual se encontravam os sobrenomes Machado, tratava-se de um dos corpos provisórios que ajudaram a manter o poder do PRR na região, uma vez que, no jornal *A Federação*, em 11/08/1910, ocorreu a nomeação de Antônio Machado da Silva como um dos membros do 18º Batalhão de reserva da Guarda Nacional na Comarca de Uruguaiana, com o posto de major fiscal. (*A Federação*, 11/08/1910, p. 2)<sup>61</sup>

O segundo indício sobre Antônio Machado da Silva também foi encontrado no jornal *A Federação*, de 06/02/1917. Nesta edição, a seu pedido, o periódico noticiou que ele havia sido exonerado do cargo de juiz distrital até então por ele ocupado em Plano Alto. (*A Federação*, 06/02/1917, p. 5) O terceiro e último dos esporádicos registros sobre ele foi encontrado em 20/11/1918, quando, sem que se saiba o motivo (causador), Antônio Machado da Silva Filho faleceu aos 50 anos de idade.

É indispensável mencionar neste momento que, até então, como nenhum dos filhos do casal Machado havia se casado, pois o primeiro matrimônio foi o de Maria Floriana da Silva, ocorrido no mês subsequente à morte de Antônio Machado da Silva Filho, em 25/12/1918, esta situação fez recair toda a responsabilidade da manutenção da família sobre sua esposa.

Outrossim, se estes três são os documentos dos quais se dispõe, cujos conteúdos traziam informações relevantes que mencionam seu pai, sobre sua mãe, o único registro encontrado remete-se a uma matéria publicada no jornal *A Federação*. Esse, além de trazer a relação de seus filhos e das datas de nascimento destes, noticiava também que, após dois anos de seu falecimento, ocorrido em 13/08/1927, a tutoria do filho mais novo, Sady Machado, havia sido dada a seu irmão Oscar Machado. (*A Federação*, 13/08/1929, p. 6)<sup>62</sup>

De toda sorte, entre este triste acontecimento para a família e o início da trajetória de Oscar Machado no interior das instituições de ensino metodista na condição de professor, poucas, porém decisivas, informações foram levantadas, aspectos que terão influência direta no desenrolar da trama de sua vida, fazendo com que fosse possível se chegar a este momento no qual recebeu a guarda de seu irmão.

---

<sup>61</sup> Sobre o que se entende por coronel aqui ver: (LEAL, 1975). Para saber mais da política gaúcha e da figura dos coronéis na República Velha nesta, ver: (AXT, 2011; FÉLIX, 1987; GERTZ, 2011, LOVE, 1975 e MASTRI, 2010).

<sup>62</sup> Há uma pequena dúvida acerca da data exata do falecimento de Flora da Rosa Silveira pois, segundo o *mini curriculum* elaborado por Oscar Machado, ele teria se dado em 10/08/1927.

A esse respeito, em Plano Alto, a uma distância de cerca de seis quilômetros da estação de trem, desejando estudar para poder dar uma vida melhor a si mesmo e a seus irmãos, foi que se deu o início da vida escolar de Oscar Machado em uma escola mista<sup>63</sup>, situada na zona rural do 5º distrito, na Estância do Paraíso, numa localidade que ele denominou como “Jequiquá”.<sup>64</sup>

Não foi localizado qualquer registro da passagem de Oscar Machado por essa escola. As poucas informações coletadas sobre o educandário indicam que, mesmo em péssimas condições e com baixo número de matrículas, ele permaneceu em atividade até, pelo menos, o ano de 1941, de acordo com o relatório apresentado pela professora Alda M. Fernandes, orientadora de instrução elementar em Uruguaiana. (QUADROS, 2006, p. 88-89)<sup>65</sup>

Aludindo as proposições de Gilberto Velho, presentes na introdução, a vontade manifestada por Oscar Machado de estudar – que, para ser concretizada nesta conjuntura, exigia que ele realizasse um trajeto a pé de alguns quilômetros entre sua casa e esta escola rural – poderia aqui simbolizar o ponto de partida de um *projeto individual* que iria desenvolver em sua vida com o fito de, diferentemente de seus pais, por meio da aquisição da instrução formal, conseguir alcançar uma condição financeira melhor e proporcioná-la também a seus irmãos. (VELHO, 1994)

Sem que pudesse fazer qualquer tipo de cálculo prospectivo neste momento de sua infância, imerso em meio a um *campo de possibilidades*, tomado como ambiente sociocultural no qual ele formularia e implantaria esse mesmo *projeto*, depreende-se que, por ter entrado em contato com as instituições de ensino metodistas, foi que o mesmo pôde ser levado a cabo. (VELHO, 1994)<sup>66</sup>

---

<sup>63</sup> Pode-se presumir sobre a escola que, ao menos desde o ano de 1901, ela já se encontrava em funcionamento pelo fato de ter sido informado que estava vaga a sexta aula do sexo masculino em Touro Passo. (*A Federação*, 26/02/1901, p. 1)

<sup>64</sup> MACHADO, Oscar. *Mini curriculum*. Gráfica Universitária: Uruguaiana, 1974. Na realidade, a localidade se chama Ijiquiquá e até os dias atuais integra o município de Uruguaiana.

<sup>65</sup> Foram encontradas duas notas que citam a nomeação da professora Aquilina dos Reis para a 8ª escola mista de Touro Passo em 1907. Não se sabe se esta é a escola onde Oscar Machado teria iniciado seus estudos em Plano Alto pois a instituição ficaria distante a alguns quilômetros da estação, podendo estas menções se referirem a alguma escola próxima à região da outra estação Touro Passo, na divisa com a Argentina, situação que se crê improvável. (*A Federação*, 03/08/1907, p.2 e 07/10/1907, p. 2)

<sup>66</sup> Em acordo com a proposta de Reinhart Koselleck, na qual as categorias de *experiência* e *expectativa* poderiam aqui ser utilizadas para abordar as ações concretas de Oscar Machado no movimento social e político ao longo de sua trajetória, quando se vê o surgimento deste plano de criança para obter uma vida melhor com o auxílio de uma bolsa de estudos e o resultado final obtido, se percebe que ele extrapolou em muito qualquer *horizonte de expectativa*, tema que se tentará aprofundar ao longo da tese. (KOSELLECK, 2006, p. 308-309)



Iniciando seus estudos na zona rural, o fato é que, aparentemente após concluir seu curso primário, ele se transferiu para o *Colégio União*, onde terminou seus estudos secundários em 1922.<sup>67</sup> Sem embargo, divergindo da situação de precariedade que ele parece ter enfrentado quando iniciou seus estudos na escola de Ijiquiquá, ao adentrar no União, que se dedicava apenas à formação secundarista, Oscar Machado passou a frequentar o colégio que foi o grande catalizador para o início de sua trajetória de intelectual e educador.<sup>68</sup>

### 1.7 OSCAR MACHADO E O *COLÉGIO UNIÃO*: O INÍCIO DE SUA TRAJETÓRIA NO METODISMO

Em seu *mini curriculum*, Oscar Machado relatou que terminou os estudos primários numa escola rural do município de Uruguaiiana e, posteriormente, teria concluído o curso secundário no *Colégio União* da mesma cidade.<sup>69</sup> As informações sobre a infância de Oscar Machado e do motivo que o levou a estudar no *União* são ainda bastante escassas.

As esparsas referências que auxiliam no entendimento de como se davam os estudos nos colégios metodistas advém de obras que, a exemplo do livro escrito por Nelson de Godoy Costa, cujo conteúdo versa sobre a vida do primeiro bispo brasileiro da Igreja Metodista, César Dacorso Filho, são importantes, pois permitem perceber que as despesas para se manter um aluno em tais educandários eram bastante elevadas para a época. (COSTA, 1967)

Esse fato gera a necessidade de um aprofundamento nas conjecturas relativas ao início da trajetória de Oscar Machado, realizando, sempre que possível, seu cotejamento com os outros casos a ele contemporâneos. Assim, para poder mensurar um pouco como era difícil concluir os estudos em uma instituição privada de ensino sendo oriundo de uma família humilde, se faz necessário abordar a supramencionada obra de Nelson Godoy da Costa, pois ela ajudará a entender melhor este aspecto da trajetória de Oscar Machado.

Levado por seu pai à Igreja Metodista quando tinha nove anos, em sua infância, a participação na escola dominical foi importante para que César Dacorso Filho

---

<sup>67</sup> MACHADO, Oscar. *Mini curriculum*. Gráfica Universitária: Uruguaiiana, 1974.

<sup>68</sup> Para maiores detalhes do *Colégio Metodista União* ver: (STABILE, TIMM, 2007 e TIMM, 1989). Ver também: Histórico do Colégio Metodista União. Disponível em: <[http://www.metodistadosul.edu.br/institucional/redeipa/historico\\_uniao.php](http://www.metodistadosul.edu.br/institucional/redeipa/historico_uniao.php)>. Acesso em: 05 jul. 2016.

<sup>69</sup> MACHADO, Oscar. *Mini curriculum*. Gráfica Universitária: Uruguaiiana, 1974.

desenvolvesse o interesse pelo metodismo. Por motivos diversos, na adolescência ele teve que abandonar a escola e começar a trabalhar numa tipografia de Santa Maria, onde morava. Porém, devido ao baixo salário, largou o emprego e arrumou uma colocação no comércio, local onde continuou a ganhar pouco sendo também muito explorado. Passados alguns anos, finalmente, com a ajuda de seu irmão, ele arrumou o emprego no escritório da Viação Férrea, onde, logo depois, prosperou e foi promovido. (COSTA, 1967, p. 48-68)

Com essa melhora, César Dacorso voltou a estudar e passou a se engajar nas atividades da Igreja Metodista, vindo a fazer parte da Liga Epworth<sup>70</sup> – onde dirigiu cultos – e também a trabalhar como professor na escola dominical. Por conta de tais mudanças e de sua vinculação cada vez mais forte com o metodismo, ele optou por abandonar o bom emprego que tinha de escriturário da linha férrea e decidiu que iria se tornar pastor. (COSTA, 1967, p. 76-84)

Malgrado, vindo de família pobre, ao se dirigir para Juiz de Fora onde cursaria Teologia no *Instituto Granbery*, desconsiderando seu teor laudatório, Nelson Godoy da Costa atesta que César Dacorso passou grandes dificuldades para custear seus estudos, mas ainda assim acabou completando seu intento de se tornar um membro do clero metodista:

O pior foram as dificuldades financeiras. Pobre, muito pobre, nunca recebeu ali o auxílio da Igreja. Nem dos pais que não podiam. Nem dos outros que podiam. De ninguém. Atirou-se ao trabalho, e trabalhando pagava a comida, o quarto, a luz, o ensino. Principiou rachando lenha e varrendo salas de aulas; depois trabalhou na rouparia, na livraria, na secretaria. Lutava tremendamente, mas para vencer a grande luta tinha uma força maior: a vocação. (COSTA, 1967, p. 96)

---

<sup>70</sup> As ligas Epworth poderiam assim serem explicadas: “O trabalho com os Jovens iniciou-se em 1889, com o nome de Liga Epworth e, depois, tornou-se Sociedade Metodista Jovem (SMJ). Em 1889, algumas sociedades de jovens, previamente existindo na Igreja Metodista Episcopal do Sul, organizaram-se em uma união cooperativa com uma constituição e um plano de trabalho. Este movimento não se generalizou, nem era numericamente forte. Em 1890, a Conferência Geral autorizou a formação de Ligas Epworth, para a promoção da piedade e lealdade à Igreja entre a mocidade, sua educação na Bíblia, na literatura cristã e no trabalho missionário da Igreja e seu encorajamento nas obras de graça e caridade. Com a formação de várias Ligas, foram criadas as federações nas regiões existentes, que serão apresentadas um breve resumo de suas criações. Epworth, antiga cidade inglesa, lembrava o berço natal de João Wesley, fundador do Metodismo. A primeira Liga Epworth no Brasil foi organizada pelo Rev. J. W. Price, no dia 6 de outubro de 1899, na Igreja Central de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. De ano para ano, muitas foram as igrejas que cuidaram de organizar a Liga Epworth, estando a sua orientação aos cuidados de secretários conferenciais.” Disponível em: <[http://5re.juventudemetodista.org.br/quem\\_somos\\_juventude.php](http://5re.juventudemetodista.org.br/quem_somos_juventude.php)>. Acesso em: 01 set 2016.

Além de ser gaúcho e de partilhar do histórico de vir de uma família humilde, ao considerar o itinerário do metodismo no estado, suas iniciativas e também aquilo que foi escrito por seu sobrinho, Antonio Augusto da Silva Fagundes, mais conhecido como Nico Fagundes, é possível pressupor que a trajetória de Oscar Machado tenha algumas semelhanças com a de Cesar Dacorso.

Ambos tiveram o contato com a designação religiosa facultado desde sua infância por conta da presença das Igrejas e de suas instituições de ensino na região de Uruguaiana, aspecto que trouxe implicações determinantes para seus futuros.

Mas aí houve duas coisas importantes: a Igreja Metodista, vinda dos Estados Unidos, entrou com força na fronteira oeste do RS. O lado Machado da Silva da minha família se tornou metodista pela mão do meu tio Oscar Machado da Silva, do meu tio Sadi Machado da Silva e sobretudo graças a dois educandários metodistas: o União, em Uruguaiana, e o IPA, em Porto Alegre. (FAGUNDES, 2010)

Ao se dedicar a escrever um pequeno texto que versava sobre as trajetórias dos educadores Elmo de Farias Albernaz e Oscar Machado, especificamente sobre o segundo, Homero Suaya Vasques Rodrigues enfatizou a origem simples de sua família e o impacto que o metodismo e suas instituições de ensino tiveram em sua vida:

O primeiro, saído do interior uruguaiese, filho de tropeiro e menino pobre, chegou até aquela cidade trazido pelo amparo da Igreja Metodista e analfabeto até os 11 anos, pelo estudo metódico e vigoroso, conseguiu, vindo para Porto Alegre, tornar-se professor em Educação e posteriormente doutor. (RODRIGUES, s/d)<sup>71</sup>

Com a intenção de vislumbrar as diferentes possibilidades para sua inserção no metodismo e em suas instituições de ensino, para além daquilo que já se mencionou sobre o *Colégio União*, destaca-se que as atividades metodistas na área educacional, ainda que não realizadas de modo formal, começaram em Uruguaiana antes da chegada dos missionários metodistas no início do século XX.

Essa situação se coloca, pois, em meio às 11 escolas dominicais que estavam funcionando no Rio Grande do Sul no ano de 1900, uma delas se encontrava instalada

---

<sup>71</sup> Eivado de certa imprecisão, o pequeno excerto acima não deixa de sublinhar a importância que o metodismo e sua ênfase nas atividades voltadas para o setor educacional tiveram na trajetória de Oscar Machado. Disponível em: <<http://www.planetsul.com.br/htm/colunistas/colaboradores/homero/anteriores/120620081.htm>>. Acesso em: 02 julho 2016.

na cidade, contribuindo para que se criassem condições mais propícias para a chegada dos metodistas na região. (AÇO, 2008, p. 16)<sup>72</sup>

Em sua narrativa, Eduardo Mena Barreto Jaime evidenciou que antes mesmo do Reverendo Eduardo Everett Joiner ter se fixado em Uruguaiana em 1903, o inglês Thomaz Carey dirigia a escola dominical em uma das salas da maçonaria na cidade, aspecto que sugere uma aproximação com tal instituição, fato não incomum na história do metodismo. (JAIME, 1967, p 38)

Acerca das atividades educacionais realizadas antes de sua chegada à Uruguaiana, o Reverendo Eduardo Joiner fez as seguintes observações sobre as implicações que elas tiveram para o início da atuação metodista na cidade:

O fato de ser a Escola Dominical conhecida ao povo, desde o tempo do Irmão Carey, tem dado a idéia de que todos os nossos cultos são aulas da Escola Dominical, e como é idéia geral de que escola é só para meninos e meninas, os pais, mandando os seus filhos, acham que já não há necessidade de eles virem, de modo que nossos cultos, bem diverso de outras partes onde o maior número sempre são adultos, aqui são pela maior parte meninos e jovens. Entre estes há alguns que, creio, têm uma boa compreensão dos ensinamentos do Evangelho. (AÇO, 2008, p. 16-17)

Em que pese essa crítica realizada, com algum grau de confiabilidade, é patente que, aspirando resultados promissores, uma das principais táticas das quais se valeram os metodistas em sua inserção no Rio Grande do Sul era a de investir na educação de crianças, jovens e mulheres com o objetivo de fazer fortalecer nas gerações mais jovens os resultados da obra missionária que se desenvolvia desde 1875.

Para tanto, no que tange às escolas dominicais, uma das portas de entrada das crianças na designação religiosa, eles investiam em estratégias diferenciadas de forma a apresentar um conteúdo lúdico que proporcionasse uma socialização e uma incorporação de seus participantes na condição de novos fiéis. (AÇO, 2008)

Percebe-se que as escolas dominicais foram importantes, pois permitiam que as crianças e jovens experimentassem certa sociabilidade que, no decorrer do tempo, faria com que seus participantes passassem a incorporar certa afeição por aquilo que o metodismo apregoava. Por meio delas se buscava garantir que os métodos de transmissão religiosa e as festividades passassem a funcionar como um modo de induzir a reforma individual e a formação do caráter dos fiéis. Ao mesmo tempo, elas atuavam com o fito

<sup>72</sup> Atendendo a um público menos abastado, no seio das estratégias utilizadas para a difusão dos valores que a Igreja Metodista visava a efetivar no Brasil, as escolas dominicais tinham como função precípua alfabetizar e ensinar os alunos a contar, tática que atendia ao duplo objetivo de realizar o prosélito na doutrina protestante e também preservar a fé de seus fiéis. (MESQUIDA, 1994, p. 114)

de dar continuidade institucional aos esforços missionários ao se dirigir à evangelização e à sociabilização dos jovens pautadas por uma educação cristã. (AÇO, 2008, p. 21)

Nesse sentido, em decorrência da centralidade que atingiam nas ações voltadas para as crianças e jovens dentro da proposta educacional metodista, constantemente eram discutidos os melhores métodos para que se alcançassem os objetivos traçados.

Nesse contexto, a educação cristã realizada através da Escola Dominical propiciaria a continuidade institucional da Igreja contribuindo para a assimilação de hábitos religiosos, valores de vida e de conduta inspirados nos preceitos metodistas. Esta preocupação para com o trato infantil e juvenil é frequentemente vista nas páginas do jornal *O Testemunho*. No início do século XX, tanto os missionários e missionárias norte-americanos como os pastores nacionais realçavam suas preocupações sobre a escassez de literatura evangélica destinada principalmente ao movimento das Escolas Dominicais. (...) Nesse sentido, a literatura para as Escolas Dominicais, a didática e a capacitação encontravam-se entre os principais temas dos debates e das preocupações dos metodistas sul-rio-grandenses (...). (AÇO, 2008, p. 17-18)

Inserido no quadro geral apresentado sobre a região de Uruguiana e do estado do Rio Grande do sul, é incerto se Oscar Machado iniciou no metodismo mediante a ação dos missionários itinerantes que, vez ou outra, possam ter realizado pregações no local onde residia com sua família, se ele teve contato direto com a Igreja Metodista local ou com sua escola dominical.

O que se pode afirmar é que as atividades da designação religiosa se intensificaram em Uruguiana nos anos seguintes à chegada dos missionários permanentes sendo que, em 1904, os metodistas já haviam se mudado de prédio, alugando uma nova instalação mais confortável, na qual poderiam receber os 29 fiéis que frequentavam a Igreja. (JAIME, 1963, p. 43-48)

Pouco tempo depois, em 1908, foi organizada a Sociedade Auxiliadora de Senhoras da Igreja Central, que tinha como finalidade angariar donativos para a construção da Igreja, cuja pedra fundamental havia sido lançada em 31 de janeiro de 1907. (JAIME, 1963, p.43-54)

Recapitulando parte do que foi mencionado anteriormente, no bojo dessas mudanças, ocorreu também a transferência do controle do *Colégio União* para as mãos dos metodistas que, de tal modo, teriam suas atividades no setor educacional fortalecidas. Isso é perceptível, pois em 1909, já sob sua supervisão, o *Colégio União* contava com a matrícula de 70 alunos, sendo, no ano seguinte, lançada a pedra fundamental das instalações do novo prédio que viria a abrigá-lo. (JAIME, 1963, p. 63-65)

Destarte, situando este contexto no interior do quadro geral do crescimento do metodismo no Rio Grande do Sul, em 1910, existiam 19 escolas dominicais, com 86 professores e 1191 alunos, 7 Ligas juvenis que contavam com 283 sócios, 9 Ligas Epworths com 536 sócios, 6 escolas paroquiais e o *Colégio União* que contavam com 33 professores e 569 alunos. Em relação ao valor arrecadado com as contribuições realizadas pelos membros da Igreja, se, em 1901, havia sido recolhido o montante de 2:476\$000, em 1910, o valor teria atingido o total de 37:499\$000. (JAIME, 1963, p. 67)

Conquanto, é preciso enfatizar que se estes dados sugerem um avanço expressivo e, do ponto de vista da ampliação da área de atuação e do número de crianças atendidas em seus educandários, certamente ele o foi, no que compete à atração de fiéis para a igreja, tal crescimento apresentou uma taxa bem menor.

É difícil aferir de que maneira a consolidação do União e as iniciativas da Igreja local foram efetivas para o afluxo de pessoas ao metodismo nestes anos iniciais. O que se pode destacar é que, se a Igreja Central de Porto Alegre possuía um total de 233 membros, os 188 metodistas de Uruguaiana se revelavam consideráveis para o ano de 1909, apontando tanto para um substancial crescimento em relação aos 29 membros do ano de 1904, quanto em relação ao total da capital do estado, onde as atividades eram mais intensas desde a chegada da denominação religiosa. (JAIME, 1963, p. 66)

Todavia, pela expansão do total de fiéis ao longo do tempo, ao comparar o ritmo de seu crescimento com o verificado no número e matrículas dos colégios e escolas dominicais e paroquiais metodistas<sup>73</sup>, se detecta uma significativa discrepância que refletiria a opção por se enveredar por essa área com o intuito de fortalecer as próximas gerações de fiéis, ainda que sua atividade educacional não se assumisse enquanto proselitista. (JAIME, 1963, p. 66).<sup>74</sup>

Nas duas décadas seguintes, o descompasso entre o aumento do número de fiéis e o de estudantes das instituições de ensino metodistas da região sul do país, aparente-

---

<sup>73</sup> As escolas paroquiais, muitas vezes, funcionando nos templos das igrejas, atendiam, preferencialmente, os filhos dos fiéis metodistas. Mesmo que fosse desejável que se mantivessem abertas também aos não metodistas, tendo como função principal a instrução primária, representavam uma opção para aqueles que não possuíam condições financeiras de manter seus filhos nos colégios desta designação religiosa, apresentando também uma preocupação com os filhos dos trabalhadores rurais e com o sentimento nacionalista, posto que as grandes instituições educacionais metodistas eram administradas por missionários norte-americanos: “(...) *sentimos a necessidade de um Collegio onde se possam educar os filhos dos nossos irmãos de menos recursos, estes pobres trabalhadores rurais (...) quando chegará o dia venturoso em que teremos um Collegio desta natureza, creado e dirigido exclusivamente por brasileiros?*” (CHAVES, Apud, BOAVENTURA; MALUSÁ, 1996, p. 85)

<sup>74</sup> Em 1901, o metodismo contava com 228 membros, em 1905 contava com 704 e em 1910 com apenas 1309, quando tais dados são confrontados com os 1191 alunos das escolas dominicais e os 569 das escolas paroquiais e do União no ano de 1910 se evidencia esta disparidade. (JAIME, 1963, p. 66-67)

mente, se manteve. De acordo com os dados apresentados por Elias Boaventura e Silvana Malusá, entre 1911 e 1920, o metodismo obteve satisfatórios resultados para as áreas da Conferência Anual Brasileira e da Conferência Central Brasileira, fato não ocorrido no Rio Grande do Sul, integrante da Conferência Anual Sul Brasileira, pois como se verifica seu crescimento foi visivelmente mais tímido.<sup>75</sup>

**Tabela 2: Número de membros entre 1910 e 1920<sup>76</sup>**

	1910	1911	1912	1913	1914	1915	1916	1917	1918	1919	1920
A	4881	5469	5665	5510	5873	6117	6580	7274	7915	4692	5014
B										1025	3562
C	1309	1334	1372	1322	1432	1463	1479	1601	1646	1624	1675
Total	6190	6803	7037	6832	7305	7580	8059	8875	9561	7341	10251
Evolução em %		+9,90	+3,43	-2,91	+6,92	+3,76	+6,31	+10,12	+7,72	-23,2	+39,6

Fonte: BOAVENTURA, Elias; MALUSA, Silvana. Escolas Paroquiais Metodistas. *Revista de Educação do Cogeime* v. 5, n. 9, 83-98, 1996. p. 87.

João Nelson Betts mencionou que, nos cem primeiros anos da presença metodista no Rio Grande do Sul chegaram a existir trinta e três escolas paroquiais. Neste interstício, em 1911, segundo o Relatório da Junta de Educação, o total delas chegaria a sete, presentes em algumas cidades como: *Escola Alfômega – Alegrete, Escola Paroquial – Cachoeira, Escola Paroquial – Arroio do Só.* (BETTS, 2000)<sup>77</sup>

Ao tratar da expansão destas escolas no Rio Grande do Sul, com base na documentação da própria Igreja Metodista, ele também descreveu como se dava o planejamento para tal empresa:

<sup>75</sup> Seguindo o que foi proposto pelos integrantes do Grupo de Pesquisa da História do Metodismo no Rio Grande do Sul do Instituto Teológico João Wesley, no ano de 1910 os números referentes às ações evangelizadoras contabilizavam um total de 10 pastores locais e 12 itinerantes. Estes distribuíam-se por 11 igrejas com um número de 1373 membros, 12 escolas dominicais cujos números de professores era de 86 e de alunos 1281, 5 ligas Epworth com 322 sócios e 9 Sociedades Auxiliadoras de Senhoras com um número de 236 sócias. (BETTS, 2007, p. 20)

<sup>76</sup> O campo A das tabelas compreende as áreas de abrangência da Conferência Anual Brasileira (distritos do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Petrópolis e Cataguases), o campo B, à Conferência Central Brasileira que, criada em 1918, compreendia os distritos de São Paulo, Ribeirão Preto, Campinas e Noroeste. Já o campo C, corresponde à área de abrangência da Conferência Anual Sul Brasileira que englobava os distritos Colonial, de Cruz Alta, Porto Alegre e Santa Maria.

<sup>77</sup> Em diferentes períodos dos primeiros cem anos do metodismo gaúcho, funcionaram, por algum tempo, Escolas Paroquiais de nível primário em Porto Alegre, Bento Gonçalves, Caxias, Cruz Alta, Passo Fundo, Erechim, Carazinho, Palmeira das Missões, Ijuí, Santo Angelo, São Borja, Itaqui, Alegrete, Quaraí, Livramento, São Gabriel, Cachoeira do Sul, Osório e Pelotas. (BETTS, 2000)

Recomendamos que hajam escolas paroquiais para o ensino primário em todos os cargos onde for possível sustentá-las e achar pessoas competentes, membros das nossas igrejas, para dirigi-las; com tanto que nem os pastores, em plena conexão com a nossa Conferência, nem suas esposas, possam perceber emolumento algum desses colégios. Essa ênfase em escolas paroquiais era decorrente da: 1. Escassez de escolas públicas, geralmente com limitação de alunos; 2. Escolas particulares dirigidas por padres ou freiras, não eram simpatizantes de elementos relacionados com “protestantes”; 3. Prover educação aos filhos de famílias da Igreja, bem como abrir oportunidade para outras crianças que do contrário não teriam acesso à educação. (BETTS, 2000)<sup>78</sup>

Ao voltar os olhos para a situação das escolas no Rio Grande do Sul e tomar em conjunto as escolas paroquiais – não obstante também faltem informações mais precisas sobre seu funcionamento, organização e finalidade – e os grandes colégios, nota-se que eles se espalhavam por praticamente todo o estado no início do século passado. Tal painel é verificado no mapa abaixo, que se remete ao ano de 1915. Neste período, no qual ainda não existiam os colégios das cidades de Santa Maria, Passo Fundo e o *Porto Alegre College* (PAC), havia um total de 19 escolas paroquiais que, somadas às escolas regulares já em funcionamento, *Colégio Americano* de Porto Alegre e *Colégio União* de Uruguaiana, evidencia a capilaridade e o sucesso de tal empreendimento.

---

<sup>78</sup> A essas se somariam também as seguintes “Aulas Noturnas”, que se voltavam para o atendimento de jovens e adultos: Escola da Igreja Institucional, da Igreja de Cruz Alta, da Igreja de Cachoeira e da Igreja de Alegrete e, em 1914, a da Igreja dos Valois, no circuito de Cruz Alta e a de Santana do Livramento. (BETTS, 2000)



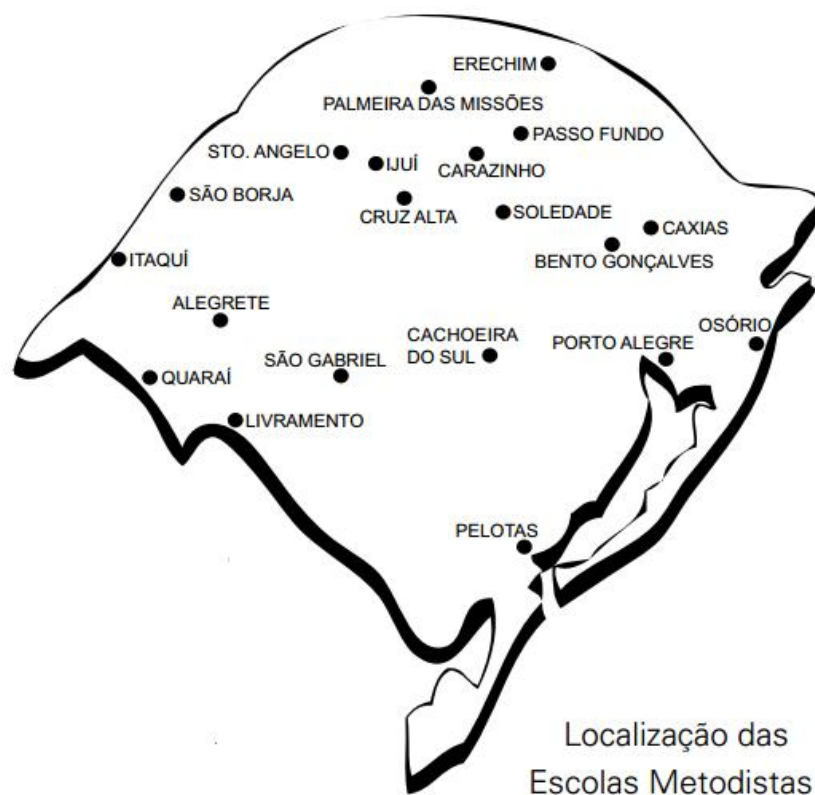


Imagem 2: Escolas metodistas do Rio Grande do Sul em 1915. (BETTS, 2007, p. 10)

Ao focar na realidade vivida em Uruguaiana, seja por um caminho ou por outro, é imperativo que, em sua expansão, o *Colégio União* atraiu nomes de relevo para a história do metodismo nacional, a exemplo de César Dacorso e Derly de Azevedo Chaves.

Natural de Alegrete-RS, Derly de Azevedo Chaves teve os primeiros contatos com o metodismo por conta das ações evangelizadoras desenvolvidas pelo ministro José Kokot. Como um dos muitos outros gaúchos que vieram a atuar como quadros dos educandários e igrejas metodistas, depois de participar ativamente das ações da denominação, tendo, dentre outras atribuições, a de presidir a Liga Epworth e a escola dominical local, foi para Minas Gerais em 1915 a fim de estudar Teologia no *Instituto Granbery* de Juiz de Fora. (JAIME, 1963, p. 82-84)<sup>79</sup>

<sup>79</sup> Além de César Dacorso Filho e Derly de Azevedo Chaves, saíram de Uruguaiana para estudar no *Granbery*, dentre outros, os seguintes jovens: Oswaldo Luiz e Antônio Patrício Fraga. O último destes foi um dos precursores deste trajeto, pois, já em 1902, no interior do processo de expansão do metodismo no Rio Grande do Sul, foi enviado para Juiz de Fora a fim de cursar teologia. Em seu retorno à cidade de Santa Maria, em 1906, Antônio Patrício Fraga substituiu o Reverendo J. C Price como pastor, num contexto no qual César já era membro da Igreja Metodista atuando em várias atividades que ela desempenhava na cidade. (COSTA, 1967, p. 49-51)

Após se formar, Derly de Azevedo Chaves retornou ao Rio Grande do Sul ao lado de sua esposa Otília Chaves e passou a desempenhar importantes atividades no magistério e ministério da denominação religiosa. Em seu regresso ao estado, inicialmente, em 1918, o casal se estabeleceu em São Borja, porém, ambos foram chamados para trabalhar no *Colégio União* de Uruguaiana. Pelo fato de terem sido transferidos da cidade para Santa Maria-RS onde, no ano de 1919, ele veio a ficar seriamente doente, tem-se a confirmação de que ele teve contato com Oscar Machado quando este ainda era aluno da instituição. (RIBEIRO, 2008, p. 187)

Logo, como se viu, pelo menos duas décadas antes de Oscar Machado se formar no *União*, já era comum a prática do envio de jovens da região de Uruguaiana para continuar seus estudos em outras instituições metodistas a fim de se tornarem membros da Igreja e de seus educandários.

Nesse sentido, considerando tal prática, ao ter contato com um destes jovens, Derly de Azevedo Chaves, – também natural da região da fronteira com a Argentina e o Uruguai e detentor de uma origem humilde igual à sua – facultado por sua atuação no *União*, parece ser bastante plausível depreender que tais exemplos possam ter servido de inspiração para uma nova leva de aspirantes ao ministério que haviam sido nomeados no ano de 1921, dentre os quais se encontrava Oscar Machado.

A igreja gaúcha, com alegria, via aumentar o número de jovens aspirantes ao ministério, recomendados pela Junta de Educação. Lembramos os nomes dos seguintes: - Oscar Machado, Davi Medeiros, Willy Millius, José Batista da Silva, Acácio Goulart, Sezefredo Betiol, Antonio Pedro Rolim, Carlos de Abreu Godinho e João Amaral. (JAIME, 1963, p. 102)

Trilhando o mesmo caminho de Derly Chaves, como uma forma de obter um futuro melhor, Oscar Machado desejava estudar. Pode-se aventar que, pelo fato do *Colégio União* ser à época uma escola dedicada apenas ao ensino médio, levando em conta que existiu uma série de Escolas Paroquiais, que se voltavam para o ensino primário, em várias localidades da região, uma destas poderia ter se feito presente em Uruguaiana, tendo Oscar Machado concluído o ensino primário nesta.<sup>80</sup>

Seja como for, se, sobre os primeiros passos de seu *projeto individual* de estudar para alcançar uma melhor situação para si e seus irmãos há algumas informações, sem que se conheçam as circunstâncias exatas, faltam registros mais precisos sobre aquilo

<sup>80</sup> Ao que todos os indícios encontrados até então indicam, mesmo que tenha existido na cidade, ele não chegou a frequentar uma dessas escolas paroquiais, pelo fato delas se voltarem para o ensino fundamental. (BOAVENTURA, 1994, p. 95)

que aconteceria logo depois. O pouco que se conhece sobre a continuidade do mesmo é que, após ter iniciado seus estudos numa escola rural, ele teria passado a trabalhar em uma loja de secos e molhados no centro da cidade de Uruguaiana, vindo a ingressar posteriormente no *Colégio União* quando tinha por volta de seus 13 ou 14 anos de idade.

Por um viés interpretativo diferente, ao levar em conta o binômio que pautava as atividades metodistas, educação e fé, não é descabido também presumir que a entrada de Oscar Machado no colégio pode ter ocorrido como decurso de sua atuação na Igreja.

Aceitando esta suposição, é factível propor que, eventualmente, ele possa ter frequentado ao culto ou participado da escola dominical e, em decorrência de seus esforços, tenha demonstrado para os educadores metodistas que valeria a pena proporcionar uma bolsa de estudos a Oscar Machado.

Ainda que não exclua essa suposição, uma segunda hipótese se torna mais verossímil posto que, se, por um lado, refletiria a efetividade de seus esforços que tinham um objetivo definido de melhorar de vida através dos estudos, por outro, também atendia a um *projeto coletivo* muito claro e efetivado há décadas na região pela Igreja Metodista, qual seja, a cooptação de jovens para compor os quadros de seu magistério e ministério.

Nos termos de Gilberto Velho, pode-se sugerir que houve um encontro entre o *projeto individual* de Oscar Machado e o *projeto coletivo* da Igreja Metodista que, vivenciado de modo diferente por cada um daqueles que o compartilharam, justamente devido aos objetivos individuais e às experiências das quais cada um era detentor, apesar disto, mostrava-se bastante profícuo.

Um projeto coletivo não é vivido de modo totalmente homogêneo pelos indivíduos que o compartilhavam. Existem diferenças de interpretação devido a particularidades de status, trajetória e, no caso de uma família, de gênero e geração. (VELHO, 1994, p. 41)

Sem se generalizar sobre as trajetórias dos jovens aspirantes ao magistério e ministério metodista, considerando as especificidades de suas aspirações individuais e o modo como estas se articularam com o projeto da igreja, encontraram-se semelhanças entre os itinerários percorridos por César Dacorso Filho e Oscar Machado.

Nesse sentido, ao olhar retrospectivamente o início de sua trajetória no *Colégio União* e comparar sua inserção no educandário à vivenciada por César Dacorso Filho, o que se pode afirmar é que, nascido numa família pobre, Oscar Machado também conseguiu uma bolsa de estudos. A partir de então passou a morar no internato e, sem minorar

todas as possíveis dificuldades que enfrentou, parece que isso concorreu para que ele alcançasse a chance de mudar seu destino e colocar em prática seus intentos.

Neste intervalo entre sua chegada a Uruguaiana, quando começou a trabalhar na loja de secos e molhados, e sua entrada no colégio, foi que Oscar Machado conheceu Dilza Tito Fauque, com quem viria a se casar. Dilza era de uma família católica e, provavelmente, dada a sua entrada no *Colégio União*, acabou por se converter ao metodismo, situação análoga à que aconteceu com os Machado. (FAGUNDES, 2010)

No colégio, eles estudaram na mesma sala, mas, mesmo que Oscar já se interessasse por ela e, ao que tudo indica, ter seus sentimentos correspondidos, eles não vieram a namorar pois a família de Dilza não o aceitava, uma vez que ele não tinha uma boa condição social-financeira.

Com todas as dificuldades que ele possa ter encontrado no colégio para custear seus estudos, contingencialmente tendo que desempenhar diversas atividades como faxina, cuidar dos mais novos, trabalhar na secretaria, rouparia ou onde quer que fosse, Oscar Machado conseguiu se destacar e, no início da década de 1920, teve seu nome indicado pela Junta de Educação como jovem aspirante ao ministério. (JAIME, 1963, p. 102)

## 1.8 OS EUA E A CONFIGURAÇÃO DE UM INTELLECTUAL METODISTA

Decorridos alguns anos desde sua chegada ao *Colégio União*, em 1922, Oscar Machado concluiu seu curso secundário estando apto para prosseguir sua formação. Junto a seu *projeto pessoal* de, por meio do estudo propiciado no educandário metodista, conseguir melhorar sua condição financeira e a de seus irmãos, por ter se destacado e se candidatado a continuar os estudos, surgiu a oportunidade que ele tanto aguardava: o convite para ir aos EUA, se formar em Teologia e, em seu retorno, vir a atuar como pastor da Igreja Metodista.

É importante perceber que, quando se utiliza aqui a categoria de *projeto*, em conformidade com aquilo que foi proposto na introdução, não se visa a traçar uma explicação lógica que exima da trajetória de Oscar Machado as incertezas, os acasos e as alterações de seus intentos ao longo do tempo, de modo a dotar-lhe de uma narrativa estanque, monolítica.

Pelo contrário, entende-se que este *projeto individual* de melhorar de vida, por intermédio do acesso aos estudos, aos poucos sofreu alterações que ocorreram seja por

suas próprias decisões pessoais ou pelo contato de Oscar Machado com o *projeto coletivo* da igreja. Isso ocorria frente a uma dinâmica diferente daquela na qual se parte de um cálculo prospectivo, cujos resultados seriam diretamente decorrentes de um planejamento que se elaborava a todo instante a partir de escolhas foram feitas em meio a um *campo de possibilidades* mutante que se lhe apresentava.

As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de projetos com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades. (VELHO, 1994, p. 47)

É com essas proposições em mente que se pode conjecturar que, se em sua infância ou adolescência, Oscar Machado, na medida em que fazia acontecer as oportunidades ou se aproveitava delas quando estas se apresentavam a ele, poderia entender que o simples acesso ao ensino fundamental e, quiçá, ao médio, já proporcionaria a chance de serem concretizados seus intentos.

Contudo, também é possível supor que, uma vez imerso no *Colégio União*, cujo proselitismo religioso, além da oferta de instrução formal, também era uma de suas marcas, ao se deparar com as oportunidades que há décadas se abriam aos jovens que desejavam estudar teologia em uma das instituições metodistas, acabou remodelando seus intentos iniciais ao vislumbrar que poderia superar suas expectativas e se tornar um pastor da Igreja.

Uma tese plausível para essa oportunidade dada a Oscar Machado seria a de que os metodistas o teriam recrutado com a intenção de prepará-lo para vir a se tornar, no futuro, um pastor da denominação. Por esse caminho, embora tratasse do caso das escolas paroquiais que, até o momento, não sabemos se existiram em Uruguiana, especulase que Oscar foi cooptado por demonstrar ser detentor dos predicados exigidos pela Igreja para a formação de suas lideranças.

Uma terceira função das escolas paroquiais era de servir como centros de formação e de seleção de pessoal para “a Igreja e para a nação”. Para atingir esse objetivo, criou-se um sistema de bolsas de estudo concedidas “aos mais aptos” e àqueles que revelassem “inclinação para o ensino ou para a prática do Evangelho”. Estes bolsistas iam continuar seus estudos nos colégios. Tal sistema, fundado sobre a “meritocracia”, produzia um duplo efeito: a) contribuía para a manutenção e para o desenvolvimento do pessoal de que a Igreja necessitava (pastores e/ou professores) e b) na medida em que bolsas eram concedidas “aos mais aptos”, sem discriminação ideológica, esta prática contribuía para esvaziar as classes inferiores de seus intelectuais em potencial,

oferecendo-lhes a possibilidade de tornarem-se, pelo estudo, funcionários do Estado, especialmente na qualidade de professores nas escolas públicas, onde poderiam exercer uma influência cristã. (MESQUIDA, 1994, p. 140)

Portanto, a hipótese que se lança aqui é a de que, de algum modo, o desejo manifestado de se tornar um membro do clero metodista levou a Igreja a investir na formação de Oscar Machado, oportunizando bolsas de estudos nas instituições de ensino superior dos EUA, nas quais ele viria se formar em Pedagogia e Teologia.<sup>81</sup>

Tratava-se de um processo comum, cujo foco era a formação de intelectuais que viriam a compor os quadros da Igreja. Logo, como mais um dos tantos que foram contemplados por essa corriqueira prática da Igreja Metodista do Brasil, Oscar Machado partiu, em 08/08/1922, para sua estada nos EUA com o propósito inicial de estudar e, em sua volta, trabalhar como pastor.<sup>82</sup>

Escassos são os dados obtidos sobre sua estada nos EUA. Estes advém, especialmente, dos já citados *mini curriculum* e livro do anuário escolar, bem como das poucas inferências à sua passagem pela SMU e algumas cartas que ele enviou à Dilza Tito Fauque durante o tempo que esteve por lá estudando.<sup>83</sup> Pautando-nos por estes poucos indícios, o que se pode afirmar é que, mesmo com a família de Dilza não aceitando o namoro entre ela e Oscar Machado, ele lhe pediu autorização para que pudesse lhe escrever durante o período em que estivesse nos EUA.

Por meio da leitura de algumas destas cartas foi possível minimizar um pouco as lacunas existentes e compreender como ele se tornou um educador e intelectual no futuro. Deste modo, foi justamente pela análise de uma carta que Oscar enviou à Dilza Tito Fauque, datada de 04/10/1922, constatou-se que ele se encontrava instalado no novo país e que já teriam se passado dois meses de sua saída da terra natal. Isso é colocado, pois na missiva foi informado que dentro de quatro dias se completariam dois meses que ele havia deixado Uruguaiana.<sup>84</sup>

---

<sup>81</sup> Informações contidas em: MACHADO, Oscar. *Mini curriculum*. Gráfica Universitária: Uruguaiana, 1974 e em “Perkins School of Theology: 100 Years of Telling the Story”. In: *Perspective*. 2014. p. 10. Disponível em: <[http://www.smu.edu/-/media/Site/Perkins/PDF/PublicAffairs/CurrentPerspective/Perspective\\_Fall14\\_10022014-sm.ashx?la=en](http://www.smu.edu/-/media/Site/Perkins/PDF/PublicAffairs/CurrentPerspective/Perspective_Fall14_10022014-sm.ashx?la=en)>. Acesso em 01 dezembro 2016.

<sup>82</sup> No próximo capítulo abordaremos com detalhes a concepção de intelectual e de que modo ela poderia servir de base para a análise deste processo formativo de Oscar Machado.

<sup>83</sup> Somam-se a esses documentos duas matérias publicadas no jornal *O Granbery*, do colégio de mesmo nome, no qual Oscar Machado veio a trabalhar entre 1930 e 1934, a partir das quais é possível extrair informações de cunho biográfico do período no qual ele se encontrava nos EUA.

<sup>84</sup> Carta de Oscar Machado para Dilza Tito Fauque, datada de 04/10/1922. Acervo pessoal Cláudia Thimmig.

Em sua ida aos EUA, presume-se que seu itinerário teve como ponto de partida Uruguaiana, uma pequena escala na cidade do Rio de Janeiro, de onde, finalmente, ele partiria para seu destino final à bordo de um navio.<sup>85</sup> Além dessas informações que muito ajudam a desvendar como foi que se deu o início do tempo de Oscar Machado em terras estrangeiras, sem que se mergulhe nos assuntos de seu foro privado, no teor das cartas que ele trocou com Dilza Tito Fauque é manifesto que o relacionamento e a perspectiva de um dia virem a se casar se consolidaram.

Descrevendo cenas do passado nas quais ele lembrava de Uruguaiana, do *Colégio União* e de Dilza Tito Fauque, quando se conectam as informações colhidas das cartas que Oscar Machado a enviou, entende-se que ele foi para os EUA com o firme propósito de conseguir se formar e, o mais breve possível, retornar e se casar.

Nesta primeira carta, ele mencionou também que havia sido feito algum tipo de teste do nível de seus conhecimentos e que, por isso, ele havia sido classificado como apto para iniciar os estudos em um ano a mais de que esperava, situação que lhe possibilitaria o encurtamento de sua estada nos EUA.<sup>86</sup>

A essa época, Oscar Machado se encontrava no *Birmingham-Southern College* (BSC) no estado do Alabama, onde passaria a estudar para se formar como bacharel em Artes.<sup>87</sup> Fundado em 1856, situado ao sul dos EUA, notadamente, o BSC era integrante da rede de instituições de ensino vinculadas à Igreja Metodista do Sul, que foi criada no momento de expansão do metodismo pelo país, encontrando-se como uma instituição já consolidada na década de 1920.

Sem embargo, contrastando um pouco com esses dados biográficos, nas informações obtidas no *mini curriculum* de Oscar Machado, ele declarou que estudou Pedagogia na instituição, cuja estada na cidade de Birmingham teria ocorrido no período compreendido entre 1922 e 1925, com sua formatura ocorrendo em 1924.<sup>88</sup>

De um modo ou de outro, a despeito da nomenclatura de seu curso, embora tenha recebido uma bolsa de estudos, é sabido que ele foi para os EUA sem recursos fi-

---

<sup>85</sup> Tem-se que, descontando o tempo estimado de viagem, acredita-se que, na data de emissão da carta, Oscar já se encontrava nos EUA fazendo algum tempo, talvez semanas, pois ele enviou informações sobre os estudos que iria passar a realizar, a exemplo de sua grade de horários.

<sup>86</sup> Carta de Oscar Machado para Dilza Tito Fauque, datada de 04/10/1922. Acervo pessoal de Cláudia Thimmig.

<sup>87</sup> Sobre isso, ver: (*O Granbery*, 15/03/1930, p. 6 e *O Granbery*, 15/03/1930, p. 8).

<sup>88</sup> Em seu *mini curriculum* ele denomina a titulação obtida na BSC como Pedagogia e a obtida na SMU como Filosofia. Não é descabido propor que, do mesmo modo como ocorre hoje em dia, que seus estudos possam assim ter sido designados no possível processo de reconhecimento pelos quais devem ter passado no Ministério da Educação para que Oscar Machado pudesse vir a atuar como educador. (MACHADO, 1974)

nanceiros ou propostas de trabalho que pudessem custear seus eventuais gastos. Em virtude desta situação, Oscar Machado realizou diversas atividades que lhe forneceram algum meio de subsistência, dentre as quais se destacam a entrega de jornais, venda de sangue, dentre outras.

Em entrevista que cedeu quando começou a lecionar no *Instituto Granbery* de Juiz de Fora em 1930, somando-se a estas atividades, Oscar Machado informou que também lecionou francês e espanhol como uma maneira de poder levantar algum dinheiro. (*O Granbery*, 15/03/1930, p. 6)

Ao lado das dificuldades enfrentadas, pondera-se que o modelo educacional a ele ofertado nestas instituições pressupunha uma intensa socialização de seus alunos a partir de uma ampla oferta de opções que, ao atrair os estudantes por sua afinidade, iria fazer com que eles acabassem por se envolver profundamente com a cultura escolar fomentada.

Para compreender como este modelo escolar lhe foi introjetado, destaca-se a vigilância constante sobre as atitudes dos alunos, conforme se pode observar nos periódicos que tinham o intento de publicizar tais práticas e de ser também um modo de legar às gerações futuras o acesso das experiências vivenciadas. Criava-se ainda a ideia de pertencimento a uma comunidade maior, inculcando nos alunos seus valores como algo natural.

Conforme se verificou no anuário do BSC de 1923, durante o período de seus estudos, eles adotavam a comunidade acadêmica como uma família e a instituição como uma “mãe que o alimenta”, numa recorrência ao lema deste college e sua autodesignação de “alma-mater”:

Seria, no entanto, uma tarefa impossível retratar o espírito Birmingham-Southern que permeia a atmosfera da nossa Alma Mater e que através de anos de associação se tornou parte integrante de seus filhos e filhas. Tal espírito é muito sagrado e sublime para meras palavras e imagens. Devemos, portanto, deixar o melhor não dito e tentar dar a você um registro preciso das manifestações externas do coração e da alma de Birmingham-Southern, sinceramente esperando que isso possa ser uma fonte de prazer naqueles dias futuros da quando as memórias agradáveis vão garantir nossa felicidade. (*La Revue*, 1923, p. 9)<sup>89</sup>

---

<sup>89</sup> No original: “It would, however, be an impossible task to portray the Birmingham-Southern spirit which pervades the atmosphere of our Alma Mater and which through years of association has become an integral part of her sons and daughters. Such a spirit is too sacred and sublime for mere words and pictures. We must therefore leave the best unsaid and attempt to give to you an accurate record of the mere outward manifestations of the heart and soul of Birmingham-Southern, sincerely hoping that it may be a source of pleasure in those future days when pleasant memories will insure our happiness.” (*La Revue*, 1923, p. 9)



Assim, ao nos voltar para a estada de Oscar Machado em seus períodos de estudos na BSC e SMU, por meio dos destaques dados a algumas das atividades acadêmicas e também por aquelas desempenhadas em diversos órgãos e associações às quais ele pertenceu, é possível refazer parte do seu percurso nos EUA de modo a conceber como se dava sua relação com o modelo educacional que norteava tais instituições.

Sobre sua estada na cidade de Birmingham, recorrendo ao periódico da BSC e também a seu anuário, verificou-se que, concomitantemente aos estudos do bacharelado em artes, ele integrou associações como *Sociedade Clariosófica (Black na Gold, 10/10/1923, p. 1)*<sup>90</sup>, atuou em órgãos como a *Ad Club (Black and Gold, 26/09/1923, p. 1)*<sup>91</sup>, fez parte da Associação Ministerial da Igreja (*La Revue, 1923, p. 107*) e do Rádio Clube. (*La Revue, 1923, p. 11*)

No ano seguinte, além de continuar a realizar atividades nessas associações, fez parte do círculo francês, organização que tinha como função promover o interesse pela língua francesa, por seus costumes e também por suas correntes modernas de pensamento. (*La Revue, 1924, p. 143*)

Junto destas atividades, cotejando estudos e a prática esportiva, uma das principais características das instituições de ensino metodistas, Oscar Machado também registrou a terceira melhor marca da prova anual de *cross country*, situação que lhe rendeu um destaque no anuário da BSC de 1925, conforme se observa na descrição de seu feito e nas imagens abaixo que trazem o registro da equipe que integrava:

No encontro duplo com a Universidade do Alabama, o astro da distância local, Floyd Wilson, foi derrotado por Smith, a estrela do Alabama, mas na corrida anual de cross-country do Birmingham Athletic Club, Wilson fez um grande recorde para sua Alma Mater, empatando em segundo lugar em um campo de cinquenta a sessenta estrelas de faculdades e universidades em toda a Dixie. Wilson também ganhou a corrida anual de Cooper, com John Tate terminando em segundo e Oscar Machado chegando em terceiro. A corrida de estrada de Cooper é o encontro anual disputado pelas estrelas da Pantera por uma taça de prata entregue pela Sra. B. H. Cooper. (*La Revue, 1925, p. 116*)<sup>92</sup>

<sup>90</sup> No ano de 1925 ele veio a ser o vice-presidente da Sociedade Clariosófica. (*La Revue, 1925, p. 159*)

<sup>91</sup> O Junior Advertising Club era uma associação que visava a ajudar os estudantes que estavam cursando um curso superior a obter um meio de custear suas despesas. Além disso, o órgão, cujo primeiro presidente eleito foi Oscar Machado, planejava também ampliar sua atuação ao tentar, não só ajudar financeiramente seus membros que já se encontravam na BSC, mas também atuar para que jovens pudessem ingressar na instituição. (*The Gold and Black, 26/09/1923, p. 1*)

<sup>92</sup> No original: “In the dual meet with the University of Alabama, the local distance star, Floyd Wilson, was defeated by Smith, the Alabama star, but in the annual Birmingham Athletic Club cross-country run, Wilson made a great record for his Alma Mater by tying for second place in a field of fifty to sixty stars



Imagens 3 e 4: Fall Squad Cooper Team. Na imagem à esquerda, Oscar Machado é o terceiro e na imagem acima, dentre os que estão de pé, também é o terceiro. (*La Revue*, 1925, p. 117)<sup>93</sup>

Por sua atuação como tesoureiro da sociedade literária clariosófica<sup>94</sup>, secretário da associação ministerial, presidente dos estudantes voluntários, membro do coral, do círculo francês, integrante da equipe de *cross country* e delegado de um encontro ocorrido em Indianápolis em 1924, que se somavam às dificuldades financeiras, compreende-se que suas atividades eram bastante intensas e que possivelmente ele dispunha de pouco tempo livre para o lazer e descanso.

---

from colleges and universities all over Dixie\*. Wilson also won the annual Cooper road race, with John Tate finishing second and Oscar Machado coming in third. The Cooper road race is the annual meet staged by Panther stars for a silver loving cup presented by Mrs. B. H. Cooper.” (*La Revue*, 1925, p. 116)

\*Por Dixie, se compreende a região sul dos EUA, compreendendo estados como os do Alabama, Arkansas, Carolina do Norte, Carolina do Sul, Flórida, Geórgia Louisiana, Mississippi, Tennessee e Texas.

<sup>93</sup> A menção aos feitos de Oscar Machado no atletismo também foi encontrada no jornal da BSC de 1923 que informou sobre sua boa participação nas pistas e sua versatilidade de esportista. (*Gold and black*, 10/05/1923, p. 4)

<sup>94</sup> No jornal *Black and Gold* da BSC, em outubro de 1923, foi informado que numa reunião na qual foram realizados cantos e solos de violino, entre os membros eleitos para a gestão que a iria comandar no ano, Oscar Machado havia obtido o posto de tesoureiro. (*Black and gold*, 10/10/1923, p. 1) Como só foram encontradas estas duas menções a este órgão, por aproximação, levando em conta que o modelo norte americano de ensino foi replicado com algumas adaptações nas instituições metodistas do Brasil, pode-se pressupor que era algum tipo de Grêmio literário como os que existiam no *Granbery* de Juiz de Fora.



Imagem 5, *La Revue*, 1924, p. 23. Disponível em: <<https://www.myheritage.com.br/research/collection-90100/al-birmingham-birmingham-southern-college-la-revue-yearbook-1924?s=167869092&itemId=10329070&action=showRecord&indId=individual-167869092-1000001>>. Acesso em 25 maio 2016.

Excetuando-se os documentos acima citados, dentre os poucos registros pessoais que se tem de sua estada em Birmingham, um outro é uma fotografia que não se remete a suas rotinas acadêmicas, conforme se observa na imagem abaixo.



Imagem 6: Oscar Machado em Birmingham-Alabama-EUA, 29/04/1923. Acervo pessoal Cláudia Thimmig.

Por tudo isso, vale destacar que realizando tantas atividades ele recebeu o título de homem de futuro mais brilhante em 1924 em eleição feita pelo anuário da BSC, o que demonstra que ele viveu intensamente sua cultura escolar:

Homem Com Futuro Mais Brilhante - Oscar Machado realizou um feito único em se tornar capaz de suportar o peso que este o título traz consigo - e isso, em seu segundo ano. Sorte a você, Machado! Kary Beavers também vê um raio de luz. (*La Revue*, 1924, p. 198)<sup>95</sup>

<sup>95</sup> No original: “Man With Brightest Future – Oscar Machado has accomplished a unique feat in making himself capable of bearing the weight which this title carries with it—and that, in his Sophomore year. Luck to you, Machado! Kary Beavers also sees a ray of light.” (*La Revue*, 1924 p. 198)

Por motivos que menciona na carta, a intenção de Oscar Machado era terminar logo seus estudos e voltar à Uruguaiana para casar-se com Dilza Tito Fauque. Na tentativa de encurtar sua estada nos EUA, deixou de voltar ao Brasil de férias e ficou imerso em suas atividades para concretizar seus intentos. Segundo o próprio Oscar:

Os Estados Unidos quis ver. E segui rumo terra estranha. Birmingham – Southern College. Ahi recebi o diploma de Bachelor of Arts. Depois, Southern Methodist University. Lutas terríveis, privações, dificuldades. Consegui o título de Bachelor of Divinity. (...) E para abreviar, estudava nas ferias, nas chamadas Escolas de Verão, não descansava e fiz, assim, o curso de cinco anos em tres annos. (*O Granbery*, 15/03/1930, p. 6)

Levando em conta as múltiplas atividades por ele desempenhadas, que poderiam ter comprometido sua formação, e pela apreciação de sua página no anuário do ano de 1924, percebe-se que durante os dois anos nos quais ele se formou em Pedagogia, Oscar Machado desempenhou bem suas atividades acadêmicas, destacando-se dentre alguns dos colegas formandos.

Terminado seu curso em Birmingham, ele se dirigiu a uma outra universidade vinculada à Igreja Metodista do sul dos Estados Unidos. Isso se deu em 14 de setembro de 1925, quando chegou à *Southern-Methodist University* (SMU), em Dallas, Texas, onde cursaria o bacharelado em Divindade.<sup>96</sup>

Fundada em 1911 pela Igreja Metodista Unida, de acordo com sua propaganda institucional, a SMU começou a funcionar em 1915, com o intuito de “refletir o espírito de Dallas”, algo que se poderia interpretar, genericamente, como a cultura local ou modo de vida da cidade.<sup>97</sup>

Em companhia de Oscar Machado, na *Emory University*<sup>98</sup>, também se encontravam outros brasileiros membros da Igreja Metodista, a exemplo de Derly de Azevedo Chaves, sua esposa, Otília Chaves – duas importantes figuras no interior do metodismo que, como se verá adiante, terão relações diretas no caminho profissional de Oscar Ma-

<sup>96</sup> Carta de Oscar Machado para Dilza Tito Fauque. Birmingham: 04/10/1922. Acervo pessoal de Cláudia Thimmig. Ver imagem 7 desta tese.

<sup>97</sup> Sobre SMU. Disponível em: <<http://www.smu.edu/Admission/EnEspanol/SobreSMU>>. Acesso em: 06 dezembro 2016.

<sup>98</sup> A *Universidade de Emory* surgiu da expansão do *Colégio Emory* que foi fundado pela Igreja Episcopal Metodista em Oxford, estado da Geórgia, EUA, em 1836. Com o desejo de se expandir, ela viria a se tornar uma Universidade no início do século seguinte, contando com o apoio financeiro de Asa Griggs Candler, presidente da Coca-Cola Company, cujo irmão era aluno da instituição. Histórico e tradição da *Emory University*. Disponível em: <<http://www.emory.edu/home/about/history/index.html>>. Acesso em 16 maio 2017.

chado – e, também, de Carlos Godinho, que atuou como professor nas instituições de ensino metodistas, a exemplo do *Instituto Granbery* de Juiz de Fora.<sup>99</sup>

De maneira semelhante ao ocorrido no *Birmingham-Southern College*, ao se abordar sua estada na SMU, encontraram-se inferências de uma vasta participação em órgãos, instituições e eventos, situação que confirma que, embora também de curta duração, ela parece ter sido bastante intensa em Dallas, sendo que dois anos após ter se dirigido para lá, ele se formaria em setembro de 1927. (MACHADO, 1974)

Se, em Birmingham, Oscar Machado teve uma vida acadêmica bastante atarefada, fato que não impediu que fosse eleito como o estudante de futuro mais promissor, na SMU ele também ganhou notoriedade, pois se tornou o primeiro latino a concluir o curso de Teologia<sup>100</sup> imprimindo com a instituição uma relação mais íntima do que a ocorrida na BSC.

Como se verá adiante, isso pode ser evidenciado, pois, além de ter conquistado amigos para quem escreveu após concluir seus estudos e retornar ao Brasil, realizou inúmeras visitas à instituição, criou uma réplica de muitos de seus símbolos quando assumiu a reitoria de uma instituição metodista no Rio Grande do Sul, vindo também a receber o diploma de “Doctor of Laws” pela SMU em 1947.<sup>101</sup>

Especificamente sobre as atividades desempenhadas na SMU, no ano de 1926, Oscar Machado participou da apresentação da peça de comédia, *O Mikado*, na qual integrou o coral<sup>102</sup>, da reunião dos jovens metodistas ocorridas em Memphis-Tennessee e das consequentes palestras que ele e outros representantes da SMU ministraram sobre os temas abordados na convenção, tendo falado sobre a temática “Guerra e paz”. (*The Semi-Weekly Campus*, 13/01/1926 p. 1)

Além disso, fez parte de uma reunião da *Associação Wesleyana*, onde cantou ao lado de Clyde Hoggard (*The Semi-Weekly Campus*, 08/05/1926 p. 1), de um evento na

<sup>99</sup> Ver: (PIRES, 2013, p. 155; RIBEIRO, 2008, p. 187).

<sup>100</sup> Desde a vinda de John James Ransom, em 1876, era comum os missionários terem estudado teologia na Universidade Vanderbilt, em Nashville, Tennessee, cuja Faculdade de Teologia era a única da ÍMES. Emory, Duke, e Southern Methodist só criariam seus seminários mais ou menos na época da I Guerra Mundial. (REILY, 1990, p. 119)

<sup>101</sup> Informações disponíveis em: MACHADO, 1974; Perkins School of Theology: 100 Years of Telling the Story. *Perspective*. Inverno de 2014. p. 10. Disponível em: <[http://www.smu.edu/-/media/Site/Perkins/PDF/PublicAffairs/CurrentPerspective/Perspective\\_Fall14\\_10022014-sm.ashx?la=en](http://www.smu.edu/-/media/Site/Perkins/PDF/PublicAffairs/CurrentPerspective/Perspective_Fall14_10022014-sm.ashx?la=en)>. Acesso em: 01 dezembro 2016.

<sup>102</sup> O excelente desempenho dos Glee e Choral Clubs este ano foi o apresentação da famosa ópera cômica leve de W. S. Gilbert e Arthur Sullivan. Os trajes utilizados apenas na encenação desta produção foram avaliados em US \$ 15.000. (*Rotunda*, 1926, p. 157) No original: “The outstanding performance of the Glee and Choral Clubs this year was the presentation of the famous light comic opera by W. S. Gilbert and Arthur Sullivan. The costumes alone used in the staging of this production were valued at \$15,000.”

Igreja Metodista de Wheatland onde, integrando o “*Wesleyan Quartet*” ao lado de Arnold Jund, Sidney Neely e Clyde Hoggardd realizou uma apresentação musical. (*The Semi-Weekly Campus*, 23/10/1926 p. 4)

Por fim, ainda integrou o comitê de filiação da *Associação Cristã de Moços* ocupando o cargo de presidente do comitê de filiação (*The Semi-Weekly Campus*, 13/11/1926 p. 1) e, na condição de ex-aluno, fez parte do *Spikes Club* (*La Revue*, 1927, p. 149), formando-se como Bacharel em Divindade ao defender a tese intitulada “Immorality: na Historical study”. (*La Revue*, 1927, p. 40)

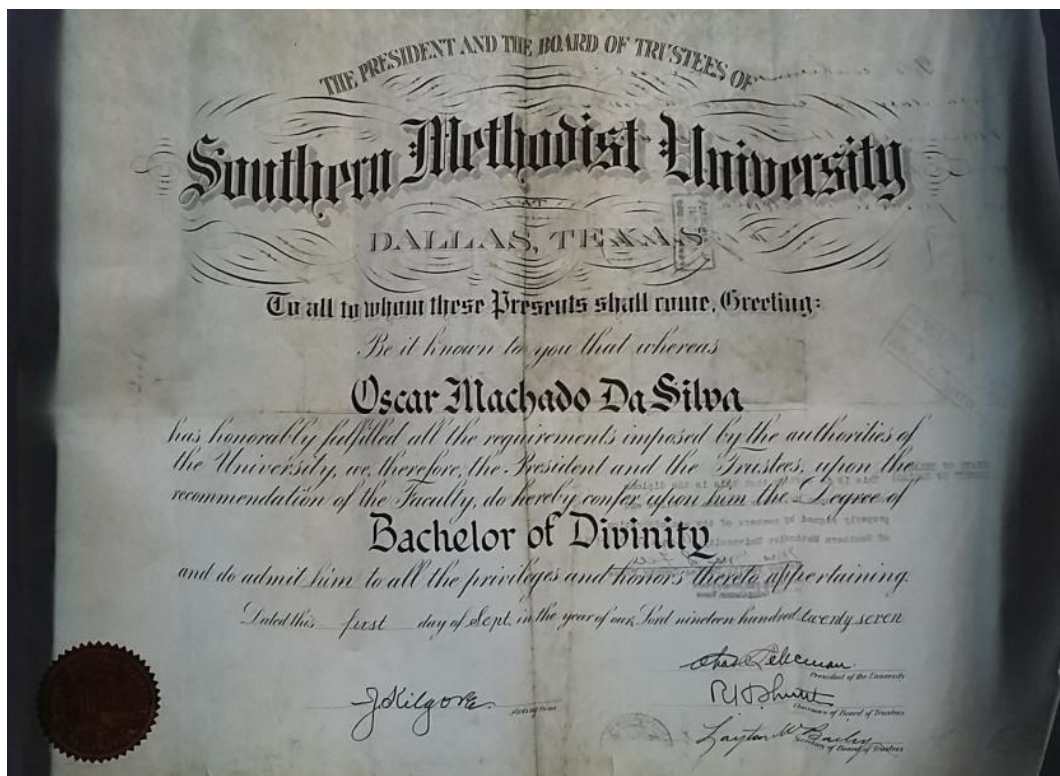


Imagem 7: Diploma de Bacharel em Divindade pela SMU expedido em 01/09/1927. Acervo pessoal Cláudia Thimmig.

Ao reconstituir parte do caminho por ele percorrido e retomar algumas das atividades que ele realizou na BSC e SMU, pode-se compreender de que forma os ideais e valores do modelo educacional destes *colleges* foram introjetados em Oscar Machado que, após seu retorno ao Brasil, viria a atuar como educador mantendo esses parâmetros e o modelo como os ideais em sua prática docente.

Antes de terminar sobre esta primeira ida de Oscar Machado para os EUA, quando se observam as correspondências que enviou para Dilza Tito Fauque no contex-

to em que esteve fora do país, percebe-se que os intentos do *projeto* que engendrou sua viagem para o exterior foram significativamente alterados.

Isto se coloca pois, em sua estada nos EUA, com o fortalecimento do compromisso mantido por Oscar com Dilza Tito Fauque, o casal decidiu que, quando ele retornasse ao Brasil, seria melhor atuar no magistério, pois tal posição lhe renderia rendimentos maiores do que os auferidos no trabalho como pastor.

Torna-se visível na análise desta decisão que, lançando mão das oportunidades abertas a eles, negociando com os recursos disponíveis para a efetivação do desejo de conseguir a aprovação da família de Dilza Tito Fauque para o casamento, adotaram como estratégia a lógica de que, na condição de educador, Oscar Machado, além do reconhecimento social e da continuidade de suas atividades no metodismo, garantiria a tão almejada condição financeira que viabilizaria seu matrimônio.

Contextualmente, quando observado sob uma perspectiva ampliada, se verifica que, tanto o *projeto individual* de Oscar, quanto sua própria pessoa, parecem ter passado por mudanças, que segundo o postulado por Jacques Le Goff, poderiam ser entendidas como derivadas da interação entre contexto e indivíduo, sem se deixar levar pela falsa oposição entre eles.

O indivíduo não existe a não ser numa rede de relações sociais diversificadas, e essa diversidade é que lhe permite também desenvolver seu jogo. O conhecimento da sociedade é necessário para nela se constituir e nela viver um personagem individual. (LE GOFF, 2002, p. 26)

Valendo-se das estratégias acima destacadas, apresentadas num universo limitado de possibilidades, uma vez terminados seus estudos nos EUA em setembro de 1927, dois meses depois, em dezembro de 1927, Oscar Machado retornou ao Brasil com o fito de se formar consumado. No trajeto entre o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul, sem que se saiba ao certo a ocasião do encontro, ele ganhou a companhia de Derly de Azevedo Chaves. Não se exclui a possibilidade que, por terem terminado seus estudos no mesmo país, serem conhecidos de longa data e gaúchos, tenham viajado juntos para o Rio Grande do Sul.

Aparentemente, essa viagem teve certo impacto na vida de Oscar Machado pois, conforme mencionado anteriormente, se ele já parecia se decidir a não ser pastor e se tornar educador metodista, no percurso, eventuais conversas com Derly de Azevedo Chaves teriam contribuído de algum modo para que tal decisão se consolidasse.



Desta feita, por meio de uma carta na qual ele enviou um poema à Dilza Tito Fauque em 23/12/1927, obteve-se a informação de que Oscar Machado já se encontrava em Porto Alegre. Dois dias depois, ele enviou outra missiva a ela na qual, também em forma de poema, relatou as dificuldades que os cinco anos trouxeram, as saudades, a tristeza pelo falecimento de sua mãe<sup>103</sup> e a alegria de poder reencontrar sua amada, conforme se percebe nas estrofes abaixo.<sup>104</sup>

Da noite da partida ainda me lembro  
 Como em sonho talvez:  
 Tinha nos olhos a tristeza d'alma;  
 No coração – a dor que não se acalma,  
 Na face – a palidez (...)

E eu parti... entre lágrimas deixando  
 O doloroso “Adeus”  
 Depois vivi, lutei, venci enquanto  
 Malu, por cinco inesquecíveis anos,  
 Sob estrangeiros céus.

Muitas vezes, nostálgico e abatido,  
 Na solidão sosinho,  
 Em prece a Deus pedi que do exílio  
 À Patria devolvesse o humilde filho  
 - O passaro ao seu ninho.

Mas, conforme a promessa, que fizera  
 Eu voltei, afinal  
 Profundo o amor no peito brasileiro,  
 Não gelou na geleira do estrangeiro,  
 - Voltou profundo, igual.

Mudanças... Quantas! Houve muita... tanta  
 Que é custoso de crer  
 Já o lar saudoso encontro em abandono  
 Dorme a mãe amorosa o eterno sono  
 Sem mesmo o filho ver.

Mais eis que encontro-te imutável, linda  
 Qual delicada flôr  
 E, amando-e sincera e acalantemente,  
 Quero viver gozando eternamente  
 A paz do teu amor.

Já em sua terra natal, em razão da recente perda de sua matriarca, Oscar Machado assumiu certas responsabilidades para com os irmãos mais novos no interior de sua

<sup>103</sup> Como se viu, o falecimento de sua mãe ocorreu em 10/08/1927. Sobre o falecimento de sua mãe, a informação encontrada sobre a data do óbito, se deu por meio da leitura de: *A Federação* 13/08/1929, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pasta=ano%20192&pesq=oscar%20machado>. Acesso em: 01 agosto 2016.

<sup>104</sup> Cartas de Oscar Machado para Dilza Tito Fauque. Porto Alegre, 23/12/1927 e 25/12/1927.

família, pois ele era o homem mais velho.<sup>105</sup> Em tal cenário, em 13/08/1929, observou-se que ele obteve a guarda de seu irmão mais novo, Sady Machado, que passou a ser criado por ele como se fosse um filho. (*A Federação*, 13/08/1929, p. 6)

Com tais encargos assumidos, no intervalo compreendido entre 1928 e 1929, Oscar Machado exerceu diversas atividades em Uruguaiana e, pelo que se percebe, paulatinamente foi realizando os preparativos para seu casamento com Dilza Tito Fauque.

Ao chegar à cidade, aproveitando o aprendizado que trouxe consigo, uma vez que é tradição nas instituições de ensino metodistas a valorização do conhecimento, mas também do corpo sadio via prática de esportes, ele trabalhou como professor de tênis para mulheres, esporte que, notadamente, não era popular, sendo praticado apenas por pessoas ricas.

Apesar de todo o cabedal adquirido em sua formação nos EUA e da experiência docente acumulada, vale lembrar que, por ter chegado à cidade em período de férias escolares, ele não conseguiu, de imediato, vir a atuar como professor do *Colégio União*.<sup>106</sup> Em virtude disto, além de trabalhar como instrutor de tênis, de acordo com uma carta que enviou a Miss Dorothy Amann, chefe da biblioteca da SMU, iria começar a trabalhar como professor no *Colégio União* de Uruguaiana somente a partir de abril de 1928.<sup>107</sup>

No próximo mês eu começarei a trabalhar no Colégio União (Union College), minha Alma Mater e uma de nossas melhores instituições metodistas por estes caminhos. Eu não estava apto a ir para o Porto Alegre College este ano pois desde a morte de minha mãe eu me tornei o cabeça de minha família. Contudo, eu estive duas vezes em Porto Alegre a negócios e enquanto estava lá visitei o Sr. e a Sr. Moreland. S.M.U. Nunca sairá de meu coração. (*The semi-weekly campus*, 07/03/1928, p. 1)<sup>108</sup>

<sup>105</sup> A essa época suas irmãs já haviam contraído matrimônio tendo Maria Floriana da Silva se casado em 25/12/1918, Florentina S. da Silva em 16/03/1924 e Philomena S. da Silva em 25/03/1926. Informações sobre os casamentos foram extraídas de um documento redigido pelo próprio Oscar Machado, no qual além dos nomes, datas de nascimento e falecimento, contava também o nome dos cônjuges e a data do enlace matrimonial, material integrante do acervo pessoal de sua neta Claudia Thimmig que gentilmente nos franqueou o acesso ao mesmo.

<sup>106</sup> Em janeiro de 1925 ele já teria iniciado sua carreira nesse segmento ao lecionar na *Bessemer High School*, da cidade de Bessemer no estado do Alabama-EUA. (MACHADO, 1974)

<sup>107</sup> Meses depois da outra carta que enviou para a bibliotecária da SMU, de acordo com o jornal da BSC, ele teria enviado uma correspondência semelhante a esta, na qual informou que havia retornado à Uruguaiana, onde lecionava no colégio *União*. (*Gold and black*, 16/11/1928, p. 5)

<sup>108</sup>No original: “Next month I will begin to work at Collegio Uniao (Union College), my own Alma Mater, and one of our best Methodist institutions down this way. I was not able to go to Porto Alegre College this year because since my mother’s death I have been at the head of my Family. However, I have been twice to Porto Alegre on business and while there visted Mr. And Mrs. Mooreland. (...) S.M.U. shall never pass out my heart” (*The semi-weekly campus*, 07/03/1928, n. 37, v. XIII, p. 1)

Essa citação é muito emblemática, pois, indicou-se que Oscar Machado pretendia vir a trabalhar no *Porto Alegre College*, projeção que não se concretizou nesse período, pois, desde seu retorno, ele havia se transformado no arrimo de sua família. Além disso, o excerto confirmou também que, uma vez em Uruguaiana, ao vir a lecionar no *Colégio União*, excluiria-se a alternativa dele vir a atuar na condição de pastor metodista.<sup>109</sup>

Portanto, depois de ter voltado, definitivamente, ele abandonava o ministério e passava a atuar no magistério, na condição de um intelectual metodista. Tal fato é relevante pois, ao se colocar profissionalmente em uma instituição de ensino metodista, se confirmou seu plano de vir a trabalhar como professor, a despeito de ele não concretizar o intento inicial da Igreja Metodista de se transformar em um pastor.

Também é perceptível no trecho acima a reafirmação de um grande carinho ou uma espécie de gratidão pela SMU e pelo *Colégio União*, entendidos como a porta de entrada para este futuro que, se parecia distante quando ele partiu para os EUA, enfim, estaria perto de tornar realidade.

Para concluir, passados quatro meses desde que se tornou oficialmente tutor de seu irmão mais novo, consubstancializando o desejo que ambos possuíam, Oscar Machado e Dilza Tito Fauque se casaram em 16/12/1929, sendo que, desde então, ela viria se tornar Dilza Tito Fauque Machado.

Transcorrido o ano de 1929, a convite de Derly Chaves que se encontrava, desde 1928, como reitor da Faculdade de Teologia do *Instituto Granbery* em Juiz de Fora-MG, Oscar Machado, Dilza Machado e Sady Machado partiram para a zona da mata mineira, localidade na qual, efetivamente, a carreira acadêmica de Oscar decolou, bem como ele passaria a se enveredar por uma área na qual ainda não participava, a política.<sup>110</sup>

<sup>109</sup> Segundo relatos encontrados no jornal da SMU, que mencionam uma carta que Oscar Machado teria enviado a um membro da instituição, Gene Slater, em suas atividades no educandário ele teria exercido as funções de professor de inglês e também o posto de diretor de atletismo, o que reforça sua relação com os esportes e o cabedal adquirido nos EUA que, para além dos conhecimentos adquiridos em suas duas graduações, também o habilitara para lecionar o idioma que lá aprendera. (*The Semi-Weekly Campus*, 17/05/1930, p. 2)

<sup>110</sup> Otília Chaves: um destaque. In: *Mosaico Apoio Pastoral*, ano 18, n° 47, 28-29, São Bernardo do Campo, Faculdade de Teologia da Igreja Metodista — UMESP junho/dezembro de 2010. Disponível em: <[https://portal.metodista.br/fateo/materiais-de-apoio/revista-mosaico/arquivos/Mosaico\\_Jul\\_Dez\\_2010.pdf](https://portal.metodista.br/fateo/materiais-de-apoio/revista-mosaico/arquivos/Mosaico_Jul_Dez_2010.pdf)>. Acesso em: 02 dezembro 2016.

## 2. OSCAR MACHADO: UM INTELLECTUAL A SERVIÇO DO METODISMO EM JUIZ DE FORA

### 2.1 JUIZ DE FORA NA VIRADA DO SÉCULO XIX PARA O XX E O INÍCIO DA MISSÃO METODISTA

Sob a lógica do trabalho pautado pelo binômio educação e fé, a escolha pela instalação de empreendimentos missionários metodistas não se deu aleatoriamente. Obedeceu a um claro sentido de criação de espaços de atração de novos fiéis à denominação religiosa, bem como para que, por via desta, se pudesse levar a cabo o projeto civilizador norte-americano, do qual ela se configurava como um importante vetor de disseminação do ideário liberal capitalista.

Deste modo, tal qual o ocorrido com a região de Piracicaba, Juiz de Fora se tornou o polo das atividades missionárias metodistas na zona da mata mineira, dado seu dinamismo econômico, que influiu favoravelmente para a difusão das inovações materiais e visões de mundo que os americanos traziam em seu proselitismo religioso e em suas instituições de ensino. Além disso, a cidade era também uma localidade com concentração de importantes maçons<sup>111</sup>, onde o ideário republicano<sup>112</sup> e abolicionista se faziam presentes. (MESQUIDA, 1994, p. 47-48)<sup>113</sup>

Junto de tais circunstâncias que estimularam o crescimento da urbe, aspectos como a formação de camadas médias, média alta e alta da população e o surgimento de um ambiente que demandava uma “moderna” formação para as novas gerações, a presença dos imigrantes<sup>114</sup> concorreram para que diferentes vertentes do cristianismo como o luteranismo passassem a se verificar na cidade.

---

<sup>111</sup> Sobre a presença maçônica na cidade, datada, ao menos, desde 12/03/1870, ver: (CASTRO, 2008, p. 31-33).

<sup>112</sup> O apelo republicano se fez presente desde a confecção do Manifesto Republicano de 1870, que teve como um de seus signatários Dr. José Caetano de Moraes e Castro, vereador local entre 1857 e 1860, o que contribuiu para que a cidade se tornasse num dos principais polos de sua defesa em Minas Gerais. (FERREIRA, 2010, p 93) Sobre essa questão ver também: (OLIVEIRA, 2014a).

<sup>113</sup> Além disso, deve-se mencionar sua proximidade com a cidade do Rio de Janeiro, facilitada pelo acesso pela Rodovia União e Indústria e pela malha ferroviária que ligava Juiz de Fora à Central do Brasil, – infraestruturas que colaboraram para sua urbanização, industrialização e para a atração de diversas levas de imigrantes desde as últimas décadas do século XIX – e a existência de parcelas de suas elites que nutriam certa simpatia pelo liberalismo, positivismo e os modelos educacionais, políticos e culturais advindos dos EUA. (CORDEIRO, 2003, p. 76)

<sup>114</sup> Em conjunto com os imigrantes alemães, que se faziam presentes desde meados do século XIX, com a instalação da Hospedaria Horta Barbosa em 1888, a cidade se transformou na porta de entrada da região da zona da mata mineira, por onde, no intervalo compreendido entre 1884 e 1901, teriam adentrado o estado dezenas de milhares de imigrantes de diversas nacionalidades como italianos, americanos, entre

Isso teria motivado a Igreja Católica, então hegemônica em Juiz de Fora, a se voltar contra a perda de influência e a colocar em curso as mudanças que já realizava no país com sua Reforma Católica Ultramontana.<sup>115</sup> Por conseguinte, tomando-se esses fatores em simultâneo, entende-se porque a cidade era um local que se mostrava bastante atraente para a instalação do trabalho metodista, fato ocorrido a partir de meados da década de 1880.

Neste cenário, tem-se que o começo da missão metodista na cidade ocorreu em 1884 quando o Reverendo John James Ransom enviou para Juiz de Fora os missionários Samuel Elliot, – escocês educado segundo os princípios presbiteranos e depois convertido ao metodismo – Hermann Gartner – alemão convertido do luteranismo para o metodismo – e também Ludgero Luiz Correia de Miranda – brasileiro educado sob os princípios católicos e convertido ao metodismo. (KENNEDY, 1928, p. 36)<sup>116</sup>

Em maio de 1884, John James Ransom se juntaria aos missionários para proferir uma série de conferências, porém, como sua esposa adoeceu, ele enviou em seu lugar o Reverendo James L. Kennedy. Este, instalando-se em um sobrado na rua Santo Antônio nº 10, realizou várias conferências e cultos abertos ao público, nas quais ocorreram as primeiras conversões. (SALVADOR, 1982, p. 148)

Neste contexto inicial, em paralelo ao entusiasmo que surgia, os metodistas também passaram a enfrentar problemas com parte do clero católico. Segundo o relato de James L. Kennedy, um padre teria insuflado alguns meninos contra uma destas cerimônias religiosas, pois eles teriam apedrejado a sala e logo depois fugido:

Numa noite em que pregamos, certo padre romano, estando já na chuva, capitaneando pessoalmente uns trinta moleques, fê-los apedrejar a nossa casa, interrompendo o culto público e espalhando certo temor entre os assistentes. A casa estava cheia de ouvintes que prestavam toda atenção. Imediatamente as famílias começaram a retirar-se e logo todos, menos os membros da família do pastor, desapareceram. Seguiram-se gritos infernaes e uma chuva

---

outros. (PIMENTA, 2015, p. 36-39) Nos dados do censo de 1890, em meio a população de 55.185, havia cerca de 2.503 estrangeiros. (NOVAES NETTO, 1997, p. 42)

<sup>115</sup> Sobre este modelo de catolicismo tradicional que se fazia presente na cidade e suas características, ver: (MESQUIDA, 1994; PEREIRA, 2002, p. 64- 73).

<sup>116</sup> Levando em conta o perfil heterogêneo da população local, a escolha destes três metodistas de distintas nacionalidades não ocorreu por acaso, vindo os mesmos, durante três semanas, realizando, sempre que possível, pregações conjuntamente à venda e à distribuição de bíblias. Além da leitura da bíblia ser um importante instrumento do protestantismo, visto que articulava a instrução na religião e também a conversão dos fiéis, tal estratégia era bem sucedida já que o custo de tais livros era acessível em comparação com o valor cobrado pelas bíblias utilizadas pela Igreja Católica. Para se medir o sucesso de tal empreendimento, em 1878, os vendedores de bíblias comercializaram no Brasil o total de 903 bíblias, 2.313 Novos Testamentos e 2.467 fascículos das escrituras. (CORDEIRO, 2003, p. 78-79)

de pedras caíu sobre a casa, entrando muitas delas pela porta a dentro. Os desordeiros porém, não ousaram entrar e assim escapámos as suas unhas. (KENNEDY, 1928, p. 37)

Não obstante este episódio, cuja violência explícita parece não ter voltado a ocorrer, os metodistas continuaram seu trabalho evangelizador, sendo que, em pouco tempo, começaram a colher os primeiros frutos, a exemplo do caso do tipógrafo Filipe Relave Carvalho que se tornou diácono metodista. (SALVADOR, 1982, p. 148-149)

Com a finalidade de galvanizar mais adeptos, aditando-se aos trabalhos realizados em português na região central de Juiz de Fora, Hermann Gartner passou a dirigir a obra metodista aos alemães que viviam na cidade. (KENNEDY, 1928, p. 37)<sup>117</sup>

Tendo como seu centro irradiador a cidade de Juiz de Fora, a missão liderada por Ransom não se limitou apenas a atuar na zona da mata mineira pois também se dirigiu para as seguintes cidades: Mar de Espanha e Rio Novo (1884), Ubá (1892), Ouro Preto (1893), Leopoldina (1894), Cataguases (1894), Barbacena (1895), Belo Horizonte (1897), Lima Duarte (1901), Faria Lemos (1901), Ponte Nova (1909), Muriaé (1910), Manhuaçu (1918-1919), São Mateus (1921), Palmira (Santos Dumont) (1922), Sete Lagoas (1924), dentre outras.

Concomitantemente a essas ações, a designação religiosa criou um periódico para propagandear sua obra. Frente ao catolicismo, o órgão serviria para que os metodistas se defendessem dos ataques e das acusações a eles imputadas, ao mesmo tempo em que funcionaria como um canal que tencionava aglutinar as outras correntes protestantes que se encontravam na cidade. (CORDEIRO, 2003, p. 83-85)

Vencidas as dificuldades iniciais, aos poucos, a obra metodista se consolidava e mostrava que a tática utilizada dera resultado, já que, em 1885, contava com 33 membros, sendo eles alemães e brasileiros. (SALVADOR, 1982, p. 183) Esse crescimento, além de demandar o licenciamento de quatro novos pregadores, teria ensejado a construção da primeira capela da cidade, que também era a primeira a ser erigida em Minas Gerais e a terceira no país, nas intermediações da estação de trem Mariano Procópio. (KENNEDY, 1928, p. 44)<sup>118</sup>

<sup>117</sup> Destacando esta diversificada atuação que buscava atingir toda a sociedade local, o jornal *O Pharol* anunciou a realização de cultos em diferentes horários sendo os mesmos realizados em português, inglês e alemão. (CORDEIRO, 2003, p. 82-83)

<sup>118</sup> Com um custo aproximado de US\$ 2.200, com a construção da capela os metodistas desejavam atrair os brasileiros que residiam no centro da cidade e os alemães que moravam no seu entorno. Embora a estratégia não fora exitosa pois o local serviria mal a ambos, a despeito da separação entre alemães e brasileiros, fosse ela geográfica ou por conta do idioma, pouco depois eles se encontrariam em sintonia. (KENNEDY, 1928, p. 45)

Deveras, tão logo as primeiras sementes davam os primeiros sinais de que estavam brotando, os metodistas passaram também a se dedicar ao outro objetivo de sua missão, a atuação no meio educacional, com suas primeiras ações nesse domínio realizadas mediante a instalação de uma escola dominical na cidade.

Tendo como seus principais alvos as camadas menos privilegiadas da população, e como seu objetivo precípua o fornecimento a seus frequentadores um mínimo de instrução com vistas a fazer com que estes possuíssem o instrumental básico para a difusão do metodismo, em Juiz de Fora, as escolas dominicais tiveram uma dupla função, pois também atuaram como um elemento de atração das elites locais.

Através dela, os missionários procuravam não apenas inculcar os valores fundamentais do protestantismo, como a observância do domingo, como buscavam estabelecer uma conexão entre esses valores e os ideais de desenvolvimento e progresso, tão caros às elites locais. (CORDEIRO, 2003, p. 86-87)

Todavia, por só funcionar aos domingos, considerando que a missão metodista empenhava-se para a conquista da elite liberal, cujo republicanismo, traços positivistas, atuação na maçonaria e certo anticlericalismo eram algumas de suas principais marcas, ela ampliou seus esforços no setor educacional em setembro de 1889, ao instalar sua escola regular, a *Juiz de Fora High School and Seminary*.<sup>119</sup>

Por isso, os missionários J. M. Lander e J.W. Wolling, com o apoio moral do bispo J. C. Granbery e o respaldo financeiro, do Comitê de Missões de Nashville, foram enviados a Juiz de Fora para fundar uma instituição de ensino. No mês de setembro de 1889 foi instalada a Juiz de Fora High School and Seminary, (...) destinado a ser “um grande centro de influências positivas e agressivas”. (MESQUIDA, 1994, p. 152)

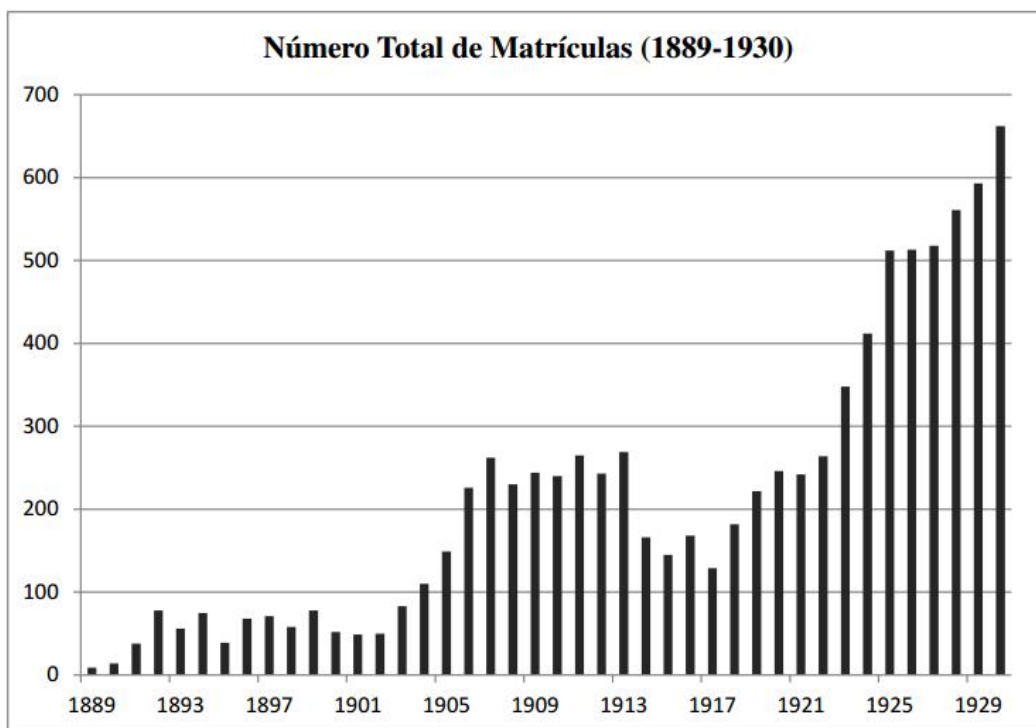
Situada no prédio nº 10 da Rua de Santo Antônio, a escola iniciou com apenas dois alunos matriculados. Um ano depois, em 1890, em homenagem ao primeiro bispo da Igreja Metodista Episcopal do Sul a visitar o Brasil, teve seu nome modificado para *Collegio Americano Granbery*. (MESQUIDA, 1994, p. 152)

A cada vez maior atração que ele exercia demandou a alteração de endereço para um espaço mais amplo no qual as obras de infraestrutura, apesar de todas as

<sup>119</sup> Este traço positivista se manteve ao longo do tempo, pois, nas paredes do edifício Lander, que foi inaugurado em 1938, em locais de destaque e com letras grandes foram inscritos os seguintes dizeres “*Ordem é Progresso*” e “*Não há progresso sem Ordem*”, cuja inspiração é atribuída ao pensamento de Augusto Comte. Um outro indício desta inspiração que é recorrente em alunos da instituição das mais diversas gerações é o lema “*Verdade e Perfeição*”, entendida por eles como uma verdadeira divisa, cuja autoria, inspirada em textos bíblicos, é desconhecida. (NOVAES NETTO, 2004, p. 41)

dificuldades financeiras enfrentadas, fizeram com que ele recebesse um crescente volume de investimentos.<sup>120</sup> Conquanto, como se observa no gráfico abaixo, é peremptório que, entre avanços e recuos, durante o período da República Velha, o *Instituto Granbery* atravessou uma fase de grande crescimento.

O 1º Livro de Matrículas e o 1º Livro de Notas do Granbery indicam que, em 1891, cerca de 30% dos alunos matriculados eram de outras cidades. Nos primeiros anos de funcionamento do colégio esse índice subiu consideravelmente: em 1892, cerca de 50%; em 1893, cerca de 65% e em 1897, mais de 70% dos alunos eram de outras cidades. (CORDEIRO, 2008, p. 157)



Fonte: Gráfico de matrículas da escola entre 1889 e 1929. (PIRES, 2013, p. 150)

Ao se estabelecer como uma das mais importantes instituições de ensino da zona da mata mineira, atraindo alunos da região e também de outros estados, no interior do metodismo, passou-se a viver a chamada *Era Granbery*.

Em relação ao Granbery, um dos poucos colégios “para meninos”, pode-se dizer que ele marcou o metodismo e até mesmo que o metodismo brasileiro, até a década de 1930, viveu o que pode ser chamado a era Granbery. Ousado, com extraordinária vocação para universidade, localizado em um dos grandes polos industriais da época, servido por excelente malha rodo-ferroviária,

<sup>120</sup> Para se inteirar do histórico da instituição em detalhes, ver: (NOVAES NETTO, 1997; FERREIRA, 2010 e PIRES, 2013).



atendia a oligarquia de grande parte do Brasil. (BOAVENTURA, 1994, p. 98)

Até a sua fundação, não funcionava em Juiz de Fora qualquer escola ligada a alguma confessionalidade. Porém, após a iniciativa metodista, esse quadro mudou consideravelmente, sobretudo, quando se deu o revide por parte da Igreja Católica que, temendo perder fiéis e influência, abriu as seguintes instituições: *Colégio Andrés* (masculino), *Academia de Comércio* (inicialmente mantida pelos salesianos e depois pela ordem dos verbitas) e o *Colégio das Irmãs de Sion*, situação que acirrou a disputa entre eles pelos alunos em seus educandários e também em seus periódicos, nos quais, constantemente, se atacavam. (GUIMARÃES, 1898, p. 162; 221-222; OLIVEIRA, 1966, p. 183-184, MESQUIDA, 1994, p. 231)

## 2.2 APONTAMENTOS SOB A ARTICULAÇÃO DA LÓGICA DA MISSÃO COM A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO *GRANBERY*

Desde seu retorno ao Brasil no quarto final do século XIX, unindo aquilo que já se encontrava arraigado em sua prática desde sua chegada aos EUA, o *mito da fronteira* articulado com as teses do *destino manifesto*, que haviam incorporado à sua maneira, como uma forma de *habitus* para Bourdieu, os missionários norte-americanos passaram a atuar no país com o plano de fazer florescer a experiência pela qual os EUA havia passado.<sup>121</sup>

Transportando a experiência lá vivida para cá, pretendiam fomentar uma nova forma de se compreender e de experienciar a vida sob diferentes bases moral, cultural, social, econômica e política que possibilitaria a superação de todas as agruras pelas quais o povo brasileiro passava.<sup>122</sup>

Sob tal ponto de vista, atuando como difusores das concepções metodistas que empenhavam-se em disseminar os valores de sua missão, suas escolas se configuravam como uma das principais ferramentas utilizadas para executar seu projeto no Brasil:

<sup>121</sup> Sobre a noção de *habitus* ver: (BOURDIEU, 2011, p. 191; ELIAS, 1994, p. 171-190 e ORTIZ, 1983, p. 17-18).

<sup>122</sup> Há que se fazer uma ressalva importante sobre como se apreende esta operação missionária. Busca-se detalhar quais eram seus intentos e também como eles eram colocados em prática para, posteriormente, se perceber como se dava a atuação de Oscar Machado em meio a esta grande engrenagem. Entrementes, não será objetivo saber se, na prática, os objetivos dos metodistas foram concretizados, pois isso se trataria de uma outra pesquisa que fugiria aos objetivos deste estudo. Em particular, debruçando-se sobre os espaços de sociabilidade do *Granbery*, o pesquisador Jackson Luis de Oliveira Pires demonstrou de que forma o preconizado e o que realmente foi posto em prática se articularam, valendo-se como instrumental teórico para isso, do conceito de hibridização. (PIRES, 2013)

As escolas metodistas propagando o respeito à ordem e difundindo a ideia de que o progresso ocorre pelo aperfeiçoamento do indivíduo e da sociedade, através do trabalho e do mérito pessoal, aliado ao desenvolvimento do patriotismo, contribuíram para reforçar certos elementos que caracterizam a sociedade americana até os dias de hoje. Da mesma maneira que a missão, para o metodismo norte-americano, se identificava com uma empresa nacional, sua obra educacional se orientava para o ideal de progresso da civilização cristã americana as duas coincidindo com a vocação nacional de colocar o mundo sob o jugo de Jesus Cristo (...) Isto é: da civilização cristã norte-americana, difundida nos países colonizados de modo a internalizar valores e princípios constitutivos do modo de vida americano. (MESQUIDA, 1994, p. 109-110)

No plano prático, os colégios metodistas se voltavam principalmente às elites com a disposição de se mostarem úteis às autoridades e fiéis às instituições sociais. Suas estratégias pedagógicas se dedicavam a incutir nas crianças os ideais da missão estadunidense, bem como ansiavam por formar lideranças pautadas por uma ética moderna do trabalho, que tivessem uma atuação ligada aos centros de decisão da sociedade, contribuindo com o progresso, o que alargaria sua influência. (PIRES, 2013, 137-139)

Buscando se diferenciar da educação tradicional ofertada pelos colégios laicos ou pelos ligados à Igreja Católica, o fulcro central era uma ação cotidiana voltada para aspectos práticos em lugar de uma didática eminentemente teórica, o que atendia aos anseios de parte da intelectualidade liberal que para as instituições metodistas enviavam seus filhos. Apostaria-se naquilo que havia de mais moderno e conectado aos novos tempos no que se trata de materiais e ferramentas pedagógicas, a exemplo do uso de laboratórios e do agir experimentalmente. (PIRES, 2013, p. 140-141)

Uma dessas atividades inovadoras trabalhadas pelos metodistas, muito representativa em suas instituições e que, para o Brasil, se constitui como uma das marcas de sua cultura, como um símbolo nacional, se remete à prática do futebol. Esse esporte se notabilizou nas décadas iniciais do século passado como uma parte integrante do currículo escolar das escolas metodistas, elemento que é facilmente visível quando se observam os diversos periódicos que suas instituições de ensino produziram.<sup>123</sup>

Nessa orientação, é preciso sublinhar que, por um dos objetivos de seus colégios ser o de apresentar práticas diferenciadas, pode-se entender a precocidade como o

---

<sup>123</sup> Em Juiz de Fora foi publicado o periódico *O Granbery*, em Porto Alegre, o *Porto Alegre College* publicava, ao menos desde a década de 1920, o periódico *O Reflexo*, no qual o esporte recebia uma ênfase bastante grande.

futebol foi no *Granbery* implantado, aspecto que confronta a narrativa oficial comumente veiculada sobre a gênese da modalidade no país.

Isso se dá pelo fato de que, em 1893, numa viagem realizada à Inglaterra pelo primeiro reitor do *Granbery*, John McPhearson Lander (1889-1901), ao ter tomado conhecimento da nova prática esportiva, decidiu introduzi-la na escola. Em seu retorno, além de uma bola, trouxe também um livro de regras, segundo consta em um bilhete que sua filha, Margareth Lander, noventa e um anos depois, escreveu em visita à Juiz de Fora (LANDER, 1984). Sem desconsiderar uma pequena imprecisão quanto à data da primeira partida de futebol que foi jogada no *Granbery* – porquanto Margareth Lander afirmou que ela teria ocorrido em 1894, ao passo que, no livro de cronologia do *Granbery*, que cobre o período de 1890 a 1897, a data correta seria a de 10/03/1893 – tem-se que, conjuntamente ao jogo de tênis, ele teria sido incorporado na escola no mínimo um ano antes da narrativa oficial de que o esporte teria sido trazido no Brasil por Charles William Miller. (Livro de cronologia do Granbery 1890-1897, Arquivo Histórico do Instituto Metodista Granbery)<sup>124</sup>

Torna-se importante perceber que os educadores granberenses, ao proporem uma prática educacional estritamente ligada ao modelo norte americano, no qual a frase “*Mens sana in corpore sano*”<sup>125</sup> funcionava como um lema da escola, conseguiram tornar o esporte uma prática recorrente, moderna e também uma das principais marcas da instituição.<sup>126</sup>

Décadas depois, cristalizados como uma tradição no *Granbery*, os esportes ainda ganhavam bastante destaque na escola. Em 10/11/1928, na segunda fase de circulação do periódico *O Granbery*, nesta ocasião sob a forma de anuário, somando-se aos anúncios dos jogos que os alunos da escola e também dos cursos superiores disputaram, foi noticiada uma competição, ocorrida no Rio de Janeiro. Juntamente do *Granbery*, o torneio reuniu os alunos do *Colégio Batista* da cidade e os estudantes do *Instituto Gammon*, escola presbiteriana de Lavras-MG. (*O Granbery*, 10/11/1928, p. 57)

Nestes jogos, entre vitórias e derrotas dos alunos do *Granbery*, sobrepõe-se a relação que a escola mantinha com outras instituições de ensino de confessionalidade

<sup>124</sup> Sobre a narrativa que coloca Charles Miller como o responsável pela chegada do futebol ao país, ver: (UNZELTE, 2015).

<sup>125</sup> “Uma mente sábia em um corpo sadio”, este slogan se fazia presente na apresentação dos estatutos da escola que eram distribuídos aos alunos, como justificativa para sua existência, a exemplo do que circulou em 1931, quando ela já entrava em seu trigésimo primeiro ano. Neste documento, foram realçadas, tanto a importância dos aspectos intelectuais, morais, religiosos, como também das atividades físicas. (ESTATUTOS d’O GRANBERY, 1931, p. 8)

<sup>126</sup> Para mais detalhes das partidas de futebol dos alunos do Instituto ver: (PIRES, 2013, p. 137-139).

protestante e o valor que era dado à competição esportiva como uma forma de, para além dos aspectos benéficos que a prática traria para a saúde, evidenciar o lado do mérito e a ideia do aperfeiçoamento pelo esforço do indivíduo. Isso se coloca pois ficou manifesto que, mesmo com a renovação dos alunos e com a rotatividade destes na escola e formatura dos mais velhos, pretendia-se manter a competitividade das equipes, fato que, em conformidade com o relato, teria sido alcançado no fim do ano. (*O Granbery*, 10/11/1928, p. 57)

Se essas eram as vigas mestras da educação ofertada no instituto, concebe-se que o sucesso por ele alcançado no interior das elites, a ponto de ser considerado a maior instituição de ensino metodista do sudeste durante a República Velha, ainda assim não poderia ser explicado apenas por sua proposta educacional. Era preciso mais. Era preciso ter um diferencial que se encontrava em seu corpo docente.

O crescimento da escola verificado pelo gráfico anteriormente apresentado precisa ser colocado em relevo maior agora. Como se viu, desde os momentos iniciais da chegada dos metodistas a Juiz de Fora eles foram alvos de animosidades e ataques, sejam eles físicos, como o caso do apedrejamento de um dos primeiros cultos realizados na cidade pelo Reverendo Kennedy, ou aqueles realizados nas páginas dos jornais católicos. (CORDEIRO, 2008, p. 164-165)

Além dos luteranos que tinham chegado por volta de 1858<sup>127</sup>, a população de Juiz de Fora era, majoritariamente, católica. Logo, mesmo se destacando o crescimento dos adeptos do metodismo, é preciso reconhecer o pequeno tamanho de sua comunidade e que, conseqüentemente, por mais que muitos de seus membros possam ter enviado seus filhos para estudar no *Granbery*, isso não seria o suficiente para poder explicar seu crescimento, pois as despesas para tanto eram elevadas.<sup>128</sup>

---

<sup>127</sup> Ver: Comunidade Luterana em Juiz de Fora comemora 150 anos. Disponível em: < <http://www.ultimo.com.br/conteudo/comunidade-luterana-em-juiz-de-fora-comemora-150-anos> >. Acesso em: 05 jun. 2017.

<sup>128</sup> Um caso ilustrativo do alto custo de se manter um estudante no *Granbery* se verificou na reunião da Assembleia Episcopal de Juiz de Fora, em 05/05/1932, quando foi relatado um caso de afastamento da família de José de Brito das celebrações metodistas. Após terem sido analisados os motivos que causaram tal fato, foi descoberto que, por não ter condições financeiras o suficiente, ele havia requerido uma bolsa de estudos no colégio *Granbery* para seu filho. Contudo, como esta não foi concedida, ao obter tal benefício em um colégio católico da cidade, a família acabou por se afastar das atividades metodistas com receio de ser mal vista pelos outros metodistas. (*Livro Ata da Assembleia Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934*, 05/05/1932, p. 6-6.1) Nos livros atas dos órgãos decisórios da Igreja Metodista Central de Juiz de Fora e dos órgãos administrativos do *Granbery*, quando há indicação de paginação só mostram os números pares. Para uniformizar as referências, se trabalhará com tal sistema, sendo que, como não há numeração no verso das páginas, estas serão citadas com os números anteriores acrescidos de (.1). Exemplo: 1.1, 2.1, etc.

Portanto, para compreendê-lo é preciso verificar em quais setores da sociedade ela teve maior aceitação e quais fatores colaboraram para que essa ocorresse.

### 2.3 GRANBERY: A CONSTITUIÇÃO DO MAIOR EDUCANDÁRIO METODISTA DO BRASIL NAS DÉCADAS INICIAIS DO SÉCULO XX

Entendendo que o modelo americano e os valores liberais foram grandes atrativos para parcelas da elite que tinham nos EUA o ideal de civilização e partilhavam do ideário dominante neste país, depreende-se que os educadores americanos funcionavam como autoridades que oportunizariam o acesso a tais coisas. Isso é perceptível nas publicidades iniciais da escola na cidade, pois, além de se propagandear um ensino moderno, pautado pelo sistema americano, adjetivado como firme e igualitário, ao lado das propostas pedagógicas da escola, esses aspectos funcionavam no anúncio como um chamariz que se somava à propalada experiência de seu educador e primeiro reitor de origem norte americana, John McPhearson Lander.<sup>129</sup>

Nada obstante, ao lado do reitor, deve-se notar que os professores americanos eram poucos e, ainda que atuassem em sala de aula, costumavam acumular muitas funções de direção nas instituições de ensino, o que fazia com que a maior parte dos corpos docentes destas escolas fosse formada por brasileiros.

Fundado pouco tempo depois da chegada dos primeiros metodistas a Juiz de Fora, pela impossibilidade de compor o quadro de professores apenas com missionários ou ainda com profissionais contratados nos EUA, optou-se pela contratação de intelectuais com certa projeção, estratégia que aspirava a minimizar as reservas que existiam à escola, resultantes dos ataques que sofria.<sup>130</sup>

A presença de membros destacados na elite intelectual local deu ao Granbery o respaldo e a confiança necessários para por em prática os seus projetos e foi de fundamental importância para a aceitação da introdução da educação metodista em Juiz de Fora e, no limite, para o desenvolvimento da própria

<sup>129</sup> Sobre isso ver: (*Livro de recortes com as primeiras propagandas do Instituto Granbery*, p. 1).

<sup>130</sup> Entre alguns nomes podem-se citar os seguintes: Dr. Eduardo de Menezes, José Rangel, João Massena, Antônio Dias de Carvalho, José Dutra, Augusto Coelho de Souza, Moisés Andrade. Em reunião da Congregação do Colégio *Granbery* – uma espécie de Colegiado da escola – composta pelo reitor e o corpo docente, foi comemorado o fato do professor João Massena ter sido nomeado prefeito da cidade de Araxá-MG pelo então presidente do estado de Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada. (*Ata da Congregação do Granbery*, 21/10/1926, p. 58) Após uma administração que obteve um bom reconhecimento de parte da população, ocorrida entre 1926 e 1928, fazendo com que seu nome ficasse na memória local como um exemplo de civilidade (*Araxá em Revista*, março 2016, p. 110), *O Granbery* informou que João Massena foi escolhido por Antônio Carlos Ribeiro de Andrada para dirigir a Escola Normal Modelo de Juiz de Fora, motivo que o trouxe de volta para a Zona da Mata mineira e lhe encetou elogios. (*O Granbery*, 31/03/1928, p. 3)

instituição. A participação direta de muitos deles na instituição foi fundamental para limitar a ação oposicionista da Igreja Católica. De certo modo, esse apoio estava relacionado à modernização, representado pelo novo modelo de ensino “granberyense” e pelo americanismo representado pela presença dos missionários norte-americanos. (PIRES, 2013, p. 105)

Esse grupo de notáveis, somados ao diferencial do colégio, desde o início contribuíram para que a instituição passasse a contar com alunos de várias partes do país. Aos poucos, verificou-se um fluxo cada vez maior dos filhos da nascente elite juiz-forana, de cidades da região e de outros estados, fazendo com que, em 1929, ela superasse o total de 600 alunos matriculados, conforme se pôde ver no gráfico anteriormente apresentado. (*Livro de recortes com as primeiras propagandas do Instituto Granbery*. p. 3)

Uma terceira explicação que se soma aos argumentos supracitados para explicar o sucesso obtido pelo *Granbery* advém do fato de que ele conseguiu se colocar como uma instituição com elevado grau de qualidade, o que atraiu parte dos políticos, da intelectualidade local e contribuiu para que os ataques que sofria de seus opositores diminuíssem.

A construção desta imagem de si tinha como estratégia publicizar a relação que o *Granbery* possuía com parcela da intelectualidade local que, inclusive, tomava parte de seus eventos, como demonstrou a nota transcrita abaixo informando que o ex-vereador e adepto do movimento republicano, Dr. José Caetano de Moraes Castro, havia proferido um discurso por ocasião do encerramento do ano letivo de 1892. (FERREIRA, 2010, p. 92)

O anno lectivo finda-se na quarta-feira, 30 do corrente, com provas de declamação; um debate sobre a questão: - Qual é a melhor fôrma de governo, a monarchia ou a republica; e tambem com um discurso pelo illm. sr. dr. José Caetano de Moraes e Castro. A estes actos são convidadas a assistir todas as exmas familias representadas no Collegio, bem como todos os nossos outros amigos e pessôas interessantes na educação da mocidade brasileira. A sessão abre-se ás 11 horas da manhã. O diretor, J. M. Lander. (*Livro de recortes com as primeiras propagandas do Instituto Granbery*. p. 4)<sup>131</sup>

Esse processo avançou ao longo do tempo pois, em 1901, quando o colégio ainda não havia se equiparado às instituições oficiais, – cujo parâmetro era o Ginásio Nacional, sob a forma do Colégio Pedro II – ficando impossibilitado de reconhecer seus

<sup>131</sup> No mesmo local no qual essa nota se encontra, foi informado que, nesta ocasião, após ter traçado um histórico do colégio, o político Dr José Catano de Moraes Castro teria tecido elogios aos educadores americanos que eram dignamente representados pelo diretor Lander. (*Livro de recortes com as primeiras propagandas do Instituto Granbery*. p. 4)

diplomas em todo Brasil, – situação que só conseguiu formalizar em 1905<sup>132</sup> – ele recebeu uma moção de apoio subscrita por diversos intelectuais locais que, além de defender a obtenção da equiparação, desejavam a oferta de cursos superiores pelo Granbery<sup>133</sup>, o que explicita a conexão que ele mantinha com esta camada na cidade.

Nós, abaixo assignados, sabedores da feliz lembrança, que teve a corporação americana do Collegio Granbery de equiparar este estabelecimento ao Gymnasio (...), vimos, por esta moção de solidariedade, protestar nosso incondicional apoio à Directoria do mesmo Collegio, que, convertido mais tarde numa Universidade, como é do intento dos illustres promotores de tão acertada idéa, de alto alcance, agora e no futuro, virá preencher uma lacuna, de que nos resentimos na actualidade. Juiz de Fóra, 16 de Junho de 1901. (MOÇÃO DE SOLIDARIEDADE, 16/06/1901)<sup>134</sup>

Dentre as pessoas que assinaram a moção de apoio encontravam-se muitos membros da intelectualidade local como médicos, advogados, farmacêuticos, funcionários públicos, engenheiros, tabeliões, juiz, escrivão, dentre outros, sendo que alguns deles viriam a fazer parte do quadro de professores dos cursos de Farmácia e Odontologia, inaugurados em 1904. (NOVAES NETTO, 1997)<sup>135</sup>

<sup>132</sup> Em 02/06/1904, no jornal *O Pharol*, foi publicada uma denúncia de que o *Granbery* teria afirmado em seus regulamentos que já havia obtido a equiparação com o Ginásio Nacional. Todavia esta só teria sido requisitada em 1903, o que, segundo os signatários do protesto, era uma informação inverídica, um abuso segundo o seguinte trecho da denúncia: “mas antes disso, é um abuso, é mesmo uma falsidade declarar-se equiparado, o que pode ser considerado um meio de iludir a boa fé dos chefes de família. Parece-nos que esses fatos devem merecer a atenção dos poderes competentes e é para esse fim que os levamos ao conhecimento público.” (O Pharol apud NOVAES NETTO, 1997, p. 86)

<sup>133</sup> Contando com intelectuais como Dr. Eduardo de Menezes, José Massena, José Rangel e também políticos e empresários como Francisco Valadares, entre os meses de abril e maio de 1908, foi publicado no *Jornal do Comércio* o projeto da criação da escola de medicina na cidade que, seguido por outros inúmeros artigos sobre a mesma temática, demonstram como se dava no cotidiano a construção dessa imagem positiva amparada no apoio destes grupos intelectuais. (PIRES, 2013, p. 155-159)

<sup>134</sup> Livro de recortes com as primeiras propagandas do Instituto Granbery. p. 19. Arquivo Histórico do Instituto Metodista Granbery.

<sup>135</sup> Assinaram o documento as seguintes pessoas: Dr. Eduardo de Menezes (médico), Bacharel Francisco Candido da Gama Junior, Dr. Leocadio Chaves (médico), Bacharel José Eloy de Araujo, Lafayette Barbosa Rodrigues Pereira, Dr. Belisario Pena (médico), Julio Cezar Barboza Pena (engenheiro), Carlos Guedes de Castro (engenheiro civil), Adolpho Pereira, Antonio Rosa da Costa, J. Voyane, Dr. Azarias de Andrade (médico), Dr. Cornelio Goulart Villela Bueno (médico), Manuel Alves da Silva (agricultor), Heitor Guimaraes (jornalista), Alfredo Moreira Rezende, Arthur Siqueira, Tobias Toulendal (advogado), Gustavo Penna (advogado), João Chrysostemo Pimentel Barbosa, (tabelião), Barão de S. Marcellino (advogado), Arnaldo de Moraes e Castro (tabelião), Ignacio Ernesto Nogueira da Gama (escrivão de órfãos), José Luiz da Cunha Horta (inspetor da Escola Municipal), M. Silva Lemos (negociante), Cornelio Gama (comerciante), Manoel Ferreira Velloso (funcionário público), Mario da Cunha Horta (funcionário público), Martinho Pereira da Silva (funcionário público), Dr. Virgilio Falesano Alvez (médico), Carlos Ferreira de Souza Fernandes (advogado), José Rangel (farmacêutico), Francisco Pinto de Moura (advogado), Josimo Alcantara Araujo (juiz de direito avulso), Francisco Valladares (advogado), J. Luiz de Costa e Silva (advogado), Agnello Firmino Quintella (dentista), Antonio Bernades Fraga, Luiz de Oliveira, Afonso Augusto de Oliveira Penna (advogado), Dr. Casimiro Villela de Andrade (médico), Sabino Monteiro Lemos (farmacêutico) e Francisco Augusto de Souza Lima. (Moção de Solidariedade, 16/06/1901; Livro de recortes com as primeiras propagandas do Instituto Granbery. p. 19)

Junto desta proximidade com a intelectualidade se notou a existência de boas relações que a escola manteve com parcelas da classe política local, que também eram receptivas aos valores liberais que o *Granbery* cultivava em seu modelo educacional.

No que diz respeito ao apoio externo, encontramos significativo suporte no Jornal do Comércio de Juiz de Fora, órgão do Partido Republicano ligado à Associação Comercial da cidade, fundado, em 1896, por Vicente de Leon Annibal, que o vendeu no ano seguinte para Antônio Carlos Ribeiro de Andrada (1870-1946), político nascido em Barbacena que chegou a ser deputado federal e um dos colaboradores da publicação. Em 1911, Francisco de Campos Valadares assumiu a propriedade do jornal; este já era o dono de outro importante jornal da cidade, “O Pharol”. (PIRES, 2013, p. 105)

Embora nem o projeto da criação da escola de medicina, tampouco o da criação de uma Universidade Metodista tenham sido exitosos no período, pelo reconhecimento de seu modelo, de seu corpo docente e de suas articulações com parte da intelectualidade e classe política, o *Granbery*, no decorrer da República Velha, consolidou-se como a mais importante instituição de ensino metodista do país e atraiu gente do Brasil todo por obra da imagem que conseguiu criar de si e veicular.

Funcionando como o modelo formador da *intelligentsia* metodista, ele capitaneava o conjunto de instituições escolares da denominação religiosa no Brasil. Pautando-se por aspectos fundamentais da cultura norte americana como o *mito da fronteira* e a lógica do *destino manifesto*, o *Granbery* tencionava difundir o ideário religioso e cultural metodista sob o alicerce do liberalismo político e econômico vigentes nos EUA, caminho pelo qual a congregação chegou à América do Sul.

Enquanto alguns intelectuais apropriaram-se do mito do Destino Manifesto para defender que a supremacia da América WASP<sup>136</sup> estava fadada a se realizar, os missionários, como os metodistas, defendiam que a superioridade apenas se confirmaria por meio da ação. Ação essa que, em campo, buscava fazer com que o exemplo elevasse os preceitos morais daqueles supostamente inferiores e ignorantes do cristianismo tido como mais puro. Nesse sentido, o contato dos professores estadunidenses com os filhos da elite de Juiz de Fora e região adjacente tinha o objetivo de moldar seu caráter e a sua formação para a vida futura também por meio do exemplo. (...) No que diz respeito à formação para a vida política, o que pode ser comparado ao que hoje os educadores chamam de currículo oculto, o *Granbery*, conclui-se, se empenhou em formar alunos com uma perspectiva fortemente utilitarista. Além disso, havia uma disposição, que também se repetia nos Estados Unidos, em auxiliar as autoridades públicas. Sabemos que essa disponibilidade estava ligada à busca pela simpatia dessas autoridades e

<sup>136</sup> A sigla WASP, em inglês, significa White, anglo-saxon, protestant. Em português, poderia ser traduzida como: branco, anglo-saxão e protestante.



constituía uma forma privilegiada de influenciar a sociedade. (PIRES, 2013, p. 171-172)

Ao conseguir se apresentar como um expoente deste modelo norte americano, que estava em consonância com o observado em boa parte dos países centrais do ocidente neste contexto, entende-se que o colégio logrou êxito em seus intentos. Além de terem surgido muitos intelectuais e políticos renomados por ele formados, pode-se dizer que, muitas décadas depois, quando Itamar Franco, um de seus tantos alunos, chegou à Presidência da República, o *projeto coletivo* metodista de formar lideranças atingiu seu ápice.<sup>137</sup>

Para concluir a esse respeito, é necessário enfatizar que, concomitantemente à intenção de fomentar esses ideais e atuar para a formação de futuras lideranças, um dos objetivos principais do *Granbery* era também o de criar novos quadros para a Igreja Metodista, público que se diferenciava bastante dos filhos das elites. Os futuros pastores e professores que lá estudaram, a exemplo de Cesar Dacorso Filho, que viria a ser o primeiro bispo metodista brasileiro, Derly de Oliveira Chaves, dentre tantos outros, eram, muitas vezes, filhos de famílias que possuíam poucos recursos, o que tornava inviável o pagamento de seus estudos.

Para isso, além de ofertar bolsas de estudo a esses alunos, eles trabalhavam na instituição como forma de contrapartida do benefício que recebiam. Desta forma, aliado àquilo que dirigia aos filhos da elite, esses aspirantes ao magistério e ministério da denominação religiosa também eram forjados enquanto futuros intelectuais que iriam propagar o metodismo no país, tornando-se os difusores de seu ideário com vistas a influenciar nos centros decisórios dos poderes político e econômico. Para Elias Boaventura, na década de 1920, a forma como o *Granbery* lidava com os futuros intelectuais metodistas exemplifica inequivocamente esses fins que, a exemplo daquele voltado para as famílias da elite, também foram exitosos. (BOAVANETURA, 1994, p. 97)

#### 2.4 O *GRANBERY* COMO DESTINO DE MUITOS GAÚCHOS E A CHEGADA DE OSCAR MACHADO

Fundado em 1889, ao ofertar as opções de externato, semi-internato e internato, desde o início, a instituição contava com três departamentos que se dividiam em primá-

---

<sup>137</sup> Sobre outros ex-alunos que alcançaram notoriedade, ver: (PIRES, 2013, p. 153-154).

rio, ginásial e o seminário para os quais afluíam alunos de todo o Brasil cujo perfil dos estudantes diferia bastante, sobretudo em relação ao perfil socioeconômico. Por conta de seus objetivos, os dois primeiros constituíam seu carro chefe, sendo que, ao lado das propostas pedagógicas inovadoras, do corpo docente capacitado e do ideário liberal difundido, ajudaram na atração de diversificado corpo discente.

Feita a reorganização do ensino ofertado em janeiro de 1895, anos depois, na ocasião do pedido de equiparação do instituto, foram abertos os cursos de Odontologia e Farmácia, assim como ocorreu uma nova remodelação do curso de Teologia. Devido a essas mudanças, a diretoria resolveu dar o nome de *O Granbery* ao instituto inteiro. (*Prospecto do O Granbery instituto de ensino americano-brasileiro*, 1933, p. 9-10)

Como a intenção do *Granbery* era a de se tornar um celeiro de líderes, ele procurava atrair uma clientela que pudesse pagar por seus estudos. Contudo, é nítido que, desde suas décadas iniciais, mesmo com o aumento do número de alunos, a instituição passou por sérias dificuldades financeiras advindas da necessidade de investimento para a acomodação dos alunos e cursos ofertados e também como fruto das bolsas de ensino que oferecia, cujo percentual, em alguns momentos, chegava a quase 40% do faturamento bruto anual que, somados à inadimplência, deixava a instituição em difícil situação. (NOVAES NETTO, 1997, p. 70-71)<sup>138</sup>

Nessa conjuntura ocorreu a chegada de vários estudantes vindos do Rio Grande do Sul para o seminário e para os outros cursos oferecidos pelo *Granbery*, fato explicado pela expansão da Igreja e de suas instituições naquele estado, que demandava a formação de novos quadros.

Assim, muitos aspirantes ao ministério e ao magistério vieram para Juiz de Fora e alguns viriam a se tornar importantes nomes no interior da Igreja Metodista no futuro, a exemplo de Cesar Dacorso Filho e Derly de Azevedo Chaves.

Lá no Sul, o Derly de Azevedo Chaves foi um... uma pessoa notável. Ultimamente, no final da vida dele, ele escrevia o *Uma Voz Missionária*, que era uma revista voltada pras mulheres da Igreja Metodista. Só que não só mulheres. Eu mesmo lia muito. Ele tinha lá uma coluna, *Bilhetes do Céu*, que era

<sup>138</sup> Arsênio Firmino Novaes Netto destacou que no seio dos primeiros missionários que para cá vieram havia uma discrepância entre suas ações voltadas para o ensino e evangelização em detrimento daquelas que se dedicavam à administração financeira de seus colégios, fator que ajudaria a explicar a difícil situação que o *Granbery* e as outras instituições de ensino passaram. (Entrevista com Arsênio Firmino Novaes Netto, Juiz de Fora, 31/03/2017) Até, aproximadamente, o ano de 1922, o *Granbery* passou por uma fase de expansão, que se fez acompanhar por sérias dificuldades financeiras. Por isso, reiteradamente, ele recorreu a empréstimos feitos à Junta das Missões. (NOVAES NETTO, 1997, p. 72-74)

muito bonita, muito lida. E ele era casado com a dona Otilia Chaves, que foi... Inclusive, eles foram dirigentes aqui da... do seminário teológico na época que o Granbery fundou a teologia e manteve por alguns anos aí, não é? Então, além dele ter vindo, o próprio Vicente, o próprio José Gomes de Campos, o próprio Oscar Machado... E o Zico... o Dico, que era o Schisler, William Schisler, que era um missionário americano que desempenhou uma atividade muito importante aqui no Brasil e muito querido. Na verdade, eu nem sei se ele não nasceu no Sul, apesar de ele ser americano. Acho que deve ter nascido lá no Rio Grande do Sul, não é? Então, o Rio Grande do Sul formou... criou muitos colégios, não é? Passo Fundo, Porto Alegre, Santa Maria, vários outros lugares. Criou muitos colégios. E, naturalmente, essa foi uma das razões pelas quais aquele povo veio pra cá pra poder se qualificar e se formar e, depois, voltar pra prestar serviço. (Entrevista com Arsênio Firmino Novaes Netto, Juiz de Fora, 31/03/2017)

Diferentemente do observado sobre os alunos do ensino regular, os aspirantes a se tornarem pastores metodistas eram, em muitos casos, pessoas de origem humilde que, por efeito de sua vontade e potencial verificados pelos membros do clero metodistas espalhados pelo país, haviam sido enviados para o seminário no *Granbery*, onde recebiam bolsas de estudo integral.

É dessa maneira que se percebe como muitos alunos do Rio Grande do Sul, a exemplo de César Dacorso Filho, Derly de Azevedo Chaves e dos tantos outros acima mencionados, inseridos em meio a um *projeto coletivo* do metodismo que intentava criar sua *intelligentsia*, foram parar no colégio. Não obstante, sua vida na instituição não era nada fácil pois, não raro, realizavam muitos e diversos trabalhos como forma de contrapartida do benefício que recebiam. (NOVAES NETTO, 1997, p. 72)

Sobre César Dacorso Filho, conforme se viu no primeiro capítulo, graças às atividades que desempenhava e sua inclinação para o trabalho religioso, ele recebeu o convite do Reverendo James M. Terrel para continuar seus estudos no *Colégio União*, o que o fez abandonar o bom emprego que possuía na VFRGS. (COSTA, 1967, p. 76-84)

Sua estada em Uruguiana se deu pouco tempo antes de Oscar Machado chegar à instituição e, como era comum ocorrer com alunos bolsistas nos colégios metodistas, para se sustentar, ele exerceu várias funções como secretário, tesoureiro, regente de alunos e pintor. Passados dois anos, estava apto a continuar seus estudos, sendo enviado, em 1911, a Juiz de Fora pra cursar Teologia. (COSTA, 1967, p. 85-96)

Em resumo, por sua origem humilde, ele não pode contar com a ajuda de seus pais. Independentemente de receber uma bolsa integral de estudos, a realidade em Juiz de Fora era difícil, pois, em paralelo aos estudos, ele e muitos outros alunos precisavam trabalhar desempenhando tarefas como a de varrer as salas de aula, trabalhar na rouparia do colégio, na livraria, na secretaria ou até rachando lenha. (COSTA, 1967, p. 104-105)

Especificamente sobre o cotidiano no *Granbery*, houve uma descrição de atividades extremamente desgastantes a serem desempenhadas pelos seminaristas e de um episódio humilhante ocorrido entre parte destes e a direção do instituto, fatos que contrastavam bastante com a imagem que se criou da instituição.<sup>139</sup>

Assim, se as experiências de César Dacorso Filho não foram as mais agradáveis possíveis durante esta etapa no *Granbery*, outros alunos que passaram pelo internato tiveram uma vida mais tranquila, seja como estudantes do ginásio ou dos cursos superiores. Dada a íntima relação vivenciada com os demais estudantes que se encontravam também longe de casa e com a escola como um todo, estes acabaram convivendo com aquilo que ficou conhecido como *espírito granberyense*.<sup>140</sup>

Sobre isso, Arsênio Firmino Novaes Netto, numa descrição eivada de um caráter emocional, afirmou que o *espírito granberyense* era engendrado no cotidiano, justamente pelo fato de que os alunos passavam pelas mesmas agruras e dificuldades. Porém, ao longo do tempo, como resultante das mudanças da instituição, que não conta mais com o internato, ele teria se modificado se fazendo presente ainda hoje de um modo diferente daquilo que era vivenciado pelos internos do início do século passado:

A criação do *espírito granberyense* que foi atribuído ao Tarboux que foi um dos reitores de renome do prédio ali, ele... É atribuído a ele como uma sensibilidade, como alguma coisa que, quase inexplicável, é um sentimento que as pessoas têm que foi sendo alicerçada ao longo de relações do dia a dia, de um sorriso, de um tapinha nas costas, de uma palavra de tolerância do reitor pra com um aluno, quando cometer um ato de indisciplina. Foi uma construção que foi, pouco a pouco... já alicerçou e foi crescendo e foi recebendo um acabamento, até que se transformou num sentimento. E o sentimento é algo que nos possui (...) Esse sentimento acabou criando o tal do *espírito granberyense*, que é essa manifestação, esse sentimento de amor que os alunos, sobretudo naquela época, tinham pela instituição. Hoje, esse sentimento, ele se manifesta depois que os quarenta... dos quarenta, quarenta e cinco anos dos alunos. (...) Depois dos quarenta, quarenta e cinco anos, começa a bater aquela saudade. Tanto é que aqui na semana granberyense, eles vinham do Rio de Janeiro, de Porto Alegre, do interior de Minas Gerais. Minas Gerais é um estado muito grande. Quando eu falo de interior, eu falo de longe. Vinham de São Paulo, vinham de Piracicaba, vinham de Campinas, vinham de muitos lugares. Eles vinham para estar aqui, desfilar, cantar com vigor o hino gran-

<sup>139</sup> Sobre isso, Nelson de Godoy Costa afirmou que em 1914 houve certa perseguição aos seminaristas, por parte do diretor do seminário e de sua esposa, para quem os alunos eram vistos como vagabundos. As animosidades com os seminaristas teriam se agravado ao ponto do diretor chegar a negar um lampião para a casa onde Cesar residia com os outros alunos, que não possuía iluminação. Neste episódio, apesar de saber que César não possuía recursos para tanto, teria chegado a sugerir que ele se mudasse para alguma pensão caso estivesse desgostoso. (COSTA, 1967, p. 97-101) Sobre este episódio ver também: (*O Granbery*, 10/11/1928, p. 52 e *O Granbery*, 13/08/1928, p. 11).

<sup>140</sup> Sobre o *espírito granberyense* ver: (*O Granberyense*, dez/1936, p. 9; *O Granberyense*, 30/09/1938, p. 5 e *O Granberyense*, 31/10/1938, p. 1).

beryense. (Entrevista com Arsênio Firmino Novaes Netto, Juiz de Fora, 31/03/2017)<sup>141</sup>

Nesta seara, a experiência de Derly de Azevedo Chaves, possivelmente, foi um pouco diferente da vivenciada por César Dacorso Filho, posto que, ao que tudo indica, ele teve contato com o mencionado *espírito granberienese*, já que, até onde foi encontrado, salvo as dificuldades financeiras, não se tem registros de experiências desconfortantes sobre a estada deste gaúcho em Juiz de Fora.

Nascido em Cacequi-RS, seguindo o mesmo caminho que muitos gaúchos que viriam a fazer parte do ministério e magistério metodista tomavam, ele também foi aluno do *Colégio União*, sendo que sua chegada ao *Granbery* ocorreu em 1915 e coincidiu mais ou menos com o período no qual César Dacorso Filho deixava a instituição.

De forma diversa dos relatos que existem a respeito da trajetória de Dacorso, há menos informações em relação a Derly de Azevedo Chaves. Sobre sua estada em Juiz de Fora, os poucos registros disponíveis geralmente estão associados à Otilia Oliveira, estudante do *Granbery* e sua futura esposa.<sup>142</sup> Concluídos seus estudos, eles se casaram em 1918, sendo enviados para São Borja-RS onde iniciaram seus trabalhos pastorais na comunidade metodista. Pouco tempo depois, foram convidados para trabalhar no *Colégio União*, local onde, provavelmente, vieram a conhecer Oscar Machado, então aluno da instituição.<sup>143</sup>

Quando ele se reestabeleceu, o casal foi transferido para a cidade de Cachoeira do Sul, local onde, ao invés de verem as coisas se acalmarem após o nascimento de seus filhos Paulo e Derly Jr., passaram por mais uma delicada situação quando perderam seu terceiro filho com poucos meses de vida. (RIBEIRO, 2005, p. 127)

Com todas essas adversidades enfrentadas, poucos meses deste infortúnio vivido pela família, Derly Chaves recebeu uma bolsa de estudos para estudar na *Emory Uni-*

---

<sup>141</sup> Jhon William Tarboux foi vice-reitor do *Granbery* no período compreendido entre 1893-1894 e depois reitor no período compreendido entre 1903-1914. Seu nome é muito importante para o metodismo brasileiro em consequência de ter sido eleito o primeiro bispo da Igreja após a obtenção de sua autonomia frente à Igreja Episcopal do Sul dos EUA ocorrida em 02/09/1930, na Conferência Geral da Igreja Metodista Episcopal do Sul, realizada na cidade de Dallas, Texas, EUA.

<sup>142</sup> A chegada de Otilia Oliveira, que viria a se tornar Otilia Chaves, ao instituto se deu em 1912 quando, atraído pela fama do colégio, seu pai a matriculou na instituição junto de sua irmã Odette. Distintamente desta, que optou pelo magistério, Otilia escolheu o curso de farmácia sendo a única e primeira mulher a se graduar neste curso, em meio aos doze formandos do ano de 1915. (PIRES, 2013, p. 154-155; RIBEIRO, 2005, p. 125-126)

<sup>143</sup> Derly e Otilia Chaves não tiveram um começo de vida tranquilo no Rio Grande do Sul, pois, além das mudanças de São Borja para Uruguaiana, pouco depois foram novamente transferidos, desta vez para Santa Maria. Na cidade, se por um lado, tiveram a felicidade do nascimento de sua primeira filha, Ruth, por outro, passaram por sérias complicações quando Derly Chaves ficou gravemente doente, acabando, por isso, recluso ao sanatório local. (RIBEIRO, 2005, p. 127-128)

versity nos EUA, a qual aceitou.<sup>144</sup> Inicialmente rumou para os EUA sem a esposa e filhos, que se juntariam a ele apenas um ano depois, quando ele conseguiu lhes arrumar as passagens e a hospedagem. (RIBEIRO, 2005, p. 127)

Deste modo, entre 1926 e 1928, Derly Chaves realizou seu curso de Teologia e Artes na *Emory University*, localizada na região metropolitana da cidade de Atlanta, estado da Geórgia, EUA. (*O Granberyense*, 08/09/1933, p. 6) Terminado seus estudos, já no Brasil, ele recebeu o convite para voltar à cidade de Juiz de Fora e assumir a direção do seminário *Granbery*, onde atuaria ao lado de César Dacorso Filho e Oscar Machado da Silva.

Em 1928, retornaram ao Brasil, para Juiz de Fora, onde seu esposo foi eleito Reitor da Faculdade de Teologia. Nos doze anos que se seguiram destacamos os seguintes fatos: Otilia lecionou no Colégio Granbery, fez faculdade, graduando-se em 1936 no Curso de Educação Religiosa; lecionou sociologia e psicologia na Faculdade de Pedagogia, e Educação Religiosa e Sociologia na Faculdade de Teologia, ambas do Instituto Granbery. (RIBEIRO, 2005, p. 126-127)

Destarte, depois de também ter se formado nos EUA, de ter retornado ao Brasil, se casado e começado a trabalhar como professor no *Colégio União*, Oscar Machado, pelo visto, respondendo a um convite feito por Derly Chaves, aceitou vir trabalhar no *Granbery*, mudando-se para Juiz de Fora acompanhado de sua esposa e seu irmão mais novo Sady.

## 2.5 NO GRANBERY: OSCAR MACHADO, UM INTELLECTUAL METODISTA

Como se tentou demonstrar, o *Granbery* se configurou como o principal polo de formação da *intelligentsia metodista*, para o qual afluiu um significativo número de jovens oriundos do Rio Grande do Sul. (BOAVENTURA, 1994) Estreitando os vínculos tecidos ao longo do tempo com este estado, devido a esta sua vocação formadora, é possível se afirmar que, ao menos a partir da década de 1920, ele passou a dispor da presença de professores gaúchos cuja formação, em sua maioria, se deu em instituições de ensino metodistas nos EUA.

O primeiro exemplo destes é o do professor Carlos Godinho que integrou o corpo docente do *Granbery* a partir do ano de 1928, como se constatou no *O Granbery*:

<sup>144</sup> Sobre a Universidade de Emory ver: Histórico e tradição da Emory University. Disponível em: <<http://www.emory.edu/home/about/history/index.html>>. Acesso em 16 maio 2017.

As aulas de inglês do Curso Comercial, este ano, foram entregues à competência do Prof. Carlos Godinho. Recentemente chegado dos Estados Unidos, onde permaneceu uma meia dúzia de annos, o Prof. Godinho tem conhecimentos reaes da lingua de nossos diretores. E por ensinar principalmente a principiantes, tem a vantagem de ser brasileiro. Porque sabendo das difficuldades com que lucha o brasileiro na aprendizagem do inglês, da preferênciã, nas suas principaes difficuldades. Ao Prof. Godinho um happy new year in Granbery. (*O Granbery*, 31/03/1928, p. 14)<sup>145</sup>

Neste ano de 1928, encontram-se também as primeiras menções à presença de Derly Chaves e de sua família em Juiz de Fora. Como se afirmou anteriormente, tendo, possivelmente, retornado, em companhia de Oscar Machado, dos EUA, em finais do ano de 1927, diferentemente deste, que viria a iniciar sua trajetória como professor no Brasil no *Colégio União*, Derly se dirigiu a Juiz de Fora onde assumiu a reitoria da Escola de Teologia.<sup>146</sup>

Após sua chegada, sua meta era a reorganização do curso que, em suas palavras, encontrava-se com um currículo anacrônico. Na execução de tal tarefa, além dos professores já presentes à casa quando de sua chegada ao *Granbery*, Derly Chaves veio a contar com outro gaúcho, que havia passado pela instituição na condição de aluno e, a partir do ano de 1929, se tornava professor, o Reverendo César Dacorso Filho. (*O Granbery*, 10/11/1928, p. 14)<sup>147</sup>

Os esforços para a reestruturação do curso deram resultado pois, em 25/04/1929, foi noticiado que a antiga Escola Bíblica se transformara em Faculdade de Teologia, mantendo-se à frente de sua reitoria Derly Chaves:

Abriram-se neste anno as aulas da Faculdade de Theologia sob a reitoria do Rev. Derly Chaves. É animador o numero de acadêmicos e de aspirantes, muitos quaes pertenciam á antiga Escola Bíblica. Pelos cursos que (fale o aluno, não são brinquedo) são conferidos os diplomas de Bacharel em Theologia, Bacharel em Philosophia e Dr. em Theologia. (*O Granbery*, 25/04/1929, p. 5)

Seu corpo docente composto por pessoas de grande expressão no interior do ambiente metodista trazia também nomes como o do Dr. Josué Cardoso d' Affonseca e dos norte-americanos Wesley M. Carr, Jalmar Bowden e Dr. W. H. More sendo que, a partir

<sup>145</sup> Ao que parece, o período final de seus estudos nos EUA coincidiram com o intervalo de tempo dos estudos de Derly Chaves na mesma instituição. (*O Granberyense*, 08/09/1933, p. 6)

<sup>146</sup> Além de ter trabalhado como professor no *Colégio União*, Derly Chaves já havia atuado no magistério do *Granbery*, sendo sua chegada à instituição na verdade um retorno. (*O Granbery*, 10/11/1929, p. 38) Nas Atas da Congregação da Faculdade de Teologia, órgão colegiado com poder deliberativo, ele já aparecia como seu reitor em 12/06/1928. (*Ata da Congregação do Granbery*, 12/06/1928, p. 63-64)

<sup>147</sup> *Ata da 2ª reunião Congregação da Faculdade de Teologia*, 18/02/1929, p. 1.2.

de 1930, passaria também a dispor da presença de Oscar Machado, cuja trajetória nas instituições de ensino metodistas deslancharia a partir de então.

A apresentação oficial de Oscar Machado à Congregação da Faculdade de Teologia se deu na 11ª reunião realizada em 29/01/1930.<sup>148</sup> Dias depois deste evento, ele foi também apresentado à Congregação do *Granbery*, em 14/02/1930, como o novo professor da Faculdade de Teologia.<sup>149</sup>

No mês seguinte ao início das aulas do curso de Teologia, ocorrido em 18/02/1930, o jornal *O Granbery* publicou uma matéria na qual, ao apresentar os quadros docentes do Colégio e da Faculdade de Teologia, informava que, junto de Oscar Machado, chegaram também os professores Maurício Murgel e Eunice Weaver. Exclusivamente sobre o curso superior, divulgava a atuação dos seguintes professores: Oscar Machado, Derly Chaves, Jalmar Bowden, Wesley Carr e Cesar Dacorso Filho. (*O Granbery*, 15/03/1930, p. 1-2)

Na mesma edição também foram publicadas uma matéria e uma pequena nota com informações sobre a chegada de Oscar Machado ao *Granbery*. Na primeira delas, numa entrevista realizada na casa onde a família Machado se instalou ao chegar à cidade, Oscar Machado assim resumiu sua trajetória de estudos:

Minha infância... passei-a na vida livre da campanha, fartando os pulmões desse ar-saude, ar-vida. Um dia a vida livre e descuidada se acabou... Escolas, Gymnasio no Collegio União, em Uruguaiana onde me diplomei em 1922. Os Estados Unidos quiz ver. E segui rumo terra estranha. Birmingham – Southern College. Ahi recebi o diploma de Bachelor of Arts. Depois, Southern Methodist University. Lutas terríveis, privações, dificuldades. Consegui o titulo de Bachelor of Divinity. Nosso pensamento, longe... Viamos aquelle moço tão simples, tão modesto, satisfazendo uma indescrição, em um paiz longinquo, a enfrentar e a vencer essa legião macabra de dificuldades com a serenidade daquelles que tem a maior riqueza – valor. Para o sustento dos estudos eu lecionava francez e espanhol. E para abreviar, estudava nas ferias, nas chamadas Escolas de Verão, não descansava e fiz, assim, o curso de cinco anos em tres anos (...) Esportes... fiz alguns. Em Uruguayana, no Collegio. Em Norte America, praticava foot ball, basket ball, tennis e atletismo (...) Consegui nos Estados Unidos cobrir os 400 metros em 53". Com três meses de training. (*O Granbery*, 15/03/1930, p. 6)

No relato que fez de sua trajetória, bem distante de seu ponto de partida no *Colégio União*, quando o *campo de possibilidades* e as incertezas eram grandes, percebe-se que ele se definiu como um “*self made man*”. Sustenta-se tal afirmação pois, ao mencionar as dificuldades e desafios, Oscar Machado enalteceu seu *projeto individual* que, a

<sup>148</sup> *Ata da 11ª reunião da Congregação da Faculdade de Teologia*, 29/01/1930, p. 6.1-7.

<sup>149</sup> *Ata da Congregação do Granbery*, 14/02/1930, p. 79.



despeito daquilo inicialmente proposto pela Igreja Metodista, amalgamou-se com o *projeto coletivo* desta e, anos depois, era apontado como fruto de seus esforços numa interpretação que colocava-o como o grande artífice de seu sucesso.

No *Granbery*, além de Oscar Machado e dos outros gaúchos que estudaram nos EUA, trabalhava um outro professor que também havia lá estado para se formar, Irineu Guimarães. Esse último, mineiro, em razão de seu bom desempenho escolar, recebeu uma bolsa de estudos para aperfeiçoar seu inglês e, de igual forma ao ocorrido com os gaúchos, como era oriundo de uma família humilde, desde sua viagem de ida, teve que trabalhar para custear suas despesas pessoais nos EUA.

Segundo Arsênio Firmino Novaes Netto, com base num depoimento do próprio Irineu Guimarães, desta maneira poderia ser descrita sua experiência em terras estrangeiras:

Em 1921, Irineu Guimarães recebeu bolsa de estudo, para aperfeiçoamento em inglês, da Board of Missions, a alunos do Granbery com bom desempenho. “Merecedor ou não, eu e Amaral fomos escolhidos pela Congregação do Granbery”. Passaram, então, a estudar na Emory College, na Virgínia, e na Southern Methodist University, em Dallas, no Texas. Por não ter recursos para custear a viagem, “na ida, fui como auxiliar de cozinha, descasquei batatas durante 14 dias, e, na volta, fui promovido a intérprete do comandante”. (NOVAES NETTO, 2004, p. 57)

Nos EUA, em que pese o bom tratamento que afirma ter recebido, as dificuldades e também o temperamento de Irineu Guimarães sugerem que ele não tenha suportado a experiência do intercâmbio estudantil, o que ocasionou seu retorno precoce ao Brasil e a Juiz de Fora. Entretanto, se, antes de ir ao exterior, ele planejava se tornar pastor metodista, ao chegar em Juiz de Fora, em 1923, foi aconselhado pelo reitor do *Granbery*, Walter Harvey Moore, a trocar o ministério pelo magistério metodista. (NOVAES NETTO, 2005, p. 57-58)

A justificativa para tal sugestão teria se dado, pois o reitor acreditava que Irineu Guimarães seria um bom educador, assertiva que, de acordo com aquilo que foi mencionado sobre o mesmo por parte dos periódicos do *Granbery* e de parte da literatura que versa sobre a instituição e a vida deste personagem, teria acabado por se confirmar.<sup>150</sup>

Ele acabou envolvendo-se em muitas atividades, entre elas, na redação de *O Granbery*, na Associação de Esportes, no Centro Cívico, no Grêmio Literário Coelho Neto e na Associação dos Granberyenses, da qual foi presidente em

<sup>150</sup> Referimo-nos aos jornais *O Granbery* e *O Granberyense* e ao livro de Arsênio Firmino Novaes Netto (2004).

duas oportunidades (1926-1930 e 1947-1949). Foi também diretor do departamento primário e da Escola de Comércio. Na faculdade de Pedagogia, lecionou a cadeira de organização e direção da escola secundária. Do primário ao científico, lecionou geografia, história do Brasil, português e inglês. Além disso, dirigiu as comissões de educação cívica, escotismo e publicações. (NOVAES NETTO, 2004, p. 58)

Como se observa pela trajetória de Irineu Guimarães, é evidente que era difícil a estada desses brasileiros em terras estrangeiras, aspecto que enaltece os esforços empreendidos por Oscar Machado em sua experiência como estudante na SMU e BSC. Em paralelo a isso, ela também ressalta que sua escolha, semelhantemente a de Oscar Machado, ainda que por diferentes motivos, também não foram os únicos casos ocorridos com os estudantes que foram forjados pelas instituições de ensino metodistas nacionais e estrangeiras.

Seja como for, o que se constata no corpo docente do colégio e dos cursos superiores do *Granbery* é que, ao lado dos professores norte-americanos, se havia intelectuais renomados que foram contratados como uma estratégia para se atrair cada vez mais alunos, pouco a pouco estes seriam substituídos por jovens intelectuais brasileiros.

Destes, os exemplos mais destacados, indubitavelmente, foram os de Derly Chaves, Irineu Guimarães e Oscar Machado, que tinham sido selecionados pelos próprios metodistas em suas instituições de ensino e, seguindo aos anseios do *projeto coletivo* da designação religiosa, acabaram sendo forjados como intelectuais que eram portadores de seus princípios e ideologia.

## 2.6 OSCAR MACHADO: UM INTELECTUAL CONSOLIDADO

Imerso nesse cenário descrito, ao chegar em Juiz de Fora e assumir o cargo de professor da Faculdade de Teologia, aproveitando todo o cabedal que havia adquirido nos EUA, Oscar Machado foi designado para as disciplinas de Pedagogia, Ética e Psicologia. (*O Granbery*, 15/03/1930, p. 8)

Também, desde os momentos iniciais trabalhando no *Granbery*, além de suas atividades enquanto docente, passou a exercer funções burocráticas como a de secretário das reuniões da Congregação da Faculdade de Teologia, a princípio substituindo o secretário oficial, Reverendo César Dacorso Filho e, posteriormente, assumindo seu lugar

em definitivo, quando o mesmo se ausentou do colégio ao assumir o pastorado da Igreja Central de Juiz de Fora.<sup>151</sup>

No ano seguinte, ele ampliaria sua atuação no *Granbery* ao agregar as atividades desempenhadas no curso de Teologia, no qual lecionaria as disciplinas de Psicologia, Educação Religiosa e Sociologia, com sua participação no curso de Pedagogia, cuja faculdade constava como “em organização” nos *Estatutos do Granbery* para o ano de 1931. (*Estatutos d’O Granbery*, 1931, p. 7)

Desta forma, em março de 1931, na distribuição dos departamentos da faculdade de Teologia, Oscar Machado ficou responsável pelo Departamento de Ciências Sociais, embora, conforme foi anunciado por Derly Chaves, essa divisão não impossibilitaria o intercâmbio dos outros professores entre mais de um departamento.<sup>152</sup>

Neste mesmo ano, encontrou-se a informação de que seu irmão mais novo, Sady Machado, passaria a estudar no quinto ano do ensino primário do *Granbery*, dando seus primeiros passos em direção à formação que o levaria no futuro à condição de bispo da Igreja Metodista. (*Estatutos d’O Granbery*, 1931, p. 40)<sup>153</sup>

Nos meses seguintes, a respeito das atividades docentes e administrativas desempenhadas por Oscar Machado no *Granbery*, se pôde constatar que ele demonstrava estar bem ambientado ao instituto. Teoricamente também mantinha uma boa relação com seus alunos ao ponto de um dos times de futebol do torneio realizado no *Granbery* ter recebido seu nome como forma de homenagem. (*O Granbery*, 15/10/1931, p. 4)

Sobre esse último ponto, é digno de nota que, desde sua chegada a Juiz de Fora, quando cedeu uma entrevista ao jornal *O Granbery*, Oscar Machado demonstrou ter uma forte relação com a prática esportiva, sendo esta uma área com a qual viria a manter vínculo em suas atividades no instituto.

Pela leitura da referida matéria, na qual ele mencionou as práticas esportivas por ele realizadas quando foi aluno do *Colégio União* e também aquelas realizadas em sua

<sup>151</sup> *Ata da 12ª reunião da Congregação da Faculdade de Teologia*, 03/03/1930, p. 7.1-8 e *Ata da 21ª reunião da Congregação da Faculdade de Teologia*, 07/03/1931, p. 15.

<sup>152</sup> Derly Chaves ficou encarregado do Departamento de Teologia Pastoral, W. H. Moore do Departamento de Doutrina Cristã, Jalmir Bowden do Departamento de Velho Testamento, Wesley Carr do Departamento do Novo Testamento e James M. Terrel do Departamento de História Eclesiástica. (*Ata da 21ª Reunião da Congregação da Faculdade de Teologia*, 07/03/1931, p. 15-15.1)

<sup>153</sup> A reestruturação do curso de Teologia fez com que, a partir de maio de 1931, o Departamento de Ciências Sociais ficasse encarregado de ofertar o total de 6 disciplinas para os alunos do curso de Bacharelado em Filosofia. (*Ata da 24ª reunião da Congregação da Faculdade de Teologia*, 27/05/1931, p. 17) Neste mesmo ano, no segundo semestre, o irmão mais novo de Oscar Machado, Sady Machado, foi admitido como aluno do curso de Teologia – um dos poucos a não obter bolsa de estudos, por motivos desconhecidos até então. (*Ata da 25ª reunião da Faculdade de Teologia*, 11/07/1931, p. 18)

passagem pelas instituições de ensino superior norte americanas, evidenciou-se que a relação de proximidade mantida por ele com a prática esportiva vinha de longa data, como uma espécie de *habitus secundário* que interiorizou devido a sua formação educacional metodista.

Ao longo dos anos em que trabalhou no *Granbery*, isso ficou cada vez mais visível, pois, ainda em dezembro de 1931, ele foi um dos organizadores de um torneio de basquete, cujos times recebiam o nome de professores do instituto a exemplo do ocorrido no torneio de futebol.

O campeonato de Bola ao Cesto deste ano foi renhido. Nada menos de seis quadros, fortes e comparados, o disputaram. Prof. Oscar Machado, auxiliado por Mr. Wesley Carr e Sr. Caetano Evangelista, foi o organizador do campeonato. Esportista dedicado e entusiasta, o Prof. Machado fez que os jogos se tornassem animados, reinando a maior camaradagem esportiva entre os disputantes. O time vencedor foi o “Prof. Adolfo” capitaneado por Campos. (*O Granbery*, 12/12/1931, p. 13)

Em razão desta inclinação, em 1934, o jornal *O Granbery* informou que a instituição passaria por uma reformulação em relação à prática esportiva pois, com as mudanças dos professores encarregados por esta área, além da melhoria das instalações, o fato de Oscar Machado ser reeleito como o presidente da Comissão de Educação Física d’*O Granbery* iria fazer com que os esportes passassem por um período de renascimento.

O senhor Carr mostra aos granberenses quanto êle ama O Granbery. Propôse a remodelar o nossos campos esportivos á sua própria custa auxiliado pelo companheiro de labuta Dr. W. H. Moore e, como de fato, está remodelando-os. Outro fim êle não visou senão o de ser a mocidade do Granbery sempre alegre e entusiasta. (...) Professor Oscar Machado – o nosso diretor atual é amigo do esporte e gosta de ver a mocidade brincar e também brincar com a mocidade, porque êle ainda é bem jovem, e para cientificarmo-nos quanto êle ama os esportes, vemo-lo reeleito este ano para presidente da Comissão de Cultura Física. Atuando junto dêste, temos as figuras dos professores Joel Ramalho e Tomaz Bernardino que estarão sempre á testa dos nossos trabalhos. (*O Granberyense*, 15/04/1934, p. 14)

Em edição de 08/09/1933 do jornal *O Granbery*, na qual havia uma matéria que apresentava os diretores de seus diversos segmentos, assim foi apresentado Oscar Machado:

Hoje é o diretor do nosso departamento Primário e lente nas Faculdades de Teologia e Pedagogia. É amante extremado dos esportes, tendo sido diretor desse departamento em 1930 e 1931. Às vezes, ainda o vemos nos campos jogando tênis, ou incentivando os jogadores dos diversos times. Em palestra

comnosco, declarou o jovem diretor que: ‘Gosta ainda, e muito mais que antes, dos esportes, sentindo, porém, que pouco tempo lhes tenha podido dar, no Granbery, este ano, devido aos seus inumeros afazeres’. Apesar disto, o diretor Oscar é ainda o presidente da Associação Sportiva Granberriense, cujo cargo vem desempenhando o contendo geral. (*O Granberyense*, 08/09/1933, p. 7)

Concomitantemente à sua relação de proximidade com o esporte e as demais atividades docentes que continuou a desempenhar no âmbito dos cursos de Pedagogia e Teologia durante os anos de 1932<sup>154</sup> e 1933<sup>155</sup>, Oscar Machado integrou o Conselho Técnico e Científico do *Granbery*<sup>156</sup>. Ademais, assumiu o cargo de Diretor do Ensino Primário<sup>157</sup> ao qual acumulou também o cargo de Diretor da Escola de Comércio a partir de 1934.<sup>158</sup>

Para concluir sobre a atuação de Oscar Machado no *Granbery*, sem que se desconsiderem as disputas internas aos departamentos e as possíveis boas relações que possa ter tecido com o corpo discente, aparentemente, ele conquistou o respeito por conta do trabalho que realizou parecendo também ter se entrosado entre seus pares. Esse último ponto se coloca, pois o periódico da instituição destacou que a presença de professores gaúchos estava introduzindo novos hábitos na Congregação a exemplo do que se verificou num pequeno verso publicado em 20/11/1933:

As modas vão se mudando  
Aqui na Congregação;  
Por exemplo: alguns mineiros  
Já gostam de chimarrão.  
(*O Granberyense*, 20/11/1933, p. 8)

À luz do exposto, evidenciou-se que o *Granbery*, na condição de instituição de ensino metodista mais importante do Brasil nas décadas iniciais do século XX, em meio aos quase cinco mil alunos que haviam passado por ele até 1935<sup>159</sup>, atraía muitas pessoas oriundas do Rio Grande do Sul, e foi um local para onde muito dos educadores e membros do clero metodista de origem gaúcha rumaram. Tal fato, do mesmo modo co-

<sup>154</sup> *Prospecto d' O Granbery*, 1932, p. 6-7.

<sup>155</sup> *Prospecto d' O Granbery*, 1933, p. 7. Neste mesmo prospecto há a descrição dos programas dos cursos que ficavam a cargo do Departamento de Ciências Sociais chefiado por Oscar Machado na Faculdade de Teologia, divididos em nove possíveis cursos ligados à temática da Psicologia, seis ligados à Pedagogia e cinco à Sociologia que eram ofertados em trimestres nos quais os alunos tinham cinco aulas por semana totalizando cinquenta e cinco aulas. (*Prospecto d' O Granbery*, 1933, p. 12).

<sup>156</sup> Ele assumiu este em 1933 ao substituir o professor Irineu Guimarães que passou por uma série de disputas de poder e também político ideológicas com outros professores da instituição, assunto sobre o qual se versará adiante.

<sup>157</sup> *Prospecto d' O Granbery*, 1933, p. 4.

<sup>158</sup> *Prospecto d' O Granbery*, 1934, p. 4.

<sup>159</sup> *O Granberyense*, abril/1935, p. 3.

mo influenciou a trajetória destes, fez com que sua própria rotina e cultura escolar também fosse por eles influenciada, como se observou no pequeno verso acima mencionado e também na entrevista concedida por Arsênio Firmino Novaes Netto:

O... O Granbery... Como ele... o anseio dele era formar notáveis... Essa é a verdade e foi isso que aconteceu e virou um polo de atração das pessoas que tinham esse potencial. O que aconteceu com os gaúchos que resolveram vir pra cá sob a liderança, na época, do... do Oscar Machado e do José de Gomes de Campos. Eles vieram pra cá. (Entrevista com Arsênio Firmino Novaes Netto, Juiz de Fora, 31/03/2017)<sup>160</sup>

Em suma poder-se-ia propor que, no interior do circuito de instituições de ensino metodistas do Brasil, o *Granbery* tenha se tornado o ambiente mais almejado para a atuação daqueles intelectuais forjados pela designação religiosa. Com o recrudescimento da representação de excelência que desde sua fundação se buscou veicular sobre o *Granbery*, nos termos de Pierre Bourdieu, em meio ao *campo intelectual*, ao funcionar como um espaço de reconhecimento e projeção, não é de se admirar que tenha atraído parte dos mais renomados intelectuais metodistas e, em especial, para o que interessa neste trabalho, Oscar Machado. (BOURDIEU, 1996)

## 2.7 A IGREJA METODISTA CENTRAL DE JUIZ DE FORA E SUAS DIFICULDADES FINANCEIRAS

Após as animosidades dos metodistas com a Igreja Católica terem se arrefecido um pouco na primeira metade década de 1930, sem embargo do crescimento do *Instituto Granbery* e de Juiz de Fora ter se configurado como polo difusor do metodismo em Minas, ainda assim a cidade apresentava um pequeno número de fiéis desta denominação religiosa em comparação com os católicos.

Embora, incessantemente, intentassem ampliar suas atividades, na análise dos documentos dos órgãos deliberativos da Igreja Central de Juiz de Fora, percebe-se que a tônica dos debates travados nas reuniões, além de assuntos inerentes a questões espirituais dos fiéis, enfatizavam, reiteradamente, a difícil situação financeira enfrentada pelo metodismo local, levando à elaboração de diversos planos de trabalhos para minimizá-la.

---

<sup>160</sup> Na verdade, José Gomes de Campos e seus irmãos, Vicente Gomes de Campos e Sebastião Gomes de Campos, não eram gaúchos, mas sim mineiros, cujas trajetórias serão, em parte, analisadas com um pouco mais de atenção no capítulo quatro.

Tais dificuldades financeiras que, em grande parte, derivavam-se do fato de a comunidade metodista ser pequena, se viram agravadas pelas despesas geradas para a construção de seu templo central, iniciada em 1923, num contexto no qual se podia vislumbrar uma certa tendência de tímida expansão.

O relato do Reverendo Charles A. Long, cujo pastorado na cidade se deu entre os anos de 1921 e 1924, recupera parte do histórico da designação nas décadas iniciais do século XX, conjuntura anterior à construção da nova igreja, no qual as celebrações ocorriam no pequeno templo situado no subúrbio, que seria substituído por um localizado na região central para que fosse possível abrigar, de modo satisfatório, a comunidade metodista local em crescimento.

O templo foi aumentado várias vezes. A casa pastoral foi usada mais tarde como casa publicadora. A congregação aumentou, e era urgente a construção de um novo santuário. A escola paroquial, através do professor Heitor Mene-gale, fez a primeira oferta de 30260, cerca de um dólar, que apresentou aos ecônomos em 21 de agosto de 1904. Daí em diante o “Novo Templo” foi uma importante linha de atividade por quase vinte anos. Entretanto, levantavam muito pouco dinheiro para iniciar a construção. O povo era liberal, mas seus recursos eram poucos e o custo de uma construção muito alto. Nenhum pastor teve coragem o suficiente para começar e algumas vezes a congregação sentia-se desanimada. Era esta a situação, quando fui nomeado pastor em 1921. Comecei o trabalho de construção com entusiasmo. Tinha um capital inicial de 23:1681\$070, levantado pelo esforço local e 73:000\$000 do Fundo do Centenário. Depois de muito esforço e realmente colocar tijolos, pedras, areia, cal, etc., no terreno, o povo superou sua dúvida e acreditou que o trabalho havia realmente começado, o que se deu em 1º de abril de 1923. (*PRO-JETO “120 anos de Metodismo em Juiz de Fora, 2004, p. 49*)

Conjectura-se que, como a obra metodista na cidade foi liderada pelos missionários norte-americanos, que também dirigiam o *Granbery*, assim como se verificou nas finanças do colégio, a dificuldade de se erigir um novo templo pode ter se originado pois, paradoxalmente, mesmo sendo nativos de um país de traços notadamente liberais, no qual se valorizava, sobremaneira, o empreendedorismo, estes estavam mais afeitos à missão evangelizadora do que à administração.

Bom, com relação aos... aos ideais liberais, o metodismo, ele chegou ao Brasil contaminado pela passagem pelos Estados Unidos. Naturalmente, o metodismo nasceu na Inglaterra com John Wesley, que tinha uma outra perspectiva. Mas os missionários americanos é que vieram pra cá trazer o evangelho. E eles vieram contaminados pelo liberalismo. Não é que eles... por isso, eles são... devem ser condenados e foram maus por isso. Não é nada... Não tem nada disso. Cada um é o que é e o que foi... como foi formado e como foi criado e como foi inspirado. E eles vieram pra cá com essa proposta. Apesar de que, os missionários que pra cá vieram, e eu diria não só do Granbery, mas do próprio IPA, do Centenário, tantos colégios que

têm lá ainda, Passo Fundo, lá em... no Sul, eles... esses missionários todos, eles vieram com essa proposta liberal, mas, por incrível que pareça, eles tinham pouca afinidade com o negócio. Por isso que as escolas ficaram meio capengas ao longo da história. Por quê? Porque eles eram muitos devotos, eram muito “crentes”. Mas tinham pouca afinidade com o... o negócio. O que, a uma certa forma, parece contraditório, desde que eles vieram de um país dominado pelo liberalismo. Então, são essas contradições que a gente percebe, não é? (Entrevista com Arsênio Firmino Novaes Netto, Juiz de Fora, 31/03/2017)

De toda sorte, somando-se aos esforços locais, o aporte financeiro advindo do fundo do centenário da Independência, que também foi importante para a construção de uma série de escolas metodistas no Rio Grande do Sul como, por exemplo, o *Instituto Ginásial de Passo Fundo*, Passo Fundo (1920)<sup>161</sup>, o *Colégio Centenário* de Santa Maria (1922) e o *Instituto Porto Alegre* (1923), foi de vital importância para que se erigisse o templo central de Juiz de Fora, inaugurado em 1928.

Sem minorar as dificuldades financeiras, derivadas das dívidas que os metodistas locais haviam contraído para a construção, no início da década de 1930, pairava um otimismo no seio da Igreja da cidade decorrida da realização deste grande projeto, sendo o novo templo consagrado no ano de 1933.<sup>162</sup>

Como se afirmou anteriormente, mesmo expandindo-se e, não obstante, tendo se configurado como o polo difusor para Minas Gerais, pelo fato de a comunidade metodista em Juiz de Fora ser diminuta, boa parte de seu quadro dirigente também atuava no *Granbery*, seja como professores, pastor ou em cargos diretivos. Desta forma, na Ata da reunião da Assembleia da Igreja Episcopal, realizada em 29/11/1930, algumas informações sobre o estado da designação religiosa na cidade e também da atuação de alguns dos supracitados membros podem ser encontradas.<sup>163</sup>

<sup>161</sup> Sobre o Instituto Ginásial de Passo Fundo, ver: (MEDEIROS, 1999).

<sup>162</sup> Para se mensurar melhor a condição das finanças da Igreja, em 15/09/1932, na reunião presidida pelo pastor Isaias Sucasas, que havia substituído César Dacorso Filho à frente da Igreja Central de Juiz de Fora, foi informado que o montante atingia a casa dos 15 contos de reis, o que, a despeito de futuras iniciativas que visavam a gerar receitas para saldar as dívidas contraídas, não impossibilitou a efetivação de planos de ampliação do salão da escola dominical do bairro São Mateus. (*Ata da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934*, 15/09/1932, p. 10-10.1) Sobre a construção do novo templo, ver: *PROJETO “120 anos de Metodismo em Juiz de Fora*, 2004, p. 37.

<sup>163</sup> Nomes como o de Derly Chaves, Otilia Chaves, Irineu Guimarães, Oscar Machado e César Dacorso Filho, que assumiu o pastorado da Igreja Central de Juiz de Fora entre 1930 e 1932, além do reitor do *Granbery*, W. H. Moore, aparecem recorrentemente na documentação dos órgãos diretivos da Igreja, sempre em posições de destaque. Nas informações constantes na Ata da reunião realizada no dia 29/11/1930, o Gabinete Episcopal era formado por 10 membros responsáveis pelos seguintes órgãos da Igreja: César Dacorso Filho (presidente), Guia Leigo da paróquia, presidentes das sociedades da Igreja (das mulheres, de moças,), Junta dos Ecônomos, Liga de Jovens e Liga intermediária, Joias do Centro, Superintendentes das Escolas Dominicais eleitos pelos Concílios Trimestrais e 1º regente do Côro. (*Ata da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934*, 29/11/1930, p. 1, 1.1)



Sobre o otimismo vigente, foi relatado que os membros da igreja em Juiz de Fora totalizavam algo em torno de 1000 pessoas, sendo que a mesma contava com a atividade de diversas escolas dominicais espalhadas pelos bairros da cidade, esfera de atuação com a qual Oscar Machado veio a se envolver diretamente.<sup>164</sup>

Feita a abordagem inicial da chegada de Oscar Machado e sua família a Juiz de Fora e também do modo como se encontrava a Igreja Metodista Central<sup>165</sup>, a partir de então, abordar-se-ão algumas das atividades que Oscar Machado e sua esposa Dilza Machado exerceram na mesma, uma vez que é no período em que se encontravam em Juiz de Fora que se concentra a maior incidência de suas atividades no âmbito da igreja.

### **2.7.1 A atuação de Oscar Machado na Igreja Metodista Central de Juiz de Fora**

No primeiro capítulo, observou-se que as atividades educacionais metodistas se davam de diferentes formas que variavam segundo os objetivos e o público alvo ao qual os missionários se direcionavam.

Se, por um lado, seus colégios ambicionavam formar futuros líderes, oriundos de uma elite simpática ao ideário liberal por eles propagado, aos quais se somavam também os futuros quadros que iriam ingressar na Igreja e em suas instituições estudantis, por outro, havia o esforço voltado aos filhos das camadas mais humildes para os quais se dirigiam as atividades das escolas paroquiais e dominicais.<sup>166</sup>

Na Ata da reunião da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora, realizada em abril de 1934, corroborando o mencionado clima de otimismo que se fazia presente na comunidade metodista, o pastor Isaias Sucasas destacou que a fraternidade e a espiritualidade estavam melhorando na Igreja, assim como a frequência de seus membros

<sup>164</sup> É importante frisar que, mesmo contando com cerca de 1000 membros, o que se observou na primeira metade da década de 1930 na documentação produzida pelas atividades da Igreja foi que constantemente se realizava um trabalho para evitar que seus fiéis deixassem de participar das atividades cotidianas, não raro, sendo enviados alguns membros para a visitação das residências dos faltosos com o intuito de se apurar as razões para o afastamento. Entre outros documentos, ver: (*Ata da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934*, 04/02/1932, p. 3; *Ata da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934*, 07/04/1932, p. 5; *Ata da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934*, 05/05/1932, p. 5.1-8 e *Ata da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934*, 29/11/1930, p. 1, 1.1).

<sup>165</sup> Eles vieram a fazer parte da Igreja Metodista Central da cidade desde 09 de janeiro de 1930, ingressando Oscar Machado como seu membro número 1719. Ver: (Rol n.º 1719, livro n.º 01, pág. 58. Transferido para Porto Alegre em 11/09/1934).

<sup>166</sup> Em Juiz de Fora, as informações relativas à presença de escolas dominicais dão conta de que, no ano de 1934, cinco destas estavam em funcionamento, além daquela que iria ser criada em Bicas. Distante quase 30 quilômetros de Juiz de Fora, Bicas era um distrito do município de Guarará, cuja independência se deu no ano de 1923, vindo a mesma se tornar comarca em 1935. História de Bicas. Disponível em: <<http://www.bicas.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/historia-de-bicas/6506>>. Acesso em: 07 jun. 2017.

estava aumentando, sendo a mesma acompanhada pelas atividades realizadas nas escolas dominicais do centro e dos bairros:

O pastor dá em seu relatório conta do estado geral da Igreja, sendo que os trabalhos todos continuam animados, não obstante o pessimismo em razão de alguns irmãos, cuja crítica não afecta em absoluto a grandeza do evangelho. Diz da fraternidade e da espiritualidade da Igreja que tem melhorado sensivelmente, notando ainda aumento da frequência aos cultos não só de dia como de noite e bem assim nas diversas Escolas Dominicais, do centro e dos bairros; sendo que já se contam em número de oito as Escolas na paróquia, com uma matrícula de 637 alunos, aproximadamente.<sup>167</sup>

Nesta mesma reunião, após explicar sobre a situação na qual se encontravam as sociedades de senhoras, de jovens e crianças, cujo funcionamento estava a contento segundo o gabinete episcopal, o tema central voltou a ser as finanças. Foram apresentados os planos para aumentar a arrecadação da Igreja com a criação de um sistema de cotas, pois, apesar de ter melhorado, as receitas ainda não conseguiam cobrir as despesas. Logo depois de tal explanação, passou-se a palavra aos superintendentes das escolas dominicais, que detalharam a situação financeira de cada uma delas, cujos dados foram sintetizados na tabela abaixo:

**Tabela 3: Dados das Escolas Dominicais de Juiz de Fora até abril de 1934**

Escola	Matrículas	Professores e oficiais	Arrecadação	Despesas	Saldo
Centro	322	25	1:101\$600	1:045\$800	55:800
Wesley	45	5	133\$000	99\$500	33\$500
Levingstone	43	5	83\$500	63\$200	20\$300
Bethel	22	4	68\$000	52\$300	15\$700
Bonfim	45	4	23\$700	12\$300	11\$400
Total	477	43	1:409\$800	1:269\$100	140\$700

Fonte: *Ata da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934*, 26/04/1934, p. 15.1.<sup>168</sup>

É interessante analisar estes dados acima, em especial aqueles disponibilizados na Ata da Assembleia Episcopal<sup>169</sup>, pois eles indicam que os alunos nas escolas domini-

<sup>167</sup> *Ata da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934*, 26/04/1934, p. 15.1.

<sup>168</sup> A tabela foi elaborada com base nos dados apresentados na referida reunião cujos montantes tinham como prazo limite o mês de abril de 1934. Nesta ocasião, o pastor Isaías Sucas mencionou que nem todas as escolas dominicais apresentaram seus balanços, pois eram no total de oito com aproximadamente 637 alunos, o que não se observa na tabela. (*Ata da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934*, 26/04/1934, p. 15.1)

cais representavam um total de, aproximadamente, 640 matrículas. Esta situação demonstra que a cúpula metodista esperava que as novas gerações ampliassem o tamanho de sua comunidade na cidade, justificando todo o esforço em tal empreendimento em Juiz de Fora e as ações que ficavam sob a responsabilidade de Oscar Machado, como se verá adiante.

Acerca da rotina que as escolas apresentavam, usualmente, elas funcionavam no horário iminentemente anterior à celebração dominical, consoante se observou nas discussões realizadas na Assembleia da Igreja Episcopal do dia 24/04/1933, na qual, por efeito da alteração do horário do culto, se discutiu qual seria o melhor horário das aulas.<sup>170</sup>

Sobre seu funcionamento interno, a contar pelas informações referentes àquela adjacente à Igreja Central da cidade, no dia 31/05/1931, a Classe Rosa de Saron, além das 10 visitas, recebeu 21 alunos e totalizou 21 ausências. Junto do alto absenteísmo, pôde-se perceber que, entre as crianças, se realizava a coleta para a manutenção da escola que atingiu o montante de 3\$600.<sup>171</sup>

Nessa ocasião, encontrou-se a primeira menção ao envolvimento de Oscar Machado com tal segmento educacional do metodismo, posto que ele havia também apresentado a professora que iria substituir a então regente da sala, pois esta alegou que estava com muito trabalho no *Granbery*, necessitando, por isso, deixar a turma do domingo.<sup>172</sup>

Sobre a mesma sala, em 11/10/1931, registrou-se a presença de 21 alunos, a ausência de 9 e a visita de 6, com uma arrecadação de 2\$100. Neste domingo, a professora regente apresentou a sugestão de que fosse organizada uma festa nos jardins da casa do professor Oscar Machado, sendo que cada aluna – ao que tudo indica pelo nome da turma se tratava de uma classe só de mulheres – deveria ficar responsável por levar uma caixa de doces que seriam vendidos aos rapazes, proposta que foi aceita,

<sup>169</sup> *Ata da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934*, 26/04/1934, p. 15.1.

<sup>170</sup> Sobre a discussão ver: (*Ata da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934*, 24/04/1933, p. 12.1, 13). Afora a escola dominical Wesley ter modificado seu horário de funcionamento, conforme informou seu superintendente em 08/03/1933, (*Ata da reunião do Gabinete Episcopal de Juiz de Fora*, 08/03/1933, p. 5-5), havia sido aprovado, em 29/11/1930, que as Escolas Dominicais dos bairros iniciassem suas atividades no mesmo horário que as do centro. (*Ata da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934*, 29/11/1930, p. 1-1.1)

<sup>171</sup> *Ata da Classe Rosas de Saron*, 31/05/1931, p. 57.

<sup>172</sup> *Ata da Classe Rosas de Saron*, 31/05/1931, p. 57.

ficando também acertado que, no sábado seguinte, a professora iria ensinar as alunas a fazer sorvete.<sup>173</sup>

A menção à presença de Oscar Machado nas duas ocasiões das aulas da classe Rosas de Saron se deve ao fato de que foi informado na reunião da Assembleia da Igreja Episcopal de 29/11/1930, pelo professor Irineu Guimarães, que Oscar Machado iria assumir a superintendência das Escolas Dominicais.<sup>174</sup>

Dois anos depois, em reunião realizada em 13/03/1932, Oscar Machado ainda se encontrava como superintendente da escola dominical central, passando, desde esta data, também a acumular o cargo de secretário das reuniões do Gabinete Pastoral, espécie de órgão colegiado máximo da Igreja Episcopal de Juiz de Fora. Nesta mesma reunião, além dos afazeres que acumulava, foi-lhe atribuída a tarefa de coordenar a abertura de uma escola dominical no bairro Botanágua, para a qual se recomendou também a atribuição de uma pessoa para ajudá-lo em tal empreitada.<sup>175</sup>

No ano seguinte, em reunião do Gabinete pastoral, Oscar Machado sugeriu que se criasse o cargo de Diretor Geral das Escolas Dominicais, proposta que foi aceita com a ocupação deste posto pelo professor Wesley M. Carr, ficando o professor Oscar Machado incumbido de definir quais seriam as reais atribuições desta nova função.<sup>176</sup>

A importância e o alcance das escolas dominicais foram alvos das discussões presentes durante a realização do 2º Concílio Geral da Igreja Metodista, realizado no ano de 1934, no qual o bispo J. W. Tarboux apresentou inúmeros dados destas, atinentes ao quadriênio de 1930-1933, que foram sintetizados na tabela abaixo:

---

<sup>173</sup> *Ata da Classe Rosas de Saron*, 11/10/1931, p. 66.

<sup>174</sup> *Ata da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934*, 29/11/1930, p. 1-1.1.

<sup>175</sup> *Ata da reunião do Gabinete Episcopal de Juiz de Fora*, 13/03/1932, p. 3.1-4.

<sup>176</sup> Ver: (*Ata da reunião do Gabinete Episcopal de Juiz de Fora*, 08/03/1933, p. 5-5.1). No dia seguinte, na reunião da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora, a sugestão do nome do professor Wesley M. Carr para assumir o cargo de Diretor das Escolas Dominicais foi aprovada. (*Ata da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934*, 09/03/1933, p. 12-.12.1)

**Tabela 4: Resumo estatístico das escolas dominicais do quadriênio 1930-1933**

Ano	Escolas Domini- cais	Professores	Alunos
1930	323	1491	16.601
1931	329	1669	18.503
1932	355	1741	20.153
1933	357	1842	21.457

Fonte: *Atas do 2º Concílio Geral da Igreja*, 1934, p. 9.

Esses dados, ao serem comparados com as informações alusivas às escolas dominicais dos anos de 1882, 1900, 1924 e 1928, possibilitam avistar o notável crescimento das escolas dominicais. Quando se observa que, em 1928, existiam 298 escolas dominicais e que, dois anos depois, este número já chegava a 323, compreende-se que os esforços não cessavam, ainda que o número de alunos tenha diminuído de 16.634 para 16.601.<sup>177</sup>

Em conjunto, tais dados revelam que, malgrado esta diminuição do número de alunos, que poderia ser explicada pela rotatividade destes nas escolas, conforme se observou também em Juiz de Fora, os esforços realizados para a expansão de tais órgãos da Igreja na cidade se mostraram bastante significativos, tomando Oscar Machado um papel de destaque nesta.

Todavia, além de suas funções nas escolas dominicais, que se aproximavam bastante dos afazeres que Oscar Machado possuía no *Granbery*, seja por se vincular a seu ofício de educador ou ainda por funções de secretariado dos órgãos deliberativos dos quais participava, a exemplo da Congregação da Faculdade de Teologia do *Granbery*, ele também atuou em outras comissões da Igreja.

Sobre os primeiros, tem-se que, ao lado de Derly Chaves, Josué Cardoso d'Afonseca, Isaura Silva e Juanita Campos, Oscar Machado foi escolhido para integrar a Comissão de Educação Cristã, numa reunião na qual o pastor Isaias Sucasas recomendou que a Igreja elaborasse um boletim trimensal para se divulgar as atividades realizadas e as ações desempenhadas por suas associações.<sup>178</sup>

<sup>177</sup> Os dados das escolas dominicais, nos anos supramencionados foram extraídos do *Anual Report*, anos 1883, 1900 e 1924; Registro Oficial da Conferência... 1930, p. 44, letra “o” e se encontram disponíveis em: (MESQUIDA, 1994, p. 146).

<sup>178</sup> *Ata da reunião do Gabinete Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934* 12/01/1933, p. 11-11.1.

Nesta ocasião, abrindo a palavra aos membros da assembleia, Derly Chaves propôs a elaboração de um relatório semanal. Sua ideia foi endossada por Josué Cardoso d’Affonseca, que sugeriu também que a elaboração deste material deveria ficar a cargo do Gabinete Pastoral.<sup>179</sup> Na reunião seguinte do Gabinete Pastoral, a elaboração do referido relatório voltou a ser assunto, sendo que o pastor anunciou que pensava em mandar imprimi-lo tão logo as finanças da Igreja o permitissem.<sup>180</sup>

Para se ter uma noção do conteúdo deste material, o trabalho de Messias Matheus de Jesus, que analisou a comunicação religiosa da igreja por meio da impressão de seu boletim – que no ano de 2014 completou oitenta anos de existência, demonstrando que as discussões realizadas nestas reuniões acima mencionadas foram frutíferas, tornando-se perenes na cultura metodista local – nos permitem notar através da apreciação de suas capas alguns aspectos da rotina do domingo na Igreja, com destaque especial para o programa que era realizado nas Escolas Dominicais. (JESUS, 2014)

Na citação abaixo, integrante do boletim semanal produzido pela Igreja Metodista Central de Juiz de Fora em janeiro de 1937, se pode observar um pouco mais da dinâmica existente nas escolas dominicais que, em parte, foi abordada quando se analisou a documentação produzida pelas atividades da classe Rosa de Saron.

ESCOLA DOMINICAL – PROGRAMMA

- 1 – Culto de adoração nos departamentos.
- 2 – Estudo da ficção nas classes.
- 3 – Reunião das classes no Santuário.
- 4 – Hymno 146, pela Escola Dominical.
- 5 – Leitura responsiva, Alleluia 423.
- 6 – Offertas e agradecimentos.
- 7 – Hymno 264, pela Escola Dominical.
- 9 – Oração e benção apostolica.<sup>181</sup>

Iniciando com o culto, mais tarde se realizavam as lições nas diferentes salas, momento a partir do qual se entende que ocorriam as atividades de proselitismo que, de acordo com a literatura que versa sobre a presença metodista na cidade, além de fornecer instrumentais básicos para que camadas mais humildes da população pudessem realizar exercício de sua fé, atendia também aos intentos de atrair novos fiéis, dentre eles, filhos das elites locais. (CORDEIRO, 2003, p. 86-87)

<sup>179</sup> *Ata da reunião do Gabinete Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934* 12/01/1933, p. 11-11.1.

<sup>180</sup> *Ata da reunião do Gabinete Episcopal de Juiz de Fora*, 08/03/1933, p. 5-5.1.

<sup>181</sup> Ver: (JESUS, 2014, p. 96).

Posteriormente a esta última reunião acima mencionada, Oscar Machado acabou se tornando um dos membros da Comissão de hospedagem do Concílio Regional do Norte que iria ocorrer em Juiz de Fora em julho do mesmo ano.<sup>182</sup> Além dessas atividades, ao lado de Irineu Guimarães, Otilia Chaves e Paulina Morais, ele integrou uma comissão responsável pela dedicação do novo templo, cujas atribuições seriam as de organizar os programas, os convites, propagandas, dentre outros.<sup>183</sup>

Três meses depois, na companhia de Otilia Chaves, Wesley Carr, Moyses Andrade, Paulina Morais, Djanira Ferres e Leontina Pereira, Oscar Machado fez parte da Comissão de Beneficência da Igreja Metodista, além de se encarregar, ao lado de Moyses Andrade, de estudar um local melhor para a instalação da secretaria da Igreja após as alterações pelas quais vinha passando.<sup>184</sup>

Por fim, Oscar Machado também foi uma das pessoas da Igreja Central de Juiz de Fora que esteve presente no 2º Concílio Geral da Igreja Metodista, ocorrido em Porto Alegre entre os dias 04/08/1934 e 19/08/1934. Segundo os registros das atas das reuniões do Concílio, do qual Oscar Machado foi secretário, é possível identificar uma postura bastante pró-ativa e proeminente deste membro do laicato metodista. Esse aspecto demonstra sua importância pois, em virtude de ter sido um dos delegados leigos do Concílio Regional do Norte do qual a Igreja de Juiz de Fora fazia parte, ele atuou como membro da Comissão de Memoriais e desempenhou a função de intérprete de Flora Stout, a representante da União Brasileira pró Temperança durante o evento.<sup>185</sup>

Nesse sentido, se poderia propor que, ao congregar suas atividades ordinárias no *Instituto Granbery* com uma diversificada e destacada participação nas esferas decisivas do metodismo local e nacional, ele conseguiu alçar uma posição que lhe rendeu grande prestígio. Configurando-se como um membro renomado da *intelligentsia* metodista, sua trajetória confirmava já, neste momento, a eficácia do *projeto coletivo* da denominação religiosa em formar seus quadros.

Ao mesmo tempo, nos termos de Pierre Bourdieu, naquilo que diz respeito às posições ocupadas por Oscar Machado no metodismo, poderia-se propor que ele acumulou um considerável volume de *capitais* que, ao lhe proporcionar vantagens nos *campos* em que atuava, possibilitavam-lhe também ser reconhecido como uma

<sup>182</sup> *Ata da reunião do Gabinete Episcopal de Juiz de Fora*, 08/03/1933, p. 5-5.1.

<sup>183</sup> *Ata da reunião do Gabinete Episcopal de Juiz de Fora*, 07/06/1933, p. 5.1-6.

<sup>184</sup> *Ata da reunião do Gabinete Episcopal de Juiz de Fora*, 11/09/1933, p. 6.

<sup>185</sup> *Atas do 2º Concílio Geral da Igreja, 1934.*

autoridade a ser respeitada, tanto em meio aos intelectuais laicos, quanto em meio à hierarquia eclesiástica, fato do qual ele se beneficiaria no futuro, como se verá adiante.

### 2.7.2 Dilza Machado e suas atividades na Sociedade de Mulheres Metodistas

Valendo-se do material produzido pelos órgãos da Igreja Metodista de Juiz de Fora, além destas supracitadas atividades desempenhadas por Oscar Machado, nos poucos registros que fazem menção a sua esposa, Dilza Fauque Machado, foi possível detectar que ela também se envolveu nas ações cotidianas da denominação religiosa, tirante com uma incidência menor.<sup>186</sup>

Entende-se que, apesar de ser professora, até onde se pode apurar, ela não veio a atuar no magistério em Juiz de Fora, mantendo-se mais ligada às atividades assistenciais da Igreja, a exemplo da distribuição de sopa para os pobres ou ainda da coleta de uma caixa beneficente destinada aos capinadores de ruas.<sup>187</sup>

Especificamente sobre as atividades desempenhadas em órgãos da Igreja, a primeira menção a Dilza Machado data do ano de 1930, quando ela integrou a Sociedade Missionária das Mulheres na condição de sua secretária, sendo que, das doze reuniões realizadas entre agosto de 1930 e julho de 1931, ela esteve presente em seis.<sup>188</sup>

Pelo que se pôde inferir a partir da ata da reunião de tal sociedade, realizada em 02/01/1933, que contou com a presença de 33 membras, cujo dízimo advindo das doações, venda de sorvetes e também da coleta dos capinadores totalizou 150\$600, o órgão se subdividia em três departamentos: tesouraria, assistência e literatura.

No que tange a essa última secretaria, nesta mesma reunião havia sido recomendado o estudo da publicação “A voz missionária”, sendo também agendada a realização de um culto na casa de Dilza Machado.<sup>189</sup> Na reunião seguinte, foi mencionada a realização de tal culto em sua casa.

Nessa ocasião mencionou-se que as participantes haviam levado presentes à Dilza Machado, em virtude de a mesma estar esperando seu primeiro filho, fato que, pre-

<sup>186</sup> Junto destas atividades, destaca-se que, desde seu casamento, a ela e a Oscar estava incumbida a tarefa de cuidar do irmão mais novo de seu marido Sady Machado, tarefa à qual se somou também a administração de sua residência, o que talvez ajudaria a explicar suas ausências nas reuniões da Sociedade de Senhoras.

<sup>187</sup> *Atas da Sociedade de Senhoras 1928 a 1934*, 02/01/1933.

<sup>188</sup> Ver: *Livro de chamada da Sociedade Metodista de Mulheres*, p. 31. No exercício do ano seguinte, compreendido de agosto de 1931 a julho de 1932, ela ainda permaneceu como secretária da mesa, tendo sido anotada sua presença em sete das doze reuniões. Ver: *Livro de chamada da Sociedade Metodista de Mulheres*, p. 35.

<sup>189</sup> *Atas da Sociedade de Senhoras 1928 a 1934*, 02/01/1933.



sumivelmente, diminuiu sua frequência nas reuniões da Sociedade de Senhoras, pois sua filha, Beatriz Helena Machado, nasceu em 15/02/1933.<sup>190</sup>

O nascimento de Beatriz Helena Machado foi um evento que evidencia ainda mais a relação de proximidade existente entre a família Machado e a família de Derly Chaves, pois foi Dona Otília Chaves quem realizou o parto que ocorreu na própria casa do casal Machado, contando com algumas complicações pelo fato de se tratar de uma criança grande, com mais de quatro quilos.

Deste modo, a partir de então, a atuação de Dilza Machadi nos órgãos da igreja não foi mais detectada, em especial, pelo fato de que, pouco mais de um ano depois, ela e Oscar Machado voltariam ao Rio Grande do Sul.

Logo, para concluir, feita a abordagem da atuação de Oscar Machado enquanto intelectual metodista que, habilmente, associava o *projeto coletivo* do metodismo com seu *projeto individual* num *campo de possibilidades* limitado, de sua inserção e atuação no magistério do mais importante educandário da designação religiosa, o *Granbery*, bem como das atividades que ele e sua esposa desempenharam na igreja de Juiz de Fora, no próximo capítulo serão analisadas as possíveis “incompatibilidades” decorrentes das atividades que ele desempenhou no seio da maçonaria, integralismo e metodismo.

---

<sup>190</sup> *Atas da Sociedade de Senhoras 1928 a 1934*, 06/02/1933.

### **3. MAÇONARIA, METODISMO E INTEGRALISMO: OSCAR MACHADO E O INÍCIO DO EXERCÍCIO DE SUAS “ATIVIDADES INCOMPATÍVEIS”**

#### **3.1 A MAÇONARIA NO SEIO DO METODISMO E A PLURALIDADE DE PENSAMENTO NO *GRANBERY***

A produção acadêmica que versa sobre o metodismo demonstra que, desde a chegada dos primeiros missionários norte-americanos ao Brasil, em 1835, quando o ministro Fountain E. Pitts foi enviado à América do Sul pela Igreja Episcopal dos Estados Unidos, ocorreu uma alteração no modo como se davam as atividades dos grupos protestantes radicados no país. Ao invés de aqui atuar somente para manter vivo o exercício da fé protestante no seio daqueles imigrantes que se encontravam instalados, passaram a ser desempenhadas ações de proselitismo religioso, direcionando-se a toda a população. (SOBREIRO, 2015, p. 98)

Além disso, parte desta produção destacou também que havia uma relação de proximidade entre metodismo e maçonaria, advinda do fato de que muitos integrantes da Igreja nos Estados Unidos também eram membros da segunda instituição, a qual teria sido transposta de modo natural ao Brasil. Para se ter uma ideia disto, no relato de Daniel Kidder, um dos primeiros metodistas a chegar ao Brasil, infere-se que o apoio de maçons foi importante para que ele e os demais missionários conseguissem superar os ataques feitos pela imprensa católica à obra que passavam a desenvolver no país. (KIDDER, 2001, p. 124)

A tese de que a proximidade entre o metodismo e a maçonaria parece ter facilitado o cumprimento da missão de Pitts no Brasil é reforçada pois, se o missionário chegou ao Rio de Janeiro, munido de cartas de recomendação que foram enviadas às autoridades brasileiras pelo presidente Andrew Jackson e do presidente do Congresso norte-americano Henry Clay (SALVADOR, 1982, p. 24), o fato do regente, padre Diego Feijó, e de outras personalidades de nossa política serem maçons, assim como os remetentes de tais cartas, somado à inexistência de partidos políticos de cunho nacional, são fortes indícios de terem servido de catalisador para que se abrissem as portas da sociedade brasileira aos metodistas. (MESQUIDA, 1994; FONSECA, 2009)

Desta maneira, após o hiato entre o encerramento desta primeira incursão dos missionários da denominação religiosa em 1842 e o término da Guerra Civil norte-americana, que interrompeu as ações metodistas no continente, na retomada de suas atividades no Brasil a partir de finais da década de 1860, com a missão liderada por Junius E. Newman ocorreram algumas mudanças importantes.

Dentre outros elementos que ajudaram a definir quais seriam os locais para os quais a Igreja voltaria suas ações, a presença de lideranças maçônicas que simpatizavam com as propostas educacionais e, possivelmente, até religiosas, desta denominação, foram um fator decisivo, conforme se verificou nas regiões de Piracicaba e Juiz de Fora.

Sobre o último ponto, é recorrente nos trabalhos referentes à inserção do meto-  
dismo em Juiz de Fora que elementos como sua localização, seu fácil acesso, seu cosmopolitismo, dinamismo econômico, unidos com a presença de imigrantes, do ideário positivista, republicano e abolicionista, foram elementos catalizadores para a opção da denominação religiosa por se radicar na cidade. A eles, se somariam também outros importantes fatores, como a notória diferença na religiosidade de sua população em relação ao que se observava nas chamadas “cidades históricas” mineiras, como Ouro Preto, Mariana e São João del Rei. Em resumo, tal quadro geral concorreu para a existência de um terreno fértil para a viculação do ideário liberal e a oferta de uma proposta de ensino moderno a qual as elites regionais aspiravam para seus filhos, por parte dos missionários.

Arsênio Firmino Novaes Netto pontua que a Igreja Metodista reconhecia os maçons como umas das forças motrizes que desempenhou papel importante no processo de Independência do Brasil e também na Proclamação da República. Logo, com a forte presença do movimento republicano na cidade, entende-se que esse elemento aglutinador representou um importante fator para sua aceitação:

(...) a Igreja Metodista reconhece a existência de documentos históricos “afirmando que os maçons constituíram a força principal para a Proclamação da Independência e também da República”, pois “Promoveram a separação entre Igreja e Estado; a extinção da escravidão; a instituição do registro civil de nascimento, casamento e óbito; a criação de escolas gratuitas de ensino fundamental para crianças e adultos; a instituição do direito dos não-católicos sepultarem seus mortos nos cemitérios e outros direitos civis”. (NOVAES NETTO, 2004, p. 42)

Ao analisar a presença da maçonaria em Juiz de Fora e seus conflitos com a Igreja Católica, Giane de Souza Castro sublinhou que, concomitantemente às discussões sobre o processo de Independência, sediadas por diversas Lojas, a chegada da instituição a Minas Gerais se deu no ano de 1821, quando foi aberta a *Loja Mineiros Reunidos* em Vila Rica. (CASTRO, 2008, p. 27)

Sendo vedado seu funcionamento por decisão de D. Pedro I em 1822, vencido o período de proibição da atuação das Lojas maçônicas e o longo interstício de sua ausên-

cia em Minas Gerais, terminado em 1869 com a abertura da Loja *União Democrática* em Ouro Preto, especificamente sobre Juiz de Fora, a primeira Loja aberta foi a *Fidelidade Mineira*, na data de 12/03/1870. (CASTRO, 2008, p. 27-28)

José Castellani, autor com vasta produção sobre a maçonaria, ao tratar de algumas das possíveis correntes de definições para o que viria a ser a sociedade secreta, salientou que, por vezes, ela é descrita como uma instituição que, dedicando-se às atividades educativa, filosófica e filantrópica, objetivaria agir para contribuir com o aperfeiçoamento da sociedade e do homem em seus aspectos morais e intelectuais, valendo-se para tanto da inflexível reverência ao Dever, da atividade beneficente desinteressada e da incessante investigação da verdade. (CASTELLANI, 2012)

Contudo, para o autor, que também teve uma intensa atividade na condição de maçom, ela seria uma instituição eminentemente política cuja atuação teria influído decisivamente em diversos eventos da história mundial.

Sem prejuízo, todavia de suas finalidades educativas e filantrópicas ela é na realidade uma Instituição essencialmente política, atuando dentro de padrões éticos, consubstanciados na própria essência sociológica da política, no sentido da manutenção das grandes conquistas sociais da Humanidade e da defesa do Liberalismo e das ideias libertárias. As grandes transformações sociais ocorridas no mundo desde o século XVI e que contaram com a participação subterrânea da Maçonaria, em maior ou menor escala, demonstram as finalidades políticas que determinaram o nascimento e o seu crescimento, embora certos agrupamentos maçônicos, negando à política um lugar de destaque na evolução social dos povos, rejeitem qualquer escopo político nas atividades da Instituição. (CASTELLANI, 2012, p. 4)<sup>191</sup>

Desta forma, como um espaço que, a exemplo das demais Lojas maçônicas do período, facultaria a seus membros a possibilidade de debater abertamente as questões candentes da política, economia e sociedade, alicerçadas num ideário que preconizava o uso da razão e o ideal de progresso em detrimento de outros códigos e valores, sua presença na cidade ajudaria a forjar uma identidade em comum que diferenciaria seus membros dos demais homens da sociedade da época. (CASTRO, 2008, p. 29-30)<sup>192</sup>

<sup>191</sup> Para Thiago Werneck Gonçalves, a despeito do recente interesse dos historiadores pelo tema da maçonaria, há ainda uma discrepância em relação às produções destes e as realizadas pelos maçons e antimaçons. Em sua ótica, sem desconsiderar a parcialidade dos trabalhos escritos pelos maçons, este tipo de obra não deve ser ignorada uma vez que, eventualmente, reproduzem documentos indisponíveis aos historiadores não ligados à instituição. Por conseguinte, as obras de José Castellani seriam importantes pois, malgrado seu caráter panegírico, trariam informações que, se não são completamente desconhecidas, dificilmente seriam conseguidas pelos não iniciados na maçonaria. (GONÇALVES, 2012b, p. 18-20)

<sup>192</sup> Inicialmente a Loja funcionou em caráter provisório em decorrência dos conflitos que envolviam o poder central. Em 01/06/1873, foi oficialmente inaugurada numa cerimônia aberta que reuniu autoridades maçônicas e não maçônicas. (CASTRO, 2008, p. 32-33)

Sob tal prisma é que se poderiam entender os motivos pelos quais o último Congresso Republicano tenha sido realizado na loja maçônica de Juiz de Fora, bem como de que forma teria surgido o apoio para a campanha abolicionista:

Muitos dos ideais modernos e liberais vigentes no final do século XIX no Brasil podem ser encontrados nas discussões dos maçons juizforanos. Destaca-se, por exemplo, o empenho dos membros da Fidelidade Mineira em angariar fundos para a libertação de escravos. Há registros da libertação de escravos durante cerimônias comemorativas da ordem, como por exemplo, na cerimônia de instalação oficial da loja, em 1º de junho de 1873 (dezesesseis anos antes da abolição da escravatura), ocasião em que duas escravas foram libertas, Honorata de 14 anos e Tereza de 18 anos. Tem-se notícia também de uma caixinha mantida pelos irmãos com o objetivo de arrecadar fundos para a alforria de escravos. (CASTRO, 2008, p. 36)<sup>193</sup>

Sem perder de vista que no interior da sociabilidade maçônica existia uma pluralidade de perfis de seus membros, seja em relação às faixas etárias, às nacionalidades, às profissões, às igrejas as quais frequentavam e aos posicionamentos políticos, em linhas gerais, algumas dessas características principais da maçonaria como a luta dos movimentos abolicionistas e republicano, a ênfase do uso da razão e da defesa dos ideais de progresso se faziam presentes em Juiz de Fora, já que seus membros eram pessoas com um nível de instrução elevado.

Apesar das diferenças, pode-se fazer duas considerações: em primeiro lugar, eram homens que tinham condições de arcar com as contribuições exigidas pela instituição; e, em segundo lugar, eram alfabetizados, o que permitia um certo diferencial perante a sociedade laica, onde a maioria da população não sabia nem ler, nem escrever. Mas, deve-se ressaltar, nem todos eram diplomados, o que não impedia o convívio destes com a elite cultural presente nas lojas. Tal relacionamento permitiu a circulação de idéias e trocas culturais entre os diversos segmentos sociais em suas reuniões. (CASTRO, 2008, p. 44)

Corroborando a posição da autora de que havia metodistas entre os membros da maçonaria, Arsênio Firmino Novaes Netto sustentou que, se, nos dias atuais, existem sanções por parte da Igreja Metodista para a participação de seus fiéis na maçonaria, no final do século XIX e primeira metade do século XX esta não existia, sendo que muitos destes, inclusive professores do *Granbery*, faziam parte da instituição:

<sup>193</sup> Peri Mesquida mencionou a relação existente entre a maçonaria e o republicanismo na cidade, afirmando não ser por acaso que Juiz de Fora havia sido a primeira cidade de Minas Gerais a aderir ao Manifesto Republicano de 1870, constituindo-se como um local onde teriam surgido sinais de ideais democráticos, justamente pela contradição existente entre a liberdade, que era um valor defendido pelos maçons, e a escravidão. (MESQUIDA, 1994, p. 29)

Então, o Granbery, ele, até por conta do “pensar e ser livre para pensar”, ele acabou abrindo espaços. Por exemplo, o caso da maçonaria, não é? A maçonaria foi um órgão que, hoje, a Igreja Metodista faz alguns reparos no que diz respeito a não apoiar sociedades secretas. O texto é mais ou menos assim que cita, não é? Nos documentos da igreja de hoje. Mas, naquela época, John Wesley era maçom, Mister Moore era maçom, todo mundo era maçom. E esse pessoal contribuiu pra Proclamação da República. Grande parte da vinda do Granbery para aqui pra Juiz de Fora se deveu ao fato de que aqui era reduto liberal, dos liberais. Era reduto dos maçons (...) O Granbery, ele... A própria Igreja Metodista e o Granbery eram... as lideranças eram maçônicas, não é? E, como eu lhe disse anteriormente, a... Uma das... Um dos motivos que fez o Granbery vir pra Juiz de Fora foi, naturalmente, pelo ambiente cultural que havia aqui na cidade e pela forte ligação com os... com os maçons, com os liberais e os republicanos. Já havia um reduto importante aqui de maçons e de republicanos aqui em Juiz de Fora que apoiaram muito a vinda do Granbery pra cá. (Entrevista com Arsênio Firmino Novaes Netto, Juiz de Fora, 31/03/2017)

Deste modo, apesar de se tratar de uma sociedade secreta, quando se observam mais de perto o colégio e a Igreja Metodista local, no que tange aos documentos produzidos em suas atividades ou até mesmo acerca de suas estruturas físicas, encontram-se na cidade traços evidentes das relações entre a maçonaria e o metodismo, a exemplo dos símbolos que podem ser percebidos no templo da Igreja Central e nas instalações do *Instituto Granbery*. Sobre o primeiro ponto, é interessante notar como, ao menos até meados do século passado, era explícita a proximidade entre metodismo e maçonaria, pois se conseguem encontrar manifestações oficiais de apreço desta instituição em meio a documentos oriundos da realização de Concílios metodistas na cidade de Juiz de Fora:

No XV Concílio Regional do Norte da Igreja Metodista do Brasil, em 1945, precisamente na quinta sessão, o “professor Vittorio Bergo pediu a palavra e apresentou ao Concílio uma comissão da benemérita loja maçônica Fidelidade Mineira, sendo a mesma saudada pelo plenário. Usou a palavra o venerável da referida loja cumprimentando o Concílio”. Cinco anos mais tarde, no XX Concílio também da Regional Norte, em sua quinta sessão, “Jonas Alves de Souza apresenta ao plenário uma comissão da loja maçônica Otacílio Câmara, de Campo Grande, que visita o Concílio. Usam a palavra o representante dos visitantes, Rufino Alves de Souza Sobrinho. O Revmo. Bispo agradece a honrosa visita. (NOVAES NETTO, 2004, p. 42-43)

Em entrevista realizada com Walter Bastos Geraldo, ex-venerável da Loja Maçônica Acácia do Paraibuna da cidade de Juiz de Fora, foram realçadas tanto a mudança de postura sobre a forma como o metodismo passou a lidar com a maçonaria, quanto à presença dos referidos símbolos na parte interna do templo metodista da Igreja Central de Juiz de Fora:

Se você visitar o templo da Igreja Metodista Central, na Igreja Metodista Central você encontra, no interior do templo, símbolos maçônicos nos bancos, nas paredes, no teto, porque a comissão que construiu o templo era formada de maçons. Então, onde o maçom passava, ele deixava ali a sua marca. O que que acontece hoje na Igreja, porque o pastor está ali a praticamente dez anos? Ele quis desmanchar parte daquilo. O bispo não permitiu. O que que acontece, ele hoje ministra e faz os sermões não usando o púlpito, ele usa a baloçada cá embaixo. Já que ele não pôde desmanchar ele não vai ver isso aqui. Tal é o posicionamento da Igreja Metodista em relação a maçonaria. Hoje um membro da Igreja Metodista, um pastor da Igreja Metodista, um bispo da Igreja Metodista ele não pode estar ligado a nenhuma loja maçônica. Ele pode até ter sido, permanece maçom, mas frequentar a maçonaria, jamais. (Entrevista com Walter Bastos Geraldo, Juiz de Fora, 31/03/2017)

Evidentemente, os vestígios da ligação entre metodismo e maçonaria não são facilmente encontrados pelos não conhecedores dos símbolos e das linguagens cifradas da segunda. Entrementes, tal qual ocorre com a Igreja, Walter Bastos Geraldo assegurou que no *Granbery* se detectava a presença de elementos da maçonaria em sua construção e a presença de muitos de seus professores e diretores na sociedade secreta quando não havia impedimentos à pessoa ser metodista e maçom simultaneamente.

Se você visitar o Granbery, você vai ver que no salão nobre do Granbery, existe essa expressão “verdade e perfeição”. E aquela expressão “verdade e perfeição” foi trazida justamente dos Estados Unidos para o Granbery. E, os reitores iniciais do Granbery todos eles eram maçons. Todos. E não havia essa preocupação que existe hoje. (...) E, não havia qualquer problema, pelo menos assim, aparente, entre ser maçom e ser metodista ou ser protestante. (...) Dentro da Igreja Metodista, o Colégio Episcopal, mas nós tivemos quantos é, bispos? Quantos bispos? O primeiro bispo da Igreja Metodista, que foi o César Dacorso Filho, ele era maçom. E dirigia a Igreja no Brasil inteiro quando a Igreja separou dos Estados Unidos, ele foi o primeiro bispo, e ele dirigia a Igreja do Brasil inteiro. E os bispos, eu posso citar vários deles, que realmente foram e são maçons. (Entrevista com Walter Bastos Geraldo, Juiz de Fora, 31/03/2017)

A explicação para a presença desses símbolos no colégio e na Igreja Central seria simples. Estaria ligada ao fato de que parte dos materiais utilizados para suas construções foi importada da Europa onde seus produtores, como maçons, inscreviam suas marcas nestes que foram instalados não só nos dois edifícios ligados ao metodismo como também em uma Igreja Católica da cidade.<sup>194</sup>

Eu estou falando para você a respeito do templo da Igreja Metodista Central ali no parque Halfeld. Porque quem é maçom enxergou vários símbolos. Você pega, na Igreja Católica, você pega um exemplo só. A Igreja de São Se-

<sup>194</sup> Sobre as relações entre a Igreja católica e a maçonaria, Giane de Souza Castro asseverou que a maioria dos integrantes da Loja Fidelidade Maçônica era católica, e que, entre esses, além dos fiéis, também constava a presença de membros do clero romano. (CASTRO, 2008, p. 42)

bastião também, ela fica também logo no parque (inaudível). Se você entrar no templo da Igreja de São Sebastião, a impressão que se tem, se você conhecer o tema, é que você está entrando num templo maçônico e não num templo da Igreja Católica. Tem várias marcas. Porque o que que acontece? Esse material era todo produzido fora daqui, na Europa. Lá, eu diria que quem produzia era maçom, então ele deixava, colocava lá a marca da maçonaria. Não é isso? A marca da maçonaria. Então chegava aqui não queria nem saber e colocava. (Entrevista com Walter Bastos Geraldo, Juiz de Fora, 31/03/2017)

Portanto, constatando-se ser comum a presença de professores e dirigentes maçons entre os profissionais que trabalhavam no *Granbery*, pelo fato de a comunidade metodista ser pequena na cidade e por estes mesmos membros também exercerem cargos importantes na hierarquia eclesiástica e no laicato da Igreja, entende-se como se dava “de forma natural” a relação da denominação religiosa com a sociedade secreta na cidade.

Destarte, se é possível depreender que figuras como César Dacorso Filho, Walter Harvey Moore, Irineu Guimarães, José Rangel, Willian Schisler, dentre outros, fizeram parte da maçonaria em Juiz de Fora, mesmo que não se tenha encontrado um documento que atestasse peremptoriamente a participação de Oscar Machado na época em que residia na cidade, pode-se conjecturar com alguma dose de segurança que ele era integrante de tal instituição.

Quando comparados os indícios de sua atuação na maçonaria, com aqueles de sua participação no metodismo e integralismo, é preciso esclarecer aqui que se reconhece uma certa discrepância entre estes. Dentre algumas das possíveis explicações para isso, além da dificuldade do acesso a fontes produzidas pela sociedade secreta e do próprio caráter fragmentado de muitas delas, pode-se conjecturar que, pelo fato da maçonaria não possuir a mesma dinâmica de divulgação de suas ações, de ser marcada por um caráter silencioso de seus atos e por uma não exposição de seus membros isso possa ter ocorrido.

Entretanto, do mesmo modo como o acesso às fontes serve para se sustentar uma dada interpretação, a ausência delas também pode ser entendida como um caminho para se chegar ao mesmo intento. Neste caso, sobre a atuação ou não de Oscar Machado na maçonaria se, por um lado, pelos motivos expostos, não obteve-se acesso à documentos da instituição que atestassem de modo peremptório sua presença nela, numa outra direção, tem-se que, em conversa realizada com familiares dele, descobriu-se que sua entrada para a maçonaria teria se dado, possivelmente, por intermédio de um de seus cunhados que já fazia parte da mesma, sendo que nos foi também informado que em seu



guarda-roupas haviam vestimentas utilizadas nas reuniões fechadas, exclusivamente, aos membros da sociedade secreta.<sup>195</sup>

Arsênio Firmino Novaes Netto, quando questionado sobre a possibilidade de Oscar Machado ter integrado a maçonaria, se, por um lado, explicitou não ter encontrado uma prova cabal desta participação, por outro, ao se remeter ao quadro geral do *Granbery* e da Igreja Metodista na cidade, reforçou a ideia de que as lideranças metodistas tenham feito parte da outra instituição e, conseqüentemente, dentro destas, Oscar Machado:

Eu não tenho essa informação, mas eu... eu diria a você... Claro, você está fazendo uma pesquisa científica, você tem que ir à fonte e ter clareza do que você está falando, não é? Eu diria que eles todos foram maçons. Essa liderança toda foi maçom. Eu diria isso. Tanto na Igreja Central de Juiz de fora, quanto... quanto aqui no Granbery (...) Ah, o próprio... O próprio Mister Moore foi... era maçom. Quer dizer, esses reitores todos, aqueles americanos todos eram maçons. (Entrevista com Arsênio Firmino Novaes Netto, Juiz de Fora, 31/03/2017)

Esses indícios apontados são fortalecidos quando se observam as explicações realizadas por Walter Bastos Geraldo sobre a comissão encarregada pela reforma da Igreja Metodista Central de Juiz de Fora, da qual Oscar Machado fez parte, uma vez que, segundo ele, ela era exclusivamente composta de maçons, aspecto que seria responsável pela presença de símbolos da instituição no templo.

Nas obras da reforma, realizada desde os anos finais da década de 1920, entre os integrantes da comissão que se encarregaria de organizar os preparativos da dedicação do novo templo, ao lado de Oscar Machado, encontravam-se Irineu Guimarães, Otilia Chaves e Paulina de Moraes. Não obstante as mulheres serem proibidas de tomar parte da maçonaria<sup>196</sup>, no órgão que dirigiu as obras da igreja se constata a presença dos dois professores do *Granbery*, dos quais, sobre o primeiro, tem-se a certeza de que ele integrou a maçonaria.<sup>197</sup>

<sup>195</sup> Se, em relação a Oscar Machado, houve um silêncio sobre sua atuação na maçonaria, nas documentações produzidas pela sociedade, sendo que nem mesmo sua família sabia desta, dada sua descrição, até a data de seu falecimento e a descoberta de roupas usadas em cerimônias da sociedade secreta em seu guarda-roupas, acerca de seu irmão Sady, o mesmo não ocorreu, pois sabe-se que ele fez parte da relação de veneráveis da Loja Maçônica Concórdia do Sul, de Passo Fundo-RS. (DIENSTBACH, 1993, p. 407, v. 3)

<sup>196</sup> É digno de nota que houve na cidade uma experiência da participação feminina na maçonaria na ocasião da existência da abertura da Loja Filhas de Hiram que funcionou entre os anos de 1902 e 1903. Sobre isso ver: (CASTRO, 2008, p 36).

<sup>197</sup> Ver: *Ata da reunião do Gabinete Episcopal de Juiz de Fora, 07/06/1933*, p. 5.1-6. No depoimento da filha de Irineu Guimarães concedido a Arsênio Firmino Novaes Netto, a entrada do professor na maçonaria teria ocorrido por meio do convite de Manoel Simões e Silva, que era membro da Igreja Metodista na cidade de Juiz de Fora. (NOVAES NETTO, 2004, p. 42)

Para concluir a esse respeito, contiguamente à presença de metodistas na maçonaria, averiguou-se também a participação de seus membros com posições de destaque numa outra instituição que reunia pessoas renomadas na sociedade local, dentre os quais vários de seus ex-prefeitos, o Rotary.<sup>198</sup>

O professor Josué Cardoso d’Afonseca, que ocupou o cargo de vice reitor do *Granbery*, além de ter sido membro do Conselho Nacional de Educação, foi eleito presidente do Rotary em Juiz de Fora em junho de 1936.

Já temos noticiado diversas vitórias do distinto educador, e queríamos acrescentar mais uma neste número de nosso jornal. Referimo-nos à sua posse do honroso cargo de Presidente do Rotary Club de Juiz de Fora. Todavia, essa vitória torna-se pequenina ante a outra obtida mais recentemente – Nosso culto Vice-Reitor, que já é membro do Conselho Nacional de Educação, acaba de ser nomeado pelo Excelentíssimo Sr. Presidente da República para fazer parte do alto Conselho que irá organizar o Plano Nacional de Educação, previsto pela Constituição de 1934. É inteiramente desnecessário exaltar o valor de tão elevado posto. Queremos, apenas, lembrar que mais de 100 nomes foram apresentados pelas associações culturais de todo o Brasil, e que, dentre eles, foram nomeados quatorze conselheiros, por um processo em que não podia ter influido qualquer preferência pessoal, mas unicamente a competência dos escolhidos para tão grande responsabilidade. (*O Granberyense*, junho 1936, p. 3)

Em resumo, se a aproximação do metodismo com a maçonaria é tida como uma associação comum no início do século passado, a presença de membros da denominação religiosa na segunda e em outras instituições como o Rotary é um fator que se pôde destacar também.

Conjuntamente, concorreram para que, por intermédio de um pequeno grupo de “pessoas notáveis” – dentre os quais se podem mencionar profissionais liberais, políticos, intelectuais, membros da administração municipal, dos quais se destacam os integrantes do poder executivo e legislativo municipal<sup>199</sup> – se minimizassem parte das re-

<sup>198</sup> Dos ex-prefeitos que integraram a instituição, alguns mantiveram relações de proximidade com o metodismo como Eduardo de Menezes Filho, que foi presidente do Rotary em sua fundação no ano de 1927 e também em 1936. Junto destes também foram rotarianos: Álvaro Braga de Araújo, José Procópio Teixeira Filho, Eudócio Infante Vieira. Ver: Prefeitos de Juiz de Fora (1931-2013). Disponível em: <<https://pjf.mg.gov.br/cidade/prefeitos.php>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

<sup>199</sup> “No período de 1869 a 1891, a Câmara possuía um total de nove membros a cada eleição. Havia também os suplentes, os quais eram convocados por motivo de renúncia ou licença daqueles. Nesse período, 24% dos vereadores (15 dos 63 membros da Câmara) eram maçons. O período seguinte vai de 1892 a 1950, quando a Câmara passa a ter 15 vereadores eleitos. O aumento do número de vereadores se deu graças à nova organização dos municípios mineiros (lei nº2, de 14 de setembro de 1891). Durante essa fase, cai um pouco a participação dos maçons na Câmara, uma vez que apenas 5% das cadeiras de vereadores foram ocupadas por membros da Maçonaria. De qualquer forma, trata-se de um índice considerável, indicando que os maçons juizforanos conseguiram manter certa influência sobre o poder público municipal.” (CASTRO, 2008, p. 39)

servas que eram impingidas aos metodistas em especial, por parte do clero católico e de seus órgãos de imprensa.<sup>200</sup>

Sem desprezar que o aspecto religioso e a participação de muitos de seus membros em tais instituições servia como um elemento agregador entre os metodistas, é manifesto que existiram disputas de poder entre eles. No *Granbery*, junto destas, se apurou a existência de uma polarização entre duas tendências antagônicas do espectro político, a Ação Integralista Brasileira (AIB) e o Partido Comunista Brasileiro (PCB).<sup>201</sup>

Essa situação denota a não existência de uma posição monolítica de seus membros, fato que ocasionou celeumas e animosidades entre alguns destes. Este tema precisa ser abordado com mais profundidade, pois permite recuperar importantes idiossincrasias que, num microcosmo como o *Granbery*, refletiam questões maiores presentes na ordem do dia na sociedade brasileira e no mundo como um todo.

### 3.2 A AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA (AIB): UMA EXPERIÊNCIA POLÍTICA FASCISTA

A Ação Integralista Brasileira (AIB) insere-se numa gama de movimentos, partidos e regimes políticos surgidos após a 1ª Guerra Mundial que podem ser tipificados genericamente como “*fascismos*”. Fundamentadas sobre uma mesma agenda, tais experiências responderiam a processos econômicos, políticos, sociais e ideológicos comuns, quais sejam: a crise do capitalismo e da liberal democracia e a crença de que ela seria incapaz de contorná-las assim como de barrar o avanço das ideias socialistas que ganhavam força.

Ainda que essa questão seja bastante controversa, sob tal enfoque, filia-se a um entendimento que postula que o integralismo brasileiro, por possuir nítidas influências procedentes, mormente, da experiência italiana, do integralismo lusitano<sup>202</sup>, do

<sup>200</sup> Desde os anos finais do século XIX e décadas iniciais do XX houve enormes animosidades entre católicos e metodistas. Extrapolando a disputa por alunos em seus educandários, estas também se davam ora com a realização de Congressos Católicos na cidade ora com ofensas publicadas em seus periódicos, que sempre eram acompanhadas da devida resposta por parte dos metodistas. Sobre isso, ver: (CASTRO, 2008; CORDEIRO, 2003, 2008; FERREIRA, 2010 e PIRES, 2013).

<sup>201</sup> No período em que Oscar Machado esteve no *Granbery*, 1930-1934, não havia ainda um militante do PCB. Em verdade, o que se notou é que, sem embargo de se colocar como um simpatizante do espectro político progressista alinhado à referida sigla, Irineu Guimarães estava em processo de delineamento de suas posições políticas que se encontrariam bem definidas na década seguinte. Sobre isso ver: (NOVAES NETTO, 2004).

<sup>202</sup> Este movimento político de cunho nacionalista, defensor da monarquia e crítico ferrenho da República portuguesa, teve existência no intervalo entre os anos de 1914 e 1932, sendo influenciado pelo conservadorismo da Action Française e pela Doutrina Social da Igreja. Tais elementos, no entendimento de Leandro Pereira Gonçalves, teriam impactado substancialmente parte dos movimentos políticos da

conservadorismo da Action Française e da Doutrina Social da Igreja, pode ser apreendido como um dos tantos exemplos de movimentos e partidos desta tipologia que se espalharam pelo mundo a partir do período entreguerras. (GONÇALVES, 2017)

Não se adota aqui uma perspectiva taxionômica, que definiria um rol das características presentes numa dada conceituação de fascismo para depois se tentar verificar, caso a caso, se estas se replicariam nas experiências políticas analisadas e assim se poder rotulá-las ou não como fascistas. (ROSAS, 1991)<sup>203</sup>

Inversamente, sem se ignorar que existem algumas características visíveis em diversos movimentos e partidos políticos que se espalharam pelo mundo a partir da ascensão dos camisas negras na Itália, que poderiam ser categorizados como fascistas, concorda-se aqui com Héglio Trindade e João Fábio Bertonha sobre a possibilidade de se conceber o integralismo como uma manifestação fascista. Desta forma, ambientada no Brasil, a AIB continha aspectos genuinamente nacionais que se combinavam com algumas das características de outras experiências políticas congêneres, para quem a obra pioneira de Héglio Trindade (TRINDADE, 1979), com suas devidas atualizações, segundo João Fábio Bertonha (BERTONHA, 2014, p. 67), ainda constitui uma das leituras mais verossímeis para a compreensão do fenômeno político, posição com a qual concorda-se aqui.

### 3.2.1 A historicidade da Ação Integralista Brasileira (AIB)

Tido como um movimento de inspiração fascista que mesclava aspectos nacionais com elementos mais gerais presentes em diversas outras experiências políticas anteriores, a origem da AIB se associa diretamente ao grupo de intelectuais que seu fun-

---

direita radical que propuseram alternativas ao liberalismo econômico vigente, dentre eles o integralismo brasileiro de Plínio Salgado. Além desta ascendência na gênese daquilo que viria a se tornar o corolário ideológico da AIB, Plínio Salgado, durante seu exílio em Portugal entre 1939 e 1946, teria novamente sofrido uma influência portuguesa em seu pensamento político, rearticulando suas propostas ao acrescentar o elemento do espiritualismo católico como uma de suas forças vitais, apelando não mais para uma concepção fascista de política, mas sim para uma proposta de democracia cristã, sobre a qual nos debruçaremos nos capítulos seguintes. (GONÇALVES, 2017)

<sup>203</sup> Exemplos deste inventário de características seriam: a presença de uma liderança carismática, de uma estrutura fortemente hierarquizada, a defesa dos ideários antiliberal, antidemocrático e anticomunista, o recurso a símbolos, rituais, vestimentas e toda uma sorte de outros componentes que poderiam conformar o que Umberto Eco chamou de “Ur Fascismo” (ECO, 2006, p. 42-53) ou ainda que Robert Paxton chamou de “Mínimo Fascista”. (PAXTON, 2007, p. 23-26) Essa discussão sobre o caráter fascista ou não do integralismo brasileiro se encontra melhor detalhada em nossa dissertação de mestrado. Ver: (PIMENTA, 2015, p. 125-150).

dador, Plínio Salgado, conseguiu aglutinar em torno de si no início da década de 1930.<sup>204</sup>

Partilhando de algumas posturas defendidas por membros desses grupos, entre os anos de 1931 e 1932, Plínio Salgado passou a escrever as “Notas Políticas”, para o jornal *A Razão*, sendo que, nos mais de trezentos artigos desta coluna, delineou as bases teóricas do integralismo. (TRINDADE, 1979, p. 81)

Em fevereiro de 1932, em São Paulo, ele fundou a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), reunindo uma ampla gama de jovens intelectuais que se aproximava do ideário que foi defendido pelo integralismo brasileiro. A partir de sua terceira reunião, ocorrida em maio do mesmo ano, optou-se por criar a Ação Integralista Brasileira (AIB), uma espécie de comissão incumbida de difundir de maneira esquemática as formulações geradas na SEP com o intuito de que suas propostas viessem a influenciar a sociedade brasileira. (TRINDADE, 1979, p. 116- 122)

Para que a AIB entrasse em atividade, faltava apenas a redação de seu manifesto, que, mesmo aprovado em junho de 1932, por efeito da Revolução Constitucionalista de 1932, só foi lançado em sete de outubro, num evento ocorrido no Teatro Municipal de São Paulo, data na qual o movimento integralista teve sua fundação. (TRINDADE, 1979, p. 122-125)

Sob o lema “Deus, Pátria e Família”, a Ação Integralista Brasileira (AIB), de início, não se configurou como um partido político. Ao contrário, colocava-se como avessa ao jogo político-partidário, pois via nesse a causa da desunião que infestava a política nacional, abrindo espaço para a invasão do perigo estrangeiro manifestado pelo comunismo. (SALGADO, 1932)

No entanto, depois de passar por um processo de organização e expansão com a realização do 1º Congresso Integralista, na cidade de Vitória-ES, em 1934, a AIB foi dotada de uma estrutura que, além de colocar Plínio Salgado como seu líder perpétuo e supremo, criou uma série de órgãos diretivos que se submetiam a sua autoridade:

---

<sup>204</sup> Oriundos de várias regiões do país, alguns destes tendo a pregressa participação em movimentos políticos de teor conservador, a exemplo da Ação Imperial Patrimonista Brasileira (AIPB), Legião Cearense de Trabalho ou quiçá em outras experiências que surgiram a partir da criação da Legião Cruzeiro do Sul, em 1922, cujo corolário de ideias poderia ser identificado como protofascista, como a Legião 3 de Outubro, foi somente a partir da formação da Sociedade de Estudos Políticos (SEP) que, junto de parte dos ex-integrantes destes movimentos, Plínio Salgado conseguiu criar a AIB. (TAVARES, apud CALIL, 2005, p. 127) Para recuperar parte do histórico da Ação Social Brasileira, Partido Nacional Fascista, Legião Cearense do Trabalho, Partido Nacional Sindicalista e a Ação Imperial Patrimonista, ver: (TRINDADE: 1979 p. 103-116).

A “Acção Integralista Brasileira”, pela voz autorizada das Delegações de vinte e duas províncias presentes neste Congresso e signatarias deste documento, reconhece e proclama a absoluta insubstituidade de PLÍNIO SALGADO na Chefia Suprema Nacional e em caracter perpetuo, da Revolução Integralista e jura-lhe solememente, sob o SIGMA, obediencia e fidelidade formaes diante da vida ou da morte. Pelo Bem do Brasil: Anauê! Plínio Salgado. (*Monitor Integralista*, 1ª quinzena de maio de 1934, p 1)<sup>205</sup>

Para Pedro Ernesto Fagundes, o congresso, realizado com uma cerimônia eivada de um profundo caráter ritualístico, foi de vital importância para que Plínio Salgado fosse aclamado como seu líder incontestável. Nele, foram também solapadas possíveis dissidências e tendências contrárias à sua liderança, passando a AIB a assumir uma estrutura partidária, sob a feição orgânica, em substituição a sua natureza de movimento. (FAGUNDES, 2011, p. 3-4)

A nova organização aprovada no Congresso de Vitória foi reproduzida nas esferas estaduais e municipais, permanecendo inalterada até 1935. Neste ano, com a realização do Congresso de Petrópolis, aprovaram-se alterações que ampliaram o poder das antigas secretarias, dotaram a AIB de um caráter mais complexo, transformando-a num partido político, mudanças que representaram aquilo que Héglio Trindade definiu como passagem da “fase revolucionária” para a “fase eleitoral” do integralismo. (TRINDADE, 1979, p. 178)

Como se observou no jornal integralista *Monitor Integralista*, embora a participação da AIB nas eleições de outubro de 1934 tenha ocorrido como uma tática para propagandear suas ideias e não como um sinal de compatibilidade doutrinária sobre a participação nas disputas políticas, o crescimento atingido e a votação obtida parecem ter ensejado a mudança da atuação do integralismo para a tal fase eleitoral, pois se presume que seus líderes vislumbraram a possibilidade de ganhos políticos desde então. (*Monitor Integralista*, 1ª quinzena de dezembro de 1934, p 1)<sup>206</sup>

Para parte da literatura que versa sobre a AIB, o momento de seu maior crescimento teria sido o ano de 1936, estimulado pelo malogro da tentativa de revolução comunista em 1935, cujo reflexo nas hostes da AIB foram algumas vitórias eleitorais,

<sup>205</sup> A liderança de Plínio Salgado, entretanto, não era unânime consoante apontaram os estudos de Héglio Trindade (TRINDADE, 1979, p. 176-178) e Edgard Carone (CARONE, 1976, p. 193-194).

<sup>206</sup> O periódico funcionava como uma espécie de “Diário Oficial” da AIB, veiculando regulamentos, normas, instruções burocráticas para o funcionamento dos núcleos, além de informações diversas sobre suas atividades em todo o país.

fazendo com que este ano tenha ficado conhecido como o “*ano verde*”. (DOTTA, 2007, p. 163)<sup>207</sup>

Para terminar sobre a expansão da AIB, apesar de se comprovarem exagerados os dados apresentados por seus jornais à sua militância, e de que parte da historiografia se viu enredada por tais números, é flagrante que, surgido após o PCB, ela se constituiu no segundo grande partido de massas do Brasil, fazendo-se presente em todas as regiões do país.<sup>208</sup>

Diferentemente das estimativas apresentadas por parte da historiografia produzida até então, nas quais os dados oscilaram em geral, entre 500.000 militantes e 1.350.000, Gilberto Calil (CALIL, 2005), Leandro Pereira Gonçalves e Alexandre Oliveira (GONÇALVES; OLIVEIRA, 2016) pautados por uma carta enviada por Plínio Salgado a seu genro e secretário pessoal, Loureiro Júnior, no ano de 1946, atestam que o movimento contou com um total de, aproximadamente, 200.000 militantes, situação que não desabona em nada seu tamanho e importância.<sup>209</sup>

Sem embargo dos dados exibidos por sua imprensa, entre seu período legal de existência, compreendido entre 7 de outubro de 1932 e 10 de novembro de 1937, quando, junto dos outros partidos políticos, a AIB foi fechada em razão dos eventos que envolveram o golpe do Estado Novo, sem dúvida ela se transformou na maior manifestação política de orientação fascista da América do Sul e no segundo partido de massas, com representatividade nacional, a existir no Brasil.

### 3.3 A LITERATURA INTEGRALISTA E O ESTUDO SOBRE OSCAR MACHADO

Desde o surgimento da AIB, a literatura que dissertou sobre o integralismo tem se tornado, com o passar do tempo, bastante diversificada e volumosa. Inicialmente elaborada por militantes, ex-militantes e adversários políticos do movimento, num momento seguinte, passou a ser produzida por pesquisadores que o abordaram sob o ponto de vista acadêmico.<sup>210</sup>

---

<sup>207</sup> Os candidatos a prefeito do Sigma venceram em Presidente Prudente e Cravinhos. Na primeira cidade tratava-se do ferroviário Bento Fontão Lippel. O prefeito de Cravinhos foi Pedro de Gasperi. A eles se somou também a eleição do vereador da capital paulista José Cyrillo Jr. (DOTTA, 2007, p. 163)

<sup>208</sup> Sobre as estimativas maximizadas do número de adeptos ver: (TRINDADE, 1979; CHOR MAIO, CYTRYNOWICZ, 2003; HILTON, 1983).

<sup>209</sup> Sobre isso ver: Correspondência de Plínio Salgado a Loureiro Júnior, 04/05/1946 - APHRC-PiPrp 04.05.46/12.

<sup>210</sup> Totalizando mais de oitocentos estudos inventariados no período entre 1932 e 2007, englobando as trajetórias da Ação Integralista Brasileira (AIB) e do Partido de Representação Popular (PRP), desde a

Seria impossível e inútil realizar um escrutínio pormenorizado deste material, por isso, em virtude dos diagnósticos elaborados pela historiografia nas últimas três décadas e do guia orientativo da bibliografia referente ao integralismo (BERTONHA, 2010), pelo fato de seu autor ter também produzido um trabalho que sistematizou grande parte dos estudos sobre o integralismo, – considerado aqui a maior e melhor síntese realizada até então e um material de grande valor para aqueles que pretendem iniciar um estudo sobre o tema (BERTONHA, 2014) – optar-se-á por apresentar apenas uma parcela dos trabalhos que dialoga com esta pesquisa para evitar incorrer em repetições desnecessárias.<sup>211</sup>

Como estratégia para tanto, serão cotejadas as classificações das produções integralistas apresentadas por Rodrigo Santos de Oliveira (OLIVEIRA, 2009), que separou os estudos em três distintas fases, e também o trabalho de João Fábio Bertonha, que aponta para uma direção semelhante (BERTONHA, 2007, p. 7-11), pois acredita-se que estas são as melhores e mais didáticas categorizações encontradas.<sup>212</sup>

Sumariamente, se poderia afirmar que, passado o momento no qual as cinzas da AIB ainda estavam quentes, nos anos de 1970, sob o viés da sociologia, filosofia e ciência política, o integralismo adentrou o universo acadêmico, pelas penas de autores como Héglio Trindade (TRINDADE, 1979), José Chasin (CHASIN, 1979), Gilberto Felisberto Vasconcellos (VASCONCELOS, 1976) e Marilena Chauí (CHAUÍ, 1978).

A tese de doutoramento de Héglio Trindade estabeleceu-se como o empreendimento desbravador do assunto. Obra de grande fôlego, traçou um abrangente perfil do integralismo, discorrendo sobre parte das problemáticas que surgiriam desde então. A despeito das muitas críticas que o trabalho recebeu, ainda assim instituiu-se como a principal referência, não só por ter aberto um campo até então inexplorado<sup>213</sup>,

---

década de 1970, esses trabalhos passaram por um grande crescimento com a realização de pesquisas de grande fôlego, que se acentuou ainda mais nas décadas seguintes. (BERTONHA, 2010)

<sup>211</sup> Se é verdade que o trabalho de 2014 trouxe parte das questões mais importantes, apresentando uma bibliografia básica comentada sobre cada item elencado e apontando possibilidades de estudos futuros em praticamente todos os temas, é necessária a constante atualização de seu outro trabalho publicado em 2010, sistematizando as produções que foram concluídas desde 2007, pois isso contribui sobremaneira para a circulação das questões que estão sendo abordadas, assim como para o intercâmbio entre os pesquisadores.

<sup>212</sup> Em concordância com o proposto por Rodrigo dos Santos Oliveira, destaca-se que tal separação é feita por critérios temáticos e não cronológicos, não se desconsiderando que há produções que poderiam se encaixar num grupo ou em outro, o que não lhes outorga o caráter hermético. (OLIVEIRA, 2009, p. 31)

<sup>213</sup> É importante ressaltar que, no período da ditadura civil-militar, era uma empreitada inglória se estudar uma manifestação política de caráter conservador e autoritário na academia brasileira, marcada pelo domínio da velha historiografia social e econômica que não abria, sem uma boa dose de suspeição sobre o pesquisador, espaços para um estudo sobre tal espectro político, haja visto que muitos de seus próceres haviam chegado ao poder nesta conjuntura. Assim, é natural que ele tenha encontrado guarida em uma



mas por antecipar algumas questões polêmicas que não se encontram resolvidas por completo, embora haja uma certa dose de consenso, a exemplo de sua categorização da AIB como fascista. (BERTONHA, 2014, p. 65-67)<sup>214</sup>

Por um enfoque mais amplo, esses trabalhos iniciais se direcionavam para a análise da AIB sob um olhar panorâmico, trazendo para o plano de frente dos debates a trajetória do integralismo, seus pontos de aproximação e distanciamento relativos às questões ideológicas e às demais manifestações fascistas, além de elementos como as motivações para a adesão de seus militantes, sua estrutura organizacional, sua expansão pelo país, chegando a aspectos que se remetiam às suas especificidades nacionais que lhe teriam dotado de características peculiares.

Num momento subsequente, efetivada a conquista de espaços na academia para estudos sobre a AIB por estes trabalhos pioneiros, os historiadores passaram a se lançar nessa empresa. A partir de então, assistiu-se a uma ampliação no foco dos estudos que não apenas se voltavam para as questões anteriores como também se dedicavam a estudar a AIB através de recortes de cunho regional.

Sob a orientação de Hélió Trindade, René Ernani Gertz realizou um estudo que marcou o início de um tratamento mais verticalizado do integralismo, quando interpelou as vinculações existentes entre os teuto-brasileiros e o integralismo no Rio Grande do Sul (GERTZ, 1977), pesquisa que foi ampliada em seu doutorado, no qual investigou as implicações políticas da imigração alemã no sul do Brasil, dadas as afinidades dos teuto-alemães com as correntes fascistas na década de 1930. (GERTZ, 1980)

Associados a publicações posteriores, esses trabalhos abririam o leque de possibilidades de estudos sobre o integralismo, ao trazer colaborações que ampliaram os objetos dos primeiros estudos, como a comprovação de sua presença em áreas rurais, o que questionava as colocações de que a AIB era tipicamente urbana. (GERTZ, 1987)<sup>215</sup>

Sendo assim, a partir do final da década de 1970, esse perfil dos trabalhos sobre o integralismo sofreu mudanças quando surgiram pesquisas que, no lugar de interpelar sua organização nacional e abordá-lo por meio de seus aspectos teóricos e ideológicos, reduziram a escala analítica adotada pelos primeiros esforços, erigindo-se sobre recortes

---

instituição estrangeira na qual, não sem dificuldades, conseguiu empreender uma robusta pesquisa sobre um novo tema. (TRINDADE, 2016a, p. 7-14 e GERTZ; GONÇALVES; LIEBEL, 2016)

<sup>214</sup> Uma das mais recentes críticas feitas à sua obra e ao modo como ela é apreendida pelos pesquisadores do integralismo foi formulada por Alexandre Ramos Pinheiro. Sobre o debate entre os autores ver: (RAMOS, 2014, 2016; TRINDADE, 2016a, 2016b e GERTZ; GONÇALVES; LIEBEL, 2016).

<sup>215</sup> Sobre o autor ver também: (GERTZ, 1991a).

regionais e locais, que apresentaram novos questionamentos sobre a temática, fazendo-se presentes em quase todo o país.<sup>216</sup>

Na esteira desses estudos cuja ambiência se circunscreve a uma cidade, o trabalho realizado por Daniel Roberto Milke, que abordou a presença da AIB em Porto Alegre, trouxe importantes contribuições. Por seu recorte espacial, ele é relevante para a reflexão aqui proposta, tanto por ter como palco a cidade onde Oscar Machado exerceu a maior parte de suas atividades políticas, quanto por apresentar algumas questões das atividades do integralismo que se pretendem observar mais de perto. (MILKE, 2003)

Seu trabalho, juntamente daqueles que analisaram a AIB no Rio Grande do Sul e do estudo de Claudira Cardoso, que abordou a sessão gaúcha do PRP, com ênfase na organização, estrutura, alianças e disputas políticas, possibilitam entender melhor as continuidades e rupturas do integralismo em seus dois momentos de existência no estado para, deste modo, poder situar melhor seus líderes, como Oscar Machado, nesse campo. (CARDOSO, 2009)

Nada obstante o número de pesquisas que exploraram a AIB no Rio Grande do Sul e dos primeiros estudos que abordaram também o PRP, quando se vislumbram as obras que avaliaram suas presenças em outros estados, como, por exemplo, em Minas Gerais, sublinha-se que os poucos esforços não se pautaram por um olhar abrangente, desconhecendo-se a realização de estudos de grande fôlego voltados para o integralismo no pós Segunda Guerra fora do Rio Grande do Sul.

Parte dos trabalhos existentes se dedicou a analisar a AIB no âmbito local, como a pesquisa de Leandro Ratton Pires da Silva (DA SILVA, 2010) que abordou as relações entre Igreja Católica e Integralismo em Belo Horizonte ou ainda a investigação de Yonne de Souza Grossi e Maria Auxiliadora Faria que sondou suas relações com o movimento operário na capital mineira. (GROSSI; FARIA, 1992)<sup>217</sup>

---

<sup>216</sup> Podem ser citadas outras obras que discutiram a presença do integralismo no Ceará (CORDEIRO JUNIOR, 1992; PARENTE, 1986), no Maranhão (CALDEIRA, 1999), em Pernambuco (SILVA, 1996; 2002; FERREIRA, 2016), na Bahia (FERREIRA, 2009; NETO, 2016), no Paraná (ATHAIDES, 2015), no Rio de Janeiro (FAGUNDES, 2009), em Santa Catarina (ZANELATO, 2007), em São Paulo (DOTTA, 2016), no Rio Grande do Sul (BRANDALISE, 1992; IRSCHLINGER, 2001), no Pará (SILVA, 2007) além de estudos que, num plano local, se inclinaram sobre questões mais específicas como os trabalhos de (AMORIN, 2002), (BRUSANTIN, 2004), (PIMENTA, 2015), (POSSAS, 1993), (SILVA JUNIOR, 1998), (CANABARRO, 1999), (DA SILVA, 2010), (RÉGIS, 2002), (FERREIRA, 2006), (LAGO, 2005), (OLIVEIRA; ALCÂNTARA, 2011) dentre outros.

<sup>217</sup> Há ainda os trabalhos de José Roberto Sales que abordou a presença do integralismo e do comunismo em Varginha (SALES, 2016), de Elias Maria de Oliveira Júnior que examinou o integralismo em Diamantina (OLIVEIRA JUNIOR, 2002) e o de Emerson Nogueira Santana que, em sua curta análise, traçou uma visão mais geral sobre o estado não se limitando a uma dada localidade ou região. (SANTANA, 2006)

Especificamente circunscritos a Juiz de Fora, os estudos sobre a AIB tiveram início com o trabalho de Maurício Correa. É importante mencionar que, se comparado à pesquisa pioneira de Héglio Trindade, embora se trate de uma investigação de pequeno fôlego, ela foi finalizada antes da publicação da tese do autor gaúcho, o que lhe confere certo destaque em meio aos trabalhos vanguardistas sobre o tema. (CORREA, 1973)<sup>218</sup>

Leandro Pereira Gonçalves possui um estudo que apurou a associação da AIB em Juiz de Fora com a Igreja Metodista no âmbito do colégio pertencente a tal congregação, o *Granbery* (GONÇALVES, 2004; 2007), e outro que aludiu os reflexos da presença integralista na cidade sob a ótica de Gustavo Barroso, um dos principais líderes da AIB, por intermédio de quem o integralismo chegou à cidade. (GONÇALVES; AMÂNCIO, 2010)

Concomitantemente à produção de pesquisas que refletiram sobre o integralismo no plano regional ou local, houve uma pulverização de suas temáticas que passaram a extrapolar, em muito, os aspectos abordados pelos primeiros trabalhos. Ainda que se possa enquadrar o estudo de Marilena Chauí, que se dedicou a tentar compreender aspectos da natureza ideológica do movimento integralista, no grupo dos precursores das pesquisas sobre a AIB, ele merece destaque pois, pioneiramente, defendeu que deveria existir uma diversificação das temáticas, o que viria a ocorrer naquilo que se poderia delinear como a terceira fase dos estudos concernentes ao integralismo. (CHAUI, 1978)

Em paralelo, a abertura de novos acervos como os arquivos das polícias políticas estaduais, de uma série de arquivos municipais, do CD/AIB/PRP<sup>219</sup> e o aumento de ofertas de programas de pós-graduação, quando reunidos, constituem fatores que convergiram para o substancial aumento dos trabalhos sobre a temática desde a década de 1980.

Nos últimos anos, ao lado da explosão numérica, já comentada, dos estudos a respeito do integralismo, houve um extraordinário desdobramento em termos de temas e problemáticas. O anti-semitismo integralista<sup>220</sup>, a participação dos

---

<sup>218</sup> A tese de Trindade foi desenvolvida entre 1967 e 1971 na Université Paris 1, Panthéon Sorbonne e publicada em português em 1974. O trabalho de Maurício Corrêa, concluída um ano antes, se inseria numa perspectiva mais próxima da 2ª fase de estudos sobre o integralismo que tiveram como foco análises regionais ou locais, posto que estudou a presença do Integralismo em Juiz de Fora-MG. O esforço inicial de Maurício Correa, recentemente, foi atualizado em nova versão escrita conjuntamente com Leandro Pereira Gonçalves. (GONÇALVES; CORREA, 2011)

<sup>219</sup> Hoje acervo AIB-PRP (DELFOF/PUCRS). Sobre o histórico do acervo ver: (GONÇALVES, 2016).

<sup>220</sup> Entre outros, ver: (TUCCI CARNEIRO, 1988, 1993; JESUS, 2006, 2010; RAGO FILHO, 1989, CRUZ, 2004 e CYTRYNOWICZ, 1992).

negros<sup>221</sup> e das mulheres no movimento<sup>222</sup>, os discursos e as memórias de e sobre os integralistas<sup>223</sup> e outros temas passaram a ser abordados, trazendo coisas novas e novos elementos para repensar o que foi o movimento. Claro que essa nova historiografia também trouxe, como não podia deixar de ser, problemas e/ou outras questões. Estudos sobre discursos e memórias sem uma análise crítica e uma síntese, por exemplo, podem transformar a história em uma coleção de discursos iguais, o que é perigoso, enquanto outras subtemáticas podem se esgotar na repetição. Também há temas que ainda aguardam os seus historiadores, como o relacionamento da AIB com os militares ou o cinema integralista. Mas o momento é mais de vivacidade do que de crise na área. (BERTONHA, 2007 p. 9)

Nesta nova fase, para os intuitos desta tese, é importante focar nos trabalhos que acompanharam as trajetórias políticas de militantes e líderes integralistas para assim matizar melhor as atividades de Oscar Machado nas fileiras da AIB e do PRP. Desta feita, desde os primeiros estudos acadêmicos, as figuras de Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale foram bastante esquadrihadas, seja por empreendimentos que esmiuçaram seu pensamento, as diferenças de proposições entre eles ou por pesquisas que se voltaram para suas trajetórias.<sup>224</sup>

Tais esforços ajudam a perceber nuances que não foram visitadas nas fases anteriores, tendo como exemplo a pesquisa de Maria José Lanziotti Barreras que versou sobre a figura de Dario de Bittencourt, liderança integralista gaúcha, personagem que serviu de fio condutor para que se resgatassem as conexões existentes entre positivismo, integralismo, maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul. (BARRERAS, 1998)

Apresentado o painel das produções sobre o integralismo, com as quais o estudo sobre a trajetória de Oscar Machado precisa dialogar a fim de extrair toda sua riqueza, para concluir, se propõe o acréscimo de uma quarta fase a essas obras, pois, desde as últimas décadas se notou o crescimento de um tipo de interpretação que, conectada ao ambiente historiográfico mundial, têm se mostrado uma das mais promissoras searas a serem desbravadas. (OLIVEIRA, 2009, p. 31-32)

<sup>221</sup> Entre outros, ver: (ROSE, 2001 e MALATIAN, 1990).

<sup>222</sup> Entre outros, ver: (BARBOSA, 2013; BULHÕES, 2007; CALDEIRA, 2004; CAVALARI, 1997; 2004; DEUTSCH, 1997, 2002, 2004; GRANT, 1996; LOPES, 2007; MANCILHA, 2011; PIMENTA, 2015; POSSAS, 2002, 2004; SALGADO, 1949 e SIMÕES, 2011; 2012; 2012a; 2013).

<sup>223</sup> Entre outros, ver: (CHRISTOFOLETTI, 2010; CALIL, SILVA, 2000; CARNEIRO, 2002, 2007, 2010; VICTOR, 2005, 2013 e RIBEIRO, 2004).

<sup>224</sup> Sobre Gustavo Barroso e sua defesa do antisemitismo, uma das marcas de seus posicionamentos na AIB, que não era um elemento que se fazia presente de forma enfática nas proposições de Plínio Salgado e Miguel Reale. Sobre isso, entre outros, ver: (BARROSO, 1934a; 1934b; 1934c; 1937; CHOR MAIO, 1992; CRUZ, 2004; CYTRYNOWICZ, 1992; JESUS, 2006; MENESES, 2006; RAGO FILHO, 1989 e TUCCI CARNEIRO 1988; 1996; 2003). Sobre Plínio Salgado ver: (GONÇALVES, 2017; PADILHA, 2005 e ROQUE, 2003). Sobre Miguel Reale ver: (BERTONHA, 2017; BONFIM, 2006; MELO, 1994 e PINHO, 2008). Sobre outros líderes e militantes ver: (OLIVEIRA, 2014 e TONINI, 2002).

Por um ângulo diferente das demais, ela se remete às pesquisas de cunho comparativo ou transnacional. Nesta, trabalhos como o realizado por Leandro Pereira Gonçalves permitem recuperar a influência da estada de Plínio Salgado em Portugal durante seu exílio e de que forma essa teve implicações diretas em seu pensamento e na atuação do Partido de Representação Popular, após o retorno de seu líder. (GONÇALVES, 2017)

João Fábio Bertonha também se dedicou a deslindar as afinidades entre o integralismo e fascismo italiano, realçando o patente auxílio recebido pelo movimento político brasileiro. (BERTONHA, 1997; 2001) Em outros trabalhos, o autor se dedicou a averiguar as conexões do integralismo brasileiro com o governo de António de Oliveira Salazar, a discutir aspectos de aproximação e distanciamento do fascismo brasileiro com outras experiências congêneres, na Europa, América Latina e Anglo Saxã. (BERTONHA, 2002; 2011, 2013)<sup>225</sup>

Muitos daqueles que se ocupam da realização de estudos comparativos ou transnacionais das manifestações fascistas estão inseridos em importantes redes de pesquisadores que, se fazendo presentes em diversos países, tem contribuído para o intercâmbio e a ampliação do debate.<sup>226</sup>

### **3.3.1 Dos elementos aparentemente irreconciliáveis perante a historiografia: o integralismo e a maçonaria**

---

<sup>225</sup> Outro exemplo importante desses esforços advém das pesquisas realizadas por António Costa Pinto que, ao abordar o governo de Salazar em Portugal, ao invés de buscar apenas detectar se o regime do ditador pode ou não ser tipificado como fascista, aborda tanto as singularidades quanto os aspectos similares deste com o fascismo e, por um viés comparativo, lança novos olhares para um fenômeno que ainda necessita de muitas outras pesquisas, seja em relação aos casos europeus ou em relação aos partidos, movimentos e regimes que se espalharam por várias partes do mundo. Entre outras obras do autor, ver: (PINTO; MARTINHO, 2016).

<sup>226</sup> Exemplo disso é o grupo “Direitas, História e Memória” que conta com pesquisadores brasileiros, portugueses, argentinos, espanhóis, franceses. Esta rede assim se apresenta: “A rede de investigação “Direitas, História e Memória” reúne pesquisadores de diversas nacionalidades que se dedicam aos estudos sobre as direitas em diversas configurações, tanto no aspecto político quanto em caráter histórico e geográfico. Dessa maneira, cumpre o objetivo de propiciar o intercâmbio, diálogo e espaço de discussão entre os pesquisadores e estudantes da área, que nas mais diversas perspectivas teórico-analíticas possíveis, se dedicam aos estudos sobre as direitas em perspectivas transnacionais, comparadas, estudos de caso, assim como suas dimensões políticas, culturais, econômicas e sociais.” Sobre a rede ver: <<https://direitashistoria.net/>>. Acesso em: 26 jun. 2017. Semelhantemente a essa rede há também o grupo “História, direitas e autoritarismos” que reúne pesquisadores brasileiros que investigam diversos temas como: o integralismo, os fascismos, os nacionalismos, o nazismo e sua nova roupagem, o tradicionalismo, o chauvinismo e o antissemitismo, com o fito de compreender suas inter-relações, aproximações e distanciamentos. Sobre a rede ver: <<http://site.anpuh.org/index.php/grupos-de-trabalho/atividades/item/308-gt-historia-direita-e-autoritarismo>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

Tomados em conjunto, os estudos apresentados são imprescindíveis, pois ajudam a descortinar um dos objetivos principais desta tese, a investigação da existência de certos espaços de liberdade dentro da estrutura integralista, nos quais eram toleradas algumas práticas proibidas por seu corpo doutrinário, como a união de elementos tidos como incongruentes nas atividades de seus militantes e dirigentes.

Conforme demonstraram as análises circunscritas a Juiz de Fora, a chegada do integralismo à cidade se deu com o auxílio de docentes do Granbery. Contudo, orientada pela historiografia que pouco se ocupou de inquirir sobre a curiosa relação travada entre metodismo e integralismo, por si só, ela não representaria empecilho algum por parte do movimento político para que um metodista viesse a se tornar integralista.<sup>227</sup>

Conquanto, como se reparou nas produções sobre a história do metodismo, desde sua chegada ao país, houve uma aproximação muito forte da designação religiosa com a maçonaria – inimigo declarado da Igreja Católica e do integralismo brasileiro – não sendo raro que muitos metodistas simultaneamente também integrassem a instituição secreta.

Nesta seara, o intrigante sobre a constituição da AIB em Juiz de Fora origina-se do fato de que foi possível desvelar a participação na cidade de metodistas maçons no seio do integralismo, malgrado o movimento político ter vetado, peremptoriamente, a participação de seus membros em tal instituição.<sup>228</sup>

Para se ter uma ideia de como essa interdição era profunda e disseminada nas hostes integralistas, além de todos os ataques realizados pelas obras de Gustavo Barroso à maçonaria, ocorreram em várias localidades ameaças desferidas pelos camisas verdes à instituição e a seus membros, tal qual a ocorrida na loja maçônica paulistana Quintino Bocaiúva nº 10:

Em outras Lojas, a ameaça integralista parecia evidente, na Quintino Bocaiúva nº 10 uma Loja Paulistana, os membros começam a assinar nas sessões nomes de guerra, alarmados com as movimentações do integralismo e sobre o conteúdo da futura Constituição que seria promulgada. Segundo Gonçalves, isso seria uma prevenção a Eventuais perseguições dos seguidores de Plínio

<sup>227</sup> Apesar de ter tentado conseguir o apoio oficial da Igreja Católica e de contar com a presença de muitos padres em suas hostes, o integralismo constituiu-se como um movimento político ecumênico. Observou-se uma maior proximidade dele com o catolicismo, com destaque para a região nordeste, ao passo que sua aproximação com as vertentes do protestantismo ocorreram na região sul do Brasil. Sobre as relações entre catolicismo e integralismo ver: (CAMPOS, 2003; DA SILVA, 2010; FAGUNDES, 2010; LUSTOSA, 1976; MOURA, 2010; SIMÕES, 2005; WILLIANS, 1974). Sobre as relações entre integralismo e protestantismo ver: (SILVA; CALIL, 2000 e GONÇALVES, 2004; 2007).

<sup>228</sup> Como se verá no capítulo cinco, houve uma certa distância entre o plano discursivo e o plano prático dos principais líderes integralistas – à exceção de Gustavo Barroso – das relações entre a AIB e a maçonaria.

Salgado. Em dezembro de 1933, o Mestre da Quintino pede atitude de controle da entrada de pessoas no prédio, visto que houve uma tentativa de assalto e incêndio das dependências físicas. (GOHL, 2003, p. 136)<sup>229</sup>

Por outro lado, de igual maneira como a participação de integralistas na maçonaria era combatida por suas lideranças, o caminho inverso também se verificava no que tange à participação de maçons no integralismo. Um episódio emblemático sobre isso teve como sede a Loja Maçônica União III, de Porto União da Vitória-PR, no decorrer do ano de 1937, quando seus integrantes, em correspondências trocadas entre diversas de suas lojas, foram incitados a se colocar em guerra contra o integralismo. Ao tratar das comunicações que chegavam à mencionada Loja, atinentes ao integralismo e ao modo como esta as recebia, Jeferson Willian Göhl atestou:

No mês de setembro de 1937, chegavam à Loja comunicações inter-lojas, como a da Loja Ordem e Justiça 11 no Oriente de Assis, concitava aos maçons a mover em guerra de extermínio ao seu inimigo número 1, o Integralismo. E não raras eram as manifestações dando inteiro apoio por parte da União III. (GÖHL, 2003, p. 130)

Outra manifestação maçônica contrária ao integralismo, também no estado do Paraná, desta vez ocorrida na Loja Perseverança de Paranaguá-PR, trouxe à baila o caso envolvendo a escrita de um opúsculo pelo maçom Dario Nogueira dos Santos. No documento, em 1934, o autor teceu críticas ao *Manifesto Integralista*, à sua violência, inserindo os posicionamentos da AIB ao lado das experiências fascistas europeias:

A Maçonaria combate as guerras que estiolam, aviltam, deprimem, e ferem diretamente a solidariedade, fraternidade e igualdade humana, no entanto, a Ação Integralista está francamente ao lado das forças armadas desejosas de seu apoio, para conquistar o poder, para a anunciada grande marcha sobre o poder, como Mussolini e Hitler já fizeram nos seus Países. O Integralismo estabelece a luta racial de acordo com os dizeres do Chefe Nacional Plinio Salgado: “- O Brasil, poderá viver unido e forte, indestrutível, livre da invasão do proletariado internacional, livre o judaísmo capitalista de Londres e Nova York, assim como livre do judaísmo”. Como estabelecer a fraternidade universal alimentando campanhas raciais quando a Maçonaria tenta e tentou sempre pela frateria humana. As leis sociais e científicas não podem estar divorciadas da natureza e atualmente que nosso planeta já foi volteado tantas vezes e diariamente e circumscrio pelas mais soberbas aeronaves ele anuncia um ideal mais elevado, humanismo, universal, e não calcado aos pés de um chefe nacional que quer ser infalível como o papa e, tem uma ousadia de prometer a formação da consciencia nacional em torno de programa tão mesquinho. (SANTOS, 1934, p. 8-9)

<sup>229</sup> Para mais informações sobre esses eventos ver: (GONÇALVES, 1998, p. 10).

Repercutindo este documento, Jeferson Wilian Göhl salientou que, extrapolando seu conteúdo, este material é importante por ser acompanhado de comentários elogiosos em sua introdução, que foram escritos pelo Grão-Mestre General Moreira Guimarães, – o que sugere ter essa posição o apoio daquele que entre 10/01/1933 e 21/11/1938 ocupou o posto de maior relevo na maçonaria brasileira – expressando não só o posicionamento de seu relator, como também o do Grão mestre e da Loja maçônica da cidade, formulação que, provavelmente, ecoava por todo o país no cerne da maçonaria.

O autor, ou melhor o relator, já que o texto também era a opinião de uma Loja, é o maçom Dario Nogueira dos Santos, da Loja Perseverança, de Paranaguá. Seu opúsculo é comentado na introdução pelo Grão-Mestre da Ordem, General Moreira Guimarães, com palavras elogiosas e carrega a ênfase no caráter da disputa político religiosa empreendida pelo integralismo. O opúsculo em si trata de uma análise do Manifesto da Ação Integralista, constando de seis páginas que, segundo o General, resumem os melhores argumentos sobre a doutrina do integralismo, inicia-se da seguinte forma: A Ação Integralista Brasileira é contra a liberdade de consciência e defende uma inquisição político religiosa. (GÖHL, 2003, p. 133-134)<sup>230</sup>

Devido aos eventos da chamada *Batalha da Sé*<sup>231</sup> no dia 7 de outubro de 1934, a Loja Maçônica Piratininga, situada neste local onde aconteceram os confrontos que envolveram os camisas verdes, acabou sendo interdita, embora autores afirmem que não tenha ocorrido a participação dos maçons nos enfrentamentos. (CASTELLANI, 2012, p. 154-155)

Como desdobramentos deste episódio, no mês seguinte o Grande Oriente do Brasil, liderado pelo Grão-Mestre General Moreira Guimarães, expediu uma circular, que atendia às consultas de várias lojas sobre qual atitude tomar frente aos integralistas que, distribuída para todas as Lojas a ele subordinadas, trazia o seguinte conteúdo:

O integralismo e a maçonaria são instituições que se repelem; não deve a maçonaria admitir integralistas em seu seio, o que motiva em considerações que expõe; os Maçons integralistas renegam os princípios liberais maçônicos, prova já dada pelos respectivos procedimentos na Itália, em Portugal e na Alemanha; às Lojas compete deliberar sobre a conveniência de conservar ou eliminar dos seus quadros os Maçons que agem contra os princípios maçônicos. (CASTELLANI, 2012, p. 155)<sup>232</sup>

<sup>230</sup> Para mais informações sobre a Loja Maçônica de Paranaguá, sobre este material e a figura de Dario Nogueira dos Santos que inclusive teve atuação direta na expulsão da maçonaria de seis militantes integralistas, ver: (ALVES; CAVANNA, 2015).

<sup>231</sup> Sobre o evento, ver: (ABRAMO, 2014).

<sup>232</sup> Por conta desta cronologia envolvendo os confrontos da Batalha da Praça da Sé e a circular expedida pelo Gal. Moreira Magalhães, conjectura-se que o opúsculo escrito por Dario Nogueira dos Santos (SANTOS, 1934) tenha sido publicado próximo a este contexto de ruptura, num momento logo posterior à tomada de posição por parte do líder máximo da maçonaria no país.



À vista deste posicionamento adotado pela maçonaria, que passou a proibir a participação de seus membros no integralismo, tem-se que, em Juiz de Fora, a presença de integralistas na instituição era um fato que gerava uma situação inusitada, da mesma forma como o que ocorria no interior do integralismo.

Portanto, ao se revelar esses espaços de conflitos, é importante verticalizar na trajetória de Oscar Machado, focando justamente nesses aspectos que foram observados e nos trouxeram a essa questão, cujos apontamentos iniciais foram abordados anteriormente nos trabalhos mencionados sobre Juiz de Fora.

O diálogo com esses trabalhos é necessário pois ajuda no exame da importância e da precocidade do posicionamento político pró integralismo de Oscar Machado no solo mineiro sendo que, cotejados com os estudos que se voltaram para a observação do integralismo no Rio Grande do Sul, contribuirão para que se coloque em perspectiva a atuação deste personagem ao longo do tempo.

A esse respeito, entende-se que o enfoque centrado em um personagem, imerso em um recorte espacial menor, a depender dos questionamentos colocados, se torna muito valiosa. Diversamente do que se poderia propor, ao invés de se manter presa a aspectos locais ou regionais, seja em Minas Gerais ou no Rio Grande do Sul, perdendo de vista elementos mais amplos, ela contribuirá para o redimensionamento de várias temáticas, pois, ao se remeter a regiões diferentes dos centros difusores da doutrina integralista, como São Paulo e Rio de Janeiro, apresentaria dinâmicas e alianças políticas inovadoras, corroborando a expansão da temática.<sup>233</sup>

Destarte, mesmo que à primeira vista este estudo pudesse ser tomado com uma abordagem regional ou centrada apenas em um personagem, com a trajetória de Oscar Machado, lançar-se-á o olhar para questões maiores que trarão à tona um maior entendimento sobre o integralismo, suas especificidades, seus trânsitos políticos e ideológi-

---

<sup>233</sup> Acentua-se que, até o momento, não se conhece nenhum esforço dedicado a investigar a trajetória de um personagem que, nas hostes integralistas, tenha circulado por estados diferentes, com representação e destaque nacional, ocupado postos importantes na hierarquia do movimento, tampouco que tenha experienciado em sua vida tantas incongruências à luz de seu aparelho doutrinário. Outras lideranças integralistas que atuaram no Rio Grande do Sul e possuem trajetórias similares à de Oscar Machado, participando da AIB em outros estados merecem estudos mais detalhados, como o que ora se propõe. São os casos, por exemplo, de Nestor Contreiras Rodrigues que foi enviado do Rio de Janeiro para assumir a chefia provincial gaúcha após um período conturbado e João Leões Sobrinho, camisa verde ligado à AIB de São Paulo, que teve uma atuação importante na instalação do integralismo em Porto Alegre. Sobre Nestor Contreiras, há um estudo que aborda seu julgamento no Tribunal de Segurança Nacional, contudo, não se trata de um estudo biográfico como o ora proposto. Sobre isso, ver: (NEVES, 2013).

cos, principalmente por ter como foco um agente com representatividade tão intensa na sociedade brasileira.

### 3.4 ENTRE A CRUZ, O COMPASSO, O SIGMA E A FOICE E O MARTELO: AS DIVERGENTES MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS NO *GRANBERY*

Na documentação produzida pelas atividades educacionais do *Granbery*, foi possível identificar que, na década de 1930, parte das disputas políticas que existiam em nossa sociedade se fizeram presentes neste local, aspecto que, misturado com uma disputa por poder interna à instituição, gerou certo desconforto para alguns dos envolvidos.

Na primeira reunião da Congregação do *Granbery*, ocorreu a apresentação de Oscar Machado e Dr. Maurício Murgel aos demais professores. Dentre os vários assuntos que foram tratados na ocasião, sublinha-se o pedido que foi feito pelo reitor Walter Harvey Moore ao corpo docente para que não se falasse de política durante as aulas, ação que demonstra a preocupação de sua administração com a candente situação nacional.<sup>234</sup>

Num contexto marcado por séria instabilidade social, política e econômica advindas, por um lado, de fatores externos como a ocorrência da Revolução Russa, a ascensão do fascismo, a crise da Bolsa de Valores de Nova Iorque e, por outro, de fatores internos, como a eclosão de revoltas urbanas e rurais, se concebe o porquê da existência da preocupação com manifestações políticas por parte da diretoria do *Granbery*.<sup>235</sup>

Nesse sentido, contrariando a solicitação feita por Walter Harvey Moore, trazendo para o interior do *Granbery* aquilo que se contemplava na política nacional e internacional, se fizeram presentes os defensores do ideário socialista-comunista e seus inimigos que se encontravam situados num espaço diametralmente oposto no espectro político, os defensores das experiências fascistas que se espalhavam pelo planeta no período entreguerras e que, no Brasil, possuiu sua maior personificação no movimento integralista.

<sup>234</sup> *Ata da Congregação do Granbery*, 14/02/1930, p. 79.

<sup>235</sup> Como exemplo destas revoltas, desde o início do século XX, podemos citar a revolta Chibata, da Vacina, Canudos, o Cangaço e as Greves de 1917 às quais, na década seguinte, se somaram a Revolta dos 18 do Forte e os eventos envolvendo o movimento tenentista. Quando associadas à ebulição ocorrida no cenário político-cultural brasileiro em 1922, derivada da fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB) e da realização da Semana de Arte Moderna, ajudam a compor o painel que ajudou a acirrar ainda mais o cenário de disputas políticas nacionais que, após a eclosão do golpe de 1930, concorreria para a aparição de soluções extremistas frente à ameaça nacional e internacionalmente representada pelo avanço do “perigo comunista”. Sobre os eventos mencionados ver: (NASCIMENTO, 2008; SEVCENKO, 2001; MONTEIRO, 2011; CLEMENTE, 2009; LOPREATO, 2000; BOAVENTURA, 2000; CARONE, 1989; CHILCOTE, 1982; PACHECO, 1984 e BORGES, 1992).

Nos documentos oficiais e no jornal do *Granbery*, cuja supervisão até o início do ano de 1930 estava a cargo do professor Irineu Guimarães<sup>236</sup>, não foram encontradas muitas menções alusivas ao clima político. No que concerne ao golpe de 1930, a única matéria publicada, apesar de posicionar o instituto a favor do movimento golpista e de enaltecer os reservistas do *Granbery*, voltou a frisar que não se permitiram manifestações dirigidas ao momento vivenciado para não trazer quaisquer tipos de complicações seja em nível interno ou externo para o mesmo.

Durante os dias de revolução o collegio não suspendeu suas aulas. Ellas continuaram com toda a regularidade possível. Chamados os reservistas compareceram quasi todos<sup>237</sup>. Alguns conseguiram transpor as fronteiras, já nos ultimos momentos da luta e se apresentaram as hostes revolucionarias.<sup>238</sup> O *Granbery* não prega partidos politicos. Prega o civismo que é a completa liberdade consciente. Assim é que victoriosa a revolução e de novo a paz, as senhoras Yonne Saldanha da Affonseca e Eunice Weaver offereceram uma festa em alegria pela volta de todos, pela paz e pelo cumprimento do dever. A administração do collegio foi estremamente rigorosa em prohibir qualquer discussão em aula e qualquer manifestação que pudesse trazer dificuldades á ordem ou ao nome do estabelecimento. (*O Granbery*, 29/11/1930, p. 4)

Nos anos seguintes, o tema política só voltou a ser mencionado no jornal do instituto em 1933 quando, em matéria intitulada *Renovação*, o autor, sob o pseudônimo “Benco”, explanou a crise econômica mundial e enfatizou que o presidente norte americano Franklin Delano Roosevelt (1933-1945) havia criticado o liberalismo econômico, colocando-o como um dos responsáveis pela situação vivida aquela época. (*O Granberyense*, 08/09/1933, p. 3)

<sup>236</sup> Irineu Guimarães deixa a redação d’ *O Granbery*. *O Granbery*, 15/03/1930, p. 3.

<sup>237</sup> A matéria se reporta aos reservistas do tiro de Guerra do Granbery. Sobre o tema, entre outros artigos do periódico, ver: (*O Granbery*, 10/11/1928, p. 54 e *O Granbery*, 10/11/1929, p. 51).

<sup>238</sup> Sobre os embates do movimento em Minas Gerais e, em especial, na região de São João del Rei e Juiz de Fora, tivemos: “Belo Horizonte foi ocupada e boa parte de sua população aderiu aos batalhões de voluntários que logo se formaram. Prevendo resistência no setor da Mantiqueira e na região de Juiz de Fora, o comando do movimento bloqueou as estradas de ferro, isolando o 12º RI e impedindo a circulação de tropas, equipamentos e informações. Em seguida, deslocou seu quartel-general para Barbacena, ao mesmo tempo em que determinava o ataque ao 10º BC, sediado em Ouro Preto. Ao primeiro combate, essa unidade se dispersou e parte de seu contingente se deslocou para São João del Rei, onde se juntou às tropas do 11º RI, sediado naquela cidade. O 4º Regimento de Cavalaria Divisionária, de Três Corações, também ofereceu resistência. Na luta travada em torno dessa cidade, morreu Djalma Dutra, veterano da Coluna Prestes, vitimado por uma bala de suas próprias forças. As tropas governistas reunidas em São João del Rei capitularam no dia 15 de outubro, enquanto em Juiz de Fora resistiram até o dia 23. Alguns dias antes, quando a vitória da revolução já estava praticamente assegurada em Minas, uma coluna de forças revolucionárias partiu em direção ao Espírito Santo, ocupando Vitória no dia 19 de outubro.” (ABREU, s/d) Sobre o evento que ficou conhecido como Revolução de 1930, além do verbete supracitado, entre outros, ver: (FAUSTO, 1997; FERREIRA; PINTO, 2003 e PANDOLFI, 2003).

Apresentado sob uma concepção bastante diferente daquela vista em relação ao liberalismo de cunho conservador difundido desde o final do século XIX por parte do metodismo, salienta-se que, desta vez, ele foi colocado como símbolo de atraso.

Na leitura do autor, as conquistas obtidas graças ao liberalismo derivaram de um contexto específico no qual pairava a ignorância dos povos, posto que ele teria resultado na vida privilegiada de uns poucos em prejuízo da maioria. Por conseguinte, somente a força da juventude é que poderia contribuir para a renovação e restauração geral através do Estado Corporativo, apontado como a solução para a crise da liberal-democracia, seja nos EUA, Itália ou Brasil.

De tudo isso se conclue que as corporações de todos os que trabalham em qualquer profissão ou função, cabe a iniciativa de, pelo espírito renovador que os anima, intervir na vida política, isto é, na realização do bem publico, por intermedio da juventude ainda não contaminada por idéas que devem, por arcaicas, ser relegadas ao dominio das cousas futeis. O Estado Corporativo, com sua feição profundamente humana e social, resolverá as dificuldades atuais, nos Estados Unidos, como aconteceu na Itália, está acontecendo na Allemanha e como necessariamente acontecerá no Brasil. (*O Granberyense*, 08/09/1933, p. 3)

Se teria ocorrido um certo eclipse entre a aparição da matéria que havia se posicionado sobre aos eventos de 1930 e esta de 1933, sabe-se que, à revelia do posicionamento da administração do *Granbery*, as manifestações políticas não cessaram por completo, sendo este último texto analisado um indício disto. Desde as décadas iniciais de sua existência, como se pôde perceber pelos fatos ocorridos em 1908, quando eclodiu uma greve estudantil, conclui-se que existia uma tradição de uma ativa participação dos alunos em atividades e órgãos da escola nos quais a política era um dos elementos abordados. (NOVAES NETTO, 1997, p. 61)

Um dos centros fomentadores deste ativismo dos alunos seriam os Grêmios Literários formados no instituto, que desenvolviam atividades de debate acerca de aspectos culturais e políticos e também os espaços de formação política, a exemplo do Centro Cívico que, neste mesmo ano de 1933, era dirigido por Irineu Guimarães.<sup>239</sup>

<sup>239</sup> Arabela Campos Oliven, ao debater sobre as influências que os *Colleges* norte-americanos exerceram sobre as faculdades brasileiras, destacou a existência destes órgãos como os grêmios literários, fraternidades, dentre outros que existiam nos EUA desde o século XIX: “Na segunda metade do século XIX, estudantes universitários fundaram diversas organizações como grupos literários, sociedades secretas, times de futebol, clubes sociais, bem como fraternities (fraternidades).” (OLIVEN, 2005, p. 115) Sobre a tradição dos órgãos estudantis no *Granbery* como os Grêmios Literários que fomentavam o debate e a participação dos alunos em temas que envolviam o universo político ver: (DELMONTE, 2010).

Nas informações trazidas pelo jornal *O Granbery*, esse órgão foi fundado pelo docente que, desde 1928, também foi seu presidente.

Fundador do Centro Civico, é o nosso redactor chefe o seu presidente desde 1928. O Centro Civico tem nas suas actividades o promover conferencias por homens ilustres em qualquer esfera social. Espera trazer neste anno o escriptor Goulart de Andrade da Academia Brasileira de Letras. Tambem de seus regulamentos das a todo socio de 21 anno o titulo de eleitor para o voto consciencioso de uma patria livre. (*O Granbery*, 25/04/1929, p. 1)

Como se constata na matéria acima, escrita por ocasião do aniversário de Irineu Guimarães no ano de 1929, o mesmo havia fundado o Centro Cívico do *Granbery* que, além de funcionar como um local onde se realizavam palestras com personalidades nacionais, também se incentivaria a participação nas eleições por parte dos membros que já se encontrassem habilitados para tanto.

O Cento Civico d'OGranbery, fundado em 12 de Outubro de 1928 pelo professor Irineu Guimarães, vem, desde o seu início, exercendo as suas actividades, colocando-se á frente de todos os movimentos patrióticos no seio da mocidade granberriense, despertando na mesma o interesse pelo civismo nacional. As sessões civicas do collegio caracterizam-se pela solenidade com que são revestidas. Todos os feriados, bons oradores fazem ressaltar os acontecimentos históricos mais célebres. E as datas mais significativas, com carinho, são lembradas e homenageadas, insuflando no espirito da coletividade o verdadeiro amor pelo que é nosso e o modo pelo qual havemos de prosperar. Vários vultos de valor nos têm visitado, trazendo o estímulo e eloquência da palavra. (*O Granberyense*, 20/10/1933, p. 1)

No bojo dos eventos realizados pelo Centro Cívico, Oscar Machado foi um dos inúmeros palestrantes que tiveram sua vez em tal órgão, em virtude da realização de comemorações das diversas “datas nacionais” dos povos que teriam constituído nossa população. Obedecendo a essa lógica justificadora de sua existência, as reuniões realizadas no mês de setembro de 1932 contaram também com a participação de representantes dos Grêmios Literários do *Granbery* para que esses também discorressem sobre as temáticas que envolveriam algumas destas “datas nacionais”. (*O Granbery*, 30/09/1932, p. 7)

Logo, cumprindo com essa tarefa de explorar temas ligados à história de nosso país, buscando sempre contar com a presença de personalidades de nosso cenário cultural e político foi que o órgão, em 1933, a convite do professor Irineu Guimarães, trouxe ao *Granbery* Gustavo Barroso<sup>240</sup>, um dos três principais líderes do integralismo ao lado

<sup>240</sup> No ano de 1923, Gustavo Barroso teve sua condição de intelectual reconhecida nacionalmente ao ser aceito como membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), tendo também sido o fundador do Museu

de Plínio Salgado e Miguel Reale, para a realização de uma série de conferências de caráter cívico-literária, consoante noticiou o jornal *O Granberyense*.<sup>241</sup>

A visita intelectual que nos honra, deixará nos anais da nossa história, uma página auri-fulgurante de um acontecimento inapagável! O dr. Gustavo Barroso é um desses brasileiros preclaros, que se impõem pela personalidade intangível e pelo idealismo sadio, bem como pelo caráter inflexível. Autor de cinquenta e tantos livros, colaborador de inúmeras revistas e jornais, redator-chefe do nosso popular “Fon-Fon”, conhecedor profundo de todo o movimento político do Brasil, coloca-se ainda como leader invulnerável do Partido Integralista. Sua excia não virá realizar um desejo seu, mas, sim, atender gentilmente a um convite nosso, pelo que, desde já hipotecamos-lhe a nossa sincera gratidão, certos de que sua vinda ao Granbery marcará um ponto luminoso nas nossas páginas e será um dos raros acontecimentos na nossa vida colegial. Certos de que tudo o que pleiteamos é pela honra da pátria, saudamo-la na pessoa ilustre do dr. Gustavo Barroso! (*O Granberyense*, 20/10/1933, p. 1-2)

Denota-se que, mesmo descrita como uma conferência cívico-literária, em sua própria divulgação no jornal *O Granberyense*, era evidente que o evento se caracterizava por seu aspecto político. Na matéria, adstritas às atividades intelectuais de Gustavo Barroso, salientou-se também seu conhecimento do ambiente político nacional, mencionando-se que, neste, ele também se colocava como um dos líderes do “Partido integralista”, situação que demonstra claramente que o Centro Cívico e seu presidente eram conhecedores daquilo que viria a ser proferido por Barroso.

Isso pode ser comprovado na leitura de seu livro *O integralismo de norte a sul*, no qual Gustavo Barroso reproduziu na íntegra o conteúdo das duas conferências que realizou no *Granbery* nos dias 20/10/1933 e 21/10/1933. Na primeira delas, intitulada “*A inquietação do século XIX e a Reconstrução do século XX*”, após criticar o liberalismo e o socialismo como vetores da inquietação e destruição da sociedade, sua inclinação para a defesa do antissemitismo esteve bastante presente em sua fala:

O século XIX separou, dividiu tudo, fenómenos, teorias e homens. Pensando destruir de vez a sociedade, o espírito do judaísmo-cosmopolita preparou os meios duma síntese que lhe será fatal. O século XX veio encontrar a desunião e a desordem em todos os mundos; porém, dentro delas, o enriquecimento da ciência pelos fatos concretos e pelas relações de fenómenos em todos os campos do saber. Procedeu à sistematização dos conhecimentos adquiridos e das descobertas feitas, aplicando-os à economia, à arte, à religião, à moral e

---

Histórico Nacional em 1922, permanecendo como seu diretor até o ano de seu falecimento em 1959. Na verdade, entre 1930 e 1932, houve um pequeno interregno em que acabou ficando afastado do cargo em razão de algumas discordâncias dele em relação ao governo Vargas. (DE SOUZA; FAULHABER, 2010)

<sup>241</sup> Desde 14/06/1933, o jornal, anteriormente chamado *O Granbery*, passou a ser intitulado *O Granberyense*.

sobre uma nova concepção do mundo alicerçando os edifícios políticos das nações. (BARROSO, 1934a, p. 99-100)

Em seu discurso, num tom bastante próximo do detectado na matéria antes citada que havia sido publicada no jornal *O Granberyense*, ele colocou que os problemas e inquietações que enxergava na sociedade eram frutos de projeções intelectuais errôneas como o liberalismo e o socialismo que haviam influenciado as esferas econômica, política e social. (BARROSO, 1934a, p. 107-108)<sup>242</sup>

Para resolver estas inquietações, acreditando na importância do labor intelectual e no poder que ele teria para alterar o estado das coisas, Gustavo Barroso preconizou que a saída para os problemas vividos seria a reconstrução da sociedade a partir das doutrinas totalitárias que iriam se adaptar à realidade brasileira intermediadas pela atuação, não de políticos, mas sim dos pensadores aos quais caberia a tarefa de se erigir o “Brasil Novo” sustentado nesses pilares. (BARROSO, 1934a, p. 107-108)

No dia seguinte, na segunda conferência que realizou no *Granbery*, intitulada “*O sentido novo da política, da educação e da economia*”, ele discorreu sobre a importância de se realizar uma educação adequada em contraposição ao que se estava ensinando. Em sua argumentação, os educadores teriam um papel primordial para que se pudesse erigir os pilares que iriam modelar nossa sociedade em conformidade com as aspirações intelectuais e espirituais que deveriam reger nossas vidas em detrimento do que pregava o materialismo.

A educação é a própria substância da vida, sobretudo da sua parte espiritual. Assim, somente na escola verdadeiramente se pôde modelar a sociedade. A educação traçará as normas mentais que configurarão a alma e os anéis da mocidade. A nação forma-se, portanto, estratifica-se nos bancos das aulas e, mais do que a nação, mais amplo do que ela, o próprio espírito numa época. Daí a gravíssima responsabilidade que pesa sobre os ombros dos homens que educam a juventude. Eles teem deante de si um terreno virgem e adubado de entusiasmo juvenil, no qual germinará viçosamente o que plantarem, o bem ou o mal, a coragem de afirmar ou o medo da negação, raízes que durarão toda a vida e que, mesmo arrancadas, deixarão a profunda marca de sua existência. Cuidado, pois, ó mestres, com a qualidade das sementes que ides semear! Se elas fôrem as da dúvida ou as da destruição, vosso crime é o maior de todos os crimes, porque é o envenenamento consciente do futuro! (BARROSO, 1934a, p. 109-110)

É possível perceber no teor de seu discurso um ponto de aproximação com aquilo que se arraigava nas práticas pedagógicas metodistas: a ideia de que mediante um modelo educacional concebido como moderno se poderia moldar a sociedade. Essa as-

<sup>242</sup> Ver: *O Granberyense*, 08/09/1933, p. 3.

serção é erigida sobre a lógica de que um de seus desígnios, o de formar lideranças para influir nos centros decisórios de modo a difundir o corolário de ideias defendidas pela denominação religiosa, constituía-se como um dos pilares de sua atuação no setor educacional, no qual se tinha uma preocupação muito grande com o papel desempenhado pelos docentes.

Na continuação da fala de Gustavo Barroso, novamente ele voltou a criticar o liberalismo, com o falso intelectualismo dos partidos burgueses. Em seu encadeamento, os princípios desagregadores desta corrente de pensamento se difundiram em várias gerações como uma espécie de vírus que levava à desordem mental, à indisciplina, ao pragmatismo e à total materialização do sentido da vida. (BARROSO, 1934a, p. 102)

Em seu pensamento, estes comporiam aspectos a serem combatidos por um ensino adequado que misturasse teoria e prática com o desígnio de impedir o avanço de falsas teorias que estavam a serviço daqueles que estariam por detrás da bancarrota total para onde caminhava o mundo, os banqueiros judeus. Todavia, essa conspiração secreta internacional<sup>243</sup> seria derrotada pelo advento do fascismo que assim foi por ele definido:

De um modo geral o fascismo de agora não é uma simples ditadura como vulgarmente se pensa ou se procura propagar, porem uma filosofia que realiza essa sintese e a projeta na cultura e na fôrma da sociedade, creando um novo sentido da vida, renovando e reconstituindo a verdadeira doutrina politica dos Estados cristãos, cuja unidade social valoriza o individuo pelo respeito á autonomia de sua personalidade, subordinando-o, contudo, aos interesses da comunhão. (BARROSO, 1934a, p. 120)

Na parte final da conferência, Gustavo Barroso atestou que o estado de crise vivido, que parecia ter uma natureza eminentemente econômica, possuía, de fato, como causa, o aspecto espiritual. Para o líder integralista, o espírito teria sido deixado de lado quando a matéria teria se elevado ao apogeu da dominação universal, situação para a qual os pensadores como ele já teriam se atentado e passariam a se digladiar com a

---

<sup>243</sup> Como uma dessas falsas teorias sobre as quais se organizava o equivocado modelo de ensino, Gustavo Barroso destacou as ideias defendidas por Sigmund Freud, que atacariam as bases tradicionais de nossa sociedade, a fé, o amor e o espírito de sacrificio em prol de ideais superiores que estavam sendo minadas pelo que chamou de “Espírito das Trevas”, orquestrado por um ataque advindo daqueles que manejavam o dinheiro, os judeus. Em suas palavras: “A Inglaterra atual é a prova provada disso e a América foi a vítima dessa autocracia de nova especie, cuja pretensão só é igual á sua leviandade. O que agora se afunda descamba numa decrepitude que insuspeita testemunha, o sr. Luicien Romier, assinala não é propriamente o capitalismo, porém seu exagero sob a fôrma bancaria ou produtiva. Entretanto, indubitavelmente, a ruina total arrastará com os responsáveis pelos excessos, muitos inocentes e já a economia média expia cruelmente erros de que não é responsável senão por descupavel descuido. A bancarrota final do mundo, se até lá fôssemos sem razão salvadora pelo caminho, o que não é mais possivel, seria também, castigo justo, a bancarrota total do argentarismo judaico que a provocou.” (BARROSO, 1934a, p. 119)



mesma em defesa da tradição cristã na educação e na política, com o intuito de poder salvar a civilização que estava em perigo:

Sem negar os fenómenos do determinismo materialista sobre que se alicerça o comunismo, sem negar os fenómenos do racionalismo individualista sobre que se estriba o liberalismo-democrático, a nova síntese considera-os contingentes e unilaterais, completando-os com os fenómenos superiores do espírito, destinados a disciplina-los e a conduzi-los. Só a volta, pois, á verdadeira tradição cristã, na educação, na política e na economia poderá salvar a civilização em perigo. (BARROSO, 1934a, p. 123-124)

Nestes dois dias de outubro nos quais proferiu estas conferências no *Granbery*, percebe-se que o teor de sua fala, – que estava bastante inserida na proposta de se voltar para a juventude, porquanto estava lá a convite do Centro Cívico – nitidamente, visava a fazer proselitismo político e atrair adeptos para o integralismo.

Permitindo que se conjecture que ideias semelhantes às que publicizou nestas ocasiões já circulavam no *Granbery*, o fascismo, essa nova síntese que ele defendia, seria disseminada em nossa sociedade por intermédio da mocidade na qual se deveria incutir os valores do sacrifício e da abnegação visto que ela seria a maior fonte de energia de um povo e o futuro do Brasil.<sup>244</sup>

Nós, os integralistas, falamos outra linguagem, linguagem decisiva e inconfundível, para a qual só podem ter ouvidos capazes de ouvir os moços de idade ou os moços de coração. As almas abertas e puras dos jovens são as que melhor e mais rapidamente a compreendem. Nós não fazemos promessas miríficas e falaciosas, nem projetamos nos horizontes revolucionários miragens deslumbrantes. Nós queremos construir um Brasil grande e forte, sabemos que essa obra gigantesca requer os mais pesados sacrifícios e convidamos os que nos escutam para sofrer conosco, batalhar conosco e morrer talvez conosco, sem mira em outra recompensa que não seja o fortalecimento e o engrandecimento da pátria (...) Assim, a educação que temos de dar á juventude será toda ela de molde a formar no substrato de sua alma um grande espírito de iniciativa, vigorosa e disciplinada individualidade, e um caráter capaz de unicamente servir os interesses superiores da comunidade com o mais solene desprezo pelos interesses de ordem pessoal. Nosso Evangelho somente comporta os homens que conhecem todos os seus deveres e nem se lembram que teem direitos. Estes lhes serão dados oportunamente. Essa educação deve ser realizada no sentido do dever integral e não somente do dever profissional ou familiar. (BARROSO, 1934a, p. 125-126)

Num plano geral, junto da outra conferência que ele proferiu no salão de festas do Palace Hotel de Juiz de Fora, intitulada “*Liberalismo, comunismo e integralismo*”, na qual o teor político e o conteúdo se voltaram mais detidamente para o integralismo e seus inimigos, a visita de Gustavo Barroso a Juiz de Fora, conforme relataram Mauricio

<sup>244</sup> Referimo-nos, mais uma vez, à matéria “*Renovação*” (*Granberyense*, 08/09/1933, p. 3).

Correa e Leandro Pereira Gonçalves, deve ser entendida como um dos tantos esforços que os líderes integralistas realizaram para divulgar o movimento na esteira das bandeiras ou caravanas integralistas<sup>245</sup> que percorreram boa parte do território nacional. (CORREA, 1973; GONÇALVES, CORREA, 2011)<sup>246</sup>

Neste domínio, a bibliografia referente à presença do integralismo em Juiz de Fora reitera que, se desde o mês de outubro do ano anterior havia surgido a primeira menção ao integralismo nos jornais locais<sup>247</sup>, teria sido somente após a visita do ministro alemão Schmidt Elskop, ocorrida em junho de 1933, que passaram a existir manifestações notadamente simpáticas ao fascismo nos jornais.

Dentre essas, se destaca uma matéria de 13/07/1933 que abordou a expansão integralista por algumas regiões do estado e informou que, viajando em direção a Belo Horizonte, Plínio Salgado e Olbiano de Melo teriam se hospedado por dois dias na cidade – ocasião na qual iniciaram as conversas para a fundação de um núcleo integralista. Por fim, nesta, também se lançou a pergunta a respeito de quando seria instalado um núcleo da AIB em Juiz de Fora. (CORREA, 1973, p. 68; GONÇALVES; CORREA, 2011, p. 214-216)<sup>248</sup>

Além da ocasião da passagem de Gustavo Barroso por Juiz de Fora, estas bandeiras ou caravanas integralistas voltaram a se fazer presentes na cidade com a visita de Plínio Salgado, ocorrida em 27/11/1933, sendo que, pouco tempo depois, em dezembro do mesmo ano, é que o primeiro núcleo integralista teria sido criado, o que denota a importância que estas tiveram.<sup>249</sup>

Assim, compreendendo que os esforços para a fundação do integralismo em Juiz de Fora, em seus primórdios, remetam-se às conferências realizadas por Gustavo Barroso no *Granbery*, é importante ressaltar que, curiosamente, o líder integralista lá tenha estado por convite do professor Irineu Guimarães, então presidente do Centro Cívico,

---

<sup>245</sup> Tais iniciativas, denominadas de bandeiras ou caravanas integralistas, constituíram uma importante estratégia para sua divulgação e, aparentemente, lograram muito sucesso. Seus líderes percorriam o interior e os grandes centros dos estados brasileiros realizando conferências com o intuito de propagandear a doutrina do movimento e assim contribuir para a criação e o fortalecimento dos núcleos. (PIMENTA, 2015, p. 235)

<sup>246</sup> Nos anexos se encontra um mapa das bandeiras integralistas das quais participou Gustavo Barroso. A realização destas, contemplando também as que passaram por Juiz de Fora, resultou no seu livro, *O integralismo de norte a sul*. (BARROSO, 1934a)

<sup>247</sup> Ver: *Gazeta Comercial*, 22/10/1933, p. 1.

<sup>248</sup> Ver: *Jornal do Comércio*, 13/07/1933, p. 3.

<sup>249</sup> Na zona da mata mineira, além de Juiz de Fora, foi relatada a passagem de caravanas integralistas em Barbacena contando com a presença de Olbiano de Melo e San Tiago Dantas em abril de 1934. (PIMENTA, 2015, p. 235)

que, num futuro próximo, se notabilizaria por assumir um posicionamento político diametralmente oposto ao integralismo, ao vir a militar no PCB.<sup>250</sup>

Portanto, por sua militância política nas hostes comunistas não datar deste período no qual se realizaram as conferências de Gustavo Barroso no *Granbery*, tampouco por Arsênio Firmino Novaes Netto, no estudo que realizou sobre a trajetória de Irineu Guimarães, mencionar que não encontrou quaisquer documentos que permitam seguramente supor que ele tenha mantido qualquer tipo de simpatia em relação ao integralismo a ponto de convidar para proferir duas palestras no instituto, uma de suas principais lideranças, é que se estranha o fato dele ser o responsável por trazer o chefe integralista. (NOVAES NETTO, 2004, p 46-47)<sup>251</sup>

Entretanto, nesta conjuntura, por meio da leitura da edição anterior do jornal *O Granberyense*, que retratou a presença de Gustavo Barroso para a realização das conferências, é possível comprovar que já existiam manifestações de apreço ao corporativismo. Isto se coloca pois se afirmou que, se fazendo presente na Itália fascista, onde resolveu as dificuldades, estando presente na Alemanha, inevitavelmente, ele iria se expandir para os EUA e Brasil. (*O Granberyense*, 08/09/1933, p. 3)

Apesar de Arsênio Firmino Novaes Netto reconhecer que a Igreja Metodista não aprovava que seus membros fizessem parte do integralismo, tendo inclusive publicado tal diretriz em seu jornal mais importante, o *Expositor Cristão*, e de ter alegado que não encontrara subsídios para propor qualquer simpatia deste com os camisas verdes, estranha-se o fato de Irineu Guimarães ter sido a pessoa que fez o convite para que Gustavo Barroso viesse realizar as conferências no *Granbery*.

<sup>250</sup> Ao se enveredar pelo universo da política, pelo fato da outra sigla se encontrar na ilegalidade, Irineu Guimarães foi eleito vereador em Juiz de Fora pelo PTB para a legislatura do período compreendido entre 1947 e 1950. Nesta ocasião, junto de seu companheiro de chapa e também membro do PCB, Lindolfo Hill, ele manteve fervorosos debates parlamentares com Abel Rafael Pinto, figura importante da AIB local, durante seu período de existência até dezembro de 1937. (BRAGA, 2006, p. 36)

<sup>251</sup> Sobre esta questão, não é descabido supor que o convite possa ter sido feito por Irineu Guimarães e Oscar Machado em virtude de ambos serem críticos ao liberalismo ou ainda pelo fato de que, em meio aos embates que se faziam presentes entre o comunismo e o fascismo, seja no Brasil ou no exterior, neste contexto no qual o pensamento político de Irineu Guimarães se delineava, ele tenha convidado o líder integralista para a realização destas conferências tendo, posteriormente, consolidado uma atuação política que se colocava em guarda contra o perigo fascista. Embora não se concorde com esta leitura, o próprio autor de sua biografia apresentou um depoimento do advogado e ex-professor do *Granbery*, José de Freitas e Silva cujo posicionamento parece refletir um pouco esse momento do desenvolvimento das ideias políticas de Irineu Guimarães, ao asseverar que ele: “(...) inicialmente, simpatizante do integralismo, passou às fileiras do comunismo, tendo sido considerado, segundo voz corrente, mentor da juventude comunista sul-americana. (NOVAES NETTO, 2004, p. 46)

Isto se agudiza ainda mais quando se observa uma foto tirada na frente do Instituto, na qual ele se encontra em meio ao grupo de professores junto de Gustavo Barroso e de um outro integralista vestidos com o devido traje do movimento político.<sup>252</sup>

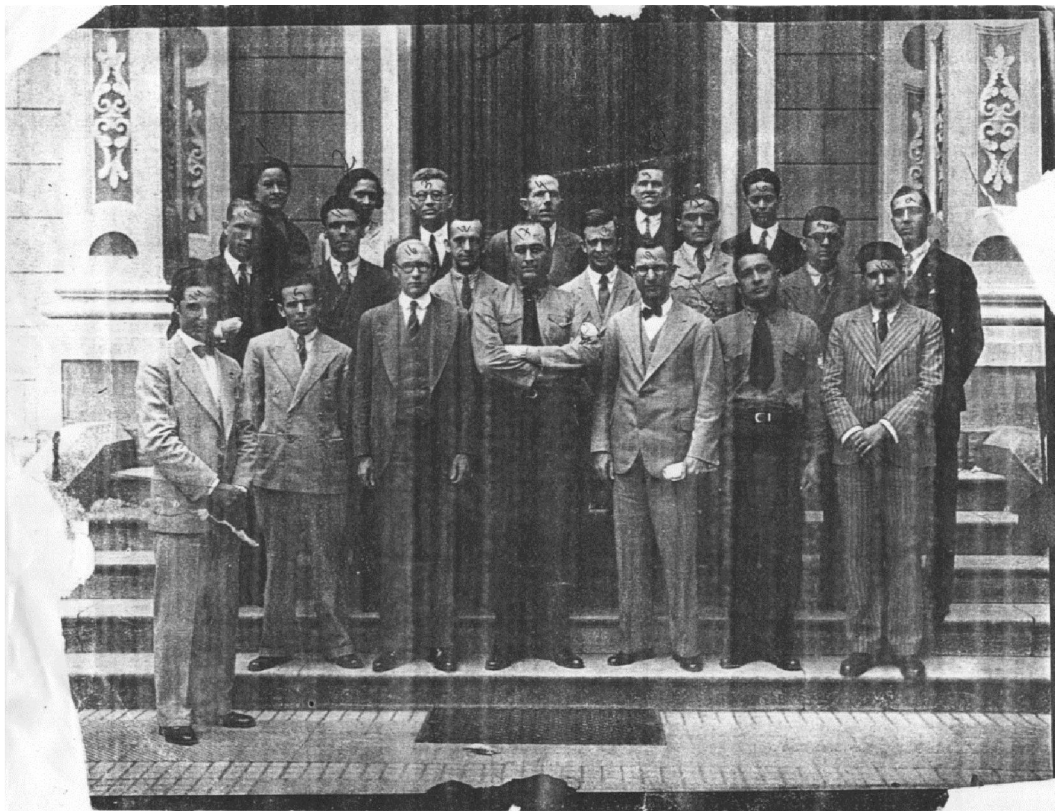


Imagem 8: Gustavo Barroso e outro integralista em meio aos professores do Instituto Granbery na ocasião da realização de uma das conferências de outubro de 1933. Arquivo Fotográfico Dr. Tarboux do Museu Granbery da Igreja Metodista.

No que tange à proibição da participação dos evangélicos na AIB, o artigo intitulado “O Integralismo: aviso aos evangélicos”, de autoria de Couto Esher, publicado em 13/10/1936 no *Expositor Cristão*, foi bastante enfático:

(...) um crente ou mesmo um liberal não pode ser integralista (...). O lema distintivo do integralismo, como o da ação social brasileira, que é a mesma cousa, na sua propaganda de princípios, e seus meios de levar a convicção aos espíritos, é pela razão ou pela força. Daí a formação das chamadas ‘tropas de assalto’ (à moda do fascismo)” Indo mais além, esse jornal traz, entre outras contraposições ao integralismo, a de atentar contra a liberdade, o direito e a democracia: “não somente perpetua a exploração do fraco senão que, em grotesco culto de auto-adoração, pretende sustentar o caráter

<sup>252</sup> Essa situação nos permite suspeitar ainda que, ao menos de sua parte, o convite feito à Gustavo Barroso para as conferências no *Granbery*, talvez tenha partido, justamente, pela posição de destaque no campo intelectual ocupada pelo líder dos camisas verdes.

messiânico de determinada ideologia, nacionalidade ou raça; estabelecendo-a da mesma maneira que o comunismo, por meio da ditadura, sabe-se como e quando começa; ignora-se, porém, quando e como termina. (NOVAES NETTO, 2004, p. 45)

À imagem acima, se soma uma outra integrante do mesmo acervo, que retratou a passagem de Gustavo Barroso pelo *Granbery*. Demonstrando que sua visita para a realização das duas conferências de outubro de 1934 tinha como claro o objetivo de publicizar o movimento, nesta segunda imagem, realizada por um plano mais amplo, ao lado dos alunos do instituto, ele e outras várias pessoas posaram fazendo a saudação integralista “anauê” com o braço direito levantado.

Se, por um lado, ela poderia ser entendida como uma manifestação de apreço pelo movimento ou de simples cortesia para com o líder integralista, sem que, necessariamente, representasse a adesão ao movimento por parte do corpo docente e discente, por outro, dados os indícios encontrados a partir desta sua visita, poderia também simbolizar o surgimento da defesa do ideário integralista no *Granbery*.



Imagem 9: Gustavo Barroso no Instituto Granbery para uma das conferências de outubro de 1933. Arquivo Fotográfico Dr. Tarboux do Museu Granbery da Igreja Metodista.

Isto é posto porque, em uníssono com parte da bibliografia e da documentação que retrataram o surgimento do integralismo em Juiz de Fora, indubitavelmente ele se manteve ligado a estas conferências mencionadas, pois, em dezembro deste ano, foi criado o primeiro núcleo integralista local, que contou com a participação de uma série de pessoas ligadas ao *Granbery* e à Igreja Metodista, dentre os quais se destaca o professor Oscar Machado, primeiro chefe municipal do movimento.

Nessa direção, em entrevista concedida ao jornal *O Granbery*, dois meses depois da presença do líder integralista no instituto, Oscar Machado fez uma análise do impacto que esta trouxe, bem como do próprio movimento político num plano mais geral. Sobre o primeiro ponto, alegou o seguinte:

Acho que Gustavo Barroso veio ao Granbery numa hora oportuníssima. O Granbery é uma sociedade em miniatura. A inquietação social contemporânea repercute em nosso meio. Todos nos deleitamos com as palavras do grande líder da mocidade. E isso porque nós estávamos precisando ouvir o que êle disse. Quer vistamos a camisa verde ou não, todos nós devemos ser integralistas. A grande maioria dos granberrienses reagiu favoravelmente diante do apêlo feito ao espirito moço pelo eminente brasileiro que nos visitou. Acredito que a vinda de Gustavo Barroso é a maior contribuição que o Centro Civico já fez ao nosso Instituto. (*O Granberyense*, 18/12/1933, p. 3)

Quando indagado sobre o caráter doutrinário do integralismo, Oscar Machado alegou que ele seria superior às demais correntes políticas que existiam dada a concepção filosófica que a embasaria, mais voltada para a vida real e menos afeita aos extremismos da esquerda ou ao conservadorismo da direita:

O liberalismo, por exemplo, hipertrofia um aspecto do individuo. Crêa o homem cívico. Tudo resolve pela mentira do voto. Dá lugar ao racionalismo individualista que, sendo egoista, gera o capitalismo internacional, que é a causa da depressão econômica presente. O Socialismo, do outro lado, exagera o aspecto econômico da vida. Assim como o Liberalismo crêa o homem cívico, o Socialismo crêa o homem estomago. O Integralismo une esses dois aspectos da vida pela influência superior do Espírito. Vê o homem total, integral – corpo razão e espirito. Logo tem lugar para a Economia e a Política, mas, completando, superpõe a ambas a Religiao. Essa é a concepção totalitária da vida. (*O Granberyense*, 18/12/1933, p. 3)

Pela proximidade dos termos e argumentos utilizados, infere-se que o discurso de Oscar Machado possa ter sido influenciado por aquilo que havia sido proferido por Gustavo Barroso em suas conferências. Em sua fala, ficou patente a crítica ao liberalismo, um dos principais inimigos elencados pelos teóricos integralistas que, entretentes,

era um dos elementos que compunham, em boa medida, a base do ideário apregoado no sistema educacional metodista até então.<sup>253</sup>

Sem que se exclua a possibilidade de que ele possa ter tido contato com uma gama maior de obras escritas por integralistas, no restante da entrevista, ao abordar o nacionalismo da AIB, sua perspectiva corporativista e sua concepção de sociedade, Oscar Machado, reiteradamente, explanou seu apoio ao movimento político, pois enxergava nele a possibilidade de se chegar a um equilíbrio social, com o amainamento das disputas econômicas que contrapunham padrões e empregados e a recuperação de um princípio de autoridade perdido. (*O Granberyense*, 18/12/1933, p. 3-4)

Deixava ainda claro que, por não se apresentar como um partido político, o integralismo não possuía um programa. Por isso mesmo, em seu discurso, por se tratar de um movimento que corporificava a grande tendência do século XX, sua vitória seria inevitável.

O integralista tem certeza da vitória. É a primeira condição para o triunfo. A calúnia, a injúria, a ironia, o cepticismo, a perseguição, o riso da mediocridade, o ranger de dentes dos vencidos, a ameaça dos incapazes, a rebelião dos fracos, o desdenhar da decrepitude – nada haverá que nos detenha! Já passou o tempo da análise, da desarticulação, da desagregação. Presentemente as forças morais e sociais estão inquietas porque estão em busca do equilíbrio. O equilíbrio é o Integralismo. O século XX obedecerá fatalmente o ritmo da

<sup>253</sup> Para se conceber como essas palestras repercutiram no *Granbery* e, em específico, em Oscar Machado, quando se analisam trechos destas conferências e também da entrevista que o professor concedeu ao jornal *O Granberyense*, alusivas ao integralismo, detecta-se uma grande similaridade do tom de ambas, o que permite que se admita se tratar da ascendência que Gustavo Barroso possa ter exercido sobre o professor durante sua passagem pela cidade. A esse respeito, seguem, respectivamente, o trecho da primeira conferência do líder integralista e o da entrevista de Oscar Machado: “O mundo desequilibrado para a Direita ou para a Esquerda, procura situação de Equilíbrio. “Êsse equilíbrio – diz um grande crítico de nossos dias (1) – é inseparável do totalismo”. O totalismo é síntese, é reunião da Direita e da Esquerda em marcha para a Frente. O humanismo totalista é interior: integração em nós da alma universal; e é exterior: concepção totalitária da vida em que “nada de grande se póde realizar sem a colaboração duma força puramente ideal” (2)<sup>253</sup>; concepção totalitária da cultura, como orientação, direção, maneira de sentir, não se deixando penetrar por elementos perturbadores; concepção totalitária do homem econômico, cívico e espiritual; concepção totalitária do Estado-nação, autoridade moral, capacidade científica, justiça e economia.” (BARROSO, 1934a, p. 105)

“O mundo está cansado de extremismos da Esquerda e do conservadorismo da Direita. Nós precisamos de uma doutrina que encare a vida como é e não como os teóricos querem que ele seja. As massas humanas precisam marchar para a Frente. (...) O integralismo une esses dois aspectos da vida pela influência superior do Espírito. Vê o homem total, integral – corpo razão e espírito. Logo tem lugar para a Economia e a Política, mas completando, superpõe a ambas a Religião. Essa é a concepção totalitária da vida. (...) Aceito a concepção integralista, que é o ponto de vista totalitário. Isto, aliás, decorre da concepção do Universo. (...) o mundo físico é o exemplo da ordem, do equilíbrio e da harmonia. Semelhantemente a Sociedade é uma reunião de indivíduos que podem e devem viver em ordem, em equilíbrio e em harmonia. É preciso crer na possibilidade da harmonia entre os indivíduos e entre as classes. O movimento integralista é no sentido de integrar todas as forças sociais do país na expressão da Nacionalidade. Só assim pode o povo identificar-se com a Nação. As sociedades humanas aspiram o repouso. Repouso, no sentido sociológico, não é imobilidade, mas equilíbrio e harmonia. Em última análise, tudo tende ao equilíbrio. O equilíbrio é a integralidade.” (*O Granberyense*, 18/12/1933, p. 3-4)

totalização, reatando, assim, o sentido integralista da vida. Acho que a vitória é inexorável! (*O Granberyense*, 18/12/1933, p. 3-4)

Na mesma edição em que abordou a presença de Gustavo Barroso no *Granbery* para a realização das conferências, num artigo que ressaltou as qualidades de Oscar Machado como educador, cuja pedagogia moderna se diferenciava do exagero da adotada pela Escola Nova, mais uma prova de seu notório envolvimento com a AIB foi apresentada.

Junto desta matéria, que também anunciou que ele havia sido eleito pelo Conselho Superior para dirigir os cursos Ginásial e Comercial no ano de 1934, numa alusão a sua participação no movimento político, constava ao lado do corpo do texto uma charge que se fazia acompanhar pela letra grega Sigma ( $\Sigma$ ), o símbolo integralista.



Imagem 10: Charge de Oscar Machado. *O Granberyense*, 18/12/1933, p. 7.

Além deste desenho, segundo Mauricio Correa e Leandro Pereira Gonçalves, a primeira matéria publicada nos periódicos locais que atestou o envolvimento de Oscar Machado com o integralismo dataria de janeiro de 1934. (GONÇALVES; CORREA, 2011)



No jornal *Correio de Minas*, a nota intitulada “Os integralistas agem” narrou as atividades deste personagem no núcleo integralista de Porto Alegre-RS, local onde teria realizado um discurso sobre as personalidades de Hitler, Mussolini e Plínio Salgado, demonstrando que compreendia existir uma aproximação entre tais figuras que passaram a contar com um retrato em tal núcleo:

Na sede filial da Ação Integralista de Porto Alegre, foram inaugurados em grandes solenidades os retratos do chefe PLÍNIO SALGADO, BENITO MUSOLINI e ADOLF HITLER. Falaram então vários oradores, sobre as personalidades do ‘chefe’, do ‘duce’ e do ‘führer’. Entre eles, figurava o professor OSCAR MACHADO, diretor do Ginásio Granbery desta cidade. (*Correio de Minas*, 17/01/1934, p. 1)

A explicação para essa sua participação na solenidade realizada no núcleo integralista da capital gaúcha decorre do fato de que, durante o período em que residiu em Juiz de Fora e foi professor do *Granbery*, Oscar Machado e sua família costumavam passar as férias de final de ano em seu estado natal, situação que acredita-se ter se repetido nesta virada do ano de 1933 para 1934.<sup>254</sup>

Neste interregno entre sua participação na reunião da AIB de Porto Alegre e sua nomeação como o primeiro líder integralista local, houve ainda outras matérias que mencionaram atividades dos camisas verdes na cidade. A primeira, publicada no jornal *Correio de Minas*, ao afirmar que, durante o período de férias escolares, os integralistas atuaram apenas com o intuito de fazer a publicidade e atrair novos membros enquanto suas lideranças se encontravam ausentes, reforça a tese de que Oscar Machado era sua figura de proa neste contexto e que o *Granbery* era um dos focos de maior concentração de seus militantes.

O movimento integralista de Juiz de Fora, em consequência de ter sido lançado entre a mocidade estudantina, já no fim do ano, limitou-se, durante o período das férias escolares, a arregimentar os elementos que se identificaram com a causa defendida por Plínio Salgado e a fazer o trabalho de propaganda que as circunstâncias permitiram. Com a chegada de diversos integralistas de destaque que se achavam ausentes, o núcleo local novamente se movimentou no sentido de promover a sua organização definitiva e o prosseguimento de sua campanha cívica. Já está marcada uma reunião geral de propaganda para o dia 28 do corrente, na sede provisória, Galeria Pio X nº 54; Juiz de Fora, que ouviu a palavra autorizada do Chefe Nacional da AIB e ainda do Dr.

<sup>254</sup> Sobre as férias de Oscar Machado no Rio Grande do Sul ver: (*O Granbery*, 29/11/1930, p. 4; *O Granbery*, 12/12/1931, p. 21). Especificamente sobre o ano de 1934, além de estar desfrutando de suas férias, deduz-se que ele também se encontrava em Porto Alegre por ocasião de sua participação no 2º Concílio Geral da Igreja, ocorrido entre 04/01/1934 e 19/01/1934, o que lhe permitiu participar da reunião no núcleo integralista. (*Atas do 2º Concílio Geral da Igreja*, 1934)

Gustavo Barroso, sem dúvida mostrará interesse pelo que os moços integralistas dizem ser o maior movimento cívico da História pátria. (*Correio de Minas*, 25/02/1934, p. 1)

Outra menção às atividades integralistas nesse ínterim, que conjectura-se ter contado com a presença de Oscar Machado, se remete à passagem de outra bandeira integralista composta por lideranças como Plínio Salgado, Gustavo Barroso, Madeira de Freitas e Jeová Motta. Possivelmente, na ocasião da passagem desta caravana, novamente, um destacado líder integralista voltou a realizar uma conferência em sua sede, apontando para certa preocupação que Juiz de Fora despertava nas camadas mais altas da hierarquia integralista por sua importante localização e tamanho. (CORREA, 1973, p. 70; GONÇALVES; CORREA, 2011, p. 219)

Apesar de ter se manifestado a favor do movimento político no jornal *O Granberyense*, de ter sido retratado em uma charge com o símbolo integralista ( $\Sigma$ ) e de ter participado de uma reunião dos camisas verdes na cidade de Porto Alegre-RS, a primeira menção de que dispomos até o momento da efetiva participação de Oscar Machado no integralismo de Juiz de Fora data apenas de 06 abril de 1934, quando ele tomou posse como o primeiro líder municipal da AIB, ocasião na qual leu a carta de nomeação que lhe foi enviada por Olbiano de Melo. (CORREA, 1973, p. 69-70; GONÇALVES; CORREA, 2011, p. 219)

Independentemente da lacuna existente entre os documentos que informam sobre suas atividades nas hostes dos camisas verdes, a tese de que o *Granbery* e a própria Igreja Metodista se constituíram como dois dos principais focos do integralismo em sua chegada a Juiz de Fora e de que Oscar Machado teria sido uma das pessoas que se notabilizaram por seu envolvimento na organização e crescimento nos momentos iniciais de sua presença na cidade é corroborada por Arsênio Firmino Novaes Netto, para quem ele ia, inclusive, contra as determinações da administração do colégio no que tange à proibição de tratar de temas políticos na ocasião das aulas:

O professor Oscar Machado, ele realmente era o... o coordenador - o nome não é esse - da... da célula integralista na Igreja Central. Porque tinha muitos integralistas na Igreja Central de Juiz de Fora... [Metodista] Central. E, também, aqui no Granbery, ele fazia proselitismo mesmo a favor do... do integralismo. Nós sabemos que é uma organização fascista, não é? E... E ele aqui ficou, trouxe Plínio Salgado, como você viu no livro. Está lá registrado. E... E outros... O Barroso. Para... E ele falava... Apesar de que o Granbery não... deixava que os professores tivessem as suas opções, mas pedia a eles que não falassem em política em sala de aula. Mas o professor Oscar Machado, ele não se continha e ele defendia o integralismo em sala de aula, não é? O próprio [expositor]... O próprio jornal Granberyense também tem

muitas manifestações a favor... E o... o integralismo declinou bastante aqui na cidade depois que o professor Oscar Machado deixou aqui a Juiz de Fora pra voltar, como todos os outros voltaram, para... para o Sul. Eu conheço... (Entrevista com Arsênio Firmino Novaes Netto, Juiz de Fora, 31/03/2017)+

No ano de 1934, à medida que se observavam as atividades do núcleo integralista que, em paralelo à ocorrência de conferências doutrinárias, também trabalhou para a criação da milícia integralista<sup>255</sup> e para realização da semana integralista<sup>256</sup>, percebe-se que as ações desempenhadas, capitaneadas por Oscar Machado, visavam a ampliar sua estrutura propagandística com o fito de aumentar o número de seus militantes.

Isto se coloca pois, criado entre finais de 1933 e início de 1934, poucos meses depois, o núcleo integralista já havia mudado de sede para um espaço maior próprio, situado na Galeria Pio X, e passava a contar com a presença de um jornal quinzenal para sua divulgação, o jornal *O Sigma*, estratégia que era bastante utilizada pela AIB em todo país.<sup>257</sup>

Na reunião do dia 15 daquele mês, ficou assentada a mudança da sede, agora para uma sede própria, no número 24, sala 1, da galeria Pio X. Na mesma reunião, Arthur Medeiros comunicou o aparecimento do jornal *O Sigma* (CORREIO DE MINAS, 17 jun. 1934, p. 1), órgão de propaganda integralista de Juiz de Fora. O *Sigma* inicialmente foi editado quinzenalmente. Depois, passou a sair semanalmente, sendo apoiado pelos próprios integralistas e também por simpatizantes do movimento. (CORREA, 1973, p. 70-71; GONÇALVES; CORREA, 2011, p. 220)

Se estas foram algumas das menções às ações do movimento encontradas em jornais de circulação local e também na bibliografia que o aborda em Juiz de Fora, destaca-se que as menções ao integralismo no jornal *O Granberyense* continuaram a se fazer presentes no ano de 1934, o que ajuda a confirmar a tese de sua penetração no instituto.

No jornal, na sessão “Bóla ao cesto”, curiosamente, entre várias críticas de obras literárias constava a indicação da leitura dos trabalhos de Plínio Salgado, Gustavo Bar-

<sup>255</sup> “Junho de 1934 foi um mês de grandes realizações no núcleo integralista de Juiz de Fora. Estava criada a Milícia Integralista, formação paramilitar, nos moldes nazifascistas. O primeiro Chefe da Milícia foi Mauro Moreira, que treinava os milicianos no antigo Largo da Alfândega (hoje Praça Antônio Carlos).” (CORREA, 1979, p. 70, GONÇALVES; CORREA, 2011, p. 220)

<sup>256</sup> “De 9 a 14 de julho de 1934, foi realizada a Semana Integralista de Juiz de Fora, que tinha como principal objetivo a intensificação da propaganda na cidade. Esse tipo de trabalho, visando à arregimentação de novos membros, alcançou algum resultado, pois parte da população ficava impressionada com o volume da propaganda que era promovida pelos camisas-verdes.” (CORREA, 1973, p. 71; GONÇALVES; CORREA, 2011, p. 220-221)

<sup>257</sup> Além do jornal *O Sigma*, a AIB de Juiz de Fora contaria com outros dois periódicos, aos quais, até o momento, não tivemos acesso, *O Juvenil* e *A Reforma*. Sobre a imprensa integralista, entre outros, ver: (BARBOSA, 2007; BULHÕES, 2007; CAVALARI, 1999; DOTTA, 2007; GONÇALVES; SIMÕES; 2011; 2012; OLIVEIRA, 2004; 2009; 2011).

roso, lado a lado com a indicação da leitura de Jorge Amado e outros modernistas, aspecto que aponta para a existência de uma clivagem ideológica que, conjuntamente ao debate eminentemente político, parecia reverberar por outras esferas que se relacionavam com este, como a literária. (*O Granberyense*, 15/04/1934, p. 8)

Na mesma edição, na sessão que era destinada ao humor, em meio a algumas pequenas piadas e histórias que mencionavam professores, alunos e funcionários do colégio, uma que aludia à D. Eliza e sua relação com o integralismo chama a atenção. Intitulada “É de fato”, assim ela abordou a vinculação da personagem com o movimento político:

Até hoje a pessoa que continua como integralista irresistível é a D. Eliza.  
Por que?  
Porque toda a vez que ela toca a campainha para a saída do refeitório, ela logo toma a posição de centido e estende a mão em correta saudação integralista. (*O Granberyense*, 15/04/1934, p. 11)

Sobre esses momentos iniciais da presença da Ação Integralista Brasileira em Juiz de Fora, quando são consultados os documentos que foram elaborados, tanto pelas atividades cotidianas dos integralistas, quanto pela polícia política, por meio de seu Departamento de Ordem Política e Social, DOPS-MG, no decorrer de suas ações de monitoramento e combate aos integralistas, infelizmente foram encontrados poucos registros.<sup>258</sup>

Os documentos produzidos pelos integralistas locais e pelo DOPS-MG, grosso modo, começam a se fazer mais presentes a partir do ano de 1935. É possível que muitos documentos tenham sido perdidos e, embora se perceba a lacuna existente nestes a respeito dos primeiros meses de existência da AIB na cidade, ainda assim, quando cotejados junto de outras tipologias documentais, a exemplo dos periódicos locais da documentação produzida pelo *Granbery* e pela Igreja Metodista de Juiz de Fora, pode-se traçar um bom painel da presença integralista e da inserção dos metodistas nesta.<sup>259</sup>

<sup>258</sup> Sobre o DOPS e também sobre sua presença em Minas Gerais, entre outras obras, ver: (ANDREUCCI, 2006; ASSUNÇÃO, 2006; KUSHNIR, 2006; LOMBARDO, 2010, 2011, 2014; MOTTA, 2010, MOTTA et al. 2003, e SILVA, 2002).

<sup>259</sup> Em síntese, os documentos são compostos por correspondências, inquéritos e relatórios policiais, documentos produzidos pelos núcleos integralistas, documentos sobre militantes da AIB, mas também sobre os comunistas, maçons, imigrantes simpatizantes dos países do Eixo, entre outros. Foram pesquisadas no Acervo DOPS-MG, situado na página do Arquivo Público Mineiro, as seguintes pastas: Pasta 4703 {Juiz de Fora} set. 1931 – ago. 1956; Pasta 4704 {Juiz de Fora - integralismo} jun. 1935 – jan. 1939; Pasta 4707 {Juiz de Fora - integralismo} out. 1935 – mai. 1943; Pasta 4736 {Mar de Espanha} nov. 1931 – jan. 1945; Pasta 3327 {Integralismo} mai. 1938 – abr. 1945; Pasta 4821 {Comunismo} mai. 1934 – fev. 1948;

Por meio destes materiais que não foram perscrutados de modo aprofundado pelos estudos que até então haviam se debruçado sobre as atividades integralistas na cidade, uma vez que sua liberação à pesquisa lhes foi posterior, é possível perceber que Juiz de Fora se transformou no grande polo difusor da AIB em sua região situada na zona da mata mineira, assim como Barbacena também o fora para o entorno de sua localização.<sup>260</sup>

De um modo geral, o integralismo organizou sua dispersão geográfica dividindo as províncias nas quais se encontravam seus núcleos em microrregiões. Nestas se fazia presente uma cidade polo que seria circunscrita pelos demais municípios que integrariam esta subdivisão da província.

À vista disso, para a região da zona da mata mineira, assim como tivemos Barbacena como a sede da 6ª região integralista de Minas Gerais que reunia as cidades de Alto do Rio Doce, Carandaí, Lagoa Dourada, Prados, Rio Espera, Santos Dummont, São João del Rei e Tiradentes (*Cidade de Barbacena*, 28/03/1936, p. 2), por seu turno, Juiz de Fora era a sede da 17ª região integralista que abrangia as cidades de Matias Barbosa, Santos Dumont, Lima Duarte, Mercês, Rio Pomba, Ubá, Guarani, Rio Novo, São João Nepomuceno, Mar de Espanha e Guarará. (CORREA, 1973, p. 75; CORREA; GONÇALVES, 2010, p. 226)<sup>261</sup>

Outro documento encontrado no acervo documental do DOPS-MG, além dos núcleos municipais citados pela bibliografia que analisou a atividade integralista em Juiz de Fora, continha informações relativas a possíveis sub-núcleos ou núcleos distritais da cidade (Monte Verde, S. J. Três Ilhas e São Mateus, Piau e Vargem Grande) ajudando a delinear melhor qual era o real raio de atuação dos camisas verdes locais.<sup>262</sup>

---

Pasta 759 {Irineu Guimarães} out. 1945 – nov. 1968, 2035 {Integralismo} out. 1932 – set. 1938 e 1501 {Congresso Integralista} nov. 1935 – nov. 1935.

<sup>260</sup> Sobre a organização e atuação da AIB em Barbacena, ver: (PIMENTA, 2015, p. 217-332).

<sup>261</sup> Pedro Ernesto Fagundes, pautado pelos dados do jornal integralista de circulação nacional, *A Offensiva*, demonstrou como se deu presença do integralismo no estado do Rio de Janeiro, mapeando a disposição geográfica dos núcleos em suas nove regiões com suas respectivas sedes e cidades integrantes. (FAGUNDES, 2009, p. 100-103) Já Rafael Athaídes, sobre o estado do Paraná, apresentou as cidades polo da presença do integralismo totalizando vinte duas, sendo que essas exerceriam um papel de influência sobre os municípios vizinhos com seus núcleos e sub-núcleos. (ATHAÍDES, 2012, p. 114-115)

<sup>262</sup> APM/Fundo Dops – Pasta 4704, imagem 125.

C O P I A

EFETIVO REAL DOS NUCLEOS DA REGIÃO M.

Segundo os Boletins de Estatística, referentes ao mês de outubro p. f., recebidos até esta data por esta Região, é o seguinte:

NUCLEOS	Homens	Mulh.	Moços	Moças	Flim <sup>s</sup>	Flina.	SOMA
Aventureiro	18	1	16	3	1	3	42
Chacara	170	6	6	1	-	-	183
Juiz de Fora	1.254	262	-	-	330	188	2.034
Bar de Espanha	29	14	1	8	5	10	67
Netias Barbosa	77	13	-	-	55	16	191
Monte Verde (L. do Foz)	50	8	-	-	5	9	72
Paula Lima " "	150	75	12	6	36	28	307
Piau	27	5	2	-	8	8	50
S. João Nepomuceno	29	6	-	4	5	5	49
S. J. Três Ilhas (S. do Foz)	23	-	-	-	1	-	24
São Mateus (S. do Foz)	135	28	5	3	20	19	210
Vargem Grande	31	7	2	2	9	9	60
T O T A L	1.993	455	44	23	475	295	3.285

JURAMENTADOS: 1.274 homens e 282 mulheres; total 1.556.  
 APTOS PARA ACADEMIA DE EDUCAÇÃO: 1.644 homens.

Imagem 11: Efetivo Real dos núcleos da 17ª região (APM/Fundo Dops – Pasta 4704, imagem 125).

Por serem encontradas lacunas na documentação analisada, justifica-se a realização de uma pesquisa mais aprofundada sobre a presença da AIB em Juiz de Fora que aborde não só em todo o período de existência legal, como também no contexto posterior a seu fechamento quando foi aventada a possibilidade de envolvimento de seus militantes na revolta conhecida como Intentona ou Putsch integralista.<sup>263</sup>

Não obstante a necessidade da realização de estudos mais aprofundados sobre a presença da AIB no município, é preciso salientar que, ainda assim, é peremptória a importância que Juiz de Fora alcançou na estrutura integralista do estado de Minas Gerais.

Para se ter uma dimensão do sucesso obtido pelas atividades integralistas na cidade, quando foram analisadas as inferências sobre o núcleo de Paula Lima, então distrito pertencente a Juiz de Fora, tem-se que sua criação se deu mediante a realização de uma bandeira integralista organizada pela Secretaria Municipal de Propaganda, em 1º de novembro de 1935, evento veiculado nas páginas do jornal *Correio de Minas*.

Domingo último (1º de novembro de 1935) seguiu para Paula Lima uma numerosa bandeira de integralistas, organizada pela Secretaria Municipal de Propaganda desta cidade, que ali foi instalar o núcleo daquele florescente distrito. Três caminhões superlotados conduziram os camisas-verdes que foram

<sup>263</sup> Sobre esse evento, dentre outras obras, ver: (ABRAMO, 2014; SILVA, 1971; MIRANDA, 2009; DE CAMPOS, 1982 e MENANDRO, 2001).

recebidos pela população de Paula Lima com as mais inequívocas provas de simpatia. Falaram os camisas verdes: Luiz Moreira Bartholo, Wilson de Lima Bastos, Sebastião de Oliveira Salles, Abel Rafael Pinto e Juvenal Costa. Por último falou o Dr. Severino Buettemuller, Secretário Municipal de Educação que deu como instalado o núcleo de Paula Lima. Perto de 40 pessoas se inscreveram. (*Correio de Minas*, 12/11/1935, p. 2)

Se, em sua formação, o núcleo distrital de Paula Lima era composto por 40 membros, em janeiro de 1937, ele já dava pistas de ter crescido, pois já possuía também uma escola de alfabetização. (CORREA; GONÇALVES, 2010, p. 227)

Em conjunto, quando se comparam os dados iniciais de seus membros com aqueles que foram enviados pelo delegado da polícia política de Juiz de Fora para o chefe do DOPS mineiro em Belo Horizonte, na data de 05/02/1938, obtém-se a confirmação de que, apesar de Paula Lima ser um distrito de Juiz de Fora, dado o grande crescimento de sua célula integralista, que chegou a contar com 279 integrantes, ela atingiu o status de núcleo municipal.<sup>264</sup>

Aumentando ainda mais o alcance da lente de observação, olhando para o núcleo municipal central de Juiz de Fora, seus dados são ainda mais significativos, já que, em novembro de 1937, apresentava um total de 2087 membros ativos, dos quais 1236 eleitores encontravam-se habilitados para o pleito.

---

<sup>264</sup> APM/Fundo Dops – Pasta 4704, imagens 127-132. Maurício Correa e Leandro Pereira Gonçalves ainda apresentaram dados dos núcleos de Santos Dumont, que chegou a contar com 600 membros em janeiro de 1937 e também das atividades desempenhadas em Dores do Paraibuna, distrito de Santos Dumont, Ewbanck da Câmara e, por fim, no município de Mercês. (CORREA, 1973, p. 75-78; GONÇALVES; CORREA, 2011, p. 226-230)

AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA							
PROVINCIA DE MINAS GERAIS		17.ª REGIÃO					
Município de <i>Juiz de Fora</i>							
Núcleo <i>Juiz de Fora</i>							
Diretoria de Estatística							
BOLETIM referente ao mês de <i>Novembro</i> de 1937							
DISCRIMINAÇÃO	DIZEMBROS	NOVEMBROS	AGOSTOS	AGOSTOS	SETEMBROS	SETEMBROS	SOMA
TOTAL de inscritos ou transferidos para o Núcleo até o último dia do mês . . . . .	1428	293	89	39	271	158	2228
TOTAL de excluídos do Núcleo (transf., falecidos, recusados, expulsos, até a mesma data	141	20	18	2	9	1	191
DIFERENÇA ou EXISTENCIA REAL . . . . .	1287	273	71	37	262	157	2037
<b>Discriminação dos Excluídos:</b>							
Transferidos . . . . .	89	12	18	-	6	-	120
Falecidos . . . . .	4	1	-	-	-	-	5
Recusados . . . . .	41	6	2	2	-	1	52
Expulsos . . . . .	7	1	3	-	3	-	14
Soma . . . . .	141	20	18	2	9	1	191
JURAMENTADOS . . . . .	974	161					1035
COMPROMISSADOS (Militares e Plinianos) .			12	8	35	26	1236
ELEITORES . . . . .	1138	78					1216
APTOS E PRONTOS PARA ACAD. EDUC. FERROVIARIOS . . . . .	1330						1330
RESERVISTAS . . . . .	253						253
SINDICALISADOS . . . . .							
Tem escola? <i>Sim</i> - Ambulatório? <i>Sim</i> - Lactário? <i>Sim</i> - Jornal? <i>Sim</i> -							
N.º de sessões realizadas no mês 6 (sess) - N.º médio de Int. presentes							
N.º aprox. de assistentes não Int. <i>media: 112</i> - De que classes? <i>De todos os classes de ensino geral, sendo que com maior assiduidade e interesse os militares e ferroviarios.</i>							
N.º de Bandeiras realizadas no mês							
Despesa total com as mesmas \$ . . . . .							
FINANÇAS: Saldo do mês anterior . . . . .	37	\$ 0,00					
JÓIAS . . . . .	81	\$ 0,00					
Mensalidades . . . . .	71	\$ 0,00					
TAXA DO SIGMA . . . . .	44	\$ 0,00					
DONATIVOS . . . . .	143	\$ 9,00					
Outras rendas . . . . .	1.225	\$ 0,00					
SOMA . . . . .	2.328	\$ 10,00					
TOTAL DA DESPESA DO MÊS . . . . .	2.328	\$ 10,00					
Saldo para o mês seguinte . . . . .	241	\$ 0,00					
OBSERVAÇÕES:							

Imagem 12: Boletim estatístico do núcleo integralista municipal de Juiz de Fora do mês de novembro de 1937 (APM/Fundo Dops – Pasta 4704, imagem 126).

A título de comparação, para se poder mensurar o tamanho deste núcleo, de acordo com Daniel Milke, que realizou um estudo sobre a presença da Ação Integralista Brasileira (AIB) em Porto Alegre, sede provincial do integralismo no Rio Grande do Sul, em agosto de 1936, nos vários núcleos da capital gaúcha, havia um total de 1332 membros. (MILKE, 2003, p. 213-224)<sup>265</sup>

Esses números, ao serem comparados aos quase 2100 integralistas de Juiz de Fora – uma cidade com pouco mais de 128.138 habitantes, em dezembro de 1937, ao passo que, como capital do estado, Porto Alegre, contava com uma população de 352.068

<sup>265</sup> Tais dados constavam nas convocações realizadas em dois jornais integralistas *A Lucta* e *A Revolução*, e do jornal de grande circulação local, *Correio do Povo*, dos quais se extraiu os nomes da listagem apresentada pelo autor. (MILKE, 2003, p. 213-224)



no mesmo período – sobreelevam ainda mais o sucesso obtido pela AIB no município da zona da mata mineira.<sup>266</sup>

Portanto, na condição de primeiro chefe municipal do integralismo, entende-se que a atividade desempenhada por Oscar Machado foi de vital importância para que este sucesso tenha sido obtido, uma vez que coube a ele a tarefa de organizar as ações do movimento, tendo, eventualmente, importância também nas decisões a serem tomadas com o objetivo de expandir a AIB na cidade, por ocasião da criação da milícia integralista, do jornal, da juventude integralista<sup>267</sup>, da realização das bandeiras e da semana integralista.<sup>268</sup>

De fato, a despeito das ações desempenhadas e de sua importância, por ter se mudado para Porto Alegre em setembro de 1934, atendendo o convite para vir a se tornar reitor do *Porto Alegre College* (PAC), maior e mais importante instituição metodista do Rio Grande do Sul, prematuramente, ele acabou tendo que deixar a chefia da AIB de Juiz de Fora que foi assumida pelo integralista Cyro Gusmão. (CORREA, 1973, p. 72; GONÇALVES; CORREA, 2011, p. 221-222)

Nesse sentido, embora o foco da análise aqui não seja a atividade integralista em Juiz de Fora em si, mas sim as relações que ele manteve com o metodismo e seus membros, se reconhece que a AIB local só iria colher os frutos dos trabalhos iniciados sob a batuta de Oscar Machado a partir da chefia de Cyro Gusmão que também contou com a presença de outras lideranças como, por exemplo, o Dr. Vespasiano Pinto Vieira Filho, o Dr. Antonio Procópio Teixeira e Luiz Campos Barros. (*Panorama*, 03/12/2002, p. 2)

Todavia, se a chegada e algumas das principais medidas para a consolidação do integralismo em Juiz de Fora se deram sob a chefia de Oscar Machado, destacando-se que, a princípio, a comunidade metodista e o próprio *Granbery* teriam sido espaços por onde houve a propagação do ideário integralista, para Arsênio Firmino Novaes Netto, a transferência do primeiro líder integralista para Porto Alegre teria causado um sério golpe para o movimento político na cidade.

---

<sup>266</sup> IBGE: Ver a tabela das populações absoluta e relativa dos municípios calculada para 31 de dezembro de 1937. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos\\_pdf/populacao.shtml](http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_pdf/populacao.shtml)>. Acesso em: 20 junho 2017.

<sup>267</sup> Sobre a juventude integralista ver: (GERALDO, 2004; NASCIMENTO, 2004; SANTORUM, 2018 e VIANA, 2008).

<sup>268</sup> Sobre este último ponto, o jornal *Correio de Minas* informou sobre uma reunião concorrida que aconteceu no núcleo integralista local no qual Oscar Machado discorreu sobre a realização da semana integralista, que teria início no dia seguinte. (*Correio de Minas*, 08/07/1934, p. 1)

É. O integralismo sofreu um revés com a saída do grande líder. Porque, aquilo, eles tinham células que eles se reuniam na igreja, aqui e etc, na cidade. E com... Você sabe que muita coisa tem a ver com a liderança, não é? Estilo da liderança. Oscar Machado era um líder competente, era um líder realmente assumido. (...) E então, eu diria pra você que a... com a saída do Oscar Machado... Realmente, ele era um líder forte, influente pelo cargo que ele ocupava, muito inteligente. Ele... O integralismo teve um baque muito grande aqui. E, depois, naturalmente, na sequência histórica, de um modo geral, o integralismo foi cedendo espaço, não é? (Entrevista com Arsênio Firmino Novaes Netto, Juiz de Fora, 31/03/2017)

Matizando um pouco esse diagnóstico proposto, se a figura de Oscar Machado e a inserção inicial que o integralismo obteve na comunidade metodista local foram importantes para a instalação e crescimento dos arraiais dos camisas verdes em Juiz de Fora, malgrado a perda que a saída do primeiro líder possa ter ocasionado, não há, até o momento, indícios que apontem para a ocorrência desta desarticulação da AIB aventada.

Pelo contrário, sopesando os possíveis exageros de lado a lado, ao se inquirir os documentos produzidos pela polícia política e pelos integralistas em suas atividades cotidianas, o que se notou foi que o integralismo, ao invés de se enfraquecer após a transferência de Oscar Machado para o Rio Grande do Sul, teria se fortalecido.

Isso é perceptível quando, mesmo se levando em conta a precariedade da organização logística e a dívida gerada, em novembro de 1935, os integralistas informaram que, tendo sido comunicados com a antecedência de apenas 36 horas sobre um evento a ser realizado na cidade de Petrópolis-RJ, os núcleos de Juiz de Fora conseguiram mobilizar um total de, aproximadamente, 600 militantes quando se esperava o comparecimento de, no máximo, 400 deles.<sup>269</sup>

Dois anos depois, em evento realizado na cidade de Juiz de Fora que contou com a presença de Miguel Reale, na chamada parada de fogo (uma espécie de passeata), consoante as informações da polícia política, a AIB local teria reunido algo em torno de 600 militantes.<sup>270</sup> Congregando essa última manifestação dos camisas verdes com as demais antes mencionadas, torna-se possível, com alguma margem de segurança, propor que a presença integralista não era nada desprezível na cidade e, ao que tudo indica, contrariando o diagnóstico apresentado por Arsênio Firmino Novaes Netto, teria crescido desde a saída de Oscar Machado.<sup>271</sup>

<sup>269</sup> APM/Fundo Dops – Pasta 4704, imagem 27.

<sup>270</sup> APM/Fundo Dops – Pasta 4704, imagem 158-159.

<sup>271</sup> Aos dados gerados pelo monitoramento deste evento por parte da polícia política se somam os que foram produzidos pelos próprios integralistas. Tomados em conjunto, em novembro de 1937, eles dão conta de que, somente em Juiz de Fora, havia 2087 integralistas, que se inseriam num montante total de

Um aspecto emblemático a se destacar sobre a relação travada entre os metodistas e os integralistas na cidade é que, se, realmente, o *Granbery* e o convite feito à Gustavo Barroso para a realização de suas conferências constituíram-se como as principais portas de entrada da AIB em Juiz de Fora e se, como atesta parte da bibliografia sobre este vínculo, de fato, a comunidade metodista foi um lócus no qual o movimento político se proliferou, é preciso entender os motivos pelos quais as coisas parecem ter se alterado desde a saída de Oscar Machado da chefia do núcleo municipal e, se, de fato, isto ocorreu.<sup>272</sup>

Além disto, é preciso se investigar mais a fundo a listagem constante num caderno encontrado pela polícia política no núcleo integralista local após seu fechamento, na qual foram arrolados o total de 278 nomes descritos como “criminosos da pátria”, dentre os quais, ao lado do nome do próprio Oscar Machado também se encontrava a seguinte relação de pessoas que mantinha vínculos com o metodismo: Derly Chaves, Charles Terrel, Josué Cardoso d’Affonseca, José Lopes, João Panisset e Thomaz Bernardino, Antônio Duarte, Atos Moreira, Alberto Deivid, Bellerofonte Renault, Derly Helena, Darcy Braga, Erico Terra, Francisco Rodrigues, Giscalco Darcoso, Italo Darcoso, Idalmo Mota, José Gustavo Costabile, José Albano, João Albano Sobrinho, João Medeiros, Julio Torres, Jared Soares, Mauricio Jorge Mansur, Mauro Becker, Osvaldo Guimarães, Tartalo Darcoso, Thiers Gama e Walter Péres.<sup>273</sup>

Acompanhando esses personagens, constava na lista também o nome de Renato Bagno, que fazia parte da Assembleia da Igreja Metodista e o nome do Dr. Massena, que inferimos se tratar do professor João Massena. Não é de todo descabido propor que o total de pessoas ligadas ao metodismo que foram acusados de serem traidores da pátria, seja ainda maior, pois encontrou-se, nos periódicos e documentos administrativos do *Granbery*, quase uma dezena de outros nomes que, por não corresponderem

---

3285 camisas verdes, quando se computam todas as cidades da 17ª Região integralista de Minas Gerais (APM/Fundo Dops – Pasta 4704, imagens 125-126).

<sup>272</sup> Não se tem a indicação da autoria desta listagem pois, embora constante dos arquivos integralistas, não foi impressa em folha de material com timbre da AIB. De toda sorte, adiante, se lançará uma hipótese interpretativa sobre esta listagem que poderá ou não ser comprovada por um estudo mais aprofundado sobre a presença do integralismo em Juiz de Fora, que cubra todo o período de existência de suas atividades na cidade.

<sup>273</sup> APM/Fundo Dops – Pasta 4704, imagens 21-26. Apurou-se que estes nomes se ligavam ao *Instituto Granbery* com uma investigação que se pautou por dois aspectos principais. O primeiro deles foi a constatação de que, ao lado dos nomes de alguns alunos do *Granbery*, se fazia presente a anotação de que eles eram residentes no endereço do Colégio, informação que permite que se suponha se tratarem de estudantes do internato. O segundo deles, voltado para o caso dos professores, foi comprovado pelo cruzamento dos nomes constantes na listagem com a análise da coleção do jornal *O Granbery*, que continha as edições compreendidas entre os anos de 1928 e 1935, e também dos documentos administrativos, nos quais se encontraram tais nomes.

exatamente aos que constavam na listagem – por exemplo, por possuir um nome a mais ou a menos – não se pode afirmar com certeza se tratar da mesma pessoa ou de homônimos, o que se acredita menos provável.

O ponto mais considerável que precisa ser evidenciado sobre este acontecimento é que, segundo constava nos jornais da época, caso o integralismo viesse a se sair vitorioso, as pessoas que integravam tal listagem seriam exemplarmente punidas. Para se ter uma ideia disso, no jornal *Folha de Minas*, a apreensão de uma lista que contava com a presença de numerosas autoridades do município como médicos, professores, engenheiros, comerciantes etc, foi veiculada nos seguintes termos:

Informaram de Juiz de Fora que o delegado João Luiz Alves Valladão acaba de fazer sensacionais relações sobre as diligencias realizadas nesta cidade, em torno do fracassado movimento integralista. Entre os documentos apreendidos, inclusive a classica “lista negra”, foi encontrada uma circular assignada pelo chefe do extinto integralismo, em Belo Horizonte, sr. Militão de Souza, transmitindo ordens do sr. Plínio Salgado. Entre outros nomes que figuram a “lista negra”, estão José Cardoso da Fonseca, Alberto Surreck, Manoel Gomes Filho, jornalista Renato Bagno, Antonio Carlos Lima, José Rodrigues Vale e Euripedes Nascimento. A lista é muito longa. (*Folha de Minas*, 25/03/1938, p. 4)

É importante ainda mencionar que, por se tratar de uma lista de pessoas que seriam castigadas pelos integralistas caso o mesmo chegasse ao poder, o fato dela trazer nomes como os dos professores do *Instituto Metodista Granbery*, Derly Chaves e Josué Cardoso d’ Affonseca, pessoas que mantiveram notórias relações de proximidade com o primeiro chefe municipal da AIB na cidade, Oscar Machado, apontam para a necessária ampliação temporal das pesquisas realizadas até então.<sup>274</sup>

Nessa direção, independentemente de Gustavo Barroso ter criticado veementemente o liberalismo em suas conferências no *Granbery* e de Oscar Machado ter reverberado parcialmente tais críticas, é interessante notar que o instituto configurava-se como um notório reduto no qual se propagavam ideais liberais.

Denota-se, entretanto, não só o caráter conservador deste liberalismo, como também as interdições colocadas pela hierarquia do metodismo em relação ao integralismo que não foram capazes de impedir o avanço integralista em meio ao corpo docente, discente, bem como da comunidade metodista em geral da cidade.

---

<sup>274</sup> Embora não se dedique especificamente a perscrutar sobre as atividades integralistas em Juiz de Fora, por versar sobre a trajetória de Oscar Machado, esta lacuna, de algum modo, está sendo fechada pelo presente trabalho, o que não impede que novos pesquisadores tragam suas contribuições sobre o tema.

Se poderia conjecturar – e sob tal perspectiva, há aqui um ponto de aproximação com algumas das proposições dirigidas a Oscar Machado feitas por Arsênio Firmino Novaes Netto – que ele teria sido o grande artífice da penetração da AIB no *Granbery* e na comunidade metodista local, tendo, muito provavelmente, empenhado todo seu volume de *capitais* e, apesar das divergências existentes entre os pressupostos teórico-políticos da denominação religiosa e do movimento político, ainda assim conseguiu galgar os espaços acima mencionados.

Desta maneira, mesmo que, desde as palestras de Gustavo Barroso, o discurso antiliberal tenha se feito presente no *Granbery*<sup>275</sup> e tenha ecoado também nas colocações de Oscar Machado, quando este último deixou a escola, não é improvável presumir que as interdições que partiam do metodismo para o integralismo tenham se fortalecido, fazendo com que este último se enfraquecesse no seio da denominação religiosa e de suas instituições, da mesma maneira que isso pode ter gerado também as divergências dos camisas verdes para com os metodistas, desaguando na confecção da mencionada lista.

De modo inequívoco, o fato de Oscar Machado, então diretor de seu Curso Primário e Comercial, professor das faculdades de Pedagogia e Teologia do *Granbery*, se transformar na maior liderança local do integralismo demonstrava que o movimento político obteve importante penetração na alta hierarquia de tal instituição metodista.

Ainda assim, quando se observa a presença do nome de Derly Chaves, reitor da Faculdade de Teologia naquela lista de traidores da pátria, eventualmente elaborada pelos camisas verdes, por outro lado, é preciso pontuar que o apoio ao integralismo não era hegemônico no *Granbery*, o que nos leva a duas hipóteses bastante distintas sobre as relações existentes entre o movimento político e a comunidade granberyense.

A primeira delas seria a corroboração da tese defendida por Arsênio Firmino Novaes Netto de que, mesmo com os pedidos anteriores para que seu corpo docente não falasse de política na instituição e da posterior posição contrária do metodismo frente ao integralismo, isto não teria surtido tanto efeito ao ponto de um dos principais nomes do

---

<sup>275</sup> Em suas palestras, já no início da primeira, ocorrida em 20 de outubro de 1933, ele começou a atacar a teoria liberal do século XIX, acusando-a de ser a causadora das inquietações vividas nas décadas iniciais do século XX, dado seu caráter dissolvente. Ademais, reiterou também que, observado o liberalismo ter se arraigado nas almas das pessoas desde a Revolução Francesa, sendo o responsável pela inquietação vivida no século XX, por conta da profunda presença de elementos da tradição, transmitidos de geração a geração por meio dos ensinamentos cristãos, o novo século seria o da reconstrução. (BARROSO, 1934a, p. 101-102)

corpo docente ter se transformado no principal líder dos camisas verdes na cidade. (NOVAES NETTO, 2004, p. 45-46)

A segunda seria a detecção de uma discordância acerca desta penetração do integralismo no instituto por parte de alguns dos membros do corpo docente e discente, fortalecendo a ideia de que, na condição de um microcosmo da sociedade, no *Granbery* se faziam presentes disputas que existiam de forma mais ampla. Isso, no entanto, não significa que estas, a exemplo dos embates políticos, ocorressem exclusivamente pelo confronto entre comunismo e fascismo.

Na contramão disso, excetuando-se personagens como Irineu Guimarães que, aos poucos, se aproximou do ideário político apregoado pelo PCB, a contraposição ao integralismo por parte da comunidade granberyense parece ter advindo mais da posição assumida pela denominação religiosa, que passou a combater a participação de seus membros na AIB, do que de um alinhamento com seu principal inimigo neste campo.

Deste modo, tem-se que, dentre os alunos que figuravam no inventário dos integralistas como “inimigos da pátria”, os nomes de Jared Soares, Italo Darcoso e Giscalto Darcoso por diferentes motivos chamam a atenção. O primeiro deles se torna pertinente pois, pelo menos desde o ano de 1936, havia se tornado o secretário de ação social da Igreja Metodista, tendo publicado no jornal *O Granberyense* um artigo no qual, dados os termos utilizados, pode-se depreender ser uma discreta tentativa de propagandear do integralismo:

Em toda parte onde novo regimen se levanta, cousa primeira a ser considerada é a criação e a manutenção de uma mocidade sadia. Isso porque enquanto os dias passam, mais acentuada se faz a necessidade de se evitar males e não remediá-los. Atualmente pulsa em nosso peito um desejo sincero de vermos nosso Brasil altivo, varonil e cheio de vigor. Si comigo está a verdade quando isso afirmo é necessário que não paremos ai, mas passemos ao campo das realizações e da prática. (...) Caros granberenses, é com prazer supremo que me dedico à pugna por uma vida racional, inteligente e cristã da mocidade. Amo a família, a Pátria e amo a Deus e quero a glória de todos e estou certo que tambem quereis. (*O Granberyense*, maio de 1936, p. 4)

No que toca aos irmãos Italo Darcoso e Giscalto Darcoso, sua presença na listagem dos inimigos da pátria pelos integralistas locais se torna relevante pois eram filhos de Cesar Darcoso Filho, o primeiro brasileiro a ser nomeado bispo da Igreja Metodista que, pelo que se sabe até então, também não veio a ter quaisquer relações com o integralismo, muito possivelmente tendo anuído com a posição oficial da igreja no combate ao mesmo.

Em resumo, com base no que se abordou até agora, poder-se-ia propor que a penetração do integralismo no corpo docente e discente granberyense tenha atingido êxito pela presença e atuação de Oscar Machado. Conquanto, ainda é preciso um aprofundamento nas investigações referentes à aproximação entre metodistas e os camisas verdes na cidade para que se possa conhecer melhor os motivos que levaram ao distanciamento entre eles ao longo do tempo, seja pela possibilidade dos metodistas se aperceberem das incongruências preconizadas por setores da Igreja a respeito de uma pessoa ser, concomitantemente, metodista e integralista, ou pelas possíveis interdições que, por ventura, surgiram por parte dos integralistas, que poderiam ter passado a vetar a participação de maçons no núcleo local, fatos que podem ter contribuído para o suposto esvaziamento dos integralistas no instituto ao longo do tempo.<sup>276</sup>

Destarte, para concluir sobre o integralismo na cidade, pode-se perceber que aquilo que afirmou Arsênio Firmino Novaes Netto de que, após a saída de Oscar Machado, o integralismo teria sofrido um duro golpe na cidade, talvez, não seja de todo verdadeiro. Isso só teria ocorrido se levamos em conta apenas sua penetração na Igreja ou no *Granbery*, pois, no geral, o que se notou desde setembro de 1934 foi o aumento das ações da AIB na cidade.

Em verdade, a AIB só teria sofrido um duro golpe, que levaria a sua dissolução a partir de 03 de dezembro de 1937 quando sua sede foi fechada por ordem da polícia política. Desde então, suas atividades se esvaíram ao longo do tempo, mormente quando seus membros se voltaram contra o governo Vargas no episódio da Intentona Integralista ou ainda quando o Brasil declarou guerra ao Eixo, dada certa influência exercida pelo fascismo sobre o integralismo e a associação que se realizava de ambos.

### 3.5 AS DISPUTAS PELO PODER NO *GRANBERY*, SUAS POSSÍVEIS RELAÇÕES COM A POLÍTICA E A ASCENSÃO DE OSCAR MACHADO E IRINEU GUIMARÃES

Embora a Igreja Metodista tenha se tornado contrária à participação de seus membros na AIB e que esta, por ter entre seus inimigos principais declarados o liberalismo, o comunismo e a maçonaria, – notadamente elementos recorrentes no metodismo, em especial, em Juiz de Fora – tenha atacado estes inimigos em pleno *Granbery*

---

<sup>276</sup> Dadas as lacunas existentes na documentação policial e integralista da cidade é que não podemos ter a certeza deste completo esvaziamento, o qual se acredita não ter ocorrido.

durante as conferências de Gustavo Barroso, são dignas de nota as idiossincrasias das quais as relações metodismo-maçonaria-AIB foram dotadas na cidade.

Estas ganham evidência quando se examinam as conquistas de espaços importantes por Oscar Machado no movimento político e também no metodismo e em suas instituições neste contexto. A explicação para tal ascensão não possui um lógica mono-causal, sendo derivada seja de suas atividades políticas ou do prestígio intelectual do qual era detentor.

Diversamente disso, ela é atribuída aqui ao modo como, sagazmente, lançando mão de diversos conjuntos de *capitais*, ele se enveredou e negociou com grande sucesso posições nos diversos *campos* em que atuou congregando seu *projeto pessoal* com o *projeto coletivo* metodista. (VELHO, 1994)<sup>277</sup>

Não obstante, embora deduza-se que seu crescimento no interior do metodismo e do *Granbery* tenha ocorrido, de início, por conta de seu *capital cultural*, bastante reconhecido entre seus pares e pela hierarquia metodista, é preciso perceber que, para além de possíveis divergências político-partidárias, havia no instituto embates por espaços de poder. Deste modo, a existência destas disputas ajudavam a mostrar a diversidade de iniciativas individuais dessas figuras de proa, com as quais ele acabou se envolvendo, mesmo que isso tenha ocorrido sem que ele viesse a ser o pivô destes certames.

A mais visível destas disputas teria ocorrido entre os professores Irineu Guimarães<sup>278</sup>, Josué Cardoso da Fonseca e Moyses Vieira de Andrade a partir do ano de 1931. Neste ano, o primeiro foi designado pela direção do *Granbery* para o cargo de Diretor de Disciplina, o que teria desagradado aos outros, pois tal decisão, aparentemente, teria contrariado alguns de seus intentos.

Em 1931, como parte de um novo plano de administração do Granbery, a reitoria decidiu designar o professor como diretor de disciplina. De início, foi apenas criada essa diretoria auxiliar que cuidaria da disciplina na instituição, adiando-se o preenchimento dos cargos relativos às outras três diretorias – interna, técnica e financeira. Como resultado, Josué Cardoso d’Affonseca e Moyses Vieira de Andrade, “contrariados nas suas pretensões, desenvolve-

<sup>277</sup> Vale lembrar que Oscar Machado foi um dos delegados leigos que representaram a Igreja de Juiz de Fora no 2º Concílio Geral da Igreja em 1934 e que ele assumiu o cargo de chefe Diretor dos cursos Comercial e Ginásial, substituindo, no último, Irineu Guimarães. (*Atas do 2º Concílio Geral da Igreja, 1934*)

<sup>278</sup> Irineu Guimarães ocupou o cargo de Diretor do Departamento Primário desde, pelo menos, o ano de 1928, ficando no cargo até 1933, quando foi substituído por Oscar Machado. Ver: (*Ata da Congregação do Granbery*, 10/03/1933, p. 80 e *O Granbery*, 20/04/1933, p. 1).



ram uma luta sem tréguas contra minha atuação”. (NOVAES NETTO, 2004, p. 63)<sup>279</sup>

Ao que tudo indica, essa perseguição teria se pautado pela crítica às medidas implementadas por Irineu Guimarães à frente desta diretoria que, inspiradas pelo binômio “liberdade-responsabilidade”, dariam mais poder aos próprios alunos para a manutenção da disciplina. Valendo-se de um processo que daria mais autonomia aos alunos, o professor passou a ser alvo de críticas que tentariam rotulá-lo como anárquico, sobretudo, naquilo que tocava o seu grande sonho, o Curso Pré-Universitário (CPU).

Em boa medida seu código disciplinar previa um ganho de poder por parte dos alunos que seriam os próprios responsáveis por sua implantação afastando, por exemplo, alunos com baixo rendimento escolar, mal comportamento e faltas neste sistema, situação que despertava preocupação na direção do instituto. Uma vez pressionada em decorrência das críticas ao sistema que Irineu Guimarães buscava instalar, a administração do *Granbery* optou por diminuir o poder que este possuía, o que gerou um ambiente bastante desconfortável. (NOVAES NETTO, 2004, p. 65-68)<sup>280</sup>

No entanto, não é desacertado sugerir que, somadas às divergências causadas pelo CPU e pelos posicionamentos políticos, a diferença no modo como eles lidaram com o governo de Getúlio Vargas também possa ter sido um elemento a compor o quadro de disputas internas. Isto contribuiu, sobremaneira, para a perda de prestígio de Irineu Guimarães com a administração do *Granbery*, mais alinhada à posição de Josué Cardoso d’Affonseca, que inclusive viria a fazer parte do Conselho Nacional de Educação:

A liderança do Granbery sempre expressou o seu apoio a Getúlio Vargas, com exceção de Irineu Guimarães e Thomas Bernardino. (...) Já no que se refere mais especificamente à postura do Granbery diante do getulismo, vale lembrar, principalmente, que esse instituto sempre se constituiu como espaço aberto às várias manifestações políticas, envolvendo inclusive o alunado. Em 1934, os alunos do Granbery desfilaram em homenagem a Benedito Valadares, nomeado por Vargas interventor de Minas Gerais. No mesmo ano,

<sup>279</sup> O trecho que aparece entre aspas foi retirado da citação de uma carta que Irineu Guimarães enviou a Manoel Simões e Silva, membro do Conselho Superior do *Granbery*, com cópias a W. M. Carr, vice reitor em exercício, e H. Tucker, o presidente de tal órgão. (NOVAES NETTO, 2004, p. 63, nota 196)

<sup>280</sup> O código disciplinar que Irineu Guimarães tentava implementar denominava-se Curso Pré-Universitário (CPU). Baseando-se numa perspectiva de autogestão, ele tinha como objetivo que os alunos do internato, membros do curso primário, desenvolvessem um sistema disciplinar no qual tivessem um papel chave. Ao conscientizar o corpo discente da importância do trabalho inspirado no lema “liberdade-responsabilidade” previa, dentre outras coisas, abolir a figura do regente nos quartos dos internos e, num sistema democrático, dar protagonismo aos alunos que ficariam encarregados de gerenciar os dormitórios, os horários de estudo, chegando até a lhes dar autonomia para sair do colégio sem precisar de uma autorização expressa. Sobre isso, entre outras matérias do jornal *O Granbery e O Granberyense*, ver: (*O Granbery*, 12/12/1931, p. 15; *O Granberyense*, 14/06/1933, p. 5 e *O Granberyense*, 25/07/1933, p. 11).

o granberyense Odilon Duarte Braga, ministro de Vargas, proferiu discurso em colação de grau no colégio. Em 28 de julho de 1935, Walter Harvey Moore, Moyse de Andrade e Josué Cardoso d’Affonseca foram recebidos pelo presidente na Fazenda S. Mateus, em Juiz de Fora (...). Além disso, o Conselho Nacional de Educação, “encarregado de elaborar o plano nacional de educação” com prazo estabelecido para aquele ano de 1937, teve como membro nomeado pelo presidente Vargas o granberyense Josué Cardoso d’Affonseca. (NOVAES NETTO, 2004, p. 48; 51-52)

O comportamento sobranceiro e a tentativa de manter em parte o projeto de seu sistema disciplinar fizeram com que Irineu Guimarães, por uma vez, mais se empenhasse em negociar com o reitor Walter Harvey Moore sua manutenção, tentativa que não gerou resultado pois, no final de 1932, ele deixou a diretoria de disciplina. Desde então, mantendo apenas seu cargo de chefia do departamento primário e as aulas de português do ginásio em uma “*condição humilhante*”. (NOVAES NETTO, 2004, p. 68-69)

Todavia, tirante esta situação lhe causar perdas em seu salário, o reitor lhe fizera uma promessa de que ela seria passageira e que, dentro de um ano, ela seria resolvida. No entanto, este compromisso não foi cumprido, situação que evidencia a perda de seu prestígio frente à direção do colégio. (NOVAES NETTO, 2004, p. 68-69)

O desfecho da situação se mostrou ainda pior para Irineu Guimarães quando um abaixo assinado enviado por 225 alunos pedia à Congregação do *Granbery* sua nomeação junto com a de Oscar Machado para a direção do colégio, documento que os chamava de “apóstolos da educação”. (NOVAES NETTO, 2004, p. 68-71)

Após o documento ser apreciado na reunião de 15/11/1933, além dele não ter sido indicado para a direção do colégio, o órgão decidiu que Walter Harvey Moore continuaria como reitor. Além disso, para os cargos de vice reitor e de diretor do curso comercial ascenderam justamente Josué Cardoso d’Affonseca e Moyses Vieira de Andrade, professores com os quais havia sido criado o celeuma no ano de 1931, levando os três até a ter que prestar esclarecimentos à Congregação do instituto àquela época em que Irineu Guimarães assumira o posto de diretor de disciplina. (NOVAES NETTO, 2004, p. 68-71)

Ficava explícito que, com a conquista de espaços de poder por seus adversários, sobretudo Josué Cardoso d’Affonseca, o pedido dos alunos para que Irineu Guimarães fosse colocado na direção dos cursos secundários não iria ocorrer por dois motivos: pelo fato de lá ter ocorrido o problema com a CPU e também porque, na visão da administração, a postura de Oscar Machado se aproximava mais daquilo que ela esperava, circunstâncias que levaram a sua nomeação à diretoria da escola primária.

O aspecto que acabou por determinar a nomeação de Oscar Machado da Silva era a sua visão de educação, mais afinada com a da direção. Depois de assumir a diretoria, este sugeriu a necessidade de uma nova estrutura para substituir a “anarquia mental e moral e a implantação da “ordem, disciplina e responsabilidade”. (NOVAES NETTO, 2004, p. 70)

No novo cenário gestado por essas decisões tomadas pela Congregação do *Granbery*, após Oscar Machado assumir o cargo de diretor da escola primária, em matéria que anunciava este fato no jornal *O Granberyense*, já era possível ver a mudança de rota no que concerne àquilo que Irineu Guimarães havia iniciado com seu CPU.

Em sua administração da escola primária ele instruiria seus alunos com uma postura pedagógica inovadora, sempre se pautando pelo lema eivado de positivismo “*liberdade dentro da ordem*” que divergia bastante do lema “*liberdade-responsabilidade*”. (*O Granbery*, 14/06/1933, p. 2)

Sem estar envolvido diretamente na disputa de poder ocorrida, embora se mantivesse alinhado aos anseios da administração e, quiçá, até dos posicionamentos adotados por Josué Cardoso d’Affonseca no plano político, apesar deste vir a constar na lista dos inimigos da pátria encontrada no núcleo integralista local, no exato momento em que ambos ascendiam na hierarquia do *Instituto Granbery*, Irineu Guimarães, professor destacado por seu alinhamento político com o campo progressista, perdia espaço.

Até o momento, mesmo considerando que as disputas de poder e a inserção do integralismo no corpo docente e discente do *Granbery* poderiam ampliar as desavenças existentes, não se encontraram indícios de uma polarização e um acirramento entre Irineu Guimarães e os integralistas, especialmente com Oscar Machado.

O que se pode mencionar é que, Oscar Machado, por ocasião do início das aulas de 1934, em seu discurso na condição de diretor da escola primária, desferiu um ataque ao modelo disciplinar elaborado por Irineu Guimarães que, envolto no cenário de disputas por espaços de poder descrito, acabou sendo colocado como o motivo causador dos atritos existentes entre alunos e professores.

Desde o princípio dos tempos dois conceitos tem muitas vezes se chocado, algumas vezes se associado e raras vezes se integrado. Um é o conceito da liberdade, tantas vezes mal compreendido, pelo qual se batem os indivíduos e as multidões. O outro é o conceito da autoridade, tantas vezes mal interpretado, que tem servido de um lado à audácia dos prepotentes, e, de outro lado, às inclinações baixas dos desordeiros. (...) A harmonia entre a autoridade e a liberdade é o eixo sobre o qual tem girado no passado e giram, no presente, os graves problemas de economia social e política que interessam a todos os envolvidos. Na escola observam-se os mesmos fatos e a aparente

incompatibilidade entre êsses dois conceitos tem sido a fonte de discórdia, tantas vezes notada, entre aluno e mestre. (...) Nós assumimos a direção do Ginásio e da E. de Comércio numa hora em que graves acusações pesam sobre a coletividade granberyense no que diz respeito às suas diretrizes educativas (...) Queremos estabelecer um regime baseado em harmonia da autoridade com liberdade. (*O Granberyense*, 15/04/1934, p. 3)

Se, neste trecho, é perceptível a crítica ao estado de coisas do colégio e às propostas defendidas por Irineu, perto do fim de sua fala, depreende-se que, se dirigindo aos alunos, Oscar Machado também tratou dos problemas que enxergava existir no país, apresentando, como uma solução para eles, a criação de uma nova mentalidade em substituição à anarquia que estaria vigente no início do século. Essa nova mentalidade, conforme se verificou em suas manifestações posteriores, poderia ser entendida como o integralismo.<sup>281</sup>

Senhores, o nosso maior problema no Brasil continua sendo o da educação, mas educação no sentido da criação de uma mentalidade nova que venha substituir a anarquia mental e moral deste nosso século XX, pela implantação da ordem, da disciplina e da hierarquia. Agora, quando tentamos introduzir a uniformidade no trajar, importa que préguemos até conseguir a unidade do sentimento e do pensamento que constitui a base espiritual da disciplina, e que nos levará à unidade de ação. Então teremos um Granbery unido, coeso e forte, porque sentiremos, pensaremos e agiremos como um só homem para a consecução das nossas altas finalidades, nada havendo que detenha a nossa marcha. (*O Granberyense*, 15/04/1934, p. 3)

A última menção que associava Oscar Machado ao integralismo em Juiz de Fora foi encontrada no contexto iminente posterior a sua ida para Porto Alegre. Nas páginas do jornal *O Granberyense*, ela se remetia às eleições nas quais ele, Irineu Guimarães, Derly Chaves<sup>282</sup> e Josué Cardoso d’Affonseca haviam se candidatado a cargos dos legislativos estadual e federal.

<sup>281</sup> Tal hipótese também foi, anteriormente, defendida por Leandro Pereira Gonçalves, ainda que o autor não tenha se debruçado sobre as disputas internas por espaços de poder no *Granbery* que envolveram o professor Irineu Guimarães. (GONÇALVES, 2004, 2007)

<sup>282</sup> Derly de Azevedo Chaves veio a constituir sólida carreira política após a Segunda Guerra Mundial no Rio Grande do Sul. No memorial da Câmara de Vereadores de Porto Alegre, parte desta carreira foi assim detalhada: “Foi eleito vereador, pela legenda do Partido Social Progressista – PSP, para a 1ª Legislatura da Câmara Municipal de Porto Alegre, período de 1947-1951. Exerceu o cargo de 1º vice-presidente da Mesa Diretora nos anos 1947, 1948 e 1949. Presidiu a Câmara Municipal de Porto Alegre no período de 5 de abril de 1950 a 16 de janeiro de 1951. Renunciou ao exercício da vereança, em 17 de janeiro de 1951, para assumir o cargo de deputado estadual. Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, eleito para a 2ª Legislatura, período de 31 de janeiro de 1951 a 31 de janeiro de 1955, exerceu o cargo de 1º vice-presidente da Mesa Diretora, 1951. Retornou ao exercício da vereança na IIIª Legislatura da Câmara Municipal de Porto Alegre, 1956-1959; nesse período, exerceu os seguintes cargos: 2º vice-presidente da Mesa Diretora, 1956; 1º vice-presidente da Mesa Diretora, 1958; vice-presidente da Comissão de Educação, Saúde, Assistência e Serviços Públicos, 1958.” Derly de Azevedo Chaves. Memorial Câmara Municipal de Porto Alegre. Disponível em: <

A matéria informava também que a vitória de algum deles era esperada pela administração do *Granbery*. Tal circunstância, ao mesmo tempo em que demonstra a continuidade das relações dos docentes com o universo da política, também permite que se considere terem sido estes os motivos causadores das disputas anteriores por espaço de poder no instituto.

Para representarem na Camara Federal e Estadual, alguns nomes de relevo entre os nossos mestres granberyenses foram indicados nas chapas formadas por alguns dos partidos. Os nomes granberrienses, que foram indigitados para o referido pleito eleitoral, cujas cédulas já deverão ter sido apuradas, são: Drs. Josué Cardoso e Derlí de Azevedo Chaves, ambos em atividade no O Granbery como diretores; O prof. Oscar Machado, atualmente residindo no R. G. do Sul e diretor do Porto Alegre College. O Prof. Irineu Guimarães, com residência em Belo Horizonte e figura de grande destaque no corpo docente do Instituto Isabella Hendrix, bem como na sociedade belorizontina. Muitos outros granberrienses foram candidatos e certamente sufragados. Aguardamos ansiosos, com um voto esperançoso aos candidatos, para o bem do Brasil. (*O Granberyense*, 20/10/1934, p. 4)

Devido ao futuro alinhamento de Irineu Guimarães com o PTB e o PCB, à pe-remptória atuação de Oscar Machado na AIB e também ao fato de que Josué Cardoso d’Affonseca tenha sido integrante da listagem de traidores da pátria encontrada no núcleo integralista local, evidencia-se que havia uma pluralidade de posicionamentos políticos no *Granbery* que extrapolavam o antagonismo existente entre o fascismo e o comunismo presente no contexto da época, seja no cenário nacional ou internacional.

Por esta razão, malgrado as derrotas imputadas a Irineu Guimarães nas disputas anteriores internas do *Granbery*, salta aos olhos o fato de que os votos de sucesso dados aos três postulantes aos cargos legislativos, que se candidataram aos mesmos por partidos políticos diferentes, simbolizava um *projeto coletivo* adotado pelo metodismo de conseguir capilarizar sua influência neste *campo*, muito embora, no plano interno, ele tenha agido com o intuito de tentar estancar as manifestações políticas em seus institutos educacionais, a exemplo do ocorrido em Juiz de Fora.

Nessa esfera, quando interrogado sobre a possibilidade das divergências políticas terem trazido algum tipo de desentendimento entre Oscar Machado e Irineu Guimarães neste período e também sobre a questão do código disciplinar do segundo que foi substituído pela administração do *Granbery* por um tipo de atuação mais “linha dura”

com a nomeação do primeiro para a direção da escola primária, obtivemos a seguinte resposta de Arsênio Firmino Novaes Netto:

É. Eu não tenho registro dessa... de algum confronto, mas, por outro lado, o Irineu Guimarães, ele era muito granberyense. E muito provavelmente... Eu não posso te afirmar isso peremptoriamente. Muito provavelmente, o... o Irineu Guimarães e o... e o Oscar Machado conviveram pacificamente. O próprio Irineu Guimarães conviveu pacificamente com o Mister Moore (...). Suspeito que o Irineu Guimarães e o Oscar Machado não se deixaram levar por esse antagonismo, essa [Ininteligível]. Suspeito. (Entrevista com Arsênio Firmino Novaes Netto, Juiz de Fora, 31/03/2017)

Seja esta uma memória pacificadora ou não, até onde foi possível apurar, deveras, não existiram desentendimentos explícitos entre eles procedentes de suas divergências políticas. Sem embargo, se pode propor que a luta de braços por espaços de poder, a diferença de concepções pedagógicas, das redes de relacionamento e até os posicionamentos políticos assumidos por Irineu Guimarães tenham contribuído para sua derrocada, sendo que ele acabou pedindo licença do *Granbery* no período de dezembro de 1933 até o fim de 1939 para que as coisas se acalmassem, solicitação que prontamente foi aceita pela Congregação.

Desta forma, a partir de 1934 ele veio a atuar nos colégios metodistas *Isabella Hendrix*, de Belo Horizonte-MG, e *Piracicabano*, de Piracicaba-SP. Sua passagem pelo colégio belorizontino foi rápida pois, no último trimestre, por conta de uma articulação do bispo César Dacorso Filho, que era seu cunhado e mantinha com ele boas relações, Irineu Guimarães foi convidado a assumir a reitoria do colégio do interior paulista.

O fato de ser cunhado e amigo de César Dacorso Filho, que veio a ser o primeiro bispo brasileiro da Igreja Metodista, se não pôde evitar a crise ocorrida no *Granbery*, parece ter sido responsável por sua ascensão quando ele se torna reitor do Piracicabano, tendo também algum impacto no retorno dele ao *Granbery* em 1938. Pouco tempo depois de se encontrar em Juiz de Fora, ele assumiria a vice-reitoria e, posteriormente, a reitoria. Quando indagado se, de algum modo, César Dacorso Filho exerceu algum tipo de proteção sobre Irineu Guimarães como resultado do possível mal estar que sua atuação política poderia causar, Arsênio Firmino Novaes Netto assim respondeu:

Ah, sim. O... O César Dacorso, por exemplo, ele defendeu muito a ida do Irineu Guimarães lá para o Piracicabano, onde ele já era um socialista, o Irineu, e, lá mesmo, houve um problema do DEOPS tentar apanhá-lo lá, não é? Lá em Piracicaba já aconteceu... chegou a acontecer isso. A filha dele, a Vera Guimarães, que ela é uma comunista confessa, ela mesmo declarou pra mim em várias oportunidades que lá em... Embora que Piracicaba, na época, na

década de 30, quando Irineu foi pra lá, Piracicaba era muito dominada... era bem dominada pelo... pelo integralismo. Eram os camisas verdes. Cerravam o punho e tal, iam na praça e ficavam fazendo aqueles discursos e tal. E o Irineu Guimarães foi... chegou uma autoridade... policial chegou a ir lá no Piracicabano pra ver o que estava acontecendo. Então, já naquela época, ele já havia... E o... Foi o... o César que, depois que um americano substituiu a... as missionárias que lá estavam. Não me lembro o nome desse americano. Ele ficou pouco tempo na direção do Piracicabano. Aí, o bispo César Dacorso trabalhou para o Irineu ir pra lá. De fato, ele foi e fez um bom trabalho lá. Fez um bom trabalho. (Entrevista com Arsênio Firmino Novaes Netto, Juiz de Fora, 31/03/2017)<sup>283</sup>

Tal convite, além de representar o reconhecimento da importância de Irineu Guimarães por parte da alta hierarquia metodista, deve ser entendido como uma das estratégias adotadas para se levar adiante o plano de nacionalização das instituições de ensino da denominação religiosa, no contexto posterior à sua separação no tocante à Igreja norte americana, período no qual também se assistia no Brasil uma pressão por parte do governo de Getúlio Vargas para a nacionalização das escolas:

Nessa época, César Dacorso Filho, único bispo da Igreja, tido no meio metodista como de perfil autoritário, era contrário ao *domínio* da educação pela Junta de Missões e, conseqüentemente, à continuidade dos missionários “à testa de uma das nossas grandes instituições de ensino”, referindo-se ao Piracicabano, pois “temos gente para organizar e administrar com vantagem sobre os missionários”. Assim, nos últimos meses de 1934, o bispo começou a planejar, para breve, o afastamento da hegemonia missionária norte-americana na direção das escolas metodistas brasileiras, ao estabelecer um Conselho Superior para cada colégio. Para tanto, tratou de trabalhar a indicação de Irineu Guimarães para assumir a direção dessa escola. (NOVAES NETTO, 2004, p. 86-87)<sup>284</sup>

Portanto, foi no âmbito destas mudanças idealizadas pelo bispo César Dacorso Filho que Irineu Guimarães, “comunista”, foi enviado para assumir a reitoria no processo de nacionalização do colégio *Piracicabano* e que Oscar Machado, integralista, foi enviado para assumir a reitoria do PAC<sup>285</sup> que, em tal processo, passaria a se chamar *Instituto Porto Alegre* (IPA).

A um só turno, por motivos diversos, os principais expoentes de espectros antagônicos do universo político no *Granbery* foram peças fundamentais num processo mais amplo de reorganização das instituições de ensino metodistas ao assumirem o encargo

<sup>283</sup> Sobre sua ida para o Piracicabano e posterior retorno ao *Granbery*, ver também: (*O Granberyense*, dez. 1935, p. 5 e *O Granberyense*, 15/04/1938, p. 1).

<sup>284</sup> Estas informações foram extraídas pelo autor citado do seguinte material: DACORSO FILHO, C. Carta a Irineu Guimarães, em 25 out. 1934. Os temas da nacionalização do ensino e suas relações com os educandários metodistas, bem como da substituição de missionários norte-americanos na administração destes, serão melhores analisados no capítulo seguinte.

<sup>285</sup> Sobre a repercussão de sua ida para Porto Alegre ver também: (*O Granberyense*, 08/09/1934, p. 5).

de tocar adiante o processo de nacionalização destes educandários com o fito de diminuir a influência que a Junta das Missões norte americana então exercia nestes.

Em sua saída de Juiz de Fora, Oscar Machado foi fotografado juntamente de sua esposa, dos professores, funcionários e alguns alunos do *Granbery*, bem como, pelo que se pode presumir, junto da comitiva de profissionais que levou consigo para dar início à sua gestão à frente do *Porto Alegre College*.

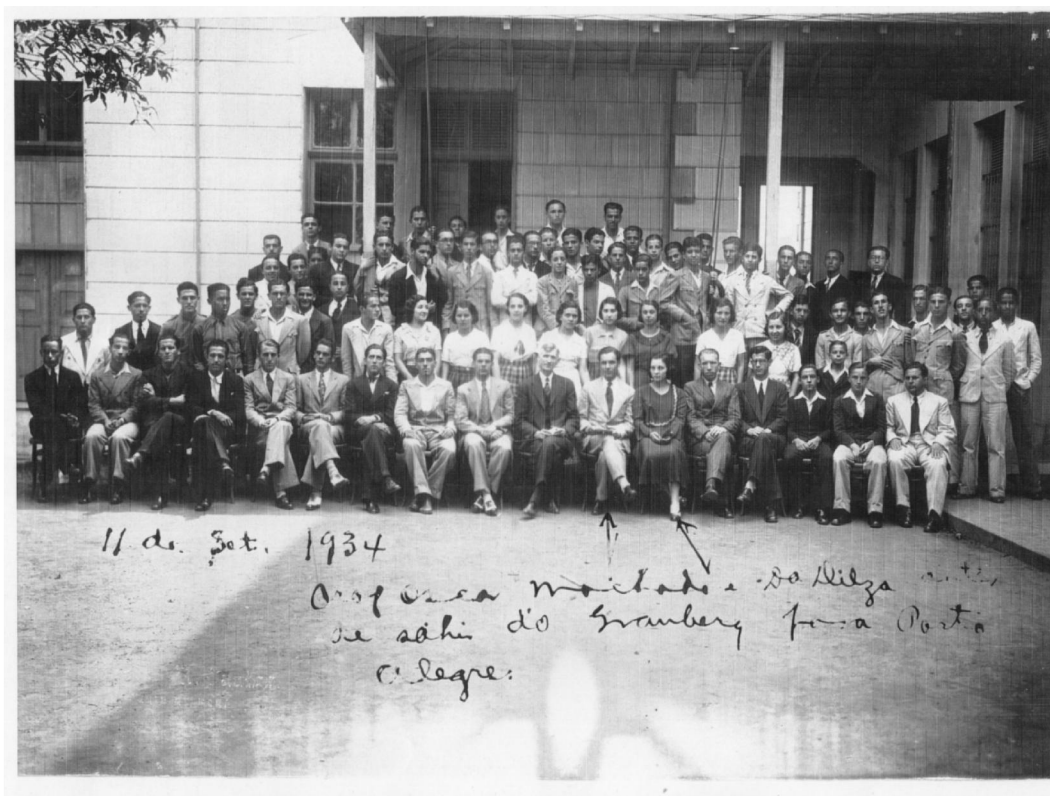


Imagem 13: Fotografia tirada no *Granbery* por ocasião da transferência de Oscar Machado para o *Porto Alegre College* em 11/09/1934. (Acervo pessoal Leandro Pereira Gonçalves)

Sobre o *Instituto Porto Alegre* e a chegada de Oscar Machado à capital gaúcha junto dos profissionais que passaram a fazer parte de sua equipe, de acordo com o relato de um deles, José Gomes de Campos, tem-se que:

O Instituto Porto Alegre (IPA), a partir de 1934, recebeu grande influência da filosofia educacional do *Granbery*, através do Prof. Dr. Oscar Machado e de sua esposa D. Dilza. Ambos estiveram quatro anos no *Granbery*. O Dr. Machado deixou o *Granbery* para ser Reitor do IPA, trazendo consigo um grupo de granberyenses. Estes lecionaram durante vários anos no IPA e também se projetaram em outras atividades: José de Leite e Souza (UFRGS), Álvaro Oliveira (advogado), José Gomes de Campos (reitor IPA, UFRGS e PUCRS), Samuel Antônio de Figueiredo (diretor do IPA e professor emérito da UFRGS) e as esposa, Déa, da Academia Feminina de Letras, Ítalo Dacorso (dentista e educação física), Waldemar Camilo Ruas (advogado e professor



emérito da UFRGS), Wilson Fernandes (procurador do estado), Sylvio R. da Silva (UFRGS), Vicente Gomes de Campos (advogado e atleta de várias seleções do Estado), Juvenal Ernesto da Silva e Carmem (ele capelão do IPA e da FEB, na Itália), Sady Machado (Diretor do IPA e bispo emérito da Igreja Metodista). Merece destaque o casal Chaves, a partir de 1938. O Rev. Derly de Azevedo Chaves, além de professor do IPA, foi deputado federal, vereador e prefeito interino de Porto Alegre. É cidadão de Porto Alegre e professor emérito da UFRGS. Sua esposa, D. Otilia, teve grande projeção no Estado, no Brasil e no exterior. O Prof. Oscar Machado foi figura marcante como respeitado educador, renovador e inspirador da nova educação. Teve consagração no Estado, no país e no exterior, com títulos de doutor, de professor emérito e comendas de mérito. Criou o “Espírito Ipaense”, inspirado no “Espírito Granberyense”. O trio W. H. Moore, W. R. Schisler (Passo Fundo) e Oscar Machado (IPA) foi promotor do intercâmbio Granbery-Rio Grande do Sul. (NOVAES NETTO, 2004, p. 47-48)<sup>286</sup>

Para concluir a esse respeito, em sua volta a seu estado natal, no qual verticalizaria sua atuação no interior do integralismo, Oscar Machado se fez acompanhar por uma caravana de importantes personalidades do interior do metodismo e também da sociedade em geral, que o auxiliariam a levar a bagagem pedagógica, administrativa e até afetiva, ou seja, todo um complexo de conhecimentos e sentimentos apreendidos e vividos no *Granbery*, para o IPA, temas a serem abordados nos próximos capítulos.

---

<sup>286</sup> Este depoimento de José Gomes de Campos foi extraído pelo autor citado da obra MORAES, A. A. (org.). *Eu, Vamos Escrever – Mr. Moore: educador e amigo*. Livrete de depoimentos de granberyenses e admiradores de Mr. Moore. s/d. Sady Machado se formou em Teologia na última turma do instituto antes deste curso se transferir para São Paulo em 1938, sob orientação de Otilia Chaves, vindo a se casar com Ruth Chaves, filha de Derly de Azevedo Chaves e Otilia Chaves, fato que estreitou ainda mais os laços das famílias. De acordo com o jornal *O Granberyense*, Derly se mudou para Porto Alegre, onde foi nomeado pastor no final do ano de 1939. Sobre esses temas, respectivamente, ver: (*Ata da 60ª reunião da Congregação da Faculdade de Teologia*, 24/11/1937, p. 39.1; *O granberyense*, 15/04/1938, p. 5; *O Granberyense*, 31/05/1939, p. 6 e *O Granberyense*, 20/11/1939, p. 3)

#### 4. OSCAR MACHADO: UM INTELLECTUAL METODISTA NO CONTURBADO CONTEXTO POLÍTICO NO RIO GRANDE DO SUL DOS ANOS 1930

##### 4.1 PRELÚDIO: A DÉCADA DE 1920 E O OTIMISMO METODISTA

A contar do início da década de 1920, o sistema político brasileiro vigente começava a dar provas de esgotamento. Descontentes com o domínio exercido pelos estados de São Paulo e de Minas Gerais, as oligarquias dissidentes do Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Sul, dentre outras, em 1922, se uniram em torno da campanha de Nilo Peçanha numa das poucas eleições competitivas da Primeira República. (CARONE, 1989)

Ao mesmo tempo, diretamente ou não, associados a esse clima efervescente, assistia-se ao surgimento de novos movimentos sociais, culturais e políticos, como o tenentismo, a Semana de Arte Moderna e a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB). (CARONE, 1989; MARIANI, 1998; SILVA, 2001)

Nesse contexto, durante as comemorações do centenário da Independência, nas quais uma série de ações políticas e ideológicas se intensificavam, foi que as atividades educacionais do metodismo no Rio Grande do Sul, iniciadas com a fundação do *Colégio Evangélico Misto* em 1908, vieram a se consolidar.<sup>287</sup>

É preciso pontuar que, embora tenham se tornado mais consistentes nesse ínterim, tais atividades já vinham sendo engendradas, combinando esforços dos metodistas com outras denominações norte-americanas, como os batistas, os congregacionais, os episcopais e os presbiterianos. Por conseguinte, focado no setor educacional e ambicionando fomentar mudanças político-culturais, o trabalho missionário destas denominações religiosas foi dotado de um crescente investimento. Exemplo disso ocorreu por intermédio da Junta das Missões<sup>288</sup>, posto que, na região sudeste, foram criadas uma Faculdade de Teologia e uma Junta Regional de cooperação, ampliando o poder de atuação protestante neste *campo*. (MESQUIDA, 1994, p. 144)

Especificamente sobre os metodistas, o financiamento proveniente da “Igreja-mãe” dos EUA e de seus órgãos internos decorreu de um duplo entendimento. Primeiro, pois o período de tensão político-social do Brasil favoreceria seu ganho de força, mas também por conta da realização do Congresso do Panamá, convocado pelas Igrejas

<sup>287</sup> Contiguamente das iniciativas para a construção e funcionamento dos colégios metodistas, deve-se valorizar também o afincamento para a manutenção e a ampliação das escolas dominicais e paroquiais que, preservadas as suas especificidades, foram importantes para o fortalecimento e a expansão das atividades educacionais da denominação religiosa.

<sup>288</sup> Sobre sua atuação da região sudeste, além da obra de Peri Mesquida, ver: (PIMENTA, 2017a).

protestantes norte-americanas que atuavam na América Latina, no qual se estudou a viabilidade de fortalecer as Missões no continente.

Assim, nos anos iniciais da década de 1920, com um grande impulso derivado do montante arrecadado com as doações de instituições de ensino norte-americanas, da Junta Geral das Missões e da Junta das Mulheres, as investidas no setor educacional também se fizeram presentes no sul do país.<sup>289</sup>

Destacam-se, dentre elas, as construções de três novos educandários de nível regional no Rio Grande do Sul: o *Instituto Ginásial de Passo Fundo* (1920), hoje *Instituto Educacional de Passo Fundo*<sup>290</sup>, o *Colégio Metodista Centenário* em Santa Maria<sup>291</sup> (1922) e o *Porto Alegre College* (PAC) (1923).<sup>292</sup>

Tais iniciativas, ao concorrer para a capilarização da presença metodista no Rio Grande do Sul e para atração de alunos naturais de estados vizinhos em seus educandários, passaram a ofertar também locais para a criação de sua *intelligentsia*, – antes formada na região sudeste – situação que mostrava o avanço do projeto educacional atingido pela denominação religiosa na região sul do país e o otimismo dos metodistas como um todo.<sup>293</sup>

#### 4.2 O PORTO ALEGRE COLLEGE (PAC) E SUA CONCEPÇÃO ORIGINAL: A “LITTLE SMU”

Na conjuntura dessa expansão das atividades no setor educacional por parte dos metodistas, alinhando-se à mesma lógica de seu projeto educacional que regia o

---

<sup>289</sup> Surgida em 1878, a *Sociedade Metodista Missionária para Mulheres Estrangeiras da Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos* teve implicação direta na implantação da maioria das escolas metodistas no Brasil. Entre o último quarto do XIX e início do XX, ajudou a erigir quinze instituições, dando ênfase aos educandários femininos. O aumento do aporte de verbas para tal intento corrobora aquilo que foi apresentado por Peri Mesquida pois, entre 1881 e 1926, apenas esta sociedade destinou cerca de US\$ 1.938.934,00 para o Brasil. (MESQUITA, 1995, p. 96-98)

<sup>290</sup> Sobre o *Instituto Ginásial* de Passo Fundo, foram os alunos *Southern Methodist Universidade* (SMU) de Dallas-Texas, sob a coordenação da professora Mary Deckerd, os responsáveis por angariar os recursos necessários para a construção do prédio de aulas e do internato da escola em 1920. (BETTS, 2007, p. 11)

<sup>291</sup> Uma vez fundado o *Colégio Centenário* de Santa Maria, em 27/03/1922, no dia 7 de setembro do mesmo ano, lançou-se a pedra fundamental daquilo que se tornaria o prédio de aulas de uma escola voltada para a educação feminina. (BETTS, 2007, p. 11).

<sup>292</sup> Também em Porto Alegre, em 1922, mediante as ofertas recebidas no âmbito das celebrações do “Centenário das Missões Metodistas”, o *Colégio Americano* adquiriu um novo prédio de aulas e um novo espaço para seu internato permanecendo como uma escola voltada para a educação feminina até o ano de 1945. (BETTS, 2007, p. 12)

<sup>293</sup> Sobre o otimismo verificado no período, fomentado também pelo crescimento de segmentos e órgãos da Igreja, como o movimento leigo, as ligas Epworth, o movimento das senhoras, o aumento das matrículas em suas escolas paroquiais e do próprio número de fiéis, ver: (BOAVENTURA, 1994, p. 92-96).

*Instituto Granbery* de Juiz de Fora, no bojo dos demais educandários da designação religiosa criados no Rio Grande do Sul, sobreleva-se que o PAC surgiu como uma espécie de réplica do modelo dos *colleges* norte-americanos em Porto Alegre.<sup>294</sup>

Sob a direção de educadores oriundos dos EUA que viriam a ser seus primeiros reitores, já em sua fundação, ao implantar o *projeto coletivo* metodista para a educação, ambicionava-se transformar o PAC na primeira universidade do estado do Rio Grande do Sul.<sup>295</sup> Dessa maneira, seja por meio da documentação produzida pelo PAC ou pela SMU, testemunhou-se o aprofundamento da relação tecida entre as duas instituições, iniciada na pioneira iniciativa de auxílio da primeira turma de formandos do *college* norte-americano SMU que, em 1922, angariou fundos voltados para o PAC. (*The Semi-Weekly Campus*, 12/03/1938, p. 1-3)

Delineada desde 1922, a vinculação entre as instituições se fortaleceria ao longo das décadas seguintes, como um reflexo da continuidade das campanhas realizadas na SMU para levantar fundos voltados para o PAC, ao ponto deste último passar a ser denominado pelos metodistas como a “*Little SMU*”.<sup>296</sup>

Em uma das mais de vinte inferências encontradas no jornal do *college* norte-americano que mencionaram o nome de Oscar Machado e as relações travadas entre SMU e o PAC<sup>297</sup>, pode-se depreender a visão que a instituição e a própria Igreja Metodista do Sul dos Estados Unidos possuíam sobre as ações missionárias desenvolvidas no Brasil, bem como parte dos valores dos quais estas estavam imbuídas.

Você já ouviu os nomes de Earl? Moreland e Oscar Machado? Talvez você não tenha, mas há alguns anos eles eram estudantes em nosso campus da SMU. Sim estudantes como você e eu. Eles estudaram, eles brincaram e cada um deles teve uma visão de ajudar a tornar o mundo um pouco melhor. No decorrer de alguns anos, cada um deles viu essa visão realizada na América

<sup>294</sup> Por *colleges* entendem-se as instituições norte-americanas que, ao oferecer vários cursos de graduação, se assemelham às faculdades brasileiras. Por serem pequenos, podem ou não vir a fazer parte de uma universidade.

<sup>295</sup> Entre os anos de 1923 e 1934, os reitores do PAC foram todos norte-americanos: J. R. Saunders (1923-1924), Allan K. Manchester (1925-1926), e Jesse Earl Moreland (1927-1933). Destes, apesar de ter sido o segundo a assumir o cargo, no jornal da SMU, Jesse Earl Moreland era tido como o “primeiro presidente da *Little SMU*”. Ver: (*The Semi-Weekly Campus*, 24/02/1951, p. 1).

<sup>296</sup> Anos depois, em 1926, este processo se acentuaria quando, idealizada para subsidiar o pagamento dos salários de Jesse Earl Moreland, por iniciativa da comunidade da SMU, se realizou uma campanha de arrecadação denominada “Earl Moreland Fund”. Afirmando ser esta uma das melhores tradições do *college* pois, de modo altruísta, dedicava seu empenho a um país onde quase 85% da população era analfabeta, a matéria informou que, mobilizando todo o câmpus, a campanha se realizava anualmente. O montante arrecadado se compunha de doações de diversos valores realizadas pelos alunos do *college* norte-americano, suas fraternidades, sua escola dominical, dentre outros. (*The Semy-Weekly Campus*, 11/12/1926, p. 1-2)

<sup>297</sup> Como se verá adiante, IPA é o nome que a instituição assumiu a partir do ano de 1935, durante o processo de nacionalização do ensino no Rio Grande do Sul.

do Sul. Em Porto Alegre, Brasil, foi fundada a "Little SMU", com o Sr. Moreland como seu primeiro presidente. Ela foi fundada com o propósito de dar aos meninos brasileiros uma educação liberal através da instrução e orientação cristã. O Sr. Machado, o outro aluno da SMU, tornou-se o segundo presidente da Little SMU e ainda ocupa esse cargo. (*The SMU Campus*, 12/03/1947, p. 2)<sup>298</sup>

Entre ex-alunos, ex-professores e ex-dirigentes do PAC, denota-se uma visão semelhante em relação a tais propósitos, como a ocorrida com Edni Oscar Schroeder. Ex-aluno do IPA na década de 1960, posteriormente seu reitor, ao discorrer sobre a fundação do instituto e sobre quais seriam seus ideais, num tom análogo ao do jornal da SMU, ao tratar da atração exercida pelo educandário, asseverou:

(...) quando eles vinham, eles já vinham na concepção que, tem que ser o IPA, porque lá tem uma concepção norte-americana que já está em desenvolvimento. Esperava-se que o país chegasse a esse patamar, tá certo? (...) As instituições como o IPA, conseguiam, então, fazer através do processo educacional que as concepções do modo de vida norte-americano, do processo econômico; (...) as concepções de um capitalismo que... que emergia com mais força... com mais força do que existiu, ele já fosse trabalhado no processo de formação. (Entrevista com Edni Oscar Schroeder, 26/07/2016)<sup>299</sup>

Portanto, se verifica que, a partir da inauguração do PAC, tanto no Brasil, quanto nos EUA, como fruto de um *projeto coletivo* da Igreja Metodista, ele era retratado como uma instituição que, sob a égide do escolanovismo norte americano, que propalava ter na educação uma conotação salvífica, ofertava uma educação científica ancorada nos valores do *destino manifesto* que tinha nos EUA o modelo de sociedade bem sucedida e na ideologia liberal a base de seu desenvolvimento. (MENEGHETTI, 1998, p. 208)

Edificado sob tais pilares, seus objetivos, apresentados no periódico da SMU, seriam os de influenciar a nova elite que viria a forjar, além de formar novos quadros do metodismo.

“S.M.U. no Brasil” tem dois objetivos distintos. Primeiro, arrebatam os filhos dos membros metodistas no Brasil e dar-lhes uma educação cristã, preparando ao mesmo tempo alguns deles para o ministério e o trabalho

<sup>298</sup> No original: “Did you ever hear the names of Earl. Moreland and Oscar Machado? Maybe you haven't, but a few years back they were students on our SMU campus. Yes students just like you and me. They studied, they played and they each had a vision of helping make the world a little better. In the course of a few years, they each saw this vision realized, in South America. For in Porte Alegre, Brazil, "Little SMU" was founded, with Mr. Moreland as its first president. It was founded for the purpose of giving Brazilian boys liberal education through Christian instruction and guidance. Mr. Machado, the other SMU student, became Little SMU's second president, and still holds that office.” (*The SMU Campus*, 12/03/1947, p. 2)

<sup>299</sup> O entrevistado é autor de um dos poucos estudos que versam sobre a proposta educacional metodista e o IPA. Baseado na perspectiva da Teoria da Dependência, focando nos três pilares, educação, escola, governo, ele analisou a história do instituto, abordando quatro períodos distintos, a conjuntura anterior a 1930, a compreendida entre 1930 e 1945, o contexto entre 1946 e 1964 e, por fim, o período ulterior ao golpe civil militar (SCHROEDER, 1982).

cristão especial. Segundo, instruir os filhos dos homens ricos e influentes no Brasil a fim de suprir a necessidade de alguma liderança poderosa, educada e completa com uma perspectiva cristã. (*The Campus*, 12/03/1938, p. 3)<sup>300</sup>

Veiculado como portador dos valores fundamentais da sociedade norte-americana, diferenciando-se daquilo que era visto até então nos demais educandários do estado, por proporcionar um ensino prático com uma grande valorização das atividades esportivas, é que se entendem os motivos pelos quais o modelo de ensino ofertado no PAC exerceu grande atração sobre as elites regionais do sul do país.

#### 4.2.1 O processo de implementação do modelo educacional da SMU no PAC

No processo de transplante do metodismo dos EUA para o Brasil, em seu *projeto*, junto de suas concepções religiosas, todo um conjunto de práticas pedagógicas também foram trazidas para nosso país. Intencionalmente colocados em prática, esses elementos se tornaram visíveis não só para o público externo, mas também para os alunos de seus educandários, que enfatizavam as especificidades de seu modelo educacional.

Uma amostra disso se encontra no artigo publicado em 1929, no periódico mensal do PAC, *O Reflexo*, pelo aluno Pery Machado. Contrapondo o modelo tradicional que até então era hegemônico no país com aquele tido como provindo de “países civilizados”, sabidamente, sobre o educandário, o autor escreveu:

Havia, porém, na maioria das vezes, homens encarregados de ministrar o ensino que reuniam em si característicos de verdadeiros algozes. As escolas eram logares tectricos, o ensino ministrado á pancada e os proprios paes quando queriam ou pensavam castigar os filhos, ameaçavam-nos com escola, como si por ventura ella fosse um lugar de castigo, onde se punia as faltas e as desobediencias das creanças. (...) Agora, porém, surge uma nova era no problema da educação. As novas gerações saturadas das ideas nobres, dos gestos altruisticos, dos ideaes alevantados, marcham para uma conquista decisiva na ampliação, na remodelação, no aperfeiçoamento dos melhores e mais adequados methodos de ensino. (*O Reflexo*, 1929, p. 8)

Valorizando elementos como a conquista derivada do esforço individual com o expediente da distribuição de premiações aos melhores alunos, desde seus anos iniciais, foram replicados no PAC órgãos que se faziam presentes na SMU como os grêmios

<sup>300</sup> No original: ““S.M.U. in Brazil” has two distinct aims. First, to take the children of the Methodist members in Brazil and give them a Christian education, at the same time preparing a few of these for the ministry and special Christian work. Second, to instruct the sons of the rich and influential men in Brazil in order to supply a need for powerful, educated, whole some leadership with a Christian outlook.” (*The Campus*, 12/03/1938, p. 3)

literários, as associações de caráter cívico, de cunho esportivo, centro de cultivo espiritual, associação de ex-alunos, dentre outros.<sup>301</sup>

Em evento ocorrido na SMU no ano de 1934, Jesse Earl Moreland, ao detalhar sua experiência à frente do PAC, tratar das semelhanças entre este e a SMU e mencionar a importância de sua atuação e de outros membros do corpo docente do educandário gaúcho para a constituição das similaridades entre as instituições, afirmou:

Quanto às nossas atividades, organizações e tradições, (...) “não há tanta diferença quanto se poderia esperar”. (...) “Eu suponho que sou parcialmente responsável pela semelhança da “Little S.M.U.” com a Universidade Metodista do Sul. Consequentemente, também, quatro de nossos membros do corpo docente são graduados do S.M.U”. Oscar Machado, B. D; da SMU, 1928, está preenchendo a presidência este ano; Antonio Rolin; B. D; da S.M.U; 1928, é professor no Seminário; S. U. Barberi, A. B; M. A; B. D; da SMU é reitor da Seminário, a Sra. Odette Barberi, aluna especial da SMU; é professora de Português (...). (*The Semi-Weekly Campus*, 17/11/1934 p. 3)<sup>302</sup>

Contudo, extrapolando a presença destes órgãos e as consequentes práticas pedagógicas que se desenvolveriam em uníssono aos valores que norteavam o modelo educacional metodista é patente que, desde sua fundação, outros elementos que teriam impacto direto no cotidiano escolar do PAC foram para ele transpostos, sobretudo da SMU, como é o caso do modelo arquitetônico adotado em suas construções.

A esse respeito, em concordância com aquilo que se encontrou no periódico da SMU, o prédio principal do PAC teria sido inspirado no Dallas Hall, do *college* norte-americano, cujas semelhanças podem ser vistas nas imagens abaixo:

<sup>301</sup> Eram também veiculadas notícias sobre as atividades desenvolvidas por estes órgãos supramencionados, além daquelas realizadas por um english club para a difusão do idioma inglês na instituição e também das referentes à participação dos alunos em competições externas, como as olimpíadas escolares. (SCHROEDER, 1982, p. 27-28, 49-50) Uma discussão aprofundada sobre a réplica deste modelo norte-americano pelo PAC se encontra em: (PIMENTA, 2017b).

<sup>302</sup> No original: ““As to our activities, organizations, and traditions”, continued Moreland, “there is not as much difference as might be expected.” (...) “I suppose I am partially responsible for the similarity of “Little S.M.U.” with Southern Methodist university. Then too, four of our faculty members are graduates of S.M.U”. “Oscar Machado, B. D; of S.M.U; 1928, is filling the presidency this year; Antonio Rolin; B.D. of S.M.U; 1928, is a professor in the Seminary; S. U. Barberi, A. B; M. A; B. D; of S.M.U. is Dean of the Seminary; Mrs. Odette Barberi, a special student of S.M.U; is professor of Portuguese. (...)”.” (*The Semi-Weekly Campus*, 17/11/1934 p. 3)



Imagens 14 e 15: Dallas Hall da *SMU* e Prédio Principal do *Porto Alegre College* (atual reitoria do IPA).<sup>303</sup>

Descrito, diversas vezes, pelo periódico da SMU como a cópia exata do Dallas Hall<sup>304</sup>, é preciso assinalar que constataram-se significativas diferenças entre eles. Fruto de questões locais, estéticas e, mormente, dada a assimetria existente em suas capacidades de investimento, essas disparidades podem ser tomadas como resultados de uma adaptação do modelo à realidade aqui encontrada.

A princípio, perceberam-se notórias discrepâncias acerca das proporções, dos materiais utilizados na construção – diversos edifícios do PAC foram construídos com as pedras que se encontravam em seu próprio terreno – ou ainda em detalhes como os dos estilos das colunas de inspiração grega – respectivamente, coríntia a jônica.

Malgrado a existência dessas dessemelhanças, o modelo de construção adotado abarcava desde o padrão arquitetônico dos prédios principais à disposição geográfica dos demais edifícios, objetivando, ao lado do modelo educacional, a criação de uma cultura escolar parecida com a vivenciada na SMU, mas em proporções menores.

Nessa direção, por conta de uma deliberada proposição ou de um menor potencial de investimento, com o intuito de instigar tal estado de coisas, à luz da ideia de Arabela Oliven, constata-se que as construções do PAC seguiram a mesma lógica verificada nos *colleges* norte-americanos, como a SMU. (OLIVEN, 2015)

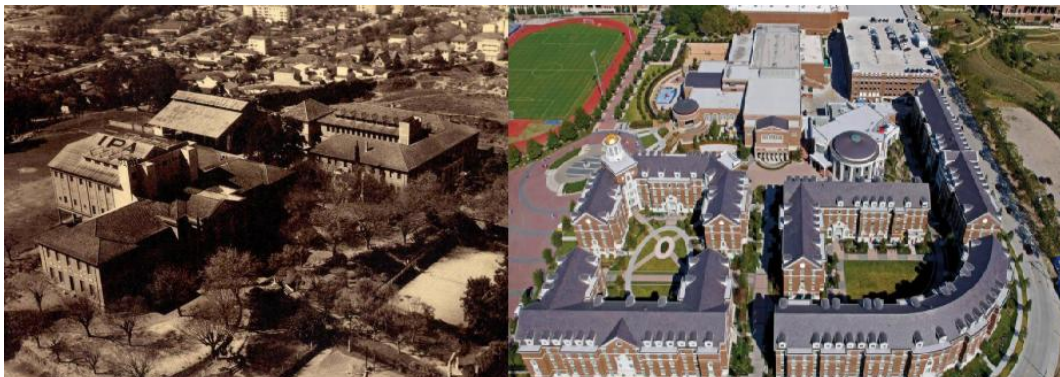
Isto é posto pois, situando-se em regiões distantes dos centros da cidade, estes isolavam suas comunidades acadêmicas. Logo, estas teciam suas relações de modo mais intenso por causa da organização do espaço, por vezes, feitas em forma de quadrilátero,

<sup>303</sup> A primeira imagem foi consultada em: <<http://www.smudailycampus.com/special-section/best-of-smu-and-park-cities-2017>>. Acesso em: 23 mar. 2018. A segunda imagem foi consultada em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rbs/image/16423747.jpg>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

<sup>304</sup> *The Semi-Weekly Campus*, Dallas, 06/12/1939, p. 3; *The Semi-Weekly Campus*, Dallas, 24/02/1951, p. 1; *The Semi-Weekly Campus*, Dallas, 01/03/1957, p. 4.



o que aproximava os alunos e facilitava sua integração, aspecto observável nas imagens abaixo:



Imagens 16 e 17: Vistas aéreas do PAC e de parte do câmpus da SMU.<sup>305</sup>

Apesar de serem de períodos distintos e de não apresentarem o mesmo formato, é possível notar como a disposição geográfica dos edifícios e das áreas para a prática de esportes era importante para que, ao facilitar a circulação por tais espaços, que se mostravam próximos uns dos outros, juntamente das atividades acadêmicas, se forjasse uma cultura escolar no PAC semelhante à existente na SMU.<sup>306</sup>

Ao analisar tais questões, Valeska Alessandra de Lima afirmou:

Alunos e professores residiam no Porto Alegre College, havia um edifício para os alunos e professores e uma casa separada para o Reitor e sua família. A construção do espaço comunitário do Porto Alegre College, localizado no Morro Milenar, hoje bairro Rio Branco, parece ter sido bastante influenciada por uma ideia norteamericana de que, em geral, os ambientes universitários se constituíam para atuar de forma praticamente autônoma e retirada da cidade. (...) Podemos imaginar que estes espaços, ao mesmo tempo em que favoreciam o convívio e a socialização entre alunos e professores, serviam também como um sistema de controle das atitudes daqueles que faziam parte da comunidade acadêmica. (LIMA, 2014, p. 16-17)

A reprodução deste modelo com o desígnio de controlar o que era experienciado pelos alunos, gerando nestes a sensação de serem integrantes de uma comunidade única, que com eles compartilhava toda uma rede de símbolos, excedia bastante o caráter de

<sup>305</sup> A primeira imagem foi consultada em: (LIMA, 2014, p. 17). A segunda foi consultada em: <<http://dmgmasonry.com/projects/masonry/education/smu-residential-commons>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

<sup>306</sup> Feita a explanação sobre os aspectos físicos e os órgãos replicados da SMU no PAC, cujos reflexos se fariam evidentes em seu cotidiano, dentre as múltiplas acepções possíveis, adota-se aqui a seguinte definição de cultura escolar da obra de Dominique Julia: “Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).” (JULIA, 2001, p. 10)

mera cópia dos órgãos, do prédio principal da SMU ou da disposição de seus edifícios que, isoladamente, pouco significariam para os alunos do PAC.

Na reportagem que abordou a presença e as ações de Jesse Earl Moreland à frente do educandário de Porto Alegre, se percebe como se tentou criar uma cultura escolar que, mesmo alicerçada sobre uma matriz importada, planejada em seus mínimos detalhes, concorreria para desenvolver um sentimento de pertencimento a uma comunidade mais ampla, que só ali faria sentido a seus membros, tida como uma família.

A vista disso, por ser detentor de um modelo de ensino reconhecido como moderno, minuciosamente pensado em aspectos organizacionais e em suas instalações físicas, tem-se que, somados, tais elementos eram tidos como um meio de se atingir os valores liberais que embasavam a sociedade norte-americana, atraindo assim os filhos das elites rurais, das camadas médias e altas urbanas da região sul do país.<sup>307</sup>

Por esse prisma, a importação do paradigma educacional metodista impactou sobremaneira a forma como se davam as relações ocorridas em seus colégios, constituindo um espaço peculiar diferente daqueles encontrados nas escolas católicas:

Se o aspecto exterior dessas construções testemunhava a presença de uma realidade sócio-cultural exógena, seu interior evidenciava ainda mais a separação entre a cultura vivida dos estudantes e a que lhes seria inculcada. A ausência do estrado nas salas de aula aproximava os alunos do mestre; a presença de carteiras individuais as distinguia das escolas católicas (bancos e carteiras coletivas, estrado) e lembravam dois princípios difundidos pelo liberalismo norte-americano: o individualismo e a democracia (...) Os auditórios, onde os alunos se reuniam todos os dias antes do início das aulas para ouvir a leitura da Bíblia e cantar hinos religiosos, eram ornados com fotografias de presidentes dos Estados Unidos, do Brasil e da província onde se situava a escola. A presença das bandeiras norte-americanas e brasileira sugeria a aproximação político-cultural das duas nações (...). (MESQUIDA, 1994, p. 132-136)

Todavia, se a adoção desse modelo resultou em boa parte do sucesso obtido pelo PAC, com as mudanças decorrentes do processo da obtenção da autonomia da Igreja Metodista do Brasil em 1931, da nomeação do primeiro bispo brasileiro, bem como pela interferência do universo político, ele viria a passar por grandes modificações após a chegada de Oscar Machado, primeiro brasileiro a assumir sua reitoria em 1934.

<sup>307</sup> Sobre a lógica do *destino manifesto* e as estratégias utilizadas para o reconhecimento de seu modelo de ensino e atração dos alunos para os educandários metodistas, ver: (PIMENTA, 2017b). No decorrer do tempo, a instituição apresentou um crescimento considerável resultando tanto na ampliação de sua estrutura física, quanto no maior afluxo de alunos. Em 1929, ele contou com quarenta e dois alunos a mais em relação ao ano anterior, totalizando cento e cinquenta e nove estudantes, com a rejeição de mais de cem pedidos de novas matrículas, fato que veio a se repetir nos anos seguintes. (*O Reflexo*, nov. 1929, p. 2)

### 4.3 A EMANCIPAÇÃO DA IGREJA METODISTA E A OPÇÃO POR BRASILEIROS NA CHEFIA DE SEUS EDUCANDÁRIOS

Nas décadas iniciais do século XX começaram a ser debatidas formas de a Igreja Metodista conseguir se sustentar no Brasil sem o auxílio da “Igreja-mãe” dos EUA. (LONG, 1968, p. 143-145) Num cenário no qual passava-se a valorizar o caráter nacional em detrimento do que era estrangeiro, a exemplo do ocorrido na Semana de Arte Moderna de 1922, as discussões relativas ao futuro do metodismo se aprofundavam e caminhavam passo a passo rumo à sua autonomia.

Na perspectiva do movimento nacionalista que envolve a política brasileira, a Igreja Metodista, já reconhecida e consolidada nas comunidades em que se fixou, passa a lutar por sua autonomia em relação à influência norte-americana, responsável por sua origem no Brasil. A fase de implantação do trabalho já havia passado. A consolidação, sempre necessária como estratégia de manutenção, já era responsabilidade da segunda geração de metodistas brasileiros. (MENEGETTI, 1998, p. 210)

No bojo deste processo, que pouco a pouco amadurecia, a perspectiva de se alcançar a autonomia frente à Igreja Metodista do sul dos Estados Unidos ganhou mais força em 1929, na ocasião da Conferência Central do Metodismo. Reunindo os integrantes das três conferências que organizavam os metodistas no Brasil, neste evento formulou-se um documento que foi enviado para a Conferência Geral da Igreja Metodista do Sul dos Estados Unidos solicitando a organização de uma Igreja autônoma brasileira. (JAIME, 1963, p. 129)

Rapidamente, na Conferência Geral da Igreja Metodista do Sul dos Estados Unidos de 1930, o pedido foi apreciado e aprovado. Consequentemente, ao conferir aos metodistas brasileiros a condição de Igreja autônoma – conquanto esta continuasse a manter íntimas ligações com a “Igreja-mãe” – a nova situação ensejou a necessidade da escolha do primeiro bispo, sobre quem recairiam as incumbências de comandar sua organização e estruturação.

Estranhamente, no lugar de se optar por um metodista brasileiro para a ocupação deste cargo, o nome indicado pela comissão – composta por vinte membros (cinco de cada uma das Conferências Brasileiras e mais cinco que haviam sido enviados pela Igreja Metodista do Sul dos Estados Unidos) – foi o do norte americano John W. Tarboux. (LONG, 1968, p. 149)

Edni Oscar Schroeder afiançou que, em meio a uma disputa que contava com os ministros brasileiros César Dacorso Filho e Guaracy Silveira, a escolha de John W. Tarboux representava um indicativo de continuação do estado de coisas que se observava na organização e nos centros decisórios da Igreja Metodista no país, fruto do alto grau de dependência existente até este momento. (SCHROEDER, 1982, p. 23)

Fosse a escolha do novo bispo uma opção que atendesse à estratégia de manter a vinculação à “Igreja-mãe”, ou uma tática para que se realizasse uma transição mais tranquila para o controle brasileiro, não se pode negar que, nestes moldes, ela contribuiu para a continuidade da obtenção dos recursos advindos dos EUA voltados para a manutenção das escolas e da própria Igreja Metodista.

Dessa feita, passados dois anos, em janeiro de 1934, na ocasião do Segundo Concílio Geral da Igreja Metodista do Brasil, com sede em Porto Alegre, finalmente, um metodista brasileiro foi eleito para ocupar a função de bispo da Igreja Metodista, o reverendo César Dacorso Filho. (JAIME, 1963, p. 155-156)<sup>308</sup>

Em suma, se existiram diferenças no início das primeiras atividades missionárias metodistas nas regiões sudeste e sul do país e se, a datar do ano de 1899, as ações dos metodistas passaram a estar subordinadas à Igreja Episcopal do Sul dos Estados Unidos, depois de um pouco mais de trinta anos da última grande alteração sofrida pela denominação religiosa, o ambiente metodista voltaria a se agitar.

Isto se coloca, pois, desde o início do bispado de César Dacorso Filho, numa explícita tentativa de diminuir a influência dos norte-americanos, ele substituiu inúmeros reitores da administração dos educandários da denominação religiosa, aumentando a autonomia brasileira nestes. (NOVAES NETTO, 2004, p. 86)

Alguns anos depois, na ocasião do 11º Concílio Metodista da Região Eclesiástica do Sul do Brasil, em entrevista ao jornal *Correio do Povo*, César Dacorso ressaltou esta pretensão de se afastar do jugo da Igreja Metodista dos Estados Unidos, com o fito de que a Igreja Metodista do Brasil não fosse vista como um elemento exógeno:

O Methodismo não tem a pretensão de ser organicamente o mesmo em toda parte. Mantendo indefectivelmente, para seus seguidores, um padrão doutrinário extrahido das Escripturas Sagradas, e determinadas regras de conducta, pautadas pelo ensino e exemplo do Filho de Deus, adapta-se, ma maneira administrativa, ao ambiente nacional em que opéra. É assim que formamos aqui, a Igreja Methodista do Brasil, autonoma, com legislação e autoridades

<sup>308</sup> Oscar Machado, que a esta época residia em Juiz de Fora, esteve nesta Conferência Anual como liderança leiga que representava a Conferência Central da Igreja Metodista, tendo uma atuação de relevo. Ver: (Capítulo 2, p. 49 e *Atas do 2º Concílio Geral da Igreja, 1934*).

próprias. Assim, é erro, sinão malícia e até calúnia, dizer que, por contarmos com a colaboração de missionários americanos, contituímos um prolongamento da Igreja Methodista, ou uma “quinta columna” da política imperialista dos Estados Unidos. E como formamos aqui, formam os methodistas em outras terras. (*Correio do Povo*, 05/11/1940, p. 12)

Nas palavras da mais alta hierarquia da Igreja Metodista Brasileira, subjaz a preocupação que existia na denominação religiosa de tentar se afastar daquilo que, a começar de sua chegada ao Brasil, representou um elemento catalisador para a realização de suas atividades: os valores norte-americanos do *mito da fronteira* e do *destino manifesto*.

Torna-se importante mencionar isso, num contexto de mudanças pelas quais os metodistas passaram após sua emancipação pois, retrospectivamente, quando se observa a fala de seu bispo, percebe-se que a nova feição a ser dada às ações da instituição que ele comandava buscava distinguir daquilo que as tinham suplantado nas décadas iniciais de sua presença no Brasil, ou seja, sua vinculação aos valores, ao ideário e à cultura norte-americana.

Situada neste processo de reorganização da Igreja Metodista foi que César Dacorso nomeou Oscar Machado para assumir a reitoria do PAC. Essa situação, facultando um crescimento deste último no setor educacional metodista, ao alçá-lo ao posto de primeiro dirigente brasileiro do mais importante educandário da denominação religiosa da região sul do país, se harmonizava ao desejo do bispo de trazer um novo perfil para as administrações dos colégios metodistas, adequando-as aos novos tempos.

#### **4.3.1 Oscar Machado: o primeiro reitor brasileiro do Porto Alegre College**



Imagem 18: Oscar Machado em frente ao prédio principal do PAC/IPA.

A escolha de Oscar Machado para assumir a reitoria do PAC pode sugerir duas interpretações diferentes, porém, não antagônicas. Pode ser tomada como uma maneira de se tentar garantir que o educandário passasse por essas importantes mudanças sem grandes celeumas e também como uma estratégia para se manter funcionando as relações de proximidade com a SMU, evitando que a instituição sofresse com os problemas financeiros que constantemente acometiam as escolas metodistas.

Sobre o primeiro ponto, responsáveis pela implantação de seu modelo educacional, o PAC teve como reitores missionários norte-americanos, logo, quando da chegada de Oscar Machado, em 1934, caso existisse alguma especificidade, entende-se que isto não seria um empecilho, pois ele era detentor de todos os pré-requisitos exigidos pelo cargo.<sup>309</sup>

Quando indagado sobre os motivos que levaram à opção por Oscar Machado, Edni Schroeder frisou que era constante nos educandários metodistas do Brasil a recorrência ao socorro externo oriundo de membros da Igreja Episcopal do Sul dos EUA e de instituições a elas ligadas. A justificativa disto se dava pois, até 1931, como missão americana, a presença metodista marcava-se por uma espécie de responsabilidade, seja por parte dos missionários ou de sua “Igreja-mãe”.

Havia uma certa responsabilidade da Igreja lá com a manutenção dessa escola e haviam pessoas que estavam aqui, que eles tinham responsabilidade, que tinham chamado pra serem vocacionados, Deus os chamou pra serem missionários no Brasil; então não pode a comunidade, lá, deixar esses caras desabrigados aqui. Então, o que acontecia? De seis... Sempre existia lá um período de dois anos no Brasil e 6 meses lá nos Estados Unidos, nos 6 meses eles visitavam as Igrejas norte-americanas e contavam o que acontecia no Brasil, e as pessoas levantam as suas ofertas, e eles vinham pra cá e cobriam os déficits existentes. (...) Por esse motivo, muitos brasileiros achavam que quem tinha que ser reitor, tinha que ser americano, porque garantia a manutenção. Era isso que nessa briga aqui tinham uns que diziam: “— olha, se perder o apoio financeiro de lá, rompe, inexistente o projeto”. (Entrevista com Edni Oscar Shroeder 26/07/2016)<sup>310</sup>

<sup>309</sup> Isto se propõe pois ele iniciou sua carreira docente nos EUA em 1925, em Bessemer-Alabama, lecionou no *Colégio União* entre 1928 e 1929, atuou como professor e também em cargos diretivos do *Instituto Granbery*, em seu ensino secundário e cursos de graduação. (MACHADO, 1974)

<sup>310</sup> Para Arsênio Firmino Novaes Netto, a recorrência à “Igreja-mãe” e aos órgãos a ela ligados ocorria pois, dentre os missionários metodistas, havia a ausência de tino para a administração dos educandários, sendo eles mais aptos para a atividade educadora e evangelizadora do que propriamente para a gestão dos colégios: “Há uma expressão que o irmão católico... Um leigo, não é? Que ele disse que “sem atividade não há missão e a missão aperfeiçoa o negócio”. “Sem negócio não há missão e a missão aperfeiçoa o negócio”. A mim me parece que os missionários quando vieram pra cá e deixaram essa herança por muito tempo, eles tinham pouca afinidade com o negócio. Eles tinham muita afinidade com a missão. O ideal deles era evangelizar. (...) Bom, como os missionários vieram pra cá com essa herança, pouca afinidade

Por este mecanismo ter sido importante para a manutenção do funcionamento das escolas metodistas até a década de 1950, na impossibilidade de um norte-americano continuar à frente destas, é que se tornou coerente a escolha de Oscar Machado por César Dacorso Filho. (SCHROEDER, 1982, p. 122)

Portanto, fruto da política adotada pelo novo bispo para a administração das instituições de ensino metodistas, de acordo com o modelo norte-americano que guiava o PAC, tal estratagem, a um só turno, possibilitaria que se desse continuidade a seu funcionamento e também que, utilizando suas redes de relações nos EUA, Oscar Machado atuasse para manter as doações que a comunidade da SMU fazia para o educandário anualmente.

#### 4.3.2 Oscar Machado e o projeto da “Little SMU”

Nas quase duas décadas de sua presença à frente da reitoria do educandário gaúcho, na prática, comprovou-se que a estratégia da nomeação de Oscar Machado como uma forma de se manter a ajuda financeira vinda dos EUA mostrou-se eficaz.

Neste período, ao lançar mão de suas relações pessoais, que teceu durante sua estada como aluno da BSC e da SMU, Oscar Machado não só estreitou os laços com o segundo *college*, como também, valendo-se da notoriedade que alcançou como líder leigo metodista no Brasil, em algumas oportunidades, além de procurar auxílio na própria Igreja do Sul dos EUA, o obteve também em instituições beneficentes das quais fez parte, como o Rotary.<sup>311</sup>

Entretanto, pontua-se que, se preliminarmente o socorro financeiro, que serviu, inclusive, para o pagamento dos salários de Oscar Machado, – a exemplo do que ocorreu com Jesse Earl Moreland – era obtido em “dinheiro vivo,” no decorrer do tempo seu recebimento passou por significativas alterações de formato.

Para se ter uma ideia disso, dezessete anos após o início das campanhas de doações da SMU para a “*Little SMU*”, foi noticiado no jornal do *college* norte-americano que, ao invés das verbas angariadas servirem para o pagamento de parte dos salários do

---

com o negócio, eles não conseguiram realmente administrar bem as instituições.” (Entrevista com Arsênio Firmino Novaes Netto, Juiz de Fora, 31/03/2017)

<sup>311</sup> No jornal da SMU foi detalhado o caminho percorrido pelas doações feitas pelos alunos do *college* até chegar ao PAC. Ao passar pelo Conselho de Missão Metodista, o valor arrecadado era incrementado por um certo montante destinado à manutenção da escola e também ao pagamento dos professores, sendo que, quando esta quantia decrescia, o educandário gaúcho passaria por dificuldades. (*The Semi-Weekly Campus*, 17/11/1934, p. 1)

reitor, elas passariam a subsidiar o intercâmbio de alunos brasileiros na SMU e de alunos desta no IPA. (*The Semi-Weekly Campus*, 06/12/1939, p. 1-3)

Esse novo modelo de doações permitiu que brasileiros, como o professor José Gomes de Campos, o maestro Léo Schneider<sup>312</sup> e também a filha de Oscar Machado, Beatriz Helena Machado, dentre outros, pudessem visitar a SMU na condição de intercambistas, respectivamente, nos anos de 1946, 1949 e 1952-1953. (*The Campus*, 26/04/1946, p. 1; *The SMU Campus*, 25/02/1949, p. 1-5 e *Colunas*, 1953, s/p)



Imagem 19: *Colunas*, 1953, s/p

Se, de um lado, ocorreu uma aproximação das instituições à época deste convênio de intercâmbio, de outro, por Oscar Machado ter viajado junto com o primeiro representante do IPA à SMU, com o objetivo de aproximá-las ainda mais, presume-se que a alteração no formato tenha impactado, negativamente, as finanças do educandário gaúcho, justificando sua intervenção.<sup>313</sup>

<sup>312</sup> O maestro Léo Schneider, professor de Canto Orfeônico no PAC/IPA – disciplina instituída na grade horária dos colégios à época da Reforma Francisco Campos de 1931 – e também em outros colégios de Porto Alegre, curiosamente, não era metodista, mas sim luterano do Sínodo Rio Grandense. (MILKE, 2003, 108) Infere-se que, por ser um figura importante no interior do integralismo gaúcho, – questão que será discutida adiante – com o auxílio de Oscar Machado, ele tenha obtido a chance de realizar este intercâmbio.

<sup>313</sup> Em entrevista concedida ao jornal da SMU em 1946, Oscar Machado explicitou que sua estada no *college* atendia a um duplo desígnio. Ele teria voltado para um período de estudos, porém, também buscava reestruturar uma relação entre as instituições que, em sua ótica, teria se enfraquecido nos dez anos anteriores. (*The SMU Campus*, 11/05/1946, p. 1)



Destarte, em 1946, tendo deixado a administração do IPA a cargo do vice-reitor, José Gomes de Campos<sup>314</sup>, no primeiro semestre, ele atuou como professor visitante na *Southern Methodist University* e, no segundo semestre, na *Emory University*. Neste mesmo ano, numa das mais de quinze missivas que trocou com Dilza Machado, entre orientações e opiniões endereçadas a seu vice-reitor, ao detalhar uma pequena parte do itinerário que cumpriria nos EUA, Oscar Machado destacou que proferiria algumas conferências para angariar recursos para o IPA:

Meus planos para o verão vão se detalhando lentamente, pois meu itinerário está sendo organizado pelo “Speakers’s Bureau” da Igreja, em Nova Iorque. De qualquer forma, passarei em Dallas e circunvizinhanças praticamente todo o mês de julho. E, agosto e primeira semana de setembro cumprirei o programa de viagens e conferências que está sendo elaborado para mim e cujos detalhes conhecerei breve. Creio que estarei viajando pelo Norte e Leste dos EE.UU., sendo meu ultimo compromisso na Wesleyan University na cidade de Bloomington, Illinois. (Carta de Oscar Machado para Dilza Tito Fauque. Porto Alegre: 27/06/1946)<sup>315</sup>

Se, no primeiro capítulo, abordaram-se suas estadas na BSC e SMU na condição de aluno, a partir desta sua nova passagem pela SMU, quando atuou como professor visitante, ele se aproximaria ainda mais da instituição e seria exitoso ao utilizar os contatos que possuía para fortalecer o vínculo desta com o PAC.

Essa assertiva se coloca pois, além de receber o título de “Doctor of Laws” em 1947<sup>316</sup>, a nova estada na SMU teria concorrido para um aumento nos valores das doações que esta fazia para o IPA. Assim, se em 1946, o montante arrecadado foi de US\$

---

<sup>314</sup> Graduado em contabilidade no *Instituto Granbery*, o mineiro José Gomes de Campos acompanhou Oscar Machado em sua transferência para o PAC. Em 1937, além de ser o secretário do reitor, ministrava aulas de contabilidade e mecanografia no IPA (*Colunas*, 1937, p. 25) e também cursava a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas que viria, posteriormente, a originar a PUCRS. Sempre atuando ao lado de Oscar Machado, ele e seus irmãos foram descritos por Edni Oscar Schroeder como muito próximos do mesmo, como se fossem de sua família. (Entrevista com Edni Oscar Schroeder 26/07/2016) De fato, a proximidade entre eles, o convite para vir a trabalhar no PAC e as atividades que desenvolveu parecem lhe ter aberto oportunidades de crescimento no interior do metodismo pois, em 1938, ele se transferiu para São Paulo onde assumiu a secretaria geral de educação metodista. (*Colunas*, 1938, p. 109) Em seu retorno ao Rio Grande do Sul, atuou como vice-reitor de Machado, além de ter sido reitor do IPA-Jaguarão, tema sobre o qual se versará adiante.

<sup>315</sup> Durante ocasiões nas quais Oscar Machado esteve nos EUA para levantar recursos para o IPA, além daquilo que adveio de doações da SMU, pouco ele conseguiu obter com a Igreja. A maior parte do que ele conseguiu arrecadar originou-se de doações realizadas por instituições como o Rotary e em conferências que ele realizou em diversos locais. No período compreendido entre 1946 e 1949, ele foi delegado nas Convenções Internacionais do Rotary Club, realizadas nas cidades de Atlantic City, Detroit e São Francisco. (MACHADO, 1974)

<sup>316</sup> Informações disponíveis em: MACHADO, 1974; Perkins School of Theology: 100 Years of Telling the Story. *Perspective*. Inverno de 2014. p. 10. Disponível em: <[http://www.smu.edu/-/media/Site/Perkins/PDF/PublicAffairs/CurrentPerspective/Perspective\\_Fall14\\_10022014-sm.ashx?la=en](http://www.smu.edu/-/media/Site/Perkins/PDF/PublicAffairs/CurrentPerspective/Perspective_Fall14_10022014-sm.ashx?la=en)>. Acesso em: 01 dezembro 2016.

1.500, ele teria atingido US\$ 2.000, fato que foi noticiado com bastante ênfase no periódico do *college* norte-americano. (*The SMU Campus*, 12/06/1947, p. 1)



Imagem 20: Oscar Machado recebe a doação de US\$ 2.000 em um cheque entregue pelo reitor da SMU Albert C. Zumbrunnem. (*The SMU Campus*, 12/06/1947, p. 1)

Nada obstante, as motivações para essa estada no *college* norte-americano não podem ser explicadas apenas por conta das dificuldades financeiras que ele enfrentava em sua gestão como reitor. Aparte os benefícios que a presença de Oscar Machado na SMU possam ter gerados a ele e ao IPA, outros elementos subjetivos, e não menos importantes, podem ter contribuído para que ele voltasse a Dalas.

Tal conjectura é feita pois, como ex-aluno dos colleges BSC e SMU, por ter incorporado toda uma série de valores presentes em seus modelos educacionais, como um *habitus secundário*, intensificando o trabalho iniciado por Jesse Earl Moreland em Porto Alegre, ele tinha como sua grande aspiração concretizar o projeto que ficou conhecido como “Little SMU”.<sup>317</sup> Dito de outra forma, trabalhava para transformar o IPA na primeira universidade do Rio Grande do Sul.<sup>318</sup>

<sup>317</sup> Nas obras que abordaram o histórico do IPA (LIMA, 2014; SCHROEDER, 1982), tirante tenha se mencionado pontos de sua aproximação com a SMU, alguns aspectos de suas relações com a Igreja Metodista, com o governo brasileiro e também os principais pressupostos do projeto educacional nele implementado, não houve um aprofundamento sobre o que seria o projeto de se replicar o *college* norte-americano no Rio Grande do Sul. Além da visita e do questionamento a algumas das colocações feitas por essa bibliografia, os elementos que permitiram que se fizesse uma verticalização sobre essa temática decorrem do fato de que foram encontrados documentos pessoais, disponibilizados pela família de Oscar Machado, documentos institucionais do PAC/IPA, como alguns de seus periódicos que nos foram franqueadas pelo professor do *Instituto Porto Alegre* Edgar Zanini Timm, bem como foi feita uma ampla consulta nos anuários e periódicos da BSC e SMU que trouxeram informações diversas sobre este projeto da Little SMU.

<sup>318</sup> Este era um objetivo perseguido pelos metodistas no Brasil desde o início do século passado. Inicialmente, também sob a liderança de reitores norte-americanos, sem sucesso, a denominação religiosa tentou transformar o *Instituto Granbery* em sua primeira universidade. Quase vinte anos depois, ainda sob a

Compreendendo que a fundação e a consequente implementação do modelo educacional do PAC/IPA era parte deste projeto, sobre o qual se encontraram diversos detalhes na documentação antes mencionada<sup>319</sup>, ressalta-se que a única menção explícita de Oscar Machado ao plano de criar uma Universidade Metodista em Porto Alegre só foi localizada numa entrevista que ele concedeu aos alunos do IPA no ano de 1976.<sup>320</sup>

Nesta, ao ser indagado se o sonho de transformá-la numa universidade era novo ou antigo, ele afirmou:

Estive no IPA de 1934 a 54. Vinte anos. Não era minha intenção só dirigir uma escola, mas realizar uma obra. Minhas naturais deficiências foram a causa de algumas frustrações. De início, promovi a troca do PAC (Porto Alegre College) por IPA, e isso com grandes resistências. Quis depois, transformar o IPA em UPA (Universidade de Porto Alegre). Na época, não havia ainda nenhuma Universidade no Rio Grande do Sul. Não fui compreendido. Logo, sobrevieram as notáveis instituições, que são hoje UFRGS e a PUC. Minha batalha estava perdida. Perdeu-se também a oportunidade. (*Morro Milenar*, 1976, p. 1)

Ao mesmo tempo em que a citação explicita sua intenção de criar a *Universidade de Porto Alegre* (UPA), aquilo que ele denominou como sua “obra”, desvela que ele enfrentou obstáculos em suas atividades à frente do educandário.<sup>321</sup> Vale destacar que, mesmo em face de tais resistências, Oscar Machado alcançou grande projeção em meio ao setor educacional evangélico do país, participando ativamente de reuniões da federação dos colégios dessa orientação religiosa, que tinham como meta padronizar as linhas de atuação de seus educandários:

---

gestão dos reitores norte-americanos, aproveitando a inexistência de universidades no Rio Grande do Sul, os metodistas voltaram a trabalhar para efetivar a constituição de sua universidade. Sem desconsiderar as alterações ocorridas nas administrações dos educandários metodistas em decorrência do processo de autonomia da Igreja brasileira, Oscar Machado transformou-se no grande entusiasta do projeto da *Little SMU*. (NOVAES NETTO, 1997; PIMENTA, 2017a, 2017b)

<sup>319</sup> Em especial presente nos periódicos das instituições norte-americanas, nos quais, tanto o ponto de vista dos reitores do educandário gaúcho, quanto da administração da SMU puderam ser encontrados sobre a concepção da *Little SMU*.

<sup>320</sup> No contexto da chegada de Oscar Machado a Porto Alegre, o jornal *Correio do Povo* descreveu que o interventor Flores da Cunha intencionava criar uma universidade na cidade. (*Correio do Povo*, 10/06/1934, p. 10) Tal fato viria a se concretizar com a abertura da *Universidade de Porto Alegre* em 28/11/1934, vindo a mesma a se tornar uma universidade em 1947 que, em 1950, passaria pelo processo de federalização, transformando-se em UFRGS, elementos que serão abordados no próximo capítulo: Histórico da UFRGS disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/historico>>. Acesso em 23 out. 2018.

<sup>321</sup> Não se conseguiu apurar ao que ele se referia na matéria quando mencionou a resistência à troca do nome da instituição. Depreende-se, com base nas entrevistas realizadas com Edni Oscar Schroeder, que esta tenha se ocasionado por conta das disputas internas de poder no metodismo ou que tenha sido fruto da ação de eventuais adversários de Oscar Machado. (Entrevistas com Edni Oscar Shroeder concedida a Everton Fernando Pimenta, Porto Alegre, 23 ago. 2016 e 26 jul. 2016)

Fui ao Rio de Janeiro com dois objetivos: participar da Reunião da Federação dos Collegios Evangelicos e entender-me pessoalmente com as altas autoridades do ensino secundario e commercial sobre assumptos de interesse do estabelecimento confiado á minha direcção. Durante alguns dias (...), séguiram-se as conferencias de diversos estabelecimentos de ensino que seguem a orientação evangelica. Essas reuniões, que se realizam quase todos os annos, constituem uma imperiosa necessidade. Dellas resultam a padronisação dos nossos methodos de ensino, a igualdade de vistas em todos os sectores da actividade escolar, tanto no aspecto pedagogico como no administrativo, religioso e disciplinario, todos representando as suas suggestões e relatando as suas experiencias. (*Correio do Povo*, 14/01/1936, p. 7)<sup>322</sup>

Nesta ocasião em que estive na capital federal, Oscar Machado aproveitou também para se reunir com o inspetor geral de ensino, Dr. Nobrega da Cunha, a respeito da intenções de ampliar o leque de atuação de seu instituto, ao criar um curso ginásial noturno:

Num certo sentido, o que houve foi a encampação do “Curso Gymnasial Nocturno General Flores da Cunha”, dirigido pelo professor Alberto de Brito e Cunha, que foi o primeiro a ser fundado neste Estado, a 3 de agosto de 1931 e até agora mantido com tanto zelo e carinho pelo seu perseverando fundador (...) O Gymnasio Nocturno do Instituto Porto Alegre que já foi, ha cinco annos, o primeiro a ser fundado no Estado, será tambem, como acima afirmmei, o unico no Sul do Brasil. A sua orientação será a mesma imprimida no I.P.A. e a sua direcção será confiada ao professor Alberto de Brito e Cunha, que já concordou com as directrizes que serão dadas ao gymnasio constituindo esse facto um justo premio ao espirito combativo daquelle educador que, aliás, já fizera parte do nosso corpo docente ha alguns annos. (*Correio do Povo*, 14/01/1936, p. 7)

Por intermédio da análise dos jornais de Porto Alegre, apurou-se que, desde 1934 já estava instalado no instituto dirigido por Oscar Machado um curso noturno de alfabetização gratuito que, funcionando entre as 19 h e 21 h, teria a duração de dois anos. (*Correio do Povo*, 02/04/1934, p. 7) Destinado às pessoas de baixa renda da zona leste da cidade (*A Federação*, 21/05/1935, p. 6), o curso, que tinha como matérias básicas Língua Portuguesa, ministrada pelos professores Sady Soares e Edgard Fernandes Krueel, e Aritmética, ministrada pelos professores Oswaldo Shirmer e Paulino Medeiros, contava com o apoio dos professores auxiliares A. O. Langsh e Duilio Gianela, sendo supervisionado por Heitor C. de Oliveira. (*Correio do Povo*, 07/04/1935, p. 2)

Além destes tópicos, em suas atividades cotidianas, também eram realizadas conferências semanais sobre temas como civismo e higiene, numa tentativa de se manter alinhado ao processo de nacionalização do ensino em curso. (*Correio do Povo*, 07/04/1935, p. 5) Porém, mesmo com essa iniciativa de criar um curso noturno e, depois

<sup>322</sup> Ver também: (*A Federação*, 27/12/1935, p. 2).

de oficializá-lo, cuja oferta de vagas Oscar Machado também pretendia estender às mulheres (*Correio do Povo*, 14/01/1936, p. 7), tem-se que um dos maiores problemas que seus quase vinte anos à frente da reitoria lhe proporcionariam, sem dúvidas, seria o processo de nacionalização de ensino no estado do Rio Grande do Sul.

Este teria motivado a alteração do nome do *Porto Alegre College* (PAC) para *Instituto Porto Alegre* (IPA) e também uma série de mudanças pelas quais a instituição passaria nas décadas de 1930 e 1940.

#### 4.4 SOB A BATUTA DE OSCAR MACHADO, DÁ-SE A VERTICALIZAÇÃO DO PROJETO DA “LITTLE SMU”

Como se tentou demonstrar, a contar da fundação do PAC, Porto Alegre passou a ser dotada de um educandário que, inspirado e vinculado à SMU, ofertava um sistema de ensino pautado por valores e ideais advindos dos EUA. Na condição de intelectual metodista, com circulação pelos educandários do Brasil e EUA, considerando-se a influência por eles exercida em sua formação, tem-se que Oscar Machado foi o principal artífice do aprofundamento do *projeto educacional* que nele vinha sendo implementado há muitos anos.

Uma das primeiras ações nesse sentido ocorreu pouco tempo após assumir sua reitoria. Em evento que celebrava o aniversário de seu predecessor, Jesse Earl Moreland, ao ser informado que o PAC ainda não possuía um hino, aproveitando a mesma base musical do hino da SMU, Oscar Machado compôs alguns versos cobrindo esta lacuna:

Dia 2, porém, em uma festa íntima que tivemos, o sr. Moreland apresentou-nos uma poesia de autoria do nosso atual diretor dr. Oscar Machado, perfeitamente adaptável à música da Universidade Metodista do Sul, dos EE.UU., e que perfeitamente correspondia às condições almejadas, sendo imediatamente adotada para o hino do Colégio. O dr. Oscar recebeu naquela ocasião uma linda medalha de ouro, que era o prêmio oferecido ao vencedor do concurso. Na mesma ocasião, ensaiamos o hino por duas ou três vezes, com resultado satisfatório. (*O Reflexo*, out. 1934, p. 12)<sup>323</sup>

---

<sup>323</sup> Ao revelar como teria sido composto o hino do colégio, Edni Oscar Schroeder sublinhou a importância que Oscar Machado atribuía a estes tipos de símbolos: “Então, por exemplo: na posse de Oscar Machado, quando ele vai assumir e pergunta, né, “— Qual é o hino da escola que nós vamos cantar?”, e aí dizem “— Não! Mas a escola não tem hino”. Tá certo? Porque aos antecessores isso não era uma coisa fundamental. Pra ele era uma coisa fundamental: a pessoa cantar pela sua escola, né? Então, ele vai e conta-se que ele, na escadaria do IPA, olhando Porto Alegre lá ao longe, né, ele... ele monta a letra do hino do IPA em cima de uma música norte-ameri ... de uma ... de uma música norte-americana e ... e na posse, teria sido a primeira vez que se canta esse hino.” (Entrevista com Edni Oscar Schroeder, 23/08/2016)

Partindo desta primeira iniciativa, quando se coloca em perspectiva o período no qual Oscar Machado esteve à frente do educandário gaúcho, pode-se propor que as alterações implantadas atrelavam-se ao lema, “conservar melhorando”, notadamente inspirado em Auguste Comte – aqui tomado como o mote que guiou suas ações para o aprofundamento do *projeto educacional metodista*. (Entrevista com Edni Oscar Shroeder concedida a Everton Fernando Pimenta, Porto Alegre, 25 jul. 2016)

Por conseguinte, por ter sido aluno da SMU e buscar dar prosseguimento ao plano de transformar o PAC numa pequena SMU no Brasil, compreende-se que a atitude de Oscar Machado se valer do hino do *college* norte-americano como base para compor um hino para o PAC obedecia a um dupla intenção. A princípio instituía-se como um importante elemento identitário do educandário, porém, em consonância com o modelo educacional adotado, ao realçar intencionalmente as similaridades entre eles, também serviria para fortalecer a cultura escolar do PAC:

O Dr. Machado queria enfatizar muito o espírito escolar quando se tornou presidente da Little SMU, que tirou a música da nossa escola. canção, "Varsity", escreveu novas palavras a música, e a música é agora usada como a música da escola de Little. (*SMU Campus*, 11/05/1946, p. 1)<sup>324</sup>

Deste modo, em suas recorrentes viagens aos EUA, admite-se que o discurso que proferia na SMU com o intento de sensibilizar sua comunidade acadêmica para a realização de doações à “Little SMU” afinizavam-se com as ações desenvolvidas em Porto Alegre no sentido de aprofundar seu *projeto*, à luz do lema “conservar melhorando”.

À vista disso, se, quando ele assumiu sua reitoria, o PAC era dotado de estruturas como os grêmios estudantis e o periódico *O Reflexo*<sup>325</sup> e, desde sua fundação, se fomentava a concepção de que sua comunidade formava uma coletividade denominada

<sup>324</sup> No original: “Dr. Machado wanted to stress school spirit so much when he became president of Little SMU, that took the music from our school song, "Varsity," wrote new words the music, and the song is now used as the school song of Little SMU.” (*The SMU Campus*, 11/05/1946, p. 1)

<sup>325</sup> Numa publicação do IPA de outubro de 1980, ao traçar o histórico do educandário e dos periódicos que nele existiram, sublinhou-se que a ideia original do jornal *O Reflexo* foi também uma ideia do próprio Oscar Machado, quando este ainda era aluno do *Colégio União*. “Com início de suas atividades em 1923, o IPA através de sua direção, do corpo docente e discente procurou criar atividades culturais. Dentre as atividades foi criado o Jornal O REFLEXO. Historicamente, O REFLEXO foi planejado no Instituto União – Uruguaiana – pelos então estudantes Oscar Machado, Acacio Goulart e outros”. (*Mini Morro Milenar*, out. 1980, p. 3) Acacio Goulart, durante seus estudos de Teologia no PAC, além de presidir o Grêmio Literário José de Alencar, levou o projeto adiante pois, na edição de junho de 1928, apareceu como o redator geral do periódico. (*O Reflexo*, junho 1928, p. 1)

de “família collegense”, foi peremptória sua tentativa de consolidar e expandir todo um conjunto de símbolos, como o hino e novos órgãos. (*O Reflexo*, outubro, 1934, p. 3)

Em suma, as ações que empreendeu, ao amalgamar ainda mais a cultura escolar da instituição, trazia consigo, de modo subjacente, a finalidade de contribuir para a introjecção dos valores e ideias do modelo educacional em seus alunos. Contudo, pondera-se que estas iniciativas ocorreram num momento conturbado para a atuação de educandários ligados a denominações religiosas e grupos étnicos como o PAC ou ainda colégios vinculados às comunidades italianas e alemãs que, protestantes ou não, foram impactadas pelo processo de nacionalização.

#### **4.4.1 Em meio ao processo de nacionalização do ensino no Rio Grande do Sul surge o Instituto Porto Alegre**

Antes de prosseguir, é importante examinar como os debates sobre o processo de nacionalização ocorreram no Rio Grande do Sul para, só depois, tentar entender quais foram os impactos destes sobre o PAC. Dessa maneira, tem-se que, se, já nas primeiras décadas do século XX, intensificavam-se as discussões envolvendo o caráter nacional brasileiro, o setor educacional não estava imune àquilo que se colocava na ordem do dia.

No que tange às relações deste debate com o cenário encontrado no Rio Grande do Sul, pode-se afirmar que, devido à grande concentração de imigrantes alemães, italianos e de outras nacionalidades, as preocupações referentes à nacionalização se mostravam também intensas:

Essas preocupações podem ser sentidas de modo mais agudo a partir dos anos de 1910, em especial, a partir da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) quando, (...), tornaram-se mais complexas as relações entre a população de ascendência alemã e italiana, o governo brasileiro e a Igreja. Desde então, com uma abrangência nacional e o envolvimento de vários níveis do governo, acentuou-se a pressão pela nacionalização do ensino, que envolvia a adoção do português como única língua permitida, a subvenção federal para a construção de escolas, a supervisão mais direta e efetiva das escolas particulares ou comunitárias, por parte do Estado, e o fechamento de escolas, associações esportivas, culturais, sociais e de jornais mantidos por estrangeiros. (QUADROS, 2006, p. 52)

Neste período, as divergências envolvendo a questão da nacionalização e da identidade nacional se aprofundaram em circunstâncias específicas, como o da ocorrência da Semana de Arte Moderna de 1922. Exclusivamente sobre aquilo que se remete ao

setor educacional, tornaram-se mais agudas após a aprovação da “Reforma Francisco Campos”, primeira reforma educacional realizada no âmbito da era Vargas em 1931.<sup>326</sup>

Ao instituir o Conselho Nacional de Educação e reorganizar o ensino secundário, comercial e superior, com a criação de um sistema de avaliação discente, de um sistema de inspeção do ensino secundário a ser desempenhado por uma rede de inspetores regionais<sup>327</sup>, dentre outras ações, a Reforma Francisco Campos afetou o funcionamento do PAC, que atuava nestes segmentos. (MENEZES; SANTOS, 2001)

Se, doravante, o funcionamento do instituto tornou-se alvo de um rigoroso monitoramento, é digno de nota que, antes mesmo de Oscar Machado assumir sua reitoria, o PAC já vinha sendo fiscalizado pela rede de inspetores. Para se ter uma ideia disto, em 1931, portanto, pouco tempo depois de ter sido implementada a reforma educacional, os inspetores já se fizeram presentes no PAC.<sup>328</sup>

Em documento elaborado a partir da inspeção feita no educandário, simultaneamente à afirmação de que a instituição almejava adequar seu ensino secundário aos novos parâmetros legais exigidos, em razão do espírito nacionalista reinante no período, foi dada mais ênfase à orientação norte-americana de suas atividades:

A comissão de Ensino Secundário, examinando os documentos que acompanham o pedido de inspeção permanente do Ginásio Porto Alegre College, observa de início a impropriedade da denominação deste instituto, que indica sua qualidade de estrangeiro. (...) Não se encontra nos documentos um só elemento comprobatório de nacionalismo posto em prática no Instituto em apreciação. Não há referência a atividades cívicas como o uso do pavilhão e hino nacional, e o Conselho não pode se desinteressar do assunto. Todos os países do mundo cuidam neste momento de integração nacional e esses elementos são preponderantes na formação do caráter cívico tão fraco presentemente no Brasil. (SCHROEDER, 1982, p. 51-52)<sup>329</sup>

<sup>326</sup> Francisco Campos foi ministro da Educação entre 1930 e 1932. Entre 1933 e 1935, foi consultor-geral da República e, entre 1935 e 1937, secretário da Educação e Cultura do antigo Distrito Federal. No período seguinte, entre 1937 e 1942, foi nomeado Ministro da Justiça. (MEDEIROS, 1978, p. 18).

<sup>327</sup> Para operacionalizar o mecanismo de controle dos ginásios, foram criados “distritos de inspeção” para os quais foram nomeados os respectivos inspetores. As principais incumbências dos inspetores definidas no corpo do decreto da reforma eram as seguintes: fixar residência obrigatória no distrito sob a sua inspeção (artigo 66), realizar “visitas freqüentes” (artigo 56) e elaborar um relatório mensal (artigo 55): “(...) A ação dos inspetores federais somente tinha sentido na medida em que os programas e métodos do ensino secundário estavam normalizados em nível nacional e centralizados pelo Ministério da Educação e Saúde Pública, o que consolidava o papel do Estado educador. Deve-se considerar que a rigidez do sistema de inspeção fixada no Decreto nº 18.890, de 18 de abril de 1931, foi um pouco abrandada, no ano seguinte, pelo Decreto nº 21.241, de 4 de abril de 1932.” (DALLABRIDA, 2009, p. 188)

<sup>328</sup> Nas décadas de 1930 e 1940, recorrendo-se ao anuário *Colunas*, verificou-se que, entre inspetores federais que fiscalizaram as diferentes modalidades de ensino ofertadas e seu processo de nacionalização, estavam Zilah Moreira, Gastão Loureiro Chaves, Cleonice Gama de Barros, Atila Casses e Luiz Campagnoni. (*Colunas*, 1937, p. 15; *Colunas*, 1938, p. 16; *Colunas*, 1939, s/p.) Adiante se abordarão as atividades destes dois últimos.

<sup>329</sup> Em matéria publicada no jornal *A Federação*, foi informado que, em 10 de setembro de 1931, o *Porto Alegre College* teria obtido a equiparação ao colégio Pedro II, situação que, ao atestar que ele atendia aos



Desta forma, sem embargo tentar cumprir com o que era imposto às instituições de ensino no período, a maior vigilância da fiscalização sobre o PAC fez com que Oscar Machado fosse impelido a realizar uma série de mudanças no educandário com o escopo de demonstrar que ele estaria alinhado a este clima nacionalista. Todavia, embora o reitor tenha capitaneado uma série de iniciativas nessa direção, como algumas destas, concomitantemente, também poderiam ser interpretadas como um aprofundamento do projeto da “Little SMU”, justamente por serem eivadas de um teor ambivalente<sup>330</sup>, precisam ser aqui examinadas mais de perto.

Após a composição do hino da instituição, a segunda destas ações tomadas por Oscar Machado para adequar o educandário ao clima nacionalista do período, ocorreu no ano de 1935, quando nele foi criado um Centro Cívico de Brasilidade:

Em março de 1935 foi organizado o Centro Cívico do I.P.A. o qual em 7 de Setembro de 1936 passou a se denominar “Centro de Brasilidade General Osório”. A essa agremiação compete promover a devida comemoração dos feriados nacionais e outras datas de significação histórica para a cidade, o Estado, o Brasil e o mundo em geral. O Centro de Brasilidade, ao mesmo tempo, cuida de quaisquer outros assuntos que se relacionam com a educação cívica dos alunos e procura desenvolver no Instituto, cada vez mais, um acendrado amor ao Brasil. Todos os alunos e professores no Instituto pertencem, automaticamente, ao Centro de Brasilidade. A Diretoria, que se compõe de um Presidente, um Vice-presidente e um Secretário, delibera sôbre as atividades cívicas do Instituto, com a aprovação do Reitor. (*Prospecto do Instituto Porto Alegre*, 1939, p. 26)<sup>331</sup>

A criação de um órgão como este, ao abarcar toda a comunidade estudantil, estaria em harmonia com a realidade então vivida e nada teria de incomum frente ao que se observava em outras instituições educacionais do período. Isto se coloca pois, na reportagem que informou sobre o evento, junto das iniciativas por ele promovidas, em

---

requisitos legais, permitiria, dentre outras coisas, que viesse a expedir seus diplomas. (*A Federação* 01/03/1933, p. 7) Em 1934, finalmente, o *Porto Alegre College* obteria sua licença permanente, superando o caráter de inspeção preliminar no qual se encontrava desde setembro de 1931. (*Correio do Povo*, 11/02/1934, p. 24)

<sup>330</sup> Pela adjetivação “ambivalente” se entende aqui a possibilidade de que uma dada ação ou posicionamento ocorra sem que, obrigatoriamente, ela se desenvolva sob uma perspectiva dicotômica segundo a qual se teria que orientar por um dos polos opostos. Numa outra direção, se postula que ela poderia se dar sob a égide da síntese de elementos díspares sem que isso representasse um paradoxo.

<sup>331</sup> Similar ao órgão existente no *Instituto Granbery*, o Centro Cívico General Osório criado no PAC foi o primeiro do gênero a existir no Rio Grande do Sul, recebendo espaço nos periódicos do instituto que publicizavam sua atuação voltada para ajudar a despertar o civismo na mocidade. (*Colunas*, 1938, p. 93) Para Edni Oscar Schroeder, o papel atribuído a ele era o de contribuir para a promoção de uma educação cívica ancorada em valores nacionalistas. Dentre as práticas pelo órgão iniciadas, tornaram-se costumeiros o hasteamento da bandeira e o canto do hino nacional em todas as atividades do educandário, fossem elas literárias, cívicas ou desportivas. (SCHROEDER, 1982, p. 53-54)

17/08/1935, ocorreu a apresentação de parte da obra literária da poetisa alagoana, Lygia Menezes, que seria eivada de um ardoroso pendor nacionalista, confirmado pela transcrição de um dos poemas recitados na ocasião. (*O Integralista*, 24/08/1935, p. 3)<sup>332</sup>

Neste mesmo ano de 1935, por ocasião das celebrações do 7 de setembro, realizou-se um evento no salão nobre do instituto que contou com a presença de alunos, professores e convidados, dentre eles, o Secretário de Educação e Saúde Pública, Othelo Rosa, a quem coube a realização do discurso principal. Terminadas as solenidades com o hasteamento das bandeiras nacional e do *Porto Alegre College*, foi ofertado um churrasco aos convidados. (*Correio do Povo*, 06/09/1935, p. 5)

O quarto evento do Centro Cívico noticiado pelos jornais de Porto Alegre teria ocorrido numa conjuntura um pouco posterior, quando o jornalista Sergio de Gouvêa proferiu uma conferência sobre o Estado Novo. Nesta ocasião, ressalta-se que, após Oscar Machado ter aberto os trabalhos, foi enaltecida a presença do inspetor federal Atila Casses:<sup>333</sup>

Em seguida o dr. Oscar Machado cedeu a palavra ao professor Alvaro Oliveira para, em nome do Instituto saudar os visitantes. Tomando a palavra aquele professor estendeu-se em elogiosas referencias ao dr. Attila Cases, agradecendo-lhe os inestimáveis serviços que prestara ao Instituto Porto Alegre. Referindo-se ao jornalista Sergio de Gouvêa o orador traçou um paralelo entre o jornalismo e o magistério, exaltando a personalidade daquele nosso colega. (*Correio do Povo*, 12/04/1938, p. 5)

Como se observou, a criação do Centro Cívico, ao mesmo tempo que valorizava o nacionalismo no cotidiano do PAC, integrava uma série de órgãos estudantis que compunham uma tradição nas instituições metodistas, aprofundando a adoção de seu

---

<sup>332</sup> Numa das primeiras menções sobre as relações que foram tecidas entre o *Instituto Porto Alegre* e o integralismo após a chegada de Oscar Machado – elemento que será abordado no próximo capítulo – a cobertura deste evento ocorreu num jornal publicado pela Ação Integralista Brasileira de Porto Alegre. Não se encontrou uma menção explícita de que, tal qual o ocorrido no Granbery, em 1933, o Centro Cívico tenha sido utilizado para propagandear a AIB, fato que acredita-se ter ocorrido. Além deste, a terceira menção encontrada a eventos organizados pelo Centro Cultural se deu em abril de 1936, quando foi celebrado o dia pan-americano. (*A Federação*, 14/04/1936, p. 2)

<sup>333</sup> Nascido em 1890, em Alegrete-RS, Átila Guterres Casses, além de exercer o ofício de inspetor federal de ensino, atuou como promotor público no Rio Grande do Sul, foi jornalista, redator da revista *A Noite Ilustrada*, do Rio de Janeiro e poeta. Como reconhecimento por sua notória carreira, pertenceu à Academia Riograndense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 9. Em entrevista concedida por seu neto, o professor Dr. Helgio Casses Trindade, ele, da seguinte forma, descreveu o avô: “É uma curiosidade. Meu avô materno, Átila Guterres Casses, era um rábula, ou seja, alguém que praticava o direito sem ter feito faculdade. Nasceu em Alegrete e se tornou promotor, tendo atuado muito em São Borja e em Quaraí.” (Entrevista de Hélgio Trindade concedida à Gaúcha Zero Hora em 2012. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2012/12/helgio-trindade-houve-passagem-de-luta-armada-para-conflito-politico-3982782.html>>. Acesso em: 24 out. 2018)

modelo educacional, situação que, pela presença do inspetor federal, parece não ter ocasionado objeções por parte destes agentes do processo de nacionalização.<sup>334</sup>

Na esteira de sua criação, Oscar Machado realizou outra importante mudança nos símbolos do instituto, a troca das cores que representavam o PAC. No lugar do azul e branco, foram adotadas as cores azul e amarelo.

Hoje, o Azul e o Amarelo. Inicialmente, o Azul e o Branco. Como naquela época (lá por 1935...) quase todos os colégios da capital tinham essas cores e o IE de Passo Fundo também, o Dr. Oscar Machado mudou as cores Ipaenses: ele pegou o azul do IE e o Amarelo do União, colégios irmãos do IPA, e criou nossas cores. (GUTIERREZ, 1983, p. 5)

Inicialmente, essa alteração poderia ser tomada como uma medida para diferenciar a escola das demais da capital gaúcha que tinham as mesmas tonalidades, como uma possível homenagem aos outros educandários metodistas gaúchos ou como um modo de se aproximar ainda mais do clima nacionalista vigente, posto que incorporaria o amarelo e o azul da bandeira nacional.

Porém, confirmando em parte tal conjectura, Oscar Machado afirmou que elas aludiriam ao azul do banner da SMU e ao amarelo do pavilhão nacional, situação que atenderia, tanto à pressão pela adequação ao clima nacionalista, quanto ao aprofundamento do projeto da “Little SMU”.<sup>335</sup>

Nesse sentido, dentre as iniciativas tomadas por Oscar Machado para enquadrar o PAC ao processo de nacionalização, a mais radical foi a substituição do nome *Porto Alegre College*, para *Instituto Porto Alegre* (IPA), efetivada sob certa dose de resistência, consoante ele mencionou décadas depois. (*Morro Milenar*, jun/set, 1976, p. 1)

Em síntese, quando tomadas em conjunto, a despeito de serem tentativas de adequação do educandário às demandas do ambiente nacionalista vigente, as inovações introduzidas por Oscar Machado também serviram para aprofundar o modelo educacional norte-americano no educandário, o que ia na contramão daquilo que era exigido pelo governo e seus inspetores que atuavam na instituição e reforçar que, movido por um

---

<sup>334</sup> A criação de órgãos como esses, obedecendo a lógica da autogestão, foi destacada por Oscar Machado como incomum pois, seu controle administrativo, visando a estimular a participação política e formar estudantes aptos a atuarem como líderes na sociedade e na Igreja Metodista, era preenchido por estudantes eleitos que iriam também integrar o conselho escolar (*The SMU Campus*, 11/05/1946 p. 1). Sobre os objetivos da criação de órgãos como estes, ver: (NOVAES NETTO, 1997, p. 61).

<sup>335</sup> Como o *Instituto Metodista* de Passo Fundo também teve relações com a SMU em sua criação, possivelmente, a adoção da cor azul por ele também fosse uma maneira de homenagear o *college* americano que ofertou doações para sua abertura.

*habitus metodista* introjetado ao longo de sua vida, ele adequou o *projeto coletivo* metodista às exigências do processo de nacionalização do ensino.

#### **4.4.2 Frente ao acirramento do processo de nacionalização do ensino: resistência e/ou adesão no IPA**

Desde 1931, ao lado de uma série de outros educandários, o PAC/IPA passou a ser alvo de vigilância e, frente aos aparatos legais, buscou dar provas de que se adequava às exigências impostas pelo processo de nacionalização. Nesse contexto, poucos anos após Oscar Machado ter assumido sua administração, observou-se uma inflexão neste processo, que se fez ainda mais intensa no Rio Grande do Sul<sup>336</sup> durante a gestão do interventor Oswaldo Cordeiro de Faria, que comandou o estado entre 1938 e 1943.<sup>337</sup>

Ideologias nacionalistas difundidas no Brasil desde no mínimo o início da República, acreditavam que uma rígida campanha de nacionalização garantiria o estabelecimento definitivo da homogeneidade étnico-cultural-religiosa no país. Essas ideias ganharam força na década de 1920 e se se impuseram a partir de 1937, com o Estado Novo. (GERTZ, 1991b, p.7)

Assim, a contar de 1935, uma série de leis estaduais e federais, que dispunham sobre a nacionalização do sistema educacional, foram criadas sob a justificativa de se combater os perigos advindos de grupos estrangeiros em meio às escolas étnicas, atingindo em maior grau aquelas ligadas aos italianos e aos alemães.<sup>338</sup>

Entrementes, em 1938, sob a chefia do Dr. José Pereira Coelho de Sousa, a Secretaria de Educação do estado informou que, além de uma série de escolas italianas,

<sup>336</sup> Para se ter um panorama mais amplo sobre o processo de nacionalização do ensino no estado, ver: (ALMEIDA, 2014; BARBOSA, 1987; BERTONHA, 2001; CAPRARA, 2003; FIGUEIREDO, 2017; GERTZ, 1991b; 1992; 2005a; 2005b; GIRON, 1989; KIPPER, 1979; KREUTZ, 1994, 2003 e PAIVA, 1987).

<sup>337</sup> Tido como um dos mais rigorosos interventores, relativamente ao processo de nacionalização do ensino, debaixo de uma pressão por parte do governo federal passou a: “ (...) executar as diretrizes estabelecidas pelo governo central e que abrangiam três aspectos: a necessidade de conferir um conteúdo nacional à educação transmitida nas escolas; a padronização dos currículos, dos materiais didáticos e dos sistemas de regulação e fiscalização e a erradicação das minorias étnicas, lingüísticas e culturais estabelecidas no Brasil. Em boa medida, o interventor agia sob pressão e buscava assegurar sua sustentação política no cargo num cenário em que, de uma parte, convinha estabelecer uma relação conciliadora com a igreja e com as comunidades imigrantes e, de outra, havia a vigilância da imprensa, dos militares e a necessidade do cumprimento das diretrizes estabelecidas pelo governo central, a quem representava por delegação.” (QUADROS, 2006, p. 60)

<sup>338</sup> No plano estadual, René Gertz frisou ter sido criada em 1935 a Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública, cujas amplas funções se dedicavam a organizar desde a instrução, higiene e saúde pública à assistência aos alienados, do Museu Júlio de Castilhos, da Biblioteca Pública entre outras. Junto desta secretaria, no mesmo ano também foi criado o Conselho Estadual de Educação que se encarregaria de regulamentar a carreira docente e de gerir a expansão das escolas públicas. (GERTZ, 2005b, p. 522) Sobre as legislações federais implementadas no período, ver: (QUADROS, 2006, p. 53).

fechava várias escolas alemãs que se ligavam à defesa do nazismo no estado.<sup>339</sup> Desta data em diante, deixava claro que, com a publicação dos decretos 7212 e 7247, que teriam nacionalizado o ensino no Rio Grande do Sul, uma série de exigências seriam impostas aos colégios particulares, dentre as quais:

As escolas particulares não poderão: a) receber auxílio ou subvenção de governo ou instituição com sede no estrangeiro; b) apresentar na fachada ou no interior do edifício inscrições em língua estrangeira; c) ostentar bandeira estrangeira e prestar homenagem a chefe ou membro de governo estrangeiro; d) adoptar saudações características de partidos políticos estrangeiros; e) usar castigos corporaes ou incompatíveis com a dignidade humana. Em face de taes exigencias só é permitido o ensino de língua estrangeira em estabelecimentos que não forem nacionais, no fim do horário de trabalho, não podendo ultrapassar de 1 hora por dia. Mas as escolas que leccionam linguas estrangeiras deverão ter um ou mais professores do Estado para fiscalizar o ensino do portuguez, da historia e da geographiia patria e de civismo. (*Correio do Povo*, 11/09/1938, p.28)

Pela leitura do excerto acima, constatando-se que a fala da Secretária de Educação se dirigia mais aos educandários ligados à Alemanha e à Itália, aos seus governos e aos partidos políticos que os sustentavam, também denota-se que o IPA não atendia a todas as exigências impostas, como as atinentes à proibição de receber subvenção de instituições com sede no estrangeiro ou às regras para a oferta de ensino de língua estrangeira.

Sobre este último aspecto, na contramão da legislação vigente, mediante a leitura de seu prospecto do ano de 1939 percebeu-se que ainda estava em curso o aprofundamento do modelo norte-americano de ensino no IPA. Neste documento, após mencionar que a Língua Portuguesa era o idioma oficial da instituição e que, para todos os níveis, eram ofertadas mais aulas da disciplina de Língua Inglesa, do que o mínimo exigido por lei, contrariando o decreto nº. 406/1938, que proibia o ensino de língua estrangeira a alunos menores de quatorze anos, ele informava que:

A disciplina a cujo o Instituto presta maior cuidado é o vernáculo. Além das aulas exigidas pelo programa oficial, o Instituto manda dar aulas extraordinárias aos alunos de todas as séries. (...) Embora o programa oficial do curso só exija o estudo da língua inglesa da 2ª série em diante os alunos do I.P.A. começam a estudar inglês desde o 3º ano da Escola Primária o que tem dado esplêndidos resultados. (Prospecto do Instituto Porto, 1939, p. 19)<sup>340</sup>

<sup>339</sup> Em matéria sobre as escolas estrangeiras fiscalizadas em Porto Alegre, foi informado que elas vinham cumprindo de modo satisfatório às exigências impostas para sua nacionalização. Dentre eles, apesar de não ter sido citado o IPA, foi mencionado que o Colégio Methodista Institucional teria atendido às demandas governamentais nesta esfera. (*Correio do Povo*, 13/09/1938, p. 5)

<sup>340</sup> Não se sabe se todos os educandários metodistas utilizavam esses materiais. Presume-se que essa era uma prática recorrente pois, na análise do período em que Oscar Machado se encontrava em Juiz de Fora,

Logo, se é possível propor que houve por parte da administração de Oscar Machado uma tentativa anterior de dar provas de que o PAC/IPA buscava, não só se adequar legalmente ao processo de nacionalização, mas também abraçar o clima nacionalista vigente, sem que isso seja o indicativo de uma atitude paradoxal, evidenciou-se uma alteração na forma como ela lidou com tal processo, porquanto passou a aprofundar o modelo educacional norte-americano.<sup>341</sup>

O segundo exemplo desta mudança pode ser verificado pela análise do anuário *Colunas*. Produzido como uma mimetização dos *yearbooks* dos *colleges* norte-americanos, esse periódico atendia ao objetivo de registrar as atividades desenvolvidas ao longo dos anos letivos pelos alunos e pelo corpo docente.<sup>342</sup>

A esse respeito, além de reforçar a sensação de pertencimento à coletividade do IPA, denominada de “família ipaense”, a publicação permitiria que tais vivências fossem preservadas e se tornassem acessíveis às futuras gerações, fortalecendo a cultura escolar da instituição. (*Colunas*, 1937, p. 1)

Oscar Machado amplia as instalações da Escola e cria a mística do “espírito ipaense”, onde os alunos são instados a uma vivência escolar num ambiente de liberdade e responsabilidade. Inclusive o lema da Escola que desde o seu início foi “Veritas liberavit nos” (A verdade vos libertará), passa a ser acompanhado da expressão “Liberdade e Responsabilidade”. Ele tentava incutir nos alunos a idéia de que o IPA era uma grande família e eles deveriam sentir-se honrados por pertencer à “família ipanese” (SCHROEDER, 1982, p. 54-55).

Quando se analisam as páginas do *Colunas* do ano de 1938, juntamente dos conteúdos que ilustravam a administração, o corpo docente, os inspetores federais, os alunos, suas organizações, suas competições esportivas e os periódicos confeccionados por eles, foi dado um destaque especial à família de Oscar Machado, tida como uma espécie de símbolo desta “família ipaense”.

---

foram encontrados prospectos análogos do *Instituto Granbery*. Isso permite pressupor que, se a produção de tais materiais não era uma prática corriqueira como nos educandários norte-americanos de onde se tirou o modelo aqui implantado, ao menos este foi transposto do *Granbery* para o IPA por Oscar Machado. Dentre outros elementos, o mencionado prospecto de 1939 se dedicava a explicar como era o funcionamento do IPA, seus órgãos, estrutura administrativa, corpo docente e administrativo. (*Prospecto do Instituto Porto*, 1939).

<sup>341</sup> Não sendo o foco deste estudo abordar o *Colégio Americano*, ressalta-se que, como colégio metodista dedicado à educação feminina, ele também buscou se adaptar às exigências do processo de nacionalização. Sobre isso, ver: (*Correio do Povo*, 06/09/1939, p. 4).

<sup>342</sup> Criado em 1937, circulou, com algumas interrupções, até o ano de 1970.



Imagem 21: Oscar Machado, sua esposa Dilza Machado e seus filhos Beatriz Helena Machado e Oscar Machado Filho. (*Colunas*, 1938, s/p.)<sup>343</sup>

Conforme se pode verificar nos excertos abaixo, quando abordou o surgimento da referida “família ipaense” e tratou da atuação de Oscar Machado na constituição desta, conquanto tenha afirmado que a chegada do brasileiro à reitoria tenha se dado com o desígnio de diminuir o poder dos missionários americanos<sup>344</sup>, Edni Oscar Schroeder reconheceu que já existia no educandário uma concepção de família que se acentuaria ainda mais desde então:

(...) se antes de Oscar Machado os reitores que tinham, que eram missionários norte-americanos, eles eram aqueles... pessoas agradáveis, afáveis, tinham mulher, tinham os filhos juntos, a ideia da família, do conagraçamento, no internato sentavam todos juntos, todos as suas mesas, grupos de oito, e no centro sentava a família do reitor, que representava, então, aquela família que... né, criava aquele ambiente agradável, aquele que ele tinha perdido de ter vindo de casa né? Ele encontra no Oscar Machado alguém que começa a trabalhar as concepções mais fortes né? (...) não diferente daquelas, mas sendo daqui e formando equipes. (Entrevista com Edni Oscar Shroeder concedida a Everton Fernando Pimenta, Porto Alegre, 25 jul. 2016).<sup>345</sup>

<sup>343</sup> Vale lembrar que, ao lado de Oscar Machado, além de residir numa casa que se situava dentro do PAC/IPA e ter que auxiliar nos cuidados dos internos do instituto, atuando como uma espécie de “matriarca” desta “família ipaense”, Dilza Machado, – bacharela em Ciências e Letras e também em Guarda Livros pelo Colégio União de Uruguaiiana – pelo menos, desde 1937, também exercia o posto de coordenadora do curso primário do IPA. (*Colunas*, 1937, p. 18)

<sup>344</sup> Entrevista com Edni Oscar Shroeder concedida a Everton Fernando Pimenta, Porto Alegre, 25 jul. 2016.

<sup>345</sup> Semelhantemente ao modo como se originou a ideia de pertencimento à “família ipaense”, que sucedeu a antiga concepção de “família collegense” (*O Reflexo*, outubro, 1934, p. 3), nos outros educandários metodistas elementos congêneres foram fomentadas, as criações da “família unionita” do *Colégio União* ou ainda de “espírito granberyense” do *Instituto Granbery*.

Eu não sei se foi ali exatamente que começou, em 1934, né? ou se foi ao longo da coisa dele -, esse conceito de “família e Ipaense”. Tá certo? Ele dá uma conotação de que... de abrigo àquele grupo que tá ali. (...) Então, o Oscar Machado dá essa conotação de... digamos assim, eu penso que, por ali, começa essa ideia da “família Ipaense”. Quer dizer: quem entra na instituição vem constituir uma família. Então, logo: tá protegido; logo tá acompanhado; logo tinha os médicos dentro da própria escola; logo tinha esporte que era o que muito se queria... Tá certo? E entram então, nas... na proposta pedagógica, uma série de coisas que não são só aquelas correspondentes a conteúdos propriamente ditos. Tá? (Entrevista com Edni Oscar Shroeder concedida a Everton Fernando Pimenta, Porto Alegre, 23 ago. 2016)

No estudo que dedicou ao anuário *Colunas*, Valeska Alessandra de Lima ilustrou esta concepção de “família ipaense”, avançando na observação de elementos oriundos do modelo educacional norte-americano que foram transpostos para o IPA na gestão de Oscar Machado. (LIMA, 2014)

Além disso, pela acareação do periódico com os yearbooks da *Birmingham Southern College*, *La Revue*, e da *Southern Methodist University*, *Rotunda*, instituições onde o brasileiro estudou nos EUA, ela realçou seu notório caráter mimético facilmente perceptível ao longo de praticamente toda a publicação, seja no tocante ao recurso às imagens, no culto a seus símbolos ou na mera tradução de conteúdos, elementos que se verificam nas capas e nas páginas abaixo reproduzidas.

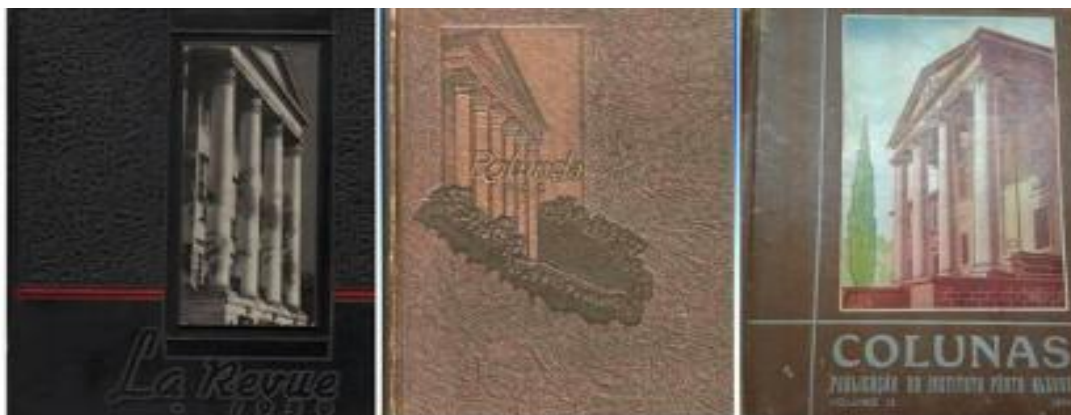


Imagem 22: Comparativo entre as Capas dos anuários La Revue, BSC (esquerda), Rotunda, SMU, (centro) e do anuário Colunas, IPA (direita). Fonte: La Revue e Rotunda - online e Colunas – MMEBI.<sup>346</sup>

<sup>346</sup> Estas imagens foram extraídas de: (LIMA, 2014, p. 29).





Imagem 23: Comparativo das sessões dos periódicos Colunas (IPA), La Revue (BSC) e Rotunda (SMU).<sup>347</sup>

Sobreleva-se que, diferentemente do que se apurou sobre os prospectos de propaganda do IPA, não se encontraram, até o momento, publicações semelhantes a essa que tivessem sido produzidas pelo *Instituto Granbery*. Este aspecto torna-se importante pois corrobora a tese de que o *Colunas* era uma imprescindível ferramenta para o aprofundamento do projeto da “Little SMU”, implementado pelas mãos de Oscar Machado (LIMA, 2014).

Tal proposição se apresenta pois, junto do periódico, outras manifestações que possibilitaram a observação da mudança no modo como o IPA passou a lidar com o processo de nacionalização advém da adaptação de símbolos e órgãos da SMU e BSC como, por exemplo, a incorporação de flâmulas muito parecidas às utilizadas nos referidos *colleges* e também a criação de órgãos de sociabilidade como as fraternidades.



Imagem 24: Comparativo entre flâmulas esportivas da SMU e IPA (*Colunas*).<sup>348</sup>

<sup>347</sup> Estas imagens foram extraídas de: (LIMA, 2014, p. 30).

No tocante às flâmulas, mesmo que sua incorporação não representasse uma ameaça ao processo de nacionalização do ensino, tem-se que elas eram, explicitamente, vistas como um símbolo da instituição ligado, sobretudo, às práticas desportivas desenvolvidas nos *colleges* americanos.<sup>349</sup>

Já sobre as fraternidades, compreende-se que, dado o tamanho diminuto do IPA em relação à SMU, elas não se fizeram tão presentes em Porto Alegre com as mesmas feições assumidas no college norte-americano.<sup>350</sup> Ainda assim, em abril de 1939, detalhou-se no *Colunas* a criação da primeira fraternidade do IPA, denominada Fraternidade Alfa-Omega – única associação deste tipo a existir no sul do país, que teria os seguintes objetivos:

Auxiliar o desenvolvimento espiritual, moral e social dos seus membros; cooperar com o Instituto Porto Alegre em tudo o que fôr necessário para o estabelecimento e a realização dos objetivos da instituição; socorrer os necessitados, moral e materialmente. (*Colunas*, 1939, s/p)

Sem que se tenha entrado em detalhes sobre sua específica funcionalidade, como as fraternidades se definem como organizações que promoveriam a união dos estudantes por conta de algum elemento catalisador – o interesse pela prática esportiva, pela música ou por quaisquer outros tipos de atividades acadêmicas ou extracurriculares – congregando seus membros, elas poderiam ou não vir a funcionar também como moradia.

Sob este ponto de vista, ao oferecer suporte para a adaptação dos novos alunos aos *colleges*, eram tidas por muitos de seus integrantes como a composição de uma nova família que contribuía para gerar aquilo que se poderia chamar de um forte vínculo com a sua “alma mater”:

Essa expressão, que a tradição inglesa passou para a norte-americana, refere-se não apenas àquele ambiente expresso em ideais, valores, normas, atitudes, mas também aos aspectos naturais e arquitetônicos, que caracterizam e dão vida a uma instituição de ensino, ou seja, a sua filosofia, história e geografia.

<sup>348</sup> Estas imagens foram extraídas, respectivamente, do anuário *Colunas* de 1949, s/p; *Colunas* 1964, p. 94.

<sup>349</sup> Isso se acentuava pois elas surgiam como mais um elemento exógeno que se incorporava do modelo norte-americano, prática que era incomum nos colégios laicos e nos de outras denominações cristãs não protestantes. Reiteradamente, essas flâmulas foram veiculadas no *Colunas* por meio das fotografias e desenhos. A recorrência de sua utilização concorria para reforçar o seu poder de representação, perpetuando-o como um símbolo adotado pela comunidade ipaense. Sobre a noção de representação aqui utilizada, ver: (CHARTIER, 2002a; b).

<sup>350</sup> A título de comparação, num de seus momentos de auge, no ano de 1947, se o IPA possuía algo em torno de 700 alunos, a SMU teria aproximadamente 7000, número dez vezes maior. (*The SMU Campus*, 12/06/1947, p.1)

Muitos colleges são conhecidos por incentivar mais as atividades artísticas ou desenvolver nos seus estudantes o gosto pelo esporte, já outros, por exemplo, valorizam as atividades comunitárias etc". (OLIVEN, 2005, p. 114-116)<sup>351</sup>

Grosso modo, considerando-se o maior rigor no processo de nacionalização no Rio Grande do Sul em que estas iniciativas foram colocadas em prática e também aquilo que havia sido implementado pela gestão de Oscar Machado para adequar o PAC às exigências legais e ao apelo nacionalista, algumas medidas tomadas durante este aprofundamento do *projeto educacional* metodista são de se estranhar.

Isto se coloca pois, a verticalização deste *projeto*, com a crescente incorporação de órgãos e símbolos exógenos, ia exatamente na direção contrária daquilo que era exigido por parte das autoridades que se dedicavam a fiscalizar as atividades das instituições de ensino, situação que poderia lhe render problemas como os enfrentados por alguns educandários porto-alegrenses, como Colégio Teuto-Farroupilha.<sup>352</sup>

Sob tal prisma, para a compreensão desta posição ambivalente da gestão de Oscar Machado, que congregava elementos do *projeto educacional* metodista com elementos vinculados à própria trajetória do reitor sem que estas se mostrem antagônicas, lançam-se aqui duas hipóteses.

A primeira, ao considerar a confessionalidade metodista do reitor e dos membros de sua administração, propõe ser verossímil conjecturar-se que, sem embargo da obtenção da autonomia da Igreja Metodista do Brasil, haveria uma natural incorporação dos aspectos constitutivos do modelo educacional norte-americano que, como um *habitus secundário*, neles funcionariam como estruturas estruturadas guiando suas condutas.<sup>353</sup> Portanto, ao aceitar essa formulação, poderia-se aventar que, frente às ameaças que o processo de nacionalização imputava ao modelo educacional do PAC/IPA, adaptada perfeitamente à concepção de mundo neles arraigada automaticamente, instintivamente, seria realizada a defesa deste por parte dos metodistas.

Em paralelo, a segunda hipótese, relacionada aos membros do corpo docente e da administração do educandário, também decorreria da existência deste *habitus* neles arraigados remetendo-se, entretanto, à realidade vivenciada. Por estarem imersos no cenário de intensificação do processo de nacionalização de ensino, quando deparados

<sup>351</sup> No IPA, embora este fosse mais um dos órgãos os quais os estudantes participavam da gestão, mantinha seu funcionamento atrelado à sua administração sob a supervisão de professores como Oscar Machado, Sebastião Gomes de Campos e o Reverendo Antônio P. Rolim, alguns de seus conselheiros.

<sup>352</sup> Sobre os problemas enfrentados por esta instituição ver: (FIGUEIREDO, 2017).

<sup>353</sup> Enfatiza-se que muitos foram forjados como intelectuais nas instituições de ensino da denominação religiosa do Brasil e dos EUA, caso do próprio Oscar Machado.

com as ameaças que este representava ao funcionamento de seus educandários, deliberadamente, os metodistas teriam adotado uma postura que se poderia chamar de pendular.

Esta posição adotada se explicaria pois, do mesmo modo como tomaram medidas para se adequar às exigências legais e ao clima nacionalista, conscientemente, sem radicalismos, quase que imperceptivelmente, teriam atuado com o intento de desenvolver uma postura de resistência ao processo, ao unir o *projeto educacional* com elementos regionais do estado como se observará na próxima sessão.

Seja como uma forma de resistência ou não, sob a administração de Oscar Machado, foram colocadas em prática todas as mudanças citadas acima, de modo a evitar o desmantelamento de sua cultura escolar que, devido a sua inspiração norte-americana, foi criticada pelo inspetor de educação no relatório de 1931.

Em conjunto, ponderando sobre essas duas hipóteses e sobre as alterações empreendidas por Oscar Machado no PAC/IPA, pela constante presença de inspetores federais no instituto, seria plausível se imaginar que a mimetização dos órgãos e estruturas da SMU e dos *colleges* norte-americanos tivessem despertado a atenção destes agentes trazendo problemas ao educandário.

No entanto, as coisas não se mostraram desse jeito. Diversamente do que ocorreu com muitos colégios atrelados a ideários e populações de origens estrangeiras, por conta do alinhamento do governo brasileiro com os Estados Unidos, compreende-se que Oscar Machado se aproveitaria disso para avançar no aprofundamento do modelo educacional norte-americano no IPS, sobretudo após a aproximação ocorrida entre os metodistas e o governo estadual, quando se deu a expansão de seu modelo educacional para o interior do estado.

#### 4.5 O IPINHA DE JAGUARÃO: AS BOAS RELAÇÕES DOS METODISTAS COM O GOVERNO FEDERAL, ESTADUAL E A INTERIORIZAÇÃO DE UM MODELO

Com a Reforma Francisco Campos de 1931 e as legislações estaduais e federais subsequentes, a fiscalização sobre as instituições de ensino do Rio Grande do Sul obrigou-as a passar por importantes mudanças, situação que, como se viu, não foi diferente com o IPA. (SCHOROEDER, 1982, p. 51-52)

Entrementes não se tenham muitos detalhes sobre a forma como se dava essa fiscalização, tem-se que os inspetores de ensino realizavam relatórios sobre os colégios

que teriam “traços estrangeiros” suplantando a tomada de medidas nacionalizadoras por parte do governo. (BASTOS, 2005)<sup>354</sup> Especificamente sobre o IPA, registros de sua presença foram encontrados não só no relatório mencionado do ano de 1931, como também em diversas edições do anuário *Colunas*, nas quais, na sessão que fazia a apresentação de seus professores, também constava a foto destes profissionais.

Não obstante, nos anos iniciais da década de 1940, auge da radicalização do processo de nacionalização do ensino no estado, no lugar da administração demonstrar um esforço maior para adequar o IPA às exigências governamentais e evitar possíveis problemas com os inspetores, o que se viu foi a incorporação de mais um elemento proveniente dos colleges norte-americanos, iniciativa que precisa ser analisada minuciosamente.

Ocorrida em 1941, ela se remete à adoção de um símbolo para o departamento de educação física do IPA, que seria um ícone tipicamente norte-americano, o cavalo Mustang da SMU. Sendo este um dos mais expressivos símbolos do college norte-americano, deve-se frisar que, em seu processo de transplante para o educandário gaúcho, quase que de forma imperceptível, seu desenho passou por uma discreta, mas relevante, alteração de seus contornos originais.

Sem que isso seja tomado como um paradoxo, decorrendo do caráter nacionalista de Oscar Machado ou das influências advindas do regionalismo gaúcho, em sua incorporação à cultura escolar do IPA, o símbolo assumiu a feição de um cavalo crioulo, que era procedente da região da fronteira com a Argentina e Uruguai – de onde o reitor era natural – aspecto observável no texto da imagem central abaixo, cujo texto foi reproduzido na sequência.

---

<sup>354</sup> Essa situação demonstra que, juntamente da criação de um maior aparato legal e da intensificação do processo de nacionalização no estado, as funções dos inspetores se complexificaram transformando-os na ponta de lança deste. Exemplo do modo como as leis que eram criadas impactavam o trabalho destes interventores pode ser visto em: (QUADROS, 2006, p. 60-61).

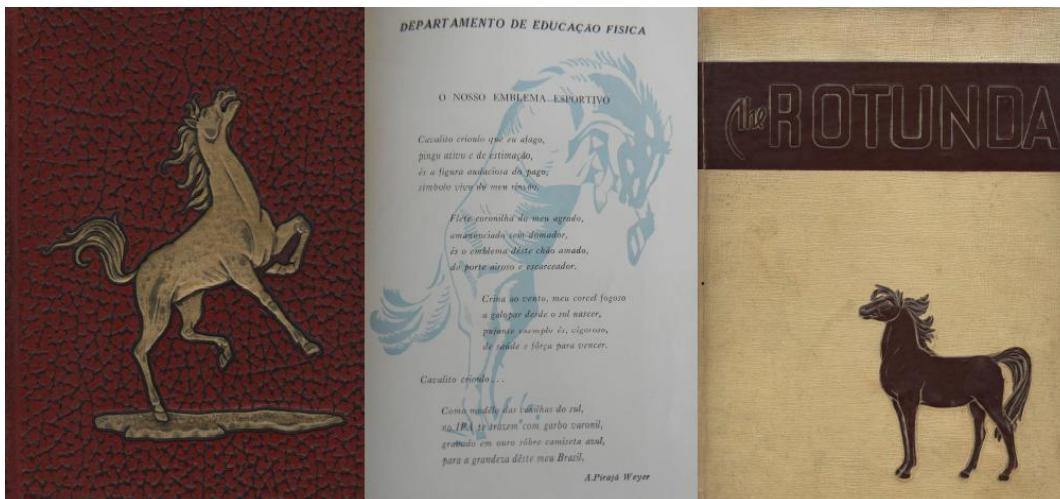


Imagem 25: Respectivamente, capa do Anuário *Rotunda* da SMU do ano de 1947, página do anuário *Colunas* do ano de 1951 e capa do Anuário *Rotunda* da SMU do ano de 1939.

A hipótese de que houve essa adaptação do símbolo foi confirmada em diversas edições do anuário *Colunas* como a da imagem acima. Nela, o símbolo aparece como uma espécie de marca d'água de um poema de autoria de A. Pirajá Weyer<sup>355</sup>, intitulado “*Nosso emblema esportivo*”, cujo conteúdo enfatizava sua origem na região da fronteira com a Argentina e o Uruguai:

Cavalito crioulo que eu afago,  
pingo ativo e de estimação,  
és a figura audaciosa do pago,  
símbolo vivo do meu rincão.

Flete colonilha do meu agrado,  
amanonciado sem domador,  
és o emblema dêste chão amado,  
de porte airoso e escarceador.

Crina ao vento, meu corcel fogoso  
a galopar desde o sol nascer  
pujante exemplo, és, vigoroso,  
de saúde e força para vencer.

Cavalito crioulo...

Como modelo das cochilhas do sul,  
no IPA te trazem com garbo varonil,  
gravado em ouro sôbre camiseta azul,  
para a grandeza dêste meu Brasil.

(*Colunas*, 1951, s/p).

<sup>355</sup> Alfredo Pirajá Weyer foi um dos pioneiros a divulgar a música regional sul-riograndense, na programação da rádio gaúcha de Porto Alegre no ano de 1936. No ano de 1951 era professor de língua portuguesa e francesa no IPA. (*Colunas*, 1951, s/p)

Apesar desta explicação ter amplamente circulado no periódico do IPA, segundo Edni Oscar Schroeder, na década de 1960, quando ele era aluno do instituto, em seu dia a dia, seja nas atividades esportivas ou em sua utilização nos uniformes dos estudantes, curiosamente, era veiculado que o símbolo se tratava do mustang norte-americano:

Eu vou dizer, eu contestaria essa ideia que não é um *Mustang* tá, que é um cavalo crioulo; o cavalo crioulo, pra mim, ele nasce no Rio Grande do Sul e em outras regiões do país com outros nomes, tá certo, como canal daqui, sendo que o cavalo nenhum deles é do Brasil, todos eles vieram de fora (...). Então, o *Mustang*, pra mim, eu fui educado o tempo todo achando que era o *Mustang* norte-americano, tá certo? Se nasceu de uma outra concepção nunca disseram, nunca disseram; disseram que era o *Mustang* norte-americano, porque era pra isso que a gente tinha que ter o *Mustang* norte-americano na camiseta, e eu joguei pela instituição do IPA e ir pra quadra honrar aquela bravura que ali estava expressa no símbolo; ... Então, quando chegava lá tinha a quadra era repleta de símbolos que eram símbolos, nitidamente, que vinham da origem anterior e que foram, digamos, fortificados pela vinda de Oscar Machado, de um brasileiro que assumiu a instituição. (Entrevista com Edni Oscar Shroeder 25 jul. 2016)

Mesmo que sua interpretação destoe daquilo que foi exposto no *Colunas* como explicação para a adoção do cavalo crioulo enquanto símbolo do departamento de educação física, seu relato reforça a compreensão de que, internamente, ele era tomado como um elemento importado da cultura escolar da SMU, logo, de um mimetismo.<sup>356</sup>

Ao examinar a gestão de Oscar Machado à frente do IPA, Valeska Alessandra de Lima registrou que a adoção destes símbolos era nitidamente um processo de importação de um modelo que cada vez mais foi aprofundado via mimetização.

O período compreendido entre 1937 e 1954, constituiu-se tanto de momentos de transição quanto de permanências. As mudanças impostas pelos poderes governamentais que exigiram a nacionalização do Porto Alegre College não parecem ter sido suficientes para que as atitudes e os sentimentos constituídos de um espírito estrangeiro fosse simplesmente nacionalizado e incorporado ao dia a dia do IPA. Símbolos, hinos e organizações ao mesmo tempo em que eram identificados como o Espírito Ipaense eram uma mimetização de práticas e sentimentos vistos em universidades americanas que foram por anos propagados no IPA sem uma aparente crítica. Aparentemente os missionários Metodistas que estavam presentes no cotidiano do IPA, pretendiam que os rapazes aderissem não só aos símbolos americanos, mas também a um discurso que colocava os Estados Unidos na posição de um ideal de liberdade e progresso que poderia ser alcançado. (LIMA, 2014, p. 39)

---

<sup>356</sup> Não é impossível presumir que a explicação de que ele seria um cavalo crioulo fosse uma tentativa de não se chamar a atenção dos inspetores para mais uma adoção de elementos advindos do modelo educacional norte-americano da SMU que, dada a passagem do tempo e o arrefecimento das pressões para a nacionalização do ensino, tenha se feito desnecessário, podendo o mesmo ser entendido na nova conjuntura como um cavalo mustang.

A despeito do que foi exposto até agora, sem que as coisas se mostrem excludentes, justamente por ser procedente de um outro país e apresentar elementos exógenos que se imiscuíam à cultura escolar criada no PAC/IPA, pode-se propor que o *projeto educacional* metodista também passasse a se configurar como uma forma de resistência à nacionalização do instituto, mesmo que esta não se tratasse de uma ação deliberada.

Aceitando-se esta proposição se reforça a hipótese de que seus valores e pressupostos foram introjetados nos seus alunos e nos demais membros da “família ipaense”, representando o sucesso de seu modelo educacional. Por isso, como até o momento não se encontraram indícios de que sua adoção tenha sofrido quaisquer represálias mais significativas do que as constantes no relatório de 1931, as ações de Oscar Machado no sentido de dotar o IPA de elementos e órgãos similares aos encontrados na SMU permitem que se aventem duas possibilidades: ou essa estratégia passou despercebida ou as coisas tenham se tornado menos rigorosas na fiscalização da escola por parte dos inspetores.

Todavia, independentemente do fato de que um desses inspetores, Luiz Compagnoni, tenha integrado a AIB – sendo eleito deputado estadual pelo PRP em 1947 – e que outro, Atila Casses, tenha realizado uma defesa de Oscar Machado quando este fora acusado de perseguir dois alunos por motivações políticas também ligadas ao integralismo<sup>357</sup> – situações que poderiam ser decorrentes de certa condescendência com o IPA por conta da atuação política do reitor – os principais motivos que permitiram que o educandário mantivesse seu modelo educacional funcionando sem grandes problemas foram outros.

A princípio, se poderia destacar que, diferentemente dos educandários que se remetiam a grupos étnicos como os italianos e alemães, notadamente numericamente mais bem representados no conjunto da população sul-rio-grandense, por ter seu modelo transplantado dos EUA, isto pode ter contribuído para a existência de uma menor rejeição em relação ao IPA e seu modelo educacional.

Contudo, junto deste motivo, a principal causa do ganho de liberdade por parte do IPA face a fiscalização dos inspetores federais decorreu do bom trânsito que Oscar Machado possuía no Ministério da Educação e também da aproximação que passou a existir entre os metodistas e o interventor do Rio Grande do Sul, Osvaldo Cordeiro de Farias.

---

<sup>357</sup> Tema que será abordado no próximo capítulo.



Sobre o primeiro ponto, após retornar de uma viagem ao Rio de Janeiro em dezembro de 1941, na qual teve a oportunidade de estar no Ministério da Educação por algumas vezes, inclusive reunindo-se com o ministro Gustavo Capanema, em entrevista concedida ao jornal *Correio do Povo*, quando tratou da *Reforma Capanema*<sup>358</sup> a ser implementada no ano seguinte e dos possíveis reflexos que ela traria ao IPA, afirmou:

Ao que parece, obedecerá ela aos seguintes princípios: 1º. – Conservação do ciclo de sete anos para o ensino secundário. 2º. – Diminuição dos programas de matemática, física e química e de história natural. 3º. – Intensificação do ensino de latim, português e história pátria. 4º. – Diminuição da fiscalização, que passará a ser feita com menor rigorismo de detalhes. Em consequência disso, haveria maior liberdade de ação para a direção dos estabelecimentos de ensino cuja idoneidade seria atestada pela opinião pública e pelo grau de aproveitamento revelado pelos alunos. Estes ao concluírem o curso, seriam obrigatoriamente submetidos a um exame de madureza prestado perante as bancas do Estado. (*Correio do Povo*, 14/12/1941, p. 5)<sup>359</sup>

Sobre o segundo ponto, sem que se conheçam maiores detalhes acerca disso, vários pedidos teriam sido feitos por políticos gaúchos para que os metodistas abrissem suas escolas em municípios do estado. Um destes, de autoria do próprio Osvaldo Cordeiro de Farias, foi atendido quando a denominação religiosa concordou em criar uma réplica do IPA na cidade de Jaguarão-RS, situada à fronteira do estado com o Uruguai, município do qual o interventor era natural. (SCHROEDER, 1982, p. 56-57)<sup>360</sup>

No estudo que realizou sobre o novo educandário, ao apresentar histórico de sua fundação, as ações e pessoas que concorreram para sua instalação na cidade de Jaguarão, Anna Beatriz Ereias Ensslin afirmou:

<sup>358</sup> Para maiores informações sobre o ministério de Gustavo Capanema e o teor da reforma educacional que levou seu nome, ver: (SCHWARTZMAN, S; BOMENY, H.M.B; COSTA, V.M.R; 2000).

<sup>359</sup> Como presidente da Sociedade Riograndense de Educação, ao ser indagado sobre os efeitos da nova legislação implementada por Gustavo Capanema em abril de 1942, após afirmar que, aparentemente, as mudanças sanariam as deficiências que a reforma Francisco Campos, eivada de um “liberalismo agonizante”, havia implementado, fazendo decair o nível de intelectual da mocidade, assim, apontou as inovações que via com bons olhos na nova lei: “1 – A abolição da especialização prematura, permitindo que os alunos ao fim de todo o curso secundário se candidatem a qualquer dos institutos universitários. 2) – A possibilidade do prosseguimento do estudo de uma língua estrangeira até o fim do curso secundário. 3 – O estudo do hespanhol, que dá ao nosso americanismo uma feição mais concreta e sugere a criação da cadeira de português nas demais repúblicas do continente. 4 – A flexibilidade das três séries finais do curso, que dá lugar a que se cultivem as inclinações intelectuais dos estudantes (...).” (*Correio do Povo*, 11/04/1942, p. 5)

<sup>360</sup> Na ocasião do 13º Concílio da Igreja Metodista de 1942, Oscar Machado foi quem apresentou a demanda do interventor a seus membros, proposta essa que prontamente recebeu o apoio da cúpula metodista. (JAIME, 1963, p. 175) Para Edni Schroeder, teria sido o reconhecimento do tipo de ensino praticado no IPA o motivo responsável para que grupos políticos do estado viessem a convidar os metodistas a abrir outros educandários no Rio Grande do Sul. (Entrevista com Edni Oscar Schroeder, Porto Alegre, 25/07/2016)

O IPA – Departamento de Jaguarão foi fundado devido ao pedido do prefeito local ao Reitor Oscar Machado, então foi firmado um contrato entre a prefeitura e o IPA de Porto Alegre. Para tanto, fez-se necessária uma ação conjunta com o Governo do Estado, que concedia bolsas de estudos a alguns estudantes carentes, como também com a prefeitura, o Rotary Clube local, o Clube Harmonia, o 13º Regimento de Cavalaria Local, a Bolsa Alfândega de Jaguarão (fornecida pelos funcionários da alfândega local) e a Associação Pastoril de Jaguarão, entre outros. Podemos destacar que muitas pessoas da sociedade local também doavam bolsas de estudos. (ENSSLIN, 2016, p. 13)

Nesse ínterim, quando mencionou sua estada no Rio de Janeiro e a conversa que teve com Gustavo Capanema, Oscar Machado informou que a instalação do departamento de Jaguarão do *Instituto Porto Alegre* teria ocorrido graças aos esforços do interventor e do prefeito da cidade, Alberto Ribas:

Fui ao Rio de Janeiro, conforme noticiou a imprensa, para tratar do reconhecimento do novo estabelecimento de ensino secundário, que funcionará na cidade de Jaguarão, como departamento do Instituto Porto Alegre. A fundação de mais essa casa de ensino deve-se aos esforços do sr. Carlos Alberto Ribas<sup>361</sup>, prefeito municipal, e cel. Cordeiro de Farias, que emprestou à iniciativa todo seu apoio moral e material. A 21 de fevereiro próximo terão lugar os exames de admissão à 1.ª série do novo ginásio, devendo as aulas começar em 15 de março, juntamente como curso elementar de cinco anos. (*Correio do Povo*, 14/12/1941, p. 5)

Com este auxílio importante, o IPA-departamento Jaguarão funcionaria num grande prédio de três andares, situado numa região central da cidade, próximo à praça principal, da prefeitura municipal e de outras instalações importantes para a vida social, intelectual e política da urbe. Em suas instalações contaria com um grande pátio para as práticas esportivas, sendo que o prédio havia sido cedido em regime de comodato aos metodistas (ENSSLIN, 2016, p. 5).<sup>362</sup>

<sup>361</sup> No lugar de Hermes Pinto Affonso que teria pedido exoneração do cargo de prefeito, o interventor Cordeiro de Farias convidou o Sr. Carlos Alberto Ribas. (*Correio do Povo*, 22/08/1940, p. 4) Este, que era natural da localidade, permaneceu à frente do paço municipal de Jaguarão, entre 09 de setembro de 1941 e dezembro de 1943.

<sup>362</sup> A autora escreveu também uma dissertação de mestrado sobre o departamento de Jaguarão do *Instituto Porto Alegre*, à qual, infelizmente não conseguimos ter acesso até o momento. (ENSSLIN, 2015)



Imagem 26: Fachada contemporânea do prédio onde funcionou o Departamento de Jaguarão do Instituto Porto Alegre (Ipinha-Jaguarão). Disponível em: < <http://poetadasaguasdoce.blogspot.com/2009/05/67-anos-do-ipinha-de-jaguarao.html>>. Acesso em: 23 out. 2018.

Neste amplo prédio, durante seu período de existência (1942-1952), o *Ipinha* ofertou os cursos de admissão, primário, ginásial diurno e noturno, contabilidade, prático de escritório e de datilografia. (ENSSLIN, 2015, p. 6)<sup>363</sup> No início do processo de transposição de seu modelo educacional, o jornal *Correio do Povo* descreveu a realização dos primeiros exames admissionais para o *Ipinha-Jaguarão*, que contava com profissionais oriundos do IPA de Porto Alegre nos seguintes termos:

Neste Instituto que mantém também nesta cidade um curso ginásial e primário instalado confortavelmente em um prédio de três pavimentos da rua Joaquim Caetano, realizaram-se na semana passada, os exames de admissão à primeira série, ao qual compareceram 54 alunos de ambos os sexos. Os trabalhos foram fiscalizados pelo dr. Hipólito do Amaral Ribeiro, fiscal federal de ensino, estando a banca examinadora constituída pelos professores, dr. Sebastião Gomes de Campos, presidente, Guilherme Millius, Otávio Torres e senhora Clotildes Cordovas Santos. (*Correio do Povo*, 12/03/1942, p. 6)<sup>364</sup>

Nessa direção, sendo ou não esta uma prática recorrente, tendo Oscar Machado um importante papel nesta articulação, não se pode negar ser emblemático o episódio do

<sup>363</sup> A um só turno, sua instalação atendia tanto ao *projeto coletivo* do metodismo de expandir seu modelo educacional e o ideário que o suplantava, com vistas a ampliar sua influência, formar novos líderes intelectuais para atuar como seus pastores e professores, quanto ao plano de Oscar Machado de deixar uma marca em sua administração.

<sup>364</sup> Dentre os nomes citados no excerto, eram do IPA de Porto Alegre Guilherme Millius e Sebastião Gomes de Campos, braço direito de Oscar Machado e primeiro diretor a comandar o Ipinha.

atendimento do pedido do interventor para a instalação do IPA no interior do estado. Esta situação, indubitavelmente, representou uma maneira assaz estratégica da denominação religiosa se aproximar dos poderes constituídos que, aparentemente, não mais colocariam sob suspeição sua colaboração com o processo de nacionalização:

O Ipinha ali, pra mim, é sintomático. Quer dizer. É ... havia influências que Oscar Machado passava a ter no meio político do Estado do Rio Grande do Sul, fez com que ele, ao estar com esse meio político, os grandes pecuaristas do Estado, dos quais a maioria deles ... a região que mais se desenvolvia era a região de Jaguarão, disseram assim: “— Vem cá! Nós precisamos ter uma escola lá pra ... Nós construímos a escola, nós fazemos isso, nós fazemos aquilo, mas vocês levam os professores e as pessoas”. Quer dizer, veja bem: eles pediram a concepção; eles não pediram o prédio, não pediram a ... o investimento do IPA. Isso eles tinham o recurso lá pra fazer; eles pediram a concepção. E aí que vai ... O Sebastião Gomes de Campos vai pra lá, leva /alguns; periodicamente alguns vão, ficam um tempo e voltam, ao modelo norte-americano, que existe esse processo, né? Então, esse ... tentaram o quê? Interiorizar o modelo! Tá certo? E deu certo durante um certo tempo, deu certo, deu certo. (Entrevista com Edni Oscar Schroeder, Porto Alegre, 25/07/2016)<sup>365</sup>

Para se ter uma ideia da notoriedade angariada por Oscar Machado quando da instalação do *Ipinha-Jaguarão*, o Rotary Clube local iria organizar uma homenagem ao prefeito municipal, ao ex-prefeito Dr. Hermes Pinto Affonso<sup>366</sup> e também ao educador, pessoas que teriam tornado possível a chegada do educandário à cidade. (*Correio do Povo*, 17/03/1942, p. 2)

O Rotary Internacional, criado nos Estados Unidos por Paul Percy Harris, em 1905, se fazia presente no Brasil desde 1923. Ele compõe uma das tantas organizações sociais ou associações que, em seus estatutos, pregam o serviço social, realizado por seus clubes que se capilarizaram pelas cidades brasileiras, podendo ser classificados como um tipo de associativismo voluntário.<sup>367</sup>

Em sua pesquisa sobre os clubes rotários de São Paulo, Maria da Graça Jacintho Setton destacou que, para além do trabalho social, o Rotary funcionou também, à luz da teoria de Pierre Bourdieu, como um produtor de *capital social* e *capital simbólico*, o que conferia a este tipo de associativismo o caráter de instrumento de distinção, aproximação e de separação social. (SETTON, 2004, p. 13)

<sup>365</sup> Sobre o *Ipinha-Jaguarão* ver também: (ENSSLIN, 2017).

<sup>366</sup> Hermes Pinto Affonso trabalhava desde ao menos 1939, para tentar fundar um ginásio municipal. A responsabilidade inicial pelo empreendimento ficaria a cargo de religiosos oriundos da Áustria que já atuavam em Jaguarão. Porém, como se constatou depois, esta situação se alterou bastante, posto que aos metodistas ficou incubida a missão de criar tal educandário. (*Correio do Povo*, 14/05/1939, p. 10)

<sup>367</sup> Para saber mais sobre a trajetória do Rotary no Brasil, ver: (UHLE, 1991).

Entendendo que, ao atuar em diversos *campos* e consolidar um significativo volume de *capitais* que ele tentava transferir de um ao outro, Oscar Machado também se valeu de sua inserção nesta instituição, uma vez que ela conferia a seus membros grande notoriedade, da qual ele também se valeu em sua trajetória.

Assim, tem-se que, dias depois de anunciada a realização da homenagem, Oscar Machado foi recebido por autoridades com toda pompa e circunstância, na entrada de Jaguarão, evento que sublinha o *capital simbólico* que a ele foi conferida desde então.

Dessa capital onde é reitor do Instituto Porto Alegre, chegou ontem, em companhia de sua exma. esposa e do professor Vicente Gomes de Campos, o dr. Oscar Machado, que vem a esta cidade em visita ao IPA (departamento de Jaguarão). S. s., que viaja em automovel, foi recebido, a varios quilômetros desta cidade, pelo prefeito municipal, autoridades militares e judicarias, representantes de todas as classes, imprensa e grande numero de exmas. familias, tendo sido acompanhado até o Hotel Gerundo, onde ficou hospedado. (Correio do Povo, 21/03/1942, p. 2)

Na contramão dos efeitos do processo de nacionalização que impactaram profundamente a atuação dos colégios alemães e italianos no Rio Grande do Sul, a partir do episódio da criação do *Ipinha*, de modo peremptório, revela-se que, ao contrário do verificado como os outros colégios estrangeiros, não só o *projeto educacional* do IPA manteve-se ileso como ele acabou sendo interiorizado ainda mais no estado.<sup>368</sup>

Em resumo, poderia se afirmar que, malgrado todo e qualquer pendor nacionalista de Oscar Machado, ele aprofundou o *projeto* da “*Little SMU*”, criando aquilo que ficou conhecido como a “*Little Little SMU*”, o *Ipinha* de Jaguarão. Corroborando uma orientação que se constatou até o início da década seguinte, de vincular os educandários metodistas às orientações e ao *projeto* vindo da Igreja Episcopal do Sul dos Estados Unidos, de certo modo, como a figura principal de tal processo, poderia-se entender que, junto do projeto da Universidade, este integraria também seu *projeto pessoal* de ir além de ser um administrador para chegar a construir e legar uma obra ao metodismo.

---

<sup>368</sup> No *Ipinha*, com nomes diversos, encontravam-se organizações e símbolos idênticos ou levemente adaptados a alguns existentes em sua matriz, a exemplo de seu hino e flâmula, seu Conselho Escolar, Grêmio Literário Joaquim Caetano da Silva, Centro de Brasilidade Tiradentes, Departamento Esportivo, Clube de Leitura, Clube de Inglês e o jornal *Ipaense*. Adstritamente a estes, além da tradição da prática esportiva, trazia como novidade em comparação com o IPA-Porto Alegre, um Clube Filatélico, destinado a trocas de selos entre seus membros colecionadores e um Clube Panamericano que, idealizado e organizado com a ajuda do Rotary Clube local, teve atuação em festividades deste último e em sua assembleia seccional regional. (ESSLINN, 2015, p. 7-12)

Nesse sentido, na abordagem de Valeska Alessandra de Lima sobre o *Colunas*, para os intentos da discussão ora proposta, dois pontos chamaram a atenção: as hipóteses que ela levantou sobre a importância do periódico e seu impacto na instituição no período da administração de Oscar Machado.

Lançando mão do aporte teórico-metodológico de autores ligados à Nova História Cultural, como Peter Burke e Roger Chartier, ela esquadrinhou a materialidade do periódico e as possíveis intenções de sua criação, invocando as formulações da história da leitura. Pautada pelas afirmações do segundo autor que, ao analisar a relação dos leitores e autores com os textos e as múltiplas maneiras como estes podem ser apreendidos, realçou não haver textos que consigam ser apreendidos apartadamente de seu suporte. (LIMA, 2014)

Por este motivo, na confecção do *Colunas*, além da equipe de alunos responsável por sua preparação, ela reconheceu haver um padrão de publicação. Existiria um modelo imagético desejável para a impressão das fotografias que ilustravam o anuário e uma influência sobre os conteúdos exibidos, que advinham do modelo educacional e das estratégias utilizadas desde sua implantação para sua legitimação o que, de antemão, já atuava na construção do sentido desejado.<sup>369</sup>

Desta feita, neste espaço entre a escritura e a publicação do *Colunas*, Oscar Machado se configuraria como um dos atores mais importantes para a concretização dos propósitos para os quais o periódico foi criado, seja como artífice de sua implementação, seja como autor com grande participação no anuário:

Cabe dizer, que ao analisar o periódico é importante entender a participação dos alunos como escreventes, tendo clareza que quando se lê um texto, se dialoga com uma rede de autores, para além dos alunos. Ou seja, a autoria do anuário está em questão, juntamente com a interferência empregada pelo Reitor, o editor, o tipógrafo, o fotógrafo e os professores. Esses atravessamentos promovem transformações discursivas nos textos e nas imagens trazidas como expressões espontâneas nas páginas do *Colunas*. Percebe-se ao longo dos anos, muitas interferências dos professores e administradores do IPA na es-

<sup>369</sup> Ao tratar desta complexa operação e do hiato entre a produção e a construção de sentido operada pelo ato da leitura, Chartier afirmou: “Façam o que quiserem, os autores *não* escrevem livros. Os livros não são de modo algum escritos. São manufacturados por escribas e outros artesãos, por mecânicos, por engenheiros, e por impressoras e outras máquinas”. Contra a representação, elaborada pela própria literatura, do texto ideal, abstracto, estável porque desligado de qualquer materialidade, é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega a seu leitor. (...) Essa distância, que constitui o espaço no qual se constrói o sentido, foi muitas vezes esquecida pelas abordagens clássicas que pensam a obra em si mesmo, como um texto puro cujas formas tipográficas não tem importância, e também pela teoria da recepção que postula uma recepção directa, imediata entre o “texto” e o leitor, entre os “sinais textuais” manejados pelo autor e o “horizonte de expectativa” daqueles a quem se dirige.” (CHARTIER, 2002b, p. 126-127)

crita dos textos publicados, bem como nas fotografias escolhidas para representá-las. (...) Machado foi um dos autores que mais publicou textos no anuário no período analisado. Seus escritos valorizavam e exaltavam a grandiosidade da Escola Magestosa, além de, constantemente salientar a importância da publicação do *Colunas* como um meio para manter o “Espírito Ipaense” vivo para as gerações futuras. Falava aos leitores sobre o tempo glorioso em que viviam e do quão abençoados seriam aqueles que, no futuro, pudessem recordar do IPA como um “manancial de recordações”. (LIMA, 2014, p. 32-33)<sup>370</sup>

Retomando a entrevista concedida por Oscar Machado em 1976 e confrontando-a com as proposições de Valeska Alessandra de Lima, concorda-se aqui com a afirmação da autora de que, além de servir para levar a cabo os objetivos supramencionados, o *Colunas* também atenderia a alguns interesses do reitor.

Dentre estes o mais representativo seria a obtenção da legitimação frente à comunidade acadêmica e a perpetuação de seu nome na história do IPA, que ocorreria caso viesse a transformá-lo na “*Little SMU*”, cópia perfeita da instituição que o forjara enquanto intelectual e que servia de arquétipo para sua atuação como dirigente. (LIMA, 2014, p. 32)

Por fim, além de se considerar que uma parcela das ações tomadas para adequar o IPA às demandas do processo de nacionalização poderiam ser interpretadas como uma forma de resistência a tais imposições, concomitantemente, em virtude da trajetória de Oscar Machado, concebe-se que, de modo profundo, ele interiorizou como uma espécie de *habitus secundário* os valores e ideais do metodismo e de seus educandários.

Tal fato permite-nos inferir que, sem embargo todo seu nacionalismo, automaticamente, em acordo com aquilo que se encontrava nele estruturado, Oscar Machado trabalhou pela manutenção de seu modelo educacional e atuou para levá-lo ao interior, sem deixar de aprofundá-lo em Porto Alegre.

Feita esta incursão sobre o histórico do IPA e as ações desempenhadas por Oscar Machado com o fito de aprofundar seu *projeto educacional*, trabalhar para seu custeio e expansão, bem como lidar com o processo de nacionalização do ensino, na próxima sessão serão analisadas suas ações como líder leigo da Igreja Metodista, que foram importantes para projetá-lo no meio educacional da denominação religiosa.

---

<sup>370</sup> Sobre exemplos deste tipo de matérias escritas por Oscar Machado no *Colunas*, ver: (*Colunas*, 1948, p. 32-33 e *Colunas*, 1951, s/p.).

#### 4.6 OSCAR MACHADO E SUAS ATIVIDADES NA IGREJA METODISTA NO RIO GRANDE DO SUL: UM LÍDER LEIGO<sup>371</sup>

Como se observou no segundo capítulo, Oscar Machado foi um dos líderes leigos a se fazer presente no Segundo Concílio da Igreja Metodista, ocorrido em janeiro de 1934 na cidade Porto Alegre, quando ainda residia em Juiz de Fora-MG.

Se esta foi a primeira menção a ele, no tocante às ações que desempenhou nesse plano após sua transferência para a capital gaúcha, a despeito de ter ampliado suas responsabilidades ao assumir a reitoria do PAC/IPA e também continuado a atuar como professor de seus cursos ministrando diversas matérias<sup>372</sup>, Oscar Machado manteve ainda uma intensa participação como líder leigo da Igreja.

Cotejando suas funções educacionais com seus afazeres ligados à Igreja Metodista, sem que se saiba se Dilza Machado tenha participado deste evento, – fato bastante provável – Oscar Machado teve uma insigne atuação no encerramento do Congresso de Senhoras Metodistas ocorrido em Porto Alegre, ao realizar uma conferência versando sobre a atuação das mulheres metodistas em prol da alfabetização no país:

O dr. Oscar Machado, o novo diretor do “Porto Alegre College”, falou eloquentemente sobre o thema: “Que podem fazer as senhoras metodistas em prol da alfabetização do Brasil”. Com zelo patriótico, a Igreja Methodista espera cooperar na realização deste nobre ideal comum. (*A Federação*, 29/09/1934, p. 4)<sup>373</sup>

Em abril do ano seguinte, ele também participaria ativamente de um evento promovido pela Igreja Metodista, que realizava uma campanha leiga de evangelização, ao proferir uma conferência sobre os evangelhos de Lucas e São Mateus:

<sup>371</sup> Diferentemente do ocorrido no segundo capítulo, quando foram abordadas as atividades do casal Machado no interior da Igreja Metodista e seus diversos órgãos, nesta parte, dada quase a ausência de fontes relativas à atuação de Dilza Machado nesta seara, o foco se dará nas ações de seu marido. Conjectura-se, porém que, por ter suas funções aumentadas, pois precisava cuidar dos dois filhos, da coordenação do curso primário do IPA e do auxílio na administração da rotina dos internos do instituto, as funções exercidas por Dilza no âmbito da Igreja Metodista tenham sido diminutas, o que um estudo futuro poderá esclarecer.

<sup>372</sup> Em 1936 ele ministrou as disciplinas de Ciências Sociais e Educação Religiosa no curso de Bacharel em Educação Religiosa ofertado pela faculdade de Teologia do Concílio Regional Sul (*Correio do Povo*, 05/06/1936, p. 5) – com sede no IPA – e, nos anos de 1938 e 1939, lecionou as disciplinas de Língua Inglesa e Seminário Econômico no IPA. (*Colunas*, 1938, s/p; *Colunas*, 1939, s/p.)

<sup>373</sup> Salienta-se que, congregando os esforços realizados no IPA para adequá-lo ao processo de nacionalização de ensino, ao mencionar as iniciativas da Igreja Metodista em suas ações de alfabetização, foi mencionado que elas também se davam em consonância com o clima nacionalista vigente, fato que torna patente a preocupação da denominação religiosa neste aspecto.



Assim é que, durante os dias desta semana, diversos oradores falarão, sendo que hontem, com sua habitual facilidade, pregou ao povo methodista de S. João, o dr. Oscar Machado que, accentuando sempre a sua oração para o lado da praticabilidade immediata, conseguiu de um modo extraordinario e feliz iniciar a campanha de evangelismo naquela igreja (...) Sua palavra fluente e entusiasta, produziu resultados belissimos no seio da congregação, que ficou compenetrada dos seus deveres christãos. (*Correio do Povo*, 18/04/1935, p. 9)

Tendo sido esta a primeira grande inferência de uma atuação eminentemente ligada à esfera religiosa por parte de Oscar Machado, junto das funções que exerceu na Igreja, em seus concílios e órgãos deliberativos, foi informado que ele também ocupava o cargo de superintendente da escola dominical da Igreja Metodista Central de Porto Alegre, tal qual o fizera em Juiz de Fora-MG. (*Correio do Povo*, 21/04/1935, p. 16)<sup>374</sup>

Poucos meses depois, Oscar Machado voltaria a ter uma notável atuação nas celebrações do Jubileu da Igreja Metodista do Rio Grande do Sul<sup>375</sup> quando, na condição de delegado leigo, presidiria a mesa dos trabalhos conciliares. (JAIME, 1963, p. 159-160)<sup>376</sup>

Em 1936, a única menção encontrada das ações desempenhadas por Oscar Machado em eventos religiosos e administrativos da Igreja Metodista ocorreu quando, em reunião realizada em Porto Alegre, ele foi intérprete da Sra. Leila Epps, visitadora geral das Sociedades Metodistas de Senhoras do Brasil, do Dr. J. E. Ellis, Secretário da Junta Geral de Educação Metodista do Brasil, e do Dr. Alfredo W. Wasson, secretário de missões. (*Correio do Povo*, 09/02/1936, p. 2)<sup>377</sup>

No ano seguinte, no posto de presidente da Junta Regional de Educação Christã da Igreja Metodista, Oscar Machado integrou o Concílio Regional da Igreja Metodista, realizado na cidade de Alegrete. Ao retornar a Porto Alegre, num evento marcado pelas importantes informações que trouxe, ele foi homenageado pelos alunos do IPA e pelo inspetor federal de ensino Atila Casses:

---

<sup>374</sup> Semelhantemente ao ocorrido em Juiz de Fora, aproveitando-se de sua dupla formação acadêmica, Oscar Machado ocupava papéis de destaque nos educandários e na Igreja Metodista. Essa situação comprova ter sido bem sucedido o seu *projeto pessoal* de se tornar educador, pois lhe conferiria um maior protagonismo não só no interior da comunidade metodista, mas na sociedade como um todo.

<sup>375</sup> Esta efeméride seria comemorada durante o 6º Concílio Regional que foi inaugurado em 24 de setembro de 1935 pelo bispo César Dacorso. (*Correio do Povo*, 15/09/1935, p. 10)

<sup>376</sup> Além das ações nas quais os delegados leigos tomaram parte neste Concílio, Oscar Machado também dirigiu uma mensagem referente à Educação Religiosa do futuro durante a quinta sessão deste evento. (*Correio do Povo*, 29/09/1935, p. 9)

<sup>377</sup> Presume-se, independentemente da emancipação da Igreja Metodista Brasileira, ocorrida anos antes, que esta reunião pode ter sido importante, não só para se decidirem questões concernentes às ações missionárias a serem desempenhadas no país, como também para se planejar as ações educacionais de suas instituições, fato que impactaria diretamente as ações do reitor do IPA.

Em nome da inspetoria federal, falou o dr. Attila Casses, que alliou-se áquela homenagem espontanea que brotava do coração da mocidade ali presente ao jovem educador que vinha de ser re-eleito para ocupar o posto de reitor do gymnasio do qual elle tinha a honra de ser inspector. Sua oração brilhante, foi saudada com uma salva de palmas. Logo após foi inaugurado o retrato do dr. Oscar Machado no Salão Nobre; o bello e custoso quadro achava-se coberto pelas bandeiras nacional, do Rio Grande do Sul e do I. P. Alegre. (*Correio do Povo*, 30/10/1937, p. 3)<sup>378</sup>

A citação acima evidencia três aspectos importantes: o bom trânsito que Oscar Machado possuía com o inspetor federal Attila Casses, o prestígio que possuía com os alunos e, o mais importante, o fato de que nesses Concílios da Igreja Metodista, além de serem debatidas as nomeações e transferências de pastores, missionários e professores, também o eram as nomeações e transferências de reitores dos educandários.

A manutenção de Oscar Machado na reitoria do IPA, definida durante a realização dos Concílios da Igreja Metodista, foi uma constante até seu afastamento definitivo em 1954. Exemplo disto foi encontrado em outubro de 1938 quando, no 9º Concílio Regional do Sul da Igreja Metodista do Brasil, no qual ele participou como delegado leigo, informou-se que, após prestar contas das ações religiosas e culturais do IPA, Oscar foi reeleito para o posto de reitor. (*Correio do Povo*, 18/10/1938, p. 13)<sup>379</sup>

Decorridos dois anos, no 11º Concílio Regional do Sul da Igreja Metodista do Brasil, que teve como palco a cidade de Porto Alegre, onde se realizaram sessões religiosas e culturais, Oscar Machado voltaria a ter uma ativa participação no mesmo. (*Correio do Povo*, 08/11/1940, p. 8)

Numa dessas sessões, ocorrida no IPA, a pedido de Oscar Machado, além da participação dos alunos, destaca-se que, entre discursos e trabalhos conciliares, foram apresentadas atrações da cultura regional gaúcha aos membros da Igreja vindos dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro:

Hontem a sessão matutina realizou-se no salão do Instituto Porto Alegre, a convite de seu director dr. Oscar Machado. No decorrer dos trabalhos os alumnos e professores do Instituto offereceram aos conciliares uma hora de arte com programma de musica e poesias regionais. Usaram da palavra o dr. Oscar Machado e o professor Sebastião Gomes de Campos, que saudaram o Concilio e, na pessoa do bispo Cesar Dacorso Filho, prestaram uma significativa homenagem á Igreja Methodista do Brasil. (*Correio do Povo*, 08/11/1940, p. 8)

Para concluir, tem-se que, dentre suas atividades como líder leigo da Igreja Metodista do Brasil e também como educador e reitor do PAC/IPA, Oscar Machado, arti-

<sup>378</sup> Essas homenagens também foram noticiadas em: (*A Federação*, 25/10/1937, p 5).

<sup>379</sup> Sobre essas transferências e nomeações ver também: (JAIME, 1963).

culando o *projeto coletivo* metodista com seu *projeto individual*, conseguiu transitar muito bem por um contexto turbulento, seja na esfera educacional ou religiosa.

Trabalhando no limiar entre a verticalização do modelo educacional metodista e o cenário de nacionalização de ensino – diametralmente oposto à presença de elementos exógenos – Oscar Machado logrou êxito ao não sofrer demasiadamente com a repressão imposta às instituições de ensino estrangeiras mas, sobretudo, por ter recebido o apoio de Osvaldo Cordeiro de Farias e, assim, expandido o IPA para a cidade de Jaguarão.

Sincronicamente a seu sucesso no setor educacional, no domínio religioso, como um líder leigo, Oscar teve uma relevante atuação, tanto nas atividades cotidianas da Igreja, de suas escolas dominicais, – numa continuidade do serviço que desenvolvia em Juiz de Fora – quanto nos Concílios Regionais do Sul da Igreja Metodista do Brasil, situação que lhe fez ser reeleito como reitor do PAC/IPA durante um período de quase vinte anos.

Contudo, mesmo gravando seu nome na história do educandário como seu reitor mais longevo, que consolidou um modelo de modo a dotar a instituição de uma identidade que perdurou por muitos anos, ele enfrentou resistências e polêmicas enquanto esteve à frente de sua reitoria, as quais também estiveram relacionadas à sua atuação num outro *campo*, o político, tema do próximo capítulo.

## 5. ENTRE O PRECONIZADO E O REAL: METODISMO, MAÇONARIA E INTEGRALISMO NO RIO GRANDE DO SUL DO INÍCIO DOS ANOS 1930

### 5.1 O INTEGRALISMO CHEGA AO RIO GRANDE DO SUL

Diferentemente do visualizado em outros estados do centro-sul do país, como Minas Gerais e Rio de Janeiro, a chegada do integralismo no Rio Grande do Sul, mais tardia, só ocorreu a partir do ano de 1933 e não teve como palco a capital Porto Alegre, mas sim duas cidades da região norte do território gaúcho, Passo Fundo e Boa Vista do Erechim<sup>380</sup>:

O sr. Plínio Salgado resolveu, ha tempos, criar, dentro da organização integralista do paiz, a cathogoria de “Cidade Integralista”, que corresponde a uma distincção destinada as cidades brasileiras que mais se salientaram na campanha do Integralismo: esse titulo deve ser usado na correspondencia official ou particular entre as autoridades “camisas verdes” ou simples miliciano e só o chefe nacional pode conferir esse titulo, adoptando o criterio que julgar melhor. No Rio Grande do Sul, antes mesmo de Porto Alegre, já em maio de 1933 se installava, em Boa Vista do Erechim, o primeiro nucleo integralista (...) sendo Boa Vista do Erechim, hoje, o municipio do Rio Grande do Sul que possui mais nucleos integralistas, disseminados em seu territorio. (*Correio do Povo*, 23/09/1934, p. 32)<sup>381</sup>

Fausto Alencar Irschlinger, em trabalho no qual analisou a presença integralista nesses municípios, confirmou a grande envergadura alcançada pelos camisas verdes na região dando como possíveis explicações para isso o fato de que ela seria um portal de ligação com o estado de Santa Catarina e que os membros de sua alta hierarquia, possivelmente, teceram relações com as chefias nacionais do Sigma. (IRSCHLINGER, 2001, p. 88-89)

Corroborar-se a existência desta relação com lideranças nacionais do Sigma pois, quando se afirma que, tal qual várias outras localidades do país, o estado recebeu uma “bandeira integralista”, liderada por Miguel Reale, tal elemento pode ter colaborado para que o surgimento da AIB no Rio Grande do Sul não tivesse ocorrido a partir de sua capital:

Em agosto de 1933, as chamadas Bandeiras Integralistas deram novo dinamismo ao movimento. Para o norte, seguiram Plínio Salgado,

<sup>380</sup> Atual Erechim, de acordo com Daniel Milke, a criação do primeiro núcleo na localidade data do mês de maio de 1933. (MILKE, 2003, p. 21)

<sup>381</sup> O título de *cidade integralista* concedido a Boa Vista do Erechim, primeira cidade do Rio Grande do Sul a receber tal prêmio, foi também aludido pelo trabalho de Fausto Alencar Irschlinger que informou se a cidade foi a primeira localidade na qual o sigma se instalou no estado. (IRSCHLINGER, 2001, p. 55)

Gustavo Barroso e outros, realizando conferências em Campos, Cachoeira de Santa Leopoldina, Vitória, Santa Tereza, Salvador, Alagoas, Aracajú, Penedo, Recife, Natal, Fortaleza, São Luis, Belém e Manaus, além de uma outra linha que seguiu para Juiz de Fora e Belo Horizonte; para o sul seguiu Miguel Reale que divulgou o integralismo no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, o que resultou na criação de novos núcleos integrados principalmente por italianos e alemães. (CALIL, 2005 p. 128-129)

Para Carla Brandalise, a demora para a chegada da AIB no Rio Grande do Sul ocorreu ou pela maior facilidade encontrada por Plínio Salgado para estabelecer contatos com políticos de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco, ou pelos esparsos contatos que poucos simpatizantes conhecedores da doutrina do sigma mantiveram com as lideranças nacionais. (BRANDALISE, 1992, p. 123-125)

Seja por esses ou outros motivos, sem se desconsiderar a possível inflação em tais dados, em 1937, as lideranças integralistas da região norte do estado informaram que a cidade de Passo Fundo contaria com quarenta e dois núcleos e, aproximadamente, cinco mil integralistas. (IRSCHLINGER, 2001, p. 84) Originária desta região, aos poucos, a presença integralista no Rio Grande do Sul iria se capilarizar por suas diversas regiões, na medida em que o movimento político passava a se estruturar, organizar sua hierarquia e desenvolver atividades de proselitismo político.<sup>382</sup>

Indubitavelmente, um dos passos mais importantes para viabilizar tal sorte de coisas foi a fundação dos núcleos integralistas na cidade de Porto Alegre, local a partir do qual se controlariam as ações dos camisas verdes no Estado. Isso ocorreu após a direção nacional do movimento, mediante a troca de correspondências com simpatizantes gaúchos da AIB, decidir que seria viável realizar esforços para sua expansão no Rio Grande do Sul.<sup>383</sup>

Nesse sentido, a presença de camisas verdes em Porto Alegre, que iriam lançar as primeiras sementes para a constituição de seus núcleos, teria ocorrido em janeiro de 1933, quando a cidade recebeu uma bandeira integralista formada por acadêmicos de direito provenientes do estado de São Paulo. (*A Federação*, 30/01/1933, p. 1)

<sup>382</sup> Não será feito aqui um mapeamento da expansão do integralismo no estado porque a análise centrada em Oscar Machado se dará circunscrita, sobretudo, às suas ações que tiveram como sede a cidade de Porto Alegre. De todo modo, para se ter uma visão mais abrangente da presença dos camisas verdes no Rio Grande do Sul, ver: (BARRERAS, 1998; BERTONHA, 1998; BRANDALISE, 1992; CALIL, 2007; SILVA; CALIL, 2000; CANABARRO, 1995; GERTZ, 1977; 1987; 1991a, 1998; 2005; GONÇALVES, 2016; IRSCHLINGER, 2001; MILKE, 2003; PISTORELLO, 2001; SANTORUM, 2015 e TONINI, 2002).

<sup>383</sup> Dario de Bittencourt, desde os primeiros momentos de existência da AIB, foi uma dessas pessoas que se mantiveram em contato com lideranças nacionais demonstrando interesse pela doutrina integralista, chegando a solicitar a remessa de materiais desta para que pudesse se inteirar ainda mais de suas propostas. (BRANDALISE, 1992, p. 125-126)

Num desdobramento desta e de outras eventuais ações de publicização do ideário do Sigma, no mês de dezembro deste mesmo ano, foi inaugurado o primeiro núcleo integralista em Porto Alegre que, no início do ano seguinte, fez-se acompanhar da fundação do núcleo provincial, sob o qual recairia a tarefa de organizar as ações dos camisas verdes em todo o estado.

A séde, composta de amplas salas, nos altos do Banco Porto Alegrense, estará aberta diariamente das 16 às 18 horas. Usaram da palavra os drs. Dario de Bittencourt e Anor Butler Maciel, falando sobre o movimento e sua finalidade. A seguir, foram feitas as seguintes nomeações de coordenadores, nos vários sectores profissionaes: entre os bancarios sr. Carlos Ruschel, no Banco da Provincia; Andino Braga, no Banco do Commercio; Francisco Mattoso, na Faculdade de Medicina; Hugo Berta, e Gustavo Welp Filho, entre os empregados do commercio e indústria, na zona de Navegantes; maestro Léo Schneider, entre os musicos; Frederico Uhr, candidato 58, no Tiro 318; Associação dos antigos alumnos do Gymnasio do Rosario; Ennio de Paula Gomes, entre os empregados do commercio, no centro, Edgar Albert; no Collegio Militar, Augusto Alencastro; no Gymnasio Julio de Castilhos, Carlos Teixeira da Rocha; entre os installadores; Werner Schneider; entre os empregados em S. João Manoel de Oliveira Nesse e José Emilio Eckert entre os operários syndicalizados, João Latuanda. Foi designado como encarregado da secretaria o acadêmico Ernani Fiori, devendo as sessões ordinarias da A. I. realizarem-se ás sextas feiras, á noite. (*Correio do Povo*, 04/01/1934, p. 7)

Quando se consultam os jornais porto alegrenses, encontram-se informações de que o primeiro núcleo integralista foi instalado na cidade em dezembro de 1933, porém, pode-se considerar que as atividades dos camisas verdes iriam se expandir de fato, a partir da fundação da sede de seu núcleo provincial, ocorrida em janeiro de 1934:

O movimento, aqui, foi iniciado em 3 de janeiro deste anno, quando foi installada a séde provincial, á rua 7 de setembro n. 1.114 (sobrado); para a deflagração do mesmo muito contribuíram os srs. dr. João Leães Sobrinho, filho deste estado e advogado em São Paulo, que aqui esteve alguns mezes do anno passado, e o capitão da marinha mercante nacional, Aristobulo Soriano de Mello. Hoje, em Porto Alegre já existem dois nucleos installados e outros mais nos municipios de Cachoeira, Cruz Alta, Bento Gonçalves, Novo Hamburgo, Carasinho, Taquary (localidade Morro Azul), Dom Perdito e Bôa Vista do Erechim. (*Correio do Povo*, 05/09/1934, p. 7)

De toda sorte, com o surgimento de tais células integralistas porto alegrenses, a partir deste contexto, sob a liderança de Dario de Bittencourt, primeiro chefe provincial, que era assessorado por Anor Butler Maciel, secretário, e Egon Renner, tesoureiro, formou-se o primeiro “Triunvirato Provincial”, elemento que possibilitou que os camisas verdes, ao consolidarem sua estrutura diretiva, passassem a ter uma ação mais intensa na capital e no estado. (MILKE, 2003, p. 24)

No que tange às disputas eminentemente políticas, os integralistas, constantemente, reafirmaram estar em combate contra os comunistas e, inserindo-se num ambiente bastante polarizado entre o Partido Republicano Liberal (PRL) e a Frente Única (FUG), colocavam-se como uma terceira via nesse *campo*:

O “caldeirão” político gaúcho, instalado com novos temperos após 1930, começou a borbulhar após o fracasso da Frente Única em 1932, a qual buscara reunir as forças políticas tradicionais do estado. Para suprir esta lacuna, apoiado por Flores da Cunha, criou-se nesse mesmo ano o Partido Republicano Liberal, que visava agregar a maioria dos partidos até então tradicionais e agremiar determinada parcela da população urbana e as classes médias, as quais reivindicavam maior participação. O PRL também passou a reunir setores das classes dominantes que se caracterizavam por uma flexibilidade em seu liberalismo e, estreando no poder, organizou-se para se manter e articular seu poder de mando nos municípios gaúchos com vistas a conquistar posições na Constituinte Federal. (IRSCHLINGER, 2001, p. 58-59)<sup>384</sup>

Uma vez institucionalizado, passando a realizar suas ações de propaganda, que ampliariam seu raio de atuação no estado, com algumas nuances, à medida que mais núcleos eram abertos, os camisas verdes alcançaram um sucesso maior em regiões específicas do Rio Grande do Sul, em especial na região de imigração italiana e alemã, situação que não se verificou em sua capital, Porto Alegre:

Comparando-se, porém, o desenvolvimento do integralismo em Porto Alegre com outras grandes cidades brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo, onde os camisas-verdes tiveram sua maior expressividade, a cidade gaúcha andou em passos mais curtos. É difícil precisar quantos adeptos angariaram, em função do fato de que a AIB nunca divulgou números a respeito, mas, baseado em convocações, afirmações de lideranças, resultados eleitorais, concentrações para desfiles, andamento das atividades, pode-se estimar que o número tenha ficado entre mil e quinhentos e dois mil filiados. (MILKE, 2003, p. 3)<sup>385</sup>

<sup>384</sup> A Frente Única, também denominada de Frente Única Gaúcha (FUG), era composta pelos partidos mais tradicionais da política do Rio Grande do Sul, o Partido Republicano Riograndense (PRR) e o Partido Libertador (PL). (MILKE, 2003)

<sup>385</sup> Para René Gertz, nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde houve uma significativa concentração de integralistas nos municípios “coloniais”, esta não poderia ser explicada apenas por motivos étnicos ou pela presença de um forte germanismo, mas também por questões econômicas e fatores ligados às políticas locais e regionais. (GERTZ, 1987a, p. 172-174) Fausto A. Irschlinger corrobora essas colocações ao asseverar que não haveria uma uniformidade do integralismo no norte gaúcho, em relação ao que se observava com o integralismo no restante do país: “Constatamos, portanto, que, mesmo buscando perseguir uma sintonia fina na reprodução teórica e em redes estruturais e ideológicas do movimento verde nacional (pois lhe convinha e não deixou de ser uma necessidade regional), o integralismo regional apresentou ações diferenciadas (como as práticas e estratégias políticas eleitorais). Percebemos assim, a configuração de certos paradoxos internos da AIB regional, evidenciados na dicotomia entre teoria totalizante x práticas regionais/municipais aspectos esses que também oscilam em maior ou menor intensidade nos municípios pesquisados.” (IRSCHLINGER, 2001, p. 164)

Conforme consta no terceiro capítulo, antes de sua transferência para a capital gaúcha, Oscar Machado já mantinha contato com os integralistas da capital Porto Alegre. Contudo, a essa relação também se acresce a atividade de propaganda que ele realizou em sua região natal, no momento em que se davam as primeiras atividades dos camisas verdes nessas. Sobre este último ponto, de férias no Rio Grande do Sul, além de participar do 2º Concílio Geral da Igreja, ocorrido entre 04/01/1934 e 19/01/1934 (*Atas do 2º Concílio Geral da Igreja, 1934*), de estar presente na inauguração dos retratos de Plínio Salgado e Adolf Hitler, ocasião na qual também proferiu um discurso (*Correio de Minas, 17/01/1934, p. 1*), ele também realizou as primeiras atividades de propaganda integralista em Uruguaiana.

Uruguaiana, a importante cidade da fronteira, terra legendária na nossa história, também não podia deixar de interessar-se pelo integralismo. Quando por aqui andou, em fins do ano passado e princípios deste, o companheiro professor Oscar Machado (atual chefe municipal de Juiz de Fora, província de Minas Gerais), deixou plantada a semente do Integralismo, a qual começa a germinar: já que diversos jovens desta cidade tomam interesse pelo movimento, não sendo de extranhar, brevemente, a instalação de um núcleo de camisas verdes aqui. De Pôrto Alegre tem sido recebido material de propaganda e jornais que são lidos com muito interesse e avidês. (*O Integralista, 24/06/1934, p. 2*)

Foi, portanto, nesse cenário heterogêneo da presença integralista no Rio Grande do Sul que Oscar Machado chegou a Porto Alegre em setembro de 1934, passando a aprofundar, sobremaneira, sua atuação nas hostes do sigma.

## 5.2 OSCAR MACHADO E O INTEGRALISMO EM PORTO ALEGRE

A mudança de Oscar Machado para Porto Alegre coincidiu com o período no qual o integralismo passou a contar com uma ação mais incisiva para se disseminar pelo estado, fruto do otimismo criado pela visita que o chefe nacional, Plínio Salgado, faria ao Rio Grande do Sul.

Vale ressaltar que, embora nos últimos anos muitos estudos referentes ao integralismo tenham se dedicado a estudar, tanto militantes comuns, quanto lideranças regionais e nacionais da AIB, desconhece-se, até então, a existência de propostas como esta da análise da trajetória de Oscar Machado que, se não foi o caso precursor por meio do qual se testemunhou a circulação de lideranças integralistas entre estados diferentes do país, talvez seja um dos poucos a contemplar tal especificidade.



Na reunião realizada no núcleo provincial integralista em 20/07/1934, em meio a uma diversificada pauta, foi formada uma comissão que se encarregaria de receber o chefe nacional, composta dos seguintes membros: Efraim Wagner, acadêmico Dante Sfoggia, Octaviano Cabral, Egon Renner, H. Rosenfeld, Alvaro Pereira Junior, Maestro Léo Schneider e o Dr. Carlos Burger Junior. (*O Integralista*, 29/07/1934, p. 2)

Tendo ocorrido a chegada de Plínio Salgado a Porto Alegre em 04/09/1934, a mesma foi amplamente noticiada, tanto pelo jornal local *Correio do Povo*, quanto pelo jornal publicado pelos camisas verdes na capital gaúcha, *O Integralista*<sup>386</sup>. Acompanhado de outras lideranças nacionais como Miguel Reale, secretário do Departamento Nacional de Doutrina, Dr. Iracy Igayára de Moura Costa, chefe da Casa Militar do Chefe Nacional, Dr. Ferdinando de Martino, integrante do Departamento de Doutrina e candidato a deputado pelo estado de São Paulo e Américo Matrangola, membro do Departamento de Propaganda (*Correio do Povo*, Porto Alegre, 05/09/1934, p. 7), os camisas verdes tiveram uma intensa programação durante a semana em que a chefia nacional da AIB esteve em Porto Alegre, nas cidades de São Leopoldo e Novo Hamburgo. (*Correio do Povo* 11/09/1934, p. 13)

Ultrapassando as ações voltadas para a específica propaganda do integralismo via comícios e atos solenes em seus núcleos, a comitiva de Plínio Salgado visitou algumas fábricas, estabelecimentos comerciais, a sede do jornal *Correio do Povo*, sociedades culturais<sup>387</sup>, sendo recebida por autoridades como o prefeito da cidade, Alberto Bins<sup>388</sup>, o interventor Flores da Cunha<sup>389</sup> e o arcebispo metropolitano Dom João Becker.

No programa de hoje, consta a visitação a vários estabelecimentos fabris e industriais, entre os quais a fábrica Berta do Major Alberto Bins; a fábrica Wallig, dos Srs. Wallige Cia.; a Companhia de Vidros Sul-Brasileira; a Companhia Fiação e Tecidos Porto Alegrense; a Fábrica de Móveis Gerdau, do Sr. Walter Gerdau; a fábrica dos Srs. Neugebauer e Cia.; a Sociedade Indústria e

<sup>386</sup> O jornal era publicado no que se pode chamar de Formato Berliner. Suas dimensões aproximadas eram de 47 cm x 32 cm. Possuía quatro páginas, circulando no período compreendido entre 03/02/1934 a 01/09/1935, com uma coleção de 63 exemplares. Criado pouco mais de um mês depois de ter sido fundado o núcleo provincial da capital gaúcha, teve como seu diretor um dos membros do Triunvirato Provincial, o advogado Anor Butler Maciel. Em sua fase final, a partir de sua edição de número 55, o camisa verde Jayme Castro, com quem Anor Butler Maciel possuía algumas desavenças, assumiu sua gerência mas, logo depois, o último fundou o novo jornal integralista, *A Lucta*, dando-lhe sua feição ao mesmo, provavelmente, por conta dos desentendimentos entre ambos. (LEAL, 2006, p. 71)

<sup>387</sup> Visitou o Centro Paulista do Rio Grande do Sul (*Correio do Povo*, 06/09/1934, p. 9), a Biblioteca Pública, a livraria Americana e a do Globo. (*Correio do Povo*, 07/09/1934, p. 7)

<sup>388</sup> Plínio, inclusive, afirmou que este teria se convertido ao integralismo. (*O Integralista*, setembro, 1934, p. 1)

<sup>389</sup> Nesta ocasião, o General Flores da Cunha teria cedido as dependências do Teatro São Pedro para a realização de uma sessão solene integralista que ocorreria no período noturno. (*Correio do Povo*, 09/09/1934, p. 12)

Comércio Limitada; a Arroeira Brasileira Limitada; a fábrica Rio Guahyba; o estabelecimento dos Srs. A. J. Renner e Cia.; a Cervejaria Continental e sua Maltaria e o estabelecimento dos Srs. Zivi, Kluwe, Müller e Cia. (*Correio do Povo*, 05/09/1934, p. 7)

Em paralelo às visitas acima mencionadas, acerca das atividades de proselitismo político, os integralistas tiveram também uma intensa agenda. Realizaram uma sessão doutrinária na sede provincial da AIB (*Correio do Povo*, 05/09/1934, p. 7), fizeram a exibição de um filme no Cine Teatro Navegantes, que foi procedida por uma conferência de Plínio Salgado, (*Correio do Povo*, 06/09/1934, p. 9)<sup>390</sup> e também uma sessão solene no Teatro São Pedro. (*Correio do Povo*, 09/09/1934, p. 12)

Porém, suas ações de propagandas que mais chamaram a atenção teriam ocorrido durante o desfile e juramento da bandeira integralista no centro de Porto Alegre. O último, realizado na Praça Senador Florêncio (atual Praça da Alfândega) em frente à estátua do Gal. Manuel Luís Osório reuniu centenas de pessoas que, acompanhando a comitiva de Plínio Salgado, se puseram defronte à sacada do escritório de Arlindo Amoretty Saraiva<sup>391</sup>, situado à rua dos Andradas, onde o chefe nacional realizou um comício improvisado acompanhado por Miguel Reale.

A finalização da bandeira, no domingo 09/09/1934 pela manhã, se deu após a realização de uma visita aos núcleos integralistas de São Leopoldo e Novo Hamburgo, quando, novamente na sacada do escritório de Arlindo Amoretty Saraiva, os líderes integralistas fizeram um comício improvisado de despedida, reunindo centenas de pessoas, como se observa nas imagens abaixo:

---

<sup>390</sup> O evento foi marcado por um princípio de confusão pois, durante a exibição do filme sobre o integralismo, sem que saiba quem foi o responsável, uma série de bombas de estalo, de grande tamanho, foram soltas, causando uma grande correria no Cine Teatro. (*Correio do Povo*, 06/09/1934, p. 9)

<sup>391</sup> O advogado Arlindo Amoretty Saraiva ocupava a esta época o posto de Secretário do Departamento Provincial de Estudos. (*O Integralista*, setembro, 1934, p. 6)



Imagem 27: Fundo: AIB/PRP (Delfos) - Coleção: Luís Pereira Borba - Descritores: Plínio Salgado falando em comício, na sacada da Casa Victor, em Porto Alegre. Imagem 28: Fundo: AIB/PRP (Delfos) - Coleção: Luís Pereira Borba - Descritores: Miguel Reale em comício, na sacada da Casa Victor, em Porto Alegre.

Sem que se tenha reconhecido quem foram os responsáveis, durante a fala dos líderes integralistas, vindos de uma sacada vizinha, foram lançados panfletos que traziam críticas aos integralistas. Este ato, novamente, apontou para a existência de inimigos do sigma, que se mostravam em ação desde as primeiras manifestações mais significativas dos camisas verdes na cidade.

Nessa ocasião, fora [sic] jogados do edifício proximo, alguns impressos considerados injuriosos ao sr. Plinio Salgado e aos camisas verdes – cuja circunstancia muito bem aproveitaram os oradores, para profligar a atitude dos inimigos do movimento integralista que eram pertencentes ao capitalismo judaico. Nesse sentido falaram os srs. Ferdinando Martino e Miguel Reale, este que se alongou numa brilhante serie de considerações, sendo, como seu antecessor bastante aplaudido pela assistencia que comprimia á rua dos Andradas; o dr. Reale discorreu sobre varios aspectos do Integralismo, recebendo uma ovação ao terminar. (*Correio do Povo*, 11/09/1934, p. 13)

Com seu surgimento no norte do estado, foi somente com o clima de euforia dos camisas verdes, decorrente da visita da bandeira integralista de Plínio Salgado, que ocorreria a organização do núcleo provincial passando a AIB a se expandir cada vez mais no Rio Grande do Sul. A partir deste período, no qual houve um avanço na articulação e expansão da militância integralista na capital, pode-se dizer que, de um modo geral, o perfil socioeconômico dos camisas e blusas verdes porto alegrenses, apresentavam um perfil bastante variado.

Especificamente sobre a abertura de espaços para a participação feminina em suas hostes, compreende-se que este elemento era bastante inovador para o *campo* político

na década de 1930, cuja expansão se fez acompanhar também por um número significativo de estudantes e profissionais de diversos setores da economia que, uma vez cooptados pelo sigma, acabaram constituindo núcleos de acordo com o ramo de atuação.<sup>392</sup>

Inegavelmente, com diferentes matizes entre seus líderes e militantes comuns, houve por parte dos integralistas porto-alegrenses a reprodução de características que marcaram a AIB como um todo no período, o nacionalismo, o antissemitismo, o anticomunismo, o antiliberalismo, o sentimento antimaçônico, a defesa do fascismo, do corporativismo, etc.

Conseqüentemente, quando se observam os discursos dos integralistas gaúchos, dentre essas características gerais, se pode realçar que, desde os momentos iniciais, se a defesa do corporativismo<sup>393</sup> era um tema candente, o anticomunismo<sup>394</sup>, o antissemitismo<sup>395</sup> e o sentimento antimaçônico<sup>396</sup> seriam temáticas que também iriam ganhar destaque nos discursos e nos escritos integralistas.

Nessa direção, quando elencou quais eram as principais bandeiras defendidas pelos camisas verdes de Porto Alegre, Daniel Milke afirmou que, além do corporativismo e da desilusão com os partidos regionais, também se observaria que:

Alguns dos principais temas abordados nos escritos dos integralistas locais eram: o regionalismo como fator de desagregação nacional, a liberal-democracia falida, o capitalismo voraz e o comunismo destruidor, o corporativismo, as classes profissionais e os sindicatos, a economia dirigida, o domínio do social sobre o individual, o lema “Deus, Pátria e Família”, o combate aos partidos políticos, o nacionalismo, o anti-semitismo pretensamente não racial, a maçonaria, as questões religiosas e o catolicismo, a condenação ao sistema democrático vigente e ao sufrágio universal, o presidencialismo e o parlamentarismo, entre outras importantes questões defendidas e analisadas pela AIB em escala nacional. (MILKE, 2003, p. 76)

Por este ângulo, logo após sua chegada a Porto Alegre, Oscar Machado engrossaria o perfil delineado dos militantes e coordenadores integralistas locais, mantendo também um posicionamento político que se mostraria afinado com aquele defendido pelos demais camisas verdes da capital gaúcha. Exemplo disso pôde ser visualizado na mesma edição especial do jornal *O Integralista*, que cobriu as atividades dos líderes do

<sup>392</sup> Exemplos disso são os núcleos dos comerciários (*Correio do Povo*, 11/10/1936, p. 11) e o núcleo universitário (*O Integralista*, 21/04/1935, p. 4). Sobre este perfil socioeconômico da chefia e da militância integralista na capital, nos quais havia a predominância de elementos oriundos das camadas médias, mormente, profissionais liberais, estudantes, bancários, empregados do comércio e alguns operários, ver: (BRANDALISE, 1992, p. 126).

<sup>393</sup> Sobre isso, dentre outros, ver: *O Integralista*, 19/08/1934, p. 1-4.

<sup>394</sup> Sobre isso, dentre outros, ver: *O Integralista*, 29/10/1934, p. 4.

<sup>395</sup> Sobre isso, dentre outros, ver: *O Integralista*, 08/07/1934, p. 3.

<sup>396</sup> Sobre isso, dentre outros, ver: *Correio do Povo*, Porto Alegre, 18/04/1934, p. 11.

sigma por ocasião da visita da bandeira integralista liderada Plínio Salgado, quando foi publicado o primeiro artigo escrito por Oscar Machado.<sup>397</sup>

Neste, ao criticar o Estado Liberal e o Estado Socialista, Oscar Machado enalteceu o ideal de Estado preconizado pela AIB, o Estado Integral, aproximando-se daquilo que Carla Brandalise frisou como sendo um dos pontos mais recorrentes no discurso dos líderes integralistas da capital, a defesa do corporativismo. (BRANDALISE, 1992, p. 128-132)

O Integralismo quer a organização do Estado. Resolve a condição de luta e desentendimento das classes sociaes. Reconhece que a divisão de classe é resultante infallível do trabalho. Condemna, por isso, a luta classista, proclamando o entendimento e a harmonia dos individuos e não permitindo que nenhuma seja favorecida em detrimento de outra. O Integralismo como conceito de Estado, exprime a Nação Total pois que, pela sua organização corporativista, identifica a sociedade com o Estado, congregando e harmonizando todas as forças que a processam dentro da orbita social. O individualismo já fracassou. O Integralismo é a grande tendencia do seculo XX. Só o Integralismo salvará o Brasil, porque só ele nos dá a Nação Brasileira, uma, indivisível, forte, prospera e feliz. (*O Integralista*, setembro, 1934, p. 10)

Por este prisma, presume-se que, ainda em sua “fase revolucionária”, ou seja, quando a AIB não se constituía como um partido político, mas sim como um movimento cultural e cívico<sup>398</sup>, estas foram algumas das bandeiras defendidas por parte dos candidatos integralistas que disputaram as eleições de 1934, dentre os quais, Oscar Machado. (TRINDADE, 1979, p. 162-163)<sup>399</sup>

### 5.3 A PARTICIPAÇÃO DOS INTEGRALISTAS GAÚCHOS NAS ELEIÇÕES DE 1934

<sup>397</sup> Vale lembrar que o jornal *O Integralista* não foi o único periódico publicado pelos camisas verdes na capital gaúcha. Ela contou com outros dois, *A Lucta e Revolução*. O *A lucta*, publicado também no formato Berliner, possuía quatro páginas, circulando no período compreendido entre 07/09/1935 a 14/02/1935, com uma coleção de 14 exemplares. Criado por Jayme de Castro, o periódico se apresentava como independente, adotando um tom mais incisivo do que o antecessor. (LEAL, 2006, p. 71-72) Cobrindo a lacuna deixada pelo fim do jornal *A Lucta*, o jornal *Revolução* circulou no período compreendido entre 13/06/1936 e 03/06/1937, com uma coleção de 49 exemplares. Dirigido por Mário de Medeiros, se assemelhava aos jornais de grande circulação do integralismo, pois fora criado num contexto no qual se inseria na estrutura de imprensa do movimento, Sigma Jornais Reunidos. (LEAL, 2006, p. 72)

<sup>398</sup> Por diversas vezes ao longo do ano de 1934, camisas verdes gaúchos e o próprio jornal *O Integralista* fizeram questão de enfatizar que a AIB não era um partido político, inclusive após ela ter recebido a autorização do TRE para que sua chapa concorresse às eleições com candidatos aos cargos de deputados estaduais e federais. Sobre isso ver: *O Integralista*, 26/05/1934, p. 2; *O Integralista*, 08/07/1934, p. 1; *O Integralista*, Porto Alegre, 12/08/1934, p. 2 e *O Integralista*, 23/12/1934, p. 2.

<sup>399</sup> A AIB se tornaria um partido político em 1936, quando passou por uma série de mudanças em sua estrutura hierárquica: “Esta mudança marca o início de uma mutação estratégica do integralismo e o desencadeamento do processo de negociação com o poder estabelecido. O movimento abandona suas pretensões “revolucionárias” e torna-se um partido político.” (TRINDADE, 1979, p. 176-178)

A movimentação dos camisas verdes gaúchos para a habilitação de seus integrantes e também para a escolha de seus candidatos teve início em meados de 1934, quando eles realizaram uma consulta a Everaldo Leite, secretário do Departamento Nacional de Organização Política da AIB, sobre a conveniência ou não de sua participação nas eleições que ocorreriam no mesmo ano.

Mesmo que tenham, a princípio, se mostrado contrários à participação eleitoral, com Plínio Salgado criticando a entrada dos integralistas nas eleições estaduais e federais numa diretiva que marcava a posição da chefia nacional sobre o tema (*Correio do Povo*, 26/08/1934, p. 32), como resposta ao seu questionamento, os integralistas gaúchos foram orientados a promover a arregimentação eleitoral, passando a realizar o alistamento de seus membros aptos ao pleito nos núcleos. (*O Integralista*, 24/06/1934, p. 4)

Desta forma, criticando o Partido Liberal, a Frente Única – que seriam muito semelhantes em propostas, diferenciando-se unicamente pelos nomes das pessoas que os integravam – e apresentando o integralismo como diferente, pois este se propunha a organizar o Brasil em Corporações, Anor Butler Maciel foi um dos líderes da AIB gaúcha que defendeu a participação dos camisas verdes nas eleições de 1934. (*O Integralista*, 19/08/1934, p. 1)

Por conseguinte, definida a participação integralista no pleito, em setembro de 1934, uma lista dos candidatos integralistas aos postos de deputados estaduais e deputados federais foi publicada no jornal *Correio do Povo*, contendo os seguintes nomes:

Para deputados federaes – dr. João Leães Sobrinho, advogado em São Paulo; Tte. Octaviano Cabral, oficial do exercito de Porto Alegre; Léo Wilhelm Schneider, professor de musica de P. Alegre, Ephraim Wagner, bancário de P. Alegre; Oscar Machado, professor de Porto Alegre; Alipio Carrard, operario alfaiate de Porto Alegre; Jayme Alves de Castro, empregado de Porto Alegre; dr. Ferdinando de Martino, advogado de São Paulo. Para deputados estaduais – dr. Mario Ferreira de Medeiros, advogado de D. Pedrito; dr. Wolfran Metzler, medico de Novo Hamburgo; Egon Renner, industrialista de Porto Alegre; dr. Anor Butler Maciel, advogado de Porto Alegre; Francisco Scottini, professor de Boa Vista do Erechim; dr. Arlindo Amoretty Saraiva, advogado de Porto Alegre; Raphael Gorése, operario de Porto Alegre; Otto Pedro Rohenkohi, viajante commercial de Lageado; dra. Aurora Nunes Wagner, cirurgiã-dentista de Porto Alegre; Ernesto Helmuth Becker, agricultor de Montenegro; Alves Pereira, empregado do commercio de Porto Alegre; Carlos Francisco Malerhofer, graphico de Porto Alegre; Edmundo Azambuja, contador de Porto Alegre; Willy Franzmann, commerciante, de Boa Vista do Erechim; dr. Carlos Burger Juni-

ror, químico industrial de Porto Alegre; Atílio Bertagnoli, comerciante de Boa Vista do Erechim. (*Correio do Povo*, 25/09/1934, p. 20)<sup>400</sup>

Percebe-se na lista acima que, corroborando o perfil antes traçado sobre a militância e as lideranças integralistas no estado, no interior e na capital predominava a presença de candidatos oriundos de camadas médias. Entretanto, dentre esses, próximos dos trabalhadores do comércio, de profissionais liberais, sublinha-se também a participação de operários, situação que denota também que houve certa conquista de espaço em tal grupo.

Outrossim, reforçando este perfil plural, é emblemática a presença do nome Aurora Nunes Wagner entre os candidatos, uma vez que isso evidencia a existência da preocupação dos integralistas em cooptar os votos femininos, um novo e rico manancial eleitoral que se apresentava aos partidos políticos há apenas dois anos, sendo incorporado à Constituição de 1934 como facultativo.<sup>401</sup>

Não obstante um problema ocorrido com a documentação de três dos candidatos integralistas, dentre eles Oscar Machado, não só o integralismo foi registrado como uma legenda eleitoral, como a sua chapa foi confirmada concorrendo nas eleições no estado:

Já foi requerido, perante o egrégio Tribunal Regional Eleitoral, o registro não só da legenda “INTEGRALISMO”, como de todos os candidatos; o pedido foi feito em data de 4 de outubro e, de cada candidato, foi juntado a prova de ser eleitor e, conseqüentemente, elegível, á excepção de três (Oscar Machado da Silva e Ferdinando de Martino, candidatos á deputação federal e Ernesto Helmuth Becker, candidato á Constituinte do Rio Grande do Sul) cujas provas não se achavam em nosso poder naquella data, mas foi protestado fazer a produção das mesmas perante aquella alta côrte de justiça eleitoral, até ao dia 8 do corrente, fim do praso para registro. (*O Integralista*, 07/10/1934, p. 4)

Neste ínterim, é preciso acentuar que esta participação da AIB nas eleições só se deu após a alteração de seus novos regulamentos, ocorrida no 1º Congresso Integralista, realizado na cidade de Vitória-ES entre 28 de fevereiro de 1934 e 03 de março de 1934 que, contando com a presença de lideranças dos camisas verdes de vinte e dois estados do país, deram novas feições ao integralismo.

A partir de sua nova configuração, no tocante aos integralistas gaúchos, vale reportar que sua participação eleitoral no pleito de 1934 marcou-se pelo otimismo cau-

<sup>400</sup> Até as eleições, esta listagem passaria por duas alterações. Egon Renner seria incluído como candidato a deputado federal e não estadual e Atílio Bertagnoli seria substituído por Luiz Ghirardelli. (MILKE, 2003, p. 138)

<sup>401</sup> Especificamente sobre a participação feminina nos núcleos de Porto Alegre, ver: (MILKE, 2003, p. 95-101)

sado pela presença da bandeira de Plínio Salgado na capital e região metropolitana.<sup>402</sup> De todo modo, apesar disso, os integralistas não realizaram uma intensa campanha para seus candidatos, chegando ao ponto de pouco os referenciar em seu periódico.

Sem deixar de lado que eles obtiveram um fraco desempenho nas urnas, totalizando somente 2266 votos para os deputados federais e 2242 votos para estaduais, ao menos em seu discurso, os integralistas se declararam satisfeitos com o resultado, pois obtiveram votos até em cidades onde ainda não existiam núcleos da AIB.

Nesta primeira participação eleitoral do integralismo, a AIB centrou cerca de 26% dos votos obtidos no estado em Porto Alegre, sendo o restante distribuído em outros 43 municípios, como se observa abaixo:

Não é correto, portanto, que se pressuponha uma grande presença eleitoral do integralismo na região colonial neste momento inicial. Primeiro porque os núcleos integralistas na região colonial começaram a ser fundados no decorrer do ano de 1934. Em São Leopoldo, uma das principais cidades de colonização alemã, os integralistas se organizaram somente em meados de 1934, em Novo Hamburgo em junho e em Campo Bom somente em outubro deste ano. E, dos pouco mais de 2.200 votos, para deputados estaduais, que o integralismo recebeu, somente 47, ou 2%, foram da cidade de São Leopoldo. Dos 2.242 votos para a Câmara Federal, 628 vieram de Porto Alegre. Na Assembleia Legislativa Estadual, a proporção foi parecida, 631, dos 2.266, foram alcançados na capital, onde já estavam instalados seus nove núcleos, dentre eles a sede provincial, de onde partiam as principais deliberações políticas para o interior do estado. A conclusão apresentada pelos autores vai, no tocante ao comportamento da AIB, ser explicativo para o período seguinte, na eleição de 1935, quando o integralismo vai de fato alcançar índices superiores nas regiões de colonização. (MILKE, 2003, p. 136-137)

Para Daniel Milke, possíveis justificativas para o fracasso nas urnas adviriam da não valorização da via eleitoral, do pouco tempo de preparo para a corrida eleitoral, bem como por sua presença nas regiões coloniais do Rio Grande do Sul ser recente neste contexto, situação que se alteraria nos anos seguintes. (MILKE, 2003, p. 139-140)

Passado esse momento inicial de euforia e testado o real potencial integralista nas urnas, o que se viu foi a realização de um esforço para sua expansão e sua reorganização, na qual, poucos meses após sua chegada a Porto Alegre, Oscar Machado passou a assumir um papel relevante.

---

<sup>402</sup> Antes da visita de Plínio Salgado, o jornal dos camisas verdes informou que o Rio Grande do Sul contava com 20 núcleos integralistas. (*O Integralista*, 26/08/1934, p. 1) Em outubro, o jornal *Correio do Povo* mencionou que teriam sido abertos mais 16 núcleos no estado, sendo que a capital passaria a contar com seus nove núcleos em breve, cenário que expressa o impacto ocasionado pela visita do líder integralista. (*Correio do Povo*, 06/11/1934, p. 9)



#### 5.4 OSCAR MACHADO: UM LÍDER ATUANTE NO INTEGRALISMO NO RIO GRANDE DO SUL

Terminadas as eleições de 1934, Oscar Machado substituiu o advogado Mario Ferreira de Medeiros<sup>403</sup> no cargo de chefe do Departamento Provincial de Estudos.<sup>404</sup> Como, preferencialmente, a direção do departamento deveria ser ocupada por alguém dotado de um reconhecido cabedal intelectual, mantendo tal perfil, conjectura-se que isso tenha levado à opção por Oscar Machado.

Para se ter uma ideia da importância deste departamento, atada a essas significativas mudanças, frente às novas feições assumidas pela AIB, levando-a a atuar como um partido político, ficou estabelecido que seriam incumbências dos Secretários Provinciais de estudo:

IX – Cabe ao Secretario Provincial:

- 1) – Cumprir todas as ordens e directivas emanadas do D.D. e respectivo Chefe Provincial;
- 2) – controlar e orientar todo o movimento cultural da província, mantendo um serviço especial de expediente;
- 3) – nomear, de acordo com o Chefe Provincial os encarregados das diversas secções comunicando ao D.D. as nomeações feitas, substituições, etc, desses funcionarios;
- 4) – remetter ao D.D. copias em duas vias das publicações e um relatorio mensal de todos os trabalhos effectuados;
- 5) – organizar cursos e conferencias e promover bandeiras de carácter cultural. (*O Integralista*, 12/08/1934, p. 3)

Além dessas ações de propaganda e também da atuação dos Departamentos de Estudos na organização de eventos de cunho cultural<sup>405</sup>, salienta-se que dois outros im-

---

<sup>403</sup> Autor do livro “Alberto Torres e a Revolução de São Paulo”, juntando-se ao outro integralista, Dario de Bittencourt, ele viria a integrar a Academia Rio-Grandense de Letras a partir de 11/08/1936, ocupando a cadeira cujo patrono era Cesar de Castro. Ver: (*Revolução* 15/08/1936, p. 1 e *Revolução* 28/11/1936, p. 3). No ano seguinte, por ocasião do discurso que Mario Ferreira de Medeiros iria realizar sobre a comemoração da Independência, os camisas verdes teriam sido convidados a estarem presentes na academia, numa demonstração de que a inserção de integralistas em tal instituição, aparentemente, não era combatida por seus acadêmicos. (*Correio do Povo*, 03/09/1937, p. 9)

<sup>404</sup> Como uma das sessões integralistas criadas no Congresso Integralista de Vitória, chefiada por Miguel Reale, esta se mantinha ligada diretamente à Secretaria Nacional de Doutrina possuindo um papel importante na estrutura hierárquica da AIB.

<sup>405</sup> Mesmo tendo sido anunciado que sua organização ficaria a cargo da Secretaria Municipal de Cultura Artística e da Secretaria Municipal de Organização Política, não registrando vinculações com a Secretaria Provincial de Estudos, um desses eventos culturais ocorreu na União de São Pedro, em 19/08/1936. (*Correio do Povo*, 21/08/1936, p. 7) Representativa foi a iniciativa de organizar um grupo teatral integralista em Porto Alegre (*Correio do Povo*, 20/02/1935, p. 11) que, segundo Fausto Alencar Irschlinger, também passaria a ocorrer nas cidades de Erechim e Passo Fundo em meados de 1935. Nestas, as Secretarias Municipais de Cultura Artísticas, além de organizar grupo de teatro e uma orquestra, também realizariam as *Hora da Arte Brasileira*, que reuniam atrações diversas como números artísticos, exibição de violonistas, declamações, números cômicos, etc passando a ser realizadas semanalmente a partir da metade de 1935. (IRSCHLINGER, 2001, p. 94-95)

portantes encargos ficavam sob a responsabilidade das seções nas quais se dividiam a secretaria chefiada por Oscar Machado, a seção de pesquisas e a seção de propaganda doutrinária:

XII – Cada uma das seções acima devem ir se subdividindo de accordo com as possibilidades de cada Provincia, procurando crear sub-seções especializadas, como por exemplo, de bibliotheca, de direito, de sociologia, de economia, de pedagogia etc.

XIII – A seção de pesquisas deve cuidar exclusivamente do estudo dos problemas nacionaes em todos os campos em que elles se apresentam, dando aos trabalhos uma direcção eminentemente realista e pratica, colhendo dados sobre a vida social e cultural da Provincia, organisando estatisticas sobre a vida economica provincial, pondo o D.D. ao par das necessidades e aspirações de cada região brasileira, publicando os resultados das pesqzsas effectuadas.<sup>406</sup>

XIV – A seção de propaganda, abrangendo as sub-seções de “planos” e “material de propaganda”, deve auxiliar o Secretario Provincial nas organisações de bandeiras culturaes e na realização de cursos e conferencias<sup>407</sup>; distribuir artigos de doutrina integralista entre os jornaes da provincia; diffundir, por todos os meios, as publicações officiaes da A.I.B.; organizar periodicamente cursos populares nas varias sedes da A.I.B. e nos nucleos da Milicia.

XV – Toda seção universitaria da A.I.B. deve ter um cordenador de estudos subordinado ao D.E. com incumbencia de dirigir o nucleo universitario de Estudos. (*O Integralista*, 12/08/1934, p. 3)

Em 18/11/1934, o jornal *O Integralista* informou que, em face do crescimento da AIB no Rio Grande do Sul, por serem remetidas, diariamente, quase vinte cartas à sede provincial com consultas feitas pelos camisas verdes de outros núcleos sobre a

<sup>406</sup> Meses antes da publicação destas atribuições, definidas pelo Congresso de Vitória, quando os próprios camisas verdes do Rio Grande do Sul apresentaram a seção de pesquisa, ela assim foi descrita no jornal *O Integralista*: “Medicos, advogados, engenheiros, professores, dentistas, farmaceuticos, membros de todas as profissões liberais, fazendeiros, criadores de gado e agricultores, peões de estancias, capatazes, pequenos proprietarios, vós todos que trabalhais nos campos, industriais e proletarios das cidades, sapateiros, ferreiros, carpinteiros, funileiros, pequenos artezãos, jornalistas e vendedores de jornais, comerciantes de todas as categorias, trabalhadores de todas as classes, homens que labutais largamente e sem recompensa proporcional. Infelizes sacrificados desta hora, associações profissionais, culturais e religiosas, a Ação Integralista Brasileira quer fazer alguma coisa por vós: mas para realizarmos os menores empreendimentos devemos estudar; necessitamos conhecer-nos; precisamos saber quais são os nossos males e o que é possível fazer para remediá-los. Contai as vossas angustias. Auxiliai-nos. Descreveis a vossa vida e os vossos costumes, assinalai as vossas necessidades. Numa hora de lazer, escreve uma pequena carta ao chefe da seção de pesquisas, para Mario Ferreira de Medeiros, em Dom Pedrito.” (*O Integralista*, 15/07/1934, p. 4)

<sup>407</sup> Exemplos desses cursos que já vinham sendo realizados desde os meses subsequentes ao Congresso de Vitória ocorreram por intermédio do maestro Léo Schneider, líder do Departamento Provincial de Cultura Artística que, durante dois meses, teria a duração diária de uma hora, com pagamento devendo ser revertido para a biblioteca de seu departamento. (*Correio do Povo*, 17/06/1934, p. 11 e *O Integralista*, 22/07/1934, p. 1) Nos anos seguintes, estes continuaram a ocorrer, a exemplo do organizado por iniciativa da Secretaria Municipal de Arregimentação Feminina e de Plinianos, contando como palestrante com o ex-líder provincial dos camisas verdes, Dario de Bittencourt. (*Revolução*, 17/04/1937, p. 1 e *Revolução*, 01/05/1937, p. 1)

doutrina integralista, essas deveriam ser endereçadas a Oscar Machado. (*O Integralista*, 18/11/1934, p. 1)<sup>408</sup>

De modo inequívoco, poucos meses depois de ter se transferido para Porto Alegre, Oscar Machado passou a ocupar um local de destaque no interior do sigma. Quando se observa todo o período de existência do integralismo em Porto Alegre e o real número de seus membros, sem embargo se possam tecer críticas à organização dos camisas verdes<sup>409</sup>, o fato de ter assumido uma das chefias estaduais mais importantes da AIB representou sua ascensão na hierarquia integralista.

Motivada por sua participação nas eleições de 1934 ou por algum eventual impedimento de seu ex-líder continuar à frente da Secretaria, a partir do momento em que Oscar Machado tornou-se um dos nomes mais importantes da chefia da AIB no Rio Grande do Sul, houve um considerável aumento em suas participações em eventos integralistas como a instalação de novos núcleos na capital<sup>410</sup> e cidades de seu entorno, caso de São Leopoldo<sup>411</sup>, mas também em cidades mais afastadas, como Alegrete.

Não é improvável se inferir que, no início do ano seguinte, a estada em Alegrete e Uruguayana, onde ele e o acadêmico Pery Machado iriam realizar conferências de propaganda sobre a AIB, tenha se dado pois, natural da região da fronteira com o Uruguai, Oscar Machado possa ter se valido de fortuitas boas relações para lá tentar fortalecer a presença integralista.

**Excursão á Uruguayana e Alegrete** – O secretario provincial de estudos dr. Oscar Machado acompanhado pelo academico Pery Machado, secretario municipal de Organisação Politica do Nucleo 46 excursionará ás cidades de Uruguayana, Alegrete e São Leopoldo onde farão conferencias sobre a doutrina integralista. (*Correio do Povo*, 22/01/1935, p.10)

A presença deles em Alegrete, que havia acabado de criar seu primeiro núcleo integralista, parece ter surtido um efeito positivo, posto que meses depois a fundação

<sup>408</sup> Apesar de já constar como responsável pelas correspondências de sua secretaria, seria apenas na edição seguinte do jornal que Oscar Machado teria seu nome oficializado como Secretário do Departamento Provincial de Estudos. (*O Integralista*, 25/11/1934, p. 2)

<sup>409</sup> Sobre as reiteradas críticas à organização dos núcleos de Porto Alegre e as medidas tomadas para tentar saná-la ver: (MILKE, 2003, 91-92; *Correio do Povo*, 14/12/1934, p. 13; *O Integralista*, 21/04/1935, p. 4 e *Correio do Povo*, 10/01/1936, p. 10).

<sup>410</sup> Na inauguração da nova sede central da AIB em Porto Alegre, Oscar Machado foi o último orador a falar, realizando um longo discurso de improviso que, de acordo com a nota publicada pelos integralistas, teria sido aplaudido pela plateia composta por mais de oitocentas pessoas. Sobre isso ver: (*Correio do Povo*, 24/01/1935, p. 9).

<sup>411</sup> Dentre outros oradores, Oscar Machado dissertou sobre o tema: “Em que reside nossa força”. Sobre isso ver: (*O Integralista*, 23/12/1934, p. 4).

desta célula dos camisas verdes já era uma realidade.<sup>412</sup> Deste modo, junto destas atividades que ele passava a desenvolver nos núcleos e que continuaria a realizar até o fim do período de existência legal da AIB<sup>413</sup>, Oscar Machado também passou a integrar as reuniões da chefia provincial, nas quais as decisões mais relevantes sobre a atuação dos camisas verdes no estado seriam tomadas.<sup>414</sup>

Concomitantemente a estas ações ordinárias, como a presença de Oscar Machado em eventos festivos ou em reuniões deliberativas, consoante se viu, cabia a ele a elaboração e a supervisão de mensagens destinadas a públicos específicos a serem publicadas no jornal *O Integralista* ou no *Correio do Povo* e também a coordenação das ações dos núcleos municipais que a ele estavam subordinados, tarefas que demandariam tempo de uma pessoa que era bastante ocupada.

Sobre o primeiro ponto, chama a atenção um longo texto que, intitulado “Mensagem aos operários”, foi publicado no jornal *O Integralista* em junho de 1935, passando depois a ser confeccionado como um folheto integralista, cuja distribuição acreditasse ter ocorrido não só em Porto Alegre, mas também no interior do estado.

---

<sup>412</sup> Ocorrida numa sessão realizada na sede da Associação Italiana local, a fundação do núcleo possibilita considerar que, de início, pode ter havido algum tipo de proximidade entre a AIB e a comunidade italiana da cidade. (*Correio do Povo*, 29/01/1935, p. 8). Sobre a aproximação dos descendentes de italianos com o fascismo e o integralismo no Brasil, entre outros ver: (BERTONHA, 1998; 1999; 2000; 2001 e PIMENTA, 2015).

<sup>413</sup> Numa delas, ocorrida em maio de 1935, Oscar Machado teria conduzido uma fala no núcleo, ao que tudo indica, sobre o nacionalismo. (*Correio do Povo*, 05/05/1935, p. 24) Anos depois ele continuaria a participar de eventos nos núcleos da AIB na condição de orador como quando fez um discurso em homenagem aos três anos da presença da AIB no Rio Grande do Sul. (*Correio do Povo*, 03/01/1937, p. 10)

<sup>414</sup> No início de fevereiro de 1935, o secretariado provincial era formado pelos seguintes nomes: “(...) Organização Política: João Maria Linhares; Estudos: Oscar Machado; Justiça; dr. Arlindo Amoretty Saraiva; Cultura Artística: maestro Léo Schneider; Finanças: Egon Renner; Milícia: tenente Octaviano Cabral; Propaganda: Nestor Pereira.” (*O Integralista*, 24/02/1935, p. 4)



Imagem 29: Fundo: AIB/PRP (Delfos) - 7.4 Correspondências - 7.5.9 Panfletos da AIB - Descritores: Mensagem aos operários, por Oscar Machado, Secretário Provincial de Estudos/RS.

Oscar Machado inicia o texto afirmando que os operários seriam historicamente negligenciados pelos políticos brasileiros que desconheciam seus problemas. Na verdade, em sua argumentação, a fonte dos problemas que afligiriam os operários seria a falência da democracia liberal, que admitiria o desemprego e o sofrimento do operário em todo o mundo. Como consequência disso, angustiado, o operário não deveria procurar abrigo no comunismo, pois este também não resolveria seus problemas. Para o autor, ao invés de liberá-lo da escravidão imposta por seus patrões, o Estado Comunista iria escravizar o operário, tal qual ocorreria na Rússia stalinista, onde nunca teria existido a igualdade propalada pelo ideário que o sustenta. (*O Integralista*, 02/06/1935, p. 2-3)

Por fim, Oscar Machado ainda defendeu que, no lugar da luta de classes, que dissolveria a nação, operário e patrão deveriam entrar em harmonia em prol da humanidade, sendo que, no Brasil, em substituição das propostas liberais e comunistas, se encontraria o integralismo:

Nós, os integralistas, somos os homens novos do Brasil, que nos levantamos para sacudir as massas humanas com a violência do nosso verbo renovador. Nós somos a Revolução que marcha inexoravelmente para a vitória, porque nós não temos nenhum interesse que não seja o da Patria. Não somos candidatos às posições de encosto. Não combatemos homens, mas um regime apodrecido. O liberalismo democrático está fallido. O comunismo é uma farça. Queremos que o operariado aceite a idéia nova dos tempos novos, porque ella é a segurança nacional contra o egoismo dos agiotas

internacionais, é a garantia do interesse colectivo contra os desinteresses dos políticos e é a única promessa da grandeza da Patria que ainda ha de ser, pela inspiração de Deus e a acção consciente dos brasileiros – unida, forte, prospera e feliz. (*O Integralista*, 02/06/1935, p. 3)

Sobreleva-se no excerto acima algumas posições que acompanham o posicionamento de Oscar Machado desde suas primeiras manifestações políticas favoráveis ao integralismo, quando ainda se encontrava em Juiz de Fora: seu anticomunismo e a crítica que fazia democracia liberal.

Infelizmente, este é um dos poucos escritos de Oscar Machado aos quais tivemos acesso. Aventa-se que a ausência de mais textos de sua autoria tenha se dado em razão do grande volume de trabalho que ele acumulava em suas atividades à frente do IPA, na Igreja Metodista e na secretaria que ocupava na AIB. Ademais, sobre a produção de material doutrinário, embora fosse realizada pela Secretária Nacional de Doutrina, naquilo que cabia aos textos escritos por sua secretaria no Rio Grande do Sul, acredita-se que ele possa ter apenas aprovado o teor ao invés de escrevê-los.<sup>415</sup>

Logo, compreende-se que a visibilidade de suas ações de propaganda e de doutrina centrava-se mais nos eventos realizados nos núcleos e que, apenas ocasionalmente, ele poderia escrever ou coordenar a reprodução de textos teóricos de outras lideranças nos jornais dos quais os camisas verdes se valiam no Rio Grande do Sul.

Entretanto, alterando um pouco tal cenário, por motivos ainda não totalmente conhecidos, no final de janeiro de 1936, ocorreram alterações na chefia provincial da AIB, situação que afetou também a Secretaria de Estudos, na qual Oscar Machado vinha exercendo uma intensa atuação. (*A Lucta*, 01/02/1936, p. 1) Numa possível interpretação para a mudança na chefia provincial, que destituiu assim Dario de Bittencourt, entende-se serem plausíveis as hipóteses levantadas por Daniel Milke que questionaram o fato de não se ter escolhido alguém que militasse no integralismo gaúcho para o posto<sup>416</sup>:

Se o desligamento da chefia ainda podia estar relacionado com as desavenças ocorridas dois anos antes, ou mesmo com sua ligação com a maçonaria, ainda

<sup>415</sup> Isso ficou explicitado, inequivocamente, no 1º Congresso Provincial Integralista do Rio Grande do Sul, no qual a doutrina integralista seria o único dos temas que não seriam discutidos posto ser de alçada da Secretaria Nacional de Doutrina. (*O Integralista*, Porto Alegre, 01/09/1935, p. 1)

<sup>416</sup> Além daquilo que se encontra na citação, o autor afirmou que os integralistas da capital gaúcha ficaram marcados pelo signo da indisciplina e desorganização. Assim, como foi anunciada a reorganização das lideranças municipais neste contexto, que contaria com figuras importantes no integralismo como, Arlindo Amoretty Saraiva, Emilio Otto Kaminsky, entre outros, depreende-se que este também possa ter sido um dos fatores que ensejaram a troca do chefe provincial. Sobre as alterações feitas em Porto Alegre, ver: (*Correio do Povo*, 10/01/1936, p. 10).

que se dissesse afastado da mesma, não se tem condições de apontar. O que se sabe é que Dario de Bittencourt solicitou afastamento de suas atividades como chefe, por motivos particulares, por mais de uma vez. É questionável, no entanto, a necessidade de um membro do partido que estava distante de todas as discussões locais ser empossado como novo chefe. A questão que fica é por que não se manteve Anôr Butler Maciel ou mesmo Egon Renner na chefia? Desavenças internas certamente foram as causas principais, tendo como propulsores os elementos analisados acima. Além disso, Maciel era fervoroso católico e Renner luterano. (MILKE, 2003, p. 52-53)

Seja como for, por ordem do Plínio Salgado, vindo do Rio de Janeiro onde residia com sua família, Nestor Contreiras Rodrigues chegou ao Rio Grande do Sul no dia 19/01/1936, tomando posse da chefia provincial com seu secretariado no dia 28/01/1936 em reunião realizada no Teatro São Pedro. (*A Lucta*, 01/02/1936, p. 1)

Mantendo somente os nomes do maestro Léo Schneider na Secretaria Provincial de Cultura Artística – deduz-se que isso se deu por sua secretaria compor um setor bastante específico – e de João Maria Linhares, que havia sido trocado de secretaria, os novos membros que assumiram postos de comando junto a ele eram lideranças integralistas importantes. Todavia, sem que se saiba o porquê, Oscar Machado, interinamente, respondeu pela Secretaria de Estudos que viria, pela segunda vez, a ser ocupada por Mário Ferreira de Medeiros.<sup>417</sup>

Passados os momentos iniciais posteriores às mudanças feitas por Nestor Contreiras Rodrigues, o que se verificou foi a ausência das menções ao nome de Oscar Machado no jornal integralista que era impresso em Porto Alegre na época, *Revolução*.

Não se pode asseverar se, pelos jornais deixarem de citar seu nome com a mesma frequência anterior, isso tenha representado algum tipo de afastamento de Oscar Machado do integralismo, por conta de não ter ficado satisfeito com a perda do cargo de comando, ou se ele continuou a participar das atividades do partido como um militante comum, situação que explicaria, em parte, sua ausência nas publicações. Porém, acontecimentos envolvendo Oscar Machado e a AIB, que se remetiam à sua atuação política, tanto como camisa verde, quanto as suas atividades na condição de educador e reitor do *Instituto Porto Alegre*, talvez possam se configurar como uma explicação exequível para esta sua suposta ausência.

---

<sup>417</sup> A nova chefia provincial era composta dos seguintes nomes: “(...) de organização política: Dario de Bittencourt; de propaganda, Anor Butler Maciel; de educação moral e física, João Maria Linhares; de finanças, João Leonardi; de cultura artística, Léo Schneider; de estudos, Mário Ferreira de Medeiros, que será interinamente substituído por Oscar Machado da Silva; Mario Mazzei Guimarães, chefe do gabinete e membros do mesmo Juracy Machado e Nascentes.” (*A Lucta*, 01/02/1936, p. 1)

## 5.5 AS POLÊMICAS ENVOLVENDO OS CAMISAS VERDES GAÚCHOS: HÁ INTEGRALISTAS NO IPA!

Como mostrado no terceiro capítulo, foi durante a estada de Oscar Machado em Juiz de Fora-MG que ele aderiu ao integralismo, tornando-se o primeiro chefe municipal da AIB na cidade. Também ficou patente, pela análise da documentação produzida pelo *Granbery* e pela bibliografia existente sobre a instituição, que houve uma penetração do integralismo no educandário, situação que também ocorria no seio da comunidade da Igreja Metodista local.

Conquanto se tenha levantado um copioso corpo documental sobre a presença do integralismo no Rio Grande do Sul e também tenha-se encontrado materiais referentes ao *Instituto Porto Alegre* que permitiram reconstituir elementos das ações que Oscar Machado desempenhou na condição de educador, fiel, líder leigo metodista e líder integralista, ao contrário do verificado em Juiz de Fora, há poucos indícios explícitos de íntimas relações entre esses.

Especificamente sobre o *Instituto Porto Alegre*, apesar de não ter-se encontrado um indício peremptório de que, fomentado por Oscar Machado ou outros eventuais camisas e blusas verdes que lá trabalharam, o educandário tenha sido palco de explícita propaganda integralista, como ocorreu no *Granbery*, pode-se propor, com alguma dose de confiabilidade, a ocorrência de manifestações pró-integralismo em seu interior.

Isto é posto pois, durante o período de existência da AIB, fizeram parte do corpo docente da instituição não só Oscar Machado, mas também outros notórios integralistas como: Léo Schneider, que atuou como professor de Canto Orfeônico no PAC/IPA, Esther Machado, professora da escola primária<sup>418</sup>, Jairo Wagner, professor de Estatística, Prática Jurídica, Legislação Fiscal e Técnica de Secretariado<sup>419</sup>, e Peri Machado, professor de Economia Política, História da Civilização, Direito Constitucional, Direito Civil e História do Comércio.<sup>420</sup>

Luiz Compagnoni<sup>421</sup>, que também era camisa verde, ao menos desde 1939, atuou como inspetor estadual para fins de nacionalização no IPA, situação que, possivelmente,

<sup>418</sup> Em conjunto com Aurora Wagner, ela participou da Secretaria Integralista Feminina exercendo o posto de tesoureira. (MILKE, 2003, p. 95) Sobre sua atuação no IPA, ver: (*Colunas*, 1937, p. 24).

<sup>419</sup> Sobre sua atuação no IPA, ver: (*Colunas*, 1937, p. 24).

<sup>420</sup> Sobre sua atuação no IPA, ver: (*Colunas*, 1937, p. 27).

<sup>421</sup> Sobre sua atuação como professor no núcleo integralista de Caxias ver: (*O Integralista*, 07/04/1935, p. 4).



pode ter ocasionado um menor rigor na fiscalização do instituto, dada sua filiação partidária e proximidade com Oscar Machado e os outros integralistas.<sup>422</sup>

Contudo, dada a presença de inspetores federais e estaduais de educação – que, excetuando-se Luiz Compagnoni, não necessariamente seriam simpáticos ao integralismo por causa da influência que este recebia do fascismo italiano – poderia se apontar que, sem menosprezar a presença de camisas e blusas verdes no IPA, a propaganda da AIB tenha sido um pouco menos incisiva em relação àquela verificada no *Granbery* à época em que Oscar Machado se encontrava em Juiz de Fora.

Ademais, em tal contexto, o processo de nacionalização estava se verticalizando no estado. Neste, Oscar Machado adequou o educandário às demandas legais, embora possam ter sido percebidos posicionamentos dotados de certa ambiguidade em seu desenvolvimento. Apresenta-se tal afirmação pois, além de agir com o intuito de preservar a identidade do modelo norte-americano de ensino, sob a liderança do reitor, realizavam-se no IPA, tanto eventos em consonância com o que era preconizado como desejável por parte da nova legislação e com a fiscalização que ocorria, quanto discursos de integralistas em algumas das cerimônias sediadas pelo instituto.

Um exemplo dessas celebrações, que se compatibilizava com o processo de nacionalização do ensino em curso, ocorreu em setembro de 1935, durante as comemorações do dia da Independência, quando iria fazer o discurso oficial o Secretário da Educação e Saúde Pública, escritor Othelo Rosa. (*Correio do Povo*, 06/09/1935, p. 5) No evento estaria presente o General da 3ª região militar, para hastear o pavilhão nacional num novo mastro em homenagem aos “heróis de 1935”, – ao que tudo indica, a matéria se referia aos militares que foram vitimados durante os levantes comunistas – encontrando-se também convidado para participar da cerimônia o interventor Flores da Cunha. (*Correio do Povo*, 06/09/1935, p. 5)

Mantendo-se em combate contra o comunismo e o liberalismo, – que não se afinizavam com as propostas integralistas e com o processo de nacionalização – em 1935, Oscar Machado publicou um artigo no *Correio do Povo* no qual, ao reverberar sobre uma conferência realizada pelo revmo. Irmão Affonso, do ginásio Nossa Senhora do

---

<sup>422</sup> Luiz Compagnoni era camisa verde desde o ano de 1935, quando lecionava na escola integralista de Caxias. Em entrevista concedida pelo Secretário de Educação do Rio Grande do Sul, na qual abordou-se o aumento do rigor da fiscalização sobre os educandários do estado, foi enfatizado que muitos dos que não se adequassem ao novo contexto seriam fechados pelos inspetores, sendo que, dentre os últimos, os de melhores de melhores serviços prestados seriam os inspetores de origem alemã e italiana, caso de Luiz Compagnoni. (*Correio do Povo*, 21/03/1939, p. 3).

Rosário, sobre o socialismo, reafirmou que sua doutrina estaria em desarrajo com a liberdade e a dignidade humana. (*Correio do Povo*, 14/11/1935, p. 7)

Ao lado dessas ações que gerariam uma imagem simpática do educandário frente a seus inspetores e demais autoridades a eles superiores, em algumas oportunidades, Oscar Machado e os outros integralistas que trabalhavam no IPA podem ter realizado a propaganda da AIB em eventos sediados pela instituição.

Um desses teria ocorrido em março de 1935, quando, por ocasião da cerimônia de abertura do ano letivo, Oscar Machado e o professor Pery Machado realizaram discursos para os estudantes do IPA, cujo teor, embora sem reportar-se explicitamente à AIB ou seu ideário, foi marcado pelo alto tom de defesa da Pátria e pela valorização da família e Deus, pilares do lema integralista.

Uma solenidade assim, simples mas significativa, tem uma projecção tal na vida da família, da Patria e da Humanidade porque ella é um marco que assignala o inicio de uma labuta da qual só resultam beneficios ao proprio individuo, a familia, á sociedade, á Patria, á Humanidade. (...) A Patria sente-se mais feliz, mais forte, mais rica, mais segura, mais abençoada por Deus, mais digna da sua existencia politica e material quando vê os seus filho marchando fardados ou não, pobres ou ricos, pretos ou brancos, crianças ou moços, marchando para as Escolas em vez de vel-os fardados, armados e com o coração cheio de odio, marchando para a guerra, para a lucta contra os seus proprios semelhantes. (*Correio do Povo*, 16/03/1935, p. 11)

Junto a situações como essa, eventualmente, podem ter surgido ocasiões nas quais tenha ocorrido a propaganda integralista e a presença de outros notórios camisas verdes para a realização de palestras no IPA a convite de Oscar Machado, a exemplo de Guido Mondim que, apresentando por Oscar Machado com grande entusiasmo, proferiu uma palestra para mais de cem alunos dos diversos cursos do IPA sobre a economia do Rio Grande do Sul.<sup>423</sup> Ele foi procedido pela fala do inspetor federal encarregado da fiscalização do IPA no período, Atila Casses Gutierrez, que repercutiu o conteúdo da palestra. (*Correio do Povo*, 08/06/1935, p. 11)

Ainda que presumíveis propagandas tenham ocorrido na instituição, na ocasião desses eventos ou durante as aulas daqueles educadores que eram integralistas, nos documentos institucionais e nas matérias dos jornais que versavam sobre as atividades realizadas no educandário, nada foi encontrado até agora que apontasse para essa direção.

<sup>423</sup> Tal situação denota que, caso ele tenha feito alguma menção à AIB, poderia haver uma certa complacência por parte dos inspetores para com os integralistas. (*Correio do Povo*, 08/06/1935, p. 11)

Os indícios mais claros que possibilitam colocar em pauta tais possibilidades, entretanto, existem e surgiram, sobretudo, a partir de dois eventos polêmicos ocorridos no IPA, a demissão de dois professores do educandário por Oscar Machado e a expulsão de dois alunos do instituto, casos que a seguir serão relatados.

## 5.6 AS POLÊMICAS ENVOLVENDO A PRESENÇA INTEGRALISTA NO IPA: O CASO JOÃO HENRIQUE E SIGFRIEDO BETHIOL

Graças à presença de integralistas no IPA, se não se verificou um nível de propaganda equivalente ao realizado por Oscar Machado na época em que esteve no *Granbery* de Juiz de Fora, quando abordou o integralismo no jornal da instituição e ajudou a trazer Gustavo Barroso para a realização de uma conferência no instituto, destarte surgiram algumas polêmicas ocasionadas por sua relação com a AIB.<sup>424</sup>

A primeira delas, indicando que a propaganda do integralismo seria uma prática recorrente, surgiu no início de 1936, quando Oscar Machado foi acusado de defender abertamente a AIB no instituto e culpabilizado de, injustamente, ter demitido dois professores. A essas denúncias também se juntaria ainda uma terceira, a de que o inspetor federal Atila Casses estaria implicado em tais ações, tendo também faltado com a verdade no caso das demissões.

Essa última se coloca pois, em março de 1936, em artigo publicado no jornal *Correio do Povo*, ao relatar que teria sido demitido do IPA por Oscar Machado, o professor João Henrique, em sua defesa, alegou:

I Diz o inspetor que eu mantinha um contracto escripto por um anno com aquele estabelecimento. Isto não é verdade. Em [?]-10-35 eu requeri no tribunal exhibição desse contracto e até hoje não foi exhibido, porque não existe. E, se existe, auctorizo a sua publicação e assim se mostrará quem fala a verdade. II Se não existe contracto, eu não podia pedir sua renovação, porque não se renova aquillo não existiu. Por aqui se vê que eu não poderia pedir semelhante absurdo. Nesse ponto também Attila Casses não diz a verdade. (*Correio do Povo*, 05/03/1936, p. 7)

Na sequência do artigo, após afirmar que o inspetor federal havia mentido ao dar sua versão para sua demissão, João Henrique acusou Oscar Machado de tê-lo proibido de desempenhar suas funções no IPA, tê-lo ofendido e que, em seu escritório, no dia

---

<sup>424</sup>Valeria a pena que, no futuro, algum pesquisador ou pesquisadora com acesso a documentos institucionais, como atas de reuniões diretivas do PAC/IPA verifique se houve alguma manifestação política por parte de Oscar Machado nestes materiais, durante o período no qual ele atuou como reitor do instituto, bem como de seu corpo docente.

seguinte, este teria entrado em combate corporal com o outro professor que também foi por ele demitido ilegalmente.

III Affirma o Inspector que eu aggreði traiçoeiramente o diretor daquelle collegio. Também não é verdade. Esse director no dia 4-10-35, quando eu estava dando aula, foi á respectiva sala, mandou sahir os allumnos e prohibiu-me desempenhar as funções para as quaes inicialmente eu estava auctorizado. No dia seguinte elle entrou na sala de espera do meu escriptorio. Então eu ordenei-lhe que se pusesse na rua. Estava no meu direito, tanto mais que elle me havia offendido bastante na vespera. Nesse momento appareceu dr. Bethiol, outro professor ilegalmente demittido, e esbofeteou-lhe a cara, atacando-o de frente em lucta franca. Nada disso se deu na rua, como Atilla Casses affirma, e sim na sala de espera do meu escriptorio. (*Correio do Povo*, 05/03/1936, p. 7)<sup>425</sup>

A respeito dos motivos que teriam levado à sua demissão, na versão que deu para os fatos, João Henrique deixou transparecer que ela teria sido causada por questões políticas, uma vez que Atila Casses o chamara de comunista.

VIII Quem num simples telegrama tanto falta á verdade, tambem esta habilitado a chamar-se comunista. Escasseiam-lhe argumentos e dahi essa accusação corriqueira. Em meus escriptorios, conversas e actos tenho provado o contrario. Demais, o Partido em que ha annos estou filiado, satisfaz meus ideaes politicos. (*Correio do Povo*, 05/03/1936, p. 7)

No desdobramento de tais polêmicas, dias depois, Sigfriedo Bethiol foi quem publicou um artigo fornecendo a sua versão dos fatos. Neste, questionou as informações que o inspetor federal e Oscar Machado haviam dado sobre as demissões e, defendendo-se da acusação que Atila Casses havia feito sobre seu posicionamento político, partiu em ataque a Oscar Machado, qualificando-o sob o rótulo de extremista.<sup>426</sup>

Sobre o primeiro ponto, direcionando-se ao inspetor federal, Sigfriedo Bethiol desmentiu que possuía um contrato de trabalho com o IPA, repisando ser igualmente falsa a afirmação de que teria sido a rescisão deste contrato a causa de sua demissão e a do professor João Henrique. (*Correio do Povo*, 15/03/1936, p. 14)

<sup>425</sup> Atila Casses refuta esta versão ao afirmar que os professores João Henrique e Sigfriedo Bethiol teriam atacado de modo traiçoeiro Oscar Machado na rua ao invés disto ter ocorrido num escritório como aludido na matéria acima citada. (*A Federação*, 29/02/1936, p. 2)

<sup>426</sup> Trata-se do outro professor envolvido na polêmica. Nos jornais *Correio do Povo* e *A Federação*, encontraram-se diferentes grafias para seu nome como Sigefrido, Sigfrido e Sigfriedo e para o seu sobrenome, ora escrito Bethiol, ora Bettiol. Não resta dúvida de que, nas várias matérias encontradas, todas se remetiam à mesma pessoa. Optou-se por se utilizar a grafia Sigfriedo Bethiol, a mais frequente, mantendo-se as grafias utilizadas nos jornais que o abordaram, nos casos nos quais se recorreu à citação direta destes materiais.

Ao se dirigir a Oscar Machado, de igual forma ao que havia afirmado João Henrique, Sigfriedo Bethiol mencionou a inexistência do contrato de trabalho que ele teria com o IPA, rebateu as acusações que a ele haviam sido feitas, atestando ainda que o reitor seria integralista e fazia proselitismo político no educandário, sendo que esse posicionamento político prejudicaria a finalidade evangélica do educandário.<sup>427</sup>

Também é falso, porque tal contracto não existe e porque o director do Collegio apresenta outras causas, como se vê no “Correio do Povo”, de 1/3/36. Daqui se deduz outra falsidade que é a de eu haver pedido a renovação de um contracto inexistente. Alem disto eu já não trabalhava no Collegio em princípios de 1935, tendo logo começado a denunciar a politica integralista do director pregada dentro e fora daquelle gymnasio, que com tal orientador ficou prejudicada em sua finalidade evangelica. (*Correio do Povo*, 15/03/1935, p. 14)

Na continuação, ao questionar a denúncia feita por Atila Casses, que teria afiançado que ele era extremista, Sigfriedo Bethiol direcionou tal designação a Oscar Machado, colocando também em suspeição a atuação do inspetor que não teria combatido as manifestações políticas do reitor:

5º - Atila Casses acusa-me de extremista. É estranho que só agora, alliado a Oscar Machado o fizesse. O director do Colelgio é extremista confesso e reconhecido por todos; comtudo, Atila Casses defende-o, tornando-se assim parcial, e dahi a razão de não funcionar no inquerito por suspeito. Por ventura não sabe que Oscar Machado escreve e propaga boletins subversivos, lidos por professores e alumnos, atacando o regimen, offerecendo os homens públicos a quem chama indistinctamente, servis e covardes? Que medidas tomou em todo o triste desenrolar do scenario politico dentro do Collegio? Nenhuma. Porque tanta intimidade com este director, que transgrediu tantas leis e com seus desmandos e arbitrariedades procura desmoralisar as autoridades, dando um triste exemplo á juventude? Depois de tudo o que se tem passado, melhor seria que Atila Casses ficasse calado, se é que tem, algum respeito aos empregos que lhe deram. (*Correio do Povo*, 15/03/1935, p. 14)

Além de Sigfriedo Bethiol ter acusado o reitor de realizar a propaganda do integralismo no educandário, com a confecção de boletins que seriam lidos por professores e alunos em ataque às autoridades e o regime político – fato que deveria gerar uma rea-

---

<sup>427</sup> Vale lembrar que Sigfriedo Bethiol, além de metodista, também era oriundo da região natal de Oscar Machado, e assim como ele, foi um dos tantos jovens a receber auxílio da Igreja Metodista para realizar seus estudos em seus educandários. (JAIME, 1963, p. 102) Não se conseguiu apurar se, conforme o ocorrido no Granbery, se fez presente no IPA algum tipo de disputa político-partidária, em especial, envolvendo simpatizantes do PCB e os integralistas. Contudo, acredita-se que as divergências existentes entre ele e o reitor do IPA sejam fruto de posicionamentos políticos antagônicos, como se verá adiante e que, por conta da importância alcançada por Oscar Machado, assim como o ocorrido com Santi Uberto Barbieri, ele tenha sido vencido no confronto, dado o maior prestígio que possuía no interior do metodismo e suas instituições de ensino.

ção enérgica por parte do inspetor federal – ele citou uma eventual relação de proximidade que Atila Casses manteria com Oscar Machado por conta de outros motivos.

Semelhantemente ao ocorrido com as acusações feitas a Oscar Machado pelo professor João Henrique, não foi encontrada, nesta época, resposta do reitor do IPA às acusações que foram feitas por Sigfriedo Bethiol.<sup>428</sup> Porém, decorrido quase um ano, numa carta publicada no jornal *A Federação*, na qual se defendeu das acusações de que teriam sido vendidos certificados falsos no IPA, Oscar Machado citou os ataques feitos pelos professores demitidos que teriam também se manifestado sobre essa nova polêmica.

Sobre o caso dos certificados, contrapondo aquilo que havia sido veiculado, desta maneira Oscar Machado defendeu a si e ao inspetor federal Atila Casses:

Ha dias o Instituto Porto Alegre, que é o antigo “Porto Alegre College”, viu-se envolvido no caso dos certificados falsos. De acordo com o que já declarei ao “Correio do Povo”, em carta de 29 de Fevereiro, não vejo razão alguma para que seja imputada ao Reitor ou ao Fiscal do Instituto qualquer culpa no escandaloso caso dos certificados falsos. O ilustre professor dr. M. Louzada, em declaração feita á imprensa, já se referiu á lisura da minha pessoa no caso. Não acredito que haja nesta cidade uma “fabrica” de certificados falsos, pois até o momento só foi encontrado um exemplar. Entretanto, certificado realmente falso foi o de n. 13 apresentado como sitivesse sido emitido pelo Ginasio N. S. do Carmo de Caxias. O outro, cujo cliché já foi publicado, não é falso, isto é, o impresso é do Ginasio N. S. do Rosario, mas os seus dizeres parece não coincidirem com o que o acusam os registros daquele estabelecimento. Esses dois certificados traziam a assignatura (verdadeira ou não) dos respectivos inspetores federais, devidamente reconhecidas em cartorio. Pergunto-lhe, agora, que motivo tinha eu para não aceitar esses documentos, uma vez que eles aparentemente preenchiam todas as formalidades legais? (*A Federação*, 06/03/1936, p. 6)

Segundo as alegações de Oscar Machado, ele teria sido vítima de uma tentativa de fraude, quando foram apresentados certificados falsos no IPA – contingencialmente para efeito de matrícula ou do reconhecimento de um certificado pelo instituto – sendo que, pelo teor dos documentos, ele e os inspetores federais que precisariam checar o teor destes, não teriam como provar ou não sua veracidade.

A polêmica envolvendo os certificados foi, pelo visto, solucionada. Sobre esta e outras denúncias a ele imputadas, Atila Casses apresentou uma certidão da Inspetoria Geral do estado do Rio Grande do Sul que atestava seus bons serviços prestados e que ele teria agido corretamente perante a lei no episódio dos certificados:

<sup>428</sup> Oscar Machado esclareceu tais acusações no jornal *Correio do Povo* em 29/02/1936 mas, infelizmente, não tivemos acesso a esta edição pois a coleção pesquisada do jornal se encontrava danificada.

(...) que o referido inspector comunicou verbalmente ao Snr. Inspector Geral que admittira, ad referendum desta Inspectoria Geral, a inscripção de alguns alumnos expulsos do Gymnasio Santa Maria a exames do artigo cem do Decreto numero vinte e um mil duzentos e quarenta e um, tendo o snr. Inspector Geral mandado tornar sem effeito aquella concessão; que o mesmo inspector Atila Casses communicou a esta Inspectoria Geral que admittira a inscripção condicional de João Pibernat de Carvalho e Manuel Maria das Neves a exame de Latim, estando os requerimentos em que estes estudantes pediram revalidação desses exames dependendo ainda de despacho final; que o inspector Atila Casses tem remettido com regularidade seus relatorios mensais e tem demonstrado efficiencia em sua fiscalisação. Por ser verdade, eu, Clara Leal, auxiliar, dactylographei a presente certidão que vae assignada pelo auxiliar-technico Romeu Fernandez e devidamente authenticada pelo Srn. Assistente desta Inspectoria Geral. (*A Federação*, 02/04/1936, p. 6)

Na mesma carta citada, novamente Oscar Machado rebateu as acusações de João Henrique e Sigfriedo Bethiol, que lhe responsabilizaram sobre suas demissões e também sobre suas manifestações políticas pró integralismo no *Instituto Porto Alegre*. Em relação ao primeiro aspecto, de modo genérico ele assim explicou as demissões:

Os professores Sigefrido Bettiol e João Henrique foram exonerados por ato do Conselho Superior do Instituto, cabendo a mim na qualidade de reitor, fazer a devida comunicação. O primeiro foi exonerado ha mais de um ano, em virtude de um memorial dirigido ao presidente do Conselho Superior, em linguagem baixa e violenta, depois de ter sido admoestado. O segundo foi exonerado a pedido meu, por não preencher os requisitos pedagogicos exigidos para a eficiencia do ensino. Desejo frisar bem, ao contrario do que se propalou, nenhum deles tinha dez anos de serviço. O professor João Henrique tinha cinco anos e o professor Sigefrido Bettiol para ter dez anos de trabalho precisava contar todo o tempo que levou cursando o ginasio onde estudou como aluno gratuito, sem pagar pensão nem ensino. (*A Federação*, 06/03/1936, p. 6)

Neste testemunho genérico, ele afirmou que Sigfriedo Bethiol usou um palavreado de baixo calão numa comunicação encaminhada ao presidente do Conselho Superior, – Oscar Machado não explica quem era a pessoa que ocupava o cargo, tampouco o motivo do envio da carta, seu teor ou o porquê da advertência dada ao professor – e que a justificativa para a demissão de João Henrique teria se dado por um critério técnico, a suposta falta de requisitos para a investidura no cargo.

Além de informar sobre o recurso impetrado no Ministério do Trabalho, pelos docentes exonerados, que alegavam terem sido coagidos politicamente no *Instituto Porto Alegre*, – processos que, após serem investigados, teriam resultado em absolvição do reitor – na sequência da matéria, Oscar Machado ainda os acusou de possuírem atividades políticas extremistas. Especificamente sobre Sigfriedo Bethiol, ele asseverou que o professor havia inclusive sido fichado pela polícia como comunista. (*A Federação*, 06/03/1936, p. 6)

Já sobre as acusações de que ele fazia propaganda do integralismo, perseguindo funcionários e professores dissidentes, Oscar Machado afirmou que o IPA seria fiscalizado por inspetores estaduais e federais e que, como os professores exonerados não teriam argumentos para explicar seu desligamento da instituição, passaram a invocar falsas justificativas políticas. (*A Federação*, 06/03/1936, p. 6)

Nesse período no qual a polêmica se deu, por não ter sido encontrado qualquer indício de vinculação de João Henrique com partidos ou organizações políticas, assim como o fizera Oscar Machado, quando se defendeu das acusações feitas a ele, Atila Casses também reforçou o argumento de que João Henrique seria um “elemento subversivo”. Na matéria que publicou no jornal *A Federação*, ele destacou que, com provas idôneas, comprovaria as seguintes imputações feitas a João Henrique.

4.º - Provarei com o testemunho de pessoas idoneas que João Henrique declarou textualmente que a unica solução para os problemas do momento no Brasil era um grande levante as massas para aniquilar a burguezia opressora.

5.º - Darei tambem prova idonea de que o mesmo afirmou em palestra: “que alguns governadores de Estado não passavam de instrumentos nas mãos de arcebispos e bispos”.

6.º - A policia de segurança portuguesa ordenou a saída de João Henrique daquele país por considera-lo elemento subversivo.

7.º João Henrique jogou sua batina fóra em Santa Maria, em Santa Maria, nesse Estado, impelido por motivos inconfessaveis. (*A Federação*: 14/03/1936, p. 2)

Sobre Sigfriedo Bethiol, Atila Casses também o acusou de ser comunista:

Silenciou o portugues João Henrique e entrou na arena o conhecido comunista Sigfriedo Bethiol. Digo conhecido comunista porque Bethiol era orador oficial de uma reunião daquele partido extremista em uma das praças de Porto Alegre, comicio que foi dissolvido pela policia. (*A Federação*, 24/03/1936, p. 2)

Nada obstante, no jornal *A Federação*<sup>429</sup>, que pertencia ao Partido Republicano Liberal (PRL), no ano de 1934, uma comissão da sigla política publicou uma nota convocando uma série de pessoas para “tratar de assuntos de seu interesse”, dentre as quais figurava Sigfriedo Bethiol, situação que suscita uma possível ligação deste com a sigla no período. (*A Federação*, 30/05/1934, p. 5)

Por fim, sobre a celeuma envolvendo Oscar Machado e Atila Casses e os dois professores demitidos, dentre as tantas acusações realizadas pelos últimos nos jornais,

<sup>429</sup> Criado em 1884, o periódico teve duas fases, uma ligada ao PRR e outra ao PRL. Sobre isso ver: (ISAIA, 1998, p. 102 e LEAL, 2006, p. 31-32).



em conjunto dos episódios dos certificados, das demissões e das menções de serem os educadores políticos extremistas, se nada concernente ao ambiente político foi atribuído ao inspetor federal, – desconsiderando-se a denúncia de que ele fazia vistas grossas às atividades integralistas no IPA – ele foi denunciado por exercer dois cargos públicos para os quais não possuiria os pré-requisitos necessários, sendo estranho o modo como se dava esse acúmulo.

Isso ocorreu quando Sigfriedo Bethiol publicou uma matéria no *Correio do Povo* na qual, apesar de pontuar não ser ilegal a acumulação dos cargos, afirmou:

3.º - É falso que o Ministro da Educação tivesse resolvido a incompatibilidade de cargos. É materia constitucional, art. 172 § 1.º. Todos sabem que seria impossível desempenhar funções de Promotor Publico em Quarahy e de Inspector em Porto Alegre. Elle mora em Quarahy e a lei manda que o Inspector deva comparecer no estabelecimento sob sus inspecção no minimo tres vezes por semana (Dec. 21241, art. 81). Acresce ainda, que Inspector deve ter curso completo de gymnasio e ser technico, conforme a lei manda. A. Casses não tem curso completo de gymnasio e nem é technico. Excusado é dizer que também não tem curso de direito, no entanto, é Promotor Publico, em detrimento de homens formados e de valor. Sabe-se que ha trabalhos mysteriosos para abafar as graves irregularidades apparecidas no “Porto Alegre College”. Se minha representação foi archivada, como falsamente Atila pretende fazer crêr, pergunto: porque continua o Major Louzada a trabalhar na mesma representação por ordem do Inspector Geral? Qual a autoridade que assumiria a responsabilidade de archivar tantas e tão graves faltas das quaes muitas já são conhecidas por meio da imprensa? (*Correio do Povo*, 15/03/1935, p. 14)<sup>430</sup>

No debate entre o inspetor federal, Sigfriedo Bethiol e João Henrique, ocorrido nas páginas dos jornais gaúchos, em seu desfecho, ainda que o primeiro tenha apresentado provas que absolveriam a ele e a Oscar Machado no caso dos certificados<sup>431</sup>, sobre as acusações de que não poderia acumular os cargos, atestou:

Com os clichés de minha caderneta quilometrica publicados na imprensa, provarei as minhas constantes viagens a Porto Alegre e a eficiencia de minha fiscalização no Instituto Porto Alegre. Não ha nenhum dispositivo regulamentar que obrigue um inspetor do ensino a visitar diariamente os ginasios que fiscalise. Meus distintos amigos drs. J. C. de Freitas e J. E. Camargo fiscalisam os ginasios de Santa Maria e Passo Fundo, residindo em Porto Alegre. O grande poeta Ernani Fornari, tambem com residencia nessa capital fiscalisava talentosamente um ginasio de Crus Alta. (*A Federação*, 12/03/1936, p. 2)<sup>432</sup>

<sup>430</sup> Atila Casses citou que o referido Major Louzada estaria encarregado da correição de todos os Ginásios do Rio Grande do Sul. (*A Federação*, 24/03/1936, p. 2)

<sup>431</sup> Ver: (*A Federação*, 02/04/1936, p. 6).

<sup>432</sup> Para o controle dos ginásios, além da criação de “distritos de inspeção”, que contariam com inspetores nomeados tem-se que, algumas das principais incumbências destes profissionais, em observância ao decreto da Reforma Francisco Campos, que regia sua atividade, seria a de fixar residência obrigatória no distrito sob a sua inspeção (artigo 66), realizar “visitas freqüentes” (artigo 56) e elaborar um relatório mensal (artigo 55). Sobre isso ver: (DALLABRIDA, 2009, p. 188).

Denota-se na matéria acima que, no lugar de Atila Casses refutar o argumento de que não teria as capacitações técnicas requeridas para a investidura nos cargos que ocupava, ele se apoiou na atuação de outros fiscais que, eventualmente, poderiam também trabalhar nos educandários metodistas de Passo Fundo e Santa Maria, defendendo ser essa uma prática recorrente dos inspetores federais de ensino não residir nas cidades onde atuavam, situação que sugere a possibilidade de certa flexibilidade na atividade de quem se encontrava nessa situação.

A mencionada frequência irregular de Atila Casses no IPA que, caso comprovada, poderia, ocasionalmente, ter resultado numa atuação não tão rigorosa frente às possíveis manifestações políticas pró-integralismo, aparentemente pode ser explicada pelos motivos expostos abaixo.

De início, sem se conhecer qual era sua posição político partidária, pode-se afirmar que, além de pertencer à Sociedade de Homens e Letras do Brasil<sup>433</sup>, devido a, desde 1933<sup>434</sup>, Atila Casses integrar o Instituto Rio-Grandense de Letras<sup>435</sup> e, posteriormente, ter sido um dos fundadores e membros da Academia Rio-Grandense de Letras<sup>436</sup> pode tê-lo aproximado dos integralistas que delas fizeram parte e ocasionado certa complacência de sua parte para com as atividades de sua propaganda no IPA.<sup>437</sup>

<sup>433</sup> Sobre tal sociedade, ver: (SCHWARCZ, 2017).

<sup>434</sup> Atila Casses passou a fazer parte do Instituto Rio-Grandense de Letras no dia 22/11/1933. (*A Federação*, 20/11/1933, p. 4)

<sup>435</sup> Esta que existiu entre 1934 e 1934 surgiu para ocupar o espaço deixado pela *Academia Rio-Grandense de Letras* que, sob diferentes formatos, funcionou entre 1901 e 1924. Por causa da morte de muitos de seus membros e de sua desarticulação, em 1910, ela foi refundada como *Academia de Letras do Rio Grande do Sul*, permanecendo em atividade até 1924. Porém, em 1935, a Academia Rio-Grandense de Letras ressurgiria adjacente ao Instituto, realizaria ações no estado e, dadas as divergências internas, o Rio Grande do Sul passaria a contar com as duas entidades que, por um certo período, mantiveram-se rivais: “Enquanto isso, durante o ano de 1935, a Academia Rio-Grandense de Letras (com o acréscimo do Instituto) realizou diversos eventos. Mas em 1936 começaram as divergências internas, resultando na renúncia coletiva da diretoria. Eleitos os novos dirigentes, as realizações culturais continuaram. Todavia, no final desse ano ressurgiu (reorganizada) a Academia de Letras do RGS (...) Até 1939 as duas academias dividiram o espaço cultural riograndense com grande rivalidade. Ocorreram trocas de acadêmicos, os sócios de uma passando para as hostes da outra.” (LAITANO, 2016, p. 131)

<sup>436</sup> Como jornalista, ele fundou o periódico *O Orientador* em São Borja, em 1922, dirigiu o jornal *Uruguai* da mesma cidade, foi o redator de *O Cidadão* da cidade de Quaraí, correspondente da revista *Ibirapuitã* da cidade de Alegrete, além de ter sido redator da revista *A Noite Ilustrada*, do Rio de Janeiro. (REGINA, 2014, p. 101) Segundo Antonio Carlos Machado, ele foi uma das grandes referências do parnaso gaúcho e ocupou a cadeira número nove da instituição (MACHADO, 1952) cuja refundação ocorreu em 30/05/1935. (*Correio do Povo*, 30/05/1936, p. 5)

<sup>437</sup> Fizeram parte do Instituto Rio-Grandense de Letras os integralistas Dario de Bittencourt e Pe. Ponciano dos Santos Stenzel. (LAITANO, 2016, p.124) Após ela voltar às atividades em 1935, Atila Casses e Dario de Bittencourt passaram a integrar a Academia Rio-Grandense de Letras (*A Federação*, 24/05/1935, p.4), sendo, posteriormente, acompanhados de Mario Ferreira de Medeiros, que adentrou na mesma em agosto de 1936. (*Revolução*, 15/08/1936, p. 1) João Henrique era membro do instituto e também da academia reunificada em 1944 (LAITANO, 2016, p. 135) Seu nome também integrava na relação de membros da Academia Rio-Grandense de Letras. (*A Federação*, 24/05/1935, p.4)

Seja como for, na matéria que encerrou a polêmica com os professores demitidos, Atila Casses apresentou uma certidão da Inspetoria Geral de Ensino Secundário, devidamente autenticada em cartório, que tinha o seguinte teor:

CERTIFICO, em virtude de despacho proferido pelo Snr. Inspector Geral do Ensino Secundario no processo numero tres mil e duzentos de mil novecentos e trinta e seis, o seguinte: que o Ministerio da Educação e Saúde Publica decidiu não ser incompatível o cargo de Promotor com o de Inspector de Ensino Secundario; que o inspetor Atila Casses continúa até a presente data, sem solução de continuidade, como representante do Governo Federal junto ao Instituto Porto Alegre, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (...). (*A Federação*, 02/04/1936, p. 6)

Não se conseguiu apurar se, de fato, Atila Casses possuía o curso necessário para o exercício do cargo de inspetor federal citado por Sigfriedo Bethiol. No entanto, para a acusação de que ele não possuiria o curso de direito, em entrevista, seu neto, o cientista político Héglio Trindade, confirmou que ele atuava como um rábula.

É uma curiosidade. Meu avô materno, Átila Guterres Casses, era um rábula, ou seja, alguém que praticava o direito sem ter feito faculdade. Nasceu em Alegrete e se tornou promotor, tendo atuado muito em São Borja e em Quaraí. (Entrevista concedida por Helgio Trindade à rádio Gaúcha ZH, 14/12/2012)<sup>438</sup>

Se, por ventura, fossem exigidas quaisquer titulações para o exercício dos cargos que foram ocupados por Atila Casses, – situação que em nenhuma das matérias que ele publicou nos jornais foi refutada – entende-se que, por ser membro do Partido Republicano Liberal, sigla do interventor federal Flores da Cunha, à época apoiador do governo de Getúlio Vargas no estado, essa questão poderia se apresentar como menor. Isso se coloca pois, não só ele conseguiu o apoio do Inspetor Geral do Ensino Secundário, como também justificou que o próprio interventor Flores da Cunha teria lhe autorizado a fazer as tantas declarações que deu nas folhas do jornal *A Federação*. (*A Federação*, 06/03/1936, p. 2)

Outrossim, como o contexto político apresentava-se bastante conturbado desde os acontecimentos relativos aos eventos de novembro de 1935<sup>439</sup>, em que pesem as relações ambivalentes que o governo de Flores da Cunha mantinha com o integralismo no estado, visto que o repreendia duramente no interior, situação não tão visível na capital,

<sup>438</sup> Visões do Rio Grande. Héglio Trindade: “Houve passagem de luta armada para conflito político”. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2012/12/helgio-trindade-houve-passage-de-luta-armada-para-conflito-politico-3982782.html>>. Acesso em 29 jan. 2019.

<sup>439</sup> Dentre outros trabalhos, sobre a Intentona Comunista ver: (CARONE, 1989 e VIANNA, 2003).

pode-se pressupor que, possuindo os comunistas como inimigos, as eventuais ações de propagandas integralistas no IPA fossem minimizadas pelo inspetor.<sup>440</sup>

Seja como for, em novembro de 1937, poucos dias depois de ter sido decretado o golpe do Estado Novo por Getúlio Vargas, Sigfriedo Bethiol e João Henrique foram presos sob a alegação de serem comunistas:

A imprensa desta capital publicou ontem haverem sido presos como comunistas, os professores João Henrique e Sigefrido Bethiol, dando-os como professores do Instituto Porto Alegre. Da direção daquele conhecido educandário recebemos uma comunicação esclarecendo que aqueles professores não pertencem ao seu Corpo Docente desde 1935, quando foram exonerados, tanto assim que pelos mesmos foram instauradas ações contra o “Instituto Porto Alegre” na Justiça do Trabalho. (...) Sabemos que os supra-citados causidicos já tomaram providencias afim de que o Conselho Nacional do Trabalho tome conhecimento dessas prisões, pois nos processos foram ventiladas as tendencias comunistas dos aludidos professores, o que certamente teria influido nas suas demissões. (*A Federação*, 13/11/1937, p. 8)

Os trechos reproduzidos desta matéria que informou a realização de suas prisões sob a alegação de que eles eram comunistas ganham relevo pois, graças ao golpe do Estado Novo ter se baseado num suposto plano de insurreição comunista, o Plano Cohen<sup>441</sup>, isto pode ter gerado uma atuação rigorosa por parte da polícia política no Rio Grande do Sul a fim de se investigar possíveis implicações de elementos fichados como comunistas em tal contexto.

Verdadeiras ou não, as acusações que Atila Casses e Oscar Machado fizeram, de que os professores demitidos anos antes eram comunistas, podem ter concorrido para a prisão desses no contexto eminentemente posterior ao golpe do Estado Novo. Isso poderia ser entendido também como uma espécie de vitória da narrativa feita sobre a pericu-

---

<sup>440</sup> Sobre as relações com o interventor, Daniel Milke afirmou que: “O governo do Gal. Flores da Cunha, não impediu abertamente o funcionamento do integralismo, mas, por outro lado, patrocinou uma série de perseguições aos camisas-verdes, sendo algumas de maior intensidade, com mortos e feridos, e outras que impediam o andamento adequado de suas atividades. Assim, em terras gaúchas, o integralismo não conseguiu repetir o sucesso obtido em Santa Catarina ou São Paulo, mas também não ficou à margem dos acontecimentos políticos locais.” (MILKE, 2003, p. 22)

<sup>441</sup> Nos meses anteriores ao golpe de estado, a despeito da relação ambígua tecida entre Getúlio Vargas e o integralismo, existiu uma certa proximidade entre eles. Isso se deu pois o motivo que serviu de justificativa para o golpe, Plano Cohen, um fictício plano de insurreição comunista para tomar o poder, foi elaborado pelos integralistas e entregue a Getúlio Vargas. Por isso, quando teve início o Estado Novo, não é de se descartar que possa ter havido no Rio Grande do Sul a investigação e prisão de elementos considerados comunistas, como João Henrique e Sigfriedo Bethiol, bem como não é improvável se pensar que os próprios camisas verdes gaúchos, dentre eles, Oscar Machado, possam ter denunciado esses e outros elementos acusados de serem comunistas. Sobre o envolvimento dos integralistas na articulação do golpe do Estado Novo ver: (MIRANDA, 2009 e VICTOR, 2005; 2013).

losidade destes, que tornava-se muito forte na nova conjuntura em razão da lembrança causada pela tentativa de golpe comunista em 1935.<sup>442</sup>

Tal situação, se interpretada sob este prisma, numa direção oposta daquela ocorrida anos antes, quando na ocasião do celeuma envolvendo o Curso Pré-Universitário (CPU)<sup>443</sup> e as disputas entre Oscar Machado e Irineu Guimarães no *Granbery* – que poderiam também ter um fundo motivador político – não terminou com a intervenção do Bispo César Dacorso e a dissolução do problema com o envio destes para Piracicaba-SP e Porto Alegre, respectivamente.

Desta vez, Oscar Machado demonstrou possuir uma envergadura muito maior, seja na esfera educacional metodista, na Igreja ou no próprio integralismo, derivada do volume de *capitais* que possuía em cada um desses *campos*, situação que, se por hora, lhe trouxe uma vitória, pouco tempo depois, como se verá adiante, pelos mesmos motivos dados para a prisão dos “elementos subversivos comunistas”, fará com que ele fosse alvo de um tipo de atuação equivalente por parte da polícia nesse *campo*.

#### 5.7 AS POLÊMICAS ENVOLVENDO A PRESENÇA INTEGRALISTA NO IPA: O CASO OSCAR CAMILLIS E TAUFIK CHEMALE

Em paralelo à polêmica ocorrida no caso das demissões dos professores João Henrique e Sigfriedo Bethiol, sem que se possa confirmar ter sido vinculado ao caso dos educadores, o IPA e Oscar Machado se viram envolvidos em outro celeuma que, na argumentação de seus detratores, também teve como elemento detonador o aventado radicalismo político do reitor.

Num episódio que envolveu a expulsão de dois alunos do IPA, Oscar Camillis e Taufik Chemale, Daniel Milke relatou que os pais desses enviaram uma carta ao Ministro da Educação à época, Gustavo Capanema, alegando que o motivo que ensejou tal ato por parte de Oscar Machado teria sido uma perseguição de cunho político e religioso:

(...) sendo nossos filhos católicos e professando doutrinas diferentes da do diretor que é protestante e integralista - membro destacado da Ação Integralista Brasileira – só nisso poderemos encontrar explicações para este ato ilegal, dado que o mesmo tem procurado criar um ambiente faccioso e hostil a todos

<sup>442</sup> As acusações de que os professores eram comunistas, no novo contexto, no qual a representação do perigo comunista, reavivando a memória recente de 1935 veio à tona pode ter feito com que, lastreadas ou não nas práticas políticas reais de João Henrique e Sigfriedo Bethiol, a narrativa construída por Oscar Machado e Atila Casses tenha se mostrado vitoriosa em meio a um embate de representações construídas por tais agentes que se colocavam em disputa. Sobre a noção de representação ver: (BOURDIEU, 1999 e CHARTIER, 2002b).

<sup>443</sup> Sobre isso ver o item 3.5 do terceiro capítulo.

aqueles que não se submetem às injunções do meio. (*Correio do Povo*, 06/06/1936, p. 18, apud MILKE, 2003, p. 105)

Tal qual havia feito na ocasião das demissões dos professores do IPA, o inspetor Atila Casses saiu em defesa de Oscar Machado, afirmando que, ao contrário do propagado pelos pais dos alunos expulsos, apenas foi cumprida a lei, não tendo ocorrido nenhuma expulsão. (MILKE, 2003, p. 105-106)

De mais a mais, se soma a essa posição do inspetor federal uma outra defesa de Oscar Machado realizada por meio da matéria “Uma campanha insidiosa”, que, sem indicação de autoria, foi publicada no jornal integralista, *Revolução*:

O Companheiro Dr. Oscar Machado, diretor do Instituto Porto Alegre, tem sido a vítima predileta das acusações e das intrigas dos nossos inimigos secretos. Conhecedores que somos, da sua fidalguia, da sua honradez, de todas as qualidades que o fizeram um companheiro benquisto em nossas fileiras, não podemos deixar de protestar contra o maquiavelismo dos que o tem combatido. Aproveitamos a ocasião para enviar-lhe a nossa solidariedade no momento difícil, em face das injustiças com que tem sido brindado. (*Revolução*, 13/06/1936, p. 2)

Não fica claro na matéria se ela se remetia apenas ao caso das expulsões ou a ele e à polêmica envolvendo os professores João Henrique e Sigfriedo Bethiol. Contudo, essa manifestação feita pelo órgão de imprensa integralista, adstrita às denúncias de que seu extremismo político teria sido o elemento detonador dessas polêmicas nas quais se encontrava imerso, além de aumentar seu desgaste, ao menos aponta para a plausibilidade de que parte das acusações feitas a ele tivessem algum fundamento.

Nesse ínterim, sem que tenha explicado os motivos das supostas expulsões e o teor da justificativa dada por Atila Casses, os pais dos alunos levaram a denúncia contra Oscar Machado adiante. Numa longa carta, imputaram também o inspetor nas irregularidades, sendo que, dentre seus vários tópicos, concluíam que os motivos do constrangimento ao qual seus filhos haviam sido submetidos seriam reflexos de sua não concordância com a propaganda integralista praticada por Oscar Machado no IPA:

7º – Informando-nos nós do comportamento dos nossos filhos, no caso de terem andado mal, para castigá-los; chegamos à conclusão de que eles foram expulsos, por constituírem um pequeno grupo que se opunha à propaganda integralista. Como o diretor é integralista inveterado, até há pouco Secretário Provincial, vingou-se assim. Pedimos a presença de um delegado da união, para certificar-se das verdades que afirmamos. (*Correio do Povo*, 21/06/1936, p. 15, apud MILKE, 2003, p. 106)

Somado ao caso da expulsão desses alunos, Oscar Machado foi acusado de intolerância política numa outra polêmica que envolveu o Departamento Estudantil da AIB de Porto Alegre e o Centro Universitário de Estudos Políticos e Sociais (CUEPS), comandado pelo professor Egídio Hervé, notória liderança espírita e anti-integralista de Porto Alegre:

Estes episódios demonstram que os camisas-verdes, e Oscar Machado, não tinham a tolerância como uma de suas práticas mais freqüentes. Nos dois casos, do CUEPS e dos alunos do IPA, onde se constituíram grupos contrários a seus interesses, eles intervieram de forma enérgica, desorganizando o primeiro e prejudicando visivelmente os jovens envolvidos no segundo. (MILKE, 2003, p. 106)

Junto de tais acontecimentos, no ano seguinte, por ocasião das celebrações da semana da criança, na qual os integralistas organizariam uma série de eventos, de modo explícito, o *Colégio Americano* abriria suas portas para um desses, conforme se observou na programação apresentada pelos camisas verdes:

Amanhã, realiza-se na sede central da sessão inaugural da “Semana da Criança”, devendo fazer uma conferência o dr. Raul Moreira, sendo oradores o academico Luiz Campagnoni, dr. Brito Velho e a professora d. Camila Furta-do Alves. Finda a sessão, haverá uma magnífica “Hora de Arte”, a cargo do nosso mundo artistico. Terça-feira proxima pronunciará uma conferencia no Colegio Americano, ás 10,46 horas, o dr. Wolfran Metzler, devendo também falar nessa ocasião o academico Hugo Di Primio Paz, do Comitê Provincial de Estudantes. (*Correio do Povo*, 02/05/1937, p. 7)

Conjectura-se que o franqueamento das instalações do *Colégio Americano* para a realização da conferência de Wolfran Metzler<sup>444</sup>, liderança importante da AIB em Novo Hamburgo, que se elegeu vereador em 1936, e de Luiz Campagnoni, deu-se por intermédio de Oscar Machado ou de algum outro integralista metodista, dado que a diretora do educandário à época, Mary Clark, até onde se apurou, não possuía quaisquer relações com os camisas verdes.

Em resumo, mediante o exame desses três episódios, se conseguiu apurar a existência de uma relação de proximidade de parte do corpo docente do educandário metodista com a AIB em Porto Alegre, na qual Oscar Machado teria sido um dos principais elos que viabilizaram tal contato, muito embora os problemas que isso causou tenham sido maiores do que os da realidade vivida por ele em Juiz de Fora.

---

<sup>444</sup> Sobre a trajetória de Wolfran Metzler, ver: (TONINI, 2002).

Assim, se é possível propor que, diversamente do ocorrido durante sua estada em Juiz de Fora, Oscar Machado teve um poder maior para a realização da propaganda integralista, em especial no IPA, relativamente à possível penetração dos camisas verdes nas comunidades das Igrejas Metodistas da cidade, não se constatou até o momento a existência de uma dinâmica análoga à verificada na cidade da zona da mata mineira.

Num sentido inverso, se o integralismo conseguiu penetrar no IPA por força da ação de Oscar Machado e de outros professores que lá atuavam, realçando seus *projetos políticos pessoais*, chegando ao ponto de causar as polêmicas supracitadas, ele não parece ter obtido sucesso em se propagar entre os fiéis metodistas.

Pelo contrário, em choque com a posição dominante na denominação religiosa, ele foi inclusive combatido por algumas de suas lideranças importantes, aspecto que se abordará adiante.

#### 5.8 O ECUMENISMO DO INTEGRALISMO GAÚCHO E AS POLÊMICAS ENVOLVENDO O PROTESTANTISMO, A MAÇONARIA E O CATOLICISMO

Seguindo a tônica do posicionamento adotado pelas lideranças nacionais, como, por exemplo, Plínio Salgado e Miguel Reale, no tocante às questões religiosas do integralismo, no Rio Grande do Sul houve uma exacerbação da defesa de um ecumenismo no interior da AIB.

Esse estado de coisas não possui uma explicação monocausal, visto que se relaciona às questões atinentes às decisões tomadas pelas chefias nacionais após Plínio Salgado não ter logrado êxito em obter o apoio formal da Igreja Católica para o integralismo e também a certas peculiaridades encontradas no Rio Grande do Sul.

Sobre o primeiro ponto, é preciso salientar que, tirante ter-se percebido que, em todo país, ocorreu um significativo número de participações de membros do clero católico no integralismo, desde simples padres,<sup>445</sup> passando por bispos e arcebispos<sup>446</sup>,

<sup>445</sup> Acompanhando os casos mais conhecidos como os do cônego Tomaz de Aquino e dos padres Leopoldo Aires e Ponciano Stenzel dos Santos (que fez parte da Câmara dos Quatrocentos, um dos órgãos deliberativos mais importantes da estrutura integralista) encontram-se também outros nomes de padres renomados que apoiaram a AIB, como o de Helder Câmara. (*A Offensiva*, 13 set. 1934, p. 2) Outros exemplos de padres que aderiram as hostes do sigma foram encontrados em Minas Gerais onde, em São João del Rei-MG, o padre Heitor Assis, o Monsenhor Sylvestre Castro e o frei Flaviano atuaram como membros do integralismo. (APM/Fundo Dops – Pasta 4965, imagens 113, 125 e 127) Outro caso foi encontrado na cidade vizinha de Resende Costa-MG, onde o Monsenhor José Maria Fernandes foi também um ardoroso defensor dos camisas verdes (APM/Fundo Dops – Pasta 4965, imagens 159 e 168).

<sup>446</sup> Oscar de Figueiredo Lustosa relatou que, fosse como apoiadores ou como simpatizantes, havia um total de onze arcebispos e bispos dentre os quais enfatizou os das cidades de Bragança-SP, Campinas-SP, Cuiabá-MT, Campos-RJ e Aterrado-MG. (LUSTOSA, 1976, p. 516-517)



aos quais se somam também as extra-oficiais declarações de apreço e admiração pelo movimento dos camisas verdes<sup>447</sup>, os motivos que fizeram com que a Igreja Católica não apoiasse a AIB oficialmente eram decorrentes de dois pontos principais.

Primeiramente, ao lado desse contingente que empenhou seu apoio à AIB e, por vezes, veio a fazer parte dela, se poderia propor que, por motivos diversos, que refletiam clivagens no interior da Igreja Católica, outros grupos se colocaram contra tal associação. Exemplos desses se encontram entre aqueles membros do clero que defendiam que a Igreja Católica não deveria atuar partidariamente no campo político aos quais se somavam outros grupos que, em virtude de sua formação liberal ou ainda da detecção de ambiguidades presentes no integralismo, tornavam inviável a formalização do apoio aos camisas verdes. (LUSTOSA, 1976 e CALIL, 2005, p. 139)<sup>448</sup>

[...] a hierarquia nunca permitiu que a Ação Integralista se identificasse plenamente com a Igreja Católica. De um lado porque o Integralismo não se resumia ao tradicionalismo católico [...]. De outro lado, porque Getúlio Vargas sempre negociou diretamente com a Igreja e nunca por intermédio da Ação Integralista. (SOUZA, 1982, p. 106)

Outra explicação para a não adesão oficial da Igreja Católica à AIB se deu pois, desde a promulgação da Carta Magna de 1934, a instituição religiosa conseguiu ver encampada parte das principais exigências feitas pela Liga Eleitoral Católica (LEC). Dentre elas se destacam: o recebimento de um apoio financeiro feito pelo Estado, a proibição do divórcio, o reconhecimento do casamento religioso, a educação religiosa no período escolar e também a percepção de subsídios estatais para as escolas católicas. (MAINWARING, 1989 p. 48)

À vista disso se consolidou uma espécie de acordo entre Getúlio Vargas e a Igreja Católica que seria benéfico a ambos, o político se valeria do apoio recebido da instituição para poder se legitimar, ao passo que a Igreja Católica buscaria lançar mão desta associação com o fito de aumentar ainda mais seu poder de influência sobre a sociedade.

<sup>447</sup> “Grande, porém, era o número dos que, não vestindo a camisa-verde, nem se enfileirando oficialmente nas hostes do Sigma, perfilavam as suas ideias, liam com sofreguidão a literatura pliniana e, privadamente, defendiam a implantação do integralismo, a necessidade de a Igreja apoiá-lo para que o Brasil pudesse escapar à sanha dos comunistas. O “conservadorismo clerical” se inclinava para uma *ersatz* da liberal-democracia que viesse concretizar o plano de uma sociedade cristã na ordem e na disciplina. Seria naturalmente o “fascismo dinâmico”.” (LUSTOSA, 1976, p. 520)

<sup>448</sup> Sobre isso ver também: (GONÇALVES; PIMENTA, 2019 e PIMENTA, 2019).

Além do respeito mútuo entre as duas instâncias, resultado da amizade pessoal entre Dom Sebastião Leme e Getúlio Vargas, a relação estabelecida entre Igreja/Estado era no mínimo de cooperação, já que ambas propugnavam o estabelecimento da ordem cristã no Brasil. De um lado, a Igreja sob o signo “ordem e cristã”, do outro, o Estado sob o estigma da “ordem e estabilidade”. O governo Vargas recebeu amplo apoio da Igreja Católica no que diz respeito à ordem, ao anticomunismo e à estabilidade política [...] Em resumo, reconquistando as estruturas do Estado, a Igreja Católica influenciaria eficazmente a sociedade. Destarte, Vargas tinha em mente o apoio que a instituição católica poderia lhe oferecer e de fato lhe deu, pois nesse período a Igreja se transformou numa instituição sólida e, ao mesmo tempo, numa grande aliada das ações governamentais. (PEREIRA, 2010, p. 72-73)

Se, grosso modo, esses podem ter sido alguns dos motivos que fizeram com que a Igreja Católica não desse seu apoio oficial à AIB, o Rio Grande do Sul também possuía algumas especificidades que inviabilizaram essa união. Diferentemente de outras regiões do país, marcado pela significativa presença de imigrantes alemães e seus descendentes em sua população, o integralismo no estado, com destaque para suas posições de chefia, a exemplo do verificado na cidade de Juiz de Fora-MG, contou não só com a presença de metodistas, como também de um representativo número de protestantes de outras denominações religiosas, como os luteranos.<sup>449</sup>

Em Porto Alegre havia uma peculiaridade. Os líderes mais atuantes da AIB local estavam vinculados a diferentes correntes religiosas e filosóficas. Como vimos, Dario de Bittencourt não tinha vinculações com nenhuma religião e havia sido, ou ainda era, maçom. Egon Renner era luterano (do então Sinodo Riograndense, hoje Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) e Anôr Butler Maciel um católico fervoroso. (...) Somados a estes, outros nomes de destaque também tinham ligações importantes com suas crenças. Emílio Otto Kaminski era luterano (do então Sinodo Missouri, hoje Igreja Evangélica Luterana do Brasil), Oscar Machado era metodista, o maestro Léo Schneider era luterano da mesma confissão de Egon Renner. Nestor Contreiras Rodrigues, que apareceu somente em 1936, e Mário Ferreira de Medeiros eram, como muitos outros, católicos. Havia ainda nas fileiras verdes aqueles militantes não influentes que seguiam outras tendências, como o espiritismo. Busca-se entender como os integralistas lidaram com a diversidade religiosa nas suas fileiras, principalmente em função das diferentes opções de suas lideranças. Anôr Butler Maciel, quando assumiu temporariamente, em 1935, a chefia provincial, publicou uma “explicação ao público”, onde abordava, entre outras questões importantes, a posição do integralismo acerca das correntes cristãs. (MILKE, 2003, p. 108)<sup>450</sup>

<sup>449</sup> Mesmo se fazendo o alerta de que não havia uma correlação imediata entre a confissão religiosa e a adesão à AIB, René Gertz asseverou que, numa parcela dos luteranos do Rio Grande do Sul, o integralismo era visto com bons olhos, situação que concorreu para que muitos deles adentrassem ao movimento político, já que integrar a AIB lhes possibilitaria atuar no *campo político* que era, notadamente, então dominado pelos católicos. (GERTZ, 1977; 1987)

<sup>450</sup> Dentre os estudos que abordaram no centro-sul do país a articulação dos integralistas com denominações religiosas protestantes, como os metodistas e os luteranos, o trabalho de João Marcos Leitão Santos se configura como um dos poucos esforços para a compreensão das discordâncias destas denominações frente ao movimento político, seja sob sua forma da AIB ou do PRP. Em linhas gerais, depois de apresentar uma série de documentos que várias denominações protestantes produziram sobre

Diante de tal situação, o que se verificou na consulta dos jornais camisas verdes de Porto Alegre e das matérias que a AIB publicava no jornal *Correio do Povo* foi que, desde os momentos iniciais da presença do integralismo no estado, houve por parte de suas lideranças uma preocupação em se defender essa participação de elementos protestantes e até espíritas em suas hostes.<sup>451</sup>

Isso pode ser verificado, por exemplo, num artigo de autoria de Anor Butler Maciel, cujo teor preconizava que, caso a AIB chegasse ao poder, não oficializaria a Igreja Católica como religião do Estado:

Assim, a A.I.B. se entenderá com as autoridades eclesiásticas no sentido de se encontrar a linha exata da sua cooperação com o Governo para a grandeza nacional, dentro do ideal cristão e segundo as tradições da Patria. Todas as crenças religiosas serão amplamente respeitadas. Associações, cultos, devoções que não infrinjam dispositivos do Código Penal, que não descambem para o terreno que prejudique o interesse coletivo, serão absolutamente livres. (*O Integralista*, 03/03/1934, p. 1)

Destarte, contiguamente aos católicos que eram maioria entre os membros da sessão gaúcha da AIB, com o objetivo de ampliar sua capilarização no estado, o que verificou-se foi uma crescente valorização desta pluralidade religiosa de seus militantes que, por si só, não ocasionaria quaisquer problemas ou grandes celeumas.<sup>452</sup>

Ao que parece, os camisas-verdes conseguiram, superada a cisão inicial, lidar razoavelmente bem com a diversidade religiosa encontrada em Porto Alegre. Houve um esforço em manter uma unidade da militância em redor da questão, e até um certo sucesso das prerrogativas estabelecidas pelo chefe nacional, de se bater pelo “espiritualismo”, evitando dar à AIB um caráter único. Por sua formação étnico-cultural, Porto Alegre gerou uma quantidade de membros para o integralismo que estavam vinculados, além do catolicismo, principalmente com às correntes luteranas. Esse elemento poderia ter-se colocado como fator desagregador no interior do movimento, mas os núcleos locais conseguiram superar, se não com facilidade, ao menos com propriedade, eventuais desentendimentos. (MILKE, 2003, p. 118-119)

Todavia, um outro fator que era combatido com vigor pelos integralistas se faria presente entre os camisas verdes gaúchos, gerando conflitos com grupos católicos, a penetração de maçons em suas hostes, não só no interior de sua militância comum, mas

---

AIB, com especial atenção para o antagonismo do antiliberalismo dos camisas verdes com a defesa do liberalismo praticada por batistas, presbiteranos, metodistas e congregacionais, ele alertou para o paradoxo da participação de protestantes nas fileiras dos camisas verdes. (SANTOS, 2014)

<sup>451</sup> Este elemento se encontra melhor abordado em: (GONÇALVES; PIMENTA, 2019).

<sup>452</sup> O total de protestantes no Rio Grande do Sul representava um significativo montante, sendo que, em agosto de 1937, lideranças do metodismo calculavam haver 200.000 fiéis das diversas denominações. (*Correio do Povo*, 15/08/1937, p. 13)

também integralistas que ocupavam postos de destaque<sup>453</sup>, ocasionando a necessidade de intervenção das lideranças nacionais para sua resolução.<sup>454</sup>

A polêmica envolvendo grupos católicos e maçons no interior da AIB gaúcha teve início poucos meses após a abertura dos primeiros núcleos de Porto Alegre. Em abril de 1934, um grupo de jovens católicos, liderados por Ernani Fiori – que ocupava o posto de secretário geral da AIB e secretário do jornal *O integralista* – publicou uma carta nos jornais *Correio do Povo* e *Estrela do Sul*, afirmando que decidiu abandonar a AIB por conta da presença de maçons nas hostes integralistas, episódio assim narrado por Carla Brandalise:

A desavença principal relacionava-se com a postura frente à questão religiosa ditada pelo integralismo. Com efeito, o principal representante da ruptura, Ernani Maria Fiori e os demais dissidentes, faziam a defesa do catolicismo, sendo contrários à permanência dentro da AIB de elementos oriundos de outras religiões ou seitas. (...). Já como membro da AIB, Fiori, bem como aqueles que o acompanharam na cisão com o integralismo, não concordara com a convivência interna entre protestantes, católicos e membros de seitas secretas como a maçonaria. Os dissidentes pregavam como condição necessária a vinculação do integralismo com o catolicismo. (BRANDALISE, 1992, p. 153-154)

Adstritamente da insatisfação que esse grupo de jovens católicos manifestou pela AIB não se assumir como um movimento católico, o motivo que ocasionou sua saída da AIB e a conseqüente controvérsia no interior do integralismo, se ligava à figura de sua liderança provincial na época, Dario de Bittencourt. (MILKE, 2003, p. 37-38)

O líder da AIB no Rio Grande do Sul, Dario de Bittencourt, que atuava como advogado e também colaborava com jornais e revistas estado<sup>455</sup>, em 14 de julho de 1927, teria sido iniciado na maçonaria como aprendiz na Loja Luz e Ordem, sendo que ascenderia ao grau de companheiro em 15 de setembro e ao grau de mestre em 6 de outubro deste ano. Depois desse rápido início, o Marechal Carlos Frederico Mesquita o teria nomeado grão mestre da Maçonaria gaúcha.

<sup>453</sup> Um caso notório, que precisa ser investigado sobre a presença de lideranças integralistas que perteceram à maçonaria ocorre em Novo Hamburgo, cidade na qual Alfredo Marotzky, segundo homem na hierarquia da AIB, também era integrante da sociedade secreta sendo eleito mestre da Loja “Triângulo Labor Silencioso” em 25/03/1934. Sobre isso ver: (DIENSTBACH, 1993, p. 371, v.2).

<sup>454</sup> Ver também: (GERTZ, 2007, p. 81).

<sup>455</sup> Foi diretor do jornal *O Exemplo* de 1920 a 1930, repórter ajudante do revisor do jornal *A Federação* entre 1922 e 1926, secretário das revistas *Revista do Sul*, *A Verdade* e *Gazeta do Foro*. Entre 1920 e 1930 colaborou com diversas revistas, dentre as quais se pode sublinhar: *Kodak*, *Máscara*, *Minerva*, *Revista do Globo*, *Idade Nova* (Porto Alegre) e, por fim, *Ilustração Brasileira* e *Para Todos*, do Rio de Janeiro. (BARRERAS, 1998, p. 37)

(...) para dirigir e redatar a revista maçônica 'O Delta'. O ano XI, nº 2 dessa revista, correspondente ao mês de outubro de 1927, saiu com seu nome no cabeçalho. Discordando, porém, da orientação que as autoridades maçônicas desejavam imprimir, a 28 de março do ano seguinte exonerou-se da direção (...) Posteriormente afastou-se da Maçonaria, mas sempre contando com muitas amizades em seu seio, retornando, anos mais tarde, ao Catolicismo. (BITTENCOURT, Apud, BARRERAS, 1998, p. 38)

Na leitura da citação acima, extraída de um curriculum-vitae, documento escrito pelo próprio Dario de Bittencourt, depreende-se que, além dele ter sido iniciado na maçonaria em 1927, ele teve uma célere ascensão no interior da instituição, chegando ao posto de grão-mestre do Rio Grande do Sul. Conquanto não se precise a data de sua saída da maçonaria no trecho acima, em entrevista que concedeu a Helgio Trindade, ele teria afirmado que sua presença na maçonaria teria motivado a polêmica com os jovens católicos.

Entrementes, somando-se a esse motivo, ele revela um outro fator importante relativo a sua posição religiosa à época como possível causador das desavenças:

Não havia restrição, e o ponto de vista religioso era dentro do Deus-Pátra-Família. A uma certa altura me acusaram de não poder ser chefe provincial porque eu tinha sido maçom. O departamento de estudantes, comandado por um grupo de católicos, tentou um *putsh* dentro da organização para me afastar. Então escrevi uma carta para o Reale pedindo uma orientação, e ele respondeu que absolutamente que o integralismo – desde aquela época – tinha um espírito comunitário. Até mesmo teístas podiam pertencer ao integralismo. No fundo, a razão do *putsh* era que eu não era um teísta 100%. (BITTENCOURT, Apud, TRINDADE, 2016, p. 337-338)

É digno de nota que a questão relevante apresentada por Dario de Bittencourt no que se refere a seu afastamento da Igreja Católica<sup>456</sup> não veio à tona nos questionamentos feitos pelo grupo de jovens católicos, tampouco foi aludida na consulta que eles, Egon Renner e Anor Butler Maciel, fizeram a líderes nacionais integralistas.

Dias depois da carta publicada pelos católicos nos jornais, Egon Renner, Anor Butler Maciel e Dario de Bittencourt, triunvirato que liderava a AIB no estado, publicou uma resposta no *Correio do Povo* e no *O Integralista*, na qual, balizando-se pelas consultas feitas a Alpinolo Lopes Casáli, – descrito como ligado à secretaria da chefia nacional – Dr. João Leães Sobrino e Miguel Reale, saíram em defesa do ecumenismo religioso integralista. (*Correio do Povo*, 18/04/1934, p. 11)<sup>457</sup>

<sup>456</sup> Ele voltaria a se reaproximar da Igreja Católica em julho de 1940. (BARRERAS, 1998, p.78)

<sup>457</sup> É preciso realçar aqui que, tirante o triunvirato ter assinado esta resposta, poucos dias antes, Anor Butler Maciel, ao discorrer sobre como funcionaria o Estado Integral, criticou a maçonaria num artigo publicado no jornal *O Integralista*. Esta situação demonstra que entre as três lideranças essa questão precisou ser contornada. Em suas palavras: “O Estado, no entanto, vela pelo interesse coletivo. Por isso, as

Os dois primeiros foram perguntados se, no Congresso de Vitória, seria lançada a bandeira catolicismo-integralismo. No questionamento se enfatizou que, caso tal associação fosse aprovada, ela afastaria os elementos não católicos da AIB, como os metodistas, protestantes, espíritas e maçons que, eventualmente, poderiam até passar a combatê-lo.

Frente a essas colocações, o triunvirato recebeu as seguintes respostas de Alpinolo Lopes Casáli e João Leitães Sobrinho, respectivamente:

Quanto ás observações do companheiro relativas á conjunção dos princípios Integralismo e Catholicidade, devo dizer-lhe que suas APRENSÕES são INFUNDADAS. E NO INSTANTE EM QUE DEIXÁSSEMOS DE PROCEDER DESSA FORMA, DEIXARIAMOS, TAMBEM DE SERMOS INTEGRALISTAS. NÃO COMPREENDEMOS INTEGRALISMO FECHADO NAQUELE BINÔMIO... No Congresso de Victoria essa questão magna, será plenamente esclarecida e resolvida. (*Correio do Povo*, 18/04/1934, p. 11)

A parte religiosa está abordada magistralmente pelo Chefe. Nós não somos clericais – somos christãos. DENTRO DO INTEGRALISMO HA LUGAR PARA TODOS OS CREDOS, SÓ NÃO HA PARA OS FANATICOS. Não temos preferencia por religião. Soldados de Deus, da Patria e da Familia, por eles nos batemos SEM INDAGARMOS SE NOSSOS COMPANHEIROS SÃO BUDHISTAS, LUTHERANOS OU CATOLICOS. A crise é de de falta de respeito a Deus de negação de Deus, da moral christã. Aqui nós não temos essas tricas e confusões. Um espirita, chefe do Rio, saúda o bispo de Victoria, e este o abraça como o abraça o padre Ponciano, notavel orador e fervoroso integralista. ISSO É O SENTIDO DO INTEGRALISMO. Está bem claro. Nada de clericalismo. (*Correio do Povo*, 18/04/1934, p. 11)

Enfim, a resposta mais significativa aos questionamentos feitos pelos líderes gaúchos foi a de Miguel Reale, que, por ser líder do Departamento Nacional de Doutrina, teria também um reconhecimento maior do que os dos outros dois interlocutores. Por tal razão, foi ele quem dirimiu, de vez, as dúvidas com suas alegações colocadas nos seguintes termos:

1) que, no Integralismo, deve haver a cooperação de todas as forças espirituas que defendem as idéas de Deus, Patria e da Familia; 2) que, neste momento de arrancada materialista, é necessario a união de todos aquelles que são christãos; não sendo época para bizantinismo em torno de questões particulares; 4) que o Chefe Nacional, em sua memoravel mensagem, citou uma passagem da encyclica “Caritati compulsi” na qual está, em linhas geraes, escripto que “é chegado o momento em que se devem unir, contra o materialismo, NÃO SÓ AQUELLES QUE SE VALNGLORIAM DO GLORIOSO NOME DE CHRISTÃOS, MAS TAMBEM AQUELLES QUE DEFENDEM

---

seitas fechadas, de caráter secreto, têm de ser ventiladas. O Estado não tolerará sociedades e praticas secretas, por que toda a ação individual tem de se harmonizar com o bem estar da coletividade e, por isso, se faz mistér a divulgação da finalidade de todas as associação. Nem o extremismo, nem a indiferença.” (*O Integralista*, 03/03/1934, p. 1)

OS VALORES DO ESPIRITO (...) 5) que, como sempre acontece, ha quem se quer mostrar mais catholico que o Papa. (*Correio do Povo*, 18/04/1934, p. 11)

Já em relação à maçonaria, até onde se conseguiu apurar, junto a Dario de Bittencourt, Oscar Machado e Alfredo Marotzky, outros camisas verdes gaúchos eram também integrantes da instituição.<sup>458</sup> Desta forma, embora não seja possível afirmar se Dario Bittencourt continuou ligado à maçonaria desde sua entrada na AIB, é curiosa a resposta dada por Alpinolo Lopes Casáli sobre a possível participação dos maçons na AIB.

De toda sorte, mesmo que se aventasse a possibilidade de existir entre o triunvirato quaisquer divergências alusivas às correntes cristãs das quais eram fiéis, essas aparentemente teriam sido equacionadas neste momento, bem como também o teriam sido eventuais dissensões sobre a participação de maçons na AIB.

Sobre isso, na apresentação que Héliog Trindade fez da entrevista que Dario de Bittencourt o concedeu, ao fazer um pequeno resumo sobre os temas tratados, o autor sustentou que, a partir do episódio envolvendo os jovens católicos, a incompatibilidade entre maçonaria e integralismo não mais existiria nas hostes da AIB do Rio Grande do Sul. (TRINDADE, 2016, p. 332)

Em conjunto com as críticas que se faziam à possibilidade da participação de camisas verdes na maçonaria, o jornal da AIB de Porto Alegre republicou um box do jornal católico da Basílica de Aparecida-SP que declarava ser o Rotary uma instituição dominada pela maçonaria. (*O Integralista*, 05/05/1935, p. 1) Evidentemente, como se demonstrou no capítulo quatro, Oscar Machado continuou a manter relações de proximidade com a instituição rotária, contando com seu auxílio tanto para arrecadar verbas nos EUA para o custeio do IPA, quanto para a instalação de sua outra unidade na cidade de Jaguarão-RS.

É importante frisar que, sobre a maçonaria, ainda paira uma dúvida se ele manteve a participação na instituição durante o período de existência legal da AIB ou, se, mesmo que isso tivesse ocorrido, tal vínculo não era de conhecimento de todos, dadas as polêmicas acima referenciadas. Todavia, acredita-se que esta relação tenha se mantido, pois, segundo Homero Suaya Vasques Rodrigues, no período posterior à Segunda Guerra Mundial, Oscar Machado teve um papel importante para que fosse instalado o

---

<sup>458</sup> Seriam eles os camisas verdes Celestino Pedro Koch, que era membro da Loja São João, e Sylvio Nunes de Lima. (MILKE, 2003, p. 38)

ginásio da cidade de Santa Vitória do Palmar-RS, mantendo relações com o Rotary e a maçonaria:

Em Porto Alegre, no seio Rotary Club e Maçonaria, estava em grande destaque um professor protestante com curso nos EUA e Europa que foi contatado e de suas mãos chegou para nós, vencendo a burocracia enorme de então, a licença para que o Ministério de Educação do Rio de Janeiro desse o sinal verde a aquele dedicado pedagogo que estando lá, teve, pela urgência da “Papelada”, dar o nome do Colégio que foi aceito por todos, o de Ginásio de Santa Vitória, que no percurso de leis e decretos, teve alterada a sua nomenclatura e que noutro trabalho será comentado. (RODRIGUES, s/d)<sup>459</sup>

Em outro texto do autor, ele voltou a fazer menção à participação de Oscar Machado para a abertura do educandário da cidade que, por intermédio do IPA de Jaguarão, também teria transposto para o Ginásio de Santa Vitória o modelo norte-americano. Assim, por seus serviços prestados, ele teria sido nomeado como seu reitor honorífico:

Contra a pressão das forças políticas adversárias ao governo de Osmarino Terra, levando inocentemente o bispo de Pelotas a lançar um manifesto (famosos boletins) ao público católico ameaçando de excomunhão” aos pais que levassem seus filhos para o novel educandário e com a conquista do local, que foi prontamente resolvida pela classe dos pecuaristas através da Associação Rural, tendo a frente o culto bacharel Andy Emílio Mate, que cedeu a sua flamante Casa Rural e a Maçonaria, Rotary, enfim, a comunidade em geral, que não deu ouvidos as mesquinha atitudes de um pequeno grupo, mas muito importante o empenho da comunidade, que trouxe para cá a infra-estrutura do IPA (Instituto Porto Alegre) da capital do Estado, via filial de Jaguarão e dessa maneira este aglomerado de ensino passou a funcionar em 1950, sob a Reitoria Honorífica do Prof. Oscar Machado. (RODRIGUES, s/d)<sup>460</sup>

Um último texto do autor novamente remeteu-se ao fato de que Oscar Machado teria sido um dos fundadores do Ginásio Santa Vitória na cidade de Santa Vitória do Palmar-RS. Nesse texto, foi reafirmada sua condição de maçom nesse contexto posterior à Segunda Guerra Mundial:

Professor Oscar Machado, foi o criador do GSV, sendo honorificamente seu reitor, para que o mesmo pudesse funcionar no ano da graça de 1950. Para cá veio a pedido do Rotary Club e da Maçonaria onde era membro e que, com grande prestígio na esfera do ensino no Brasil, fez realizar o sonho dos santavitorienses de termos o curso médio, aliás, conhecido como ginásial e fez possível que aqui fosse implantado tal avanço. (RODRIGUES: s/d)

<sup>459</sup> Uma nova era para todos – Alvorecer de 1950 – A criação do Ginásio de Santa Vitória. Disponível em: <<http://www.planetsul.com.br/htm/colunistas/colaboradores/homero/anteriores/170120081.htm>>. Acesso em 04 junho, 2018.

<sup>460</sup> Fase heroica do Ginásio de Santa Vitória. José Simões – Um dos maiores Professores que por aqui passou. Disponível em: <<http://www.planetsul.com.br/htm/colunistas/colaboradores/homero/anteriores/110720081.htm>>. Acesso em 04 junho, 2018.



À luz desses indicativos, acrescentando-se as entrevistas cujos teores mencionaram que não só Oscar Machado, mas também boa parte dos metodistas de Juiz de Fora possivelmente eram maçons<sup>461</sup>, não é descabido inferir que a menção de sua participação no Rotary e o envolvimento na maçonaria não tenham lhe trazido grandes problemas, mormente, após os esclarecimentos, prestados por Miguel Reale.

Sustenta-se tal proposição, pois, como não se encontrou qualquer acusação de que Oscar Machado integrava o Rotary – e a instituição é criticada até pelo jornal integralista porto alegreense – nada também ocorreu em relação à maçonaria. Salienta-se que esse último ponto era uma questão bastante polêmica e, malgrado líderes integralistas tenham sido consultados sobre ela, a exemplo de Miguel Reale, o próprio chefe nacional, Plínio Salgado, mantinha uma atitude irresoluta, confessando-a em 1935, num texto que a chefia estadual do integralismo no Rio Grande do Sul replicou em seu jornal:

III – Nós e a maçonaria – tendo, durante três annos seguidos, o Integralismo se conservado silencioso a respeito da maçonaria, jamais lhe dirigindo o menor ataque, podereis explicar a razão porque começaram a circular pelas lojas directivas no sentido de nos combater? (A *Offensiva*, 24/08/1935, p.1-12)

Desta forma, por perceber que a questão religiosa e a possível inserção de maçons na AIB eram temáticas que se mostravam sensíveis entre os camisas verdes do Rio Grande do Sul, tendo causado a saída de muitos católicos do integralismo e, simultaneamente, quase gerado um mal-estar entre duas de suas lideranças, Anor Butler Maciel e Dario de Bittencourt, entende-se que, acompanhando a postura hesitante das lideranças nacionais, o triunvirato gaúcho deixou esse debate em suspenso.

Isso se coloca pois, se os três líderes lançaram uma nota na qual Anor Butler Maciel visivelmente recuou em sua postura – não se sabe se acabou sendo repreendido por Dario de Bittencourt ou se, de fato, mudara de posição aceitando as explicações de Miguel Reale e dos outros líderes – o próprio Plínio Salgado entrou em contradição com as explicações prestadas pelas lideranças antes consultadas.

Essa situação se verificou nos desdobramentos da saída do grupo de católicos do integralismo, quando um deles, Pedro M. Weinman, retornou para as fileiras do sigma depois de receber informes vindos de Plínio Salgado sobre a presença de maçons na AIB, situação que fez com que declarasse que tudo não passava de um mal entendido:

---

<sup>461</sup> Ver: Entrevista com Arsênio Firmino Novaes Netto, Juiz de Fora, 31/03/2017 e Entrevista com Walter Bastos Geraldo, Juiz de Fora, 31/03/2017.

Tendo recebido do sr. Plínio Salgado amplos e satisfactorios esclarecimentos sobre todos os pontos que ocasionaram a retirada do referido grupo, como passo a explicar abaixo, nada vi que tolhesse minha volta a A.I.B. A primeira razão apontada em nossa carta era o facto do Movimento Integralista estar recebendo maçons em seu seio e lhes designando postos de mando. Perguntado acerca deste ponto, disse-me o Chefe Nacional que a A.I.B. não admite que em suas hostes membros que obedeçam a ordens emanadas de qualquer sociedade secreta, seja ela qual fôr, e que venham a perturbar a autoridade suprema da A.I.B. e influir no sentido da discussão de ordens e directivas da Chefia do Integralismo. (*O Integralista*, 07/10/1934, p. 3)

Frente a esse quadro de manifestações divergentes, fruto de uma posição hesitante de Plínio Salgado, presumivelmente com o objetivo de não se indispor com suas lideranças no Rio Grande do Sul e não perder parte da militância, o que se pode verificar, e aqui concorda-se com a posição de João Fábio Bertonha, é que havia no interior do integralismo diferentes correntes que, no entanto, mantinham-se unidas sob um mínimo comum. (BERTONHA, 2014, p. 151)

Tal afirmação que apresenta-se simples, sem, entretanto, ser simplória, ao sustentar que o integralismo não era monolítico, possibilita que se conceba a existência de certos espaços nos quais os camisas verdes – em especial, suas chefias que gozavam de maior poder – poderiam, dentro de um certo limite, manter atuações menos presas aos ideais “prescritos” pelas lideranças nacionais como “desejada”. Seria por entre estes espaços que líderes integralistas, como Oscar Machado, articulariam elementos que, num primeiro momento, pareciam ser irreconciliáveis, como ser maçom e integralista, sincronicamente.

Exemplificado pelo episódio ocorrido na AIB gaúcha, pode-se propor que os problemas gerados pelas críticas feitas às divergências existentes entre aquilo que era definido como uma ideal atuação de um integralista e aquilo que era de fato visualizado na prática, em boa medida, era ocasionada pela falta de homogeneidade das lideranças estaduais ou locais que, no limite, poderia ser vista como um desdobramento do desorientamento destas em relação a questões doutrinárias, justamente por conta da posição titubeante da chefia nacional em relação aos temas mais complexos. (PIMENTA, 2019, p. 28-31)

Sobreleva-se, no tocante ao envolvimento de integralistas com a maçonaria que, se essa atitude permissiva foi tomada nas consultas feitas pelo triunvirato e existia certo desencontro nas posições dos membros da chefia nacional sobre isso, a exemplo da confessa postergação de uma tomada de decisão sobre o tema por Plínio Salgado (*A Offensiva*, 24/08/1935, p.1-12), tal estado de coisas não ocorria no interior da sociedade secreta.

Como se observou no terceiro capítulo, o acontecimento que ilustra essa posição de modo peremptório ocorreu em 1934. Neste ano, o Grão Mestre da maçonaria no Brasil distribuiu para todas as Lojas maçônicas do Grande Oriente uma circular informando que, em atendimento às questões feitas por várias Lojas, acerca da posição a ser tomada frente à Ação Integralista Brasileira, o Conselho Geral aprovou um parecer da Comissão de Justiça pontuando ser incompatível a presença de integralistas na sociedade secreta. (CASTELLANI, 2012, p. 154)<sup>462</sup>

Ainda sobre essas tais “incompatibilidades”, René Gertz afirmou que teria sido por conta da presença de diferentes correntes cristãs, de membros da maçonaria e pela tentativa da AIB agradar a todos sem conseguir resolver as animosidades existentes entre protestantes e católicos em seu interior que a Igreja Católica não teria lhe empenhado um apoio formal como desejava Plínio Salgado. (GERTZ, 2007, p. 81)

Por seu turno, João Fábio Bertonha propôs que a indefinição quanto à AIB ser ou não um movimento católico – e aqui se faz um parêntese de que essa decisão não cabia ao integralismo, mas sim à Igreja Católica aceitar empenhar seu apoio oficial a ele, situação que não veio a ocorrer – trazia um mal estar geral:

O grande problema é que essa indefinição irritava os dois lados. No Congresso de Vitória de 1934, por exemplo, quando foi confirmada a não vinculação absoluta com o catolicismo, vários católicos mais radicais romperam com o movimento. Foi o caso, por exemplo, de Plínio Corrêa de Oliveira, futuro criador da TFP. Ao mesmo tempo, os vínculos com o catolicismo eram tão claros que incomodavam os protestantes, tanto que o luterano Emilio Kaminski, importante militante no RS, dizia-se o defensor de sua fé, frente aos desejos de hegemonia católica, dentro do integralismo. (BERTONHA, 2014, p. 133)

No excerto acima, avulta-se que essa era uma questão importante com potencial de afetar os protestantes gaúchos caso viesse a se concretizar. Apesar de não ter sido possível verificar se outro camisa verde protestante tenha manifestado posição semelhante a de Emílio Otto Kaminski, notou-se que, contrariando a tese de que as coisas se acalmaram entre os católicos e protestantes na AIB, anos depois ele voltaria a defender

---

<sup>462</sup> Esta circular foi prontamente recebida pelas Lojas de todo o Brasil sob a supervisão do Grande Oriente do Brasil, como se pode constatar na matéria publicada pelo *O Integralista* de Porto Alegre, que repercutiu seu cumprimento em Teófilo Otoni, Minas Gerais (*O Integralista*, 09/07/1935, p. 4) e, como mencionado antes, possivelmente, também no opúsculo escrito pelo maçom Dario Nogueira dos Santos, da Loja de Paranaguá-PR, que criticou o Manifesto Integralista, sua violência, situando a AIB ao lado das experiências fascistas europeias. (SANTOS, 1934)

o espiritualismo e a não vinculação dos camisas verdes ao catolicismo em uma carta enviada a Plínio Salgado e também numa nova polêmica que envolveu Ernani Fiori.<sup>463</sup>

Ao se observar essa polêmica de uma forma mais ampla, reitera-se que é demasiado complexa a compreensão do modo como se deu a relação da AIB com as diversas correntes cristãs em seu interior. Caso os integralistas se aproximassem demais da Igreja Católica, poderiam ser causados problemas com os protestantes, ao passo que, ao se manter uma postura mais flexível, abarcando todas as igrejas cristãs, ocasionalmente surgiriam problemas com os católicos.

Contudo, mesmo ponderando que a maioria dos militantes integralistas eram católicos, inclusive no Rio Grande do Sul, a não formalização do apoio da Igreja Católica para a AIB possibilitou que espaços se abrissem para a atuação política protestante no estado, cujo contingente não era nada insignificante. A esse respeito, valeria discorrer algumas linhas concernentes à posição adotada pela mais alta autoridade católica no Rio Grande do Sul sobre a AIB, o arcebispo D. João Becker.

Consoante muitos estudos já demonstraram, o arcebispo mantinha uma relação de simpatia pelo fascismo italiano, chegando a flertar com o integralismo no momento de sua chegada no estado.<sup>464</sup> Dada a exaustiva discussão sobre o tema, bastaria reforçar que, em parte, por força das benesses concedidas por Getúlio Vargas à Igreja Católica na Constituição de 1934<sup>465</sup>, com o intuito de obter seu apoio, se pode entender o que teria feito com que D. João Becker se afastasse da AIB e passa-se a criticá-la em seus escritos e discursos.<sup>466</sup>

<sup>463</sup> Sobre o primeiro ponto, ele enviou uma carta a Plínio Salgado, afirmando ser protestante e que a união de cristão deixando de lado as diferenças seria o modo mais eficaz de se combater o marxismo. Infelizmente a carta está incompleta e como ele também datilografou contiguamente ao corpo do texto, na sequência ele teria alertado Plínio Salgado contra elementos que queriam dar feição católica ao integralismo. (Carta de Emílio Otto Kaminski a Plínio Salgado em 06/04/1937. Disponível em: Fundo: AIB/PRP (Delfos) – 1 Pessoal – 1.3 Emilio Otto Kaminski – Descritores: Carta de Emílio Otto Kaminski a Plínio Salgado em 06/04/1937. Sobre o segundo ponto, pelo que se deduz, Ernani Fiori respondeu a um artigo escrito por Emilio Otto Kaminski no jornal *Revolução*, fato que gerou a necessidade de uma réplica. Esta foi solicitada por Dario de Bittencourt, que enviou um bilhete a Kaminski alertando-lhe ser conveniente dar uma resposta com base em um artigo de Otavio de Faria. Este deveria afirmar que a divisão dos cristãos favoreceria os comunistas. Emilio Kaminski atendeu a estas orientações e publicou um artigo no jornal *Revolução*. Porém, chama a atenção o final do texto, no qual ele anunciou que não voltaria a debater sobre tal tema pois a chefia nacional o proibira de escrever textos de cunho doutrinário. (*Revolução*, 05/06/1937, p. 2)

<sup>464</sup> Além de sua Carta Pastoral, *Normas de Renovação Social – Vigésima quinta carta pastoral* (BECKER, 1935), dentre os vários estudos que abordaram as relações de D. João Becker com o integralismo no Rio Grande do Sul e a simpatia que demonstrava para com o fascismo italiano, podemos citar: (CHAVES, 1999; CORREA, 2011; MILKE, 2003; ISAIA, 1998, KONRAD, 2015 e TONINI, 2003).

<sup>465</sup> Em sua Carta Pastoral de 1935, D. João Becker ressaltou as conquistas obtidas pela Igreja Católica com promulgação da Constituição de 1934. (BECKER, 1935, p. 162).

<sup>466</sup> Algumas linhas de nossa autoria sobre esse assunto se encontram em: (PIMENTA, 2019; GONÇALVES; PIMENTA, 2019).

Concomitantemente à ocorrência dessas contendas, inegavelmente pairava nos arraiais integralistas um clima de euforia, sobretudo no ano de 1937, quando em virtude da proximidade das eleições presidenciais, marcadas para 1938, eles intensificaram suas ações de propaganda, nas quais Oscar Machado teve uma atuação importante.<sup>467</sup>

---

<sup>467</sup> Por fim, para concluir, ao lado desta discussão, no próximo capítulo se abordarão as interdições do metodismo à participação de seus membros na AIB e o modo como Oscar Machado lidou com isso, equacionando seu *projeto político* e a posição de sua igreja sobre o mesmo.

## 6. A DERROCADA DO INTEGRALISMO E O FIM DAS INCOMPATIBILIDADES DOCTRINÁRIAS DA ATUAÇÃO DE OSCAR MACHADO NA POLÍTICA

### 6.1 O ÁPICE E O INÍCIO DO DESMANTELAMENTO DA AIB NO RIO GRANDE DO SUL

Apresentadas as principais discussões que envolveram o integralismo e que, direta ou indiretamente, tiveram algum impacto nas trajetórias de seus militantes, sem que se tomem tais situações de forma estanque, apartadas da sequência na qual se deu a dinâmica política da AIB, é preciso retornar ao percurso seguido por Oscar Machado em suas hostes.

Desta feita, tendo Nestor Contreiras Rodrigues assumido a chefia provincial do integralismo gaúcho no início de 1936 e realizado algumas mudanças em seu secretariado, dentre as quais a substituição de Oscar Machado, esse último voltaria a ocupar um posto de relevância hierárquica da AIB no estado poucos meses depois.

Em julho do mesmo ano, acompanhando as transformações realizadas nas Secretarias Nacionais do Integralismo, suas equivalentes no Rio Grande do Sul foram reorganizadas sendo que, na nova divisão, elas tiveram como seus responsáveis os seguintes camisas verdes:

Das Corporações e Arregimentação Eleitoral, o companheiro Octavio Cabral; de Educação e Cultura Physica, o companheiro João Maria de Linhares; de Finanças, o companheiro João Leonard; de Propaganda, o companheiro Francisco Esteves Barboza; de Arregimentação Feminina e da Juventude, a companheira Aurora Nunes Wagner; de Imprensa, o companheiro dr. Dario de Bittencourt; de Cultura Artistica, o companheiro Leo Schneider; de Doutrina e Estudos, o companheiro dr. Emilio Kaminski; de Assistencia Social, o companheiro Jayme Castro; Chefe do Gabinete Provincial, o companheiro José Erasmo Nascentes. (*Correio do Povo*, 29/07/1936 p. 7)

Em paralelo a essa configuração das novas secretarias, o novo Conselho Provincial, além dos nove secretários acima mencionados, ainda contaria com os seguintes camisas verdes:

(...) dr. Anor Butler Maciel, dr. Arlindo Amoretty Saraiva, Hugo Berta, Roberto Diehl, Romano Tofolly Culau, José Erasmo Nascentes, Angelo Maximo Galinati, prof. Oscar Machado, Egon Renner, Assay Fernandes Nunes de Lima e Helio da Fonseca. (*Correio do Povo*, 29/07/1936 p. 7)

Pouco tempo depois de assumir um posto no novo Conselho Provincial, junto do chefe provincial interino, Mario Ferreira de Medeiros, Oscar Machado voltaria a realizar conferências nas sedes da AIB, a exemplo da ocasião na qual esteve no Departamento Feminino de Porto Alegre. (*Correio do Povo*, 31/07/1936, p. 7)

Nesta nova fase do sigma no Rio Grande do Sul, Oscar Machado também realizou conferências em mais de uma ocasião no núcleo central integralista de Porto Alegre. A primeira delas ocorreu na sessão de posse do novo secretariado provincial, na qual proferiu sua fala acompanhado dos camisas verdes Octaviano Cabral, Jayme Castro, Hugo Berta, Moacyr Azevedo e Pedroto Hengist. (*Correio do Povo*, 05/08/1936, p.15) A segunda conferência ocorreu em um dos eventos da Secretaria Municipal de Cultura Artística em parceria com a Secretaria Municipal de Política, ocasião na qual Oscar Machado era acompanhado em sua fala por Emílio Otto Kaminski. (*Correio do Povo*, 30/08/1936, p. 15)

Pode-se afirmar com boa dose de segurança que, nessa nova etapa, Oscar Machado alcançou uma projeção ainda maior do que aquela antes exercida, não só pelo cargo ocupado e as participações como orador nas sessões doutrinárias e culturais da AIB, mas por também ter sido alçado a um papel de destaque no Segundo Congresso Provincial sediado em Porto Alegre.

Marcado para ocorrer entre os dias 24 e 26 de setembro, no Cine-Theatro Navegantes, o programa do congresso contava com dez teses principais que seriam apresentadas no decorrer de suas sessões, sendo elas:

- 1.º – Plano de fundação de nucleos em todos os municipios e districtos da Provincia, até 31 de dezembro do corrente anno
  - 2.º – Inscipção dos integralistas nos syndicatos das profissões a que pertencem.
  - 3.º – Formação de syndicatos em todos os municipios.
  - 4.º – Meios de educação politica no sentido de destruição do caciquismo e do messianismo.
  - 5.º – Acção dos professores integralistas.
  - 6.º – Estabelecimento de escolas primarias e secundarias nos nucleos quer municipaes quer districtaes.
  - 7.º – Assistencia social aos integralistas e não integralistas.
  - 8.º – Fontes de rendas.
  - 9.º – Suggestões para a fundação de um jornal diario na capital.
  - 10.º – Cultura moral, physica e civica.
  - 11.º – Cultura artistica.
  - 12.º – Doutrinação integralista.
- (*Correio do Povo*, 24/09/1936, p. 11)

Reunindo cerca de trinta chefes municipais e quarenta chefes distritais, número significativo, segundo os integralistas, – uma vez que havia cinquenta núcleos municipais da AIB no estado, fora os distritais e os sub-núcleos – o Congresso foi motivo de euforia entre os camisas verdes que, apesar dos problemas enfrentados, mostravam-se confiantes com seu crescimento e fortalecimento. (*Correio do Povo*, 26/09/1936, p. 12)

Em sua abertura, após ter discursado o líder provincial, Nestor Contreiras Rodrigues, coube a Oscar Machado realizar sua exposição em nome dos integralistas de Porto Alegre. A tônica inicial de sua fala girou em torno da necessidade de união dos camisas verdes frente ao perigo comunista:

Devemos estar unidos. O sofrimento liga mais os homens que o prazer. As dores da nossa ephoca, as dores do amor patrio e da nossa alma estão nos unindo. Já vencemos a etapa do ridículo, já vencemos a do silencio e estamos vencendo a terceira que se desenvolve em campo razo. Neste momento em que se trama um golpe comunista contra a patria, golpe que nós integralistas conhecemos e denunciemos á patria, golpe que visa a destruição do Brasil e visa a destruição do Integralismo que é a moral, o esteio e alma do Brasil, nossa campanha não é de violencia, mas é pacifica, ideologica, espiritual. (*Correio do Povo*, 26/09/1936, p. 12)

Após mencionar que o integralismo estaria se espalhando por todo o país, ele defendeu a AIB face às acusações de que ela era subversiva, ressaltando, no final de sua fala, a força e a convicção de que o sigma triunfaria:

Accusam-nos de actividades subversivas e atuar á face de todos os homens de bem do Brasil o balcão gratuito da inépcia. (...) Somos uma força physica, mas somos antes de tudo uma força cultural, de caracter politico social-educativo. Ahi estão os nosso livros, os nossos jornaes que o attestam. Ahi estão os nossos oradores que em suas conferencias o affirmam e provam. E o motivo de nossa reunião não é porque somos uma força physica, mas porque somos uma corrente moral, uma grande corrente cultural no seio da sociedade brasileira. Eis o motivo deste Congresso. Trabalhae estudaee, mas tendes a certeza que o dia de nossa victoria chegará. (*Correio do Povo*, 26/09/1936, p. 12)

Na continuação do Congresso, Oscar Machado apresentou também uma das teses da Secretaria Provincial de Estudos, referente à educação primária e o integralismo. Além disso, integrou a comitiva composta pelo gabinete da chefia presencial do Rio Grande do Sul, que recebeu o enviado de Plínio Salgado para o encerramento do evento, Everaldo Leite, membro do Conselho Supremo da AIB, como se observa na imagem abaixo. (*Correio do Povo*, 27/09/1936)





Imagem 30: Fundo AIB/PRP (Delfos) - Coleção Alfredo A Beck – Descritores: Visita a Porto Alegre do Sr. Everaldo Leite (segurando um jornal na mão), a sua esquerda Nestor Contreiras Rodrigues. O primeiro da esquerda para a direita é Oscar Machado e o terceiro é Emílio Otto Kaminski.

Passado o Congresso Integralista, Oscar Machado continuaria a figurar com destaque em eventos integralistas, como na ocasião da realização da campanha do ouro em Porto Alegre. Lançada em janeiro de 1937, essa ação visava a arrecadar doações de ouro e prata, para o custeio da candidatura de Plínio Salgado ao cargo de presidente da República no pleito que estava previsto para ocorrer em 1938.

Assim, na sessão da AIB, ocorrida em 15/02/1937, após Nestor Contreiras Rodrigues iniciar a campanha ao doar todas as joias que ele e sua esposa possuíam, sua iniciativa foi acompanhada por cerca de cinquenta camisas verdes, dentre eles Oscar Machado, que teria ofertado um anel de formatura de ouro. (*Revolução*, 20/02/1937, p. 1-4)

Nessa seara, dando prosseguimento às medidas para o fortalecimento da AIB e para sua preparação para as futuras eleições, Nestor Contreiras Rodrigues convocou os líderes dos núcleos integralistas de Porto Alegre que haviam sido fechados, sobretudo os dos bairros Bonfim, São João e Navegantes, e realçou que os camisas verdes passariam a trabalhar para a abertura de novos núcleos. (*Revolução*, 06/03/1937, p. 1)

Pouco tempo depois, em meio às novas alterações realizadas por Nestor Contreiras Rodrigues, além da reorganização das regiões nas quais os núcleos integralistas seriam agrupados no Rio Grande do Sul, da nomeação e substituição de seus líderes, a mu-

dança mais significativa do ponto de vista hierárquico seria o retorno de Oscar Machado à chefia da Secretaria Provincial de Estudos. (*Revolução*, 20/03/1937, p. 2)

No mês seguinte, a primeira página do jornal *Revolução* informava que, de modo vanguardeiro, os camisas verdes realizariam um plebiscito para a escolha de seu candidato à corrida presidencial, numa demonstração do que seria aquilo que designaram como sendo a “verdadeira democracia”. (*Revolução*, 24/04/1937, p. 1)

Ocorrido em 22/05/1937, segundo dados apresentados pelos integralistas, o plebiscito teria sido bastante exitoso pois Plínio Salgado, o candidato mais votado e, conseqüentemente, o escolhido para representar os camisas verdes nas eleições, teria recebido mais de meio milhões de votos. (*Correio do Povo*, 06/06/1937, p. 7)<sup>468</sup>

A essa euforia, numa demonstração de esforço por expandir a capilaridade da AIB em Porto Alegre, tentando angariar, desta forma, mais votos na eleição marcada para 1938, juntava-se a iniciativa aprovada pela chefia provincial do Rio Grande do Sul de autorizar a criação de mais 14 núcleos na cidade. (*Revolução*, 29/05/1937, p. 4)

Esse esforço para incrementar a atuação da AIB na capital persistiu nos meses seguintes, tendo Oscar Machado uma assídua atuação como propagandista ao realizar inúmeros discursos para públicos diversificados, situação que, cada vez mais, o consolidava como um dos principais ideólogos do integralismo em todo o estado, cujo *capital intelectual* era reconhecido por seus pares e reconvertido para o trabalho que desenvolvia na AIB.

No início de junho, ao lado dos camisas verdes Emilio O. Kaminski, representante do chefe provincial, Luiz A. da Cruz, chefe da divisão de organização sindical e Andriago Braga, Oscar Machado comandou uma sessão doutrinária e de propaganda no núcleo do bairro de São João. (*Correio do Povo*, 10/06/1937, p. 7)

Neste mesmo mês, ele também discursou no núcleo central de Porto Alegre para repercutir a viagem que fez a Uruguaiana. Em sua fala, Oscar Machado informou que em sua região natal estaria em curso uma desilusão com os velhos partidos como, por exemplo, com o Partido Castilista, ao passo que o integralismo vinha conquistando a simpatia de pessoas de diversas camadas sociais e ramos de atividade:

Prosseguindo o orador afirmou que, muitas pessoas com quem palestrava, mostrando-se desiludidas dos actuaes partidos que defendem o regimen liberal, ja agora não escondem a sua crença de que só o integralismo podera assumir a responsabilidade dos mais profundos problemas da Nação Brasileira,

<sup>468</sup> É importante lembrar que não era incomum a atitude dos integralistas superestimarem o real número de seus membros. Sobre isso, rever: (CALIL, 2005, p. 221; GONÇALVES; OLIVEIRA, 2016, p. 168).

sem interferencia, directa ou indirecta de facções ou grupos de capitalistas que tem outros interesses acima dos sagrados interesses da Patria tão desastradamente administrada pelo regimen liberal. (*Correio do Povo*, 30/06/1937, p. 5)

Além de atacar o regime liberal, na continuação de seu discurso, ele mencionou que os diminutos camisas verdes de Uruguaiiana e região estariam realizando um grande trabalho pois, mesmo face à ironia dos inimigos, teriam aberto duas escolas de alfabetização:

No districto de Imbahá a mesma dedicação e também um número relativamente pequeno de batalhadores, porém um verdadeiro exemplo de alta compreensão das nobres finalidades do movimento que quer conduzir o Brasil ao elevado posto que merece no concerto das Nações. Os esforçados Camisas-Verdes de Uruguayana ainda atravessam a phase que em Porto Alegre já foi vencida. A do desprezo pela estúpida e ignorante massa da burguezia, o que, affirma o orador, será vencida pela força de character e nobreza de Ideal dos heroicos Camisas-Verdes uruguayenses. Finalisa o brilhante orador concitando os Camisas-Verdes portoalegrenses a se dedicarem, e dizendo que a palavra de ordem deve ser, conforme acabara de ler o chefe municipal, sr. Hugo Berta – todos a trabalhar –. As ultimas palavras do orador foram abafadas por vibrante salva de palmas. (*Correio do Povo*, 30/06/1937, p. 5)<sup>469</sup>

Neste contexto de otimismo vivenciado pelos camisas verdes, no início do mês de agosto, Oscar Machado e uma série de outros protestantes metodistas e luteranos<sup>470</sup> vinculados ao integralismo publicaram um artigo no jornal *Correio do Povo*, com objetivo de combater aquilo que designaram como uma ameaça comunista e de galvanizar um maior apoio à candidatura de Plínio Salgado.

<sup>469</sup> Em 1937, reiteradamente, os camisas verdes anunciaram que haveria um apoio ao integralismo por parte dos católicos do Rio Grande do Sul. Em fevereiro publicaram uma matéria repercutindo um texto que circulou num órgão da juventude católica no qual esta, ao combater o comunismo e o liberalismo, teria atestado que, sem problemas, qualquer católico poderia integrar a AIB. (*Revolução*, 27/02/1937, p. 2). Especificamente sobre Uruguaiiana, afirmaram que o Monsenhor Ricardo Liberali, Vigário Geral do bispado e Cura da Catedral, teria aderido ao integralismo e passado a aconselhar todos os católicos a fazer o mesmo. (*Correio do Povo*, 15/04/1937, p. 7) Após adentrar nas hostes integralistas, ele publicou um manifesto no qual explicitou sua defesa da AIB, questionando o não apoio da Igreja Católica aos camisas verdes e também a própria LEC: “*Ele é que pode arrancar dos partidos carunchados REGIONAIS, a sordida politicagem de certo elemento que vota no partido nem que apresente a SATANAZ, como aconteceu aqui e em toda parte, com grande gaudio do comunismo. A Liga Eleitoral Catolica foi uma grande força, mas não sendo organização politica, termina-se com o pleito e em seguida os políticos tramam a derrubada das conquistas da força catolica. É preciso uma força NACIONALISTA, não REGIONALISTA, CONSERVADORA e ESPIRITUALISTA, que não fale em nome da religião católica. ESTES REQUISITOS só os tem no Brasil, o INTEGRALISMO, em boa hora surgido.*” (*Revolução*, 17/04/1937, p. 4) Por fim, em agosto, os integralistas, tentando reforçar este apoio recebido de parte dos católicos e de membros da Igreja, informaram que um outro padre, José Ben, desta vez da cidade de Antônio Prado, teria ingressado nas fileiras do sigma. (*Correio do Povo*, 10/08/1937, p. 9)

<sup>470</sup> Não se sabe se além dos metodistas e luteranos outros membros de Igrejas Cristãs diferentes subscreveram o artigo. De todo modo, junto de Oscar Machado, assinaram o texto os seguintes nomes: Emílio O. Kaminski, Léo Schneider, Aurora N. Wagner, Wagner Ataliba Marçal; Jairo Wagner, Moacyr Castilhos de Azevedo; Werner Schneider, Walter Franke, Arnildo Kuwer, Carlos Aurich, Gottlieb Miguel Kaminski, Nestor Silva Soares, Ricardo Leão, Ephraim Wagner, Eugenio Goerl e Augusto E. de Freitas. (*Correio do Povo*, 03/08/1937, p. 6)

Deste modo, lançaram um apelo dirigido a todos os protestantes do estado, cujo conteúdo inicial marcava-se pelo apelo religioso e pelo caráter alarmista:

Nos dias que correm não é segredo para quem tem olhos de ver que o Brasil está na imminencia de ser novamente victima de um golpe tecnico dos agentes do Komintern. Este, porém, será muito mais terrivel que o de Novembro de 35, porquanto o ambiente é muito mais propicio. Já se encontra esboçada a maior arma do communismo no Brasil, que é a “Frente Popular”. Por meio della os vermelhos obtem o apoio de todos os chamados esquerdistas e “anti-fascistas”, roseos e alaranjados, enfim de todos os inimigos do Christianismo. É chegado, pois, o momento de acção dos adversarios de todas as Patrias, destruidores dos lares christãos e violadores da honra e de seus semelhantes. (*Correio do Povo*, 03/08/1937, p. 6)

Na continuação da matéria, junto da acusação de que elementos comunistas estariam se infiltrando nas candidaturas de José Américo e Armando Sales de Oliveira para o posto de presidente da república, os autores afirmaram que essas seriam também apoiadas por elementos antifascistas e anticristãos, apresentando assim como única alternativa a eles o líder integralista, Plínio Salgado:

Ora, como poderemos nós, que combatemos alto e bom som pela Fé e pela religião de Christo, marchar contra nossos maiores inimigos? Naturalmente tal não é possível. Destarte, cumpre-nos examinar o terceiro candidato, produto de um plebiscito realizado pelo Partido Integralista: Plínio Salgado. Por quem elle é apoiado? Que prega elle? Não haverá quem possa afirmar que elle conta com o apoio de comunistas, porque elle é precisamente o chefe da maior corrente nacional adversária do comunismo. Elle prega Deus, Patria e Familia, trilogia tão cara ao nosso coração. Elle deseja construir uma grande Patria christã, respeitando todas as religiões christãs, como affirma claramente em seu Manifesto Programma, sua Plataforma, e combatendo por todos os meios o materialismo grosseiro que campeia o nosso mundo. (...) É, pois, a Plínio Salgado que nos cumpre apoiar, mesmo que muitos de nós desconheçam mais a fundo a doutrina do Integralismo, porque, sem duvida, a sua candidatura traz em si a certeza de que não contribuirá para a victoria de nossos mais acerrimos inimigos. Protestantes! Meditae as palavras acima, que vos são ditas com toda sinceridade por vossos irmãos de fé! (*Correio do Povo*, 03/08/1937, p. 6).

Daniel Milke afirmou que a tentativa dos integralistas em buscar o apoio das correntes protestantes não se trataria de uma busca por apoio formal, mas sim de uma tática de se aproveitar o momento da corrida eleitoral e angariar um maior apoio possível para Plínio Salgado e os demais candidatos integralistas. (MILKE, 2003, p. 113-114) Todavia, se, de fato, esse era o intuito dos integralistas, ele não teria sido alcançado uma vez que não só os luteranos não decretaram seu apoio aos camisas verdes, como também os metodistas não o fizeram.

Sobre os segundos, tem-se que, duas semanas depois de Oscar Machado e os demais integralistas terem publicado seu artigo, a resposta viria por meio de um texto relativo às eleições que estavam marcadas para o ano seguinte, que foi subscrito pelos pastores metodistas Eduardo Menna Barreto Jayme, Sante Uberto Barbieri, João Ignácio Cerrilhanes e Oscar Koeche.

Neste, os autores mencionaram ser dever de todos os protestantes do estado com mais de dezoito anos se alistar e tirar seu título de eleitor, sendo que, em cada município, haveria um líder leigo para auxiliá-los nessa tarefa. (*Correio do Povo*, 15/08/1937, p. 13) Além disso, eles enfatizaram que essa mensagem não teria quaisquer conotações partidárias. Pelo contrário, conclamavam todos os evangélicos a votar de acordo com sua consciência e em obediência aos postulados do programa evangélico brasileiro.

Finalmente, no que tangia ao pleito para a presidência, os pastores afirmaram:

Quanto á sucessão na presidencia da Republica e na Camara Federal, deve-se levar em conta o programma e a qualidade dos candidatos. Seguindo o conselho do senhor José de Souza Marques, illustre diretor do Bureau de Coordenação Eleitoral dos Evangélicos do Brasil (...) a preferencia por candidatos só deve ser aquella que não fira e não contrarie os principios professados pelos evangélicos (...) Os candidatos em que se votar devem ser cidadãos de convicções definidas e uma garantia aos postulados protestantes. (...) Não se olvidem, sobretudo, estas tres linhas mestras que irradiam gloriosas e intransigentes do pensamento evangelico: a) Repulsa a todo systema que pretenda usar da violencia para a consecução de seus objetivos. b) Igualdade dos direitos das gentes. c) Faculdade irrestricta de pensar e de divergir. (*Correio do Povo*, 15/08/1937, p. 13)

Não obstante, na semana seguinte, um fato causaria um atrito entre os camisas verdes e algumas lideranças da Igreja Metodista do estado do Rio Grande do Sul, situação que, contingencialmente, pode ter gerado certo desconforto para Oscar Machado e os demais metodistas integralistas frente à cúpula da denominação religiosa da qual faziam parte.

Trata-se de um artigo que, publicado a pedido dos integralistas do Rio Grande do Sul, tentou se valer daquele que foi publicado pelos líderes metodistas no jornal *Correio do Povo* e apresentar a AIB como a única força política capaz de concretizar a posição defendida pelos pastores últimos, de acordo com as propostas protestantes, alegando que essas seriam o próprio corolário das posições políticas dos camisas verdes.

Em seu início, exaltando o caráter ecumênico da AIB, ele se valeu de tons mais genéricos, enaltecendo a posição defendida pelos pastores metodistas, de modo a tentar

associar os evangélicos com as propostas do integralismo, sugerindo que este contaria, no mínimo, com sua simpatia:

Para os camisas-verdes desta Provincia essa “Mensagem” reveste-se de grande importância pois que, pelos itens nella contidos, verifica-se a grande repercussão que está tendo a doutrina integralista entre os elementos evangélicos, bem como a indisfarçável sympathia e quiçá decidido apoio, com que a candidatura de Plínio Salgado está sendo recebida entre os representantes de todos os sectores do Christianismo. (*Correio do Povo*, 22/08/1937, p. 10)

Após discorrer sobre os três itens que haviam sido mencionados como mais importantes para os pastores metodistas, em relação aos aspectos que os protestantes deveriam se atentar para escolher seus candidatos nas eleições previstas para 1938 – a repulsa pelos sistemas violentos, a defesa da igualdade entre as pessoas e a liberdade para divergência – os integralistas finalizaram seu texto num tom bem mais otimista, tentando se colocar como apoiados pelos pastores que assinaram o texto anterior:

De sorte que, attendendo aos sabios conselhos dos illustres pastores evangelicos, têm os seus fieis que optar pelo nome de Plinio salgado, o unico candidato de ideas definidas. Bem fizeram os pastores evangelicos definindo-se pela candidatura do Chefe Nacional do Integralismo, porque, na hora amarga que passa, só elle deve ser o candidato dos homens de religião que não querem ficar imparciaes quando a Patria está em perigo. Nós renegamos a imparcialidade porque o homem imparcial é medroso e porque entre duas forças que defrontam, só não toma partido o que teme afirmar ou negar. Entre o bem e o mal não é possível a indecisão. Condemnamos esses que se dizem “esquerdistas” e não tem a coragem de se confessar communistas, preferindo o rotulo côr de rosa de um socialismo qualquer á responsabilidade das affirmações claras e definidas. (*Correio do Povo*, 22/08/1937, p. 10)

Não se sabe, exatamente, quem foi o responsável pela elaboração desse texto que os camisas verdes publicaram no jornal. Porém, não é impensável propor que, na condição de um dos principais líderes da AIB no estado, de notório intelectual no interior do integralismo e também por ser líder leigo metodista, Oscar Machado ao menos tenha sido consultado sobre o teor do mesmo.

Sem embargo, o objetivo do artigo de conclamar os protestantes a apoiar a candidatura de Plínio Salgado rapidamente recebeu uma resposta negativa por meio do *Correio do Povo*. Nessa, não só os pastores metodistas desautorizavam os integralistas a afirmarem que haviam recebido o apoio dos protestantes, como também denunciaram a estratégia dos camisas verdes de tentar pegar uma carona em seu artigo inicial para atrelar a candidatura de Plínio Salgado ao posicionamento político desta vertente do cristianismo no estado:

- a) nossa Mensagem aos evangélicos, de 15 do corrente, não pretendemos dar apoio a qualquer partido político ou candidatura.
- b) De acordo com o que acima afirmamos não demos apoio à candidatura integralista nem fizemos propaganda do mesmo credo político, o que se depreende claramente nos termos da Mensagem por nós dirigida aos evangélicos do Rio Grande do Sul. [...]
- e) Não dirigimos a Mensagem em caracter official nem em nome das Igrejas Evangelicas e, portanto, o titulo “O apoio dos Evangelicos á candidatura de Plinio Salgado”, usado no Manifesto da Acção Integralista Brasileira, não corresponde á verdade dos factos.
- f) Protestando vehementemente portanto contra a maneira habilmente usada para attrahir o eleitorado protestante pois é certo que na Mensagem por nós assignada não corroborámos na crença de que representantes evangelicos eram simpathisantes ou adeptos da doutrina e da candidatura do Sigma. [...] (*Correio do Povo*, 29/08/1937, p. 10)

Evidenciava-se no interior do metodismo que, a despeito do posicionamento de Oscar Machado e de outros membros da denominação religiosa de apoio ao integralismo, essa não teria sido acompanhada por membros importantes das suas lideranças no Rio Grande do Sul, tampouco por sua chefia nacional.

Sobre os primeiros, poderia-se destacar a figura de Santi Uberto Barbieri que, por conta de uma questão interna ao funcionamento da Faculdade de Teologia do IPA, entrou em rota de colisão com o reitor do instituto em 1937, conforme mencionou o próprio pastor ao relatar uma conversa que teve com Machado:

Depois de alguns “rodeos” disse-me que soubera antes do Con. Distr. que havia uma “articulação” ou “organização” trabalhando para “boicotar” a elle e aos “elementos” ligados ao Instituto Porto Alegre e que esse movimento partia da Faculdade de Theologia. Disse que não acreditaria a principio, mas que o resultado da eleição tinha vindo confirmar o que se lhe havia dicto. E queria saber o que havia de prác. Naturalmente neguei tal facto. Disse-lhe que em verdade eu havia comentado particularmente com alguns amigos sobre a necessidade de elegermos uma delegação que fosse defender o interesse da Faculdade, ameaçada por certos elementos, de facto não havia nenhuma propaganda organizada, nenhum elemento “alliciado”, nenhum nome foi (?) boycottado. Isto poderia ter influído no resultado da eleição indirectamente. Mas nenhuma conversa tinha eu tido ou a Odette com os delegados ao Distr. pois eram a nós desconhecidos na sua quasi totalidade. Agora, eu sabia de duas coisas que influíram poderosamente no resultado por um sentimento quasi unânime da Igr. a) a actividade política do director; é “um elemento” na hoste integralista; b) a pouca importância que se dava à religião no Inst. Porto Alegre (sic). (BARBIERI, APUD, CARDOSO, 2001, p. 171)<sup>471</sup>

Segundo Luis de Souza Cardoso, Santi Uberto Barbieri era contrário ao ideário fascista, inclusive em relação à sua manifestação brasileira, por ele descrito como

---

<sup>471</sup> Documento citado por Luis de Souza Cardoso. (CARDOSO, 2001, p. 171)

representante de “ideais anacrônicos”. Além disso, o nacionalismo de Oscar Machado poderia ser um motivo causador das desavenças entre ele e Santi Uberto Barbieri que era imigrante italiano. (CARDOSO, 2001, p. 120; 170-174)

Junto desses fatores, o autor assevera que as disputas entre Barbieri e Oscar Machado surgiram pelo fato de que o pastor era o diretor da Faculdade de Teologia do Sul (F.T.S.) que se situava no IPA e impediria a expansão do educandário que crescia no contexto de 1937, ocasionando sua transferência para Passo Fundo-RS. (CARDOSO, 2001, p. 170-174)<sup>472</sup>

Sem que a transferência de Santi Uberto Barbieri seja vista como uma vitória na queda de braços deste com a corrente integralista no interior do metodismo<sup>473</sup>, ela ajuda a perceber que Oscar Machado possuía prestígio na cúpula da igreja. Isso se coloca pois, na presença do bispo César Dacorso Filho, após Santi Uberto Barbieri apresentar uma queixa na Junta Regional de Educação Cristã, atestando que não desejava continuar na direção da F.T.S. caso Oscar Machado permanecesse à frente da reitoria do IPA, no Concílio Regional da Igreja, que teve início um dia depois desta reunião, decidiu-se pela transferência da F.T.S. para Passo Fundo-RS. (CARDOSO, 2001, p. 174)

Já em relação à chefia nacional do metodismo e sua posição em relação ao integralismo, de acordo com aquilo que ficou decidido no Concílio Regional Norte da Igreja Metodista do Brasil, em 1937 seria encaminhada uma proposição ao Concílio Geral, defendendo que o integralismo não se compatibilizaria com os ensinamentos do Evangelho.

Ao apresentar o posicionamento de Antônio de Campos Gonçalves, ex-aluno do *Granbery*, pastor metodista e membro da alta hierarquia da administração regional e superior, Arsênio Firmino Novaes Netto assegurou que a Igreja Metodista era contrária ao integralismo pois esse, ao se contrapor às doutrinas espirituais e morais do evangelho, feria a personalidade do cristão verdadeiro. Por isso, Antônio de Campos Gonçalves enviou uma acusação ao integralismo de que ele não se coadunava com os ensinamentos do Evangelho no plenário do Concílio Regional de 1937 que seria encaminhada ao Concílio Geral da Igreja:

---

<sup>472</sup> Posteriormente se comprovou, peremptoriamente, que Santi Uberto Barbieri era contrário ao integralismo. Quando se encontrava em Passo Fundo-RS, após a eclosão da intentona integralista – que será abordada adiante – ele e um grupo de maçons da cidade organizaram atividades patrióticas afirmando estar em defesa da nação, contra os extremismos, a exemplo da AIB. (IRSCHLINGER, 2001, p. 217)

<sup>473</sup> No embate envolvendo Santi Uberto Barbieri e Oscar Machado, Pery Machado, que também era integralista, se envolveu nas disputas entre os dois ao apresentar acusações ao Concílio Regional da Igreja Metodista contra o pastor. (CARDOSO, 2001, p. 172-173)



Considerando que o integralismo não é um partido político, mas um sistema político doutrinário, cujo lema e juramento se não coadunam com os ensinamentos do Evangelho, e cuja atuação, penetrando a Igreja, constringe a personalidade do cristão verdadeiro, pela contraposição de suas doutrinas espirituais e morais, com o santo Evangelho do Senhor Jesus, proponho que este Concílio encaminhe à próxima reunião do Concílio Geral um pedido a fim de que a Igreja Metodista do Brasil, por seu órgão legislativo, se defina, no tocante às suas relações com o novo sistema político doutrinário, cuja operação no Brasil é já largamente considerável. (*Anuário do Concílio Regional do Norte da Igreja Metodista do Brasil, 7ª Reunião, 1937, p. 67*)

Neste cenário, após a disputa que envolveu Santi Uberto Barbieri, compreende-se que, de modo distinto do que ocorrera em Juiz de Fora, Oscar Machado gozava de um volume de *capitais* muito maior no interior do metodismo. Assim, mesmo com as interdições que a cúpula de sua denominação religiosa fazia à participação de seus membros no integralismo, até onde se apurou, embora seu posicionamento nessa seara fosse diametralmente oposto àquilo que se colocava como esperado por seus membros, ele não recebeu quaisquer sanções ou represálias.

Contrastando com essa posição institucional adotada em 1937, se o clima se mostrava agitado no interior da Igreja Metodista e as tentativas da AIB obter apoio das denominações protestantes só fizeram isso se acirrar, em relação ao otimismo integralista, com a campanha de Plínio Salgado para a presidência, esse parecia continuar e se fortalecer ainda mais nos arraiais dos camisas verdes do Rio Grande do Sul.

Contudo, apesar dos integralistas se empenharem na abertura de mais núcleos na capital e manterem um serviço de alistamento eleitoral para ampliar sua base em Porto Alegre (*Correio do Povo, 10/08/1937, p. 9*), verificou-se que contiguamente ao otimismo demonstrado no período, eles passaram a chamar ainda mais a atenção da polícia.

Exemplo disso ocorreu em comício realizado no bairro Bom Fim<sup>474</sup> que, segundo informaram os camisas verdes, teria contado com a presença de, aproximadamente, seiscentas pessoas. Neste, um indivíduo exaltado teria começado a agredir verbalmente um dos integralistas que estavam discursando, situação que gerou a intervenção do delegado de Ordem Pública e Social, que estava presente no evento:

---

<sup>474</sup> Daniel Milke informa que, ao menos desde o ano de 1936, já existiam animosidades entre os integralistas e a comunidade judaica do bairro Bom Fim. Para ele, era patente o forte antissemitismo na capital gaúcha por parte dos integralistas, fator que teria ocasionado embates recorrentes. (MILKE, 2003, p. 186-187)

Foi nessa ocasião que o dr. Hermes Hervé, Delegado de Ordem Política e Social, dirigiu-se ao aparteante tentando amestalar-o, o que não pôde fazer, diante da atitude agressiva do indivíduo que imediatamente puxou de uma faca, e, livrando-se dos que o queriam prender, afastou-se fazendo uso de seu revólver e detonando contra os seus perseguidores que o foram agarrar já nas imediações do Campo da Redenção, enfrente da Capela do Divino. Nesse interim, a polícia perseguia o indivíduo, que segundo se sabe fugiu pela rua Venancio Ayres. Ouviram-se diversos estampidos. A grande maioria do povo fugiu para todos os lados. (*Correio do Povo*, 11/08/1937, p. 14)<sup>475</sup>

Mais importante do que se averiguar a fundo como teve início a confusão e como se deu a ação da polícia, é importante perceber que era comum a presença de agentes dos Departamentos de Ordem Pública e Social (DOPS) em tais eventos. Seguindo a “lógica da suspeição”<sup>476</sup>, eles agiam sempre que “preciso”, seja para apartar uma briga como parece ter sido o caso mas, sobretudo, para monitorar teor das falas, não raro, valendo-se da força física arbitrária para combater os ataques desferidos aos governos estaduais e federal.

Para se ter uma ideia da preocupação que os integralistas passaram a ter com a possibilidade de confronto físico contra seus adversários políticos, poucos dias depois dessa confusão ocorrida em seu comício, o chefe provincial interino, Francisco Venicio Leite, proibiu os camisas verdes de participarem de eventos de outros partidos ou de reuniões tidas como “anti-integralistas”, sob a justificativa de se evitar “explorações”. (*Correio do Povo*, 15/08/1937, p. 5)

Por conseguinte, dadas as possíveis animosidades que manifestações públicas poderiam causar, por ordem do chefe de polícia do estado, a partir de então, elas só seriam autorizadas a ocorrer em locais fechados, campos de associações desportivas ou teatros da capital, para que a polícia pudesse garantir a segurança dos eventos. (*Correio do Povo*, 22/08/1937, p. 15)

Desta feita, a convite de Aurora Wagner, Oscar Machado realizou uma palestra para a Secretaria de Arregimentação Feminina. (*Correio do Povo*, 22/08/1937, p. 15) Participou também de um comício no núcleo de Mont Serrat, em Porto Alegre, que se

---

<sup>475</sup> Em entrevista, Mario José Maestri assim relatou a confusão ocorrida no comício: “Bom, ali houve até um comício, onde hoje é o Pronto Socorro, ali era uma praça. Houve um comício nosso ali, da Ação Integralista, e lá pelas tantas correu bala, tiro. E morreu um pobre de um cidadão que estava na Venancio Aires, no segundo andar, ele estava estudando, estava no quadro negro estudando num colégio, e uma bala perdida matou o cidadão. Ali foi o primeiro comício tumultuado que eu assisti. Meu pai tinha maior participação na AIB do que eu. Basta dizer que ele acabou preso, meu pai foi preso em 1937. Ele foi preso por três dias, e foi quando minha mãe assombrada agarrou tudo que eu tinha na casa de livro, camisa, e fez uma fogueira. Ela queimou tudo!” (SILVA; CALIL, 2000, p. 91)

<sup>476</sup> Sobre isso ver: (SILVA, 2002).

deu sob proteção policial, numa demonstração de que, além da alegada insegurança, os policiais faziam o monitoramento das falas dos integralistas em tais eventos:

Dentro da mais perfeita ordem, teve lugar domingo ultimo á tarde o anunciado comício da Acção Integralista Brasileira, no Bairro Mont-Serrat, á rua Auxiladora, no salão parochial ali existente, estando presente grande massa popular. Falaram os srs. prof. Oscar Machado, academico Lauro Schuche, Sezefredo Vieira e por ultimo o sr. Francisco Venicio Leite, chefe provincial interino, congratulando-se pelo êxito do comicio de propaganda da candidatura Plinio Salgado. O serviço de policiamento esteve impecavel, merecendo elogiosas referencias das autoridades integralistas e do povo em geral. Não se registrou nenhum incidente, podendo o grande numero de pessoas não integralistas ouvir attentiosamente os oradores que explanaram com felicidade a doutrina do Sigma e demonstraram com argumentação solida o sentido da candidatura integralista. (*Correio do Povo*, 31/08/1937, p. [?])

Além da constante vigilância policial, os integralistas vinham há algum tempo sofrendo ataques por parte de matérias publicadas pelo jornal, *A Federação*, órgão difusor do Partido Republicano Liberal (PRL)<sup>477</sup> que, poucos dias depois do confronto ocorrido no comício integralista em Porto Alegre, abrangendo a realização de tais eventos pelos integralistas em todo o país, afirmou:

Os jornais do país, continuam comentando, em varios tons, os ultimos sucesos desenrolados por ocasião de comicios de propaganda dos integralistas. Ninguem, entretanto, até agora lembrou-se de dizer esta verdade simples: os integralistas, sempre que acontece um conflito, aparecem muito bem armados e geralmente o numero de mortos e feridos entre os adeptos do sigma, é significamente inferior aos das vitimas populares. (...) Á verdade, entretanto, é que o espirito do integralismo não se coaduna com o espirito nacional, apesar do tão apregoado nacionalismo desses pregadores de um regimen de força. Vocação medular para a liberdade, o Brasil sente nas manifestações do sigma uma ameaça constante, e daí talvez esse nervosismo causador de choques irreparaveis se manifesta por ocasião das encenações desses condutores de uma ideologia politica perfeitamente esdruxula no clima brasileiro. (*A Federação*, 20/08/1937, p. 3)

Mantendo o tom de suas críticas aos integralistas, o jornal do PRL, ao repercutir os incidentes envolvendo os integralistas em todo o país, voltou à carga acusando os

---

<sup>477</sup> Para Daniel Milke, como força política dominante à época, o PRL se sentiria mais ameaçado com o crescimento da AIB, desferindo contra ela um combate maior do que o oriundo da FUG: “Na medida em que os integralistas mais apareciam, maior ficou o tamanho da repressão. Estavam se tornando uma força política no estado, e questionavam a tradição político-partidária local, despertando a animosidade com os partidos estabelecidos. Naturalmente que a reação do PRL seria a mais intensa, em função deste ser o detentor do poder e se sentir eleitoralmente ameaçado. Assim, a capacidade coercitiva do PRL se espalhava por todo o Rio Grande do Sul. Registraram-se inúmeros incidentes entre autoridades municipais e os camisas-verdes. A Frente Única deteve-se a discutir pelas páginas dos jornais, sendo que o já citado Centro de Estudos comandado por Egídio Hervé, ligado ao PL, foi talvez um dos poucos confrontos mais intensos entre ambos.” (MILKE, 2003, p. 184-185)

integralistas de serem extremistas, desta vez terminando por alocá-los numa situação semelhante à dos comunistas:

Arvorando a legenda sagrada “Deus, Patria e Família” que deveriam ser os primeiros a honrar com exemplos edificantes de concordia e amor ao próximo, vão entretanto os partidários do Sigma desmentindo a todo o momento os sentimentos elevados que essas tres palavras sugerem ao espirito dos homens de bem. Porque procuram se impor pela força agredindo e insultando todos aqueles que se não deixam vencer pela sua fúria iconoclasta de predeterminados convictos. O “Correio do Povo”, de sabado passado, registra nada menos de quatro agressões praticadas por elementos integralistas contra a vida, a integridade fisica e a liberdade politica de cidadãos brasileiros. (...) Acreditamos que o Brasil tenha necessidade de combater com energia o extremismo da esquerda, impedindo que se alastre e nos traga dias de destruição e de morte. Mas não concordamos também que se deixem os partidários do extremismo “verde” garrotearem impunemente a consciencia livre da Nação. (*A Federação*, 24/08/1937, p. 3)

Além destas críticas verificadas no jornal do PRL, a exemplo do que já vinha ocorrendo em cidades do interior do estado desde o ano de 1935 (MILKE, 2003, p. 187), o monitoramento sobre a AIB pelo DOPS se intensificou neste ano de 1937 em Porto Alegre.<sup>478</sup> No entanto, conjectura-se que ele seguia a mesma ambiguidade dedicada aos camisas verdes por parte da polícia que era visualizada também em outros estados:

Excetuando-se, talvez, os dois primeiros anos logo após a criação da AIB, enquanto ela ainda estava se organizando e teve maior liberdade de ação, pode-se dizer que a relação entre a polícia política e a Ação Integralista Brasileira foi pautada por ambigüidade e desconfiança. Se, por um lado, os integralistas foram tratados como agitadores, por outro, alguns policiais manifestaram simpatia pelo movimento, chegando a fazer parte de seus quadros. Delegados e agentes de polícia de cidades do interior, muitas vezes atuando de maneira arbitrária e em defesa de outros grupos políticos, aproveitaram todas as chances que tiveram para combater as ações dos “verdes”. Fecharam núcleos da AIB e prenderam militantes, interrompendo manifestações públicas e atividades de propaganda. Os integralistas não deixaram por menos. Recorreram às instâncias superiores da polícia e, até mesmo, à Justiça. Na maioria das vezes, conseguiram resgatar seus direitos políticos. Isso porque, mesmo durante o estado de guerra, declarado após a “Intentona” comunista de 1935, foi mantida a permissão para a realização de reuniões e eventos internos pelos partidos e organizações políticas, desde que as ações previstas fossem previamente comunicadas às autoridades. (SANTANA, 2006, p. 86-87)<sup>479</sup>

<sup>478</sup> Para se ter uma ideia disto, alguns integralistas foram presos na cidade em decorrência da realização de propaganda da candidatura de Plínio Salgado, situação que evidencia a intensa vigilância que a polícia política mantinha sobre os camisas verdes na capital gaúcha. (*Correio do Povo*, 09/09/1937, p. 9)

<sup>479</sup> Em nossa dissertação de mestrado verificamos a existência de ações arbitrárias por parte do DOPS-MG na cidade de Barbacena-MG, local onde, a despeito dos camisas verdes não se constituírem como uma força política de vulto, tampouco manifestarem atividades que poderiam ser entendidas como subversivas por parte da polícia política mineira, acabaram, em diversas ocasiões, sendo vítimas dos excessos policiais. (PIMENTA, 2015, p. 294-296; 308-311)

Nesse conturbado cenário no qual os camisas verdes se inseriam, apesar das críticas recebidas, da vigilância policial, sem que desconsidere o clima de euforia vivenciado pela AIB devido à proximidade das eleições de 1938, é preciso pontuar que a oposição feita pelos elementos comunistas preocupava a chefia nacional.

Nesta direção, em razão da denúncia de que esses últimos estariam comprando e fabricando camisas verdes e distintivos integralistas com a intenção de causar desordem e atentar contra o regime, a chefia nacional determinou que tais elementos ficariam proibidos de serem usados pelos integralistas entre o final do mês de agosto e início de outubro. (*Correio do Povo*, 24/08/1937, p. 1; *Correio do Povo*, 05/10/1937, p. 7)

Se, de um modo geral, essa teria sido a tônica visualizada em todo o país acerca das manifestações integralistas e de seus reflexos, passados poucos meses da última menção às atividades de Oscar Machado nos núcleos da AIB do Rio Grande do Sul, rompendo com o otimismo vivido pelos camisas verdes, se verificaria que eles sofreriam seu maior revés.

Sob a alegação da existência de um suposto plano de conspiração comunista para a tomada do poder, o Plano Cohen, por meio de um golpe de Estado, em 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas dissolveu o Congresso Nacional e deu início ao Estado Novo, o primeiro dos dois governos ditatoriais vividos no país no século XX.

Vale ressaltar que os integralistas não foram pegos de surpresa pelos acontecimentos que levaram ao regime ditatorial. Numa direção inversa, tiveram uma atuação destacada em sua efetivação, em especial em relação à elaboração de sua justificativa e em discussões relativas ao formato sob o qual o novo governo deveria se erigir.

Isso se coloca pois o chamado Plano Cohen nada mais significava do que a elaboração de um fictício plano de ação comunista escrito como “hipótese de trabalho” por Olímpio Mourão Filho, chefe do serviço secreto da Ação Integralista Brasileira (AIB) que, uma vez nas mãos do governo de Getúlio Vargas, foi utilizado como pretexto para o golpe do Estado Novo. (BRANDI, s/d)

Meses antes, entretanto, por intermédio de Francisco Campos, Getúlio Vargas teria feito o primeiro contato com Plínio Salgado, no qual, Campos, solicitando o apoio ao golpe de estado, teria, em contrapartida, prometido ao líder dos camisas verdes que a AIB viria a ser a base da futura ditadura a ser construída. (VICTOR, 2013, p. 58)

Assim, após Plínio Salgado ter também se reunido com o próprio Getúlio Vargas, e este ter reafirmado que a AIB teria papel fundamental no novo regime, que ele

pretendia realizar a reorganização da milícia integralista e contar com um camisa verde para assumir a pasta do Ministério da Educação, o líder do sigma teria ficado empolgado com o futuro próximo:

A presença dos integralistas no processo de organização para a implantação do Estado Novo passava a ser um elemento de esperança aos camisas-verdes. O embuste conspiratório, o plano Cohen, evocava o perigo comunista, que ameaçava as instituições brasileiras. Com um governo anticomunista e a existência de uma organização partidária contrária à doutrina marxista, era o momento ideal para uma aliança entre os dois. A “ameaça” comunista passou a ser o elo entre o governo e a AIB. (GONÇALVES, 2017, p. 102-103)

No entanto, em pouco tempo, a euforia iria dar lugar à frustração, tanto de Plínio Salgado, quanto de muitos integralistas que, não só viram que as promessas feitas por Getúlio Vargas não se concretizariam, como também assistiram ao fechamento dos partidos políticos, dentre eles a AIB e, por fim, a proibição de sua reestruturação como Associação Brasileira de Cultura (ABC).

Nesse ínterim, embora Plínio Salgado tenha informado que os integralistas não se organizavam como um partido político, apenas tendo uma de suas sessões da AIB atuando enquanto tal, por força da pregressa obrigação à qual os camisas verdes haviam sido impelidos a registrarem-na como uma sigla eleitoral, ele tentava tranquilizar a militância do sigma, ao prometer que faria a adequação de sua estrutura de modo a continuar atuando no novo regime:

Tinhamos sido obrigados, como se sabe, a fazer aquelle registro, afim de collocar o Integralismo a salvo de perseguições de governadores que o apontavam como extremismo, pelo facto da doutrina do sigma condemnar o suffragio universal e a representação nos moldes como era feita e fazer algumas restricções á constituição de 1934. (...) Amanhã a Acção Integralista Brasileira se pronunciará dando a orientação a seus associados de todo o paiz. Entretanto, posso adiantar que de conformidade com o artigo 132 da nova constituição, cujo texto implicita, está explicitamente contida a permissão para o funcionamento de associações culturaes e educacionais, continuaremos a desenvolver nossos trabalhos patrióticos. (*Correio do Povo*, 13/11/1937, p. 1)

Contrariando suas expectativas, do mesmo modo como os integralistas não foram sequer mencionados no discurso no qual Getúlio Vargas deu início ao Estado Novo, a promessa de que a AIB seria aceita como uma nova instituição, após a publicação de um decreto que facultaria aos partidos políticos possuidores de setores assistenciais a possibilidade de se transformarem em associações civis, também não se concretizou:

No entanto, a situação em nada se modificará, também tais negociações não resultarão em ganho político para Salgado. E mesmo tendo saído “o decreto permitindo a transformação dos ‘partidos’ em sociedades civis (...) primeira surpresa: os cartórios não queriam registrar a sociedade. Estavam orientados pelo Campos”. (MIRANDA, 2009, p. 51)<sup>480</sup>

Desta maneira, com o fechamento dos partidos políticos em 01/12/1937 e a proibição da AIB se transformar numa associação civil, houve um certo silêncio não só de suas publicações no *Correio do Povo*, como também de comunicados feitos pelo próprio jornal sobre o movimento político, situação só rompida no final de dezembro de 1937.

Em matéria que noticiava a movimentação de integralistas no Rio de Janeiro, que teriam impresso e distribuído panfletos descritos como “subversivos”, foi informada a prisão de alguns camisas verdes por parte do Departamento de Ordem Política e Social–DOPS. Destaca-se que essa é a primeira menção encontrada até então a designar no Rio Grande do Sul os camisas verdes com tons pejorativos, num léxico similar ao usado contra os comunistas envolvidos nos levantes de 1935. (*Correio do Povo*, 28/12/1937, p. 18)

Frente à nova situação na qual se encontravam os integralistas, ou seja, sem poderem se reorganizar enquanto associação civil e sem vir a fazer parte do novo regime, ocorreu uma cisão na militância, situação que ajuda a explicar, em parte, as atitudes como a daqueles que publicaram os panfletos acima criticando o novo regime.

Se, por um lado, havia os ex-camisas verdes que passavam a apoiar o Estado Novo, enxergando nele a concretização de muitas de suas anteriores aspirações, a exemplo do corporativismo, por outro, existiam aqueles que, se sentindo traídos pelo fechamento da AIB e a proibição de sua transformação em ABC, passaram a se rebelar contra o novo regime:

Edgard Carone já havia observado este fato. Afirma que “(...) os integralistas estão determinados a aceitar o novo estado”, pois este traduz “o fim do liberalismo” e persegue “tenazmente o movimento das esquerdas”, também “aparentemente representa a implantação de certas idéias integralistas – a do corporativismo, por exemplo”. No entanto, acrescenta o autor que “certos adeptos nos Estados, não aceitam passivamente o novo domínio de fato: primeiro, poucos são os que sabem que Plínio se compromete com Getúlio Vargas (...)”

---

<sup>480</sup> Este pequeno trecho citado por Gustavo Felipe Miranda foi extraído do seguinte documento: “Exposição feita por Plínio Salgado sobre as Dermaches para o fechamento do integralismo”. Pasta 4, série: Integralismo, fundo: Polícia Política, APERJ.

e, também, poucos estão a par da carta reservada que o Chefe Nacional manda ao ditador”. (MIRANDA, 2009, p. 50)<sup>481</sup>

Alguns dos estudos mais recentes que tratam desse episódio no qual Plínio Salgado foi ludibriado por Getúlio Vargas, em tons diferentes, destacam certa ingenuidade do líder dos camisas verdes e a astúcia do político gaúcho que acabou por envolvê-lo, de forma semelhante como havia feito com outros adversários no passado:

Não foi suficiente. A relação não foi duradoura. Foi manipulado por Getúlio Vargas. Os seus contatos não foram suficientes para evitar o pior para os camisas-verdes. Ele foi atrás do general Nilton Cavalcanti, simpático para o movimento integralista; este garantiu que a nova ordem – Estado Novo – não pouparia o integralismo. (GONÇALVES, 2017, p. 108)

Pautando-se pela ilustração utilizada pelo jornalista Costa Rego, que descreveu Getúlio Vargas como um político que enredava seus adversários tal qual os pescadores do Amazonas fariam com o peixe pirarucu, em relação ao caso que envolveu “a pesca” de Plínio Salgado, Rogério Lustosa Victor assim resumiu a situação dos camisas verdes e de seu líder no período compreendido entre preparativos para o golpe do Estado Novo e os meses iniciais de 1938:

Se Vargas, num primeiro momento, acenou para a possibilidade de um camisa-verde ocupar o Ministério da Educação – mas sem a camisa-verde –, em fevereiro de 1938, as relações entre integralistas e governo e a relutância de Salgado em se conformar em ser o “novo pirarucu” por Vargas pescado fez este mudar de posição e ignorar definitivamente os apelos de Salgado. (...) O sentimento alimentado por Salgado de que havia sido traído por Vargas (expresso na carta enviada a Vargas e que provavelmente era compartilhado ao menos pela cúpula integralista), juntamente com a interdição do integralismo na política nacional, despertara, em muitos integralistas, tamanho estado de revolta que optaram pelo levante armado. (VICTOR, 2013, 66-67)

Não foi possível acompanhar, detidamente, quais foram as reações iniciais dos camisas-verdes do Rio Grande do Sul e, por conseguinte, em especial, o modo como Oscar Machado lidou com a implantação do Estado Novo, o fechamento do integralismo e a proibição de que ele continuasse a existir na condição de ABC.

O pouco que se encontrou no jornal *Correio do Povo* referente aos integralistas nos dois meses finais do ano de 1937 foram duas matérias já mencionadas anteriormente que, respectivamente, informaram sobre o fato da AIB não se constituir mais como um partido político (*Correio do Povo*, 28/12/1937, p. 18) e sobre a prisão de camisas

<sup>481</sup> O livro citado pelo autor é: CARONE, Edgar. *Estado Novo (1937-1945)*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988. p.198.



verdes no Rio de Janeiro que teriam impresso e distribuído panfletos tidos como “subversivos”. (*Correio do Povo*, 13/11/1937, p. 1)

Dada a lacuna existente na coleção do jornal *Correio do Povo*, entre os meses de janeiro e fevereiro de 1938, no acervo da hemeroteca do Arquivo Histórico Moysés Velinho, somada ao fato de que a última edição do jornal integralista *Revolução* data de 05/07/1937 e, por fim, ao fechamento do jornal *A Federação*, após os partidos políticos e suas publicações terem sido extintos no Estado Novo, as notícias referentes ao integralismo só foram encontradas a partir de março de 1938, em função da malograda tentativa de golpe integralista, tema que será abordado a seguir.

## 6.2 AS TENTATIVAS DE LEVANTE INTEGRALISTA E O FIM DA AIB NO RIO GRANDE DO SUL

Na esteira das insatisfações vividas pelos camisas verdes, no início do mês de março de 1938, foi abortada uma tentativa de golpe integralista, assunto ainda não muito estudado pela historiografia relativa aos camisas verdes.

Apesar de Getúlio Vargas, num passado recente, ter mantido relações de proximidade política com José Antônio Flores da Cunha, notoriamente seu aliado, no novo cenário, em Porto Alegre, a polícia política, continuando no encalço dos integralistas, também passou a voltar seu olhar sobre outros grupos políticos como os ligados ao ex-interventor.

Flores que antes fora o símbolo da lealdade, amigo e correligionário das Revoluções de 1923, 1930 e 1932, passou a inimigo maior da nação, identificado como caudilho, desordeiro e até antipatriota. De acordo com os interesses, mudavam os aliados políticos, correspondendo às características do “estamento burocrático”. Getúlio passou a caçar os caudilhos e a denegrir suas imagens, apontando o caudilhismo como o maior obstáculo ao crescimento econômico e político de uma nação. Esqueceu completamente o quanto se beneficiara da liderança de Flores da Cunha em importantes situações históricas. (BELLINTANI, 2002, p. 132)

Confirmando que a polícia estava monitorando de perto esses grupos, sob a alegação de que Manoel Hasslocher, diretor da revista integralista *Anauê*, visava a fazer a ligação entre os camisas verdes de Porto Alegre e Plínio Salgado para um golpe contra o governo, uma matéria publicada no *Correio do Povo* afirmou que este integralista, que

havia chegado a poucos dias à capital gaúcha, acabou sendo preso quando estava tomando um chopp com Luiz Campagnoni. (*Correio do Povo*, 13/03/1938, p. 15)<sup>482</sup>

Em paralelo a essa ação, foi feita também a prisão do ex-chefe municipal dos integralistas em Porto Alegre, Hugo Bertha, em cuja casa foi encontrado, sob uma parede falsa, o arquivo integralista que conteria os planos subversivos dos camisas verdes:

Preparada a “canoa” policial, foi dada rigorosa busca na residencia do sr. Hugo Bertha (...) onde effectivamente foi encontrado, num armário de parede dupla, devidamente oculto, todo o material que compunha o referido archivo, constituído de copiosa documentação politica dos camisas verdes. Todo o material apprehendido foi removido para a Central de Policia e ali examinado, verificando-se, nessa ocasião, que os adeptos do sigma já haviam organizado o seu “governo” para tomar conta do Estado, depois do “golpe” ... (...) sabe-se mais ou menos que os nomes indicados eram os seguintes: o sr. Manoel Hasslocher iria para o cargo de governador; o sr. Walmor Frank, havia escolhido a chefia de policia do Estado; o dr. Dario de Bittencourt, ao que parece, estava indicado para a secretaria do Interior. Quanto aos outros logares “vagos”, não conseguimos apurar a quem caberiam... Talvez viesse mais alguem do Rio, na hora H ... (*Correio do Povo*, 13/03/1938, p. 15)

Junto da linguagem policialesca da matéria, chama atenção o fato de que, além de articular os camisas verdes locais com os integralistas da chefia nacional, ela ainda informava, sem grandes detalhes, a existência de uma aliança dos adeptos do sigma com os partidários do ex-interventor José Antônio Flores da Cunha, que manteve uma relação bastante ambígua com a AIB, enquanto esteve no governo do estado:

Esta esperança triste de restabelecer o passado regimen, ligada agora á esperança “verde” – dizem que a esperança sempre foi verde – teve momentos agitados, nestes ultimos dias, com o trabalho “efficiente” mas sem sortem de uma turma de “fans” do sr. Flores da Cunha, que estava agindo em Porto Alegre. O interessante em tudo isso é que elles pensavam que a policia militar existia somente no nome. (*Correio do Povo*, 13/03/1938, p. 15)

Sobre essa vinculação, a obra de Adriana Iop Bellintani é bastante elucidativa. Ao abordar as ações realizadas por José Antônio Flores da Cunha – que se encontrava exilado no Uruguai – para desestabilizar o Estado Novo, atestou que, diferentemente de sua postura anterior, quando estava à frente do governo do Rio Grande do Sul, desta vez, ele se articulou com grupos políticos adversários, dentre os quais, os integralistas<sup>483</sup>, duramente combatidos pelo jornal *A Federação* e perseguidos por sua polícia por anos:

<sup>482</sup> Luiz Campagnoni, nesta época, era também diretor do jornal *Correio da Noite*.

<sup>483</sup> Sobre a anterior postura de combate ao integralismo, quando José Antônio Flores da Cunha era o interventor do Rio Grande do Sul, ver: (MILKE, 2003, p. 22).

Flores da Cunha, logo que chegou a Montevideu, passou a conspirar contra o governo brasileiro. Não escolheu aliados: comunistas, liberais, integralistas, militares, democratas, nazistas ou fascistas, ou seja, todos os que fossem contrários ao governo de Getúlio Vargas eram correligionários de Flores da Cunha. Ele possuía acesso à Embaixada Brasileira em Montevideu, devido à amizade com o então embaixador Lucílio Bueno, que permitia a Flores enviar documentos com o código secreto do Itamaraty. Em virtude disto, Getúlio substituiu imediatamente Lucílio Bueno por Batista Luzardo que, de acordo com seus antecedentes políticos, possuía motivos suficientes para contrapor-se a Flores e dificultar seus passos no Uruguai. (BELLINTANI, 2002, p. 65)

Dias depois das prisões acima mencionadas, o *Correio do Povo* voltaria a informar sobre o mal sucedido levante integralista, reproduzindo informes de jornais do Rio de Janeiro. Trouxe nos relatos detalhes do plano dos camisas verdes, destacando que a polícia política já estava a par da organização do mesmo e que só teria agido para desbaratá-lo após conseguir mais detalhes sobre ele, ao realizar buscas na casa de Belmiro Valverde, um de seus líderes. (*Correio do Povo*, 19/03/1938, p. 1)

Sob uma mesma estrutura narrativa, o jornal afirmou que os integralistas teriam se utilizado de estratégias semelhantes às dos comunistas quando de sua tentativa de levante em novembro de 1935, inclusive recorrendo a um léxico bastante próximo do utilizado em jornais de outras regiões do país:

Pelo relato que vamos fazer se verá que pretendiam os integralistas agir com a mesma sanha covarde e sanguinaria daqueles que tanto accusavam e combatiam: os comunistas. Ambos se identificaram na acção como “extremistas” que eram. (*Correio do Povo*, 19/03/1938, p. 1)

No jornal *O Estado de Minas*, repercutindo o que os periódicos do Rio de Janeiro publicaram sobre o sufocado levante, foram utilizados argumentos e palavras bastante semelhantes para descrever as ações dos integralistas, no tocante à sua articulação com o modus operandi dos comunistas em 1935:

A conspiração integralista abortada pela policia carioca foi inspirada nos moldes dos movimentos mais audaciosos e sangrentos da actualidade. Seus organizadores não desprezaram figurinos, mesmo os do Komintern. Aproveitaram as lições de seus antagonistas em 1935 e as aperfeiçoaram. As listas negras são idênticas<sup>484</sup>. As cabeças ameaçadas pelas sentenças vermelhas são as que agora estiveram por um fio. (*O Estado de Minas*, 19/03/1938, p. 1)

---

<sup>484</sup> Aqui o jornal mineiro se referiu a uma das listas de pessoas que, consideradas inimigas do integralismo, seriam eliminadas pelo eventual regime integralista que foram elaboradas em várias regiões do Brasil. Entre outras, ver os informes referentes ao Rio de Janeiro e a Juiz de Fora ver: (*Estado de Minas*, 03/04/1938, p. 4 e *Folha de Minas*: 25/03/1938, p. 12).

Outro ponto em comum na comparação do jornal mineiro com as publicações do *Correio do Povo* se refere ao fato de que ambos informaram que os integralistas planejavam organizar juntas governativas nos outros estados, caso saíssem vitoriosos:

Segundo os planos apreendidos pelas autoridades em cada um dos Estados, caso vencesse o movimento integralista, uma junta governativa assumiria imediatamente o poder. No Rio, o chefe da junta seria o sr. Plínio Salgado. Sobre os demais componentes guarda-se reserva. (*O Estado de Minas*, 19/03/1938, p. 1)

Mesmo com tais semelhanças na cobertura da tentativa de levante integralista por parte do governo Vargas que, de um modo geral, teria como objetivo imputar aos camisas verdes o mesmo rótulo de periculosidade antes atribuído aos comunistas<sup>485</sup>, é preciso perceber que existiram diferenças entre aquilo que foi observado no Rio Grande do Sul e em estados da região sudeste.

Desta feita, embora se possa afirmar que, desde os meses iniciais dos anos de 1938, os camisas verdes gaúchos já eram vistos e descritos como subversivos por parte da opinião pública<sup>486</sup>, é patente que a dinâmica de combate aos líderes do sigma por parte da polícia política no estado já havia se acentuado antes do mês de março e da ocorrência da malograda tentativa de insurreição integralista.

---

<sup>485</sup> Giselda Brito Silva, ao analisar a Intentona Integralista de Maio de 1938, destacou que reacendendo na memória discursiva os eventos de 1935, o governo de Getúlio Vargas buscou atrelar ao levante integralista o mesmo sentido construído sobre a imagem de subversão e de perigo apresentada pelos comunistas aos camisas verdes que teriam partido para a insurreição. Contribuiu assim para produzir discursos que dessem sustentação à repressão do Estado Novo sobre seus adversários, ao mesmo tempo em que visava a minimizar a força discursiva que dera sustentação ao surgimento e fortalecimento da AIB: “Depois do fato, Getúlio tomou dois caminhos, que se entrecruzavam com o objetivo de reforçar o poder do regime e sua imagem como líder político: de um lado, procurou estabelecer uma identidade semelhante entre comunistas e integralistas; paralelo à destruição da imagem dos integralistas, à medida que se buscava provar que eram tão perigosos como os comunistas, procurou reverter os discursos que deram ascensão ao integralismo, no início dos anos 30, para compor os discursos do Estado Novo”. (SILVA, 2002, p. 211)

<sup>486</sup> Adriana Iop Bellintani traz um exemplo de como os jornais gaúchos trabalharam no sentido de construir uma imagem de periculosidade em torno de Flores da Cunha, elemento que foi similar ao modo como descrevia os integralistas, sobretudo, desde a deflagração do Estado Novo ou mesmo antes dela: “Enquanto esses processos foram abertos e tramitaram, à procura de provas para incriminar Flores da Cunha, a imprensa gaúcha trabalhava na denúncia dos feitos ilegais cometidos pelo ex-governador. Era importante manipular a população contra Flores e a ação do grupo revolucionário, através das manchetes diárias. Os jornais apontavam o envolvimento de Flores com elementos perigosos para a ordem nacional. As notícias da imprensa de apoio ao governo denegriam a atuação dos conspiradores contrários ao Estado Novo. Essas informações, em geral, eram emitidas pela Secretaria de Segurança Pública, após a prisão de indivíduos considerados perigosos”. (BELLINTANI, 2002, p. 164) Especificamente sobre os integralistas, além da já citada matéria publicada no *Correio do Povo* no final de 1937 (*Correio do Povo*, 28/12/1937, p. 18), meses antes, no jornal *A Federação*, eles constantemente foram taxados de extremistas como, por exemplo, na matéria “Defendendo a Democracia”, na qual foram associados ao nazismo. (*A Federação*, 10/08/1937, p. 3)

Isso se coloca pois, se houve a detenção de integralistas nos meses iniciais de 1938 em cidades do interior do Rio de Janeiro<sup>487</sup>, por meio dos periódicos de Minas Gerais, se pôde perceber que a prisão de lideranças importantes não teriam ocorrido em grande profusão antes do desbaratamento do levante de março, situação verificada em Porto Alegre.

Excetuando-se os casos nos quais os camisas verdes foram presos por terem realizado atividades de propaganda do sigma ou ainda por terem sido flagrados com armas, com o uniforme integralista ou por quaisquer outros motivos que, perante a Constituição de 1937 – sem desconsiderar o usual arbítrio da polícia política – ensejariam a detenção, em Porto Alegre uma série de prisões foram realizadas nos primeiros meses do ano.<sup>488</sup>

Assim, em que pese a destruição da documentação referente à atuação da polícia política no Rio Grande do Sul, seja por meio dos registros encontrados nos jornais, ou daqueles que foram coligidos no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, relativos às prisões efetuadas na Casa de Correção, constata-se que, desde o final de 1937<sup>489</sup> e, sobretudo a partir do encarceramento de Hugo Bertha e Manoel Hasslocher, acusados de estarem articulados com elementos “floristas”, esse expediente se tornou mais frequente para com os integralistas. Ao narrar esse evento, Adriana Iop Bellintani afirmou:

A subversão da ordem era praticada com assaltos a departamentos públicos e a bancos, por determinação dos filhos de Flores da Cunha, Marco Aurélio e Luiz. Ambos reuniam e aliciavam pessoas para originar a desordem e o pânico “durante o assalto do grupo em vários Departamentos de Estado e dos Bancos”. Nesse evento, foram presos os filhos de Flores, João Noronha de Bem, Romagueira Rodrigues e os integralistas Hugo Bertha e Manoel Hasslocher, os quais estavam sendo vigiados pelo cel. Aurélio Py. Luiz Flores da Cunha era um dos diretores da Rádio Farroupilha e utilizava as dependências da emissora para realizar reuniões secretas com membros comprometidos, como informou à polícia o sócio da rádio, Arnaldo Balvé (...) A polícia passava no enalço de pessoas que tivessem parentesco ou qualquer outra relação com José Antônio Flores da Cunha, deixando transparecer a todos que a determinação da chefia de polícia de que fossem efetuadas aquelas prisões tinha um único objetivo: “mostrar aos “conspiradores” que a polícia estava perfeitamente a par dos planos “revolucionários” que forjavam sem o necessário cuidado.<sup>490</sup> (BELLINTANI, 2002, p. 73-74)

<sup>487</sup> Ver situação ocorrida em Niterói-RJ (*Correio do Povo*, 11/03/1938, p. 1) e na cidade de Petrópolis (*Folha de Minas*, 04/03/1938, p. 4).

<sup>488</sup> No interior do estado ocorreram detenções também em Erechim e Passo Fundo no início de 1938 sendo alguns dos integralistas encaminhados à capital, Porto Alegre, exemplos de Walter Francke e Alberto Rosa. (IRSCHLINGER, 2001, p. 205)

<sup>489</sup> O advogado Arlindo Amoretty Saraiva foi preso em 21/12/1937, sendo solto no mesmo dia. Secretaria de Segurança Pública – Polícia – Casa de Correção Livro de Matrícula número 9 (1935 nov./1938 jun.) - P-310.

<sup>490</sup> Citação da matéria extraída do jornal *Correio do Povo*: 13/08/1938, p. 15.

No levantamento realizado por Daniel Milke, entre as prisões destes dois camisas verdes, ocorrida em 08/03/1938 – dois dias antes da tentativa de levante integralista – e o dia 22/06/1938, teriam ocorrido ao menos 32 encarceramentos de ex-militantes da AIB, sendo que alguns deles teriam passado pela casa de detenção por mais de uma vez. (MILKE, 2003, p. 211-212)

Um dia após a prisão de Hugo Bertha e Manoel Hasslocher, outros integralistas foram presos, Celestino Cardoso, Nestor Pereira, Luiz Compagnoni e Oscar Machado. Em 10/03/1938 teria sido a vez de Mario Ferreira de Medeiros e, no dia 12/03/1938, Jayme Alves de Castro e Hermes Cidade. No dia 15/03/1938, foram encarcerados Francisco Venicio Leite e Dorval Leão. Por fim, em 29/03/1938, teria sido a vez de Thomaz Carlos Ferrari. (MILKE, 2003, p. 211)

Dentre esses nomes acima, além dos elementos que estariam diretamente vinculados aos “floristas”, Oscar Machado, Mario Ferreira de Medeiros, Jayme Alves de Castro e Francisco Venicio Leite teriam alcançado um significativo relevo nas hostes integralistas, ao ocupar cargos de direção e também, em alguns casos, por proferirem palestras e exposições em núcleos da AIB de Porto Alegre e outras localidades.

Portanto, diferentemente de outras localidades nas quais ocorreram prisões de integralistas por conta da articulação do levante de março de 1938, as detenções de Hugo Bertha e Manoel Hasslocher, que deram origem a todas as demais, ocorreram, inicialmente, mais pela acusação de estarem se organizando com os partidários do ex-interventor José Antônio Flores da Cunha para alguma atividade subversiva e menos pela descoberta de seus planos conspiradores, o que ocorreu em sequência.

Em Porto Alegre, conforme se divulgou amplamente, muitos elementos da extinta Acção Integralista Brasileira, devidamente orientados pelos chefes no Rio, conspiravam em acção conjuncta com outros elementos do florismo decahido, no sentido de intensificar os trabalhos subversivos que se desenvolviam na sombra, mas sob o controle da nossa policia. A conspiração fracassou, sendo que os cabeças do movimento foram detidos pela policia, em virtude do perfeito serviço de controlar estabelecido pelo capitão Aurelio Py, chefe de Polícia do Estado, e pelo dr. Lineu Cota, assistente tecnico da R. C. P.. (...) Agindo com a maxima segurança e o mais perfeito controle da situação, pois a policia estava bem ao par do movimento que se articulava, o capitão Py ordenou a prisão, tambem, de grande numero de elementos integralistas, sendo, tambem apprehendidos varios arquivos que se achavam nas sédes da A. I. B. desta capital. Nestas condições, o golpe de força que se preparava em varios pontos do territorio nacional foi completamente abortado, sendo detidos os elementos que tramavam contra a ordem. (*Correio do Povo*, 18/03/1938, p. 1)

Isso, no entanto, não inviabiliza a afirmação de que a polícia política, por ter se mantido vigilante às ações dos integralistas em todo o país e de suspeitar que eles estariam tramando um levante, – ainda que não se tivesse a certeza de seu real alcance – tenha conseguido, a partir da prisão de Manoel Hasslocher e depois de Hugo Bertha, ter descoberto quais seriam as eventuais articulações em curso no Rio Grande do Sul.

Além disso, não se pode desconsiderar que esses elementos e as demais lideranças acima mencionadas, dada a notoriedade alcançada enquanto figuras proeminentes do integralismo que, reiteradamente, eram citados nos documentos produzidos nas atividades ordinárias dos núcleos da AIB da capital, também tenham sido os primeiros a serem presos, a despeito da ausência dos motivos destas prisões no Livro de Matrícula da Casa de Correção, onde todos foram recolhidos.

Desta forma, as explicações que se poderiam aventar para o cárcere de Oscar Machado, nesta primeira leva de prisões ocorridas no mês de março de 1938, giram mais em torno de sua posição de destaque na AIB e do eventual monitoramento que ele e outros camisas verdes vinham sofrendo por parte da polícia política do que por seu suposto envolvimento com elementos “floristas”.

Junto a isso, também se poderia citar que o discurso de periculosidade construído sobre os integralistas por parte do governo Vargas, ao ser veiculado pela imprensa, fornecia as justificativas necessárias para as prisões. Sob tal prisma, até onde se conseguiu apurar, não foram encontrados indícios consistentes do envolvimento de Oscar Machado e dos camisas verdes gaúchos com quaisquer articulações com integralistas de outras regiões do país para a realização de um levante em Porto Alegre, tampouco com os partidários do ex-interventor.

Nem mesmo na segunda matéria, que noticiou a articulação dos integralistas com os simpatizantes de Flores da Cunha, confirmou-se ter existido uma lista de possíveis integralistas a assumirem postos de chefias no caso de seu levante se sair bem sucedido. Pelo contrário, apesar do texto informar que alguns nomes seriam conhecidos, ele asseverou que os integralistas, antecipando-se à ação policial, teriam destruído tal documento:

Foi nesta altura dos acontecimentos, quando o seu embarque já era coisa asentada, que o pupilo do sr. Bertha, o jovem Michael, avisou-os das medidas policiaes, determinando esse facto uma contra-marcha na viagem e o desaparecimento da lista de nomes que iriam formar o novo “governo” ... Por isso, quando se deu a apprehensão do archivo na residencia particular do sr. Bertha, a lista não foi encontrada. (*Correio do Povo*, 13/03/1938, p. 15)

Nesse sentido, acompanhando o argumento de Giselda Brito Silva, poderia-se aqui levantar a hipótese de que a ameaça real de um levante integralista era menor do que a representação de seu grau de periculosidade proclamado pela polícia política e os meios de comunicação faziam parecer. Mais do que isso, pode-se conjecturar que a força discursiva dada à ameaça representada pela tentativa de se organizar o evento tenha ocorrido mais por sua eventual articulação com elementos “floristas”, do que por sua ligação com os planos subversivos que eram organizados pelo camisas-verdes.<sup>491</sup>

De todo modo, pautada pelos depoimentos organizados por Valentina Lima<sup>492</sup> sobre a Intentona Integralista, para Giselda Brito Silva, tem-se que, adjetivando o evento como traiçoeiro e covarde, o governo de Getúlio Vargas deu-lhe uma grande dimensão de periculosidade<sup>493</sup>:

(...) o perigo integralista foi uma construção discursiva do governo maior do que a realidade, pois, ao que indicam algumas falas de importantes pensadores políticos da época, a Intentona Integralista não causou tanta ameaça quanto o governo fez crer pela divulgação do fato para a população. (...) Isso nos mostra que, se o ataque foi considerado um fiasco sem significação, pelos relatos apresentados, Getúlio soube converter o ataque a seu governo para um ataque contra toda a sociedade e dar-lhe a dimensão necessária para o fortalecimento de sua imagem e regime, pois, enquanto as narrativas (...), se dedicaram a contar o fracasso e despreparo do ataque, Getúlio teve mais preocupação de ampliar o ataque, fazendo pronunciamentos do mesmo como um “fato de grande repercussão no interior e no exterior. (SILVA, 2002, p. 210)<sup>494</sup>

Assim, percebe-se que, se a ameaça integralista era menor do que representação que se fazia dela – que serviu inclusive para legitimar o discurso e a ação repressiva da ditadura de Getúlio Vargas – foi bastante eficaz para legitimar as ações da polícia políti-

<sup>491</sup> Nessa direção há que se enfatizar aqui que esta conexão, de fato, não parece ter existido de forma evidente na prática. As articulações entre os integralistas e o grupo ligado a Flores da Cunha datavam, segundo tal narrativa, desde o final do ano de 1937. Logo, se tenta aqui demonstrar que, para a ditadura de Getúlio Vargas, a força do ex-interventor do Rio Grande do Sul era muito mais ameaçadora do que a dos integralistas, sobretudo pelo potencial de arregimentar forças militares. (BELLINTANI, 2002)

<sup>492</sup> Giselda Brito remeteu-se ao depoimento de Osvaldo Trigueiro, presente na obra: LIMA, Valentina da Rocha (Coord.) *Getúlio: uma história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1986. 130-131.

<sup>493</sup> Aqui, embora a autora se remeta ao levante integralista de maio de 1938, sobre o qual se versará adiante, compreende-se que a lógica de seu argumento tenha grande valia para se colocar em perspectiva o cenário gaúcho deste início de 1938 e a atuação dos governos federal e estadual neste período.

<sup>494</sup> Embora não aborde a questão dos discursos sobre a AIB e a intentona integralista de março de 1938, Fausto Irschlinger atesta que, no norte gaúcho, o integralismo serviu para a legitimação e assimilação do Estado Novo, além de concorrer para a aproximação de correntes conservadoras na região. (IRSCHLINGER, 2001, p. 229)



ca do Rio Grande do Sul, que encontravam eco nos discursos produzidos pelos jornais sobre os camisas verdes.<sup>495</sup>

Recuperando toda a força que as representações criaram, o fato é que, sem se conhecer a fundo quais foram as justificativas oficiais dadas para a ocorrência das prisões nos dias anteriores à tentativa de levante integralista, essas continuaram não só nos dias posteriores a seu desbaratamento, em março, como também prosseguiram em abril e início de maio, tendo sido alguns dos camisas verdes encarcerados mais de uma vez.<sup>496</sup>

Ao voltar o olhar para a análise daquilo que ocorreu, especificamente, com Oscar Machado nesse ambiente, infere-se que a eficácia da representação do perigo integralista, associada ao papel proeminente que ele possuía nas hostes da AIB, são duas das hipóteses mais factíveis para se poder explicar os motivos que levaram à sua prisão.

De toda sorte, após passar quase um mês na cadeia, Oscar Machado foi solto em 04/04/1938 sendo que, pelo fato de terem sido destruídos os documentos referentes à ação da polícia política do Rio Grande do Sul, não se conhecem detalhes sobre as acusações a ele imputadas, tampouco sobre os depoimentos que eventualmente ele prestou às autoridades policiais.

Todavia, notavelmente, esse episódio das prisões dos camisas verdes representou um grande revés para a imagem construída pela AIB até então e, no caso dos militantes do Rio Grande do Sul, aparentemente, a um só turno, atingiria não só a eles, mas também aos partidários do ex-interventor José Antônio Flores da Cunha, ajudando, em parte, a fomentar a imagem de periculosidade maior do que a apresentada de fato.

---

<sup>495</sup> No período da existência legal do integralismo, 1932-1938, o *Correio do Povo* veiculou dezenas de notas da AIB e de seus críticos, mantendo-se, no entanto, imparcial no debate. Esta situação só se alterou em 1938 quando ocorreram a tentativa de levante de março e a Intentona Integralista: “(...) o integralismo seguiu como um tema recorrente, a exemplo das centenas de notas (que divulgavam reuniões, fundação de núcleos, desfiles, etc.), que eram inicialmente veiculadas junto das “notícias de São Paulo” ou “política paulista” (chamadas comumente usadas no periódico desde o movimento constitucionalista de 32) e ao longo de 34 passaram a ter uma chamada própria: “Ação Integralista Brasileira”. Com a reformulação da AIB em 1936 e a criação de uma Secretaria de Imprensa, esta passou a ser responsável por preparar e enviar as notas ao jornal, que simplesmente reproduzia-as sem adicionar um ponto ou uma vírgula. Esta mesma secretaria, quando não integralistas regionais notórios em pessoa, comprava espaços no jornal para publicar textos de propaganda política (geralmente, re-edições de originais publicados no carioca “A Ofensiva”), marcados como “a pedidos”.” (CORREIA, 2011, p. 31) Para se ter uma medida disso, no mês de março, excetuando-se três matérias que mencionaram as possíveis articulações dos camisas verdes gaúchos para o levante (*Correio do Povo*, 13/03/1938, p. 15; *Correio do Povo*, 18/03/1938, p. 1 e *Correio do Povo*, 16/03/1938, p. 3), todas as demais encontradas no jornal *Correio do Povo*, onze no total, se remeteram às movimentações dos integralistas em outros estados, com destaque para o Rio de Janeiro e São Paulo.

<sup>496</sup> Foram presos em abril, Nestor Contreiras e Fridoldo Neuhauss (15/04/1938), sendo Luiz Campagnoni, Manoel Hasslocher e Hugo Bertha também novamente detidos (14/04/1938).

Ao ser questionado se os integralistas mantiveram ou não algum tipo de atividade clandestina durante o Estado Novo, Emilio Otto Kaminski, lembrando o episódio das prisões dos camisas verdes, afirmou:

Olha, foi uma coisa tão, vamos dizer, sem muita expressão. Só quando o Dr. Nestor Contreiras Rodrigues teve que fugir para o Uruguai ou seria preso, como todos nós também fomos presos, mas ele provavelmente seria preso com mais rigor, quem sabe até mandado para Ilha de Fernando de Noronha, como mandaram alguns. Eu fiquei preso aqui, não fiquei preso em cela, fiquei preso numa sala junto com outros políticos, inclusive os chamados floristas. Então havia um, o Eurico Brochado, que era da família Brochado, que é muito famosa e era florista. Ele foi preso por ser contra o Getúlio, como eu também fui contra o Getúlio. (SILVA; CALIL, 2000, p. 51-52)

Não se sabe se nessa entrevista Emilio Otto Kaminski evitou mencionar o envolvimento dos camisas verdes com os elementos “floristas” ou se a relação entre eles era tecida apenas entre as principais lideranças da AIB, a exemplo de Nestor Contreiras, de modo que ele e os outros líderes menos bem situados hierarquicamente desconhecem sua existência.

Entretanto, mesmo que a prisão não tenha sido descrita como um episódio traumático, declarando Kaminski que os camisas verdes do Rio Grande do Sul não participaram do levante de maio de 1938, ao se presumir, ao menos, que houve uma efetiva participação de Nestor Conteriras na organização de seus planos, não é descabido pressupor que aqueles situados numa posição hierárquica menor, de fato, não tenham tomado parte em suas articulações. (SILVA; CALIL, 2000, p. 53)

Ainda assim, as detenções dos integralistas ligados à AIB do Rio Grande do Sul não pararam naquelas que foram realizadas entre março e abril de 1938, tampouco ocorreram apenas no estado. Sobre o primeiro ponto, em maio de 1938, após a eclosão da Intentona Integralista, cujos eventos tiveram maior impacto nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, os camisas verdes gaúchos voltaram a ser presos em profusão, malgrado não terem sido encontrados indícios de seus envolvimento no levante.

Desta feita, foram presos Roger Alberton, Lauro Balduino Schuck e Melchiades Deffenti em 14/05/1938, Hugo Bertha, Manoel Hasslocher, Mario Ferreira de Medeiros, Nestor Pereira e Luiz Campagnoni em 16/05/1938, Martin Fleck em 21/05/1938, Giacomo Olivier, Eduardo Zasso e John Leonhard em 22/05/1938, Carlos Netzold Sobrinho

e Ary Cardoso em 04/06/1938 e, por fim, novamente, Manoel Hasslocher em 22/06/1938. (MILKE, 2003, p. 211-212)<sup>497</sup>

Vale destacar que, quando se observa a relação de presos constantes no livro de Matrículas de número 9 da Casa de Detenção, pela primeira vez, em relação às três primeiras prisões acima mencionadas, constava a seguinte justificativa: “integralista”. (MILKE, 2003, p. 212)

Já em relação ao segundo aspecto, tem-se que, as prisões relacionadas à suposta articulação dos camisas verdes e apoiadores do ex-interventor José Antônio Flores da Cunha também foram realizadas na cidade do Rio de Janeiro, por ocasião do levante Integralista. A primeira delas seria a do ex-chefe provincial da AIB, Nestor Contreiras Rodrigues.<sup>498</sup> Em sua fazenda no município de Resende-RJ, teriam também sido apreendidas quatro mil balas, cujo calibre e armamento correspondente não foram especificados, sendo a segunda delas a detenção de José Bonifácio Flores da Cunha, filho do ex-interventor José Antônio Flores da Cunha.<sup>499</sup> O aventado envolvimento desse último no levante foi assim descrito:

Esse moço, em companhia dos individuos Barreiras Fialho Santana e Jose Pompilio, deixou a casa da Avenida Niemeyer, quartel-general dos revolucionarios, na noite de 10, depois das 23 horas, todos perfeitamente armados. Demandaram á cidade no automovel n.º 4518, vehiculo esse conduzido pelo chauffeur de nome Eduardo. Não se sabe o detido o fim que traziam, nem a missão que iam desempenhar. O automovel referido – diz – estava a a serviço dos conspiradores. (*Correio do Povo*, 14/05/1938, p. 2)<sup>500</sup>

<sup>497</sup> Além dos três primeiros citados, Fridolfo Neuhauss, caramalista procedente de Passo Fundo-RS, preso em 27/04/1938, teve como justificativa para sua prisão no livro de matrículas da Casa de Detenção de Porto Alegre o fato de ser “propagandista do sigma”. (MILKE, 2003, p. 21)

<sup>498</sup> Mesmo após esse episódio, Adriana Iop Bellintani traz a narrativa de que Nestor Contreiras Rodrigues teria continuado a tentar articular um levante contra o governo federal reunindo não só forças militares como também simpatizantes do nazismo: “Os elementos integralistas no Exército estão todos eles em plena atividade e obedecendo às instruções do Plínio. Assim é que os últimos boletins de propaganda revolucionária integralista espalhados no Rio Grande foram escritos em máquinas do próprio Quartel-General em Porto Alegre, e o Contreiras disse ter feito todas as ligações com as tropas em Santo Ângelo e no 2º ou 12º RCI, em Bagé; neste, especialmente com sargentos. Declarou mais que, em toda a parte, encontrou sempre a maior facilidade para fazer ligações com os alemães-nazistas. O Contreiras afirma com toda convicção que os integralistas só desejam que o movimento estoure no Rio e, se não for vitorioso nas primeiras horas, que aguente ao menos 48 horas, tempo bastante para arrebentar também em vários pontos do País. Cita Belém do Pará, Ceará, Pernambuco, ele afirma que será tremendo o levante contra Agamenon, e na Bahia, onde ele diz não há melhor canja do que o Landulfo Alves. Cita também, como baluartes do movimento, Paraná e Santa Catarina.” (BELLINTANI, 2002, p. 77)

<sup>499</sup> Neste período, não só este filho de Flores da Cunha foi monitorado: “José Bonifácio Flores da Cunha (Zeca), Antonio Flores da Cunha (Tonico), Luís Flores da Cunha e Marco Aurélio Flores da Cunha (Lelinho), filhos de Flores da Cunha, apoiavam os atos subversivos e facilitavam a correspondência entre o pai e os outros revolucionários. Todos estavam sujeitos à forte vigilância e, quando o governo perdia o paradeiro de algum dos filhos de Flores, imediatamente colocava-se à procura.” (BELLINTANI, 2002, p. 79)

<sup>500</sup> Poucos dias depois ele seria solto no Rio de Janeiro por nada ter sido apurado contra ele. (*Correio do Povo*, 21/05/1938, p. 1)

Apesar de nada ter sido comprovado contra seu filho e de João Antônio Flores da Cunha ter, supostamente, se solidarizado com Getúlio Vargas pelo ocorrido no levante da noite de 10/05/1938, conforme noticiou o periódico, “*Radical*”, do Rio de Janeiro (*Correio do Povo*, 18/05/1938, p. 1), ele também acabou sendo indiciado como suspeito de envolvimento na tentativa de insurreição integralista, embora, posteriormente, tenha sido inocentado. (*Correio do Povo*, 03/08/1938, p. 1)

Essa série de prisões e a incorporação de uma imagem de periculosidade a eles, construída habilmente pela narrativa a respeito das tentativas de levante em março e maio de 1938, simbolicamente, pode servir para representar o desfecho da ocorrência das atividades do camisas verdes e também o fim das notícias sobre os mesmos.

Liberto em 04/04/1938, poucos dias depois, Oscar Machado presidiu no IPA uma palestra realizada pelo Centro Cívico General Osório que contou com a presença do jornalista Sérgio de Gouvêa para discorrer sobre o Estado Novo. É curioso que, após traçar um paralelo entre as atividades do magistério e do jornalismo, ao passar a palavra ao palestrante, a plateia, entre outros destaques, ouviu dele menções ao acirrado clima político do momento:

Terminadas as palavras do professor Alvaro de Oliveira o dr. Oscar Machado deu a palavra ao conferencista que, tomando-a, discorreu por espaço de meia-hora sobre a situação brasileira, fazendo rapido retrospecto da nossa vida politica, desde a Colonia até a Revolução de 30 para provar a necessidade inadiavel de uma nova ordem de cousas capaz de, assegurando estabilidade e prestigio ao governo, salvar o paiz das ameaças que o cercam nesta hora em que o mundo se bifurca em caminhos antagonicos, na lucta sangrenta pelos ideaes politicos que cada Nação defende. (*Correio do Povo*, 12/04/1938, p. 5)

Foi assim que, adequando-se ao novo contexto e buscando dar provas de sua lealdade ao Estado Novo, poucos dias após sua soltura, Oscar Machado ofertou as dependências do educandário do qual era reitor para sediar um evento que defendeu e saudou a ditadura varguista, combatida por muitos de seus ex-companheiros de AIB.

Desde então, o pouco que se sabe sobre as atividades dos ex-camisas verdes do Rio Grande do Sul foi encontrado em depoimentos que eles prestaram. Desmobilizados e alvos de constantes encarceramentos, em seus discursos, os camisas verdes de Porto Alegre afirmaram que não se organizaram para o levante de maio de 1938.

Nesse sentido, corroborando a tese apresentada por Adriana Iop Bellintani da existência de elementos infiltrados nas hostes integralistas para colher informações para

a polícia política, Dario de Bittencourt teria também reforçado a hipótese da inatividade dos camisas verdes de Porto Alegre em maio de 1938.

Em Porto Alegre, no entanto, a revolta não existiu na prática. Dario de Bittencourt relatou que chegou a acontecer a conspiração, tendo vindo uma pessoa do Rio de Janeiro para proceder à articulação do movimento na cidade. A organização não foi adiante devido a delação de um ex-companheiro que estava ligado à Repartição de Polícia. O resultado, mais uma vez, foi o incremento das perseguições, resultando em uma segunda onda de prisões. (MILKE, 2003, p. 197)<sup>501</sup>

Por fim, vale lembrar que, em paralelo ao desempenho desta atuação política e também concomitantemente às suas ocupações à frente da reitoria do IPA, uma última seara importante de sua trajetória precisa ser analisada, suas atividades na condição de professor universitário na UFRGS.

### 6.3 OSCAR MACHADO EM MEIO ÀS DISPUTAS NA UFRGS

A história da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), iniciada em 1895 com a constituição da Escola de Farmácia e Química, foi procedida pela criação da Escola de Engenharia sendo que, até a virada do século, também teriam sido incorporadas à instituição as Faculdade de Medicina e de Direito.<sup>502</sup>

Décadas depois, em 1934, integrando a Escola de Engenharia, os Institutos de Astronomia, Eletrotécnica e Química Industrial, a Faculdade de Medicina, as Escolas de Odontologia e Farmácia, a Faculdade de Direito, a Escola de Comércio, a Faculdade de Agronomia e Veterinária, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e o Instituto de Belas Artes, foi fundada a Universidade de Porto Alegre (UPA).<sup>503</sup>

Contudo, seria no ano de 1947, com a incorporação das Faculdades de Direito e de Odontologia de Pelotas e a Faculdade de Farmácia de Santa Maria – que, posteriormente seriam desvinculadas e originariam a Universidade de Pelotas e da Universidade Federal de Santa Maria – que a universidade passaria a se denominar Universidade do Rio Grande do Sul (URGS). Três anos depois, ocorreria uma última mudança, com sua

<sup>501</sup> Sobre a ilegalidade na qual a AIB foi jogada, houve casos como o de Rio Claro/SP, local onde os integralistas se mantiveram em atividade política sob véu de outras instituições. Contudo, no cômputo geral, o que ocorreu foi o desmantelamento de suas atividades até o final da Segunda Guerra Mundial. (BRUSANTIN, 2004)

<sup>502</sup> Sobre a trajetória da UFRGS ver: Histórico. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/historico>>. Acesso em 23 out. 2018.

<sup>503</sup> Sobre a Faculdade de Filosofia da UFRGS ver: (RODRIGUES, 2002).

federalização, passando ela a ser denominada como Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).<sup>504</sup>

Foi no cerne dessas mudanças e em paralelo às suas atividades políticas que um fato muito significativo ocorrido na trajetória profissional de Oscar Machado precisa ser destacado, sua admissão como docente no curso de filosofia da então UPA, quando, em 1943, ele assumiu a disciplina de Psicologia Geral e Experimental. Porém, no ano seguinte, esta disciplina passaria para as mãos do professor Décio Soares de Souza, indo Oscar Machado lecionar Psicologia Educacional no curso de Pedagogia. (GAUER; GOMES, 2003, p. 25)

A chegada de Oscar Machado à Universidade de Porto Alegre se deu em meio a uma disputa ideológica que ocorria desde o momento em que se planejava criar essa instituição, existente, sobretudo, entre dois grupos, o dos professores ligados à corrente positivista<sup>505</sup> e o grupo dos professores católicos<sup>506</sup>.

Grosso modo, pode-se afirmar que uma das principais divergências entre eles se devia à concepção que cada um possuía sobre a responsabilidade que o Estado deveria ter em relação à educação. Os positivistas postulavam que a sociedade deveria se organizar para cuidar do ensino, ao passo que os católicos entendiam ser necessária uma cooperação entre Igreja e Estado, para se efetivar a formação de professores eivados de valores cristãos.

No início da década de 1930, foi constituída pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul uma comissão para organizar a Universidade de Porto Alegre. Entre os planos da comissão estava a criação da Faculdade de Educação, Ciências e Letras. O grupo católico, tomando conhecimento dos planos da futu-

<sup>504</sup> Sobre a trajetória da UFRGS ver: Histórico. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/historico>>. Acesso em 23 out. 2018.

<sup>505</sup> “Os positivistas representavam uma tendência ideológica proeminente, que dominara a política no estado desde a segunda metade do século XIX, tendo como bastiões, entre outros, Júlio de Castilhos (1860-1903) e Borges de Medeiros (1864-1961), presidentes do estado entre as décadas de 1890 e 1910. O positivismo foi muito cultivado no Estado do Rio Grande do Sul em um período que vai aproximadamente de 1880 até 1940 (...). A defesa do pensamento positivista era liderada pela Liga Pró-Estado Leigo. As influências positivistas eram dominantes na Escola Militar de Porto Alegre, na Escola Livre de Farmácia e Química Industrial (fundada em 1895), na Escola de Engenharia (fundada em 1896) e na Faculdade de Direito (fundada em 1900).” (GAUER; GOMES, 2003, p. 20)

<sup>506</sup> “Os católicos, por sua vez, organizaram a Liga Eleitoral Católica para defender valores cristãos nas grandes decisões políticas. A Liga já havia obtido uma grande vitória, que foi a liberdade para o ensino religioso nas escolas primárias, secundárias e normais. (...) Os intelectuais católicos sul-rio-grandenses foram muito influenciados pelo jesuíta alemão, Padre Werner von und zur Mühlen (1874-1939), que havia servido à sua congregação em Portugal, vindo para o Brasil em consequência da proibição das atividades das congregações católicas naquele país. Pe. Werner é reconhecido como autor do primeiro estudo filosófico publicado no estado, intitulado Livre Arbítrio (...) foi orientador religioso de jovens intelectuais católicos, entre 1923 e 1939, através de uma congregação chamada de Mater Salvatoris.” (GAUER; GOMES, 2003, p. 2)

ra Universidade, enviou um Memorial ao Interventor General, José Antônio Flores da Cunha. Neste documento datado de 1934, (...) informava que estava organizando uma Faculdade de Educação, Ciências e Letras e entendia não ser interessante a abertura simultânea de duas faculdades com os mesmos cursos. Assim, o grupo estava disposto a desistir da organização de sua faculdade, mas reivindicava que professores católicos fossem convidados para participar da organização da nova Faculdade, na futura Universidade de Porto Alegre. (...) Cabe antecipar que o grupo católico foi o grande vencedor da disputa ideológica, bastando para isso comparar a lista dos signatários do Memorial Católico e a lista dos primeiros reitores da Universidade de Porto Alegre. Assinaram o Memorial os professores Raul Moreira, Frederico Dahne, Elyseu Paglioli, Ary de Abreu Lima, Normélio Rosa, Ruy Cirne Lima, Mário Bernd, Álvaro Magalhães, Adalberto Pereira da Câmara e Armando Câmara. Entre os signatários, três tornaram-se reitores: Abreu Lima na gestão 1939-1941, Armando Câmara na gestão 1945-1949 e Elyseu Paglioli na gestão 1952-1964. (GAUER; GOMES, 2003, p. 22-23)

Vale lembrar que esse grupo de intelectuais católicos, que se colocava nas disputas internas da universidade, teve sua formação planejada historicamente por sua arquidiocese. Nesse sentido, Dom João Becker teve um papel importante em seu longo arcebispado, atuando, tanto para a efetivação de um projeto de “regeneração social” pautado por pilares como antiliberalismo, o moralismo e o conservadorismo, – que se afinizavam com o projeto político de Borges de Medeiros – quanto para a formação de uma elite intelectual da república, na qual as ordens religiosas tiveram um importante papel:

Destaca-se que nesse processo dois colégios católicos controlados por jesuítas alemães que fugiram da perseguição bismarkiana que tiveram um papel estratégico na formação de elites políticas e culturais: o Colégio Conceição de São Leopoldo e depois o Colégio Anchieta de Porto Alegre. Desse modo, argumenta-se que a relação entre o laicato católico e a Universidade do Rio Grande do Sul (URGS) foi uma estratégia de conquista historicamente construída, que começou com a formação intelectual das gerações católicas. Nesse sentido, (...) a ascensão ideológica da geração católica no RGS começou quando Dom João Becker assumiu a Arquidiocese de Porto Alegre, em 1912, e declinou quando Armando Câmara renunciou ao Senado na década de 1950. (MONTEIRO, 2007, p. 3)

Em boa medida, seria também por conta da formação católica recebida por tais intelectuais que a concepção de positivismo que eles projetavam sobre o grupo com o qual rivalizava na busca da hegemonia na universidade possuía um caráter difuso. Mais do que se prender aos aspectos filosóficos gerais, seu “positivismo” se ligaria em maior grau aquilo que não convergisse com os ideais metafísicos e humanistas cristãos, ou seja, às teorias científicas e materialistas que, não sendo católica ou liberal, se contrapunham a eles. (MONTEIRO, 2007, p. 24-25; MONTEIRO, 2011, p. 239)

Assim, as disputas entre tais grupos ocorridas desde o momento em que a ideia de se criar uma universidade foi cogitada, se assentam ao longo dos mandatos de seus

primeiros reitores, Manoel André da Rocha, que permaneceu no cargo entre 1935 e 1937, Aurélio de Lima Py, que ficou à frente da instituição entre 1937 e 1939, e também Ary de Abreu Lima, cujo gestão foi interrompida em 1941 em virtude de seu falecimento em um acidente aéreo.

Nesse interregno, embora os católicos tenham tentado manter o domínio sobre a Faculdade de Filosofia, que estava sendo criada, tiveram sua entrada dificultada por conta das regras impostas para a contratação de novos professores. Isso se deu pois a comissão que tratou disto estabeleceu que a entrada na universidade de novos docentes se daria por meio de concurso de provas e títulos, situação que fez com que o único católico a ser aprovado teria sido Ary de Abreu Lima que em seu período à frente da reitoria nada pode fazer para alterar tal critério. (MONTEIRO, 2006, p. 53)

Neste ambiente, o plano de conquista da hegemonia ideológica na universidade pelos católicos contou com a ajuda de um outro grupo de intelectuais que passariam também a ocupar um importante papel nesta, sobretudo na Faculdade de Filosofia<sup>507</sup>, os intelectuais metodistas, dentre os quais Oscar Machado.

Com a morte de Ary de Abreu Lima, sem que se saiba quem o sucedeu, apenas no ano de 1943 foi que assumiu a reitoria da universidade Edgar Luiz Schneider.<sup>508</sup> No curto período no qual esteve à frente da instituição, ocorrido entre os meses de março e setembro deste ano<sup>509</sup>, ele conseguiu alterar o antigo regulamento que normatizava a contratação de professores, possibilitando que essa fosse feita sem concurso a partir de então.

Aberto este precedente, aparentemente, os intelectuais católicos, que desde a década anterior buscavam a criação da faculdade de filosofia e seu controle sob os preceitos cristãos, acabariam ocupando um papel de destaque na universidade. Contudo, isso não teria se dado de modo automático, uma vez que a maior entrada deste grupo se fez

---

<sup>507</sup> Criada em junho de 1942, reunia os cursos de Matemática, Física, Química e História Natural. No ano seguinte incorporou também os cursos de Filosofia, Geografia e História, Letras Clássicas Neolatinas, Letras Anglo-Germânicas, Pedagogia e Didática: “A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foi criada pelo decreto N. 6194, em 1936, assinado pelo governador interino Darcy Azambuja e pelo secretário de educação Othelo Rosa. Embora, em 1938 o conselho universitário tenha aprovado os cursos de Matemática, Ciências Físicas, Ciências Químicas, História Natural, Filologia, Filosofia, Educação, Geografia e História, a autorização para os funcionamentos dos cursos só veio a ocorrer em 1942, pelo decreto n. 9076, em relação aos Cursos da seção de Ciências. Deste modo, nesse mesmo ano a Faculdade passou a intitular-se Faculdade de Filosofia, e em 1943 obteve autorização para o funcionamento dos demais cursos.” (MONTEIRO, 2006, p. 147)

<sup>508</sup> Cristina Lhullier, Luiz Osvaldo Leite e Edgar Luiz Schneider também eram metodistas. (GOMES; LHULLIER; LEITE, 1999)

<sup>509</sup> Sobre Edgar Luiz Schneider ver: Verbete Edgar Luiz Schneider, Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/schneider-edgar-luis>>. Acesso em: 12 abr. 2019.



acompanhar de uma significativa presença de intelectuais metodistas para o quadro docente da universidade:

Deste modo, o Reitor escolheu os novos professores em sua maioria do grupo católico, porém, introduziu uma nova linha ideológica: os metodistas. Nesse sentido, os metodistas podiam competir com os católicos porque muitos de seus representantes tinham formação intelectual nos Estados Unidos sendo importantes para a renovação pedagógica e filosófica da nova faculdade (...) Com a possibilidade de contratar professores das Faculdades existentes, no curso de Filosofia o grupo católico fora beneficiado, mas também os metodistas, como Oscar Machado, o pastor Derly Chaves e José Gomes de Campos. (MONTEIRO, 2011, p. 245)

A entrada de Oscar Machado na universidade foi muito emblemática uma vez que foi ele quem realizou a aula inaugural dos cursos da Faculdade de Filosofia, um dos polos nos quais se dava a disputa de poder, e não um membro do grupo católico:

Na aula inaugural dos cursos da Faculdade de Filosofia, proferida em 1943, o Diretor do Instituto Porto Alegre (maior colégio metodista da cidade), Professor Oscar Machado, falou sobre os “Aspectos psicológicos e filosóficos da interpretação da História”, firmando, segundo Soares e Diniz da Silva (1992), uma posição ideológica para a Universidade. Essa posição confirma a vitória católica no debate anteriormente citado: Machado contrapunha-se ao determinismo histórico marxista (pelo qual a condição social determinaria a consciência do homem) através de uma concepção agostiniana da existência de leis divinas que regem o mundo. (GAUER; GOMES, 2003; p. 24-25)<sup>510</sup>

Poderia se propor que, dada sua orientação teórica, para além de quaisquer eventuais divergências religiosas, ele tivesse acabado por manter uma atuação conjunta à dos intelectuais católicos nas disputas de poder da instituição, frente ao grupo positivista.<sup>511</sup> Contudo, segundo René Gertz, desde a década anterior, do mesmo modo como havia um ataque de parte dos católicos do estado aos metodistas, pautado por um nacionalismo que se vinculava ao catolicismo<sup>512</sup>, esta disputa também se acirraria no interior da nova faculdade que era imaginada para ser dominada pelos católicos:

<sup>510</sup> Acrescente-se que, nela, o palestrante ainda analisava o momento de reconstrução da ordem mundial face à conjuntura internacional da época e destacava a grande missão da Faculdade de Filosofia como mobilizadora do “verdadeiro espírito universitário”. (GAUER; GOMES, 2003, p. 26)

<sup>511</sup> Sobre estas disputas, ver: (BATISTA, 2004 e TRINDADE, 1982; 1983/1984).

<sup>512</sup> “A presença protestante era claramente vinculada a interesses imperialistas, de forma que “quem proteger de qualquer modo os colégios protestantes – conscientemente ou inconscientemente – é traidor de sua pátria” (...). Nesse sentido, *O Seminário*, revista editada pelo seminário dos jesuítas de São Leopoldo, publicou, em 1927, um artigo sobre “O perigo ianque”, perguntando se ele de fato existia. A resposta foi positiva, sugerindo que as coisas poderiam piorar. “Por enquanto há o [perigo] da conquista religiosa, que está sendo feita pelos metodistas em todos os países da América do Sul.” (GERTZ, 2007, p. 78)

Mesmo que a campanha pela criação da Faculdade de Filosofia da então Universidade de Porto Alegre, no início dos anos 1940, pretendesse ser um passo importante na afirmação do catolicismo dentro dessa instituição de ensino superior, sua instalação se deu sob o reitorado de Edgar Luís Schneider, um metodista, o qual impôs sua própria presença e mais ainda a de alguns outros metodistas no corpo docente da nova unidade. (GERTZ, 2007, p. 83)

Com isso em vista, se a chegada dos metodistas na universidade acentuaria a presença de uma pluralidade de ideias nesse período de consolidação da instituição, ela também é indício de uma ação organizada por membros da denominação religiosa, especificamente seu reitor e seus principais expoentes intelectuais de Porto Alegre, entre eles Oscar Machado, no sentido de viabilizar a efetivação do *projeto coletivo* metodista de se capilarizar pela sociedade e divulgar suas ideias e valores:

Neste contexto inicialmente no curso de Filosofia (...), por ser mais fácil contratar os professores da Universidade, houve certa abertura ideológica, com a incorporação dos metodistas. O grupo católico ficou com a metade das cadeiras da Faculdade, os metodistas como Oscar Machado juntamente com o Reitor Edgar Schneider, garantiram o equilíbrio na orientação do curso. Do grupo católico e do CCA constam os nomes do catedrático de psiquiatria da Faculdade de Medicina Décio de Souza, de Álvaro Magalhães, que viera da Faculdade de Engenharia e do Colégio Universitário aonde havia sido diretor. (MONTEIRO, 2011, p. 245)

Todavia, enfatiza-se que, junto da flexibilização do critério para a contratação de professores e do fato de Edgar Luiz Schneider ser metodista se, em relação à contratação de Oscar Machado a justificativa oficial dada, se devia não só pelo fato de que ele conferiria certo prestígio à nova universidade, pois ele era reitor do IPA, sendo também a única pessoa formada em psicologia na cidade de Porto Alegre (GAUER; GOMES, 2003, p. 25)<sup>513</sup>, numa direção oposta, ela poderia também ser explicada como sendo fruto da disputa por espaços de poder com os católicos.<sup>514</sup>

<sup>513</sup> Ao versar sobre a entrada de professores do IPA na nova universidade, Edni Oscar Schroeder corroborou com a ideia de que, pelo renome da instituição metodista no período, tais profissionais que eram detentores de um reconhecido *capital intelectual* concorreriam para sua consolidação, sendo que também se afinizariam com o ideário que se contrapunha ao grupo “positivista”: “Eu sei da... da... dos professores que eram pontuados, professor João Facina, de português, o de francês, professor Vitrok da química; eram professores brasileiros, tá certo, que eram considerados sumidades, e eu penso que eles eram mesmo, porque muitos deles, eles foram ser professores que foram criar cursos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul que estava em processo de formação, eles saíram dali e foram pra lá criar a universidade, tá certo? O José Gomes de Campos e o Sebastião Campos que eram dois brasileiros empedernidos da direita, tá certo? Eles foram criar junto a outros grupos a escola de economia e administração do Estado do Rio Grande do Sul, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; quer dizer, eram professores que estavam ali. Todos eles, pelo que eu sei, estes que eu sei, todos eles afinados com o modelo... com modelo.... liberal, né, e todos eles afinados com o modelo norte-americano de vida, e.... e, logo, também, tendo sucesso na vida externa à instituição, tanto é que eles saíam pra ir lá, mas, ou periodicamente ou em alguns momentos da semana ficavam aqui, quer dizer, eles nunca saíam daqui, como assim, mais ou menos, fosse a instituição o bebedouro, tá certo, e eles iam lá, depois, fazer a ação, e isso era um motivo de orgu-

Sobre o último ponto, ele poderia, em parte, ser explicado por dois motivos. Num primeiro momento, tem-se que, num espaço marcado por grandes disputas pelo poder, que era tão almejado pelos católicos, curiosamente, ao invés de um de seus professores realizarem a aula inaugural, esta foi proferida por Oscar Machado, o que poderia ser entendido como uma ação explícita para se evitar a hegemonia católica na faculdade. (GERTZ, 2007, p. 83)

Uma segunda explicação, que também se vincularia a esta mencionada, decorreria dos acontecimentos que envolveram um outro intelectual católico, Balduino Rambo. Notadamente, este personagem era tido como o principal botânico do Rio Grande do Sul, sendo de se esperar que, na criação da faculdade de Filosofia, ele fosse escolhido para ocupar tal cátedra. Porém, tem-se que tal posto, ao invés de ter sido preenchido por Balduino Rambo, foi ocupado pelo luterano Alarich Schutz, que possuía menos notoriedade.

Para se tentar explicar tal escolha por parte de Edgar Schneider, concorda-se aqui com a hipótese levantada por René Gertz, para quem os metodistas, ao vencer os católicos nesta disputa, teriam oferecido à Rambo a cátedra de Antropologia e Etnografia, da qual ele se tornou patrono:

Na indicação do catedrático de Botânica, teria perdido para Alarich Schutz e recebido como prêmio de consolação a cátedra de Anropologia e Etnografia área sobre a qual não possuía conhecimento especializado. A historiografia não possui explicação para essa suposta preterição de Rambo. Mas talvez se pudesse arriscar a hipótese de que o reitor Edgar Schneider quisesse diluir um pouco eventuais efeitos negativos de sua imposição de vários docentes metodistas, incluindo também o luterano Schutz, para poder justificar de forma mais convincente suas intenções ecumênicas e pluralistas. Apesar de tudo isso, consta que Rambo e Schutz se entendiam muito bem. (GERTZ, 2007, p. 83)

Se, em relação a Oscar Machado, a entrada na então futura UFRGS se deu por conta desta disputa de espaços de poder, sob a justificativa de um notório saber do qual ele era detentor, em relação a José Gomes de Campos, seu ingresso se deu mediante a aprovação no concurso de provas e títulos, fato que evidencia a sólida formação que muitos dos intelectuais metodistas recebiam em suas instituições, seja no Brasil ou nos EUA:

---

lho pra nós que éramos alunos saber que os nossos professores eram os que estavam criando a universidade que todo mundo que estava ali queria, tá certo?" (Entrevista com Edni Oscar Schroeder, 26/07/2016)

<sup>514</sup> Na verdade ele não era formado em psicologia, mas presume-se que, em seus currículos da SMU e BSC tenha cursado uma carga horária de disciplinas que lhe permitesse estar apto a lecionar em tal área.

Num primeiro momento no quadro de vinte e nove indicações de docentes para os cursos da área de humanas, encontramos apenas 1/3 de nomes formados nas Congregações Marianas. Isso não quer dizer que a influência foi pequena, mas revela que a concentração foi em determinados cursos e tipos de conhecimentos (...). Os únicos do grupo que prestaram concurso para o provimento interno da Faculdade foram Francisco Machado Carrion e Lourenço Mário Prunes, e dos Metodistas foi o caso de José Gomes de Campos. Contudo, nessa lista inicial do quadro docente, de 1943, figuraram alguns nomes de pessoas com trajetória política e intelectual reconhecidos na sociedade riograndense que nem assumiram definitivamente as cátedras, como o historiador e ex-deputado constituinte Moysés Velhinho, o secretário de Educação José P. Coelho e o próprio reitor Edgar Schneider. (MONTEIRO, 2006 p. 55)<sup>515</sup>

Ainda tratando-se de Oscar Machado, quando questionado se um possível motivo que o teria levado para a nova universidade poderia se relacionar com o fato de que o valor recebido como salário no IPA, independentemente dele ocupar uma posição de destaque, seria baixo, o que tornaria necessária uma outra atividade para a complementação de sua renda – situação que também poderia se estender aos outros docentes metodistas que seguiram o mesmo caminho – Edni Oscar Schoreder afirmou:

Certamente. Certamente. Certamente tem a... Uma era... já na... no pós-setenta, né, o sujeito trabalhar no IPA e dizer que era professor da UFRGS, era um valor; vê-se que inverteu, né? Que antigamente era... ser do IPA era importante pra UFRGS, depois inverte. Eu, por exemplo, quando eu fiz... eu entrei em sessenta e dois e assumo a direção em setenta e um. Tá? E fiquei até oitenta. Eu cresci dentro do IPA, em setenta e quatro, quando eu fui ser professor da UFRGS, porque eu passei no ves... no... no concurso da UFRGS, aí eu era professor da UFRGS, entendeu; diretor e... quer dizer, a apresentação se dá assim: “— ele é o diretor do IPA e professor da UFRGS”. Tá certo? Então, realmente, houve uma inversão. A UFRGS cresceu pelo crescimento normal do ensino superior em todo o país, né? (Entrevista com Edni Oscar Schroeder, 26/07/2016)<sup>516</sup>

Entende-se, portanto, que a atuação de Oscar Machado na nova universidade consolidaria de vez sua trajetória enquanto intelectual, coroando o *projeto individual* que ele engendrou desde sua primeira estada nos EUA. Serviria também para que ele viesse a ocupar postos importantes da administração pública, uma vez que ele Presidiu o Departamento de Educação da UFRGS (1956-1957 e 1963-1964), atuou como diretor da Divisão de Aperfeiçoamento do Centro Regional de Pesquisas Acadêmicas (INEP-

<sup>515</sup> Até o momento se desconhecem os motivos que levaram Derly de Azevedo Chaves à universidade. Pode-se presumir que ela também tenha sido fruto da ação do reitor Edgar Schneider na luta por espaços de poder com os católicos.

<sup>516</sup> Esse motivo foi confirmado por familiares de Oscar Machado que asseveraram serem recorrentes as dificuldades financeiras do IPA e, não raro, os salários do reitor atrasarem. Por isso ele teria pedido a revalidação de seu diploma para poder pleitear um cargo na UFRGS, coisa que acabou ocorrendo, a despeito das dificuldades criadas pela burocracia do processo que envolvia seus documentos no MEC.

Porto Alegre, 1963-1966), foi membro do Conselho Deliberativo da Coordenação de Assessoria e Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES-Rio de Janeiro, 1967-1970), representou do Ministério da Educação e Cultura no Conselho na Fundação da Casa Brasil na Grã Bretanha (1967), foi consultor em educação junto à Universidade Federal do Ceará (UFC), no âmbito do Programa MEC/BID (Fortaleza, 1969-1970), membro do grupo executivo do mesmo projeto (Rio de Janeiro, 1970), representante da UFRGS (Rio de Janeiro e Brasília, 1970-1971) e chefe da Assessoria de Assuntos Educacionais, Secretaria Geral do Ministério da Educação (Rio de Janeiro, 1971). (MACHADO, 1974, p. 4)

Além disso, ele também foi o representante brasileiro em eventos internacionais ligados à educação, situações que fariam com que seu *projeto* se articulasse muito bem com o *projeto coletivo* do metodismo e do integralismo nos diferentes *campos* nas quais Oscar Machado atuou. Para se ter uma ideia de sua participação em tais eventos, Oscar Machado foi membro da “Comissão Ad Hoc” de educação da OEA (Washington-EUA, 1967), da delegação do Brasil na V Reunião do Conselho Interamericano Cultural (Venezuela, 1968), da Comissão Interamericana de Educação (OEA) (1968-1970) e da delegação do Brasil à IV Reunião do Conselho Interamericano (Trinidad, 1969), representante da OEA na “Reunião sobre Ensino Técnico e Formação Profissional (Buenos Aires, 1969). Integrou também a Delegação do Comitê Interamericano de Educação (OEA) no Seminário de Investigação Educacional (Madri-ESP, 1970), representou o Ministério da Educação e Cultura nas negociações do empréstimo para o “Projeto Educacional, MEC/BIRD”, no Banco Mundial (Washington-EUA, 1971) e coordenou a Campanha Nacional de Educação Rural do Ministério da Educação e Cultura (Rio de Janeiro, 1953-1954). (MACHADO, 1974, p. 4)

Não obstante, contiguamente a essa atuação na UFRGS, que duraria até sua aposentadoria, em 1968, se Oscar Machado manteve-se afastado da política durante o Estado Novo, com o término da Segunda Guerra Mundial e a queda de Getúlio Vargas, após retornar de sua estada dos Estados Unidos, essa situação se alteraria.

#### 6.4 O INTEGRALISMO NO ENTREGUERRAS: A ESPERANÇA DE MANTER VIVAS AS CHAMAS VERDES

Quando perguntado sobre as manifestações integralistas no período da Segunda Guerra Mundial, Guido Mondin, liderança mais importante do Partido de Representação

Popular (PRP)<sup>517</sup>, nova sigla sob a qual o integralismo voltava à baila neste contexto, atestou que, salvo uma ou outra manifestação isolada, os ex-camisas verdes já teriam seu ímpeto arrefecido:

Tanto que com a II Guerra, dá para ver que o integralismo já estava adormecido. Porque o integralismo permaneceu como doutrina só em determinado escalão: nos que mais estudaram, nos que mais leram, aí é que permaneceu. De resto, os outros esqueceram completamente. Embora é só avivar um pouco em quem foi integralista, ele vem à tona. (SILVA; CALIL, 2000, p. 192)

Na fala de Guido Mondin, sem desconsiderar que muitos integralistas teriam entrado para a AIB por conta de sua proximidade com o ideário fascista, quando se observa entre os antigos camisas verdes autantes na reorganização do integralismo no pós Segunda Guerra, concorda-se com ele que, no Rio Grande do Sul, seriam as pessoas de certo destaque, dentre eles Oscar Machado, que tomariam à frente do processo de criação e consolidação do Partido de Representação Popular (PRP).

Para concluir a respeito do integralismo nessa nova conjuntura, embora esse tema não seja o foco principal deste trabalho, Oscar Machado teve uma atuação de grande relevância para sua reorganização. Parte de sua atuação como dirigente estadual do PRP no Rio Grande do Sul entre os anos de 1946-1952 – justamente o período no qual houve a organização que lançou as bases para que a sigla se transformasse no fiel da balança entre o PSD e o PTB – já foi analisado por Claudira Cardoso. (CARDOSO, 2009, 101-148)

Deste modo, como a análise da atuação de Oscar Machado no PRP, por si só, ensejaria um novo estudo, limitaremos-nos aqui a, brevemente, demonstrar seu percurso desde sua entrada na sigla, que não foi tão automática como se possa, à primeira vista pensar, bem como algumas das questões que passaram ao largo dos estudos que se debruçaram sobre o PRP.

Conforme já se mencionou anteriormente, pouco se sabe sobre sua atuação política durante o período do Estado Novo. Tendo sido preso no contexto das tentativas frustradas de levantes integralistas em 1938, além de, possivelmente, ter sido constantemente vigiado pela polícia política por isso, os poucos vestígios referentes a Oscar

---

<sup>517</sup> Guido Fernando Mondim (1912-2000) foi deputado estadual (1951-1955) e senador da República (1959-1967) pelo PRP, sendo eleito novamente para o senado pela Arena (1967-75). Por fim, ocupou também o posto de ministro do Tribunal de Contas da União, do qual foi vice-presidente, em 1977, e presidente, em 1978.

Machado sobre seu envolvimento com a política são oriundos do contexto no qual estava em curso a Segunda Guerra Mundial.

Por meio de depoimentos de familiares, pode-se inferir que, no conturbado contexto, no qual alemães, italianos e japoneses foram perseguidos e ameaçados em Porto Alegre, ainda que em um grau um pouco menor do que o verificado em eventos mais radicais, Oscar Machado também fora alvo destas perseguições por conta de seu progresso envolvimento com a AIB.

Desta forma, segundo relatos sobre este período, não foram raros os telefonemas anônimos que realizavam ameaças a ele, de depredação ao IPA, em especial em períodos de férias, nos quais apenas Oscar Machado, sua família e uns poucos funcionários permaneciam na instituição, situação que mantinha todos em estado de alerta.

Apesar de ter sido narrado que ele se manteve calmo nestes episódios, para evitar maiores complicações com a polícia e talvez com possíveis perseguidores – caso estas ameaças fossem efetivadas – todos os livros de Oscar Machado – presume-se que, em especial, aqueles ligados ao integralismo e/ou regimes fascistas – foram levados para a casa de parentes de sua esposa que moravam em outra região da cidade.

Sem embargo as intimidações feitas a Oscar Machado não terem, de fato, se concretizado, acredita-se que o medo sentido por ele e seus familiares talvez tenha sido partilhado por outros eventuais ex-integralistas que possam ter recebido ameaças semelhantes. Desta forma, além destas pistas, as escassas inferências encontradas sobre as atividades dos ex-integralistas no Rio Grande do Sul são provenientes de uma entrevista com um ex-líder integralista de Porto Alegre, Emílio Otto Kaminski e de trabalhos que abordaram a reorganização do PRP em escala regional, estadual (CARDOSO, 2009) e nacional (CALIL, 2005).

Sobre o primeiro ponto, ao ser questionado sobre as articulações dos integralistas no Rio Grande do Sul após o golpe do Estado Novo, Emílio Otto Kaminski destacou que embora as organizações tivessem uma atuação pequena, houve por parte dele e de outros ex-camisas verdes o esforço por manter os vínculos, situação que teria lhe ocasionado uma prisão:

Apesar de ser um jovem de 24 anos, eu era o líder do Triunvirato, na clandestinidade eu fui preso. Alguém denunciou que eu era o líder do Integralismo no Rio Grande do Sul e por isso eu fui preso. (...) Nós chamávamos a “Ação Integralista na clandestinidade”. Mas não tivemos muita atuação. Foi mais, vamos dizer, um órgão que procurava manter vivas as ligações. Se alguém do interior viesse a Porto Alegre procurava um de nós três para conversar, a gen-

te não tinha lá muita coisa a dizer porque não havia atividade política nenhuma: era o Estado Novo, era ditadura, totalitarismo. Era para não deixar morrer completamente, então foi criado esse Triunvirato, e os companheiros procuraram trocar idéias, mas sem ter nenhuma atuação, porque não tinha condições de ter uma atuação mesmo. (SILVA; CALIL, 2002, p. 51)

Sem embargo tenha minimizado a importância das atividades dos ex-camisas verdes durante o Estado Novo, na sequência da entrevista, ao abordar os acontecimentos que envolveram os antigos integralistas após o fim da ditadura varguista, Emílio Otto Kaminski destacou que elas teriam sido importantes para a reorganização destes sob a nova sigla, PRP:

Até 1945, quando o então Estado Novo caiu, a morte do Getúlio, etc. e tal, e aí então os partidos reabriram. Justamente por nós não estarmos completamente mortos, porque estávamos... é que se criou o Partido de Representação Popular, que já estava dentro da nova legislação partidária. Criamos o Partido de Representação Popular, que era dos que eram integralistas e simpatizantes que não tinham sido integralistas mas entraram no PRP, logo em seguida. (SILVA; CALIL, 2002, p. 51)

Não se encontrou qualquer inferência à participação de Oscar Machado nestas atividades desempenhadas pelos ex-integralistas no interstício do Estado Novo. Todavia eles voltariam à cena política em 1945 quando foi criado o PRP e ocorreriam as eleições para a Presidência da República e para a Câmara dos deputados.

## 6.5 OSCAR MACHADO E A POLÍTICA NO PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: DO PSD AO INTEGRALISMO

Desde os meses iniciais de 1945, os integralistas já estavam em processo de rearticulação. Para Gilberto Calil, um indício importante disto foi a publicação de uma matéria no jornal *Diário de Notícias*. Nessa, foi informado que Plínio Salgado – então exilado em Portugal – recomendou a Raymundo Padilha que, após a revogação da lei que fechou os partidos políticos, fosse realizada a reorganização do integralismo para que os ex-camisas verdes comparecessem às próximas eleições. (CALIL, 2005, p. 214)

Além desta informação, a matéria publicada afirmava que deveriam ser descartados os símbolos da AIB, preservando-se apenas o lema “Deus, Pátria e Família”, sendo também veiculado que sedes integralistas já funcionavam no Rio de Janeiro e em São Paulo. (CALIL, 2005, p. 215)

Vale destacar que, na iminência de voltar ao Brasil, Plínio Salgado já intentava se adaptar aos novos tempos e se apresentar de modo diferente daquele vivenciado na



década anterior, na qual era patente o cariz fascista da AIB e a simpatia de seu líder máximo com tal ideário. Sob tal prisma, o período no exílio, conforme demonstra Leandro Pereira Gonçalves, foi importante para que Plínio Salgado estabelecesse uma “nova versão” de si, como defensor da democracia-cristã, pautada pelo modelo de António de Oliveira Salazar:

Havia a necessidade de manter a base organizacional do cristianismo e o estabelecimento de uma versão de “Plínio pós-guerra. Desta forma, caminhou em três ações: a manutenção das ações para o fortalecimento como intelectual católico, a consolidação de uma nova composição metodológica através da democracia cristã; e as articulações políticas que precisavam ser construídas para um bom regresso para seu estabelecimento no Brasil, além da consolidação do PRP. (GONÇALVES, 2017, p 269)

Buscando se afastar do rótulo de fascista que pairava sobre o integralismo, pautando boa parte das críticas dirigidas à tentativa de sua reorganização via PRP, evidencia-se que alguns aspectos que poderiam ser vistos como positivos, a exemplo do caráter democrático, nacionalista, mas, sobretudo, do aspecto espiritualista, – um fator aglutinador do partido – conformariam elementos que embasariam o discurso perrequista.

A definição de espiritualismo contempla algumas idéias essenciais que norteavam a doutrina política do integralismo. Modo de vida inspirado por princípios espirituais, ordem, liberdade restrita, autoridade, moralismo, providencialismo. Esses elementos tinham a dupla função de compor e legitimar o discurso propagado pela AIB e, destacadamente, pelo PRP. Mas além de propugnar aspectos positivos, o integralismo contrapunha-se, pois “sem negação não pode haver afirmação”. Para que o espiritualismo defendido pudesse, destarte, instituir um novo senso de vida harmonizador, seria preciso posicionar-se e combater frontalmente seu inimigo figadal: o materialismo. (MERG, 2007, p. 39)

Destarte, na esteira dos acontecimentos que levariam à formação do PRP em 1945, os integralistas publicaram um novo documento no mês de março, intitulado “Carta Aberta à Nação Brasileira” que, em suma, trazia três eixos centrais em sua defesa. A princípio, ele afirmava que a AIB não recebeu ajuda financeira, nem manteve relações com Itália ou Alemanha, defendendo que os camisas verdes eram combatidos pelos nazistas no sul do país. Num segundo momento, esquivava-se da acusação de que a AIB seria totalitária e que sua doutrina seria nazi-fascista e, em sua parte final, declarava que a AIB não era antiamericanista. (*Diário de Notícias*, 17/05/1945, p. 3)

O documento ainda asseverava que nenhum grupo deveria ser alijado da vida nacional por conta de qualquer motivo ou acusação leviana e, sendo assinado por cento e três lideranças integralistas, dentre elas Oscar Machado, trouxe, pela primeira vez, a

confirmação de que o último já se envolvia na defesa das atividades políticas no pós Segunda Guerra.

A própria publicação deste documento, contando com 103 assinaturas de lideranças, afora “milhares de outras assinaturas de antigos integralistas” não publicadas, demonstra que os integralistas já haviam atingido um estágio de organização bastante razoável. Os signatários da Carta eram bastante representativos da liderança integralista, incluindo 19 ex-membros da “Câmara dos Quarenta” da Ação Integralista Brasileira e a maior parte de seus antigos “chefes provinciais”. Dentre eles estavam alguns dos mais conhecidos seguidores de Plínio Salgado, como Gustavo Barroso, Olbiano de Melo, Alberto Cotrim Neto, Antônio Coelho Branco, Custódio de Viveiros, Jayme Ferreira da Silva, Oscar Machado, João Carlos Fairbanks, Marcel da Silva Telles, Loureiro Júnior e Fernando Cochrane, além de seu “representante no Brasil”, Raymundo Padilha. À exceção de Barroso, todos os demais participaram da constituição do Partido de Representação Popular. (CALIL, 2005, p. 215)

Salta aos olhos o fato de que Oscar Machado foi a única ex-liderança integralista do Rio Grande do Sul a subscrever o tal documento, situação que não teria ocorrido, por exemplo com Dario de Bittencourt, pois esse havia declinado ao convite de vir a integrar o PRP. (CALIL, 2005, p. 216)

Desta forma, desde o início do ano de 1945, os integralistas passaram a articular seu retorno sob a forma de PRP e, segundo Claudira Cardoso, no Rio Grande do Sul, isto teria sido organizado por antigas lideranças da AIB, detentores de um *capital político* que teria sido importante neste novo contexto:

Além disso, a existência de alguns telegramas enviados por ex-membros da AIB de Porto Alegre para alguns municípios do interior, solicitando assinaturas para o registro do PRP, contribui para confirmar a continuidade dessas relações que de alguma forma facilitaram as articulações que forjaram mais um novo partido no Estado. Portanto, se poderia afirmar que parte do capital político acumulado por alguns membros da AIB, foi novamente utilizado como recurso no período de formação do PRP gaúcho. (CARDOSO, 2009, p. 74)

Entretanto, o PRP não havia ainda terminado sua reorganização pelo fato de que, somente em setembro de 1945, teria voltado à cena política com a publicação de um “Manifesto-Diretiva”. Tal documento, além de definir algumas questões teóricas de sua nova organização, iniciaria o processo para tratar de questões mais práticas como o alistamento eleitoral. (CALIL, 2005, p. 218)

Apenas quinze dias depois da publicação do manifesto foi que o PRP teria obtido seu registro eleitoral provisório, ao cumprir alguns pré-requisitos exigidos, dentre os quais ter sido considerado democrático:

O PRP encaminhou seu pedido de registro provisório ao Tribunal Superior Eleitoral no dia 2.10.1945, último dia do prazo fixado pela lei para habilitação às eleições de 1945. O pedido foi aceito por unanimidade em 9.10.1945. Pela legislação então vigente, a obtenção do registro definitivo ficava na dependência da apresentação de 10.000 assinaturas. O PRP apresentou 15.772 assinaturas em 3.11.1945. Seus Estatutos e Programa partidário foram considerados “democráticos” e aprovados pela Justiça Eleitoral, a 10.11.1945. As assinaturas foram recolhidas em 15 estados: Paraná (2.977), Rio de Janeiro (2.501), Bahia (1.792), Pernambuco (1.387), São Paulo (1.385), Minas Gerais (1.046), Santa Catarina (986), Rio Grande do Sul (841), Distrito Federal (826), Espírito Santo (660), Maranhão (602), Ceará (465), Paraíba (152), Amazonas (99) e Piauí (53). (CALIL, 2005, p. 229)

Como demonstra ainda Gilberto Calil, o contexto pós 1945 trouxe dificuldades para o reestabelecimento dos integralistas sob a nova roupagem de PRP. Desde o início do ano verificou-se a realização de eventos e a publicação de materiais anti-integralistas, associando a AIB aos fascismos. Essa situação, corroborada por órgãos da imprensa como os *Diários Associados*, ajudou a explicar a publicação da Carta Aberta à Nação, na qual Plínio Salgado buscou desvincular a AIB do fascismo. Além disso, a partir de 1946, os perrepistas enfrentariam uma série de críticas e denúncias que pediriam, inclusive, a cassação de sua legenda. (CALIL, 2005, p. 204-238)

Neste novo cenário, especificamente sobre as ações para a organização do PRP no Rio Grande do Sul, elas se mostraram mais efetivas em meados de novembro de 1945 quando foi realizada sua primeira convenção. Em tal evento, entre os membros que foram escolhidos para compor o Diretório Estadual Provisório formado por cinco dirigentes, figurou os nomes de Celestino Caparelli Peres Cardoso (Presidente), Luiz Alexandre Compagnoni, (1º Vice-presidente), Andrino Braga (secretário), Sezefredo Azambuja Vieira (consultor jurídico) e Romano Tóffoli Culau (tesoureiro). Esses cinco dirigentes têm em comum a militância na AIB, além de todos serem provenientes dos setores médios da sociedade, pois o primeiro era professor e industrialista; o segundo jornalista e advogado; o terceiro bancário; o quarto, advogado e o quinto comerciante. (CALIL, 2005, p. 89)

Ainda nesta primeira convenção, estabeleceram-se questões relativas à propaganda eleitoral, as bandeiras de luta a serem levantadas, sendo também definido em relação à eleição para a presidência da República o apoio ao candidato do Partido Social Democrático (PSD), Gal. Eurico Gaspar Dutra<sup>518</sup>:

---

<sup>518</sup> No plano nacional, a primeira convenção teria ocorrido poucos dias antes, o que evidencia a óbvia articulação entre este, o estado do Rio Grande do Sul e os demais entes da federação. Nas palavras de Gilberto Calil: “(...) Com relação à sucessão presidencial, a Convenção “delegou amplos poderes ao Diretório Nacional para, no momento oportuno, adotar a orientação que julgar melhor atender aos supremos interesses do país”, e elegeu como Presidente Nacional do partido o Comandante Fernando

No que se refere ao pleito para a presidência da República de 1945, a direção regional corroborou a candidatura do Gal. Eurico Gaspar Dutra definida nacionalmente. Apesar do pouco tempo de campanha os discursos concentraram-se no enaltecimento da figura do Gal. Dutra, assim como num ferrenho combate ao candidato Iedo Fiúza do Partido Comunista Brasileiro. (CARDOSO, 2009, p. 77)

Em uma carta publicada no *Boletim do PRP*, periódico perrepeista impresso em Porto Alegre<sup>519</sup>, Oscar Machado explicou como se deu seu retorno à política neste novo contexto. Na missiva, ele atestou que teria se filiado ao Partido Social Democrata (PSD) para apoiar a candidatura de Eurico Gaspar Dutra à presidência, – situação que se alinhava à posição adotada pelo PRP – mas que também o teria feito por conta de sua relação de simpatia e proximidade com o interventor gaúcho Pompílio Cilon Fernandes Rosa:

Antes do pleito de 2 de dezembro de 1945, tendo examinado os programas partidários então dados a publicidade filiei-me espontaneamente ao Partido Social Democrático. Fi-lo em sinal de apoio á candidatura do exmo. Sr. Gal. Gaspar Dutra e, também, por encontrar nessa agremiação política a companhia de ilustres amigos, entre os quaes apraz-me destacar a figura do iminente ex-interventor federal dr. Cilon Rosa. Realizado o pleito presidencial, estive afastado do paiz até bem pouco, deixando, por isso, de tomar parte nas atividades políticas que culminaram com a eleição de 19 de janeiro último. Assim, considero-me no momento sem qualquer filiação partidária. (*Boletim do PRP*, 25/04/1947, p. 1)

Afastado do Brasil no ano de 1946, devido a sua estada nos EUA como professor visitante das universidades *Southern Methodist University* (SMU) e *Emory University*, em seu retorno, num texto publicado no *Boletim do PRP*, depois de mencionar que tomou conhecimento do compromisso existente entre Partido Social Democrata (PSD) e o PRP<sup>520</sup>, por causa da postura assumida pelo PSD, ao se dirigir ao governador do Rio Grande do Sul, Gal. Walter Jobim (1947-1951), Oscar Machado afirmou:

V. S. é veterano em politica e consequentemente sabe melhor do que eu o que é a crise das elites que gera a desilusão quando não a revolta das multidões

---

Cochrane, autor de um atentado frustrado contra Vargas em março de 1938 e um dos líderes militares da Intentona de maio do mesmo ano.” (CALIL, 2005, p. 224)

<sup>519</sup> O *Boletim do PRP* circulou mensalmente de janeiro de 1946 a novembro de 1947. A partir de junho de 1949 foi criado o *Monitor Populista*. Foram estes dois principais órgãos de divulgação do partido em âmbito regional. (CARDOSO, 2009, p. 113-114)

<sup>520</sup> Gilberto Calil aborda com detalhes a rearticulação do integralismo sob a nova sigla PRP. Menciona não só os fatos que envolveram as tratativas envolvendo Plínio Salgado enquanto ele se encontrava na prisão, os eventuais vínculos e diferenças doutrinárias traçados entre PSD e AIB, bem como esta questão da articulação PRP-PSD. (CALIL, 2005, p. 213-227) Sobre essa articulação ver também: (*Boletim do PRP*, 07/01/1947, p. 1)

desnorteadas; que, por isso, a ela impõe-se hoje uma direção ética e que, mais do que nunca, é preciso agora apurar, nos que dirigem os padrões morais e civicos que um povo deve seguir, pois só assim nos será possível salvar a democracia. (...) A essa altura dos acontecimentos, tendo eu já feito parte do Partido Social Democrático e para que não paire a menor dúvida sobre minha atual condição política, é de meu dever esclarecer á V. S. e ao público que não pertença, nem poderiam mais pertencer a um partido que, após a vitória de seu candidato, não honra os compromissos assumidos na hora incerta por seus legítimos representantes. Resta-me por fim, a esperança que o eminente Governador Walter Jobim, sem embargo de uma política partidária orientada como se vê, com tanta infelicidade, venha a realizar a obra administrativa para a qual lhe não faltam qualidades de estadista, nem o apóio sincero dos rio-grandenses como este seu. (*Boletim do PRP*. 25/04/1947, p. 1)

Essa matéria foi publicada dias depois de Oscar Machado ter enviado uma carta a Walter Jobim, na qual aventou a possibilidade de um rompimento do acordo entre PRP-PSD, após ter assistido a uma sessão da Assembleia Legislativa Estadual, nos seguintes termos:

Hoje, ao ir pela primeira vez assistir uma sessão de nossa Assembléia, verifiquei que um amigo, deputado populista, pretendia pronunciar, em seguida, o discurso cujo rascunho sem revisão, junto à presente. Temendo as consequências de tal pronunciamento, neste momento em que iniciaram os debates políticos, pedi ao meu amigo que transferisse seu discurso para a semana entrante e me permitisse fazer chegar o caso ao seu conhecimento. Devo esclarecer que, prevendo a hipótese de um rompimento do PRP com o PSD, achei ser dever patriótico fazer o que em mim estivesse para evita-lo, na esperança de fortalecer ainda mais o govêrno do eminente amigo. Lembrei-me, por outro lado, das eleições municipais que se avizinham, e do perigo de se desagregarem forças políticas que devem marchar paralelamente. Insisto, por fim, em que esta minha atitude seja interpretada como tendo caráter particular e pessoal, pois não me considero, no momento, filiado a qualquer agremiação política.<sup>521</sup>

Esse contexto entre sua prisão em 1938 e a publicação da carta acima mencionada, em 1947, abrange um interregno no qual pouco se sabe sobre os posicionamentos políticos adotados por Oscar Machado. De todo modo, após retornar ao Brasil, o que se viu foi que ele acabou por se desligar do PSD, se filiar ao PRP, passando a exercer um papel de destaque em sua seção gaúcha.

## 6.6 DE VOLTA ÀS HOSTES INTEGRALISTAS: SURGE O MAIS LONGEVO LÍDER DO PRP NO RIO GRANDE DO SUL

Após a primeira manifestação de Oscar Machado no Boletim do PRP quando publicou a mencionada carta endereçada ao Gal. Paim Filho, contrariando o que asseve-

<sup>521</sup> Carta de Oscar Machado ao governador Walter Jobim em 02/04/1947. Disponível em: Fundo: AIB/PRP (Delfos) – 20 Diversos – 20.1.3 Documento pessoal de Oscar Machado. Descritor: Carta de Oscar Machado ao governador Walter Jobim em 02/04/1947.

rou Claudira Cardoso, seria somente a partir de junho de 1947 que ele viria a adentrar o partido, na ocasião da realização de sua 3ª Convenção Estadual.<sup>522</sup>

Um dos fatos que maior brilho emprestou à 3ª Convenção Estadual do P.R.P. recentemente realizada na capital do Estado, foi a adesão trazida a este partido pelo eminente educador gaúcho, professor Oscar Machado, até há bem pouco tempo integrante do Partido Social Democrático. São do conhecimento público as razões que levaram aquele ilustre patricio a desligar-se do P.S.D. e lembramos aos nossos leitores a carta pelo mesmo dirigida ao Gal. Paim Filho, a propósito da desleal atitude deste partido para com os populistas quando dos fatos que culminaram com a explosão da “Gilda” na Assembleia Legislativa Estadual. O professor Oscar Machado apresentou-se aos convencionais do P.R.P; reunidos na Casa dos Jornalistas á tarde do dia 2, sendo calorosa e demoradamente aplaudido. Vivamente comovido, dirigiu algumas palavras aos presentes e declarou que subordinava sua adesão ao P.R.P. a uma condição, qual fosse a de ser colocado na “linha de frente” e que, dentro do partido, o posto de maior sacrificio lhe fosse reservado. (*Folha do Nordeste*, 11/05/1947, p. 1)

Durante a Convenção, não só Oscar Machado passou a integrar o PRP, como também se candidatou ao posto de presidente de seu diretório estadual, sendo eleito por meio da votação secreta, posto para o qual foi reconduzido em eleições posteriores, permanecendo até o ano de 1952. (*Boletim do PRP*, 10/06/1947, p. 1)<sup>523</sup>

Aparentemente, no início de sua gestão, Oscar Machado gozou de certo prestígio com os demais membros do PRP sendo, inclusive, homenageado pelos correligionários em um jantar, um dos poucos eventos nos quais se constatou a presença de sua esposa, conforme se verifica na foto abaixo:

<sup>522</sup> Claudira Cardoso afirmara que Oscar Machado presidia a sigla desde a 2ª Convenção do Partido ocorrida em 1946: “Oscar Machado foi eleito presidente do Diretório Regional na 2ª Convenção Regional, ocorrida em novembro de 1946 e reeleito nas cinco convenções seguintes: III Convenção Regional realizada em maio de 1947; IV Convenção realizada em março de 1949; V Convenção realizada em julho de 1950; VI Convenção realizada em junho de 1951 e VII Convenção realizada em março de 1952.” (CARDOSO, 2009, p. 102)

<sup>523</sup> Em 15/08/1946, a Diretoria Estadual do PRP no Rio Grande do Sul compunha-se dos seguintes nomes: Celestino Cardoso (presidente), Andrino Braga (secretário), Dr. Sezefredo Azambuja Vieira (consultor jurídico) e Romano Tóffoli Culau (tesoureiro), todos ex-camisas verdes. (*Boletim do PRP*, 15/08/1946, p. 3) Com a realização da 3ª Convenção estadual, passaram a ocupar os cargos de maior importância no PRP ao lado de Oscar Machado, Luiz Alexandre Compagnoni (1º vice-presidente), Mário Ferreira de Medeiros (2º vice-presidente), Juracy Assis Machado (secretário geral), Sezefredo Azambuja Vieira (consultor jurídico), Guido Mondim (secretário de propaganda), Emilio Otto Kaminski (secretário de estudos e planos governamentais), Sezefredo Azambuja Vieira (arregimentação eleitoral), Hugo di Primio Paz (educação moral e cívica), Breno Ribeiro Wurdig (arregimentação trabalhista), Dante Sfoggia (assistência social) e Romano Tóffoli Culau (finanças), todos também ex-integralistas. (*Boletim do PRP*, 10/06/1947, p. 1)



Imagem 31: Fundo: AIB/PRP (Delfos) – 14, Jornais 14.1 Jornais de âmbito regional, Rio Grande do Sul. Descritor: *Boletim do PRP*, 31/08/1947, p. 4.

Em seus seguidos mandatos, é patente que Oscar Machado atuou para organizar e fortalecer a presença do partido no Rio Grande do Sul. Sob sua batuta foram realizadas convenções locais e regionais, e toda uma sorte de ações que foram importantes para o estabelecimento das bases que possibilitaram que o PRP se transformasse numa força política capaz de se colocar na condição de fiel da balança no estado, como o ocorrido nas eleições nas quais, ao se aliar com o PTB, tornou viável a eleição de Leonel Brizola ao posto de governador do estado em 1958. (CARDOSO, 2009, p. 117)<sup>524</sup>

Exemplo desses eventos se verifica na imagem abaixo que, além de Oscar Machado, reuniu importantes personalidades do PRP:

<sup>524</sup> Além disso, elementos importantes desse período, que teriam marcado sua gestão, se remetem às ações de defesa do PRP frente aos ataques por ele sofridos recorrendo a publicações feitas em periódicos, nas quais os principais alvos eram os comunistas, a “imprensa oportunista”, que aplaudiriam os poderosos do dia e também as “graduadas figuras da politicagem tradicional”, que se valeriam de artimanhas com objetivo de se manter no poder. (CARDOSO, 2009, p. 112)



Imagem 32: Fundo AIB/PRP (Delfos) – Coleção reuniões e convenções do PRP – Descritores: Primeiras reuniões do PRP em Porto Alegre, realizadas na Sogipa (Sociedade Ginástica Porto Alegre). Sentados da esquerda para a direita: Aristides Milano, Eduardo Martinelli, Wolfran Metzler, Nestor Rodrigues, Oscar Machado, Luiz Compagnoni, Geraldo Guimarães Lundgreen, Guido Mondin e outros. Na fila de trás de óculos entre Rodrigues e Oscar Machado, Jardelino Ribeiro, à direita Celestino Peres Cardoso. Atrás de Mondin sorrindo, Olympio Saggin. Na última fila, Alberto Hoffman e outros.

Junto das atividades de coordenação, no pleito do ano de 1950, novamente, Oscar Machado lançou sua candidatura a um cargo eletivo, desta vez para o posto de deputado estadual, conforme se observa no “santinho” abaixo:



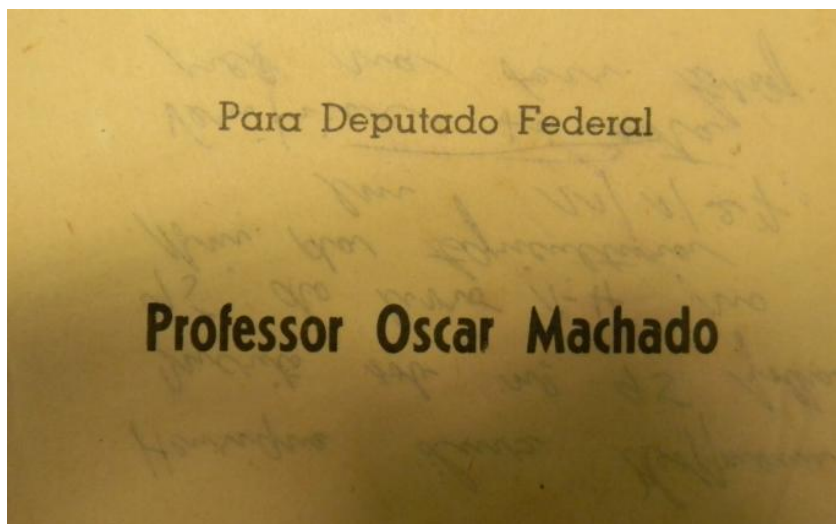


Imagem 33: Fundo AIB/PRP (Delfos) – Panfletos e Cartazes, 16.2 Eleições Estaduais, C) Eleição de 1950 (Governo, Senado, Câmara Federal e Assembleia Legislativa). Descritor: Santinho da candidatura de Oscar Machado para deputado estadual pelo PRP nas eleições de 1950.<sup>525</sup>

Mesmo tendo trabalhado com vistas a viabilizar um bom resultado eleitoral, recorrendo à confecção de material de propaganda e à rede de contatos que possuía no estado, a exemplo da carta que enviou a Olímpio Dotti da cidade de Antônio Prado<sup>526</sup>, na qual solicitava ajuda para que este indicasse se haviam amigos ou ex-alunos de Oscar Machado para que ele pudesse se dirigir pedindo apoio, ele não obteve êxito no pleito.

Assim como ele o fizera com Olímpio Dotti, para quem enviou cartazes e um milhar de santinhos, acredita-se que Oscar Machado tenha tentado mobilizar sua lista de contatos em diversas regiões do estado com o fito de ampliar a capilarização de sua campanha e, consequentemente, obter uma bom resultado eleitoral.<sup>527</sup>

Em meio às informações fragmentadas disponíveis sobre sua votação, pode-se encontrar alguns resultados referentes às cidades que fizeram o envio dos resultados finais para a diretoria estadual do equivalente ao setor de estatística do PRP, sem que se

<sup>525</sup> A escolha de Oscar Machado se deu na reunião ocorrida em 21/03/1950, na qual, ao lado dele teriam sido votados para se tornarem candidatos do partido ao posto de deputado federal: Plínio Salgado (13 votos), João de Paula e Silva (8 votos), Luiz Campagnoni (7 votos), Felix Contreiras Rodrigues (2 votos), Oscar Machado (2 votos). Os demais nomes, Helmth Closs, Aristides Nilaro, Geraldo Lindgren, Andriano Braga, Ernani Reichmann, Wolfran Metzler, Juraci de Assis Machado e Sezefredo Vieira receberam um voto. Disponível em: Fundo: AIB/PRP (Delfos) – 8 Documentação dos diretórios municipais do PRP – 8.2 Diretório Municipal do PRP em Porto Alegre – 8.2.5 Correspondências – 8.2.5.3 Correspondência entre o Diretório Municipal e o Diretório Regional (1949-65) – Descritor: Ofício enviado ao Diretório Estadual do PRP pelo Diretório Municipal de Porto Alegre em 22/03/1950.

<sup>526</sup> Correspondência de Oscar Machado enviada a Olímpio Dotti. Disponível em: Fundo: AIB/PRP (Delfos) – 7 Documentação do Diretório Regional do PRP-RS – 7.1 Secretaria Regional – 7.1.4 Correspondência Interna (1945-1965). Descritor: Carta de Oscar Machado a Olímpio Dotti em 15/08/1950.

<sup>527</sup> Correspondência de Oscar Machado enviada a Olímpio Dotti. Disponível em: Fundo: AIB/PRP (Delfos) – 7 Documentação do Diretório Regional do PRP-RS – 7.1 Secretaria Regional – 7.1.4 Correspondência Interna (1945-1965). Descritor: Carta de Oscar Machado a Olímpio Dotti em 31/08/1950.

possa, entretanto, confrontar tais dados com os resultados oficiais contabilizados pelo TRE.

Isso posto, tem-se que o melhor resultado obtido por Oscar Machado dentre os dados disponíveis teria ocorrido na cidade de São Pedro onde obteve 134 votos<sup>528</sup> – ficando à frente inclusive de Wolfran Metzler o candidato eleito mais votado do PRP<sup>529</sup> – sendo que, nas demais cidades com resultados encontrados, em ordem decrescente, ele teria obtido 41 votos em Carazinho<sup>530</sup>, 5 votos em Sarandi<sup>531</sup> e 1 voto em Venâncio Ayres<sup>532</sup>.

No final do ano seguinte, ao fazer um balanço da participação do PRP nas eleições de 1950 para o *Boletim Populista*, periódico do núcleo municipal do partido na cidade de Porto Alegre, Oscar Machado afirmou o seguinte:

Entramos em 1951 sob a influência de duas derrotas eleitorais a Estadual e a Federal, e muitas foram as nossas angústias e incertezas. Entretanto, agora ao findar este ano, saímos das lutas municipais fortalecidos e marchamos, pela primeira vez, para um efetivo participação [sic] nas responsabilidades do Governo Estadual. Entendo que, como partido, nossa sorte, assim, passa a depender da atuação dos nossos eventuais representantes no Poder Executivo, bem como das atitudes mantidas pela generalidade dos populistas que, afinal, constituem o lastro humano do P.R.P. Que cada qual atue no seu respectivo setor e que, não trabalha, pelo menos não atrapalhe. (*Boletim Populista*, nov. 1951, p. 1)

Todavia, como não era incomum de se verificar nos demais partidos da época, dadas as divergências que surgiram em decorrência das disputas políticas, por conta de

<sup>528</sup> Informe enviado em 11/10/1950 ao Diretório Estadual do PRP com os resultados eleitorais do partido na cidade de São Pedro nas eleições de 1950. Disponível em: Fundo: AIB/PRP (Delfos) – 9 Documentação relativa às eleições – 9.4 Resultados eleitorais – estaduais e nacionais – 9.4.2 eleição de 1950. Descritor: Informe enviado em 11/10/1950 ao Diretório Estadual do PRP com os resultados eleitorais do partido na cidade de São Pedro nas eleições de 1950.

<sup>529</sup> Nas eleições de 1947, Wolfran Metzler, de acordo com um documento do Diretório Estadual do PRP, havia sido eleito para o posto de deputado da Assembleia Estadual do Rio Grande do Sul ao obter 10.508 votos, sendo o segundo mais bem sucedido nas urnas, entre os candidatos concorrentes por todos os partidos. Disponível em: Fundo: AIB/PRP (Delfos) – 9 Documentação relativa às eleições – 9.4 Resultados eleitorais – estaduais e nacionais – 9.4.1 eleição de 1947. Descritor: Constituição da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul eleita em 19 de janeiro de 1947.

<sup>530</sup> Dados sobre os resultados eleitorais do PRP em Carazinho no ano de 1950. Disponível em: Fundo: AIB/PRP (Delfos) – Documentação relativa às eleições – 9.4 Resultados eleitorais – estaduais e nacionais – 9.4.2 eleição de 1950. Descritor: Informe enviado em 10/10/1950 ao Diretório Estadual do PRP com os resultados eleitorais do partido na cidade de Carazinho nas eleições de 1950

<sup>531</sup> Dados sobre os resultados eleitorais do PRP Sarandi no ano de 1950. Disponível em: Fundo: AIB/PRP (Delfos) – Documentação relativa às eleições – 9.4 Resultados eleitorais – estaduais e nacionais – 9.4.2 eleição de 1950. Descritor: Informe enviado em 08/11/1950 ao Diretório Estadual do PRP com os resultados eleitorais do partido na cidade de Sarandi nas eleições de 1950.

<sup>532</sup> Dados sobre os resultados eleitorais do PRP em Venâncio Ayres no ano de 1950. Disponível em: Fundo: AIB/PRP (Delfos) – Documentação relativa às eleições – 9.4 Resultados eleitorais – estaduais e nacionais – 9.4.2 eleição de 1950. Descritor: Informe enviado ao Diretório Estadual do PRP com os resultados eleitorais do partido na cidade de Venâncio Ayres nas eleições de 1950.

posturas individuais ou acordos políticos sem a anuência da chefia estadual do PRP, começaram a surgir clivagens no interior do partido.

Ocorrida em 1949, a primeira dessas remetia-se ao deputado estadual Helmuth Closs. Ele foi acusado pelo diretório estadual de possuir uma “vida irregular”, pois teria envolvido o partido em dívidas particulares tendo também, supostamente, problemas com alcoolismo. (CALIL, 2005, p. 373)

No ano seguinte, seria a vez de Wolfran Metzler ser acusado de indisciplina, desta vez por conta de um acordo político que teria costurado com o PTB para a formação da Mesa Diretora da Assembleia Legislativa do estado para o mandato de 1950/1951, situação que fez surgirem tensões no PRP que envolveram também Oscar Machado. (CALIL, 2005, p. 373)

No ápice dessas, Oscar Machado chegou até a pedir seu desligamento da presidência estadual da sigla, embora tal solicitação não tenha sido aceita, conforme consta em documento assinado pelo vice-presidente do PRP, Guido Mondim, e pelo secretário da sigla, Eduardo Martinelli:

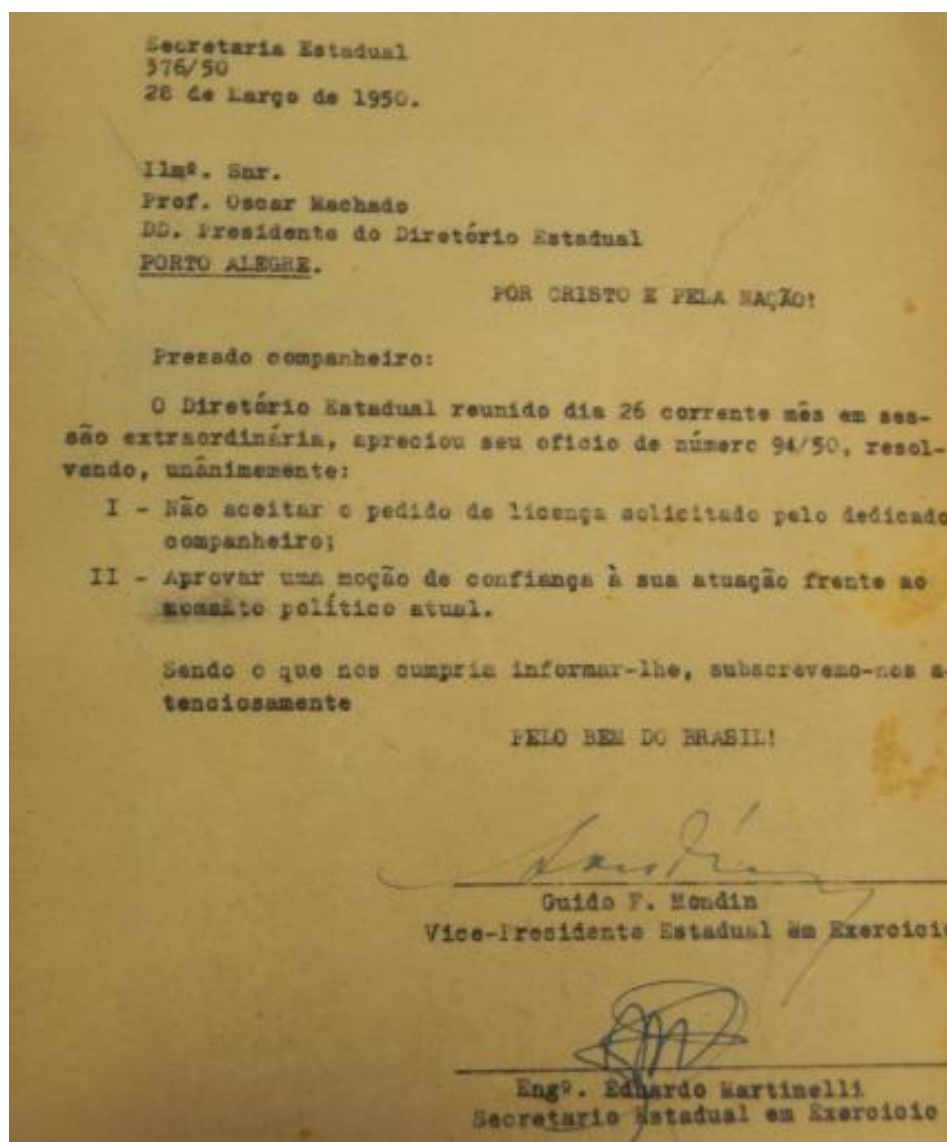


Imagem 34: Fundo: AIB/PRP (Delfos) - 17 – Processos contra membros do PRP, 17.1.3 Processo de indisciplina contra Wolfram Metzler, movido pelo Diretório Estadual, em 1950. Descritor: Documento 376/50 endereçado a Oscar Machado em 28/03/1950.<sup>533</sup>

Essa disputa não se encerrou com a negativa do pedido de afastamento encaminhado por Oscar Machado pois, além do acordo tecido com o PTB para a eleição da mesa diretora da Assembleia Legislativa, outro teria sido costurado com o mesmo partido com vistas às eleições municipais de 1951.

<sup>533</sup> Houve um certo celeuma envolvendo Oscar Machado e Wolfran Metzler sendo que foi aberto um processo pelo primeiro contra o segundo no PRP, episódio que se encontra fartamente documentado. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – 17 Processos contra membros do PRP – 17.1.3 Processo de contra Wolfram Metzler. Descritor: Processo de indisciplina contra Wolfran Metzler movido pelo Diretório Estadual, em 1950. Este episódio também foi narrado com detalhes por Claudira Cardoso. (CARDOSO, 2009, p. 109-111)

Desta vez, como o novo acordo não foi referendado na VI Convenção do PRP, ocorrida em junho de 1951, o fato teria sido denunciado por lideranças do partido, situação que, em seus desdobramentos, levaria ao desligamento de Machado do PRP em 1952:

Conforme já referido, esse acordo contrariou a decisão tomada na VI Convenção Estadual e apesar de “pragmático”, segundo Plínio Salgado, foi denunciado em maio de 1952, em razão do não cumprimento por parte do PTB. Tal decisão não era defendida por Oscar Machado, que entendia que o acordo com o PTB deveria ser cumprido por ambas as partes. Já Wolfram Metzler e Luiz Compagnoni defendiam que, embora o partido não devesse aceitar participar do governo, deveria continuar apoiando o Chefe do Executivo. Helmuth Closs adotava um posicionamento diferenciado dessas lideranças, pois criticava a aproximação do PRP com o PTB no curto espaço de tempo de uma eleição, na qual seu partido havia apoiado forças contrárias a este último. Essas divergências ocuparam as manchetes de alguns jornais do Rio Grande do Sul, aumentando os conflitos entre as principais lideranças, mas também provocando reações entre os líderes municipais. O resultado desse processo teve seu desfecho com o desligamento de Oscar Machado do partido em setembro de 1952, alegando o discurso do deputado Helmuth Closs, que o acusara de adesista ao governo Dornelles sem ter feito nenhuma discussão com o partido. (CARDOSO, 2009, p. 118-119)

Vale lembrar que na última sessão plenária da VII Convenção Estadual do Partido de Representação Popular, Oscar Machado foi duramente acusado de ter realizado uma manobra no encaminhamento da eleição da nova diretoria da sessão estadual do PRP<sup>534</sup> – fato que também causou discussões na ocasião da sessão envolvendo Helmuth Closs, Eduardo Martinelli, Wilson Ivo de Castro, Arno Arnt, Luis Compagnoni e Guido Mondim – embora o resultado final tenha redundado na vitória de seus adversários para os postos de comando, que postulavam a necessidade de uma mudança diretiva no partido.<sup>535</sup>

<sup>534</sup> A situação foi denunciada com detalhes numa carta posterior assinada por Wolfram Metzler. Ver: Carta de Wolfram Metzler endereçada à Oscar Machado em 14/03/1952. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – 7 Documentação do Diretório Regional do PRP-RS – 7.1 Secretaria Regional – 7.1.4 Correspondência Interna (1945-1965). Descritor: Carta de Wolfram Metzler para Oscar Machado em 14/03/1952.

<sup>535</sup> Oscar Machado obteve 34 votos para a presidência, ao passo que Arno Arnt obteve 45 votos, saindo-se consagrado como novo mandatário da sessão estadual do PRP do Rio Grande do Sul. Ver: Cópia autêntica da ata da 4ª e última sessão plenária da VII Convenção Estadual do Partido de Representação Popular, Seção Rio Grande do Sul, ocorrida em 09/03/1962. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – 5 Convenções regionais do PRP-RS – 5.5 VII Convenção Regional. Descritor: Ata da última sessão plenária a VII Convenção Regional do PRP ocorrida em 09/03/1952.



Imagem 35: Fundo: AIB/PRP (Delfos) – Coleção Alfredo Adolfo Beck – Descritores: Da esquerda para direita: Juracy Assis Machado, Oscar Machado e Wolfran Metzler.

Essa disputa da conquista da hegemonia na direção do partido um ano depois foi descrita pelo deputado Helmuth Closs quando esse se desligava do PRP. Salienta-se o destaque dado por Closs sobre o fato de que a sessão gaúcha possuía a maior representatividade do partido no Brasil, mas que as disputas internas o estariam minando. Além disso, é também importante ressaltar que ele afirmou ter se arrependido de seguir a doutrina política ensinada por Plínio Salgado, numa possível alusão ao fisiologismo e às disputas políticas do internas do PRP – com notório envolvimento de

Oscar Machado – que se diferenciariam daquilo que era preconizado desde a época da AIB.<sup>536</sup>

Pode parecer estranha minha atitude, mas num partido eminentemente democrático como o meu, atitudes como a minha, de maneira alguma podem causar espécie aos nossos correligionários. Tanto assim, não faz muito os srs. Oscar Machado, Wolfran Metzler e Luis Campagnoni se empenharam numa luta inglória pela hegemonia do partido que, em última análise, foi o tiro de misericórdia que se poderia dar ao PRP no Rio Grande do Sul, maior baluarte do PRP no Brasil. Sempre, porém, tive em mira apenas uma coisa: a doutrina política que Plínio Salgado um dia me ensinou. E agora vejo como perdi meu tempo. (*Correio do Povo*, 07/07/1953, p.[?])<sup>537</sup>

É evidente que em todos os partidos políticos, e com o PRP não seria diferente, existem divergências internas, seja por questões teóricas-pragmáticas ou por disputas por poder. Neste sentido, entende-se que o longo período em que Oscar Machado esteve à frente da direção estadual perrepista, do mesmo modo como foi importante para que ele se consolidasse como líder da sigla, também parece ter concorrido para seu desgaste e para o acirramento das disputas nas quais ele se viu envolvido, com destaque para os episódios envolvendo Wolfran Metzler, Helmuth Closs e Luis Campagnoni.

Conforme mencionado anteriormente, em carta endereçada a Oscar Machado em 14/03/1952, Wolfran Metzler trouxe informações importantes sobre as disputas existentes no partido, por conta do modo como Machado teria conduzido os trabalhos da Convenção Estadual do PRP, cuja argumentação era balizada por sua defesa da necessidade de renovação do Diretório Regional perrepista:

Falei e com rápidas e incisivas palavras expressei o nosso desejo de ver o diretório renovado. Disse mais, que em nenhum momento nutri o desejo de ser o presidente do partido, pois que, na minha concepção, isto sómente trazia encargos incômodos e aborrecimentos, que apenas cedi, permitindo que o meu nome fosse lançado, diante de um apelo do Sr. Plínio Salgado, presidente do Diretório Nacional. Levanta-se o Sr. Closs e protesta contra a interferência indevida do Diretório Nacional, coisa que em absoluto não houve, pois que, o

<sup>536</sup> A questão do fisiologismo era um ponto polêmico no PRP. Ela gerou várias divergências com alguns dos antigos membros da AIB que não aceitavam a perda da “pureza doutrinária” e a realização de acordos com grupos políticos considerados “burgueses”, “oligárquicos” ou “esquerdistas”. Sobre o tema ver: (CALIL, 2005, p. 380).

<sup>537</sup> Nessa ocasião de seu desligamento do PRP, Helmuth Closs ainda destacou que Oscar Machado possuía aspirações políticas desde o ano de 1950 quando o PRP, por meio de um acordo costurado de modo velado por Plínio Salgado, teria apoiado o PSD de Cylon Rosa nas eleições para o posto de governador. Em troca, o PSD teria oferecido apoio para a candidatura de Plínio Salgado ao senado e prometido que o reitor do IPA viria a ocupar o posto de secretário estadual de educação, que seria sua grande aspiração. (CALIL, 2005, p. 425)

apelo fora dirigido a mim pessoalmente, no sentido que eu permitisse, fosse eu candidato.<sup>538</sup>

Adiante, retomando a questão da necessidade de renovação dos quadros de chefia do diretório, ao tratar especificamente de Oscar Machado, Wolfran Metzler afirmou:

O que nós desejávamos e desejamos é uma renovação do Diretório. Achamos e continuamos achando que o Snr. já não é mais a pessoa indicada para ocupar a presidência do partido, aqui no Rio Grande do Sul. (...) Fiquemos no essencial: Quando o Snr., rompendo com o PSD ingressou no nosso partido, nós, imediatamente, lhe oferecemos a presidência. Naquela época preocupávamos a excessiva fraqueza do Partido nas zonas fronteiriças do Estado; - esta nossa fraqueza, por razões que não vem ao caso repetir, persiste. O Snr., filho daquela terr [sic], não soube grangear as adesões, que esperávamos, não conseguiu trazer-nos o desejado fortalecimento. O mesmo pequeno grupo de bravos companheiros luta brava e desesperadamente, como lutava antes da sua presidência. Póde não ser sua a culpa, mas a responsabilidade do fracasso sempre será sua. Em todos estes longos nos de sua presidência onde estava a mão forte, a intelligencia superior, aquela indispensavel ascendencia moral para guiar-nos, para indicar os rumos politicos, para prever futuros acontecimentos etc. etc.<sup>539</sup>

Se esses teriam sido os termos nos quais Wolfran Metzler teria colocado suas divergências em relação à presidência de Oscar Machado, referindo-se, em especial, a seu insucesso em dinamizar o PRP em sua região natal, Luis Compagnoni teria sido bem mais incisivo em suas críticas, iniciando, segundo Gilberto Calil, um movimento que visava a destituir Oscar Machado, acusando-o de ser o responsável pela “estagnação do Partido”. (CALIL, 2005, p. 356)

Após chamar Oscar Machado de vilão e caluniador, ao dar sua versão sobre a trajetória deste no PRP, Luis Campagnoni, em carta endereçada a seu Diretório Regional do Rio Grande do Sul, afirmou:

Agora pode-se ver tudo claro: porque ele não ajudou a organizar o PRP; porque ele não quiz nos acompanhar nas eleições de 1945 e 1947; por que ele só aderiu ao PRP, depois que nós já tínhamos conquistado 4 cadeiras na Assembleia Legislativa; porque, agora, ele deixou o Partido numa posição moralmente insustentavel, num ridículo tremendo perante nossos companheiros e nossos adversários, falando, como falou, monotonamente, sobre a decantada

<sup>538</sup> Correspondência de Wolfran Metzler endereçada a Oscar Machado em 14/03/1952. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – 7 Documentação do Diretório Regional do PRP-RS – 7.1 Secretaria Regional – 7.1.4 Correspondência Interna (1945-1965). Descritor: Carta de Wolfran Metzler endereçada a Oscar Machado em 14/03/1952.

<sup>539</sup> Correspondência de Wolfran Metzler endereçada a Oscar Machado em 14/03/1952. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – 7 Documentação do Diretório Regional do PRP-RS – 7.1 Secretaria Regional – 7.1.4 Correspondência Interna (1945-1965). Descritor: Carta de Wolfran Metzler endereçada a Oscar Machado em 14/03/1952.



secretaria (que ele sonhava ser para ele) que deveriam nos dar, que deveriam nos dar... Está tudo claro, agora. E parece claro, também, aquele aviso que nos deu, em 1947, um parlamentar dirigente do PSD, quando o caluniador e vilão aderiu ao PRP: “Vocês vão se incomodar com ele. É um grande negócio para nós sua saída do PSD e sua ida para o PRP. Ele vai ser o nosso quinta-coluna dentro do partido de vocês, encarregado por nós de destruir vocês...”. Ele disse isto rindo. Mas eu nunca e esqueci daquele riso, nunca me esqueci daquele gracejo.<sup>540</sup>

Pouco tempo depois, Oscar Machado se afastou em definitivo do PRP, não sem antes, de acordo como uma matéria publicada em setembro de 1952, ter apresentado sua versão sobre os motivos que levaram a sua saída:

No ofício que enviou ao Diretório Estadual do PRP, o Prof. Oscar Machadi [sic] informa que sua atitude é motivada pelo discurso do deputado Helmuth Closs de 8 do corrente; Teria o dep. Closs desconsiderado o Prof. Machado, chamando-o de ex-presidente e desclassificando sua carta ao governador Ernesto Dornelles como adesão ao governo. (*Jornal do Dia*, 05/09/1952, p. [?])

Afastado do cargo de presidente do PRP desde abril de 1952<sup>541</sup>, frente às disputas e celeumas ocorridos no interior do partido, Oscar Machado teria se desfiliado da sigla em setembro do mesmo ano, num reflexo do desgaste causado pelos longos anos em que dirigiu os perrepistas no Rio Grande do Sul, mas também por conta dos eventuais erros estratégicos que possa ter cometido, desagradando outras lideranças:

Assim, os confrontos ocorridos entre o principal expoente do Diretório Regional e as duas principais lideranças do partido na Assembleia Legislativa, Metzler e Compagnoni, que aumentaram no decorrer da consolidação do PRP no sistema partidário gaúcho, e, ficaram evidentes após o resultado da VII Convenção, indicam que uma parcela das lideranças desejava que a direção fosse renovada. É possível que as acusações apresentadas na carta de Metzler a Machado tenham se ampliado, constituindo-se em clara oposição a que uma nova gestão político-administrativa fosse presidida sob seu bastão. Provavelmente, os fracassos decorrentes dos acordos com diferentes forças políticas, o pequeno crescimento eleitoral do partido entre 1947/50 e a dificuldade em manter organizados os diretórios municipais, tenham sido questões que contribuíram para desencadear essa reação denominada pelos integralistas de “independência partidária”, a qual buscará dar novos rumos ao PRP. (CARDOSO, 2009 p. 120)

<sup>540</sup> Correspondência de Luis Campagoni endereçada ao Diretório Regional do PRP do Rio Grande do Sul em 03/06/1952. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – 7 Documentação do Diretório Regional do PRP-RS – 7.1 Secretaria Regional – 7.1.4 Correspondência Interna (1945-1965). Descritor: Carta de Luis Campagoni endereçada ao Diretório Regional do PRP do Rio Grande do Sul em 03/06/1952

<sup>541</sup> *Jornal do Dia*, 13/04/1952, p. 1.

Desta forma, em 1952, chegou ao fim a gestão de Oscar Machado à frente do diretório regional, fato que se deu pouco tempo antes de seu desligamento da reitoria do IPA, ocorrido em 1954.<sup>542</sup>

Para Edni Oscar Schroeder, a saída de Oscar Machado da reitoria do IPA teria se dado também por conta de um natural desgaste, pois ele se encontrava à frente da instituição desde 1934, mas também poderia ter sido causada por disputas internas no metodismo, bem como pelo fato de que o reitor tornara-se uma personalidade de grande destaque:

O sair é porque entrou num processo de desgaste daquela gestão, isso não há dúvida nenhuma; e outra coisa, que eu também já disse aí, acho que esse desgaste foi maior com a igreja, e ao mesmo tempo, ele cresceu do ponto de vista da importância, na política... na educação no Rio Grande do Sul, e como consequência, um certo reconhecimento na educação nacional. Então, na linguagem já de agora, eu diria assim: ‘parece que ele ficou maior do que a criação’, tá certo? Ele ficou maior do que o próprio IPA. (Entrevista com Edni Oscar Schroeder, 26/07/2016)<sup>543</sup>

De toda sorte, tendo integrado os quadros do PTB após sua saída do PRP, sigla na qual, novamente, teria concorrido ao posto de deputado nas eleições de 1954, em 1957, Oscar Machado voltaria ao integralismo e ocuparia, novamente, um papel de destaque em suas fileiras. A entrada de Oscar Machado no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) é um tema ainda difícil de ser explicado. Pode-se presumir que Rui Vitorino Ramos, que ficou conhecido como o “Tribuno do Rio Grande”, por ser metodista oriundo de Alegrete, ex-aluno do *Colégio União* e amigo de longa data de Oscar Machado, possa ter contribuído para tanto. Em seus perfis parlamentares, a entrada do educador metodista para o PTB foi assim explicada:

Quando Ruy falava de adesões, ele mesmo lutava por construir, com ação pessoal, o apoio, no Rio Grande, ao Governador Dorneles. Foi o que aconteceu quando, em agosto de 1952, o professor Oscar Machado desliga-se do Partido de Representação Popular (do qual fora Presidente Regional e destacado líder) para prestar solidariedade ao governo do PTB, gesto que os

<sup>542</sup> Não se conhecem os motivos exatos que levaram à sua saída da reitoria do IPA. Em conversa com familiares de Oscar Machado foi mencionada a existência de uma suposta inimizade com membros da Igreja Metodista, situação que o teria deixado magoado em seu desligamento do educandário.

<sup>543</sup> Para além das disputas por espaços de poder no educandário, é presumível que, após quase vinte anos à frente deste, nos quais, nos diferentes *campos* em que se fez presente, valendo-se de sua posição de prestígio, Oscar Machado efetuou, com sucesso, os processos de “inversão” e “conversão” dos *capitais* que possuía, transformando-se num típico agente desta estratégia. Assim, a apropriação criativa que ele fez das instituições e de seus valores, procurando somar a força adquirida em um para atuar no outro teria, de fato, conferido-lhe um status que se sobrepunha à envergadura da próprio educandário que, após sua saída, passou a enfrentar sérias dificuldades financeiras, que não mais contariam com suas redes de relações para serem minimizadas desde então.

jornais classificam de "180 graus na vida política do Rio Grande do Sul. (RAMOS, 1989, p. 110)<sup>544</sup>

Em matéria publicada no jornal *A Hora*, o presidente em exercício do PRP, deputado Nestor Pereira, afirmou que, dadas as comemorações do jubileu de prata do integralismo, todos os ex-membros do partido haviam sido convidados a retornar as suas fileiras. Realçando que esse convite não foi feito de modo individualizado a cada um dos ex-integralistas, ainda assim, sobre o retorno de Oscar Machado, afirmou:

(...) o dr. Oscar Machado, pessoalmente, comunicou o seu espontâneo retorno às hostes do PRP, por ocasião dos festejos do dia 7 de outubro, data em que o Integralismo celebrou o seu 25º aniversário. Nesta oportunidade, o dr. Oscar Machado declarou que "não estava de retorno às fileiras do nosso Partido, porque jamais deixara de ser integralista." Pelas razões acima expostas, julgamos oportuno este nosso pronunciamento sobre a notícia do retorno do dr. Oscar Machado aos quadros integralistas, aliás, uma auspiciosa notícia para todos os que militam sob a bandeira deste grande brasileiro que é Plínio Salgado. (*A Hora*, 19/11/1957, p. [?])<sup>545</sup>

Tendo atuado desde sua saída do IPA como Coordenador da Campanha Nacional de Educação Rural do Ministério da Educação e Cultura no Rio de Janeiro entre 1953 e 1954, que lhe proporcionou integrar a delegação que representou o Brasil na VII Sessão da Conferência da "*Food and Agricultural Organization*" em Roma (1953), Oscar Machado mantivera-se um pouco afastado da política. Contudo, novamente, ocupou um papel de destaque no contexto de seu retorno ao PRP. (MACHADO, 1974, p. 2-3)

Isso se dá pois, reintegrado ao partido, ele foi escolhido pelo perrepista Walter Cechella, que havia sido nomeado presidente do Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC)<sup>546</sup> para, junto de Ivo Campagnoni, ser um de seus auxiliares de confi-

<sup>544</sup> Em conversas com familiares de Oscar Machado nos foi informado que, após sua saída do IPA, teria sido o político Rui Ramos quem lhe oportunizou a ocupação de um cargo no Rio de Janeiro para ele trabalhar no Ministério da Educação.

<sup>545</sup> Neste contexto, junto de Oscar Machado teria retornado também ao PRP Dr. Walter Cechella sendo que Geraldo Lindgren e Jaime Castro estariam em tratativas para também voltar ao partido. (*Diário de Notícias*, 24/11/1957, p. [?])

<sup>546</sup> "Órgão criado pela Lei nº 2.163, de 5 de janeiro de 1954. Surgindo como uma autarquia vinculada ao Ministério da Agricultura, absorveu o pessoal e o acervo da Divisão de Terras e Colonização, do Departamento Nacional de Imigração do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, bem como do Conselho de Imigração e Colonização, que foram extintos na ocasião. Desapareceu em 11 de outubro de 1962, quando da criação da Superintendência de Política Agrária (Supra), que absorveu suas atribuições. Cabia ao INIC traçar e executar o programa nacional de colonização, tendo em vista a fixação dos imigrantes e o maior acesso dos nacionais à pequena propriedade agrícola; assistir e encaminhar os trabalhadores nacionais migrantes de uma para outra região, e orientar e promover a seleção, a entrada, a distribuição e a fixação de imigrantes no país." (ABREU, s/d)

ança ao ocupar o posto de diretor.<sup>547</sup> Segundo texto publicado no jornal *Folha da Tarde* em 26/11/1957, que reproduzia uma entrevista com o deputado perrepista Onil Xavier, a escolha de Machado e Campagnoni não teria agradado a muitos membros do PRP:

Disse-nos o sr. Onil Xavier que repercutiu de maneira desfavorável, dentro do PRP, a escolha dos srs. Oscar Machado e Ivo Campagnoni para o gabinete do novo presidente do INIC, pelo fato dos referidos elementos serem praticamente estranhos aos quadros partidários. O sr, Oscar Machado, como se sabe, estava afastado do PRP e havia ingressado no PTB, por cuja legenda disputou uma cadeira da Câmara dos Deputados. Quanto ao sr. Ivo Campagnoni, segundo o sr. Onil Xavier, não sabe sequer onde fica a sede do PRP. Esclareceu-nos o deputado que na próxima reunião do Diretório Regional do PRP, que se realizará na sexta feira, criticará a atitude do sr. Valter Cechela escolhendo aqueles dois nomes para integrarem o seu gabinete, em detrimento a elementos atuantes do Partido, que esperam por uma oportunidade. (*Folha da Tarde*, 26/11/1957, p. [?])<sup>548</sup>

Percebe-se assim que, em seu retorno ao partido, seja por conta de alguma desavença anterior ou por disputas políticas surgidas nesse novo período, Oscar Machado já se via, mais uma vez, envolto de tensões. De qualquer modo, ele ocupou um importante cargo na Tesouraria do INIC, no Rio de Janeiro, entre os anos de 1957 e 1959, sendo exonerado em 02/06/1959 pelo presidente Juscelino Kubitschek, quando foi substituído por Rui Esteves Grilo. (*Correio do Povo*. 02/06/1959, p. [?])

Após o período em que trabalhou no INIC, residiu também em Roma–Itália, onde atuou como subchefe do Serviço Brasileiro de seleção de imigrantes na Europa (1959/1960) e também em Madri–Espanha, onde foi o Chefe Brasileiro de Seleção de Emigrantes. (MACHADO, 1974, p. 3)<sup>549</sup>

Entre idas e vindas, Oscar Machado foi presidente do Departamento de Educação da UFRGS no biênio 1956-1957, depois retornou ao Rio de Janeiro para, definitivamente, no início da década seguinte, em Porto Alegre, voltar a ter uma atuação mais destacada nas hostes do PRP. Na cidade, entre os anos de 1961 e 1963, Oscar Machado ocupou o cargo de Diretor Geral da Superintendência do Plano de Valorização da Regi-

<sup>547</sup> No âmbito de sua atuação no INIC, Oscar Machado integrou também as delegações do Brasil na III Reunião do Grupo de Trabalho do Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias (CIME), Washington–EUA (fevereiro/1958), VIII Sessão do Grupo de Trabalho do Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias (CIME), Genebra–Suíça (maio/1958) e a X Sessão do Grupo de Trabalho do Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias (CIME), Washington–EUA (fev/1958). (MACHADO, 1974, p. 3)

<sup>548</sup> Inicialmente deu-se a nomeação de Wolfran Metzler para a presidência do INIC. Porém, dado seu repentino falecimento, foi indicado para assumir a presidência do órgão Walter Cechella. (CALIL, 2005, p. 543-546)

<sup>549</sup> Neste interstício, também integrou a Comissão Preparatória e foi Delegado da América Latina na Conferência sobre Migrações, no Conselho Mundial de Igrejas em Genebra–Suíça (1960). (MACHADO, 1974, p. 3)

ão Fronteira Sudoeste (SUDESUL) (MACHADO, 1974, p. 4) sendo que, neste interstício, ele também concorreria a mais uma eleição para o poder legislativo.

Nesta eleição, que ocorreu em novembro de 1963, o PRP apoiou o nome de Sinval Guazelli, do Partido Democrata Cristão (PDC), para o posto de prefeito de Porto Alegre, sendo a chapa, intitulada Ação Democrática Popular (ADP), composta também por Partido Social Democrático (PSD), União Democrática Nacional (UDN) e Partido Libertador (PL).<sup>550</sup>

Além do acordo mantido para o posto de prefeito, cada partido teria autonomia para montar uma lista própria dos postulantes ao senado da câmara. Desta maneira, a nominata do PRP composta por vinte e oito integrantes<sup>551</sup>, conforme se percebe no santinho abaixo, continha, dentre eles, o nome de Oscar Machado.<sup>552</sup>

---

<sup>550</sup> Ofício enviado pelo Diretório Metropolitano de Porto Alegre ao Diretório Regional referente à coligação partidária para as eleições municipais de 1963. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – 8 Documentação dos diretórios municipais do PRP – 8.2 Diretório municipal do PRP em Porto Alegre – 8.2.5 correspondências – 8.2.5.3 correspondência entre o diretório municipal e o diretório regional (1949-65). Descritor: Ofício enviado pelo Diretório Metropolitano de Porto Alegre ao Diretório Regional referente à coligação partidária para as eleições municipais de 1963.

<sup>551</sup> Eram eles: 701 – Armando Braga, 702 – Breno Alberto Thomé, 703 – Carlos Romeu Machado, 704 – César Mondin, 705 – Djalma Rocha, 706 – Fernando Cardoso, 707 – Frederico Kumecke Filho, 708 – Hugo Bertha, 709 – Joaquim de Lucena, 710 – Lindolfo Manoel André, 711 – Tenente Nilton Weyrich, 712 – Osmar Ramires Moreira, 713 – Pedro Moacir de Oliveira, 714 – Professor Ângelo Calamucci, 715 – Carlito Martini, 716 – Dorotêo da Costa, 717 – Dolmy Tarasconi, 718 – Helmuth Prado, 719 – Jacob Van der Lan, 720 – João Danilo Donadal, 721 – José Américo Ferreira, 722 – José da Silva Conceição, 723 – Júlio Rubbo, 724 – Juaracy de Brito Pinto, 725 – Lauro Navegante, 726 – Miguel Pereira Neto, 727 – Professor Oscar Machado e 728 – Renato Bischoff. Ao eleitorado de Porto Alegre. Lista de candidatos da chapa integrada pelo PRP para as eleições municipais da capital em novembro de 1963. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – 7 Documentação do diretório regional do PRP-RS – 7.1 Secretaria Regional – 7.1.2 Correspondência específica enviada (1946-1966), pasta 2. Descritor: Nominata dos candidatos do PRP para as eleições municipais de Porto Alegre no ano de 1963.

<sup>552</sup> Ao eleitorado de Porto Alegre. Lista de candidatos da chapa integrada pelo PRP para as eleições municipais da capital em novembro de 1963. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – 7 Documentação do diretório regional do PRP-RS – 7.1 Secretaria Regional – 7.1.2 Correspondência específica enviada (1946-1966), pasta 2. Descritor: Lista dos candidatos da chapa integrada pelo PRP para as eleições municipais da capital em novembro de 1963.



Imagem 36: Fundo: AIB/PRP (Delfos) – 16 Panfletos e cartazes, 16.3 eleições municipais, f) sem data ou referência de lugar. Descritor: Santinho da candidatura de Oscar Machado para vereador de Porto Alegre pelo PRP nas eleições de 1963.

Não obtendo o resultado esperado, após ter exercido o cargo de chefia na SU-DESUL, Oscar Machado, em paralelo às atividades políticas, também foi nomeado Diretor da Companhia Estadual de Silos e Armazéns do Rio Grande do Sul (CESA) entre 1963 e 1966. (MACHADO, 1974, p. 4)

É peremptório que neste seu regresso ao PRP ele teve uma atuação diferente daquela exercida em sua primeira passagem pelo partido. Ao invés de trabalhar para o estabelecimento e consolidação da sigla, atuando mais nos bastidores da política – ainda que tenha lançado sua candidatura a deputado federal em 1952 – ele passou a exercer funções públicas, advindas dos acordos políticos tecidos pelos perrepistas com o objetivo de que o partido viesse a participar dos governos estaduais e da bem sucedida recon-

versão de seus diferentes tipos de *capitais*, como o *capital intelectual* nos diferentes *campos* nos quais ele atuou.<sup>553</sup>

Isso se coloca pois, malgrado tenha concorrido às eleições nas décadas de 1930 pela AIB em 1950 e 1960 pelo PRP, é patente que, nas duas primeiras ocasiões, ele atuou mais como um dirigente do integralismo do que como um político, ainda que tais coisas sejam difíceis de se dissociar em sua trajetória. Logo, junto dos cargos que ocupou no setor educacional seria, principalmente, a partir da década de 1960 que ele passaria a ocupar postos importantes da administração pública.<sup>554</sup>

Assim, para além do apoio dado à eleição de Leonel Brizola do PTB ao governo do estado do Rio Grande do Sul, o PRP também teria exercido o papel de fiel da balança ao apoiar a candidatura de Ildo Meneghetti do PSD ao posto de governador, que ocupou entre 1963-1966, situação que rendeu aos integralistas participação no governo:

No Rio Grande do Sul, couberam ao PRP as secretarias da Fazenda e da Administração, ocupadas, respectivamente, por Emílio Kaminski e Antonio Pires, além da presidência do Banco do Estado do Rio Grande do Sul, ocupada por Bernardino Comte. Em outubro de 1963, o Boletim do PRP publicou uma relação de 23 cargos ocupados pelo PRP, incluindo, além dos acima citados, a presidência do Instituto de Presidência do Estado e diretorias da Comissão Estadual de Silos e Armazéns, do Departamento de Imprensa Oficial, da Junta Comercial do Estado e da Caixa Econômica Estadual. Em 1964, com a saída de Kaminski do secretariado, Alberto Hoffmann ocupou a secretaria da Economia, entre fevereiro e julho e, simultaneamente, a secretaria da Fazenda, entre maio e junho. (CALIL, 2005, p. 626)<sup>555</sup>

<sup>553</sup> Oscar Machado voltaria a assumir postos de comando no PRP como o de presidente do diretório metropolitano de Porto Alegre (*Boletim PRP*, jun/1964, p. 1) integrando também o diretório regional do partido, porém sem ocupar um cargo de chefia. (*Boletim PRP*, nov/dez/1964, p. 1)

<sup>554</sup> Em paralelo a estes cargos, continuaria a atuar como membro de delegações em eventos internacionais com sua atuação como representante da América Latina na Comissão Intereclesiástica para Assuntos Internacionais, Londres–Inglaterra (1961-1968), Membro da Comissão “Ad Hoc” da OEA, Washington–EUA (1967) e da delegação do Brasil na V Reunião do Conselho Interamericano Cultural, Maracay–Venezuela (1968). (MACHADO, 1974, p. 3)

<sup>555</sup> Em ofício enviado a Domingos Piffer, integrante do núcleo do PRP de Garibaldi-RS por Romeu Parussini, constavam como integralistas que faziam parte do governo Ildo Meneghetti, em 28/02/1964, os seguintes nomes: “Dr. Antônio Pires – Secretário da Administração; Dr. Hugo Berta – chefe de gabinete; José Carlos Klein e Tarcísio Barradas – Oficiais de gabinete; Deputado Alberto Hoffmann – Secretário da Economia (ainda não tinha o gabinete formado porque assumiu em 26 de fevereiro de 1964 a secretaria); Dr. Enio Gualdi – Diretor Secretário da Junta Comercial; Joaquim Morais – Diretor da Imprensa Oficial do Estado; Nestor Pereira – Diretor da Caixa Econômica Estadual; Bernardino Conte – Diretor do Banco do Estado do RS; Onil Xavier dos Santos – Presidente do Instituto de Previdência do Estado. Gabinete do IPE: Eng. Umberto Pergher – chefe de gabinete; oficiais de gabinete – Pedro Alélio Curi, Arno Pires e Rubem Xavier dos Santos. Cláudio Antônio Belló - Assessor do Secretário da Fazenda; Prof. Oscar Machado – Diretor da CESA (Comissão Estadual de Silos e Armazéns). Além destes, Emílio Otto Kaminski também ocupou o cargo de Secretário da Fazenda, mas pediu o seu afastamento após seis meses de exercício, justificando o seu afastamento devido a motivos de saúde. Após o golpe militar, houve membros do PRP que também responderam provisoriamente por outras secretarias nos momentos mais críticos até a consolidação desse regime.” (FLACH, 2003, p. 50)

No início da ditadura civil-militar, à frente do Diretório Metropolitano, Oscar Machado, dentre as proposições que encaminhou ao presidente do Diretório Regional do PRP, por ocasião de sua XVIII Convenção Regional, fez o pedido para que o partido passasse a se chamar Partido de Representação Profissional (PRP), solicitando ainda que tal proposta fosse enviada para deliberação na próxima convenção nacional.<sup>556</sup> Justificava essa demanda pois, sob a nova sigla, ao mesmo tempo em que se criaria uma identidade mais acessível ao público em geral, também se manteria as mesmas letras da sigla original, podendo desta forma alcançar mais adeptos para o partido.

Durante o governo de Humberto de Alencar Castelo Branco, Oscar Machado felicitou o marechal quando este teria realizado o rompimento das relações com Cuba, sob o pretexto de evitar que o comunismo se alastrasse da ilha para o resto da América, compadecendo-se com o povo cubano cristão e democrático.<sup>557</sup>

Este alinhamento ao governo ditatorial seria um posicionamento natural a ser tomado pelos membros do PRP, dado o anticomunismo preconizado pelo partido e partilhado por Oscar Machado desde o período da AIB. Assim, tem-se que após a assinatura de João Goulart dos decretos polêmicos, nos momentos eminentemente anteriores ao golpe que o alijou do poder, em especial os referentes à estatização das refinarias do Rio Grande do Sul e ao plano de paulatina realização da reforma agrária, eram mais do que claros os sinais do desacordo dos perrepetistas com as propostas progressistas do então presidente.

A encampação das refinarias e, em futuro próximo, das empresas distribuidoras de combustíveis, não tem fundamentos nacionalistas e nem propósitos sérios. Visa tão somente dar aos subversivos as condições necessárias à paralização do País, em 24 horas, e entrega-lo à sanha-revolucionária dos esquerdistas de todos os matizes. É mais um passo na gradativa bolchevização do Brasil. (...) O decreto da SUPRA não resolverá parcela alguma do problema agrário e tem como objetivo essencial a agitação, o atropelo da propriedade privada e o desmantelamento da produção, gerando, por consequência, sucessivos encarecimentos dos gêneros de primeira necessidade, o que, ainda mais, agravará o caos social em que estamos mergulhados. Os decretos presidenciais assinados em comício organizado pelo submundo da política nacional es-

<sup>556</sup> Proposição encaminhada pela Delegação do Diretório Metropolitano de Porto Alegre ao presidente da XVIII Convenção Regional do PRP do Rio Grande do Sul em 28/11/1964. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – 5 Convenções Regionais do PRP-RS – 5.17 XVIII Convenção Regional. Descritor: Proposição encaminhada pela Delegação do Diretório Metropolitano de Porto Alegre ao presidente da XVIII Convenção Regional do PRP do Rio Grande do Sul em 28/11/1964.

<sup>557</sup> Telegrama enviado por Oscar Machado ao marechal Humberto de Alencar Castelo Branco na ocasião do rompimento diplomático do Brasil com Cuba. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – 8 Documentação dos diretórios municipais do PRP – 8.2 diretório municipal do PRP em Porto Alegre – 8.2.9 diversos (1951-65). Descritor: Telegrama enviado por Oscar Machado ao marechal Humberto de Alencar Castelo Branco na ocasião do rompimento diplomático do Brasil com Cuba.



tão dentro de um terrível esquema de aniquilamento da Nação Brasileira. (*Correio do Povo*, 15/03/1964, p. [?])

Por conseguinte, seria durante o regime ditatorial que Oscar Machado alcançaria o ponto alto de sua atuação na administração pública. Conjectura-se que isso tenha ocorrido pelo fato dos integralistas terem apoiado o regime de exceção instalado com a deposição de João Goulart e, após os partidos políticos serem fechados pelo Ato Institucional nº 2 de 27/10/1965, eles tenham passado a integrar a ARENA, partido criado com o fito de dar sustentação à ditadura civil-militar.

No Rio Grande do Sul, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) era composta por uma Comissão Diretora Regional, integrada por 71 membros, dentre os quais 9 eram pertencentes ao PRP:

Affonso Anschau, Alberto Hoffmann, Antônio Setembrino de Mesquita, Arno Arnt, Bernardino Conte, Guido Mondin, Oscar Machado, Oscar Westendorff e Raul Bigarella. Além destes, convém destacar o nome de Clóvis Stenzel, que também fazia parte dessa Comissão Diretora, podendo ser considerado o 10º representante do PRP. Stenzel já havia sido eleito deputado estadual pelo PRP do Espírito Santo e, em 1966, foi eleito deputado federal pela ARENA do Rio Grande do Sul. (FLACH, 2003, p. 186)

Oscar Machado atuou com a intenção de convencer os perrepistas gaúchos a fazer parte dos quadros da ARENA, tendo enviado uma carta com esta solicitação a estes:

(...) Tive a honra de ser escolhido para o cargo de Secretário Executivo da ARENA no Rio Grande do Sul e reconheço o peso da tarefa que me foi imposta. Há que dar estrutura a essa nova organização, bem como promover a sua instalação imediata em mais de 200 municípios. Nesse sentido é que venho solicitar a sua colaboração para que, na hora precisa, não nos venha a faltar o indispensável apoio dos nossos antigos companheiros desse município e sejam superados, mesmo com algum sacrifício, quaisquer obstáculos a um nobre entendimento com todas as áreas que, em defesa da Revolução, abrigam-se agora, provisoriamente, sob a legenda da Aliança Renovadora Nacional, tendo em vista as eleições diretas a serem realizadas no corrente ano para a renovação dos mandatos legislativos. Pelo Bem do Brasil.<sup>558</sup>

Portanto, como, desde o início do regime ditatorial, Oscar Machado figurou em um importante posto do partido ao ocupar a secretaria Geral desta comissão diretora, se pode entender o motivo que, eventualmente, o levou a ocupar os cargos de Presidente do Instituto de Previdência do Estado do Rio Grande do Sul – IPE (1966-1967) e de

<sup>558</sup> Carta enviada por Oscar Machado em 05/02/1966. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – 7 Documentação do diretório regional do PRP-RS – 7.1.1 Correspondência geral (1945-1966). Descritor: Carta enviada por Oscar Machado em 05/02/1966.

Diretor-Superintendente da Companhia Riograndense de Saneamento - CORSAN (1967-1968). (MACHADO, 1974, p. 4)

Posteriormente, entende-se que o fato de Oscar Machado ter sido nomeado Secretário de Administração do então governador Sinval Guazelli, entre 1975 e 1978, possa também ter decorrido do apoio que PRP havia dado a esse nas eleições de 1963 para a prefeitura de Porto Alegre.

Para concluir, percebe-se que, retrospectivamente, embora Oscar Machado tenha passado a ocupar importantes cargos da administração pública<sup>559</sup> nos anos finais de existência do PRP, seria durante sua atuação na ARENA que, no ápice de sua utilização dos vários tipos de *capitais* dos quais dispunha, que foram invertidos e reconvertidos nos diferentes *campos* por onde atuou, finalmente, Oscar Machado confirmaria aquilo que se poderia chamar de sua “vitória política”, tema que extrapola nosso recorte temporal e temático e que, por si só, renderia um outro estudo como o ora proposto.<sup>560</sup>

---

<sup>559</sup> É importante frisar que nesta parte da análise o foco é apenas nas funções administrativas não relacionadas à sua atividade enquanto educador, posto que ele também ocupou cargos públicos diretos a ela ligadas, como os já citados postos de Coordenador da Campanha Nacional de Educação Rural do Ministério da Educação e Cultura no Rio de Janeiro entre 1953 e 1954 e o de Diretor da Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério e do Centro Regional de Pesquisas Educacionais (INEP) entre 1963-1966. (MACHADO, 1974, p. 4)

<sup>560</sup> Se para o começo da década de 1960 e o período inicial da ditadura civil-militar os estudos de Ângela Flach (FLACH, 2003), Claudira Cardoso (CARDOSO, 2009) e Gilberto Calil (CALIL, 2005) trazem importantes contribuições para a análise do PRP em escala nacional e regional no Rio Grande do Sul, fazendo diversas menções às ações desempenhadas por Oscar Machado, acredita-se que um estudo sobre a inserção dos integralistas na ARENA se apresenta promissor, posto que há uma rica documentação disponível sobre personalidades perrepistas, sobretudo Alberto Hoffmann.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A despeito da orientação teórico-metodológica adotada, um dos grandes desafios impostos aos pesquisadores que se dedicam ao estudo de uma determinada trajetória é o de encontrar soluções para o problema da fratura epistemológica presente nas ciências humanas e sociais. Essa, por um lado, poderia dar um maior destaque ao retorno da filosofia do sujeito e, não raro, escamotear a imposição das determinações estruturais, glorificando a ação dos indivíduos, ao passo que, num sentido oposto, se pautaria por uma leitura da realidade a partir de um estruturalismo dissimulado, com os sujeitos sendo colocados como meros suportes das estruturas sociais. (CARVALHO: 2009, p. 145)

Em vista disso, atentando-nos para o alerta dado por Pierre Bourdieu sobre o perigo de se incorrer na “*ilusão biográfica*” (BOURDIEU, 2005), no caminho escolhido para a abordagem da trajetória de Oscar Machado, buscou-se, tanto considerar o contexto no qual ele viveu, cotejando-o com as atividades por ele desempenhadas nos múltiplos campos nos quais atuou, quanto deixar claro o caminho escolhido para se chegar à síntese proposta.

Seguindo tal postulado, respeitando os limites que escapam ao controle do historiador, na busca por repisar os caminhos percorridos por Oscar Machado com um mínimo de verossimilhança, tentou-se escapar da confecção de um trabalho que pudesse ser caracterizado como parente próximo do panegírico, fruto do trabalho de amadores ou, na melhor das hipóteses de literatos, e, ao mesmo tempo, devolver sua face humana com suas rugas e nuances à historiografia, iniciativa que por tanto tempo foi abandonada nessa seara.

Ainda assim, mesmo dentro dessa lógica, na tentativa de revirar os escombros do passado para reedificar de maneira minimamente verossímil sua trajetória, deparamos com uma copiosa gama de dificuldades, seja em relação às lacunas documentais que, por vezes, limitaram a reconstrução das hesitações e escolhas vividas por ele, ou face às escolhas que, enquanto observador, foram necessárias realizar.

Destarte, sem que seu oposto seja garantia de sucesso, se um dos grandes problemas enfrentados para a reconstrução de uma trajetória remete-se à escassez de fontes, quando nos deparamos com essa realidade, a forma como se tentou superar tal adversidade foi realçar as potencialidades e os limites presentes na realização deste tipo de trabalho.

Em consonância com o postulado apresentado por Jacques Le Goff que, em relação à forma como se deve prosseguir na construção de uma biografia no que tange ao trato das fontes, afirmou que, por força de rigores metodológicos inerentes à disciplina, os historiadores são compelidos a aceitar os limites documentais impostos à pesquisa e trabalhar dentro desses, buscou-se trabalhar com o que se conhecia e, através da crítica dos materiais coligidos, construir uma razoável convicção de verdade histórica. (LE GOFF: 1998, 22)

No entanto, considerando que tais limites não revelariam apenas o estilo e o modo de escrever do historiador, mas uma convicção razoável de verdade histórica, expressada através de uma familiaridade com as fontes e com o contexto no qual viveu Oscar Machado, para Gilberto Freyre, em determinadas situações, seria possível, sem recorrer-se ao recurso ficcional, traçar conjeturas que, de certo modo, ajudariam a minimizar as lacunas existentes nas construções das biografias. (FREYRE: 1968)

Optando por tentar contemplar tal estratégia, sobreleva-se que, além de lidar com uma extensa lista de variáveis ligadas aos limites impostos por rigores teóricos e metodológicos inerentes à disciplina história, – colocação de um problema, levantamento e crítica das fontes, utilização ou não do recurso ficcional, escala utilizada, dentre outros; o que em suma se reflete na distância que separa o pesquisador de seu objeto – enquanto biógrafos somos forçados a trabalhar num nível de tensão e imprevisibilidade incomuns à produção historiográfica.<sup>561</sup>

Nesse sentido, ao remexer a teia dos acontecimentos ocorridos nas trajetórias analisadas, o biógrafo pode, além daqueles que são impossíveis de se recuperar, perder eventos importantes. Isso, somado às próprias decisões que por ele devem ser tomadas, o faz perceber quão difícil é a tarefa de propor uma síntese ao turbilhão de vivências resgatadas, sem que essas sejam apresentadas como se tivessem ocorrido em virtude de seu fim, de modo a escamotear todo o acaso e instabilidade dos quais, devido às escolhas realizadas, são dotadas as vidas humanas.

A tarefa do historiador, neste íterim, vai muito além da função do titereiro que pode dar vida e apresentar uma síntese de seu personagem a seu bel-prazer, como se ele não possuísse conflitos, como se não tomasse decisões contraditórias. Sem que deixe de lado os resultados finais das ações de seus personagens, é sua função, se quiser criar um

---

<sup>561</sup> Tal questão é importante, pois nos remete ao modo como são interpretadas as ações tomadas pelos personagens, posto que o resultado de suas escolhas geralmente só é percebido pelo historiador quando se relaciona ao resultado final de suas ações.

mínimo efeito de realidade, focar-se mais nas incertezas, dilemas, acasos e hesitações dos mesmos.

Por esse motivo, ao se considerar a soma das escolhas tomadas pelos personagens, a seleção dos eventos e limites documentais que lhes são impostos, é possível conjecturar que sua tarefa possa se tornar, em certos aspectos, até mais incerta do que fora a própria vida de seu personagem.

Embora seu trabalho seja similar ao de um arrombador profissional, pois o biógrafo com a intenção de invadir a casa, revirar as gavetas e, através do triunfo de sua pilhagem, mostrar que seu relato é verossímil, ele deve levar em conta que para a construção de um bom trabalho acerca de uma dada trajetória não bastam apenas talento, qualidades estilísticas e fontes que sustentem a síntese proposta, é também necessário não apenas aceitar os limites do gênero como também respeitar a memória do indivíduo e das pessoas que com ele conviveram. Foi à luz de tais pressupostos que se buscou abordar a trajetória de Oscar Machado.

Nessa trilha, com o intuito de articular a relação existente entre objetividade e subjetividade, coerção e liberdade de ação para a análise de sua trajetória, sempre que possível as chaves interpretativas utilizadas foram a da noção de *projeto* e *campo de possibilidades*, sem que, no entanto, o pêndulo da leitura pendesse para um ou outro polo.

Além disso, outros conceitos como *campo* e *capital* – em suas mais diversas tipologias – foram importantes para que se apresentasse a riqueza deste personagem que, em sua trajetória, articulou elementos aparentemente incongruentes, possibilitando a detecção de fissuras em meio às normas e coerções, dotando-lhe de uma maior liberdade, ao mesmo tempo em que permitia que se observassem estas também.

Portanto, na condição de um importante intelectual forjado pelo metodismo, carregando consigo toda uma gama de valores e ideais que nele foram introjetados ao longo de sua formação, como uma espécie de *habitus*, ao longo de sua trajetória, ele acabou articulando de modo, por vezes, incomum com seus próprios *projetos pessoais*, aquilo que a denominação religiosa estabelecia como desejável para a atuação de seus membros à luz de seu *projeto coletivo*.

A interpretação proposta para seu triunfo nessa seara advém do fato de que, por ser um produto do empreendimento metodista para sua implementação e capilarização no Brasil – cuja institucionalização, estabelecimento de regras, hierarquização dos agentes e autonomia sob o ponto de vista da teoria de Pierre Bordieu ainda não se fazia com-

pleta – sua formação diferenciada concedeu-lhe certo poder de barganha e flexibilidade no interior da denominação religiosa em face do grande volume de *capitais* do qual era detentor. (BOURDIEU, 1989)

Em outras palavras, sendo fruto da ação metodista com o fito de criar lideranças religiosas e civis para influir na sociedade brasileira como um todo, do mesmo modo como o metodismo faz parte do *projeto* inicial de Oscar Machado, alavancando-o por meio do acesso à instrução primária e secundária, este *projeto pessoal* acabava por se amalgamar perfeitamente ao *projeto coletivo* da instituição. (VELHO, 1994)

Com efeito, destaca-se que, no decorrer do tempo, de modo similar ao que realizava no interior do metodismo, – onde não se submetia completamente a todos os dogmas e diretrizes – conforme Oscar Machado ganhava destaque na denominação religiosa – em virtude da posição de chefia exercida nas instituições que tem visibilidade externa como a universidade – também passou a lançar mão desta estratégia de valer-se do volume de *capitais* que possuía num dado *campo*, para atuar e adquirir prestígio em outros *campos*.

Dito de outro modo, valendo-se de sua posição de prestígio enquanto educador e administrador das instituições de ensino metodistas, Oscar Machado conseguiu, com sucesso, levar a cabo o processo de “inversão” e “conversão” dos *capitais* dos quais era detentor, transformando-se num típico agente desta estratégia.

Na eficácia deste processo que ele levou adiante nos múltiplos *campos* nos quais atuou é que residiria a apropriação criativa que Oscar Machado fez das instituições e de seus valores, procurando sempre somar a força adquirida em um para atuar no outro e, assim, pelo peso acumulado de *capital de prestígio* e posição de dominação em diferentes áreas, passar ao largo das contradições de princípios que afetariam agentes menos proeminentes ou mais antisistêmicos do que ele.

Sob tal prisma, em relação ao metodismo, se sua atuação na maçonaria não se configurou como um problema aquela época, uma vez que muitos de seus membros integravam a instituição secreta, percebe-se que, assim como Oscar Machado, as lideranças da denominação religiosa que se enveredaram para a atividade política nem sempre eram vistas com bons olhos, sobretudo aquelas que não defendiam o status quo e o conservadorismo.

A esse respeito, malgrado fossem combatidas as manifestações políticas em seus educandários, a exemplo do ocorrido no *Granbery* e das acusações quanto a essas no IPA, percebeu-se que quando importantes lideranças metodistas se lançaram no

universo da política como candidatos a diferentes cargos eletivos, aparentemente houve certa complacência por parte da alta hierarquia da denominação religiosa, independentemente das siglas nas quais seus membros se filiaram.

Tal postura, poderia ser entendida como uma parte do *projeto coletivo* do metodismo para que conseguisse alcançar uma maior influência nas esferas políticas e administrativas capilarizando sua penetração nestas a despeito de orientações ideológicas. Isso acabava por se articular à participação de Oscar Machado no integralismo pois, embora houvesse um veto da denominação religiosa aos camisas verdes, como se viu, em relação a ele tal fato não representou um grande empecilho.

A hipótese comprovada na interpretação de tal estado de coisas é a de que, seja por conta de seus contatos, cargos exercidos, de sua notoriedade enquanto intelectual, de sua atuação como reitor do IPA e como líder leigo do metodismo, Oscar Machado atingiu uma importante posição no interior da denominação religiosa gozando de uma maior liberdade para atuar no integralismo, que não teria sido abalada sequer por sua prisão em 1938.

Em outros termos, embora tenha surgido toda uma sorte de tensões e incompatibilidade, especialmente na medida em que esses *campos* se institucionalizavam, diferenciavam e se especificavam, como foi possível perceber pelos problemas que Oscar Machado passou a enfrentar no IPA em virtude de sua atuação política, ainda assim, ele conseguiu se impor em virtude de seu volume de *capitais* e posição dominante que ele mantém na instituição escolar.

Num sentido parecido ao verificado no metodismo, ao voltar a atenção para a atuação de Oscar Machado na AIB, compreende-se que, do mesmo modo como ele conseguiu articular o discurso antiliberal dos camisas verdes com o liberalismo apregoado pelo metodismo, não sofreu sanções por seu pertencimento ao metodismo, Rotary e maçonaria, situação que não seria comum de se observar em relação a militantes comuns, justamente por conta da posição de destaque que ocupava.

Pelo contrário, o fato de que em Juiz de Fora e no Rio Grande do Sul se verificou um significativo número de camisas verdes que integravam o protestantismo, sobretudo os membros do metodismo e luteranismo, bem como se detectou a presença de alguns poucos integrantes de doutrinas espíritas entre os integralistas, sem embargo tais questões gerarem certas complicações para suas chefias, ao invés de representarem uma possibilidade de enfraquecimento da AIB, acabaram resultando em seu oposto.

Ademais, com o intuito de aprofundar a compreensão sobre o exposto acima, a análise das atividades de Oscar Machado nas hostes dos camisas verdes, uma das poucas trajetórias de líderes que circularam por estados diferentes de que se tem notícia até o momento, configura-se também como uma abordagem que precisaria ser expandida para outras lideranças e para membros da militância comum como forma de se mensurar melhor as questões apontadas, como a articulação entre os integralistas de estados das diferentes regiões do país, para além apenas das chefias nacionais.

De todo modo, em resumo, pode-se afirmar que Oscar Machado constitui-se como um ator que transitou em diferentes *campos*, os quais, porém, estavam em construção no Brasil e, deste modo, por ainda não terem atingido autonomia suficiente para impor as suas regras próprias de hierarquização dos agentes, das suas instituições e produtos, nos termos propostos por Bourdieu, concorreram para o maior ganho de liberdade do educador metodista.

Esta seria, possivelmente, uma das maiores características da ação de Oscar Machado ao longo de sua trajetória, atuar de maneira hábil e criativa por entre *campos* diferentes, sabendo somar um ao outro, em certos momentos, ou jogar um contra o outro, em outros momentos.

Assim, mesmo em “desconformidade” com aquilo que se estabelecia nos diferentes *campos*, ele agiu de modo bastante independente entre eles, evitando o seu “expurgo” como “herege”, dado que nenhum deles estava suficientemente estruturado simbolicamente e materialmente para se impor “puramente” sobre os demais e/ou confrontar um personagem tão importante quanto Oscar Machado.

Por fim, se Oscar Machado não logrou êxitos políticos, nem galgou cargos importantes na administração pública estadual ou federal durante o período de existência legal da AIB, passado o período do Estado Novo e o final da Segunda Guerra Mundial, com o ressurgimento do integralismo sob a nova roupagem do PRP, finalmente, ele alcançou aquilo que se poderia entender como sua “vitória política”.

Sobre o primeiro ponto, pode-se propor que os sucessivos fracassos eleitorais de Oscar Machado ao longo do tempo parecem advir do fato de que, se ele alcançou prestígio em instâncias técnicas dos *campos* nas quais atuou em decorrência do reconhecimento de formação e competência administrativa e teórica, não foi, porém, capaz de convertê-lo de modo a ter tal reconhecimento aceito pelo conjunto dos eleitores.



Sem se desprezar o tamanho das máquinas eleitorais da AIB/PRP e seus adversários, presume-se que, se Oscar Machado teve sucesso em setores técnicos em que atuou em diversos *campos*, nos quais obteve sucesso na transferência de parte de seu *capital simbólico* adquirido em uma área para outra (notadamente da instituição escolar metodista para a política e mesmo para outras instituições escolares), numa direção oposta, ele não conseguiu transmitir esse mesmo prestígio adquirido internamente em cada área para o universo dos “profanos”. (BOURDIEU, 2017, p. 67-72)

Logo, entende-se que seu *capital* de notabilidade era fundamentalmente *um capital* adquirido e retido entre os “iniciados”, (aqueles que possuíam condições de reconhecer a sua “condição”, seja em decorrência de seus títulos acadêmicos, de sua cultura ou seu conhecimento), cujo efeito maior parece estar limitado aos espaços consagrados deste. (BOURDIEU, 2017, p. 67-72)

Sem embargo destas questões até então abordadas, em relação aos problemas enfrentados durante sua estada no PRP e de suas passagens pelo PSD e PTB, compreende-se que, vencidas as “interdições” de sua atuação na maçonaria e as críticas que a AIB recebia por parte dos metodistas, – conquanto ela ainda fosse associada por inimigos políticos e pela imprensa à nova sigla integralista – ele se transformou numa das principais lideranças perrepistas, estando à sua frente em seus momentos de expansão no Rio Grande do Sul.

Sendo o chefe mais longevo de seu diretório gaúcho, sem desconsiderar as acusações que lhes foram imputadas, de que ele não atuou como se esperava – e aqui acredita-se que seu caráter técnico se chocava com os adjetivos daquilo que se entendia como necessário ao bom político – para a expansão e fortalecimento da sigla na região de sua terra natal, parece ser justo asseverar que sua atuação entre 1947 e 1952 foi importante para a consolidação e crescimento do diretório do PRP que mais relevância possuiu entre os entes da federação, alcançando o posto de fiel da balança nas eleições que deram a vitória a Leonel Brizola do PTB, em 1958, e de Ildo Meneguetti do PSD, em 1962, ao posto de governador do estado. (CARDOSO, 1999, p. 62-68; CALIL, 2005, p. 626)

Todavia, uma vez derrotado nas eleições nas quais se lançou candidato pelo PRP e PTB, como reconhecimento de suas aptidões técnicas, apenas nos anos finais de existência do integralismo e na primeira década da ditadura civil-militar, quando ele passou a integrar a ARENA, foi que Oscar Machado alçou voos mais altos na política ao assumir altos cargos na administração pública em órgãos como o INIC, CORSAM, IPE,

CESA, SUDESUL, CAPES, além das várias comissões, delegações e postos que exerceu em decorrência de sua atuação nestes.

Contudo, ao se observar essa reta final de sua atuação na vida pública, erroneamente se poderia interpretá-la como um destino para o qual ele aparentemente estaria fadado desde o início de sua trajetória na região da fronteira do Rio Grande do Sul no começo do século passado.

Numa direção oposta, retrospectivamente, percebe-se que sua trajetória foi dotada de sucessos e também insucessos em todos os *campos* nas quais ele atuou, frutos tanto das coerções impostas aos indivíduos, quanto dos limites e das possibilidades de ações vislumbradas por ele, resultante do cotejamento entre cálculo prospectivo e também do acaso e imprevisibilidade.

Foi por esse caminho que se tentou apresentar esse importante personagem, cuja trajetória norteada por um forte teor conservador, eivado de um anticomunismo patente, pode ajudar a compreender não só o período no qual ele se manteve como protagonista em diferentes *campos*, como também o atual cenário político e social ainda permeado por tais elementos que se apresentam de forma explícita em discursos, práticas e representações.

## **Referências:**

### **Acervos e Documentações consultadas**

#### **A) Acervo Histórico do Instituto Porto Alegre (IPA)**

Centro de Brasilidade “General Osório”. Prospecto do Instituto Porto Alegre de 1939, p. 26.

Língua inglesa. Prospecto do Instituto Porto Alegre de 1939, p. 19.

Prospecto do Instituto Porto Alegre de 1939, p. 31

#### **B) Acervo pessoal Cláudia Thimmig**

Carta de Oscar Machado para Dilza Tito Fauque. Birmingham: 04/10/1922.

Carta de Oscar Machado para Dilza Tito Fauque. Porto Alegre: 23/12/1927.

Carta de Oscar Machado para Dilza Tito Fauque. Porto Alegre: 25/12/1927.

Carta de Oscar Machado para Dilza Tito Fauque. Porto Alegre: 27/06/1946.

MACHADO, Oscar. Documento redigido por Oscar Machado, com dados referentes à sua família, constando o nome de seus irmãos, data de nascimento, casamento, nome do cônjuge e data de falecimento. s/d. Acervo pessoal de sua Claudia Thimmig que gentilmente nos franqueou o acesso ao mesmo

\_\_\_\_\_. *Mini curriculum de Oscar Machado da Silva*. Gráfica Universitária: Uruguaiana, 1974.

#### **C) Acervo Histórico do Museu do Granbery Juiz de Fora**

##### **1) Atas da Congregação da Faculdade de Teologia do Granbery**

Ata da 2ª reunião da Congregação da Faculdade de Teologia, 18 fev. 1929.

Ata da 11ª reunião Congregação da Faculdade de Teologia, 29 jan. 1930.

Ata da 12ª reunião da Congregação da Faculdade de Teologia, 03 mar. 1930.

Ata da 21ª reunião da Congregação da Faculdade de Teologia, 07 mar. 1931.

Ata da 24ª reunião da Congregação da Faculdade de Teologia, 27 mai. 1931.

Ata da 25ª reunião da Congregação da Faculdade de Teologia, 11 jul. 1931.

Ata da 60ª reunião da Congregação da Faculdade de Teologia, 24 nov. 1937.

##### **2) Atas da Congregação do Granbery**

Ata da Congregação do Granbery, 21 out. 1926.

Ata da Congregação do Granbery, 12 jun. 1928.

Ata da Congregação do Granbery, 14 fev.1930.

Ata da Congregação do Granbery, 10 mar. 1933.

### **3) Prospectos e materiais diversos do Granbery**

Estatutos d'O Granbery, Juiz de Fora, 1931.

LANDER, Margareth. Nota referente à introdução do futebol no Granbery, 1984.

Livro de recortes com as primeiras propagandas do Instituto Granbery, Juiz de Fora, s/d.

Livro de cronologia do Granbery 1890-1897. p. 17.

Moção de Solidariedade. Livro de recortes com as primeiras propagandas do Instituto Granbery, Juiz de Fora, 16 jun. 1901, p. 19.

Prospecto d' O Granbery, Juiz de Fora, 1932.

Prospecto d' O Granbery, Juiz de Fora, 1933.

Prospecto d' O Granbery, Juiz de Fora, 1934.

### **D) Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul – Acervo Peracchi Barcelos**

Secretaria de Segurança Pública – Polícia – Casa de Correção Livro de Matrícula número 9 (1935 nov./1938 jun.). p. 310.

### **E) Arquivo Ministério da Memória da Igreja Metodista Central de Juiz de Fora**

#### **1) Ata da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934**

Ata da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934, 29 nov. 1930.

Ata da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934, 04 fev. 1932.

Ata da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934, 07 abr. 1932.

Ata da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934, 05 mai. 1932.

Ata da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934, 15 set. 1932.

Ata da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934, 09 mar. 1933.

Ata da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934, 24 abr. 1933.

Ata da Assembleia da Igreja Episcopal de Juiz de Fora 1930-1934, 26 abr. 1934.

**2) Ata da reunião do Gabinete Episcopal de Juiz de Fora**

Ata da reunião do Gabinete Episcopal de Juiz de Fora, 13 mar. 1932.

Ata da reunião do Gabinete Episcopal de Juiz de Fora, 08 mar. 1933.

Ata da reunião do Gabinete Episcopal de Juiz de Fora, 11 set. 1933.

Ata da reunião do Gabinete Episcopal de Juiz de Fora, 07 jun. 1933.

Ata da reunião do Gabinete Episcopal de Juiz de Fora, 12 jan. 1933.

**3) Atas dos Concílios da Igreja Metodista**

Anuário do Concílio Regional do Norte da Igreja Metodista do Brasil, 7ª reunião, 1937.

Atas do 2º Concílio Geral da Igreja. Imprensa Metodista: São Paulo, 1934.

**4) Ata da Classe Rosas de Saron**

Ata da Classe Rosas de Saron, 31 mai. 1931.

Ata da Classe Rosas de Saron, 11 out. 1931.

**5) Atas e Livro de chamadas da Sociedade de Senhoras da Igreja Metodista**

Atas da Sociedade de Senhoras 1928 a 1934, 02 jan. 1933.

Atas da Sociedade de Senhoras 1928 a 1934, 06 fev. 1933.

Livro de chamada da Sociedade Metodista de Mulheres.

**6) Rol de entrada e saída de fiéis**

Rol n.º 1719, livro n.º 01, pág. 58.

**E) Arquivo Público e Histórico de Rio Claro. Fundo Plínio Salgado**

Correspondência de Plínio Salgado a Loureiro Júnior, 04/05/1946 - APHRC-PiPrp 04.05.46/12.

**F) Arquivo Público Mineiro. Acervo DOPS-MG. Belo Horizonte**

1) Pasta 759 {Irineu Guimarães} out. 1945 – nov. 1968.

2) Pasta 1501 {Congresso Integralista} nov. 1935 – nov. 1935.

- 3) Pasta 2035 {Integralismo} out. 1932 – set. 1938.
- 4) Pasta 3327 {Integralismo} mai. 1938 – abr. 1945.
- 5) Pasta 4703 {Juiz de Fora} set. 1931 – ago. 1956.
- 6) Pasta 4704 {Juiz de Fora - integralismo} jun. 1935 – jan. 1939.
- 7) Pasta 4707 {Juiz de Fora - integralismo} out. 1935 – mai. 1943.
- 8) Pasta 4736 {Mar de Espanha} nov. 1931 – jan. 1945.
- 9) Pasta 4821 {Comunismo} mai. 1934 – fev. 1948.
- 10) Pasta 4965 {São João del Rei – integralismo} jul. 1935-maio 1939.

**G) Delfos Espaço de Documentação e Memória Cultural – PUCRS (Acervo-AIB/PRP)**

- 1) Candidatos do PRP para as eleições de 1950. Disponível em: Fundo: AIB/PRP (Delfos) – 8 Documentação dos diretórios municipais do PRP – 8.2 Diretório Municipal do PRP em Porto Alegre – 8.2.5 Correspondências – 8.2.5.3 Correspondência entre o Diretório Municipal e o Diretório Regional (1949-65) – Descritor: Ofício enviado ao Diretório Estadual do PRP pelo Diretório Municipal de Porto Alegre em 22/03/1950.
- 2) Carta de Emílio Otto Kaminski a Plínio Salgado em 06/04/1937. Disponível em: Fundo: AIB/PRP (Delfos) – 1 Pessoal – 1.3 Emilio Otto Kaminski – Descritores: Carta de Emílio Otto Kaminski a Plínio Salgado em 06/04/1937.
- 3) Carta de Luis Campagnoni endereçada ao Diretório Regional do PRP do Rio Grande do Sul em 03/06/1952. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – 7 Documentação do Diretório Regional do PRP-RS – 7.1 Secretaria Regional – 7.1.4 Correspondência Interna (1945-1965). Descritor: Carta de Luis Campagnoni endereçada ao Diretório Regional do PRP do Rio Grande do Sul em 03/06/1952
- 4) Carta enviada por Oscar Machado em 05/02/1966. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – 7 Documentação do diretório regional do PRP-RS – 7.1.1 Correspondência geral (1945-1966). Descritor: Carta enviada por Oscar Machado em 05/02/1966.
- 5) Carta de Oscar Machado enviada a Olímpio Dotti. Disponível em: Fundo: AIB/PRP (Delfos) – 7 Documentação do Diretório Regional do PRP-RS – 7.1 Secretaria Regional – 7.1.4 Correspondência Interna (1945-1965). Descritor: Carta de Oscar Machado a Olímpio Dotti em 15/08/1950.
- 6) Carta de Oscar Machado enviada a Olímpio Dotti. Disponível em: Fundo: AIB/PRP (Delfos) – 7 Documentação do Diretório Regional do PRP-RS – 7.1 Secretaria Regional – 7.1.4 Correspondência Interna (1945-1965). Descritor: Carta de Oscar Machado a Olímpio Dotti em 31/08/1950.

**7)** Carta de Oscar Machado ao governador Walter Jobim em 02/04/1947. Disponível em: Fundo: AIB/PRP (Delfos) – 20 Diversos – 20.1.3 Documento pessoal de Oscar Machado. Descritor: Carta de Oscar Machado ao governador Walter Jobim em 02/04/1947.

**8)** Carta de Wolfran Metzler endereçada à Oscar Machado em 14/03/1952. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – 7 Documentação do Diretório Regional do PRP-RS – 7.1 Secretaria Regional – 7.1.4 Correspondência Interna (1945-1965). Descritor: Carta de Wolfran Metzler endereçada a Oscar Machado em 14/03/1952.

**9)** Carta de Wolfran Metzler endereçada à Oscar Machado em 14/03/1952. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – 7 Documentação do Diretório Regional do PRP-RS – 7.1 Secretaria Regional – 7.1.4 Correspondência Interna (1945-1965). Descritor: Carta de Wolfran Metzler para Oscar Machado em 14/03/1952.

**10)** Constituição da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul eleita em 19 de janeiro de 1947. Disponível em: Fundo: AIB/PRP (Delfos) – 9 Documentação relativa às eleições – 9.4 Resultados eleitorais – estaduais e nacionais – 9.4.1 Eleição de 1947. Descritor: Constituição da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul eleita em 19 de janeiro de 1947.

**11)** Cópia autêntica da ata da 4ª e última sessão plenária da VII Convenção Estadual do Partido de Representação Popular, Secção Rio Grande do Sul, ocorrida em 09/03/1962. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – 5 Convenções Regionais do PRP-RS – 5.5 VII Convenção Regional. Descritor: Ata da última sessão plenária a VII Convenção Regional do PRP ocorrida em 09/03/1952.

**12)** Dados sobre os resultados eleitorais do PRP em Carazinho no ano de 1950. Disponível em: Fundo: AIB/PRP (Delfos) – Documentação relativa às eleições – 9.4 resultados eleitorais – estaduais e nacionais – 9.4.2 Eleição de 1950. Descritor: Informe enviado em 10/10/1950 ao Diretório Estadual do PRP com os resultados eleitorais do partido na cidade de Carazinho nas eleições de 1950

**13)** Dados sobre os resultados eleitorais do PRP em Sarandi no ano de. Disponível em: Fundo: AIB/PRP (Delfos) – Documentação relativa às eleições – 9.4 Resultados eleitorais – estaduais e nacionais – 9.4.2 eleição de 1950. Descritor: Informe enviado em 08/11/1950 ao Diretório Estadual do PRP com os resultados eleitorais do partido na cidade de Sarandi nas eleições de 195.

**14)** Dados sobre os resultados eleitorais do PRP em Venâncio Ayres no ano de 1950. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – Documentação relativa às eleições – 9.4 Resultados eleitorais – estaduais e nacionais – 9.4.2 Eleição de 1950. Descritor: Informe enviado ao Diretório Estadual do PRP com os resultados eleitorais do partido na cidade de Venâncio Ayres nas eleições de 1950.

**15)** Informe enviado em 11/10/1950 ao Diretório Estadual do PRP com os resultados eleitorais do partido na cidade de São Pedro nas eleições de 1950. Disponível em: Fundo: AIB/PRP (Delfos) – 9 Documentação relativa às eleições – 9.4 Resultados eleitorais – estaduais e nacionais – 9.4.2 Eleição de 1950. Descritor: Informe enviado em 11/10/1950 ao Diretório Estadual do PRP com os resultados eleitorais do partido na cidade de São Pedro nas eleições de 1950

**16)** Lista de candidatos da chapa integrada pelo PRP para as eleições municipais da capital em novembro de 1963. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – 7 Documentação do diretório regional do PRP-RS – 7.1 Secretaria Regional – 7.1.2 Correspondência específica enviada (1946-1966), pasta 2. Descritor: Nominata dos candidatos do PRP para as eleições municipais de Porto Alegre no ano de 1963.

**17)** Lista de candidatos da chapa integrada pelo PRP para as eleições municipais da capital em novembro de 1963. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – 7 Documentação do diretório regional do PRP-RS – 7.1 Secretaria Regional – 7.1.2 Correspondência específica enviada (1946-1966), pasta 2. Descritor: Lista dos candidatos da chapa integrada pelo PRP para as eleições municipais da capital em novembro de 1963.

**18)** Ofício enviado pelo Diretório Metropolitano de Porto Alegre ao Diretório Regional referente à coligação partidária para as eleições municipais de 1963. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – 8 Documentação dos diretórios municipais do PRP – 8.2 Diretório municipal do PRP em Porto Alegre – 8.2.5 correspondências – 8.2.5.3 correspondência entre o diretório municipal e o diretório regional (1949-65). Descritor: Ofício enviado pelo Diretório Metropolitano de Porto Alegre ao Diretório Regional referente a coligação partidária para as eleições municipais de 1963.

**19)** Processo de Oscar Machado contra Wolfran Metzle. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – 17 Processos contra membros do PRP – 17.1.3 Processo de contra Wolfram Metzler, Descritor: Processo de indisciplina contra Wolfran Metzler movido pelo Diretório Estadual, em 1950.

**20)** Proposição encaminhada pela Delegação do Diretório Metropolitano de Porto Alegre ao presidente da XVIII Convenção Regional do PRP do Rio Grande do Sul em 28/11/1964. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – 5 Convenções Regionais do PRP-RS – 5.17 XVIII Convenção Regional. Descritor: Proposição encaminhada pela Delegação do Diretório Metropolitano de Porto Alegre ao presidente da XVIII Convenção Regional do PRP do Rio Grande do Sul em 28/11/1964.

**21)** Telegrama enviado por Oscar Machado ao marechal Humberto de Alencar Castelo Branco na ocasião do rompimento diplomático do Brasil com Cuba. Disponível em: Fundo AIB/PRP (Delfos) – 8 Documentação dos diretórios municipais do PRP – 8.2 diretório municipal do PRP em Porto Alegre – 8.2.9 Diversos (1951-65). Descritor: Telegrama enviado por Oscar Machado ao marechal Humberto de Alencar Castelo Branco na ocasião do rompimento diplomático do Brasil com Cuba.

#### **Entrevistas:**

GERALDO, Walter Bastos. [Entrevista concedida a Everton Fernando Pimenta], Juiz de Fora 31 mar. 2017.

NOVAES NETTO, Arsênio Firmino. [Entrevista concedida a Everton Fernando Pimenta], Juiz de Fora em 31 mar. 2017.

SCHROEDER, Edni Oscar. [Entrevista concedida a Everton Fernando Pimenta], Porto Alegre, 26 jul. 2016.



SCHROEDER, Edni Oscar. [Entrevista concedida a Everton Fernando Pimenta], Porto Alegre, 23 ago. 2016.

TRINDADE, Hélió Trindade. Visões do Rio Grande. [Entrevista concedida à Gaúcha Zero Hora], Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2012/12/helgio-trindade-houve-passagem-de-luta-armada-para-conflito-politico-3982782.html>. Acesso em: 24 out. 2018.

### **Periódicos Consultados:**

#### **1) Periódicos de circulação regional**

##### **A) A Federação (Porto Alegre-RS)**

A PROXIMA reunião da Academia Rio-Grandense de Letras. **A Federação**, Porto Alegre, 24 mai. 1935, p. 4.

AINDA o caso do Porto Alegre College. **A Federação**, Porto Alegre, 12 mar. 1936, p. 2.

AINDA o caso do Porto Alegre College. **A Federação**, Porto Alegre, 14 mar. 1936, p. 2.

AINDA o caso do Porto Alegre College. **A Federação**, Porto Alegre, 24 mar. 1936, p. 2.

CARAVANA Integralista. **A Federação**, Porto Alegre, 30 jan. 1933, p. 4.

DE URUGUAYANA. **A Federação**, Porto Alegre, 13 ago. 1929, p. 6.

DEFENDENDO a Democracia. **A Federação**, Porto Alegre, 10 ago. 1937, p. 3.

ENCERROU-SE o congresso das sociedades methodistas de senhoras. **A Federação**, Porto Alegre, 29 set. 1934, p. 4.

ESCOLA nocturna anexa ao Instituto Porto Alegre. **A Federação**, Porto Alegre, 21 mai. 1935, p. 6.

FATOS constrictadores. **A Federação**, Porto Alegre, 24 ago. 1937, p. 3.

GINASIO Porto Alegre College. **A Federação**, Porto Alegre, 01 mar. 1933, p. 7.

GUARDA Nacional. **A Federação**, Porto Alegre, 11 ago. 1910, p.2.

INSTITUTO Porto Alegre. **A Federação**, Porto Alegre, 14 abr. 1936, p. 2.

INSTITUTO Rio Grandense de Letras. **A Federação**, Porto Alegre, 20 nov. 1933, p. 4.

INTENDÊNCIA Municipal. **A Federação**, Porto Alegre, 09 jul. 1920, p. 4.

- JUIZADOS Districtaes. **A Federação**, Porto Alegre, 06 fev. 1917, p. 5.
- JUNTA central por borges – Uruguayana. **A Federação**, Porto Alegre, 23 mar. 1912, p. 1.
- MOVIMENTO forense. **A Federação**, Porto Alegre, 03 ago. 1907, p. 2.
- O CASO do Porto Alegre College. **A Federação**, Porto Alegre, 29 fev. 1936, p. 2.
- O CASO do Porto Alegre Colege – Um repto do Sr. Atila Casses. **A Federação**, Porto Alegre, 06 mar. 1936, p. 2.
- O REITOR do Instituto Porto Alegre viajou para o Rio. **A Federação**, Porto Alegre, 27 dez. 1935, p. 2.
- OS COMICIOS do sigma. **A Federação**, Porto Alegre, 20 ago. 1937, p. 3.
- OS PROFESSORES João Henrique e Sigefrido Betiol não lecionam no “Instituto Porto Alegre”. **A Federação**, Porto Alegre, 13 nov. 1937, p. 8.
- PARTIDO Republicano Liberal. **A Federação**, Porto Alegre, 30 mai. 1934, p. 5.
- RESTABELECENDO a verdade. **A Federação**, Porto Alegre, 02 abr. 1936, p. 6.
- SERÁ homenageado pelos alunos do Instituto Porto Alegre o Dr. Oscar Machado. **A Federação**, Porto Alegre, 25 out. 1937, p. 5.
- VIAÇÃO Férrea do Rio Grande do Sul. **A Federação**, Porto Alegre, 11 out. 1921, p. 4.
- 5ª REGIÃO escolar. **A Federação**, Porto Alegre, 26 fev. 1901, p. 1.
- Sem título. **A Federação**, Porto Alegre, 07 out. 1907, p. 2.

#### **B) A Hora (Porto Alegre-RS)**

OSCAR Machado (pessoalmente) comunicou seu retôrno ao PRP. **A Hora**, Porto Alegre, 19 nov. 1957, p. [?].

#### **C) Cidade de Barbacena (Barbacena-MG)**

ACÇÃO Integralista Brasileira. **Cidade de Barbacena**, 28 mar. 1936, p. 2.

#### **D) Correio de Minas (Juiz de Fora-MG)**

OS INTEGRALISTAS agem. **Correio de Minas**, Juiz de Fora, 17 jan. 1934, p. 1.

Sem título. **Correio de Minas**, Juiz de Fora, 25 fev. 1934, p.1.

Sem título. **Correio de Minas**, Juiz de Fora, 08 jul. 1934, p. 1.

Sem título. **Correio de Minas**, Juiz de Fora, 12 nov.1935, p. 2.

#### **E) Correio do Povo (Porto Alegre-RS)**

A ACÇÃO Integralista Brasileira não é partido politico. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 13 nov. 1937, p. 1.

A CAMISA verde e os distintivos integralistas. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 24 ago. 1937, p. 1.

A CAMPANHA de evangelização na Igreja Methodista Institucional. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 18 abr. 1935, p. 9.

A CAMPANHA de evangelismo na Igreja Methodista Institucional. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 21 abr. 1935, p. 16.

A NOSSA liberalíssima lei de nacionalização foi violada e ludibriada de todas as maneiras. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 21 mar. 1939, p. 3.

A PEDIDO – A mensagem evangélica. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 29 ago. 1937, p. 10.

A PEDIDO – Mensagem aos evangélicos do Rio Grande do Sul. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 15 ago. 1937, p. 13.

A PEDIDOS – Aos protestantes do Rio Grande do Sul! Apoio á candidatura de Plinio Salgado. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 03 ago. 1937, p. 6.

A PEDIDOS – O apoio dos evangelicos á candidatura de Plinio Salgado. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 22 ago. 1937, p. 10.

A REFORMA do ensino secundário. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 14 dez. 1941, p. 5.

A TRAMA Integralista. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 14 mai.1938, p. 2.

AS COMEMORAÇÕES do 7 de setembro – Dia da pátria no Porto Alegre College. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 06 set. 1935, p. 5.

AS ELEIÇÕES de outubro e a Acção Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 26 ago. 1934, p. 32.

AS VANTAGENS da nova lei de ensino. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 11 abr. 1942, p. 5.

ACADEMIA de Letras do Rio Grande do Sul. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 30 mai. 1936, p. 5.

ACÇÃO Integralista. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 04 jan. 1934, p. 7.

- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 17 jun. 1934, p. 11.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 23 set. 1934, p. 32.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 06 nov. 1934, p. 9.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 22 jan. 1935, p. 10.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo** Porto Alegre, 24 jan. 1935, p. 9.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 20 fev. 1935, p. 11.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 05 mai. 1935, p. 24.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 10 jan. 1936, p. 10.
- ACÇÃO integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 29 jul. 1936 p. 7.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 31 jul. 1936, p. 7.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 05 ago. 1936, p. 15.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 21 ago. 1936, p. 7.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 30 ago. 1936, p. 15.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 02 set. 1936, p. 9.
- ACÇÃO integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 26 set. 1936, p. 12.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 27 set. 1936, p. 14.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 11 out. 1936, p. 11.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 03 jan. 1937, p. 10.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 15 abr. 1937, p. 7.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 02 mai. 1937, p. 7.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 06 jun. 1937, p. 7.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 10 jun. 1937, p. 7.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 30 jun. 1937, p. 5.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 10 ago. 1937, p. 9.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 11 ago. 1937, p. 14.

- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 15 ago. 1937, p. 5.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 22 ago. 1937, p. 15.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 31 ago. 1937, p. [?].
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 03 set. 1937, p. 9.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 09 set. 1937, p. 9.
- ACÇÃO Integralista Brasileira. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 05 out. 1937, p. 7.
- ACÇÃO Integralista em São Leopoldo **Correio do Povo**, Porto Alegre, 14 dez. 1934, p. 13.
- ACÇÃO Integralista Brasileira – a “scisão” entre os integralistas do Rio Grande. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 18 abr. 1934, p. 11.
- ARCHIVOS integralistas apprehendidos pela policia. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 16 mar. 1938, p. 12.
- CASAS de ensino. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 02 abr. 1934, p. 7.
- CASAS de ensino – Porto Alegre College. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 07 abr. 1935, p. 2.
- CASAS de ensino. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 07 abr. 1935, p. 5.
- CASAS de ensino – notas pedagógicas. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 14 nov. 1935, p. 7.
- CASAS de ensino – homenagens ao reitor do Instituto Porto Alegre. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 30 out. 1937, p. 3.
- CHEGOU, hontem, o chefe do integralismo nacional. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 05 set. 1934, p. 7.
- CONCILIO Regional Methodista. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 08 nov. 1940, p. 8.
- CONCILIO Regional da Igreja Methodista do Brasil. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 05 nov. 1940, p. 12.
- CREAÇÃO de um gymnasio municipal em Jaguarão. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 14 mai. 1939, p. 10.
- CURSO de educação religiosa. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 05 jun. 1936, p. 5.
- DESLIGA-SE do PRP o deputado Helmuth Closs. **Correio do Povo**, 07 jul. 1953, p. [?].

DIVERSAS – Prefeitos de Jaguarão e de São Borja. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 22 ago. 1940, p. 4.

FRACASSOU o plano subversivo. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 18 mar. 1938, p. 1-3.

GYMNASIO Porto Alegre College. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 11 fev. 1934, p. 24.

INSTITUTO Porto Alegre. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 12 abr. 1938, p. 5.

INSTITUTO Porto Alegre. Uma conferencia do jornalista Sergio de Gouvêa. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 12 abr. 1938, p. 5.

JAGUARÃO. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 17 mar. 1942, p. 2.

JAGUARÃO. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 21 mar. 1942, p. 2.

JAGUARÃO – Instituto Porto Alegre. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 12 mar. 1942, p. 6.

JUBILEU da Igreja Methodista no Rio Grande do Sul. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 15 set. 1935, p. 10.

MENSAGEM aos evangelicos do Rio Grande do Sul. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 15 ago. 1937, p. 13.

NACIONALISAÇÃO do ensino. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 13 set. 1938, p. 5.

NO GYMNASIO Porto Alegre. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 08 jun. 1935, p. 11.

NOTA do PRP. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 15 mar. 1964, p. [?].

NOTÍCIAS de Alegrete. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 29 jan. 1935, p. 8.

O BRASIL estava na imminencia de ser teatro de graves acontecimentos. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 19 mar. 1938, p. 1.

O CHEFE do integralismo em Porto Alegre. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 06 set. 1934, p. 9.

O CHEFE nacional do integralismo em Porto Alegre. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 09 set. 1934, p. 12.

O FRACASSO do “putsch” dos integralistas. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 21 mai. 1938, p. 1.

O GRANDE movimento do methodismo gaúcho. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 29 set. 1935, p. 9.

O PROBLEMA da nacionalização do ensino. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 11 set. 1938, p. 28.

O PROCESSO integralista no Tribunal de Segurança. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 03 ago. 1938, p. 1.

O SR. FLORES da Cunha solidario com o chefe da Nação? **Correio do Povo**, Porto Alegre, 18 mai. 1938, p. 1.

O SR. PLÍNIO salgado em Porto Alegre. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 07 set. 1934, p. 7.

OS FESTEJOS da Semana da Patria. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 06 set. 1939, p. 4.

POLÍTICA e Políticos. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 25 set. 1934, p. 20.

PORTO ALEGRE College. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 16 mar. 1935, p. 11.

PORTO ALEGRE será dotada de um curso noturno oficializado. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 14 jan. 1936, p. 7.

PREPARAVA-SE em P. Alegre um golpe de força contra o governo. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 13 mar. 1938, p. 15.

REALIZOU-SE em Passo Fundo, o 9º Concílio Regional do Sul da Igreja Methodista do Brasil. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 18 out. 1938, p. 13.

SESSÃO LIVRE - O caso do Porto Alegre College. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 05 mar. 1936, p. 7.

SECÇÃO LIVRE - Porto Alegre College seu inspetor e seu diretor. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 15 mar. 1935, p. 14.

TESOURARIA do INIC. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 02 jun. 1959, p. [?].

UMA reunião do metodismo em Porto Alegre. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 09 fev. 1936, p. 2.

UMA trama integralista que a policia desfez. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 28 dez. 1937, p. 18.

UMA vida dedicada à Educação – Prof. Oscar Machado faleceu aos 80 anos. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 19 jan. 1984, p. 10.

VAE ser creada a Universidade do Rio Grande do Sul. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 10 jun. 1934, p.10)

VARIOS integralistas presos em Nitheroy. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 11 mar. 1938, p. 1.

VOLTOU para S. Paulo a caravana integralista. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 11 set. 1934, p. 13.

#### **F) Diário de Notícias – Porto Alegre – RS**

CARTA Aberta à Nação Brasileira: a extinta Ação Integralista Brasileira no tribunal da opinião pública. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 17 mai. 1945, p. 3.

Pombas do PRP estão voltando para pombal. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 24 nov. 1957, p. [?].

#### **G) Folha da Tarde (Porto Alegre-RS)**

DESCONTENTAMENTO no P.R.P. com a nomeação de Oscar Machado e Ivo Campagnoni. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 26 nov. 1957, p. [?].

#### **H) Folha de Minas – Belo Horizonte - MG**

APPREENDIDA em Juiz de Fora uma “lista negra” do extinta sigma. **Folha de Minas**, Belo Horizonte, 25 mar. 1938, p. 4-12.

INDISCIPLINA de integralistas na Casa de Detenção de Nictheroy. **Folha de Minas**, Belo Horizonte, 04 mar. 1938, p. 4.

#### **I) Gazeta Comercial (Juiz de Fora-MG)**

GAZETA COMERCIAL, Juiz de Fora, 22 out. 1933, p. 1

#### **J) Jornal do Comércio (Juiz de Fora-MG)**

JORNAL DO COMÉRCIO, Juiz de Fora, 13 jul. 1933, p. 3.

#### **K) O dia (Porto Alegre-RS)**

PRESTO-ME a desempenhar o papel de bode expiatório. **Jornal do Dia**, Porto Alegre, 05 set. 1952, p. [?].

REGISTRO Politico. **Jornal do Dia**, Porto Alegre, 13 abr. 1952, p. 1.

#### **L) O Estado de Minas – Belo Horizonte - MG**

A CONSPIRAÇÃO integralista foi inspirada nos movimentos mais audaciosos e sangrentos da actualidade. **O Estado de Minas**, Belo Horizonte, 19 mar. 1938, p. 1.

OS INTEGRALISTAS já tinham organizado uma “lista negra”. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 03 abr. 1938, p. 4.

### **2) Periódicos ligados às instituições de ensino metodistas**



### **A) Black and Gold (Birmingham Southern College-BSC)**

ALUMNI, literacy and feature. **Black and gold**, Birmingham 16 nov. 1928, p. 5.

CLARIOS elect officers at first meet of year. **Black and gold**, Birmingham, 10 out. 1923, p. 1.

MINISTERS make goods in athletics. **Black and gold**, Birmingham, 10 maio 1923, p. 4.

SELF-HELP Students organize Ad Club. **Black and Gold**, Birmingham, 26 set. 1923, p. 1.

### **B) Colunas (Instituto Porto Alegre- IPA)**

APRESENTAÇÃO. **Colunas**, Porto Alegre, 1937, p. 1.

CENTRO de Brasilidade Gal. Osório. **Colunas**, Porto Alegre, 1938, p. 93.

CORPO Docente do IPA. **Colunas**, Porto Alegre, 1937, p. 22-27.

DEPARTAMENTO de Educação Física. **Colunas**, Porto Alegre, 1949.

DEPARTAMENTO de Educação Física. **Colunas**, Porto Alegre, 1951.

FRATERNIDADE Alfa-Ômega. **Colunas**, Porto Alegre, 1939, s/p.

INSPETORIAS e fiscalização federais. **Colunas**, Porto Alegre, 1937, p. 15.

INSPETORIAS e fiscalização federais. **Colunas**, Porto Alegre, 1938, p. 16.

INSPETORIAS federais. **Colunas**, Porto Alegre, 1938, s/p.

INSTITUTO Porto Alegre. **Colunas**, Porto Alegre, 1960, p. 94.

INTERCÂMBIO. **Colunas**, Porto Alegre, 1953, s/p.

MENSAGEM aos formandos. **Colunas**, Porto Alegre, 1948, p. 32-33.

PARA ser lido daqui a vinte anos. **Colunas**, Porto Alegre, 1951, s/p.

REITORES do Instituto Porto Alegre. **Colunas**, Porto Alegre, 1964, p. 94.

PROFESSORES que nos deixaram. **Colunas**, Porto Alegre, 1938, p. 109.

Sem título. COLUNAS, Porto Alegre, 1937, p. 18.

Sem título. COLUNAS, Porto Alegre, 1938, s/p.

Sem título. COLUNAS, Porto Alegre, Porto Alegre, 1939, s/p.

Sem título. COLUNAS, Porto Alegre, 1951, s/p.

### **C) La Revue (Birmingham Southern College-BSC)**

AL, Birmingham, Birmingham-Southern College. **La Revue**: Yearbook, Birmingham, 1924, p. 24.

CLARIOSOFIC Literacy Society. **La Revue**: *Yearbook*, Birmingham, 1925, p. 159.

FOREWORD. **La Revue**: Yearbook, Birmingham, 1923, p. 9.

LE CERCLE francais. **La Revue**: Yearbook, Birmingham, 1924, p. 143.

MINISTERIAL Association. **La Revue**: Yearbook, Birmingham, 1923, p. 107.

RÁDIO Club. **La Revue**: Yearbook, Birmingham, 1923, p. 115.

RESUME of Track, 1924-25. **La Revue**: Yearbook, Birmingham, 1925, p. 116.

SPIKES Club. **La Revue**: Yearbook, Birmingham, 1927, p. 149.

WHO'S who La Revue elections, 1924 - Superlatively Speaking. **La Revue**: Yearbook, Birmingham, 1924, p. 198. .

### **D) Mini Morro Milenar**

UM POUCO de História. **Mini Morro Milenar**, Porto Alegre, out. 1980, p. 3.

### **E) Morro Milenar (Instituto Porto Alegre- IPA)**

JOVENS entrevistam Oscar Machado. **Morro Milenar**, Porto Alegre, jun/set, 1976, p. 1.

### **F) O Granbery (Instituto Granbery de Juiz de Fora-MG)**

ABERTURA das aulas. **O Granbery**, Juiz de Fora, 15 mar. 1930, p. 1-2.

ASSEMBLÉAS. **O Granbery**, Juiz de Fora, 30 set. 1932, p. 7.

ATHLETISMO e esportes. **O Granbery**, Juiz de Fora, 10 nov. 1928, p. 57.

A OBRA de Irineu Guimarães. **O Granbery**, Juiz de Fora, 12 dez. 1931, p. 15.

CAMPEONATO de Bola ao Cesto de 1931. **O Granbery**, Juiz de Fora, 12 dez. 1931, p. 13.

CAMPEONATO interno de futebol. **O Granbery**, Juiz de Fora, 15 out. 1931, p. 4.

DR. J. L. BRUCE. **O Granbery**, Juiz de Fora, 13 ago. 1928, p. 11.

DR. J. MASSENA. **O Granbery**, Juiz de Fora, 31 mar. 1928, p. 3.

EM FÉRIAS. **O Granbery**, Juiz de Fora, 12 dez. 1931, p. 21.

EM GOSO de férias. **O Granbery**, Juiz de Fora, 29 nov. 1930, p. 4.

ESCOLA de Theologia d' O Granbery. **O Granbery**, Juiz de Fora, 10 nov. 1928, p. 14-15.

FACULDADE de Theologia. **O Granbery**, Juiz de Fora, 10 nov. 1929, p. 38.

IRINEU Guimarães deixa a redação d' *O Granbery*. **O Granbery**, Juiz de Fora, 15 mar. 1930, p. 3.

MILITAR. **O Granbery**, Juiz de Fora, 10 nov. 1928, p. 54.

NOVA lente para a faculdade de Theologia. **O Granbery**, Juiz de Fora, 15 mar. 1930, p. 8.

NOVOS professores. **O Granbery**, Juiz de Fora, 31 mar. 1928, p. 14.

O DIA de annos do redactor do O Granbery. **O Granbery**, Juiz de Fora, 25 abr. 1929, p. 1.

O GRANBERY durante o movimento revolucionario. **O Granbery**, Juiz de Fora, 29 nov. 1930, p. 4

O GRANBERY tem uma Faculdade: a de Theologia. **O Granbery**, Juiz de Fora, 25 abr. 1929, p. 5.

O NOVO professor. **O Granbery**, Juiz de Fora, 15 mar. 1930, p. 6.

PÁGINA de saudade – Dr. J. L. Bruce. **O Granbery**, Juiz de Fora, 10 nov. 1928, p. 52.

SOLDADOS Granberyenses. **O Granbery**, Juiz de Fora, 10 nov. 1929, p. 51.

### **G) O Granberyense (Instituto Granbery de Juiz de Fora-MG)**

A ESCOLA primária. **O Granberyense**, Juiz de Fora, 14 jun. 1933, p. 2.

A GRANBERYENSES de ontem e de hoje. **O Granberyense**, Juiz de Fora, 15 abr. 1938, p. 1.

A GRANDE nave em nova viagem. **O Granberyense**, Juiz de Fora, 20 abr. 1933, p. 1.

ACERCA de um movimento patriótico. **O Granberyense**, Juiz de Fora, 18 dez. 1933, p. 3-4.

AGUARDANDO uma vitória. **O Granberyense**, Juiz de Fora, 20 out. 1934, p. 4.

BÓLA ao cesto. **O Granberyense**, Juiz de Fora, 15 abr. 1934, p. 8.

CASAMENTOS. **O Granberyense**, Juiz de Fora, 31 mai. 1939, p. 6.

DISCURSO comemorativo do dia do Granberyense. **O Granberyense**, Juiz de Fora, 30 set. 1938, p. 5.

DISCURSO proferido pelo diretor do Ginásio e Comércio, por ocasião em que se realizou a cerimônia da abertura das aulas. **O Granberyense**, Juiz de Fora, 15 abr. 1934, p. 3.

É DE FATO! **O Granberyense**, Juiz de Fora, 15 abr. 1934, p. 11.

EDUCAÇÃO Física. **O Granberyense**, Juiz de Fora, 15 abr. 1934, p. 14.

ENTRE os biombos do CPU. **O Granberyense**, Juiz de Fora, 25 jul. 1933, p. 11.

ESPÍRITO Granberyense. **O Granberyense**, Juiz de Fora, dez. 1936, p. 9.

FACULDADE de Teologia. **O Granberyense**, Juiz de Fora, 15 abr. 1938, p. 5.

FAMILIA Chaves. **O Granberyense**, Juiz de Fora, 20 nov. 1939, p. 3

IMPONENTE discurso. **O Granberyense**, Juiz de Fora, abril/1935, p. 3.

O GRANBERY orgulha-se de ter como hospede de honra o ilustre brasileiro dr. Gustavo Barroso, digno presidente da academia Brasileira de Letras. **O Granberyense**, Juiz de Fora, 20 out. 1933, p. 1-2.

O QUE É “C. P. U.”. **O Granberyense**, Juiz de Fora, 14 jun. 1933, p. 5.

OS NOSSOS diretores. **O Granberyense**, Juiz de Fora, 08 set. 1933, p. 6-7.

PARTINDO para as coxilhas. **O Granberyense**, Juiz de Fora, 08 set. 1934, p. 5.

POR um Brasil vigoroso. **O Granberyense**, Juiz de Fora, mai. 1936, p. 4.

PROF. Irineu Guimarães. **O Granberyense**, Juiz de Fora, dez. 1935, p. 5.

RENOVAÇÃO. **O Granberyense**, Juiz de Fora, 08 set. 1933, p. 3.

UM ASPECTO do dia do espírito granberyense. **O Granberyense**, Juiz de Fora, 31 out. 1938, p. 1.

UM GRANBERIENSE cujo nome ficará nas páginas da história do nosso país. **O Granberyense**, Juiz de Fora, jun. 1936, p. 3

Sem título. **O Granberyense**, Juiz de Fora, 20 nov. 1933, p. 8.

**H) O Reflexo (Instituto Porto Alegre- IPA)**

A EVOLUÇÃO do ensino, **O Reflexo**, Porto Alegre, 1929, p. 8.

HINO do Porto Alegre College. **O Reflexo**, Porto Alegre, out. 1934, p. 12.

MORELAND. **O Reflexo**, Porto Alegre, out. 1934, p. 3.

1929. **O Reflexo**, Porto Alegre, nov. 1929, p. 2.

Sem título. **O Reflexo**, Porto Alegre, junho 1928, p. 1.

**I) Rotunda (Southern Methodist University-SMU)**

THE MIKADO. **Rotunda**, Dallas, 1926, p. 157.

Sem título. **Rotunda**, Dallas, 1927, p. 40

**J) Perspective (Southern Methodist University-SMU)**

PERKINS School of Theology: 100 Years of Telling the Story. **Perspective**, Dallas, 2014. p. 10.

**K) Semi-Weekly Campus (Southern Methodist University-SMU)**

ANNUAL Campus Chest Drive Slated For Monday March 5; Goal \$4,000. **The Semi-Weekly Campus**, Dallas, 24 fev. 1951, p. 1.

BRAZIL'S SMU President Praises Campus Chest Aid. **The Semi-Weekly Campus**, Dallas, 25 fev. 1949, p. 1-5.

CAMPUS Chest in Effect. **The Semi-Weekly Campus**, Dallas, 12 jun. 1947, p. 1.

DR. MACHADO, Little SMU Prexy Awarded Honorary Doctorate. **The Semi-Weekly Campus**, Dallas, 12 jun. 1947, p.1.

DRIVE for funds to lost for three weeks. **The Semi-Weekly Campus**, Dallas, 12 mar. 1938, p. 1-3.

EARL Moreland Salary Campaign Oversubscribed \$1,400, Committee, States. **The Semi-Weekly Campus**, Dallas, 11 dez. 1926, p. 1-2.

EXCHANGE of Student Basis For This Year. **The Semi-Weekly Campus**, Dallas, 06 dez. 1939, p. 1-3.

FORMER Student is Now Instructor at Brazilian College. **The semi-weekly campus**, Dallas, Texas, 7 mar. 1928, p. 1.

LITTLE S.M.U. Funds Hearing Quota Set. **The Semi-Weekly Campus**, Dallas, 26 abr. 1946, p. 1.

LOCAL quartete gives church program. **The Semi-Weekly Campus**, Dallas, 23 out. 1926 p. 4.

MAKING the drag. **The Semi-Weekly Campus**, Dallas, 01 mar. 1957, p. 4.

MAYBE you can't go to Brazil but... **The Semi-Weekly Campus**, Dallas, 12 mar. 1947, p. 2.

MEMPHIS meet to be discussed. **The Semi-Weekly Campus**, Dallas, 13 jan. 1926 p. 1.

MORELAND describes Soccer Game, tell his experiences in Brazil. **The Semi-Weekly Campus**, Dallas, 17 nov. 1934, p. 1-4.

MORELAND talks on "Little SMU" a Chapel Hour. **The Semi-Weekly Campus**, Dallas, 17 nov. 1934, p. 1-3.

PRESIDENT of Little SMU Visits Campus to Lecture and Strengthen relations Between Two Colleges. **The Semi-Weekly Campus**, Dallas, 11 mai. 1946, p. 1.

STEINMAN President of Wesleyan Association. **The Semi-Weekly Campus**, Dallas, 08 maio 1926 p. 1.

Y. M. C. A to begin membership campaign. **The Semi-Weekly Campus**, Dallas, 13 nov. 1926 p. 1.

Sem título. **The Semi-Weekly Campus**, Dallas, 17 maio 1930, p. 2.

### **3) Periódicos Integralistas**

#### **A) A lucta (Porto Alegre-RS)**

DR. NESTOR Contreiras Rodrigues. **A Lucta**, Porto Alegre, 01 fev. 1936.

#### **B) A Offensiva (Rio de Janeiro-RJ)**

O INTEGRALISMO em face do catolicismo. **A Offensiva**, Rio de Janeiro, 13 set. 1934, p. 2-6.

PERGUNTAS ao povo brasileiro. **A Offensiva**, Rio de Janeiro, 24 ago. 1935, p.1-12.

#### **C) Boletim do PRP (Porto Alegre-RS)**

A ASSEMBLEIA vibrou com a noticia do ingresso no partido do professor Oscar Machado. **Boletim do PRP**, Porto Alegre, 10 jun. 1947, p. 1.

COMO estão constituídos os Órgãos Estaduais. **Boletim do PRP**, Porto Alegre, 10 jun. 1947, p. 1.

DIRETÓRIO Estadual do P.R.P. **Boletim do PRP**, Porto Alegre, 15 ago. 1946, p. 3.

DIRETÓRIO Regional do PRP. **Boletim do PRP**, Porto Alegre, nov/dez. 1964, p.1.

HOMENAGEM de despedida. **Boletim do PRP**, Porto Alegre, jun. 1964, p.1.

“NÃO EXISTE diferença fundamental entre ética pessoal e moral partidária – nada subsiste sem base moral”. **Boletim do PRP**, Porto Alegre, 25 abr. 1947, p. 1.

WALTER JOBIM, candidato do P.R.P. **Boletim do PRP**, Porto Alegre, 07 jan, 1947, p. 1.

#### **D) Boletim Populista (Porto Alegre-RS)**

PALAVRA de fé. **Boletim Populista**, Porto Alegre, nov. 1951, p. 1.

#### **E) Folha do Nordeste (Caxias do Sul-RS)**

ADERIU ao P.R.P. o Professor Oscar Machado. **Folha do Nordeste**, Caxias do Sul, p. 1.

#### **F) Monitor Integralista (São Paulo-SP)**

AS ELEIÇÕES de outubro. **Monitor Integralista**, São Paulo, 1ª quinzena de dezembro de 1934, p 1.

O CHEFE Nacional. **Monitor Integralista**, São Paulo, 1ª quinzena de maio de 1934, nº 6, p 1.

#### **G) O integralista (Porto Alegre-RS)**

A AÇÃO Integralista e as proximas eleições. **O Integralista**, Porto Alegre, 24 jun. 1934, p. 4.

A AIB no Rio Grande do Sul. **O Integralista**, Porto Alegre, 15 jul. 1934, p. 4.

A ORGANIZAÇÃO da Acção Integralista Brasileira na Provincia do Rio Grande do Sul. **O Integralista**, Porto Alegre, setembro, 1934, p. 6.

A PEDIDOS. **O Integralista**, Porto Alegre, 07 out. 1934, p. 3.

ACÇÃO Integralista Brasileira. **O Integralista**, Porto Alegre, 12 ago. 1934, p. 3. 36 p. 15-16

AOS POVOS do meu pago. **O Integralista**, Porto Alegre, 08 jul. 1934, p. 3.

BOLETIM Integralista. **O Integralista**, Porto Alegre, 21 abr. 1935, p. 4.

BOLETIM Integralista - Aos chefes municipais – Instalação do Núcleo de São Leopoldo. **O Integralista**, Porto Alegre, 23 dez. 1934, p. 4.

- BOLETIM Integralista – Capital. **O Integralista**, Porto Alegre, 24 fev. 1935, p. 4.
- BOLETIM Integralista – Escola José Luiz Schroeder. **O Integralista**, Porto Alegre, 07 abr. 1935, p. 4.
- COMUNICAÇÕES Officiaes. **O Integralista**, Porto Alegre, 25 nov. 1934, p. 2.
- CONSIDERAÇÕES sobre o Estado. **O Integralista**, Porto Alegre, setembro de 1934, p. 10.
- CORRESPONDÊNCIA para a Acção Integral. Brasileira. **O Integralista**, Porto Alegre, 18 nov. 1934, p. 1.
- CURSO preparatório para a instrução doutrinaria. **O Integralista**, Porto Alegre, 22 jul. 1934, p. 1.
- FINALIDADES do integralismo (Ligeiras Notas). **O Integralista**, Porto Alegre, 12 ago. 1934, p. 2.
- INTEGRALISMO, catolicismo, liberdade de consciencia, sociedades secretas. **O Integralista**, Porto Alegre, 03 mar. 1934, p. 1. 83
- MAÇONARIA e Integralismo. **O Integralista**, Porto Alegre, 09 jul. 1935, p. 4.
- MENSAGEM aos operários. **O Integralista**, Porto Alegre, 02 jun. 1935, p. 2-3.
- MINHA carta do sul. **O Integralista**, Porto Alegre, setembro, 1934, p. 1.
- O INTEGRALISMO e a liberdade. **O Integralista**, Porto Alegre, 19 ago. 1934, p. 1-4.
- O INTEGRALISMO e seus benefícios. **O Integralista**, Porto Alegre, 26 mai. 1934, p. 2
- O INTEGRALISMO no Rio Grande do Sul. **O Integralista**, Porto Alegre, 24 jun. 1934, p. 2.
- O INTEGRALISMO no Rio Grande do Sul. **O Integralista**, Porto Alegre, 26 ago. 1934, p. 1.
- O INTEGRALISMO no Rio Grande do Sul – Porto Alegre. **O Integralista**, Porto Alegre, 29 jul. 1934, p. 2.
- O ROTARY é dominado pela maçonaria? **O Integralista**, Porto Alegre, 05 mai. 1935, p. 1.
- PORQUE concorreremos as eleições. **O Integralista**, Porto Alegre, 19 ago. 1934, p. 1.
- PORQUE os cathólicos do Brasil não podem conservar-se alheios ou indiferentes ao Integralismo. **O Integralista**, Porto Alegre, 23 dez. 1934, p. 2.



PROCLAMAÇÃO. **O Integralista**, Porto Alegre, 07 out. 1934, p. 4. 29

RIO GRANDE! Rio Grande! Alerta!... **O Integralista**, Porto Alegre, 29 out. 1934, p. 4.

UMA poetisa nacionalista. **O Integralista**, Porto Alegre, 24 ago. 1935, p. 3.

1º Congresso Provincial do Rio Grande do Sul. **O Integralista**, Porto Alegre, 01 set. 1935, p. 1.

Sem título. **O Integralista**, Porto Alegre, 08 jul. 1934, p. 1.

Sem título. **O Integralista**, Porto Alegre, 21 abr. 1935, p. 4.

#### **H) Revista Panorama (São Paulo-SP)**

HOMENAGEM do Sigma. **Panorama**, Juiz de Fora, 03 dez. 2002, p. 2.

#### **I) Revolução (Porto Alegre-RS)**

A FUNDAÇÃO de núcleos integralistas na capital. **Revolução**, Porto Alegre, 29 mai. 1937, p. 4.

A MOCIDADE católica está com o integralismo. **Revolução**, Porto Alegre, 27 fev. 1937, p. 2.

A QUESTÃO religiosa. **Revolução**, Porto Alegre, 05 jun. 1937, p. 2.

AOS CATÓLICOS do Rio Grande do Sul e ao povo do Brasil - “A salvação do Brasil: o integralismo”. **Revolução**, Porto Alegre, 17 abr. 1937, p. 4.

DO GABINETE da Chefia Provincial. **Revolução**, Porto Alegre, 20 mar. 1937, p. 2.

O INÍCIO da campanha do ouro em Porto Alegre, foi uma bela demonstração do patriotismo. **Revolução**, Porto Alegre, 20 fev. 1937, p. 1-4.

PELA reabertura dos núcleos integralistas em Porto Alegre. **Revolução**, Porto Alegre, 06 mar. 1937, p. 1.

Sem título. **Revolução**, Porto Alegre, 24 abr. 1937, p. 1.

#### **J) Sites diversos:**

*Araxá em Revista*. Ano 1, edição 2, p. 110, março 2016. Disponível em: <<http://araxarevista.com.br/revista/>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

Comunidade Luterana em Juiz de Fora comemora 150 anos. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/comunidade-luterana-em-juiz-de-fora-comemora-150-anos>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

Dados sobre a cidade de Alegrete. IBGE. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/comparamun/compara.php?lang=&coduf=43&idtema=16&codv=v01&search=rio-grande-do-sul|alegrete|sinthese-das-informacoes>>. Acesso em: 02 jul. 2016.

Derly de Azevedo Chaves. Memorial Câmara Municipal de Porto Alegre. Disponível em: <<https://memorial.camarapoa.rs.gov.br/galeriadospresidentes/derly-de-azevedo-chaves-2/>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

Direitas, História e memória. Disponível em: <<https://direitashistoria.net/>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

Estações Ferroviárias do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <[http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs\\_uruguaiana/rs\\_poa-uruguaiana.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_uruguaiana/rs_poa-uruguaiana.htm)>. Acesso em: 02 jul. 2016.

História, direitas e autoritarismos. Disponível em: <<http://site.anpuh.org/index.php/grupos-de-trabalho/atividades/item/308-gt-historia-direita-e-autoritarismo>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

História de Bicas. Disponível em: <<http://www.bicas.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/historia-de-bicas/6506>>. Acesso em: 07 jun. 2017.

História Documental do Metodismo no Rio Grande do Sul: Textos originais de João Oda Costa Corrêa e John William Price. Disponível em: <<http://www.metodistadosul.edu.br/itjw/HNI.pdf>>. Acesso em: 15 ago 2016.

Histórico da Igreja Metodista de Alegrete. Disponível em: <[http://www.ruiramos.com.br/v1/index.php?option=com\\_content&view=article&id=156:-igreja-metodista-de-alegrete-1904-2004-&catid=24:outros-documentos](http://www.ruiramos.com.br/v1/index.php?option=com_content&view=article&id=156:-igreja-metodista-de-alegrete-1904-2004-&catid=24:outros-documentos)>. Acesso em: 01 set. 2016.

Histórico da Escola Municipal Oscar Machado da Silva, situada na cidade de Santa Vitória do Palmar-RS. Disponível em: <<http://emefoscarmachado.blogspot.com.br/p/historico.html>> Acesso em: 02 jul. 2016.

Histórico da SMU. Disponível em: <<http://www.smu.edu/Admission/EnEspagnol/SobreSMU>>. Acesso em: 06 dez. 2016.

Histórico das Sociedades Metodistas de Jovens. Disponível em: <[http://5re.juventudemetodista.org.br/quem\\_somos\\_juventude.php](http://5re.juventudemetodista.org.br/quem_somos_juventude.php)>. Acesso em: 01 set 2016.

Histórico da UFRGS. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/historico>>. Acesso em: 23 out. 2018.

Histórico do Colégio Metodista União. Disponível em: <[http://www.metodistadosul.edu.br/institucional/redeipa/historico\\_uniao.php](http://www.metodistadosul.edu.br/institucional/redeipa/historico_uniao.php)>. Acesso em: 05 jul. 2016

Histórico do município de Alegrete. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/alegrete.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2016.

Histórico e tradição da Emory University. Disponível em: <<http://www.emory.edu/home/about/history/index.html>>. Acesso em: 16 mai. 2017.

Informações sobre a localização e a cidade de Alegrete. Disponível em: <<http://www.alegrete.rs.gov.br/site/?bW9kdWxvPTEmYXJxdWl2bz1jaWRhZGUucGhw&pagina=ondefica>>. Acesso: 02 jul. 2016.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/alegrete.pdf>>. Acesso em: 02 jul. de 2016.

Nascimentos, casamentos e óbitos registrados em diversos municípios do Brasil (1908 — 1912). Disponível em: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/populacao>>. Acesso em: 03 ago. 2016.

Otília Chaves: um destaque. In: *Mosaico Apoio Pastoral*, ano 18, nº 47, 28-29, São Bernardo do Campo, Faculdade de Teologia da Igreja Metodista — UMESP. junho/dezembro de 2010. Disponível em: <[https://portal.metodista.br/fateo/materiais-de-apoio/revista-mosaico/arquivos/Mosaico\\_Jul\\_Dez\\_2010.pdf](https://portal.metodista.br/fateo/materiais-de-apoio/revista-mosaico/arquivos/Mosaico_Jul_Dez_2010.pdf)>. Acesso em: 02 dez. 2016.

Prefeitura Municipal de Juiz de Fora. Prefeitos de Juiz de Fora (1931-2013). Disponível em: <<https://pjf.mg.gov.br/cidade/prefeitos.php>>. Acesso em: 12 junho 2017.

The Brazil Great Southern Railway Co. Ltd. (1887-1920) V. F. Rio Grande do Sul (1920-1975) RFFSA (1975-1996). Disponível em: <[http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs\\_uruguaiana/uruguaiana.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_uruguaiana/uruguaiana.htm)>. Acesso em: 02 jul. 2016.

The Brazil Great Southern Railway Co. Ltd. (1888-1924) Inspetoria Federal das Estradas de Ferro (1924-1933) V. F. Rio Grande do Sul (1933-1974). Disponível em: <[http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs\\_sborja/touro.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_sborja/touro.htm)>. Acesso em: 02 jul. 2016.

## BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Fúlvio. **A revoada dos galinhas verdes**. São Paulo: Veneta, 2014.

ABREU, Alzira Alves de. Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC). In: **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/instituto-nacional-de-imigracao-e-colonizacao-inic>. Acesso em: 09 abr. 2019.

ABREU, Alzira Alves de. Revolução de 1930. In: **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira->

republica/REVOLU%C3%87%C3%83O%20DE%201930.pdf. Acesso em: 17 junho 2017.

AÇO, João Paulo. Apontamentos sobre o metodismo sul-rio-grandense e a Escola Dominicana na vida societária da criança na primeira década do século XX. In: **Contando nossa história**. Revista do Grupo de Pesquisa da História do Metodismo no RS. Porto Alegre, Instituto Teológico João Wesley, Editora Universitária Metodista, 2008. vol. II, n. 1, 15-22, (1998). Disponível em: <http://www.metodistadosul.edu.br/itjw/cnh9.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: **História documental do metodismo no Rio Grande do Sul: Textos originais de João da Costa Corrêa e John William Price**. (Impresso). s/d. Disponível em: <http://www.metodistadosul.edu.br/itjw/HNI.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2016.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. As marcas do novo: do Colégio Alemão ao Colégio Farroupilha. In: QUADROS, Claudemir de (Org.). **Uma gota amarga: itinerários da nacionalização do ensino no Brasil**. Santa Maria: Editora UFSM 2014. p. 233- 258.

ALVES, Luiz Fellipe; CAVANNA, Federico Alvez. **I Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar**. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/eventos/index.php/eaic/EAIC/paper/view/2991>. Acesso em: 05 dez. 2017.

AMORIN, Fábio Lima. **O integralismo em Pesqueira (1934-1938)**. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2002.

ANDREUCCI, Álvaro Gonçalves Antunes. **O risco das idéias: intelectuais e a Política Política (1930-1945)**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2006.

ASSUNÇÃO, Rosângela Pereira de Abreu. **DOPS/MG: Imaginário Anticomunista e policiamento político (1935-1964)**. 2006. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2006.

ATHAIDES, Luciana Agostinha Pereira. **A DOPS paranaense frente à Ação Integralista Brasileira durante o Estado Novo (1937-1945): do “atentado contra o regime” à “associação naziintegralista”**. 2015. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, 2015.

ATHAIDES, Rafael. **As paixões pelo Sigma: afetividades políticas e fascismos**. 2012. Tese. (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2012.

AXT, Gunter. **Gênese do estado moderno no Rio Grande do Sul 1889-1929**. Porto Alegre: Paiol, 2011.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. A mulher integral terá: cérebro de homem, físico de mulher e coração de criança. In: CAMPOS, Maria Teresa de Arruda; DOTTA, Renato Alencar. (Orgs.). **Dos papéis de Plínio: Contribuições do Arquivo de Rio Claro para a Historiografia Brasileira**. Rio Claro: Oca Editora, 2013. p. 73-92

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. **Sob a sombra do Eixo: Camisas verdes e o jornal integralista Ação (1936-1938)**. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual Paulista (Unesp), Marília, 2007.

BARBOSA, M. Carmen. **Estado Novo e escola nova: práticas e políticas de educação no Rio Grande do Sul de 1937 a 1945**. Dissertação (Mestrado em educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 1987.

BARRERAS, Maria José Lanzziotti. **Dario de Bittencourt (1901-1974): uma incursão pela cultura política autoritária gaúcha**. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

BARROSO, Gustavo. **Brasil: Colônia de Banqueiros**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934b.

BARROSO, Gustavo. **Espírito do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934c.

BARROSO, Gustavo. **Judaísmo, Maçonaria e Comunismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

BARROSO, Gustavo. **O integralismo de norte a sul**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934a.

BASTOS, Maria Helena Câmara. **A Revista do Ensino do Rio Grande Do Sul (1939 – 1942): O novo e o nacional em revista**. Pelotas: Seiva, 2005.

BATISTA, Karina Ribeiro. **“O caso Frtizzen”**: a polêmica em torno de O resto é silêncio, de Érico Veríssimo. 2004. Dissertação. (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2004.

BECKER, D. João. **Normas de Renovação Social – Vigésima quinta carta pastoral**. Porto Alegre: Centro da Boa Imprensa, 1935.

BELLINTANI, Adriana Iop. **Conspiração contra o Estado Novo**. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

BERTONHA, João Fábio. **Bibliografia Orientativa do integralismo (1932-2007)**. Jaboticabal: Funep, 2010.

BERTONHA, João Fábio. Divulgando o Duce e o fascismo em terra brasileira: a propaganda italiana no Brasil, 1922-1943. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 5, n.2, 83-110, 2000.

BERTONHA, João Fábio. Entre a bombacha e a camisa negra: notas sobre a ação do fascismo italiano e do integralismo no Rio Grande do Sul. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, 247-268, 1998.

BERTONHA, João Fábio. Entre a Cruz e o Fascio Littorio: a Igreja Católica Brasileira, os missionários italianos e a questão do Fascismo, 1922-1943. **História e Perspectivas**, 16/17, 29-45, 1997.

BERTONHA, João Fábio. Entre Mosley, Whittaker e Plínio Salgado: interfaces entre o universo fascista do Brasil e do mundo anglo saxão. **Interfaces Brasil/Canadá**, 1, 2, 129-144, 2002.

BERTONHA, João Fábio. Il pensiero corporativo in Miguel Reale: interpretazioni del fascismo italiano nell? integralismo brasiliano. **Diacronie. Studi di Storia contemporanea**, v. 29, 1-15, 2017.

BERTONHA, João Fábio. **Integralismo**: problemas, perspectivas e questões historiográficas. Maringá: Eduem, 2014.

BERTONHA, João Fábio. Introdução. In: SILVA, Giselda Brito (Org.). **Estudos do integralismo no Brasil**. Recife: Editora da UFRPE, 2007. p. 7-11

BERTONHA, João Fábio. Los fascismos en América Latina. Ecos europeos y valores nacionales en una perspectiva comparada. In: **El fascismo en Brasil y América Latina. Ecos Europeos y desarrollos autóctonos**. México (DF): ENAH, 2013.

BERTONHA, João Fábio. **O Fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001.

BERTONHA, João Fábio. Plínio Salgado, o integralismo brasileiro e as suas relações com Portugal (1932-1975). In: **Análise Social** (Portugal), 46, 198, 65-87, 2011.

BERTONHA, João Fábio. **Sob a sombra de Mussolini**: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919-1945. São Paulo: Fapesp: Annablume, 1999.

BETTS, João Nelson (Org.). **Contando nossa história**. Revista do Grupo de Pesquisa da História do Metodismo no RS. Porto Alegre: Instituto Teológico João Wesley, Editora Universitária Metodista IPA, 2007. vol. I, n. 1 (1998)

BETTS, João Nelson. **Instituições educacionais**. Fev. de 2000. Disponível em: <http://www.cogeime.org.br/historia-das-instituicoes-educacionais-metodista-no-rio-grande-do-sul/>. Acesso em: 30 nov. 2016.

BOAVENTURA, Elias. Instituições Metodistas de Ensino na República Velha. **Revista de Educação Cogeime**, n. 5, 89-100, dez. 1994.

BOAVENTURA, Elias; MALUSÁ, Silvana. Escolas Paroquiais Metodistas. **Revista de Educação do Cogeime**, v. 5, n. 9, 83-98, 1996.

BOAVENTURA, Maria Eugênia da Gama Alves. **22 por 22**: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos. São Paulo: Edusp, 2000.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Unesp, 1997.

BONFIM, Paulo Roberto Albuquerque. Miguel Reale (1910-2006): um esboço de planejamento no Brasil da década de 1930. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografia e ciencias sociales**, 10, n. 218 (21), 2006.

BORGES, Vavy Pacheco. **Tenentismo e revolução brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina, FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coords.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 183-191.

BRAGA, Virna Ligia Fernandes. **Entre a Honra e o Mercado**: Análise do processo de formação do movimento sindical docente em Juiz de Fora (1934-1964). 2006. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2006.

BRANDALISE, Carla. **O Fascismo na periferia latino-americana**: o paradoxo da implantação do Integralismo no Rio Grande do Sul. 1992. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 1992.

BRANDI, Paulo. Plano Cohen. In: **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/plano-cohen>. Acesso em: 26 fevereiro 2019.

BRUSANTIN, Beatriz de Miranda. **Anauê Paulista**: um estudo sobre a prática política da primeira “Cidade Integralista” do estado de São Paulo. 2004. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Campinas (Unicamp), Campinas, 2004.

BULHÕES, Tatiana da Silva. **Evidências esmagadoras dos seus atos**: fotografias e imprensa na construção da imagem pública da Ação Integralista brasileira (1932-1937). 2007. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2007.

BULHÕES, Tatiana da Silva. Fotografias, gênero e autoritarismo: representações de feminino pela Ação Integralista Brasileira. In: SILVA, Giselda Brito. (Org.). **Estudos do Integralismo no Brasil**. Recife: Editora da UFRPE, 2007. p. 212-229

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. A Ação feminina integralista no Maranhão. In: DOTTA, Renato Alencar; POSSAS, Lídia Maria Viana; CAVALARI, Rosa Maria Feitero. (Orgs.). **Integralismo: novos estudos e reinterpretações**. Rio Claro: Arquivo do Município, 2004. p. 27 -32.

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. **Integralismo e Política Regional: a ação integralista no Maranhão (1933-1937)**. São Paulo: Annablume, 1999.

CALIL, Gilberto Grassi. Integralismo e hegemonia burguesa no Rio Grande do Sul (1945-1965). **Ciências e Letras**, Porto Alegre, n. 41, 335-358, 2007.

CALIL, Gilberto Grassi. **O Integralismo no processo político brasileiro – O PRP entre 1945 e 1965: Cães de Guarda da Ordem Burguesa**. 2005. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2005

CAMPOS, Marcelo Rocha. **Integralismo e Catolicismo: proximidades doutrinárias e divergências políticas**. 2003. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Franca, 2003.

CANABARRO, Ivo dos Santos. **Uma abordagem cultural de um movimento político dos anos 30: o caso do Integralismo em Ijuí**. Ijuí: Editora Unijuí, 1999.

CAPRARA, Bernadete. **Ensinar em português na escola de italianos: o processo de nacionalização do ensino em Bento Gonçalves**. 2003. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2003.

CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino. **O integralismo no processo político gaúcho: a máquina partidária do PRP e seus dirigentes (1945-1965)**. 2009. Tese (Doutorado em Ciência Política). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2009.

CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino. **Partido de Representação Popular: política de alianças e participação nos governos estaduais do Rio Grande do Sul de 1958 e 1962**. 1999. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre 1999.

CARDOSO, Luis de Souza. **Sante Uberto Barbieri: Recorte biográfico de um imigrante italiano no Brasil meridional e sua inserção no metodismo**. 2001. Dissertação (Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, 2001.

CARNEIRO, Márcia Regina. **Do Sigma ao Sigma: entre a Anta, a Águia, o Leão e o Galo - a construção de memórias integralistas**. 2007. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2007.



- CARNEIRO, Márcia Regina. **Memória e Integralismo**: um estudo da militância no Rio de Janeiro. 2002. Dissertação. (Mestrado em História) Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2002.
- CARNEIRO, Márcia Regina. O Sigma na atualidade. **Locus**: Revista de História. 30, 1, 121-135, 2010.
- CARONE, Edgar. **O Estado Novo**: 1937-1945. São Paulo: Difel, 1976.
- CARONE, Edgar. **Estado Novo**: 1937-1945. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988
- CARONE, Edgar. **Revoluções do Brasil Contemporâneo**: 1922-1938. São Paulo: Ática, 1989.
- CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O Conceito de Representações Coletivas segundo Roger Chartier. **Diálogos** DHI/PPH/UEM, Maringá, v. 9, n. 1, 143-165, 2005
- CASTELLANI, José. **A ação secreta da maçonaria na política mundial**. São Paulo: Editora Landmark, 2012.
- CASTRO, Giane de Sousa. **A cruz e o compasso**: o conflito entre igreja católica e maçonaria no contexto da questão religiosa e da reforma católica ultramontana. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2008.
- CAVALARI, Rosa Maria Feitero. A educação no projeto integralista. In: DOTTA, Renato Alencar; POSSAS, Lídia Maria Viana; CAVALARI, Rosa Maria Feitero. (Orgs.). **Integralismo**: novos estudos e reinterpretações. Rio Claro: Arquivo do Município, 2004. p. 89 -106
- CAVALARI, Rosa Maria Feitero. **Educação e Integralismo**: um estudo sobre as estratégias de organização da AIB (1932-1937). 1997. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo (USP), 1997.
- CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002a.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difusão Editorial S.A., 2002b.
- CHASIN, José. **O integralismo de Plínio Salgado**: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. Apontamentos para uma crítica da Ação integralista Brasileira. In: CHAUÍ, Marilena de Souza; FRANCO, Maria Sílvia Carvalho. **Ideologia e Mobilização Popular**. São Paulo: CEDEC/Paz e Terra, 1978. p. 17-150.
- CHAUNU, Pierre. **O Tempo das Reformas (1250-1550)**. II A Reforma Protestante. Lisboa: Edições 70, 1993.

CHAVES, Niltonci Batista. “A saia verde está na ponta da escada!”: as representações discursivas do Diário dos Campos a respeito do integralismo em Ponta Grossa. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, 57-80, verão 1999.

CHILCOTE, Ronald H. **PCB: Conflito e integração**. São Paulo: Graal, 1982.

CHOR MAIO, Marcos. **Nem Rotschild nem Trotsky: O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

CHOR MAIO, Marcos; CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.39-61.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. **A Enciclopédia do Integralismo: lugar de memória e apropriação do passado(1957-1961)**. 2010. Tese. (Doutorado em História). Fundação Getúlio Vargas (FGV), Rio de Janeiro, 2010.

CLEMENTE, Marcos E. de. **Lampiões acesos: O cangaço na memória coletiva**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teiveira, 2009.

COLVERO, Ronaldo. **Negócios na Madrugada: o comércio ilícito na fronteira do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: UPF, 2004.

CORDEIRO, Ana Lúcia Meyer. **A inserção do metodismo em Juiz de Fora: uma história de conquista e tensões**. Juiz de Fora: Letras e Notas, 2003.

CORDEIRO, Ana Lúcia Meyer. **Metodismo e educação no Brasil: as tensões com o catolicismo na primeira república**. 2008. Tese. (Doutorado em Ciência da Religião) Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2008.

CORDEIRO JUNIOR, Raimundo Barroso. **A Legião do Trabalho: política e imaginário no Integralismo cearense, 1931-1937**. 1992. Dissertação. (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará (UFCE), Fortaleza, 1992.

CORRÊA, Anderson Romário Pereira. **Movimento Operário em Alegrete: a presença de imigrantes e estrangeiros (1897-1929)**. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2009.

CORRÊA, André Luis da Costa. **O Sigma e o Róseo: A Ação Integralista Brasileira no Correio do Povo (1932-1938)**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2011.

CORREA, Maurício de Castro. **Ação Integralista Brasileira e seus reflexos em Juiz de Fora**. Juiz de Fora, 1973.

COSTA, Nelson de Godoy. **César Dacorso Filho, Príncipe da Igreja Metodista do Brasil**. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1967.

CRUZ, Natália dos Reis. **O Integralismo e a questão racial: A intolerância como princípio.** 2004. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2004.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 1930.** 1992. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1992.

DA SILVA, Leandro Rattón Pires. **Deus, Pátria e Família: Integralismo e Catolicismo em Belo Horizonte.** 2010. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMG), Belo Horizonte, 2010.

DALLABRIDA, Norberto. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário **Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, 185-191, maio/ago. 2009.

DE CAMPOS, Reynaldo Pompeu. **Repressão judicial no Estado Novo: esquerda e direita no banco dos réus.** São Paulo: Achiamé, 1982.

DE SOUZA, Helena Viera; FAULHABER, Priscila. Patrimônio e Museus - A Criação do Museu Histórico e sua Relação com o Contexto Intelectual da Década de 1920. **Anais do Encontro Regional da ANPUH- 2010.** Rio de Janeiro: ANPUH, 2010. Disponível em: [http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276696974\\_ARQUIVO\\_patrimonioemuseus\\_anpuh2010.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276696974_ARQUIVO_patrimonioemuseus_anpuh2010.pdf). Acesso em: 17 jun. 2017.

DELMONTE, Priscila Villela. **Práticas de grêmios literários no Instituto Metodista Granbery de Juiz de Fora: Instituições dentro da instituição (1907-1956).** 2010. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), São João del Rei, 2010.

DEUTSCH, Sandra Mcgee. Christians, Homemakers and Transgressors. Extreme Right-Wing in Twentieth-Century Brazil. **Journal of Women's History**, 16, 3, 124-137, 2004.

DEUTSCH, Sandra Mcgee. Spartan Mothers: Fascist Women in Brazil in the 1930s. In: BACCHETTA, Paola; POWER, Margaret (Orgs.). **Right-Wing Women.** New York: Routledge, 2002, p. 155-167.

DEUTSCH, Sandra Mcgee. What Difference Does Gender Make? The Extreme Right in the ABC Countries in the Era of Fascism. **Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe**, 8, 2, 1997.

DIENSTBACH. Carlos. **A Maçonaria Gaúcha.** Londrina: Editora Maçônica “A Trolha Ltda”, 1993. v. 2.

DIENSTBACH. Carlos. **A Maçonaria Gaúcha.** Londrina: Editora Maçônica “A Trolha Ltda”, 1993. v. 3.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida.** São Paulo: Edusp, 2009.

DOTTA, Renato Alencar. A imprensa integralista de São Paulo e os trabalhadores urbanos (1932-1938) In: SILVA, Giselda Brito (Org.). **Estudos do integralismo no Brasil**. Recife: Ed. da UFRPE, 2007. p. 146-166.

DOTTA, Renato Alencar. **Elementos verdes**: os integralistas brasileiros investigados pelo DOPS-SP (1938-1981). 2016. Tese. (Doutorado em História). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2016.

ECO, Umberto. **Cinco escritos morais**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ENSSLIN, Anna Beatriz Ereias. A cultura escolar através da memória dos autores. **Anais do XIII Encontro Nacional de História Oral**: História Oral, Práticas Educacionais e Interdisciplinaridade. Porto Alegre, 2016. Disponível em: [http://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1461678719\\_ARQUIVO\\_Aculturaescolaratravesdamemoriadosautoresescolares.15.03.16.pdf](http://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1461678719_ARQUIVO_Aculturaescolaratravesdamemoriadosautoresescolares.15.03.16.pdf). Acesso em: 23 out. 2018.

ENSSLIN, Anna Beatriz Ereias. Um olhar do Ipinha por meio da memória. In: SANTOS, Amanda; VARGAS, Jonas; LEAL, Elisabete (Orgs.). **Fronteiras e identidades**: reunião de artigos do III EIFI. Pelotas: Edição do autor, 2017. p. 373-380.

ENSSLIN, Anna Beatriz Ereias. **Uma missão educativa metodista**: O Instituto Porto Alegre: Departamento de Jaguarão 1942-1952. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Pelotas, (UFPEL), Pelotas, 2015.

FAGUNDES, Nico. Natal no Rio Grande do Sul. **Zero Hora**, Porto Alegre, 11 jan. 2010. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/nicofagundes/2010/01/11/natal-no-rio-grande-do-sul/?topo=52,1,1,,191,e191&status=encerrado>. Acesso em: 13 out. 2015.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. **A Ofensiva Verde**: A Ação Integralista Brasileira no estado do Rio de Janeiro. (1932-1937). 2009. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2009.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. Os “Batina-verdes” da Província Integralista Fluminense (1933-1937). In: SILVA, Giselda Brito; GONÇALVES, Leandro; PARADA, Maurício B. Alvarez. (Orgs.). **Histórias da política autoritária**: integralismos, nacional-sindicalismo, nazismo, fascismos. Recife: Editora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2010. p. 337-348.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. Os integralistas no estado do Espírito Santo (1933- 1938). **Revista Ágora**, Vitória, n.13, 1-16, 2011.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**: historiografia e história. Editora Companhia das Letras, 1997.

FÉLIX, Loiva Otero. **Coronelismo, borgismo e cooptação política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

FERREIRA, Helisangela Maria Andrade. **As Plinianas em Pernambuco: O cotidiano das mulheres na Ação Integralista Brasileira (1932-1938)**. 2016. Dissertação. (Mestrado em História Social da Cultura). Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, 2016.

FERREIRA, Laís Mônica Reis. **Integralismo na Bahia: Gênero, Educação e Assistência Social em O Imparcial 1933-1937**. Salvador: Edufba, 2009.

FERREIRA, Marcus. **O integralismo na cidade de Matão: Osvaldo Tagliavi e sua máquina de ideias**. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira dos Jovens Escritores, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs.). **O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 373-402.

FERREIRA, Vanessa Barbosa Leite. **GRANBERY: um colégio americano no Brasil. A prática do modelo americano de ensino em Juiz de Fora (1889-1930)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2010.

FIGUEIREDO, Milene Moraes. **A nacionalização do Ginásio Teuto-Brasileiro Farroupilha: um jogo complexo de adesões e resistências (1937-1945)**. 2017. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, (PUCRS), Porto Alegre, 2017.

FLACH, Ângela. **“Os vanguardeiros do anticomunismo”**: o PRP e os perrepeistas no Rio Grande do Sul (1961-1966). 2003. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, (PUCRS), Porto Alegre, 2003.

FONSECA, Denise Grosso da. A educação metodista no Brasil e no Rio Grande do Sul: (re)visitando a história. In: **Ciência em Movimento**, Porto Alegre, n. 22, 75-83, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Contribuição para uma sociologia da biografia: o exemplo de Luís de Albuquerque, governador de Mato Grosso, no fim do século XVII**. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1978.

GARCIA, Marco Aurélio. O gênero da militância: notas sobre as possibilidades de outra história da ação política. **Cadernos Pagu**, nº 8/9, 319-342, 1997.

GAUER, Gustavo; GOMES, Willian Barbosa. **Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 60 Anos de História**. Porto Alegre: Museu Virtual de Psicologia, 2003.

GERALDO, Endrica. Integralismo e eugenia. In: DOTTA, Renato Alencar; POSSAS, Lídia Maria Viana; CAVALARI, Rosa Maria Feitero. (Orgs.). **Integralismo: novos estudos e reinterpretações**. Rio Claro: Arquivo Municipal de Rio Claro, 2004. p. 141-154.

GERTZ, René. A “nacionalização” no Rio Grande do Sul durante o Estado Novo. **Anais da XI Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica**. Porto Alegre: SBPH, 1992. p. 311-317.

GERTZ, René. Elite intelectual, religião e religiosidade no Rio Grande do Sul do entre guerras. In: RAMBO, Arthur Blasio; GRUTZMANN, Imgart; ARENDT, Isabel Cristina (Orgs.). **Pe. Balduino Rambo: A pluralidade na unidade, memória, religião, ciência e cultura**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2007. p. 73-84.

GERTZ, René. **Estado Novo no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: UPF Editora, 2005a.

GERTZ, René. Estado Novo no Rio Grande do Sul: educação e saúde. **Anais da XXIV Reunião da SBPH**. Curitiba: SBPH, 2005b. p. 521-527.

GERTZ, René. Nazismo, fascismo, integralismo e o apoio das oligarquias no Rio Grande do Sul e Santa Catarina no Estado Novo. **Estudos Ibero Americanos**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, julho de 1998.

GERTZ, René. O Estado Novo no Rio Grande do Sul: a nacionalização. In: X Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 1991, Porto Alegre. **Anais da X Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica**. Curitiba: SBPH, 1991b. p. 217-220.

GERTZ, René. **O fascismo no sul do Brasil: Germanismo, Nazismo e Integralismo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GERTZ, René. **O integralismo e os teuto-brasileiros no Rio Grande do Sul**. 1977. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 1977.

GERTZ, René. **O perigo alemão**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1991a.

GERTZ, René. O Sonderweg do Rio Grande do Sul. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, 215-321, 2011.

GERTZ, René. **Politische Auswirkungen der deutschen Einwanderung in Südbrasilien: die Deutschstämmigen und die faschistischen Strömungen in den 30er**. 1980. Tese. (Doutorado em Ciência Política). Freie Universität Berlin, Berlin, 1980.

GERTZ, René E.; GONÇALVES, Leandro Pereira; LIEBEL, Vinícius. Camisas Verdes, 45 anos depois – uma entrevista com Hélgio Trindade. **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, 189-208, abr. 2016.

GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do littorio: o fascismo na região colonial italiana do Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), São Paulo, 1989.

GÖHL, Jeferson Willian. **O real e o imaginário**: a experiência da maçonaria ne Loja União III em Porto União da Vitória - 1936 a 1950. 2003. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2003.

GOMES, W; LEITE, L. O; LHULLIER, C. Das Primeiras Disciplinas aos Primeiros Cursos de Psicologia no Rio Grande do Sul. In: GUEDES, M.C; CAMPOS, R. H. F. (Orgs.). **Estudos em História da Psicologia**. São Paulo: EDPUC, 1999. p.153-180.

GONÇALVES, Leandro Pereira. A trajetória dos papéis da direita do Rio Grande do Sul: de associação cívico cultural minuano a acervo AIB/PRP (DELFO/PUCRS). In: NASCIMENTO, José Antônio Moraes do. (Org.). **Centros de Documentação e Arquivos**. São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 95-112.

GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado**: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017.

GONÇALVES, Leandro Pereira. **Tradição e cristianismo**: o nascimento do Integralismo em Juiz de Fora. Monografia de Especialização. (Especialização em História do Brasil). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMG), Belo Horizonte, 2004.

GONÇALVES, Leandro Pereira. Tradição e cristianismo: o nascimento do Integralismo em Juiz de Fora. In: SILVA, Giselda Brito. (Orgs.). **Estudos do Integralismo no Brasil**. Recife: Editora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2007. p. 81-96.

GONÇALVES, Leandro Pereira; AMANCIO, Vanessa Aparecida Lobo. Intelectualidade e ideologia: Gustavo Barroso e o integralismo em Juiz de Fora. **CES Revista (CES/JF. Impreso)**, v. 24, 159-174, 2010.

GONÇALVES, Leandro Pereira; CORRÊA, Mauricio de Castro. Ação Integralista Brasileira: seus reflexos em Juiz de Fora, um resgate historiográfico. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. (Orgs.). **Entre tipos e recortes**: História da imprensa integralista. Guaíba: Sob medida, 2011. v.1. p. 207-240.

GONÇALVES, Leandro Pereira; OLIVEIRA, Alexandre Luis. “Não é vergonha nenhuma sermos duzentos mil”: vivendo na ilusão com os verdadeiros números do integralismo. O PRP como resposta à nova realidade do Brasil. **História e Cultura**, Franca, v. 5, n. 3, 155-174, dez. 2016.

GONÇALVES, Leandro Pereira; PIMENTA, Everton Fernando. O cristianismo de camisa-verde: as relações do integralismo com o universo religioso. In: GRECCO, Gabriela de Lima; CALDEIRA NETO, Odilon (Orgs.). **Autoritarismo em foco**: política, cultura e controle social. Rio de Janeiro, Recife, Madrid: Autografia, Editora Universidade de Pernambuco, Ediciones Autónoma de Madrid, 2019. p. 251-285.

GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. (Orgs.). **Entre tipos e recortes**: História da imprensa integralista. Guaíba: Sob medida, 2011. v.1.

GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. (Orgs.). **Entre tipos e recortes**: História da imprensa integralista. Guaíba: Sob medida, 2012. v.2.

GONÇALVES, Ricardo Mário. **Quintino Bocaiúva nº10**: Trajetória de uma Loja Maçônica Paulistana (1923-1998). São Paulo: Arquivo do Estado, 1998.

GONÇALVES, Thiago Werneck. **Periodismo maçônico e cultura política na corte imperial brasileira (1871-1874)**. 2012. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2012b.

GRANT, Emma. **Feminism in Fascism: A Study of Brazil's Integralist Movement**. Senior Honor Thesis, Connecticut College, 1996.

GROSSI, Yonne de Souza; FARIA, Maria Auxiliadora. Em Belo Horizonte operários vestem camisas verdes? **Revista 100 anos de República**, 3, 151-170, 1992.

GUIMARÃES, Heitor. **Almanack de Juiz de Fora para 1899**. Juiz de Fora: Mathoso, 1898.

GUTIERREZ, Washington. **Pergunte**: o IPA responde. 2ª ed. 1983.

HILL, Christopher. **O mundo de ponta-cabeça**: ideias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HILTON, Stanley. **A guerra secreta de Hitler no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

IRSCHLINGER, Fausto Alencar. **Perigo verde**: o Integralismo no norte do Rio Grande do Sul (1932-1938). Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2001.

ISAIA, Artur Cesar. **Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

JACOBELIS, Paola Gentile. **Contradição, engajamento e liberdade**: reflexões de Sartre sobre o intelectual no século XX. 2011. Dissertação. (Mestrado em Filosofia). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2011.

JAIME, Eduardo Mena Barreto. **História do metodismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 1963.

JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. **Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória**: Revisão Editora e as estratégias da intolerância. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. Revisão Editora e o integralismo: anti-semitismo como estratégia de discurso. In: SILVA, Giselda Brito; GONÇALVES, Leandro; PARADA, Maurício B. Alvarez. (Orgs.). **Histórias da política autoritária**: integralismos, nacional-sindicalismo, nazismo, fascismos. Recife: Editora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2010. p. 199-218.

JESUS, Messias Matheus de. **Boletim Encontro**: a comunicação comunitária a serviço da Igreja Metodista Central de Juiz de Fora. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso.



(Bacharelado em Comunicação Social). Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2014.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, 9-44, 2001

KENNEDY, James L. **Cincoenta anos de metodismo no Brasil**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1928.

KIDDER, Daniel P. **Reminiscência de viagens e permanência no Brasil no Rio de Janeiro e São Paulo**. Brasília: Senado Federal, 2001.

KIPPER, Maria Hoppe. **A campanha de nacionalização do Estado Novo em Santa Cruz (1937-1945)**. Santa Cruz do Sul: Apesc, 1979.

KONRAD, Diorge Alceno. Lutas Políticas e Projetos Sociais Distintos dos Trabalhadores Brasileiros na Década de 1930: os Casos da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e da Ação Integralista Brasileira (AIB). **Aedos**, Porto Alegre, v. 7, n. 17, 342-364, dez. 2015

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-RJ, 2006.

KREUTZ, Lúcio. A educação de imigrantes no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO; Luciano Mendes; VEIGA; Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 348-370.

KREUTZ, Lúcio. A escola teuto-brasileira católica e nacionalização do ensino. In: MÜLLER, Telmo Lauro (Org.). **Nacionalização e imigração alemã**. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

KUSHNIR, Beatriz. Decifrando as astúcias do mal. In: **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte. n. 42. v.1, 45-52, Jan-Jun 2006.

LAGO, Carlos Renato Dias do. **Integralismo e poder local**: camisas verdes em Vassouras (1932-1939). 2005. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Severino Sombra, Rio de Janeiro, 2005.

LAHIRE, Bernard. Campo. In: CATANI, Afrânio Mendes (et all). (Orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 65-66.

LAITANO, José Carlos Rolhano. **História da Academia Rio-Grandense de Letras (1901-2016) e Parthenon Littlerario (1868-1885)**. Porto Alegre: Metamorfose, 2016.

LE GOFF, Jacques. **São Luis**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LEAL, Carina de Souza. **Imprensa Integralista (1932-1937)**: propaganda ideológica e imprensa partidária de um movimento fascista no Brasil. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em Comunicação Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2006.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. São Paulo. Alfa-Ômega, 1975.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 167-182.

LIMA, Valentina da Rocha (Coord.) **Getúlio: uma história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1986.

LIMA, Valeska Alessandra de. **Vozes que ecoam do Morro Milenar: um estudo sobre os discursos difundidos no anuário Colunas (1937-1954)**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2014.

LOMBARDO, Luciana. **A lista negra dos livros vermelhos: uma análise etnográfica dos livros apreendidos pela polícia política do Rio de Janeiro**. 2010. Tese. (Doutorado em Antropologia Social) Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2010.

LOMBARDO, Luciana. Livros vermelhos nos arquivos da polícia política do Rio de Janeiro (1964-1983). **Boletim Tempo Presente** (UFRJ), v. ano 6, 01-15, 2011.

LOMBARDO, Luciana. Nos arquivos da polícia política: reflexões sobre uma experiência de pesquisa no DOPS do Rio de Janeiro. **Acervo**, v. 27, p. 254-267, 2014.

LONG, Eula Kennedy. **Do meu velho baú metodista**. Imprensa Metodista: São Bernardo do Campo, 1968.

LOPES, Daniel Henrique. **As experiências femininas na AIB, 1932-1938: Revendo o passado, gênero e representações**. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, 2007.

LOPREATO, Christina Roquette. **O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917**. São Paulo: Annablume, 2000.

LOVE, Joseph. **O Regionalismo Gaúcho e as origens da revolução de 1930**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. A igreja e o integralismo no Brasil – 1932-1939, notas e indicações. **Revista de História**, 54, 108-126, 1976.

MACHADO, Antonio Carlos (Org.). **Coletânea de Poetas Sul-Riograndenses (1834-1951)**. Rio de Janeiro: Editora Minerva, 1952

MAESTRI, Mário. **Breve história do Rio Grande do Sul: da Pré-História aos dias atuais**. Passo Fundo: Editora da UPF, 2010.

MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MANCILHA, Virgínia. Nas páginas da imprensa feminina: uma análise da revista Brasil Feminino e da participação feminina no movimento do Sigma (1932-1937). In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. (Orgs.). **Entre tipos e recortes: História da imprensa integralista**. Guaíba: Sob medida, 2011. v.1. 183-206.

MALATIAN, Teresa. **Os Cruzados do Império**. São Paulo: Editora Contexto; Brasília: CNPq, 1990.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: Unicamp, 1998.

MARLETTI, Carlo. Intelectuais. In: BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco (Orgs.). **Dicionário de Política**. Brasília: UnB, 1999. p. 637-640.

MCGRATH, Alister. **A Revolução Protestante**: uma provocante história do protestantismo contada desde o século XVI até os dias de hoje. Brasília: Editora Palavra, 2012.

MEDEIROS, Jarbas. **Ideologia autoritária no Brasil, 1930-1945**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1978.

MEDEIROS, Márcia Maria de. **Cara ou coroa**: católicos e metodistas na região do Planalto Médio nos anos pré-30. 1999. 2007. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 1999.

MELO, Manuel Palacios Cunha. O integralismo de Miguel Reale. **Dados – Revista de ciências sociais**, 37, n. 1, 1994.

MENANDRO, Heloisa. Revolta Integralista. In: ABREU, Alzira Alves de. Revolução de 1930. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós 1930**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001. p. 4993-4995.

MENEGHETTI, Rosa Gitana Krob. A Proposta Educacional Metodista no Brasil. **HISTEDBR - Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil Anais do IV Seminário Nacional**. 2008 Disponível em: [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario4/trabalhos/trab079.rtf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario4/trabalhos/trab079.rtf). Acesso em: 30 jan. 2018.

MENESES, Eduardo Diatahy B. de. **Gustavo Barroso**: um cearense “ariano”. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Ceará, 2006.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete Reforma Francisco Campos. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil**. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <http://www.educabrazil.com.br/reforma-francisco-campos/>. Acesso em: 04 de abr. 2018.

MERG, Camila Ventura. **Saberei sustentar a Cruz de Cristo e a bandeira da Pátria:** o espiritualismo integralista na doutrina do Partido de Representação Popular (1945-1950). 2007. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2007.

MESQUIDA, Peri. **Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil.** Juiz de Fora: EDUFJF; São Bernardo do Campo: Editeo, 1994.

MESQUITA, Zuleica de Castro Coimbra. A proposta educacional metodista no Brasil: fase de implantação - de 1876 a 1914. **Revista do COGEIME**, v. 4, n. 6, 91-134, 1995. Disponível em: <https://www.redemetodista.edu.br/revistas/revistas-cogeime/index.php/COGEIME/article/view/265/241>. Acesso em: 15 jul. 2016.

MILKE, Daniel. **O integralismo na capital gaúcha:** espaço político, receptividade e repressão (1934-1938). 2003. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2003.

MIRANDA, Gustavo Felipe. **O poder mobilizador do nacionalismo:** integralistas no Estado Novo. 2009. Dissertação (Mestrado EM História). Universidade do estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2009.

MONTEIRO, Lorena Madruga. A elite católica no RGS e a disputa por espaços de atuação com a oligarquia republicana positivista: O caso da Universidade. In: **Anais do 31º Encontro anual ANPOCS.** Caxambu/ MG, 2007.

MONTEIRO, Lorena Madruga. **A estratégia dos católicos na conquista da sociologia na UFRGS (1940-1970).** 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2006.

MONTEIRO, Lorena Madruga. **Religião, cultura e política:** o apostolado laico dos jesuítas no RGS e os espaços sociais de atuação. 2011. Tese (Doutorado em Ciências Políticas). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2011.

MONTEIRO, Vanessa Sattamini Varão. **Crianças do Sertão:** a história de vida dos jaguncinhos de Canudo. 2011. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Rio de Janeiro, 2011.

MORAES, A. A. (org.). **Eu, Vamos Escrever – Mr. Moore:** educador e amigo. Livrete de depoimentos de granberyenses e admiradores de Mr. Moore. s/d.

MOTTA, Rodrigo P. S. Comunismo e anticomunismo sob o olhar da polícia política. **Locus** (UFJF), v. 16, p. 17-27, 2010.

MOTTA, Rodrigo P. S.; OLIVEIRA, Samuel S. R. de; PEREIRA, Raquel A.; LANA, Jonas S.; NOGUEIRA, Emerson. República, polícia e direito à informação. Os arquivos do DOPS/MG. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 29, 126-153, 2003.

MOURA, Carlos André Silva de. Na política e na fé – Anauê: o movimento de Restauração Católica entre os intelectuais da Faculdade de Direito do Recife (1939-1937). In: SILVA, Giselda Brito; GONÇALVES, Leandro; PARADA, Maurício B. Alvarez.

(Orgs.). **Histórias da política autoritária**: integralismos, nacional-sindicalismo, nazismo, fascismos. Recife: Editora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2010. p. 183-197.

NASCIMENTO, Adailson de Oliveira. **Sempre Alerta!** O movimento escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação juvenil, 1910-1945. 2004. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2004.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. **Cidadania, cor e disciplina na revolta dos marinhos de 1910**. Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2008.

NETO, Álvaro Souza de Araújo. **Os camisas verdes na região cacauzeira**: Atuação do integralismos no sul da Bahia (1934 – 1938). 2016. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade da Bahia (UNEB), Santo Antônio de Jesus, 2016.

NEVES, David Rodrigues Silva. **O Tribunal de Segurança Nacional e a repressão aos comunistas e integralistas (1936-1938)**. 2013. Dissertação. (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), São Paulo, 2013.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **As desventuras do liberalismo**. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

NOVAES NETTO, Arsênio. **As crises de um ideal**: os primórdios do Instituto Granbery. Piracicaba: Editora Unimep, 1997.

NOVAES NETTO, Arsênio. **Irineu Guimarães**: a prática socialista de um educador cristão. São Paulo: Yangraf Gráfica e Editora Ltda, 2004.

OLIVEIRA, Alexandre Luís de. **Do integralismo ao udenismo**: a trajetória política de Raymundo Padilha. 2014. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2014.

OLIVEIRA, Alexandre Luís de; ALCÂNTARA, Priscila Musquim. Um articulista Camisa-verde na Cidade Imperial: Hugo José Kling e o discurso integralista voltado para o operariado petropolitano (1934-1935). In: VICTOR, Rogério Lustosa (Org.). **À direita da direita**: estudos sobre o extremismo político no Brasil. Goiânia: Editora da PUC Goiás: 2011. p. 141-154.

OLIVEIRA, Fábio Augusto Machado Soares de. **“Imperatriz” versus “Tiradentes”**: “Fazer Urbano”, Abolicionismo e Republicanismo na municipalidade de Juiz de Fora (1881 – 1889). 2014. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2014a.

OLIVEIRA, Paulino. **História de Juiz de Fora**. Edição do autor: Juiz de Fora, 1966.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. (Orgs.). **Entre tipos e recortes**: História da imprensa integralista. Guaíba: Sob medida, 2011. v.1. p. 19-46.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa Integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2009.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **“Perante o tribunal da história”**: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). 2004. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2004.

OLIVEIRA JÚNIOR, Elias Maria de. **A Ação Integralista Brasileira (AIB) e suas influências na cidade de Diamantina na década de 30**: um estudo de caso. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade do estado de Minas Gerais (UEMG), Diamantina, 2002.

OLIVEN, Arabela Campos. A Marca de Origem: comparando Colleges norte-americanos e Faculdades brasileiras. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, 111-135, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n125/a0735125.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2018.

ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

PACHECO, Eliezer. **O partido comunista brasileiro (1922-1964)**. Editora Alfa-Omega, 1984.

PADILHA, Leonardo Ayres. **Perscrutar o Hinterland**: o pensamento modernista de Plínio Salgado. 2005. Dissertação. (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ), Rio de Janeiro, 2005.

PAIVA, Cesar. Escola de língua alemã no Rio Grande do Sul, o nazismo e a política de nacionalização. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas: Unicamp, v. 0, n. 26, 5-28, abr. 1987.

PANDOLFI, Dulce. Os anos 30: as incertezas do regime. In FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília (Orgs.). **O Brasil Republicano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 13-37.

PARENTE, Josênio. **Os camisas verdes no poder**. Fortaleza: Edições UFC, 1986.

PAXTON, Robert O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PEREIRA, Mabel Salgado. **Romanização e Reforma Católica Ultramontana da Igreja de Juiz de Fora**: projeto e limites (1890- 1924). 2002. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2002.

PEREIRA, Marco Antônio Machado Lima. **“Guardai-vos dos falsos profetas”**: matrizes do discurso anticomunista católico (1935-1937). 2010. Dissertação de Mestrado (História). Universidade estadual de São Paulo (UNESP). Franca, 2010.

PIMENTA, Everton Fernando. A “Era Granbery”: apontamentos sobre a inserção e consolidação do Projeto Educacional Metodista em Juiz de Fora (1890-1930). **Fronteiras: Revista de História**, Dourados, v. 19, n. 34, 182-206, jul./dez. 2017a.

PIMENTA, Everton Fernando. **Duas faces de uma mesma moeda**: recepção e circulação do ideário fascista e integralista em Barbacena - MG através do casal Ines e Aroldo Piacesi, 1924-1945. 2015. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), São João del Rei, 2015.

PIMENTA, Everton Fernando. O Porto Alegre College no processo de nacionalização do ensino no Rio Grande do Sul: resistência ou a verticalização do projeto educacional metodista? In: **Observatório da Religião**, v 4, n. 1, 26-48, jan/jun, 2017b. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/Religiao/article/view/2383/1123>. Acesso em 29 maio 2019.

PIMENTA, Everton Fernando. Plínio Salgado e sua atuação frente às cisões do integralismo gaúcho: um grande articulista ou um líder hesitante? **O Lince**, Aparecida, jan./fev; nº. 85, ano 13, 23-30, 2019.

PINHO, Rodrigo Maiolini Rebello. **Miguel Reale**: política e história (1931-1969). 2008. Dissertação. (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), São Paulo, 2008.

PINTO, Antônio Costa; MARTINHO, Francisco Palomanes. (Orgs.). **A Vaga Corporativa**: Corporativismo e Ditaduras na Europa e na América Latina. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2016.

PIRES, Jackson Luiz de Oliveira. **Empreendimento missionário americano**: o modelo educacional granberyense e o universo político cultural de Juiz de Fora (1889-1930). 2013. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fuminense (UFF), Niterói, 2013.

PISTORELLO, Daniela. **“Os homens somos nós”**: o integralismo na região colonial italiana do Rio Grande do Sul. 2001. Dissertação de Mestrado (História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2001.

**PROJETO “120 anos de Metodismo em Juiz de Fora”** (Síntese). Juiz de Fora: Livraria e Editora Letras e Notas, 2004.

POSSAS, Lídia Maria Viana. **Mulheres, Trens e Trilhos**: Modernidade no sertão paulista. Bauru: Editora do Sagrado Coração, 2002.

POSSAS, Lídia Maria Viana. O Integralismo e a mulher. In: DOTTA, Renato Alencar; POSSAS, Lídia Maria V.; CAVALARI, Rosa Maria Feitero. (Orgs.). **Integralismo**: novos estudos e reinterpretações. Rio Claro: Arquivo do Município, 2004. p. 107-125

POSSAS, Lídia Maria Viana. **O trágico três de Outubro**: estudo de um evento. Bauru: Editora do Sagrado Coração, 1993.

QUADROS, Claudemir de. **Reforma, ciência e profissionalização da educação**: o Centro de Pesquisas e Orientação Educacional do Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2006.

RAGO FILHO, Antônio. **A crítica romântica à miséria brasileira: O Integralismo de Gustavo Barroso**. 1989. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), São Paulo, 1989.

RAMOS, Alexandre Pinheiro. Comentários a partir da entrevista de Héglio Trindade. **Estudos Ibero Americanos**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, 786-789, maio-ago. 2016

RAMOS, Alexandre Pinheiro. O “Integralismo” de Héglio Trindade quarenta anos depois: uma reflexão crítica sobre sua recepção. **Antíteses**, Londrina, v. 7, n. 14, 324-347, dez. 2014.

RAMOS, Ruy. **Discursos**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1989.

REGINA, Vanessa Oliveira Juliani. **A Poesia na revista alegretense Ibirapuitã (1938/1939)**. Dissertação de Mestrado (História da Literatura). Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, 2014.

RÉGIS, João Rameres. **Galinhas verdes: memória e história da Ação Integralista Brasileira – Limoeiro/Ceará (1934-1937)**. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará (UFCE), Fortaleza, 2002.

REILY, Duncan A. Os metodistas no Brasil (1889-1930). In: **V. V. A. A. História, Metodismo, libertações: Ensaios**. São Bernardo do Campo: Editeo, 1990.

RIBEIRO Ivair Augusto. **O Integralismo no sertão de São Paulo: um “fascio de intelectuais”**. 2004. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Franca, 2004.

RIBEIRO, Margarida Fátima Souza. Nos trilhos da vida... Contando a história de Otília de Oliveira Chaves. In: **Caminhando**, v. 10, n. 2, 125-135, 2005. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/Caminhando/article/view/1301/1314>. Acesso em 16 mai. 2017.

RIBEIRO, Margarida Fátima Souza. **Rastros e rostos do protestantismo brasileiro: uma historiografia de mulheres**. 2008. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, 2008.

RITA, Luane. John Willian Price: Notas Biográficas. In: **História documental do metodismo no Rio Grande do Sul: O Testemunho A história da nossa Igreja por John W. Price 1899 – 1900**. (Impresso). s/d. Disponível em: <http://www.metodistasul.edu.br/itjw/HNI.pdf>. Acesso em 15 jul. 2016.

RODRIGUES, Homero Suaya Vasquez Rodrigues. **Dois grandes educadores que dignificaram esta terra Oscar Machado e Elmo de Farias Albernaz**. Disponível em: <http://www.planetsul.com.br/htm/colunistas/colaboradores/homero/anteriores/120620081.htm>. Acesso em: 02 jul. 2016.



RODRIGUES, Homero Suaya Vasquez Rodrigues. **Fase heroica do Ginásio de Santa Vitória. José Simões – Um dos maiores Professores que por aqui passou.** S/d. Disponível em: <http://www.planetsul.com.br/htm/colunistas/colaboradores/homero/anteriores/110720081.htm>. Acesso em 04: junho, 2018.

RODRIGUES, Homero Suaya Vasquez Rodrigues. **Uma nova era para todos – Alvo-recer de 1950 – A criação do Ginásio de Santa Vitória.** S/d. Disponível em: <http://www.planetsul.com.br/htm/colunistas/colaboradores/homero/anteriores/170120081.htm>. Acesso em: 04 junho, 2018.

RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. **A institucionalização da formação superior em história:** o curso de Geografia e História da UPA/URGS - 1943 a 1950. 2002. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2002.

ROQUE, José Britto. **Imaginação vencida:** um estudo sobre as fontes do pensamento de Plínio Salgado. 2003. Dissertação. (Mestrado em Ciência Política). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2003.

ROSAS, Fernando. Um Estudo Comparado do Fascismo: O “Autoritarismo Moderno” do Estado Novo Português. In: **O feixe:** O autoritarismo como questão teórica e historiográfica. SILVA, José Luiz Werneck da. (Org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991. p. 57-69.

ROSE, R.S. **Uma das coisas esquecidas:** Getúlio Vargas e controle social no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual:** as conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SALES, José Roberto. **Estudo sobre o integralismo e o comunismo em Varginha-MG:** a Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências e a polícia política de Minas Gerais 1936-1972. Varginha: José Roberto Sales, 2016.

SALGADO, Plínio. **A Mulher no século XX.** São Paulo: Guanamby, 1949.

SALGADO, Plínio. **Manifesto de Outubro de 1932.**

SALVADOR, José Gonçalves. **História do Metodismo no Brasil.** São Paulo: Imprensa Metodista, 1979.

SALVADOR, José Gonçalves. **História do Metodismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Centro Editorial Metodista de Vila Isabel, 1982.

SANTANA, Emerson Nogueira. “Camisas-verdes em marcha no solo mineiro.” In: **Revista do Arquivo Público Mineiro.** Belo Horizonte. n.º 42. v.1, 83-94, Jan-Jun 2006.

SANTORUM, Andrelise Gauterio. **Fascismo a brasileira:** juventude e imprensa como instrumentos de doutrinação da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). 2018. Dissertação.

tação. (Mestrado História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2018.

SANTORUM, Andrelise Gauterio. **O uso da imprensa como estratégia discursiva: uma análise do jornal integralista Rumo ao Sigma**. Trabalho de Conclusão de Curso (História). Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, 2015.

SANTOS, Dario Nogueira dos. **A Maçonaria e a Ação Integralista Brasileira**. Paranaguá: Loja Capitular Perseverança de Paranaguá, 1934.

SANTOS, João Marcos Leitão. O protestantismo brasileiro e o integralismo. **Fatos & Versões Revista de História**, v. 6, n. 11, 2014.

SANTOS, Luis Gonsalves dos. **Antidoto Catholico Contra o veneno Metodista, ou Refutação do Segundo Relatório do Entitulado Missionário do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Americana de I. P. da Costa, 1838.

SANTOS, Luis Gonsalves dos. **Desagravos do Clero e do povo Catholico Fluminense, ou Refutação das Mentiras e Calumnias do Impostor que se Intitula Missionário do Rio de Janeiro, e Enviado pela Sociedade Metodista Episcopal de New York para Civilizar e Converter ao Cristianismo os Fluminenses**. Rio de Janeiro: Imprensa Americana de I. P. da Costa, 1837.

SANTOS, Luis Gonsalves dos. **O Catholico e o Metodista, ou Refutação das Doutrinas Heréticas que os Intitulados Missionários do Rio de Janeiro, Metodistas de New York tem vulgarizado nessa Corte do Império do Brasil por meio de huns impressos chamados tracts, com o fim de fazer prosélitos para sua seita**. Rio de Janeiro: Imprensa Americana de I. P. da Costa, 1839.

SARTRE, Jean-Paul. **Em defesa dos intelectuais**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

SCHMIDT, Benito Bisso. Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. In: SCHMIDT, Benito Bisso (Org.) **O biográfico: perspectivas interdisciplinares**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

SCHROEDER, Edni Oscar. **Análise da proposta educacional das escolas metodistas**. Dissertação (Mestrado em Educação). Fundação Getúlio Vargas (FGV), Rio de Janeiro, 1982.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. São Paulo: Cia. das Letras, 2017.

SCHWARTZMAN, S.; BOMENY, H.M.B; COSTA, V.M.R. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas: Editora Paz e Terra, 2000

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Rotary Club: *habitus*, estilo de vida e sociedade**. São Paulo: Annablume, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da vacina: Mentres insanas em corpos rebeldes**. São Paulo: Scipione, 2001.

SILVA, Carla Luciana. **Onda Vermelha**: imaginários anticomunistas brasileiros. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SILVA, Carla Luciana da S. CALIL, Gilberto G. **Velhos integralistas**: a memória dos militantes do sigma. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2000.

SILVA, Giselda Brito. **A Ação Integralista em Pernambuco, 1932-1938**. 1996. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 1996.

SILVA, Giselda Brito. **A Lógica da suspeição contra a força do Sigma**: discursos e polícia na repressão aos integralistas em Pernambuco. 2002. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2002.

SILVA, Hélio. **Terrorismo em campo verde**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

SILVA, Raimundo Nonato da. **O integralismo no Pará**: fascismo no Tucupi (1932-1938). 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História). Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, 2007.

SILVA JUNIOR, Jadir Gomes da. **Deus Pátria e Família**: o Integralismo em Belo Horizonte. 1999. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em História). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), Belo Horizonte, 1998.

SIMÕES, Renata Duarte. A educação do corpo feminino na Ação Integralista Brasileira. In: CAMPOS, Maria Teresa de Arruda, DOTTA, Renato Alencar. (Orgs.). **Dos papéis de Plínio**: Contribuição do Arquivo de Rio Claro para a Historiografia Brasileira. Rio Claro: Oca Editora, 2013. p. 95 -113.

SIMÕES, Renata Duarte. **Integralismo e Ação Católica**: sistematizando as propostas políticas e educacionais de Plínio Salgado, Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), São Paulo, 2005.

SIMÕES, Renata Duarte. Nem só mãe, esposa e professora: os múltiplos campos de atuação da mulher militante integralista. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**. São Paulo, 2011.

SIMÕES, Renata Duarte; GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação do corpo para o soldado integral, forte de físico, culto de cérebro e grande de alma. **Motriz**: Revista de Educação Física (Online). v. 18, 327-337, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/motriz/v18n2/v18n2a13.pdf>. Acesso em: 23 outubro, 2015.

SIMÕES, Renata Duarte; SIMÕES, Ricardo Duarte; SILVA, Ticiania Ribeiro da. Mulheres integralistas: enfermeiras “blusas-verdes” a serviço da nação. **Texto & Contexto Enfermagem (UFSC. Impresso)**, v. 21, 140-149, 2012a. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v21n1/a16v21n1.pdf>. Acesso: 03 julho 2014.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269.

SOBREIRO, Raimundo José Pereira. A contribuição da maçonaria para a consolidação do protestantismo no Brasil. **Ciberteologia: Revista de Teologia & Cultura**, Ano XI, n. 52, 92-107, 2015.

SÔNEGO, Márcio Jesus Ferreira. **Cartas de alforria em Alegrete (1832-1886)**: informações, revelações e estratégias dos escravos para a liberdade. 2009. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2009.

SOUZA, Francisco Martins de. O integralismo. In: **Curso de introdução ao pensamento político brasileiro**. Unidade IX e X. Brasília: Editora da UNB, 1982.

STABILE, Luiz Machado; TIMM, Edgar Zanini. Um século do Colégio Metodista União. **Revista de Educação Cogeime**, ano 16, v. 31, 37-48, dez, 2007.

THOMPSON, Paul. História Oral e contemporaneidade. In: **História Oral**. São Paulo, n. 5, 9-28, 2002.

THOMSON, Patrícia. Campo. In: GRENFELL, Michael Pierre **Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 96-114.

TIMM, Edgar Zanini. **Uma escola que vence o tempo**: o Instituto União através da análise de algumas tradições. 1989. Monografia (Especialização em Administração da Educação). Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba, 1989.

TONINI, Veridiana. **Uma relação de amor e ódio**: o caso Wolfram Metzler (Integralismo, PRP, Igreja Católica), 1932-1957. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo (UPF), 2002.

TRINDADE, Fernando Casses. A polêmica entre Érico Veríssimo e o Pe. Leonardo Fritzen. **S. J. Revista do Instituto de Ciências Humanas**, ano 11/12, 35-98, Porto Alegre, 1983/1984.

TRINDADE, Fernando Casses. Uma contribuição à história da Faculdade de Filosofia da UFRGS. **Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**, ano 10, 39-53, Porto Alegre, 1982.

TRINDADE, Hélió. **A tentação fascista no Brasil**: imaginário de dirigentes e militantes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016a.

TRINDADE, Hélió. **Integralismo**: O fascismo brasileiro da década de 30. Porto São Paulo: DIFEL, 1979.

TRINDADE, Hélió. Observações finais de Hélió Trindade sobre os comentários de Alexandre Pinheiro Ramos. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 790-792, maio-ago. 2016b.

TUCCI CARNEIRO, Maria Luíza. A trajetória de um mito no Brasil: os Protocolos dos Sábios de Sião. In: NOVINSKY, Anita; KUPERMAN, Diane (Orgs.). **Ibéria-Judaica: Roteiros da Memória**. Rio de Janeiro: Expressão Editorial; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, p. 487-514.

TUCCI CARNEIRO, Maria Luíza. **O anti-semitismo na Era Vargas: Fantasmas de uma geração (1930-1945)**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

TUCCI CARNEIRO, Maria Luíza. **O veneno da serpente: reflexões do anti-semitismo no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

UHLE, Agueda Bernardete. **Comunhão leiga: O Rotary Clube no Brasil**. 1991. Tese. (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) Campinas, 1991.

UNZELTE, Celso Dario. **Futebol em revista no Brasil: dos primeiros títulos à resistente Placar**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Cásper Líber, São Paulo 2015.

VASCONCELOS, Gilberto. **A ideologia curupira: análise do discurso integralista**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1980.

VIANA, Giovani Nocetti. **Orientar e disciplinar a liberdade: um estudo sobre a educação nas milícias juvenis integralistas (1934/1937)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2008.

VIANNA, Marly de Almeida G. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo do nacional: estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 63-105.

VICTOR, Rogério Lustosa. **O Integralismo nas águas do Lete: História, memória e esquecimento**. Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, 2005.

VICTOR, Rogério Lustosa. **O labirinto Integralista: o conflito de memórias (1938-1962)**. Goiânia: IFITEG Editora, Ed. das Américas, 2013.

WILLIAMS, Margaret Todaro. Integralism and the Brazilian Catholic Church. **Hispanic American Historical Review** 54, 3, 431-452, 1974.

ZANELATTO, João Henrique. **Região, Etnicidade e Política: O Integralismo e as lutas pelo poder político no Sul Catarinense na década de 1930**. 2007. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2007.

## ANEXO:



Mapa da bandeiras das quais participou Gustavo Barroso. In: BARROSO, Gustavo. O integralismo de norte a sul. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934, p. 7



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)